FONTES BIBLIOGRAFICAS PARA A PESQUISA DA PRATICA MUSICAL NO BRASIL NOS SECULOS XVI E XVII

Paulo Augusto Castagna

Volume III

(documentação)

Dissertação de Mestrado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientador: George Olivier Toni.

- São Paulo, 1991 -

120

[LEONARDO DO VALE]

(c. 1538 – 1591)

DOCUMENTO: VOCABULÁRIO DA LÍNGUA BRASÍLICA. s.l., 1621.

TEXTO: O códice publicado em 1952-1953 é o de nº 3144 da Biblioteca Nacional de Lisboa, com o título « VOCABULARIO | – Da lingoa Brasilica. — ». Mas em 1938 PLINIO AYROSA publicou outro manuscrito, posterior ao primeiro, que leva à última página: « Debetur soli gloria uera Deo. | LAUS DEO, VIRGINI QUE MATRI. | Este liuro intitulado | Vocabulario Brazil | foy começado em Abril | Porem em Agosto acabado. | 1622 a. | Aos 22 de Agosto oitaua da assunção de Nossa Senhora. | E Piratininga ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: À p. 11, nota 7, da segunda edição, lê-se: « O Ms. traz o título: **Vocabulario da Lingoa Brasilica**, e não na **Lingoa Brasilica**, como o de 1621/1622, de que nos servimos para a 1ª edição ». À p. 9 há a informação: « Em 1938, após longos anos de expectativas promissoras e de desilusões amargas, conseguimos publicar o **Vocabulario na Lingua Brasilica**, de 1621 [(nota 1:) « Ayrosa, Plínio – In Prefácio ao **Vocabulário na Língua Brasílica**, São Paulo, 1938 – Pacheco, Felix – Um *Dicionário inédito da lingua indígena*. In Rev. da Acad. Brasileira de Letras, Ano 26, nº 153, Rio, 1934 »], sem dúvida um dos mais preciosos documentos para o estudo do tupi antigo. ¶ Naquela época, embora suspeitássemos da existência de outros vocabulários, mais ou menos relacionados com o que tínhamos em mãos, não poderíamos imaginar nos fôsse concedida a ventura de ver confirmadas as nossas suspeitas, e mais, a verdadeira alegria de obtermos, com tôda facilidade, novos manuscritos do **Vocabulário**, de que agora nos utilizamos para esta 2ª edição. ¶ Os estudos e as pesquisas do grande historiador Pe. Serafim Leite puzeram-nos na pista dêsse códice [(nota 2:) « Leite, Pe. Serafim – *O primeiro Vocabulário tupi-guarani (português-brasiliano)*. In Rev. Broteria, Vol. XXII, fasc. 2-3, 1936 – **Leonardo do Vale, autor do primeiro Vocabulario na Língua Brasilica** (1951). In **Lingua tupi-guarani**, "*O Vocabulário na Lingua Brasilica*". In Rev. de Portugal, Série A, Lisbôa, 1946. »], pertencente à Biblioteca Nacional de Lisbôa ». No « Prefacio » da 1ª ed., **Vocabulario na lingua brasilica...** (São Paulo, Depto. de Cultura, 1938, pp. 1-74), há muitas informações sobre a origem e possíveis autores do texto. Há pouca diferença entre os dois códices, segundo se depreende de sua comparação.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: Vocabulário na Língua brasilica. 2ª edição revista e confrontada com o Ms. fg. 3144 da Bibl. Nacional de Lisboa por Carlos Drumond. **Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo**, nº 137, 1952-1953. 2 v. (Etnografia e tupi-guarani, nº 23).

VOLUME I

[...]
(*p. 29*) **Alarido fazer, o mesmo q. dar grita.** – Apocem [245], vel. Apocepocem.
[...]
(*p. 45*) **Atabaque, e todos os demais desta sorte.** – Guarara. Mopõgaba[246].
[...]
(*p. 46*) **Atambor.** – Guararáguaçu.
[...]
(*p. 50*) **Bailhar, ou dançar.** – Aporacey [247].
Bailhar abraçado com outro. – Uide Abraçado.
Bailo ou dança. – Moraceya.
[...]
(*p. 58*) **Bozina, e tudo o q. se tange com uento.** – Mimbig.
Bozina ter. Xeremimbig [248].
Bozina tanger. – Aiopig act.
[...]

(*p. 60*) **Buzio, os muyto grandes.** - Goatapig. do mar. Outros menores (sic) Çaruiagoaçu. outros menores. Çacura. Pirigoaî. Paraguacarê. Cupacî. Çacuraına. ec.

[...]

(*p. 64*) **Campainha.** - Jtanaracamiry.

(*p. 65*) **Campa pello cino.** - Jtamaracã [249].

Campenario. - Jtamaracã ãbaba.

Cantar. Anheẽgar. Anheengaraib.

Cantar a Ave. Anheeng

Cantar o gallo. O mesmo e Açapucay. Ao cantar ou a cantada do gallo. Guiraçapucainheengme, 1, Guirapepeeme, 1, Guiraçapucaine [250].

[...]

(*p. 66*) **Cantiga.** - Nheengara

[...]

Canto ou sofa. - Nheẽgaçaba.

Canto de ave. Nheenga.

[...]

Cantor. Nheẽgaraipara

Cantor pello mestre. Yiba. Nheengariba.

[...]

Caracol dagoa doce. - Urugoa. Outros da terra grandes. Yatitã. Yatitaguaçu. Para os do mar. Vide Caramujo.

[...]

(*p. 68*) **Cascauel de fruita.** - Agoaŷ.

Cascauel de latão. - Jtagoay [251].

[...]

(*p. 89*) **Dança.** Moraceya.

Dansador. Moraceitara.

Dançar. Aporacey.

[...]

(*p. 118*) **Entoar ou começar qualquer canto, ou cantiga.** Aimoin [252].

[...]

(*p. 126*) **Espinha de peixe ou qualquer.** Canga. Ese he ia fora do peixe Canguera.

[...]

(*p. 138*) **Festas outras como seculares.** - Nhemoçaraya

Festejar. Nhemoçaraya aimonhang (recê), 1, Anhemoçaray

[...]

(*p. 146*) **Gaita como quer.** Mĩbig.

Gaiteiro. Mĩbigaçara. Mĩbigpigçara.

[...]

VOLUME II

[...]

(*p. 20*) **Letra do q. se canta.** Ypapaçaba.

Letra meter o q. canta. - Aiapar.

[...]

(*p. 22*) **Lingoa, ou lingoagem.** Nheenga [253].

[...]

(*p. 45*) **Musica.** - Nheẽgara.

Musica dar, ou fazer. - uide Cantar

Musico, ou cantor. - Nheẽgaçara. Nheẽgaraipara.

(*p. 100*) **Regente como na dança, musica, etc.** – Ygba [254], 1, Cerecoara [255].
[...]
(*p. 101*) **Repiquar como sinos.** Aimocinininge.
[...]
(*p. 118*) **Soar, ou toar.** – Xepu. Xerigapu. Acurung
Soar muyto. Xepuguaçû. etc.
[...]
(*p. 122*) **Suaue como musica.** – Matuete. porque este serue a muitas cousas.
Surdo ser. – Maxeapiçay
[...]
(*p. 124*) **Tambor.** – Guarara. Guararaguaçu.
Tamboril. – Guarara. Guararamirĩ.
Tamborileiro. – Guararamopuçara.
Tanger como tambor, sinos, e tudo o que se tange sem uento. Aimopû [256]. act Xepû. neut.
Tanger como frauta e tudo o q. se tange com uento. Aiopig. act. Aimimbig. absol.
[...]
(*p. 130*) **Tocar instrumento musico sẽ uento.** – Aimopû. act. uide. Tanger
[...]
(*p. 137*) **Trombeta.** – Itamimbig.
Trombeta de cana dos Indios. – Mimbigapara. Mimbigpucu.
[...]
(*p. 139*) **Urro na guerra.** Pocema.
Urro dar assi. – Apocem, 1, Oropocem, in plurali.
[...]
(*p. 149*) **Zurrar como o iumento, etc.** – Anheeng.
[...]

245 . O verbo **apocem** é derivado de **poceme**, que os tupinólogos traduzem por **grito**, **alarido**, etc.

246 . Segundo LUÍS CALDAS TIBIRIÇÁ (*Dicionário tupi-português*, 1984, p. 134), **mogonga** é « tipo de pescaria em que os índios entravam nos rios e faziam grande alarido, batendo com as mãos sobre a superfície da água ».

247 . JOÃO RODRIGUES BARBOZA (*Vocabulário indígena comparado*, 1892, p. 53) encontrou, para a palavra **dança** os seguintes vocábulos indígenas: « **Nheengatu** – **Puraçay**, **Murassai**: Lingua Geral – **Marach**; Avanheenga – **Porahê**; Karani – **Porahei**, Poraçui ». Para **dançar** traz: « (Nh.) Purassei. (L.G.) Puracê. (A.) Porahê. (K) Peracei (Cantar) ». ANTONIO RUIZ DE MONTOYA (*Tesoro de la lengua guarani*, 1639, ff. 315v-316r) é mais rico em informações: « **Porahei. 1. mborahei**, canto. Cheporaheî, mi cãtar. y. u. Aporaheî. yo cãto. ta. tara. Ndaporaheîque âbá, nose cãtar. Aporaheî pucú. 1. añêê mbucú gui poraheîta, cantar alto. Aporaheî catupiri, cantar bien. Aporaheîhee, dulcemente cantar. Aporaheî terô, cantar desentonado, y con voz quebrada. Mbaracá pipê aporaheî, cãtar con instrumẽto. 1. amoirv mbaracá guiporaheîta. Tupa vpê poraheitába, Cãto Ecclesiastico. ¶ (...) mbbabi poraheitára ñêê, disuenan los cantores. Mboraheî piahú ayapó. 1. Amoñã, componer cantares nueuos. Amboyoya poraheî, concertar las vozes. 1. amoingatú poraheí. Mboraheytá reiî. 1. Mboraraheî apĩtá. 1. Mboraheî yphuâmo, coro de musica. Toñêmô api tambê poraheytára, ponganse los coros a parte. Mboraheîi, Maestro de capilla ».

248 . FRANCISCO DA SILVEIRA BUENO (*Vocabulário tupi-guarani português*, 1987, p. 501) informa: « Xeré ou melhor xerémi: ajunta-se a dicção – remi, a todas as pessoas correlativas desse pronome no mesmo sentido de – meo, teo, seu, &c. – Estes possessivos se ajuntão com os infinitivos dos verbos activos sem accusativo, e significação, não a acção dos mesmos verbos, mas a coisa sobre que cai a sua ação ». **Xeramimbig**, portanto, dever ser "o meu ..."

249 . JOÃO RODRIGUES BARBOZA (op. cit., 1892, p. 50) informa: « Cantar, (Mh.) Nheengare. (L.G.) Nheengare. (A.) Nheengar. (K.) Nheengar »; « Cantoria, (Mh.) Nheengaroçaua. (L.G.) Nheengaroçaua » e (p. 83) « Voz, (Mh.) linga. (L.G.) Nheenga neeng. (K.) Neeng. ».

250 . ANTONIO RUIZ DE MONTOYA (op. cit., 1939, f. 132v) traz: « Güiraçapûcaî pajaro conocido. Güiraçapûcai, canto de ave. Güiraçapûcaî ei, mal aguero, mala voz de ave. Güiraçapucai éé, dulce canto de ave ».

251 . A composição da palavra **itaguai** por itá e **aguai** parece clara. Porém, os tupinólogos modernos não se referem a este termo como um instrumento musical, e sim « o rio dos barreiros, ou dos tauás » (TEODORO SAMPAIO, *O tupi na geografia nacional*, 1987, p. 255), « angra, enseada » (MAC H. SOUDIN, *Dicionário de tupi moderno*, 1978, v. 1, p. 81) e « O rio de itaguaba » (FRANCISCO DA SILVEIRA BUENO, op. cit., 1987, p. 157).

252 . Frei ONOFRE (1795, por PLINIO MARQUES DA SILVA AYROSA, *Dicionário português-brasiliano e brasiliano-português*, 1934, p. 173) dá para **Aimoin**, entre quatro significados, « entoar e designar o começo do canto, ter voz mestra no coro ».

253 . ERMANO STRADELLI (*Vocabulários da lingua geral portuguêz-nheêngatú e nheêngatú-portuguêz*, 1929, pp. 575-577) traz os seguintes vocábulos na lingua nheengatú: « Nheenga – O fallado, lingua, linguagem. ¶ Nheêngára – Cantiga, canto ¶ Nheêngari – Cantado ¶ Neengari-cepi – Apregoado, cantado o preço ¶ Nheengarisara – Cantor ». Também dá (p. 140) « Cantar – Nheengare ¶ Cantador – Nheengaresára ».

254 . Frei ONOFRE (1795, por PLÍNIO MARQUES DA SILVA AYROSA, op. cit., 1934, p. 300) traz « Yba – cabo de qualquer instrumento, o mastro do navio ou canoa » e LUÍS CALDAS TIBIRIÇÁ (op. cit., p. 591) dá « yba – haste, caule, vergôntea, cabo de instrumento ». Parece haver associação entre a **batuta** ou **bastão** do regente com a pessoa que desempenha esta função.

255 . FRANCISCO DA SILVEIRA BUENO (op. cit., 1987, p. 97), que também escreve **coracoara**, traduz essa palavra por « Tutor; dono; patrão. **Padrinho** – que deu o nome a ».

256 . Frei ONOFRE (1795, por PLÍNIO MARQUES DA SILVA AYROSA, op. cit., 1934, p. 178) informa: « **Aimopû** – bater em alguma cousa com a mão. Tambem dizem **Aimopû**. Tocar instrumento musical ».

121

[ANÔNIMO]

LIVRO: RELAÇÃO DA TOMADA DA CIDADE DE SÃO SALVADOR PELA ARMADA HOLANDESA. Veneza, Antonio Pinelli, 1624.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Um folheto, anexado ao exemplar da BIEB, contém a seguinte informação: « Com apenas 4 folhas numeradas, este raríssimo folheto – desconhecido do Dr. José Honório Rodrigues e do Dr. Rubens Borba de Moraes – representa uma das primeiras notícias chegadas à Europa ».

EDIÇÃO UTILIZADA: RELATIONE | *Dell 'Acquisto* | *Fatto Dell 'Armata Holandese* | *della Città di S. Saluadore nella Baia di* | *tutti i Santi, Metropoli della Prouincia* | *del Brasil, nell'India Occidentali.* | *L'anno 1624. Alli 9. & 10. di Maggio.* | Con Licenza De' Svperiori, | et Priuilegio. | [grav.] | In Venetia, M. DC. XXIIII. [1624] | Appresso Antonio Pinelli. [4 ff. inum.] [BIEB: LR-3-12].

TRADUÇÃO PORTUGUESA: PAULO CASTAGNA.

TEXTO ITALIANO

[1.] <...> (*f. A2r*) [l. 16] hauendo il Generale Giacomo Vvilkens tenuto Consiglio del modo, che si haueua da tenere, per la felice riuscita di quell'Impresa, la mattina de' noue entrò nella Baia con trentasei Vele comprese le Scialluppe che si sogliono portare à pezzi, dentro alle Naui, & poi ne' bisogni si congiongono insieme; & con il vento in poppa, con gran romore di Trombe, & Tamburi, s'appressò alla Città. <...>

[...]

TRADUÇÃO

<...> havendo o general Jakob Wilkens tomado conselho do modo que haveria de ter para o feliz êxito daquela empresa, na manhã do dia nove [*de maio de 1624*] entrou na Bahia [*de Todos os Santos*] com trinta e seis veleiros, inclusive as chalupas que se levavam em peças, dentro de cada nave, que depois tiveram que permanecer juntas. E com o vento em pôpa, com grande rumor de trombetas e tambores, aproximou-se da cidade. <...>

[...]

122

BARTOLOMEU GUERREIRO

(1578 - 1642)

LIVRO: **JORNADA DOS VASSALOS DA COROA DE PORTUGAL PARA SE RECUPERAR A CIDADE DO SALVADOR (EM 1625).** Lisboa, Mateus Pinheiro, 1625.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Há duas edições desta obra, idênticas quanto ao texto, editor e data, diferindo apenas por detalhes sem implicação no assunto tratado. A que utilizamos possui, por exemplo, a frase « Taxase este liuro, em hum tostão em papel », no verso da página de rosto, enquanto que a outra não a contém.

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro II, cap. III, nº 1, p. 60), « Bartolomeu Guerreiro (1578-1642) nasceu no Alentejo e aos 18 anos entrou para a Companhia de Jesus. A *Jornada dos Vassalos da Coroa de Portugal* é a primeira e uma das mais importantes narrativas da restauração da Bahia. Relata os acontecimentos do assalto, a tomada da cidade pelos holandeses, e descreve os sucessos posteriores, as repercussões em Portugal, o preparo para a jornada de reconquista até a entrada, a 30 de abril de 1625, e as comemorações pela vitória ».

EDIÇÃO UTILIZADA: **JORNADA DOS | VASSALOS DA CO|roa de Portugal, Perase | recuperar a Cidade do Saluador, na Bahya de todos os | Santos, tomada pollos Olandeses, a oito de Mayo, | de 1624. & recuperada ao primeiro de | Mayo de 1625. | Feita Pollo Padre Bartolamev | Guerreiro da Companhia de Iesv.** | [grav.] | Com todas as licenças necessarias. | Em Lisboa. Por Matthevs Pinheiro. | Anno de 1625. | Impressa à custa de Francisco Aluarez liureiro. Vendese em | sua casa, defronte da Misericordia. [20 X 14; 74 ff. num.; 1 pl.] [BIEB: 2-a-23].

CAPITVLO. XXIII. Do que succedeo na Bahya, sendo o Bispo capitam Mór.

[...]

[3.] <...> (*f. 36v*) A quinze de Iulho de 624. Sahio o Mestre de Campo, Ioão Dort, a dar hum assalto nos nossos, não lhe recusou o encontro o Capitão Francisco de Padilha, antes (*f. 37r*) inuestindo com elle, & matandolhe o caualo em que vinha, ficou a briga à espada, que em breue se resolueo com o Padilha cortar a cabeça ao Dort, E a hum trombeta seu, dando nos mais com tanto valor, que os foy matando, & ferindo, atè os fechar na Cidade, onde os Olandezes elegerão por Mestre de Campo, outro Capitão Olandez, chamado Alberto Scolt. <...>

CAPITVLO XXXIIII. Rendimento do inimigo

[1.] <...> (*f. 55r*) E no mesmo tẽpo chegou o coronel Olandez [*"Hans, Ernst. Riffgnamelt", em batalha a 27 de abril de 1625*], cõ atè cẽ homens de armas, & o Almirante da armada, com dous capitaẽs de infantaria, & perguntarão aos tres Portuguezes, se trazião ordẽ de se fallar en concertos? responderaõlhe, q̃ não; & q̃ se tratauão de os fazer, mandassem ao quartel do Carmo, hũ tambor a renderse ao General, Dõ Fadrique de Toledo. E neste particular, fundarão os Olandezes, o dizerem, q̃ do nosso exercito se lhe dera recado q̃ fosse o tãbor, que appareceo ensima do muro, vestido de branco, com hũ papel no chapeo, & muytos Olandezes polla muralha, fazendo meneos de quem se rendia. Caminhou o tambor polla muralha, tocando a caxa direito ao

quartel do Carmo, onde estaua o General, & naõ sendo os Olandezes entendidos dos nossos, lhe deraõ hũa carga de mosquetaria, com que matarão a muytos. Repetiraõ os Olandezes os sinais do rendimento, & insistio o tambor em fazer sua embaxada, a que acodio Antonio Moniz Barreto, Mestre de cãpo de hũ terço Portuguez, q̃ estaua de guarda, & pera ligoa, leuou o Sargento Mòr Murga, q̃ o era do terço de Dõ Ioaõ de Orellana. <...> (*f. 55v*) Voltou o tambor aos seus [*no dia 28*] com alguns Olãdezes, que o acompanhauam: & dos nossos o fizeram tambem, o Sargento Mòr com alguns fidalgos Portuguezes; & Castelhanos. <...>
[...]

CAPITVLO. XXXVII.

[1.] (*f. 58v*) REsolutas estas capitulaçoens [*a 30 de abril de 1625*]; deram os Olandezes a entrada na Cidade, foram os primeiros que entraram, o Marquez de Cropani; & Dom Ioão de Orelhana, a quem não tocaua a entrada, & tocaua a Antonio Moniz Barreto, Mestre de Campo de hum terço Portuguez. <...>

123

MANUEL DE MENEZES
(? – 1628)

DOCUMENTO: RECUPERAÇÃO DA CIDADE DO SALVADOR. 1625 ou pouco depois.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: A RTIHGEB publicou este documento, sem qualquer indicação de data no vol. 22, 1859, pp. 357-411 e 526-633, com o título « *Recuperação da cidade do Salvador escripta por D. Manuel de Menezes chronista mor e chronographo de sua Magestade e Capitão Geral da armada de Portugal naquella empresa, cópia cotejada com o manuscrito original de Madrid – por Francisco Adolpho de Varnhagen* ». Podemos supor que o original tenha sido escrito logo após a derrota holandesa na Bahia, nos fins de 1625.

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro 1, cap. III, nº 1, p. 60), « D. Manuel de Menezes, herói dos acontecimentos, que narra de forma seca e fiel, foi cronista-mor do Reino, professor de astronomia, cosmógrafo-mor e dos que melhor reuniu, naquela época, a profissão literária à militar. Foi o comandante português da esquadra restauradora da Bahia e escreveu a **Recuperação da cidade do Salvador**, que é uma singular notícia, pela consciência e pelo caráter oficial de que vinha revestido. Cuidou de escrevê-la, segundo ele próprio diz, não pela nobre ocupação de ser cronista, mas para que, com mais cômodo sucesso, pudesse referir-se aos Ministros diante de quem se justificava ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Revista Trimestral do Instituto Historico Geografico e Etnografico do Brazil*. Rio de Janeiro, Typ. Imperial de J.M.N. Garcia, vol. 22, 1859, pp. 357-411 e 526-633.

LIVRO PRIMEIRO – Dos sucessos que tentárão fazer em as armadas á vella da Ilha de Santiago.

[...]

[12.] <...> (*p. 400*) Sayo a 15 de Junho [*de 1625, da Bahia*] o coronel João Doart a cavallo accompanhado de alguns soldados tocando trombetinha diante; <...>

[...]

LIVRO SEGUNDO. – Do que acontecео até render-se praça.

[1.] <...> Em quanto esperava [*pouco após 28 de abril de 1625, na Bahia*] aminhava o atambor [*holândes*] descoberto pelas cortinas tocando caixa pera o quartel do Carmo; <...>

[...]

LIVRO TERCEIRO – O que sucedeu ate que as armadas vitoriosas deram vela pera volta de Espanha &.

[...]

[2.] <...> (*p. 618*) E ate nisto avia trabalho porque não avendo officiaes na armada era necessario neste mesmo tempo em que na marinha se ocupavan huns em contar dinheiro todo o dia, ou estar prontos pera qualquer hora em que os soldados acudissem, assistirem outros no collegio dos padres da companhia (conforme ao aviso que lhe mandara o de Cropani em 28 do mes passado [*maio de 1625*] depois que quasy todo o de valor era ou desencaminhado, ou repartido) aonde se davan panos podres por excessivos preços segundo se queixavan os portuguezes, alfinetes, almofaças, cascaveis, berimbaus, pelo que cabia a esquadra de Portugal daquella praça, estas sarcandajas se aviam de repartir depois por cada companhia conforme o que a cada hum tocava; <...>

124

ANTÔNIO VIEIRA
(1608 – 1697)

DOCUMENTO: **CARTA ÂNUA DO BRASIL AO P. GERAL DA COMPANHIA DE JESUS.** Bahia, 30 de setembro de 1626.

TEXTO: JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, nas ***Cartas do Padre Antônio Vieira*** (v. I, 1925, pp. 1-2, « Ânua da Província do Brasil ») informa: « Desta carta existem nos arquivos da Sociedade, em Roma, dois exemplares, ambos autógrafos e assinados por A. V., um com data de 21 de Novembro, outro de 1 de Dezembro de 1626. Pelo Padre Francisco Rodrigues, jesuita, que últimamente os examinou, sabemos ser o texto latino mais breve, o portuguez, evidentemente depois concertado na linguagem, mais copioso de notícias. O escrito, nesta forma, e como tem sido publicado na imprensa, difere igualmente na data, 30 de Setembro de 1626, porventura a do primitivo rascunho, vertido a latim, e a que mais tarde o autor aditou reminiscências e poliu a linguagem ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Primeiro escrito de VIEIRA (aos 18 anos), este documento é assim referido por SERAFIM LEITE na ***História da Companhia de Jesus no Brasil*** (tomo IX, 1949, nº 222, p. 235): « ***Carta Ânua do Brasil, ao P. Geral da Companhia de Jesus,*** da Baía, 30 de Setembro de 1626. (Bras. 8, 342-355; 366-377, com a data de 1 de Dezembro de 1626, lat.). Autógr. Trad. por Vieira em port. Apógr., B. N. do Rio de Janeiro. Publ. parcialmente (Missões do Espírito Santo e Mares Verdes) na ***Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.***, V (1843) 335-341; integra em ***Anais da B. N. do Rio de Janeiro***, XIX (1897) 177-217; – Cartas de Vieira, I (Coimbra 1925) 3-74 ». Em 1955 essa carta sai como livro, recebendo o título ***A invasão holandesa na Bahia*** (Salvador, Progresso), na Coleção Ensaios, série miniatura, nº 27, contendo bibliografia. O título, como publicado nos ***Anais da B. N.***, p. 175, é o seguinte: « Annua Ou Annaes Da Provincia Do Brasil Dos Dous Annos de 1624, E De 1625. E sucessos respectivos às Cazas que por esse tempo conservavaõ naquelle Estado os extinctos Jesuitas: E por dizer respeito à mesma Narraçaõ se tracta da Violencia entrada, que os Hollandezes fizeraõ naquellas p.tes e principalmente na Cid.e da Bahia com a curioza expoziçaõ da sua situaçaõ progressos, e miúdas circunstancias dessa falta, attrevida Invazaõ Escrita Por comissaõ, e obed.cia dos seus Superiores Pelo Padre Antonio Vieira da mesma Companhia ». Nos ***Anais da Bibl. Nac. do Rio de Jan.***, v. LXXIII (1954) está descrito o apógrafo acima citado por SERAFIM LEITE, levando o seguinte título [« 304 – Obras inéditas. V. 29, nº 5 », p. 176]: « Anua ou Annaes da Provincia do Brazil dos dous Annos de 1624, e de 1625. E sucessos respectivos ás Cazas que por esse tempo conservavão naquelle Estado os extinctos jesuitas: e por dizer respeito á mesma Narração se tracta da Violenta entrada, que os Holandezes fizerão naquellas p.tes e principalmente na Cid.e da Bahia com a curioza expozição da sua situação, progressos, e miudas circunstancias dessa falta, e attrevida Invazão. Escrita por comissão, e obed.cia dos seus Superiores pelo Padre Antonio Vieira da mesma Companhia », aparecendo no códice DCXCIV/26-31 nº 5, 116 ff. (Outras cópias são catalogadas na Biblioteca Nacional: II-31, 3, 8; I-8, 4, 38 nº 4; I - 12, 2, 21).

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: ANTONIO VIEIRA – Annua Ou Annaes Da Provincia Do Brasil Dos Dous Annos de 1624, E De 1625. <...>. ***Annaes Da Bibliotheca Nacional Do Rio De Janeiro Publicados Sob A Administração Do Director Dr. José Alexandre Teixeira De Mello.*** Rio de Janeiro, Typographia Leuzinger, XIX, 1897, pp. 175-217.

[1] Colegio da Bahia

[...]

[17.] (*p. 182*) Com a luz do dia seguinte [*9 de maio de 1624, na "Cidade da Bahia"*] appareceo a Armada inimiga [*holandesa*], que repartida em Esquadras vinha entrando. Tocavaõ-se em todas as Náos trombetas bastardas a sôm de Guerra; que com o vermelho dos paveres vinhaõ ao longe publicando sangue. <...>

[18.] <...> (*p. 183*) E foi tal a tempestade de fogo, e ferro, tal o estrondo, e confuzaõ, que a muitos principalmente aos pouco experimentados, cauzou perturbaçaõ, e espanto, <...> o contínuo trovaõ da Artilharia tolhia o uzo das linguas e orelhas, e tudo junto, de mistura com as trombêtas[257] e mais instrumentos belicos[258], era terror a muitos, e confuzaõ a todos.

[...]

[88.] <...> (*p. 195*) Nas Aldêas onde estavamos os da Companhia, além das Oraçoens, e penitencias, que se accrescentávaõ todas as sextas feiras, e sabbados, se fazia huma Procissão com Ladainhas cantadas, pedindo mizericordia a Deos: athé que o mesmo Senhor no dia da Redempçaõ do Mundo, nos quiz mostrar a nossa, antecipando-nos as Alelúyas com a primeira vista da Nossa Armada, a qual, dia de Páscoa da Ressureiçaõ, primeiro de Abril de 1625, amanheceo toda dentro na bahia, posta em alla, para que as vélas inimigas, que no Porto estavaõ, naõ pudessem sahir, nem escapar.

[...]

[6] Collegio de Pernambuco

[...]

[4.] (*p. 212*) Tambem falleceo o Padre Salvador Coelho, natural da Bahia, professo de quatro Votos; <...> Fez-lhe grandes honras o Prelado da Administraçaõ de Pernambuco, com toda a sua Clerezia: entráraõ pelo Collegio, e o trouxeraõ com tochas do seu Cubiculo á Igreja, onde lhe cantáraõ hum Officio com toda a solemnidade, e pompa poucas vezes vista, nem praticada com os da nossa profissaõ, e Instituto.

[...]

[10.] <...> (*p. 214*) Assás, enquanto naõ tinhaõ o despacho [*da concessão de um padre pelo Reitor, que residisse com os índios na "Aldêa de Una"*], tristes, e pensativos andavaõ os pobres: mas tanto que o tiveraõ, se desfizeraõ em féstas, e alegrias, e vendo os Nossos, sahio em Porcissaõ a Aldêa toda, com muzicas, e danças a seu modo, a recebellos, como triunfando da victoria, que tiveraõ em os alcançar.

[...]

[21.] (*p. 216*) Determinou logo o Prelado da Administraçaõ de Pernambuco, á petiçaõ de muitas pessôas de respeito, que esta taõ assignalada Mercê se gratificasse a Nosso Senhor, dizendo-se todas as sextas feiras daquelle anno ao Santo Crucifixo huã Missa cantada, para o qual effeito se elegéraõ por Mordomos quatro homens graves: os quaes se tiveraõ por muito ditozos em ser os primeiros no Serviço de tal Senhor. Agora, com a nova Confraria, e Indulgencias, que Sua Santidade concedeo, se continúa a mesma Devoçaõ com grande fervor.

[...]

[25.] (*p. 217*) A este fim [*a canonização*] ajudou tambem a Beatificaçaõ do Santo Padre Francisco de borja; a qual se celebrou neste Collegio de Pernambuco no anno de 1625, com a solemnidade que pôde ser, de vesporas[259], Missa cantada, e Pregaçaõ, Jubileo, muitas Confissoens, e Comunhoes, e tambem houve algumas Luminarias.

[26.] Nos outros dous Collegios da Bahia, e Rio de Janeiro, se fez quazi o mesmo; e pelo menos, em ambos houve vésporas, Missa cantada, e Pregaçaõ.

[...]

257 . ANTÔNIO VIEIRA (**Sermões**, 1951, v. II, p. 78), no « Sermão do dia de Reis » (pregado no Colégio da Bahia em 1641, durante os festejos pelos primeiros 6 meses do governo do Marquês de Montalvão), deixou a seguinte frase: « E quando não nos precatamos, ouvimos soar as trombetas holandezas por esses oiteiros ».

258 . De acordo com a documentação da época, haviam os **de golpe ou de bater** (caixas e tambores, ou atabores) e os **de assopro** (trombetas, trombetas bastardas, pífaros e clarins).

259 . RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. VIII, 1721, p. 434) informa: « Vesperas. Aquella parte do Officio Divino, que antigamente se dizia à boca da noyte, a que chamão **Vespera**, & hoje se diz pelas duas, ou tres horas da tarde ».

125

VICENTE DO SALVADOR
(1564 – 1639 ?)

DOCUMENTO: **HISTÓRIA DO BRASIL.** Lisboa, 20 de dezembro de 1627.

TEXTO: VENÂNCIO WILLEKE, nas « Duas Palavras » da 5ª edição deste manuscrito (cf. publicação utilizada, p. 25), assim informa sobre as cópias antigas: « Transcorrendo ora o 4º centenário de nascimento de Frei Vicente do Salvador, pai da História do Brasil, apresentamos a edição commemorativa desta obra corrigida e aumentada, segundo uma cópia procedente da Biblioteca das Necessidades e hoje existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo de Lisboa: códices 49 (História do Brasil) e 24 (posteriores "Addições e emendas") da secção "Livros do Brasil". A aquisição de uma fotocópia das 564 páginas que abrangem os dois códices e as demoradas pesquisas nos foram facilitadas pelo nosso Revmo. Pe. Superior Provincial Frei Serafim Prein, OFM, ao qual aqui consignamos o nosso sincero agradecimento. ¶ O papel do códice 49, de 425 páginas e do tamanho de 410 X 275 mm, remonta aos fins do século XVII, apresentando o códice a letra do século XVIII, o escudo nacional no frontispício, o título e o nome do autor rodeados por uma moldura e as letras capitais, no texto finamente desenhadas e ornamentadas. A encadernação do códice 49 é da época, em carneira, e com ferragens; enquanto o códice 24, de 139 páginas e de 300 X 207 mm, apresenta o papel e a letra do século XVII e a encadernação em pergaminho da época. ¶ A cópia da Biblioteca das Necessidades que serve de base a esta edição commemorativa é mais fiel e mais completa que a aproveitada, nas edições anteriores ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Segundo JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro 9º, cap. IV, nº 3, p. 490), « Manuel Severim pedira a Frei Vicente um tratado "das cousas do Brasil" e este deve ter escrito ou pelo menos rascunhado, na livraria daquele, segundo pensa Capistrano de Abreu, quase todo o primeiro livro, a maior parte do segundo e as partes dos outros dependentes de João de Barros, Pedro de Mariz, Diogo do Couto e Antonio de Herrera y Tordesillas [(nota 87): « *Nota Preliminar*, **História**, ed de 1931, IV »]. ¶ (...) Provavelmente o que esmoreceu o entusiasmo de Manuel Severim de Faria, que afinal não a publicou, não terá sido, como pensou Capistrano de Abreu, parecer-lhe o livro "uma coleção de documentos antes reduzidos que redigidos, mais histórias do Brasil do que história do Brasil", e sim a falta de austeridade e gravidade, tão comuns à historiografia portuguesa anterior, do seu século, e posterior, como a de Rocha Pita, Jaboatão, Berredo, ao lado da pobreza da matéria central, a luta constante pelo domínio da multidão indígena ». Já nas pp. 493-494, RODRIGUES resume a história da publicação desta obra, até o ano de 1918: « A **História do Brasil** permaneceu inédita durante mais de dois séculos. O bibliógrafo Barbosa Machado, o cronista e o genealogista franciscano Jaboatão e o cronista agostiniano Frei Agostinho de Santa Maria, todos do século XVIII, conheceram e noticiaram a obra. Varnhagen diz tê-la consultado no manuscrito na Biblioteca das Necessidades em Lisboa e João Francisco Lisboa, alguns anos mais tarde, por sugestão de Varnhagen, reencontrou o documento [(nota 88): « Capistrano de Abreu conta a pesquisa de João Francisco Lisboa em Portugal a conselho de Varnhagen, baseado na publicação da correspondência de ambos. Vide também José Honório Rodrigues, ***A Pesquisa Histórica no Brasil***, Rio de Janeiro, 2ª ed., 1969, 59-65; 3ª, 1978, idem »], e fez uma cópia, enviada ao Brasil, com os outros papéis que recolhera em virtude de sua comissão de pesquisas na Europa. Esta cópia ficou esquecida ou abandonada de 1858 a 1882. Capistrano de Abreu contou, em nota preliminar da edição de 1918 e em cartas a João Lúcio de Azevedo [(nota 89): « **História**, nota preliminar, III-IX. ***Correspondência de Capistrano de Abreu***, Rio de Janeiro, 1954-57, vol. 2, Cartas de 18 de novembro de 1916, 19 de março de 1917 e carta de 1917, sem dia e mês. »], como o reaparecimento do manuscrito lhe fizera reviver a emoção do humanista da Renascença diante de um códice ressuscitado da antigüidade. A história das várias edições, a primeira no ***Diário Oficial*** em 1886, imprimindo-se apenas os dois primeiros livros, depois reunidos no vol. 5 dos ***Materiais e Achegas para a História e Geografia do Brasil*** sob o título ***Livros I e II da História do Brasil*** [(nota 90): « No ***Diário Oficial*** começou a sair a 23 de julho de 1886, com uma pequena nota de Capistrano de Abreu declarando que 260 anos depois de escrita ela vinha à luz e que Lino de Assunção, seu amigo e correspondente em Lisboa, começara a tirar nova cópia na Torre do Tombo. Vide também ***Cartas de Capistrano de Abreu a Lino de Assunção***, Lisboa, 1946. A edição dos dois primeiros livros é da Imp. Nac. (1887), 116 pp., e a **Gazeta** (Rio de Janeiro) de 21 de dezembro desse ano noticia o acontecimento dizendo: "A data escolhida para o aparecimento desses trechos da obra foi-o propositadamente a 20 de dezembro de 1627, Frei Vicente assinou a dedicatória que punha remate a esse trabalho, isso aos sessenta anos de idade". »], vem contada também na nota preliminar da edição de 1918. ¶ A publicação integral ocorreu pela primeira vez em 1888, nos ***Anais*** da Biblioteca Nacional [(nota 91): « Vol. 13, fasc. nº 1, 6. O prefácio de Capistrano de Abreu contém XIX páginas. A obra 261 páginas e o índice, 7 páginas. Trechos referentes ao Ceará foram publicados na ***Revista do Instituto Cearense***, t. XI (1897), 255-271. »], com um estudo inicial de Capistrano de Abreu,

diferente da pequena nota que precede a edição do *Diário Oficial* e da nota preliminar que antecede a edição de 1918, terminando por escrever que o livro de Frei Vicente "é um dos maiores da nossa literatura colonial". A publicação integral definitiva ocorreu em 1918, trinta anos depois da primeira. Capistrano de Abreu começa nos últimos meses de 1917 a preparar o trabalho, compondo a biografia do autor e a história do manuscrito, dizendo da significação do livro na nota preliminar, escrevendo os prolegômenos que precedem cada livro, nos quais estuda as fontes do autor e indica os documentos originais conhecidos para quem quisesse aprofundar o assunto. Por volta de maio de 1918 começava a impressão e em setembro era publicado ». Uma 5ª edição foi realizada por VENÂNCIO WILLEKE (com revisão de CAPISTRANO DE ABREU e RODOLFO GARCIA, São Paulo, Melhoramentos, 1965), que revisou o texto com base no arquivo da Torre do Tombo. Tanto esta quanto a 6ª e 7ª edição (aqui utilizada, de 1982) mantêm as normas de transcrição de CAPISTRANO DE ABREU na 4ª edição, que aqui apresentamos, com base na reprodução da « Nota Preliminar » daquela na edição de 1982 (cf. publicação utilizada, p. 31): « A ortografia vai simplificada, exceto quando se trata de termos brasílicos em que foi, ou deveria ser conservada. Se o vocábulo era pronunciado de modo diverso do atual, conservou-se ou tentou-se conservar a fonética do tempo; se aparecia sob mais de uma forma – mai e mãi, pera e para, cabeço e cabeça, coomo, cossário e corso e corsário, câmara e câmera não se forçaram à unidade. ¶ A pontuação foi modernizada, de modo a facilitar a compreensão. A sintaxe, mais de coordenação que de subordinação, dominante na obra, permitiu substituir por ponto final, muita vírgula, ponto e vírgula e dois pontos. O que pronominal, hoje absolutamente condenado para começo de oração quando é interrogativo ou exclamativo, antigamente não sofria esta limitação. Fez-se eso aqui da antiga liberdade. ¶ O texto da Biblioteca Nacional, revisto diligentemente pelo bondoso Teixeira de Melo, Chefe da seção de impressos e depois diretor do estabelecimento, continha alguns lapsos que foram quanto possível escoimados. Que outros se tenham introduzido em lugar deles é bem possível, mas de negligência não procedem. [...] ».

NOTA SOBRE O AUTOR: JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro I, cap. IV, nº 3, pp. 489-490) informa: « Frei Vicente do Salvador, chamado no século Vicente Rodrigues Palha, nasceu na Bahia por volta de 1564 e parece ter falecido entre 1636 e 1639. Era o filho mais velho de João Rodrigues Palha, lavrador de engenho, nos arredores do Recôncavo, casado com Mécia de Lemos. ¶ (...) Assistiu ao capítulo celebrado em Lisboa em 1619, e em 1620 ainda permanecia em Portugal. Em 1621 deve ter chegado ao Rio, segundo Capistrano de Abreu. Em 1624, aos 28 de maio, foi aprisionado na Bahia pelos holandeses, que dominavam o mar e a cidade. Vinha do Rio, onde assistira aos preparativos de defesa da cidade, ameaçada de igual ataque. Ficou preso a bordo durante quatro meses e depois serviu aos portugueses, que permaneceram na cidade dominada até sua libertação a 30 de abril de 1625. A 20 de dezembro de 1627 assinava a dedicatória da História do Brasil a Manoel Severim de Faria, erudito historiador português, irmão de Frei Cristóvão de Lisboa ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: VICENTE DO SALVADOR, FREI – *História do Brasil; 1500-1627*. Revisão de Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia e Frei Venâncio Willeke, OFM; apresentação de Aureliano Leite. 7ª, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1982. 437 pp. (Reconquista do Brasil, nova série, v. 49).

LIVRO PRIMEIRO – EM QUE SE TRATA DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL, COSTUMES DOS NATURAIS, AVES, PEIXES, ANIMAIS, ETC., DO MESMO BRASIL.

CAPÍTULO PRIMEIRO – Como foi descoberto este estado.

[...]

[3.] <...> (*p. 56*) Mas muito mais cresceu neles [*os "gentios" de "porto seguro"*] o respeito quando viram a oito frades da ordem do nosso padre São Francisco, que iam com Pedro Álvares Cabral, e por guardião o padre frei Henrique, que depois foi bispo de Cepta, o qual disse ali missa e pregou, onde os gentios ao levantar a hóstia e cálix se ajoelharam e batiam nos peitos como faziam os cristãos, deixando-se bem nisto ver como Cristo senhor nosso neste divino sacramento domina os gentios, que é o que a Igreja canta em a invitatoria de suas matinas, dizendo: Christum regem dominantes gentibus, qui se manducabtibus dat spiritus pinguedinem, venite, adoremus.

[...]

CAPÍTULO TERCEIRO – Da demarcação da terra e da costa do Brasil com a do Peru e Índias de Castela.

[...]

[3.] (*p. 59*) Donde se colige também que é a terra do Brasil da figura de uma harpa, cuja parte superior fica mais larga ao norte correndo do oriente ao ocidente, e as colaterais, a do sertão do norte a sul, e da costa do nordeste a sudoeste, se vão ajuntar no rio da Prata em um aponta à maneira de harpa, com se verá no mapa-múndi e na estampa seguinte [280].

[...]

CAPÍTULO NONO – Dos animais e bichos do Brasil.

[...]

[17.] (*p. 72*) Há outras [*"cobras"*] que chamam cascavéis porque os têm no rabo, com que vão fazendo rugido por onde quer que vão, e cada ano lhes nasce um de novo: algumas vi que tinham oito, e são tão venenosas que os mordidos delas de maravilha escapam. <...>

[...]

CAPÍTULO DÉCIMO SEGUNDO – Da origem do gentio do Brasil e diversidade de línguas que entre eles há.

[...]

[8.] (*p. 78*) "Fora este, que é capitão de toda a aldeia, tem cada casa seu principal, que são também dos mais valentes e aparentados e que têm mais mulheres; porém nem a estes, nem ao maioral pagam os outros algum tributo ou vassalagem mais que chamá-los, quando têm vinhos, pera os ajudarem a beber, ao que são muito dados, e os fazem de mel ou de frutas, de milho, batatas e outros legumes, mastigados por donzelas e delidos em água até se azedar, e não bebem quando comem, senão quando praticam, ou bailando ou cantando [281] ".

CAPÍTULO DÉCIMO TERCEIRO – De suas aldeias.

[...]

[2.] (*p. 79*) Porém as mais castas de índios [*além dos "tapuias"*] vivem em aldeias, que fazem cobertas de palma e de tal maneira arruamadas que lhes fique no meio um terreiro, onde façam seus bailes e festas e se ajuntem de noite a conselho. <...>

[...]

CAPÍTULO DÉCIMO QUINTO – Da cura dos seus enfermos e enterro dos mortos.

[...]

[4.] (*p. 83*) Tanto que algum morre o levam a enterrar, embrulhado na mesma rede em que dormia, e a mulher, filhas e parentas, se as tem, o vão pranteando até a cova com os cabelos soltos lançados sobre o rosto, e depois o pranteia ainda a mulher muitos dias. Mas, se morre algum principal da aldeia, o untam todo de mel e por cima do mel o empenam com penas de pássaros de cores, e põem-lhe uma carapuça de penas da cabeça, com todos os mais enfeites que ele costumava trazer em suas festas, e fazem-lhe, na mesma casa e rancho onde morava, uma cova muito funda e grande, onde lhe armam sua

rede e o deitam nela assim enfeitado com seu arco e frechas, espada e tamaracá, que (*p. 84*) é um cabaço com pedrinhas dentro, com que costumam tanger, e fazem-lhe fogo ao longe da rede pera se aquentar, e põem-lhe de comer em um alguidar e a água em um cabaço, e na mão uma canguera, que é um canudo feito de palma cheio de tabaco, e então lhe cobrem a cova de madeira e de terra por cima, que não caia sobre o defunto, e a mulher por dó corta os cabelos e tinge-se toda de janipapo, pranteando o marido muitos dias, e o mesmo fazem com ela as que a vêm visitar e, tanto que o cabelo cresce até lhe dar pelos olhos, o torna a cortar e a tingir-se de janipapo pera tirar o dó, e faz sua festa com seus parentes e muito vinho.

[5.] O marido, quando lhe morre a mulher, também se tinge de janipapo, e quando tira o dó se torna a tingir, tosquia-se e ordena grandes revoltas de cantar e bailar e beber. Nestas festas se cantam as proezas do defunto ou defunta e do que tira o dó. E, se morre algum menino filho de principal, o metem em um pote, posto em cócoras, atados os joelhos com a barriga, e enterram o pote na mesma casa e rancho debaixo do chão e ali choram muitos dias.

CAPÍTULO DÉCIMO SEXTO - Do modo de guerrear do gentio do Brasil.

[...]

[5.] (*p. 85*) Chegando duas jornadas da aldeia de seus contrários não fazem fogo, por que não sejam por eles sentidos, e ordenam-se de maneira que possam entrar de madrugada e tomá-los descuidados e despercebidos, e depois entram com grande urro de vozes e estrondo de buzinas e tambores que é espanto, "não perdoando no primeiro encontro a grandes nem pequenos a que com suas espadas de pau não quebrem as cabeças, porque não têm por valor o matar se não quebram as cabeças, ainda que seja dos mortos por outros, e quantas cabeças quebram tantos nomes tomam, largando o que o pai lhes deu no nascimento, que um e outros são de animais, de plantas ou do que se lhes antolha." 282

[6.] Mas o nome que tomaram não o descobrem (ainda que lho roguem) senão com grandes festas de vinho e cantares em seu louvor, "e eles se fazem riscar e lavrar com um dente agudo de um animal e, lançando pó de carvão pelos riscos e lavores ensangüentados, ficam com eles impressos toda a vida," o que têm por grande bizarria, porque por estes lavores e pela diferença deles se entende quantas cabeças quebraram.

[...]

CAPÍTULO DÉCIMO SÉTIMO - Dos que cativam na guerra.

[1.] (*p. 86*) Os que podem cativar na guerra levam para vender aos brancos, os quais lhe compram por um machado ou foice cada um, tendo-os por verdadeiros cativos, não tanto por serem tomados em guerra, pois não consta da justiça dela, quanto por a vida que lhes dão, que é maior bem que a liberdade. Porque, se os brancos os não compram, os primeiros senhores os têm em prisões atados pelo pescoço e pela cinta com cordas de algodão grossas e fortes, e dão a cada um por mulher a mais formosa moça que há na casa, a qual tem cuidado de o regalar e lhe dar de comer até que engorde e esteja pera o poderem comer.

[2.] E então ordenam grandes festas e ajuntamentos de parentes e amigos, chamados de trinta, quarenta léguas, com os quais na véspora e dia do sacrifício cantam e bailam, comem e bebem alegremente, e também o padecente come e bebe com eles. Depois o untam com mel de abelhas, e sobre o mel o empenam com muitas penas de várias cores, e a lugares o pintam de

janipapo e lhe tingem os pés de vermelho e, metendo-lhe uma espada na mão, pera que se defenda como puder, o levam assim atado a um terreiro fora da aldeia, e o metem entre dois mourões, que estão metidos no chão, afastados um do outro alguns vinte palmos, os quais estão furados, e por cada furo metem as pontas das cordas, onde o preso fica como touro e as velhas lhe cantam que se farte de ver o sol, pois cedo o deixará de ver e o cativo responde com muita coragem que bem vingado há de ser.

[3.] Então vão buscar o que há de matar à sua casa todos os seus parentes e amigos, onde o acham já pintado de tinta de jenipapo com carapuça de penas na cabeça, manilhas de ossos nos braços e nas pernas, grandes ramais de contas ao pescoço, com seu rabo de penas nas ancas e uma espada de pau pesada de ambas as mãos mui pintada, com cascas de mariscos pegadas com cera, e no cabo e empunhadura da espada grandes penachos. E assim o trazem com grandes cantares e tangeres de seus búzios, gaitas[***] e tambores, chamando-lhe (*p. 87*) bem-aventurado, pois chegou a tamanha honra. E com este estrondo entra no terreiro, onde o paciente o espera, e lhe diz que se defenda, porque vem pera o matar, e logo remete a ele com a espada de ambas as mãos, e o padecente com a sua se defende, e ainda às vezes ofende, mas, como os que o têm pelas cordas o não deixam desviar do golpe, o matador lhe quebra a cabeça e toma nome, que depois declara com as cerimônias que vimos no capítulo passado.

[4.] Em morrendo este preso, logo as velhas o despedaçam e lhe tiram as tripas e forçura, que mal lavadas cozem para comer, e reparte-se a carne por todas as casas e pelos hóspedes que vieram a esta matança, e dela comem logo assada e cozida e guardam alguma, muito assada e mirrada, a que chamam moquém, metida em novelos de fio de algodão e posta nos caniços ao fumo, pera depois renovarem o seu odio e fazerem grandes alguidares de migas e papas de farinha de carimã, pera supriri na falta de carne, e poder chegar a todos.

[5.] O que o matou nenhuma coisa come dele, antes se vai logo deitar na rede e se faz todo sarrafaçar e sangrar, tendo por certo que morrerá se não derramar de si aquele sangue. Nem faz o cabelo dali a sete ou oito meses, os quais passados faz muitos vinhos e apelida os amigos pera beber e cantar e com essa festa se tosqueia, dizendo que tira o dó daquele morto. E é tão cruel este gentio com os seus cativos que não só os matam a eles, mas, se acontece a algum haver filho da moça que lhe deram por mulher, a obrigam que o entregue a um parente mais chegado, pera que o mate quase com as mesmas cerimônias, e a mãe é a primeira que lhe come da carne; posto que algumas, pelo amor que lhes têm, os escondem, e às vezes soltam também os presos e se vão com eles pera suas terras ou pera outras.

LIVRO TERCEIRO - DA HISTÓRIA DO BRASIL DO TEMPO QUE O GOVERNOU TOMÉ DE SOUSA ATÉ A VINDA DE MANUEL TELES BARRETO.

CAPÍTULO PRIMEIRO - De como El-Rei mandou povoar outra vez a Bahia por Tomé de Sousa, primeiro Governador-Geral do Brasil.

[...]

[4.] (*p. 144*) Porém chegando à Bahia [*Tomé de Sousa, a 29 de março de 1549*] e ancorando no rio de Paraguaçu, junto à ilha dos Franceses, lhes mandou uma noite cortar a amarra, com que deram à costa e, despojados de quanto traziam, foram todos mortos e comidos do gentio, dizendo-lhes Luísa Álvares [*mulher de "Diogo Álvares Caramuru"*], sua parenta, que aqueles eram

inimigos e só seu marido era amigo, e como tal tornava a buscá-los e queria viver entre eles, como de feito viveu até a vinda de Tomé de Sousa e depois muitos anos. E a ela alcancer eu, morto já o marido, viúva mui honrada, amiga de fazer esmolas aos pobres e outras obras de piedade. E assim fez junto à vila velha em um aprazível sítio uma ermida de Nossa Senhora da Graça, e impetrou do Sumo Pontífice indulgências pera os romeiros, dos quais é mui freqüentada. Esta capela ou administração dela doou aos padres de São Bento, que ali vão todos os sábados cantar uma missa.

[...]

LIVRO QUARTO - DA HISTÓRIA DO BRASIL DO TEMPO QUE O GOVERNOU MANUEL TELES BARRETO ATÉ A VINDA DO GOVERNADOR GASPAR DE SOUSA

CAPÍTULO QUARTO - De como o licenciado Martim Leitão, Ouvidor-Geral, foi por mandado do Governador com o General Diogo Flores de Valdez à conquista da Paraíba e se fez nela a fortaleza da Barra.

[...]

[6.] (*p. 223*) Uma tarde [*após 20 de março de 1584, no forte da barra*], ouvindo uma trombeta e grande rumor, foram dez de cavalo e alguns quarenta de pé com muitos índios à ordem de um Antônio Leitão, com muita desordem, a descobrir campo, e deram em uma cilada que os começou a sacudir até chegarem à vista do arraial, sem haver acordo pera lhes acudirem, antes se põe tudo em tão grande confusão que, vinda a noite, se deitaram a uma lagoa por onde haviam tornar ao forte, e passando uns por cima dos outros, voando com asas do medo que levaram, foram bater às portas do forte, que o alcaide, enfadado de os ver, lhes não quis abrir, deixando-os estar à chuva toda a noite, que foi leve castigo pera o merecido.

[...]

CAPÍTULO SÉTIMO - De como se tentaram as pazes com o braço de peixe e por as não querer se lhe deu guerra.

[...]

[8.] (*p. 231*) Corridos assim o mais que os nossos puderam [*em ataque aos índios tabajaras, na margem do rio Tibiri, em março de 1585*], mandou o general [*Martim Leitão*] queimar toda a caiçara e madeira da cerca [*do "arraial" do principal "Braço de Peixe"*] e, assolado tudo, se tornou pera seus companheiros, que haviam ficado na outra cerca, os quais o vieram receber fora com Te-Deum laudamus. <...>

[...]

CAPÍTULO QUADRAGÉSIMO - De como o Governador veio de Pernambuco pera a Bahia e mandou a zorobebé, que se tornava com os seus potiguares pera a Paraíba, desse de caminho nos negros de Guiné fugidos, que estavam nos Palmares do rio Itapucuru e de como se começaram as pescarias das baleias.

[...]

[2.] (*p. 288*) À sua chegada [*à Bahia, do Governador Diogo Botelho, após a Páscoa de 1604*] estavam já de partida o Zorobabé com os seus potiguares pera a Paraíba donde haviam vindo à guerra dos aimorés, como dissemos no capítulo trinta e três deste livro e, informado o governador que um mocambo ou magote de negros de Guiné fugidos que estavam nos palmares do rio Itapucuru, quatro léguas do Rio Real para cá, mandou-lhes que fossem de caminho dar neles, e os apanhassem às mãos, como fizeram, que não foi pequeno bem tirar dali aquela ladroeira e colheita que ia em grande crescimento. Mas poucos tornaram a seus donos, porque os gentios mataram muitos e o Zorobabé levou alguns que foi vendendo pelo caminho para comprar uma bandeira de campo, tambor, cavalo e vestidos, com que entrasse triunfante na sua terra, como diremos em outro capítulo, que agora neste será tratarmos de como se começou nesta baía a pescaria das baleias.

[...]

CAPÍTULO QUADRAGÉSIMO PRIMEIRO – De como o Zorobabé chegou á Paraíba e por suspeita de rebelião foi preso e mandado ao Reino.

[...]

[2.] (*p. 290*) Só o Braço de Peixe, que era gentio tobajar, se deixou com os seus na sua aldeia e, porque o Zorobabé determinou passar por ela [*na Paraíba, em 1604*], lhe mandou dizer que saísse a esperá-lo à entrada, pois os mais o haviam feito tão longe; ao que respondeu o velho, ainda que já centenário, que fora de guerra nunca fora esperar ao caminho senão damas e, pois ele não era dama, nem vinha dar-lhe guerra, não se levantaria da sua rede.

[3.] Com a qual resposta Zorobabé passou de largo e foi jantar ao rio (*p. 291*) Niobi, meia légua da sua aldeia, por onde caminhava. Dali mandou também recado aos nossos religiosos que nela assistiam que lhe mandassem uma dança de corumis, que eram os meninos da escola, e lhe enramassem a igreja e abrissem a porta, porque havia de entrar nela.

[4.] O presidente dos religiosos respondeu ao embaixador que os meninos com o alvoroço da sua vinda andavam todos espalhados; que a igreja não se enramava senão à festa dos santos, mas que a porta estava aberta. Entrou ele à tarde a cavalo, bem vestido e acompanhado com sua bandeira e tambor, e um índio valente com espada nua esgrimindo diante e fazendo afastar a gente, que era inumerável.

[...]

LIVRO QUINTO – Da história do Brasil do tempo que o governou Gaspar de Sousa até a vinda do Governador Diogo Luís de Oliveira.

CAPÍTULO SEXTO – De como o capitão Baltasar de Aragão saiu da Bahia com uma armada contra os Franceses e se perdeu.

[...]

[2.] (*p. 346*) Estando assim prestes aguardando os inimigos [*Baltasar de Aragão, na Bahia, a 23 de fevereiro de 1613*], soube que andavam na barra pera a parte do morro de São Paulo seis naus francesas e, aprestando das portuguesas que estavam à cargo outras tantas, ele se embarcou em uma sua,

que já tinha dentro trezentas caixas de açúcar, levando consigo suas charamelas, baixela de prata e as mais ricas alfaias de sua casa, porque determinava levar logo de lá a presa ao governador, que estava em Pernambuco. Das outras naus deu a melhor a Vasco de Brito Freire, que fez seu almirante, e as outras a Gonçalo Bezerra e Bento de Araújo, que eram capitães del-rei e comiam seu soldo nesta cidade, e ao alferes Francisco do Amaral, e a outro chamado Queirós.

[3.] No dia seguinte depois que partiram, que foi o do bem-aventurado apóstolo São Matias, encontraram com os franceses e pelejaram de parte a parte animosamente, e os nossos com muita ventagem, porque lhes tomaram uma nau e lhes trataram a almeiranta tão mal que ao outro dia seguinte se foi ao fundo. 284 <...>

[...]

CAPÍTULO VIGÉSIMO QUINTO – De como foi morto o Coronel dos holandeses D. João Vandort, e lhe sucedeu Alberto Escutis e o bispo assentou o seu arraial e estâncias pera os assaltar.

[1.] <...> (*p. 367*) Sucedeu ser o coronel [*João Vandort*] o primeiro que saiu a cavalo a ver a fortaleza de São Filipe, que dista uma légua da cidade [*da Bahia, em maio de 1624*], e à tornada se adiantou dos holandeses e negros que trazia em sua guarda, levando só em sua companhia um trombeta em outro cavalo, onde lhes saiu Francisco de Padilha com Francisco Ribeiro, seu primo, cada um com sua escopeta e, acertando melhor os tiros do que acertou o coronel com um pistolete que disparou, lhes ma(*p. 367*)taram os cavalos, e depois de os verem derribados e com os pés ainda nos estribos debaixo dos cavalos, matou o Padilha ao coronel e o Ribeiro ao trombeta. E logo chegaram os índios selvagens de Afonso Rodrigues da Cachoeira que ali andava perto e, cortando-lhes os pés e mãos e cabeças, conforme seu gentílico costume, os deixaram, donde os holandeses levaram o corpo do seu coronel.

[2.] E o dia seguinte o enterraram na sé com a pompa que costumam, muito diferente da nossa, porque não levaram cruzes, música, nem água benta, senão o corpo em um caixão coberto de baeta de dó. Os capitães que o levaram aos ombros, e um filho do defunto, um cavalo à destra, que também ia, e as caixas que se tocaram destemperadas, tudo isto ia coberto de dó, e diante as companhias todas dos mosqueteiros, com os mosquetes debaixo do braço e as forquilhas arrastando. Os quais, entrando na igreja o defunto, se ficaram de fora ao redor dela, e ao tempo que o enterraram os dispararam todos três vezes, não se metendo entre uma surriada e outra mais espaço que enquanto carregam, o que fazem com muita ligeireza.

[...]

CAPÍTULO VIGÉSIMO OITAVO – Dos navios que os holandeses tomaram na Bahia e o que fizeram da gente que cativaram.

[...]

[4.] <...> (*p. 375*) Também fugiram muitos [*dentre os prisioneiros, capturados pelos holandeses juntamente com trinta navios portugueses*] pera o nosso arraial [*antes de 28 de maio de 1624*], pera onde lhes não queriam dar licença, e de lá se veio pera eles uma mulher casada, fugindo a seu marido com uma filha formosa, que o coronel casou com um mercador holandês, e lhes fez grandes festas em seu recebimento de músicas, danças e banquetes, que duraram três dias.

[...]

CAPÍTULO TRIGÉSIMO OITAVO – Como desembarcaram os da armada e os holandeses lhes foram dar um assalto a São Bento, donde se começou a dar a primeira bateria.

[...]

[6.] (*p. 396*) E a esta conta se defendiam e nos ofendiam por todos os modos que podiam [*os holandeses, em ataque à Bahia a 3 de abril de 1625*], entre os quais foi um que largaram duas naus de fogo uma noite com vento em popa e maré pera que fosse abalroar às nossas e queimá-las, uma das quais pôs em risco a nossa almeiranta de Portugal, e sem falta se queimara se não picara a amarra e largara o traquete, com que quis Nosso Senhor que se livrasse do perigo. A outra investiu com a almeiranta do estreito, com tanto ímpeto que se começava a derreter o breu e chamuscar alguns soldados; mas também foi livre pela diligência e indústria de D. João Fajardo, a cujo cargo estava a armada, e a canoa, em que cuidaram escapar três holandeses que governavam o fogo, foi tomada com um deles por uma chalupa de Roque Centeno.

[7.] Nem deixavam com toda esta ocupação os holandeses todos os dias, manhã e tarde, de se ajuntar em a sé a cantar salmos e fazer deprecações a Deus que os ajudasse: donde um domingo pela manhã deu um pelouro que vinha da nossa bateria de São Bento e, passando a (*p. 397*) parede da capela de São José, levou as pernas a quatro que estavam assentados a um banco ouvindo a sua pregação, de que morreram dois.

[...]

CAPÍTULO QUADRAGÉSIMO SEGUNDO – De como se entregaram os holandeses a concerto.

[...]

[2.] (*p. 402*) E assim não passaram três dias inteiros que se não desenganassem do seu intento, vendo que já não podiam reparar o dano que das nossas baterias lhes faziam e enfim vieram a entender que lhes convinha fazer concerto, que ao outro coronel haviam estranhado. Mas ainda o fizeram paleado com uma capa de honra, mandando por um tambor uma carta ao general D. Fadrique ao Carmo [*na Bahia, a 30 de abril de 1625*], em que lhe diziam que aquela manhã haviam ouvido uma trombeta nossa, que, segundo seu parecer, os chamava e convidava à paz, a qual também eles queriam e pera tratar dela houvesse entretanto tréguas.

[3.] Ao que respondeu D. Fadrique que ele não chamava a sitiados e cercados com trombetas, senão com vozes de artilharia, mas, se eles a estas acudiam e queriam coisa que não fosse contrária à honra de Deus e del-rei, estava prestes pera os ouvir, com o que logo se começou a tratar das pazes. <...>

[...]

260 . Nos « Prolegômenos ao Livro I », de Capistrano de Abreu (edição de 1982, p. 49), onde se indica a perda, neste livro, de estampa do Brasil aqui citada, também somos informados de que a comparação do mapa do Brasil com uma harpa procede de PERO DE MAGALHÃES GANDAVO (*História da província Santa Cruz*, Lisboa, 1576).

261 . VENÂNCIO WILLEKE informa (notas 1 e 2, p. 78, edição de 1982) que os trechos aqui transcritos entre aspas (mas em sua edição apenas recuados) foram transcritos da perdida « Crônica da Custódia » de VICENTE DO SALVADOR, aproveitados por Frei MANUEL DA ILHA na « *Relatio* », f. 299r (cf. a documentação relativa a MANUEL DA ILHA).

262 . Cf. a nota anterior.

263 . Para os portugueses, gaita era sinônimo de flauta, ou frauta, como informa RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário portuguêz e latino*, v. IV, 1713, p. 8). De acordo com os tupinólogos, vários instrumentos poderiam receber a denominação gaitas, que os reinóis utilizavam com menor freqüência que flautas: a *cangüera* (feita de ossos), o *mimby*, o *mimbyapara* e o *mimbygoasou*.

264 . Nota de Frei VENÂNCIO WILLEKE, (nota 1, p. 347): « Baltasar de Aragão, o Bângala, é o Mangue-la-bote a quem se se refere François Pyrard, de Laval, *Voyage, seconde partie*, 563/564, Paris, 1615, nos seguintes termos: "Estant en cest bay [de Todos os Santos, em 1610] i'eus encores cognoissance d'vn des plus grands Seigneurs de ce pays-là, que l'on appeloit Mangue-la-bote, qui estoit vn nom que les Negres d'Angola luy avoient donné, qui veut dire le vaillant, & grand Capitaine, à cause qu'il y avoit esté Vice-Roy. Ce Seigneur avoit fait si vaillamment la guerre contre ces Negres qu'il estoit fort redouté entre-eux, & le tenait-on riche de plus de trois cens mil escus; il tiroit vn grand reuenu de plusieurs engins à sucre qu'il avoit. Ce François qui demeuroit avec luy, estoit Musicien, & joüeur d'instruments, & ce Seigneur l'avoit pris pour apprendre vingt ou trente esclaues, qui tous ensemble faisoient vn concord de voix & d'instruments dont ils iouoyent à toute heure. Ce Seigneur me pria & solicita fort de demeurer avec luy, & me promettoit cent escus d'appoinctement, & bien nourry, seulement pour commander certain nombre d'esclaves à leur travail; il me disoit aussi qui dés vn an au plus tard, il s'en iroit en Portugal, côme de faict il faisoit faire vn fort beau & grand nauire de port de cinq cens tonneaux pour cet effect..." ¶ Segundo Jaboatão, *Catálogo Genealógico*, in *Revista do Instituto Histórico*, 52, parte 1ª, 93, Bângala quer dizer pau duro na Língua de Angola. Fr. Bernardo Maria de Cannecatim, *Coleção de Observações Gramaticais Sobre a Língua Bunda ou Angolense*, 167, Lisboa, 1805, insere bangala como bordão, e bot como bom, o que se aproxima do Mangue-la-bote de Pyrard. Com os dizeres deste concorda o texto, não só no fato de ter Baltasar de Aragão charamelas ou banda de música, como ainda em se embarcar ele em nau própria, que seria a que estava construindo quando o viajante francês passou pela Bahia. ¶ O sucesso supra referido teve lugar a 24 de fevereiro, dia de São Matias, de 1613 ».

128

JOHANN GREGOR ALDENBURGK

(séc. XVII)

LIVRO: VIAGEM ÀS ÍNDIAS OCIDENTAIS E DESCRIÇÃO DA CONQUISTA E PERDA DA CIDADE DE SÃO SALVADOR. Koburgk, Friedrich Grüner, 1627.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: RUBEM BORBA DE MORAIS (*Bibliographia brasiliana*, c. 1983, v. I, p. 19) não dá outra edição desse livro no séc. XVII, mas informa que « Dom Clemente Maria da Silva Nigra published a translation in the *Anais do Arquivo Público da Bahia*, Vol XXVI (1938) ». MORAIS também menciona a edição brasileira de 1961, onde se lê (p. 147): « Relação da conquista e perda da cidade do Salvador pelos holandeses em 1624-1625 por João Gregório Aldenburgk; Tradução parcial, feita por Alfredo de Carvalho, no ano de 1913, em Recife, da 1ª edição original de 1627. Revista, refundida e completada por Agrippino Martins, no ano de 1936, em São Paulo ».

NOTA SOBRE O AUTOR: RUBEM BORBA DE MORAIS (*op. cit.*, c. 1983, v. I, p. 19) tem alguns dados sobre este escritor: « Aldenburgk was a German private in the service of the Duch army. He describes here the taking and loss of Bahia, and it is one of the classic accounts of the event ».

EDIÇÃO UTILIZADA: *West-Indianische Reiße, | vnd | Beschreibung der Belägerung vnd | Eroberung der Statt S. Salvador in der Bahie von Todos | os Sanctos inn dem | Lande von | Brasilia. | Welches vom Anno 1623. bis im | 1626. verrichtet | worden. | Durch | JOHANN GREGOR. Aldenburgk. | Gedrückt zu Koburgk. | In Verlegung Friedrich Grüners. | Buchhändlers.* | MDCXVII. [1627] [BIEB: LR-3-16; 19 X 15 cm, 49 ff. inum.].

TRADUÇÃO PORTUGUESA: *Relação da conquista e perda da cidade do Salvador pelos holandeses em 1624-1625*. [São Paulo], s.ed., 1961. 25 pp., 49 ff. inum., 274 pp. (Brasiliensia Documenta, vol. I. Moderatore et Auctore Edgard de Cerqueira Falcão).

TEXTO ALEMÃO

[...]

188. (*f. Gijv*) [*"Kalten bad werden verboten"*] Wegen grosser Hiß / Vngeduld / vnd zu erhaltung gesunder Leibes / begaben sich die vnseringen offt in das Meer zu waschen / welches den Trommelschlag / wie keiner sich solte in kalten Bad an den Seestrand befinden lassen / vnd bey hoher Leibestraff unsere commendatores verboten. Dann in vorigen Lagen vnterschiedliche Matroosen vnd Soldaten übel von den Meersischen / gifftigen Meerthieren vnd Gewächsen zugerichtet worden sind.

[...]

233. [*f. J4r*] [*"Ginritt deß Hispanischen Generals"*] Im mense Majo Anno 1625. erschallete ein wahres Geschrey / der General anfangete: Traten derhalben die Hispanischen Soldaten strack ins

TRADUÇÃO

[...]

(*p. 196*) Como, devido ao grande calor [*em Salvador, no mês de janeiro de 1625*], à inquietação e ao desejo de conservar o corpo limpo, muitos dos nossos costumassem banhar-se no mar, foi proclamada, ao som de tambor, a proibição, sob pena de severo castigo corporal, de, quem quer que fôsse, banhar-se no mar, junto à ribeira, pois, alguns dias antes, vários marinheiros e soldados haviam sido ali muito maltratados por peixes e outros animais e plantas peçonhentas marinhas.

[...]

(*p. 213*) No mês de Maio de 1625, levantou-se verdadeiro alarido de que chegava o general [*Dom Frederico de Toledo*], pelo que todos os soldados espanhóis correram às armas. Na frente do

Gewehe. Da ritten anfänglich etliche Trommeter / hernacher drey **Coronellen**, darnach zween Printzen von Portugal vnd Neapolis / dann der Hispanische General **Don Friderico de Toledo**, für welshen allen die Hispanische Fahnen vermög Kriegsmonier das **signum reverentiae** erwiesen / vnd etliche **scharfi** vor jnen geschehen / <...>

[...]

248. (*f. Kijr*) [*"Johannis festum wird auff dem Meer celebrirt"*] Anfänglichen im Monat Junio deß 1625. Jahnr an den Johannis Abend **celebrireten** die Hispanier **festa inauguralia**, dreyer mit diesen Namen **Johannis consecrirten** Gallionen / der gestalr: Sie hefften vor das erste in der Johannis Nacht auff alle Masten / Kehen / vnd in die Mastkörbe / brennende Laternen / welche in der Lufft gleich Sternen anzusehen waren / sungen die Litaney auff Hispanisch / behingen am Johannis Tag zu früh die drey Schiffe mit Wimpeln vnd Fahnen / flanckireten mir allen Stücken vnd gaben die Musquetirer fort vnd fort eine scharsi nach der andern darauff Fewer.

249. [*"Petri vnd Pauli Festū"*] Am Tag Petri vnd Pauli mit ebenmessigen **ceremonien** etlichen Gallionen wider fuhre.

[...]

cortejo cavalgavam vários trombeteiros[265], logo após três coronéis, depois dois príncipes de Portugal e **Nápoles**, e a seguir o general espanhol Dom Frederico de Toledo, ao qual tôdas as bandeiras, conforme as praxes militares, prestaram sinal de homenagem, sendo disparadas várias salvas; <...>

[...]

(*p. 216*) Em fins do mês de Junho do ano de 1625, celebraram os espanhóis, na noite de São João, a **festa inauguralia** de tres dos seus galeões consagrados com o nome dêsse santo; na **véspera**, à noite, ascenderam luzes em todos os mastros, vêrgas e cestos de gávea dos referidos galeões, que brilhavam no ar como se fossem estrêlas; cantaram a ladaínha em espanhol, e, na manhã do dia de São João [*24 de junho de 1625*], enfeitaram os ditos três galeões com flâmulas e bandeiras, salvaram com descargas de artilharia, enquanto os mosqueteiros não cessavam de dar salvas sôbre salvas.

No dia de São Pedro e de São Paulo [*25 de junho*], igual cerimônia ocorreu com alguns outros galeões.

[...]

265 . A tradução correta é **tambores**. ALFREDO DE CARVALHO leu **Trompeter** (aqueles que tocam trombeta), no lugar de **Trommeter** (aqueles que tocam tambor). Há outras informações sobre instrumentos militares no texto de ALDENBURGK, que não transcrevemos para evitar a redundância, encontradas nos seguintes lugares (indicamos a localização na versão alemã e na versão brasileira: **blasen und Tampern** (trombetas e tambores), f. Cijr (p. 165); **Trommeter** (tambores), f. Er (p. 178); **Hörnern** (cornetas), [f. 4r] (p. 191); **Trommeter** (tambores), f. Jiijv (p. 212); **Tampor major** (tambor mór), f. Kiijr (p. 218).

127

JOHANNES BAERS

(1580 - 1653)

LIVRO: OLINDA CONQUISTADA. Amsterdam, Hendrick Laurentsz, 1630.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A primeira e única edição holandesa deste livro, que existiu na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo (L.R.-17-4-35) leva na página de rosto o seguinte título (copiado da ficha de catálogo da BMMA): *Olinda, Ghelegen int Landt van Brasil, inde Capitania van Phernambuco, met Mannelijcke dapperheyt ende groote courage inghenomen, ende geluckelijck verovert op den 16. Februarij Ao. 1630. Onder het beleydt vanden seer Manhaften ende cloeck moedighen Zee-helt, den Heere Henrick Lonck, Generael weghen de Geoctroyeerde West-Indische Compagnie, over een machtige Vloote Schepen, door den Wel-Edelen, seer gestrenghen ende grootachtbare Heere Diederich van Waerdenburg, Heere van Lent, Velt-Overste ende Colonel over dry Regimenten Infanterie; cort ende claer beschreven, door Johannes Baers. [...] Amsterdam, Voor Hendrick Laurentsz, 1630* [18 X 14; 2 ff. inum.; 38 pp.]. Esse livro foi traduzido em 1898 por ALFREDO DE CARVALHO, saindo novamente em 1977 em edição facsimilada pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco, na « Coleção Pernambucana », vol. XI, juntamente com a tradução do mesmo ALFREDO DE CARVALHO (1897) do livro de Ambrosio Richshoffer.

NOTA SOBRE O AUTOR: Capelão da Companhia das Índias Ocidentais em Pernambuco, Baers relata fatos observados "in loco".

EDIÇÃO E TRADUÇÃO PORTUGUESA UTILIZADA: OLINDA CONQUISTADA | Narrativa | Do | Padre João Baers. | Capellão Do | C.el Theodoro de Waerdenburch | Traduzida Do Hollandez | Por | Alfredo De Carvalho | (...) | Recife | Typographia De Laemmert & C. Editores | 1898. (XIV, 54 pp.; IEB: LR-3-19] (Para a História de Pernambuco, II).

[...]

[21.] (...) (*p. 14*) a 14 de Fevereiro de 1630, chegamos á vista da terra do Brasil, e no mesmo dia começamos a preparar-nos para bem executar o designio e bom plano da Companhia, para cujo fim foram ordenados pelo Senhor General e Conselho Secreto, e observados á tarde preces geraes em toda a frota. N'esta occasião fiz uma predica sobre o texto do Exodo, Cap. XVII, do vers. 8 a 14, e entoamos, tanto antes como depois, o Psalmo XIV[266], terminando com uma pia e fervorosa oração[267] a Deus.

[...]

[28.] (*p. 16*) Quando acabei de fallar o Sr. Coronel deu-me a mão, exaltando-me a magnanimidade do Senhor, si provêsse popal-o e concedesse-lhe a victoria. E assim partio elle de bordo [*no dia 15 de fevereiro de 1630, para Olinda*], e os seus quatro clarins laçaram ao ar notas marciaes. (...)

[...]

[38.] (*p. 30*) Em seguida, como estivéssemos completamente senhores da praça [*em batalha no dia 16 de fevereiro, na cidade de Olinda*], os nossos arvoraram immediatamente as suas bandeiras (*p. 31*) nos fortes, e desfraldaram-na pelas janellas do Convento dos Jesuitas a fóra, para que nós nos navios soubessemos que a praça tinha sido conquistada, como o Nobre Sr. Coronel promettêra a meu pedido fazer para que nós, que no entretanto tínhamos jejuado e orado, como os primeiros nos alegrassemos ouvindo e vendo que a cidade fôra tomada. Fizemos então uma oração de graças a Deus e entoamos-lhe um hymno de louvor[266], ainda n'esta mesma noute provamos e saboreamos, com gratidão e prazer, as fructas da terra, como laranjas e limões, para regalo nosso e alivio dos nossos doentes.

[...]

266 . Nota de HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA (*Música sacra evangélica no Brasil*, 1961, cap. III, p. 50, nota 53): « Trata-se realmente do **Salmo 140**, como teve a autora oportunidade de verificar no original holandês de JOHANNES BAERS (*Ob. cit.*, p. 12), e não do **Salmo 14**, como refere JOÃO FRANCISCO DA ROCHA POMBO (*História do Brazil* ilustrada. Rio, Benjamin de Aguila Editor, s.d., vol. IV, p. 191, nota 1 ao pé da página) transcrevendo um trecho da tradução portuguesa de Alfredo de Carvalho (**Olinda Conquistada**. Narrativa do Padre JOÃO BAERS, capelão do Col. THEODORO DE WAERDENBURCH. Recife, Tip. de Laemmert e Cia., Editores, 1898, p. 14), cujo engano se atribui a êrro de revisão. O fato de não se ajustar o texto do **Salmo 14** às circunstâncias em que foi entoado, coisa que normalmente não deve acontecer, induziu a autora à busca do original holandês, para verificação, na Secção de Obras Raras da Biblioteca Nacional, desfazendo-se a dúvida ».

267 . HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA (op. cit., 1961, cap. III, pp. 49-50) informa: « Este culto, conforme o uso da Igreja Reformada, constou de prédica, hinos e orações. O sermão pronunciado baseou-se em Êxodo 17:8 a 14, tendo sido entoado pela assembléia, antes e depois da pregação, o **Salmo 140** ». A autora dá, na p. 50, a música deste salmo, composta por LOYS BOURGEOIS (1510-1572), que transcrevemos no EXEMPLO MUSICAL IV-A, a partir do *Psalmen en Gezangen*. Amsterdam, De Evangelische Gezangen Compagnie N.V., 1928, p. 349. A versão holandesa da primeira estrofe (o cântico tem 13 estrofes) deste salmo, que em latim principia por « Eripe me, Domine, ab homine malo », é a seguinte: « O Heer, verlos mij uit de banden, | Waarin de booze mij betnelt; | Behoed mij voor des wreedaards handen, | Voor dwingelandij en woest geweld ». Uma tradução de MANOEL DA SILVEIRA PORTO FILHO é anexada pela musicóloga à p. 51: « Da fúria má e da violência | que sôbre mim tu vês cair, | teu bom cuidado e providência | oh! faze os laços destruir! ».

268 . HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA (op. cit., 1961, cap. III, p. 54) também comenta este trecho: « Isto foi realizado a bordo pelos que não haviam desembarcado, entre os quais se contava o capelão, que dirigiu o culto imediatamente após o hasteamento da bandeira holandesa nos fortes e no Convento dos Jesuitas, conforme previamente combinado ».

128

DIOGO LOPES DE SANTIAGO

(séc. XVII)

DOCUMENTO: HISTÓRIA DA GUERRA DE PERNAMBUCO. c. 1635 ou depois.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Este documento foi publicado na RTIHGEB, vol. 38, 1875, parte I, pp. 249-336, vol. 39, 1876, parte I, pp. 97-195; 223-409, vol. 40, 1877, parte I, pp. 411-504, vol. 41, 1878, parte I, pp. 142-181; 387-429, vol. 42, 1879, parte II, pp. 91-104; 157-196 e vol. 43, 1880, pp. 5-80; 191-262. Sem data, seu titulo é: « *Historia da guerra de Pernambuco e feitos memoraveis do mestre de campo João Fernandes Vieira Herôe digno de eterna memoria, primeiro acclamador da guerra. Por Diogo Lopes de Santiago* ».

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo a *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira* (v. XXVII, s.d., pp. 284-285), DIOGO LOPES DE SANTIAGO foi « Escritor e mestre de Gramática que n. no Porto e viveu em Pernambuco no séc. XVII, sendo ali professor de Gramática ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Revista Trimestral do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brazil*. Rio de Janeiro, B.L. Garnier – Livreiro-editor, vol. 38, 1875, parte I. 496, VI pp.

LIVRO 1º

CAPITULO IV – Da armada de Hollanda que vein sobre o Arrecife e Villa de Olinda e de como os hollandezes a tomaram, e outras cousas particulares d'estas guerras.

[...]

[8.] <...> (*p. 271*) Dispostas estas cousas, e preparada a villa e Arrecife para sua defesa da nossa parte [*a 14 de fevereiro de 1630*], Loncq general do mar chegou em ordem de peleja com sua náos embandeiradas, tocando caixas, trombetas e clarins, e chegando junto da força do mar despediu um batel com um tambor e embaixada <...>

[...]

CAPITULO VIII

[...]

[8.] <...> (*p. 301*) Deram de subito em Igaraçú [*os holandeses, a 2 de maio de 1632*] ás nove horas da manhã, tocando suas trombetas, <...>

[...]

LIVRO QUINTO

CAPITULO V

[...]

[4.] <...> (*p. 215*) Outros moradores os foram tambem seguindo e matando a cavallo em companhia dos mestres de campo, os quaes, deixando algumas companhias e indios pelos caminhos, que ainda no seguinte dia prenderam e mataram a muito numero hollandezes, se recolheram pelas oito horas da noite [*de 19 de fevereiro de 1649*] ás trincheiras, onde passaram mui contentes e alegres pela victoria tão insigne que Deus lhes havia concedido, rendendo-lhe immensas graças pelo bem que Pernambuco recebêra, mandando-se tocar muitas trombetas, charamelas e caixas com outras demonstrações de alegria por tão glorioso vencimento.

[...]

129

LUIZ FIGUEIRA

(1574/1575 – 1643)

DOCUMENTO: **MEMORIAL SOBRE A CONQUISTA DO MARANHÃO.** Lisboa, 10 de agosto de 1637.

TEXTO: O manuscrito pertence à coleção Studart e foi publicado na RTIC vol. 24, 1910, pp. 215-399, entre os « Documentos para a Historia do Brasil e Especialmente a do Ceará (Collecção Studart) », com o título: « *162, 8 e 10 de Agosto de 1637 Sobre hu memorial que fes Luiz figra Religioso da Companhia de Jesus sobre as cousas tocantes a conquista do Maranhão* », com a assinatura « Miguel de vasconcellos e brito », em « Lx.ª a 10 de ag.to de 1637 ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Revista Trimestral do Instituto do Ceará*. Fortaleza, Typ. Minerva, 1910. v. 24, 425 pp.

[...]

[*27.*] <...> (*p. 244*) e que podia afirmar com toda a verdade que vira [*Luís Figueira*] no Brasil alguas Aldeas de yndios cõ a administração dos padres [*da Companhia de Jesus*] com suas Igrejas muito limpas e bem concertadas e providas de tudo o necessario ao culto divino com charomelas e musicas, e os yndios tão contentes acodindo ao serviço da republica que senão lembravão já de sua gentelidade, <...>

[...]

130

PEDRO CADENA DE VILHASANTI

(séc. XVII)

DOCUMENTO: CARTAS. Bahia de Todos os Santos, 1638.

TEXTO: Apógrafo. Arquivo Histórico Colonial de Lisboa. Títulos « 1638 - *Bahia de todos os S.tos | Cartas de Pero de Cadena de | Vilhasanty | Provedor mor da fazenda de S. Mag.de do Estado do Brasil | em que relata o suseso que ouve todos | os dias | e vitoria que tiverão contra | Enrique de Nasão e das ofertas que ali se fizerão a sua M.de | He segunda via | A primeira já se vio no Conselho da fazenda Esta se mandou guardar* ». No final: « Bahya 13 de Mayo de 1638 annos ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A edição de 1941 é a única publicação deste documento, que inclui também 16 outros documentos do Arquivo Histórico Colonial de Lisboa, que versam sobre o mesmo assunto.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: PEDRO CADENA DE VILHASANTI – **Relação Diária Do Cêrco Da Baía De 1638 Por Pedro Cadena de Vilhasanti.** **Prefácio de Serafim Leite; Notas de Manuel Múrias.** Lisboa, Editorial Ática, 1941. 398 pp. (Colecção dos Clássicos da Expansão Portuguesa no Mundo).

[Carta nº 23]

[**1.**] <...> (*p. 57*) Do navio q̃ os olandezes tomarão hontem [*12 de maio de 1638*], não temos novas nenhũas, e não temos isso p. Peor sinal nem o mandarmos hontem a noyte dizer a do Nasao p. hum tambor ás nossas Postas, que se nos a nós Vinha socorro q̃ também elles esperavão pello seu, E pello capi(*p. 58*)tam Manuel glz. <...>

131

[ANÔNIMO]

LIVRO: RELAÇÃO DA VITÓRIA QUE ALCANÇARAM AS ARMAS CATÓLICAS NA BAHIA DE TODOS OS SANTOS CONTRA OS HOLANDESES QUE FORAM SITIAR AQUELA PRAÇA A 14 DE JUNHO DE 1638. Madrid, Francisco Martinez, 1638.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Deste folheto só se conhece uma única edição, a que abaixo citamos.

EDIÇÃO UTILIZADA: [grav.] | RELACTION | De La Victoria Qve | Alcanzaron Las Armas | Catolicas en la Baia de Todos Santos, con-|tra Olandeses, que fueron a sitiar aquella Pla-|ça, en 14 de Iunio de 1638. Siendo Go-|uernador del Estado del Brasil | Pedro de Silua. | Impresso con licencia del Real Consejo de | Castilla, y conferida y ajustada en el Su-|premo de Estado de Portugal. [na última página, f. 6v, ao final:] En Madrid, Por Francisco Martinez, año 1638. [31 X 21; 6 ff. n.n.] [BIEB: LR-3-27].

[...]

[23.] (*f. 6r*) En 27. [*de junho de 1638, na Bahia, após derrota dos holandeses*] estuuo el Enemigo [*holandês*] embarcado, sin hazer ningun mouimiento, a la tarde embiò a vn trõpeta con vn Ayudãte nuestro q̃ tenia detenido, cõ doze de los prisioneros q̃ lleuaua, pidiendo los suyos; <...>

[24.] En 28. por la mañana se hizo a vela, sin esperar q̃ llegasse el trompeta, con perdida de dos mil hõbres, mil que matarõ los nuestros en el discurso del sitio, y mil prisioneros y heridos. <...>

[...]

132

ADRIAEN VAN DER DUSSEN
(? – 1642)

DOCUMENTO: **RELATÓRIO SÔBRE AS CAPITANIAS CONQUISTADAS NO BRASIL PELOS HOLANDESES.** s.l., 10 de dezembro de 1639.

TEXTO: O título, características e localização do manuscrito de DUSSEN não é fornecido por JOSÉ ANTÔNIO GONÇALVES DE MELO NETO nem por JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro II, cap. VII, nº 741, p. 351), ao comentário referente a esse documento tece as seguintes considerações: « [...] O Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano possuía uma cópia trazida da Holanda pela diligência e esfôrço do benemérito estudioso José Higino Duarte Pereira. Em 1944, sugerimos ao então Presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool, Dr. Barbosa Lima Sobrinho, que promovesse a tradução e publicação dêsse documento de tanta importância para a história econômica e especialmente para a história do açúcar brasileiro. Indicamos-lhe, depois de recusar o seu convite para esta tarefa, o Dr. *José* Antonio Gonçalves de Melo, neto, que dela se desempenhou com capacidade e inteligência. O editor não se limitou a traduzir. Preparou uma boa introdução e fez anotações críticas que aumentam o valor desta publicação ». JOSÉ GONÇALVES DE MELO NETO, por sua vez, faz novo comentário na introdução de sua tradução (p. 23): « Servimo-nos para a tradução do relatório de van der Dussen, da cópia MS do original que possui o Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Essa cópia serviu-nos de base para a tradução, aproveitando em certos trechos a lição do texto publicado por S. P. L'Honoré Naber [(nota I, p. 9:)] « Caspar Barleus, Nederlandisch *Brazilie Onder Het Bewind van Johan Maurits Grave van Nassau 1637-1644 Naar de Latijnsch uitgave van 1647 voor het eerst in het Nederlandsch bewerkt door S. P.* L'Honoré Naber. S-Gravenhage, 1923, sendo que o relatório de van der Dussen está às págs. 150 / 199. »] O MS em poder do Instituto não está, infelizmente, completo: faltam-lhe algumas páginas, extraviadas durante o largo período em que jazem ao abandono a documentação holandesa que hoje compõe a Coleção José Higino daquele Instituto. (...) ».

TRADUÇÃO PORTUGUESA: *Relatório sôbre as capitanias conquistadas no Brasil pelos holandeses (1639)*. Suas condições econômicas e sociais. Tradução, introdução e notas de José Antonio Gonçalves de Mello, neto. Rio de Janeiro, Instituto do Açúcar e do Álcool, 1947. 168 pp. (Série História, v. III).

[42] **ARMAZENS**

[1.] (*p. 118*) Tôdas estas fortificações [*situadas ao sul do Recife*] deixamos razoàvelmente providas de munição de guerra, com exceção de utensílios, como pá, enxada, picaretas, carros de mão. E para que V. Exas. possam verificar o estado em que ficaram os armazéns de artilharia, de munição e o trem, quando de nossa partida [*em 8 de outubro de 1638*], damos abaixo a lista do que existia em depóstio como reserva: (...)

[2.] (*p. 119*) Do seguinte material nada há em estoque: escopetas, piques longos, meios-piques, padiolas com seus cintos, sabres com seus cintos, trombetas, pás, enxadas, couro para tambores, picaretas, enxadões, machados grandes, pás de pedreiro e martelos, colheres de pedreiro, pás para cal, tirantes para animais, peles de carneiro para ...[wissers? onissers?]..., papel grosso, ceifadeiras, carvão para ferreiro, pregos de todos os tipos, pranchas, material para polir espadas, esmeril em pó, pranchas para carregar, fôrmas para balas de mosquête

[...]

133

[LUÍS LOPES]

(1597 – 1676)

DOCUMENTO: **RELAÇÃO DA VIAGEM DO SOCORRO QUE O MESTRE DE CAMPO D. DIOGO LOBO LEVANTOU NAS ILHAS DOS AÇORES.** s.l., 1639.

TEXTO: Biblioteca Pública de Évora, CXVI / 1-14 a nº 1, ff. 1r-56r. Título [f. 1r]: « *Relaçam da viagem do socorro que o mestre de campo D. Diogo Lobo levantou nas ilhas dos Açores e levou, em 16 navios, a cidade da Bahia, e das cousas mais notaveis que, neste caminho, socederam, principalmente na nao nossa senhora de Guadalupe* ». No f. 56r, com letra diferente: « Foy escripto em 1639, governando a Bahia o conde da Torre (Dom Fernando de Mascarenhas) o qual para alli partira em 1638 ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: As publicações que incluem este documento estão listadas no *Le Brésil Au XVIIe Siècle* de FRÉDÉRIC MAURO, p. 15. Esta, no entanto, é a melhor e mais fiel impressão.

NOTA SOBRE O AUTOR: Na « Introduction » de sua edição [infra cit., p. 13], MAURO diz de LUÍS LOPES: « Entré dans la Compagnie de Jésus à 14 ans, il fait ses études au *noviciat* d'Evora où il enseigne bientôt et finit même par occuper des postes de direction. Puis il est nommé Secrétaire de la Province du Brésil et enfin revient au Portugal comme recteur des collèges de Coimbra et Évora. Il meurt en 1676 à l'âge de 79 ans ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: FRÉDÉRIC MAURO – *Le Brésil Au XVIIe Siècle. Documents Inédits Relatifs À L'Atlantique Portugais.* Coimbra, separata de *Brasilia*, XI, 1961, 1ère Partie. Vers le Brésil – [1] Relação da viagem do socorro, pp. 11-68.

[...]

[2.] [*f. 1v*] (*p. 20*) Dada esta notícia ao Mestre do Campo [*"D. Diogo Lobo", de "que estavam em vespera de Sancto Ignacio" (30 de julho de 1639), nas proximidades da Ilha de Santa Maria*], se recolheram os Padres com os cantores que hiam na nao [*Nossa Senhora de Guadalupe, saída da barra de Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, a 25 de julho de 1639*] a cantar as vesperas a seu santo patriarcha (nas quaes capitulou o P. Frey Helias, religioso do Carmo, que hia na mesma nao para da Bahia passar ao Maranhão). Eis que no fim dellas deu a capitania huma salva das cargas de mosquetaria, levantando de 4º bandeyras da infantaria na popa; as quaes respondeo o Capitam da infantaria Paulo Machado de Lemos com huma salva de duas cargas de mosquetaria, lançando o Capitam do navio sua bandeyra de quadre por popa, a qual subio tambem o alferes da infantaria com a sua bandeyra e o tambor e pifano; alentando o Capitam a todos os [*f. 2r*] seus soldados com sua presença em todo o tempo que durou a salva, que se faz em cada huma carga 90 mosquetes e em cada salva 180.

[3.] Nam quis o Capitam e Mestre do navio em que hiam os Padres, chamado Antonio de Salazar, ficar atraz na piedade e devoçam para com este glorioso santo, e por esta causa mandou desparar tres peças de artilheria grossa a sua custa. Acabadas estas salvas, disseram todos em voz alta: Viva S. Ignacio. E se fez huma boa chacota diante do altar que estava armado no convés a parte direita do masto de mezena e bastantemente ornado com huma devota imagem da Senhora de San Lucas e outra da Senhora de Guadalupe e hum crucifixo, e não faltavam pastilhas e pivetes. À chacota se seguiram varias cantigas em louvor do Santo com que se passou a tarde alegremente, estando o convés em todo este tempo tam quieto como se fora terra firme, e por esta causa pode o tambor da chacota[269] fazer mil peças[270] em lugar bem apertado.

[4.] Em amanhecendo do dia seguinte, empavesouse o navio e lançou seus rabos de gallo do alto dos mastareos. Ouviram o P. Visitador [*D. Pedro de*

Moura] e seu companheyro [*Luis Lopes*] de confissam a alguns soldados e marinheyros, e a seu tempo se tornou a armar o altar (porque hé (*p. 21*) necessario tirallo logo em se acabando os officios divinos para dar expediçam aos marinheyros), e disse o Padre companheyro [*Luis Lopes*] a 1ª missa e nella deu a comunham a 15 pessoas seculares; a 2ª missa disse o P. Frey Helias, Religioso do Carmo [*f. 2v*] que, como fica dito, passava no mesmo navio para o Maranhão; a 3ª missa disse o P. Visitador, a qual foy cantada ao modo que usam os Padres da Companhia em Portugal; o Frey Helias cantou a Epistola. Acabada a missa ouve pregação dos louvores do Santo Padre Ignacio, a qual fez o P. companheyro do P. Visitador [*Luis Lopes*]. Depois da pregaçam, mandou o Capitam Paulo Machado dar outra salva de duas cargas de mosquetaria; e o Capitam e Mestre do navio mandou desparar outras tres peças grossas; e tudo socedeo muito bem e no cabo deram vivas a S. Ignacio.

[...]

[6.] (*p. 21*) Era conviniente que tendo o Capitam da infantaria e o Capitam e mestre do navio e o piloto e mais cantores mari-[*f. 3r*]nheyros e soldados celebrado como podiam a festa do glorioso Patriarcha S. Ignacio, os Padres se mostrassem agradecidos e convidassem ao Capitam da infantaria Paulo Machado de Lemos e ao Capitam e mestre do navio, Antonio de Salazar, e ao piloto, por nome Pantaleam Rangel, e ao P. Frey Helias e a hum homem nobre do rancho do Capitam da infantaria, chamado Lourenço de Lima, a huma honesta refeiçam; e assim o fizeram e lhes deram jum jantar moderado, qual se podia esperar de religiosos tam graves e apontados em suas cousas; e posto que este dia era ja o settimo de viagem, ainda se acharam boas algumas cousas das que se costumam trazer de refresco. O jantar se deu no castello de popa diante da camara do mestre e piloto, e se constou das cousas seguintes: 1ª caldo de gallinha; 2ª gallinha assada, mea para cada hum; 3ª carneyro cozido; 4ª carneyro assado; 5ª gallinhas com arroz; 6ª marram, presunto, chouriços de Alentejo e (*p. 22*) hum payo; 7ª queyjo de Alentejo, azeytonas, perrexil. Nem faltou na mesa agraço, linões, limas, biscouto de Lisboa e S. Miguel, vinho de Peramanca, pasto de Evora e vinho bom de S. Miguel, [*f. 3v*] huma caxa de perada, confeitos, bolos de açucar e ginetes, peras de S. Miguel e melam bastante. De tudo se comeo com a devida sobriedade. E porque nam era possivel pela estreiteza do lugar serem mais os convidados, mandou o P. Visitador o dia dantes dar aos musicos das vesperas e missa meyo carneyro, hum frasco de vinho e hum queyjo de Alentejo; e aos marinheyros hum carneyro, e repartir entre os marinheyros e soldados hum barril de sardinha de Setuval que tinha hum milheyro.

[7.] Acabada a mesa, de que os convidados mostraram a devida satisfaçam, mandou o Capitam Paulo Machado de Lemos chamar alguns mancebos destros no baylar, que o fizeram muito bem, e tornou a chacota que o fez com muito louvor. E deste modo se gastou boa parte da tarde em louvor e festa de S. Ignacio, e os Padres em todas as occasiões deram as graças e se mostraram muito obrigados aos que com tanto affecto os ajudavam a celebrar a festa do seu santo fundador. <...>

[...]

[9.] [*f. 4r*] (*p. 22*) E o dia que fizemos mençam das missas e pregaçam [*31 de julho*], vesporas e salvas de mosquetaria e artilheria grossa que ouve no navio **Nossa Senhora de Guadalupe** em honra de S. Ignacio, hé justo que a façamos tambem das ladainhas de Nossa Senhora que todos os dias se cantaram no mesmo navio la sobre a tarde na forma seguinte. Concertavasse com huma bandeyra o lugar da banda direyta do masto da mezena, e logo se punha a imagem da Senhor de S. Lucas, de que arriba fallamos, e se dava sinal com a campainha para que acudissem os cantores [*f. 4v*] e estivessem attentos os soldados e marinheyros; e postos todos de joelhos, e principalmente o Capitam Paulo Machado de Lemos que em (*p. 23*) tudo era sempre o primeyro, começavam o P. Visitador e o P. Frey Helias a entoar as ladainhas em canto-cham e respondiam os cantores, repetindo sempre o mesmo que os Padres

entoavam, ora em canto-cham, ora em canto de organ. Acabada a ladainha, diziam todos em voz alta "Senhor Deos Misericordia" 3 vezes; e logo se tocava o tambor para os soldados entrarem de guarda[271]. E entraram nella todos os dias e vigiavam seus quartos como se estiveram cercados de inimigos; e este custume se guardou sempre em toda esta viagem.

[...]

[14.] <...> [*f. 6v*] (*p. 25*) Vespora de S. Lourenço a tarde [*terça feira 9 de agosto, "na costa da Guiné"*] se cantaram vesporas solennes no navio **Nossa Senhora de Guadalupe** a honra do insigne martyr S. Lourenço, e a instancia de Lourenço de Lima, soldado e home nobre e morgado da villa [*f. 7r*] Praya da ilha Terceira por ser esta devoçam de seu pay e de todos seus filhos e filhas religiosas. Capitulou nas vesporas o P. Companheyro [*Luis Lopes*] do P. Visitador do Brasil. Acabadas as vesporas, se deu huma salva com duas cargas de mosquetaria em honra do glorioso martyr e a custa do ditto Lourenço de Lima. <...>

[...]

[15.] [*f. 7v*] (*p. 25*) Em amanhecendo tornou a mandar o mestre empavezar o (*p. 26*) navio [*a 10 de agosto*] e lançar bandeyra de quadra por popa e seu rabo de gallo do alto do mastareo sobre o masto grande. Confessaramse algumas pessoas, e a seu tempo se começaram as missas, estando o altar bastantemente ornado. A primeyra disse o P. Visitador, na qual deu a comunham a 4 pessoas seculares, a 2ª o P. Frey Helias, e a 3ª, que foy cantada, o P. Companheyro [*Luis Lopes*] do P. Visitador [*D. Pedro de Moura*] do Brasil; e nella, acabado o Evangelho, fez o P. Visitador hum sermão em louvor de Deos e dos louvores do [*f. 8r*] glorioso S. Lourenço. Acabada a missa e recolhidos os ornamentos sagrados, se deu outra salva de mosquetaria em louvor do glorioso martyr. <...>

[...]

[22.] [*f. 13v*] (*p. 31*) Vinhase chegando a tarde deste domingo, 14 de agosto e vespora da Virgem Nossa Senhora da Assumpçam; e era bem que em reconhecimento de tantos beneficios para o navio [*que se encontrava próximo das Ilhas de Cabo Verde*] recebidos em tal dia, nos mostrassemos agradecidos a Virgem Sacratissima; e assi se lhe cantaram suas vesporas, nas quaes capitulou o P. Visitador [*D. Pedro de Moura*]. Ellas acabadas, se rezou a ladainha da mesma Senhora. A noite e na menham de dia seguinte [*15 de agosto*] houve confissões. Disse o P. Companheyro [*Luis Lopes*] a 1ª missa na qual deu a comunham a 23 ou 24 pessoas, e entre ellas ao [*f. 14r*] Capitam da infantaria (*p. 32*) Paulo Machado Lemos, ao Capitam e mestre do navio Antonio de Salazar, ao piloto, contramenstre e escrivam da nao. A 2ª missa disse o P. Frey Helias, que por certa indisposiçam a nam pode dizer o dia dantes. A 3ª cantou o P. Visitador e, acabado o Evangelho, pregou o P. companheyro [*Luis Lopes*].

[...]

[38.] [*f. 21v*] (*p. 39*) A tarde parou a Capitanea e com ella as mais, esperando pola Almiranta e hum navio frances que hia na companhia mas nam por conta d'el Rey, e despedio a Almiranta e ao frances a cada qual seu pataxo com avizo de que nam soubemos a materia. A noute [*de 2 de setembro, sexta-feira*] ouve no navio **Guadalupe** muito tanger e cantar. Foy esta noute toda clara e fresca, e no principio della espertou o Sul e continuou esperto toda a noute. <...>

[...]

[45.] [*f. 25v*] (*p. 43*) A menham da 4ª feyra, 7 de settembro, foy mais bem engraçada do que a [*f. 26r*] noute promettia; teve porem suas nuves de nevoas com que se toldou, mas estas altas, e as partes parecia o ceu. O vento Sul esperto. A tarde aclarou o ceo. E a seu tempo se cantaram as vesporas em honra do nascimento da Virgem Nossa Senhora. Capitulou o P. Visitador [*D. Pedro de Moura*]. <...>

[...]

[74.] <...> [*f. 45v*] (*p. 60*) Passou pela nao **Guadalupe** este pataxo [*"do Capitam Lemos", quarta-feira, 28 de setembro*] no tempo em que cantavamos a ladainha e nos deu huma salva de mosquetaria, por ser particular amigo do Capitam da infantaria Paulo Machado de Lemos. <...>

[...]

[77.] [*f. 47v*] (*p. 61*) A menham do domingo [*2 de outubro*] foy clara, o vento Lestnordeste, o (*p. 62*) mar quieto e igual, o navio direito. Este foy o 2º dia de outubro e o 6º da viagem. A suas horas se disseram tres missas: a 1ª disse o P. Companheyro [*Luís Lopes*] e nella deu a communham a 7 pessoas seculares e foi da Dominga, a 2ª o P. Visitador [*D. Pedro de Moura*], [*f. 48r*] e foy de S. Francisco de Borja, que foi o 1º dia do mes; e a 3ª o P. Frey Helias, e foi cantada e de Nossa Senhora do Rosario que, no primeyro domingo deste mes de outubro, se custuma celebrar em terra firme nas igrejas aonde há confrarias do Rosario; no fim desta 3ª missa, pregou o P. Companheyro da Vitoria, Rosario e do B. Francisco de Borja sobre o **Beatus Venter** etc. ... <...>

[...]

Summa breve de toda esta relaçam

[...]

[88.] [*f. 54r*] (*p. 67*) Partimos da ilha de S. Miguel aos 25 de julho. Aos 31 de agosto vimos a ilha de S. Antam, que há das dez de Cabo Verde, a mais affastada da terra firme; e aos 14 do mesmo, tivemos vista de dous navios grandes, e nos persuadimos seriam olandezes ou as naos da India. Aos 18 de settembro passamos a Linha, e aos 9 de outubro lançamos ferro na Bahia. Nestes 76 dias nam tivemos mais calmaria que tres dias a vista da Ilha de S. Maria. Ouve missa todos os domingos e santos. Tivemos 4 vezes vesporas solennes e 5 vezes [*f. 54v*] missa cantada, e ladainhas de Nossa Senhora cantadas todos os dias. As missas, por todas (contando huma que disse o P. Frey Helias, dia do Apostolo Santiago em que partimos da barra de Ponta Delgada, depois do P. Visitador e seu Companheyro embarcados, os quaes, na madrugada do mesmo dia, disseram missa no seu collegio, e, depois de se embarcarem, armaram o altar e emprestaram o ornamento ao P. Frey Helias para, com sua missa, consolar os soldados e marinheyros que estavam tristes por nam terem commodo para satisfazer ao preceito) foram 49, das quaes foram 5 cantadas e 44 rezadas. Nellas se deu a communham em toda a viagem a 90 pessoas seculares. Fizeram o P. Visitador e seu companheyro nesta jornada 15 pregações e huma doutrina solenne. <...>

[...]

269 . **Chacota**, para RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário portuguêz e latino*, v. II, 1712, p. 266) é « Companhia de molheres, que se ajuntaõ a cantar, & dançar. Feita de danças, & instrumentos ». PEDRO SINZIG (*Pelo mundo do som*, 1959, p. 147) dá « dança e canto popular antigo, alegre e ruidoso », transcrevendo, ainda, boas informações de ERNESTO VIEIRA.

270 . A palavra **peça** tinha, para a música daquele período, o mesmo significado que tem hoje. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário portuguêz e latino*, v. VI, 1720, p. 340) diz: « Peça que poem à viola, ou a qualquer outro instrumento musico ». Porém, o termo mais usual para as intervenções desse instrumento (**tambor**) era **rebaixadas**.

271 . ENRIQUEZ DE VALDERRÁBANO (1965, v. II, pp. 12 e 93) no *Libro de musica de vihuela, intitulado Silva de Sirenas*, de 1547, traz uma peça para duas "vihuelas" intitulada "Para discanto", onde uma delas se limita a repetir um único compasso durante toda a obra. Sobre esse fragmento, há um comentário do próprio autor: « Esta música es para discantar sobre un punto o consonancia, que es un compás que comunmente llaman el atambor ». A figuração rítmica desse compasso, que pode ter sido extraída de algum tipo de toque de tambor, é

| $\frac{3}{2}$ 𝅗𝅥 ♩ ♩ 𝅗𝅥 |.

134

MANUEL SEVERIM DE FARIA

(1583 – 1655)

DOCUMENTO: HISTÓRIA PORTUGUESA E DE OUTRAS PROVÍNCIAS DO OCCIDENTE DESDE O ANO DE 1610 ATÉ O DE 1640. s.l., após 1640.

TEXTO: Nem o Barão de STUDART, nem JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES fornecem indicações mais precisas sobre este documento, além da nota do primeiro (no verso da página de rosto de sua edição), que diz: « Biblioteca Nacional de Lisboa A.6.27. Volume que pertenceu à Collecção Viaieiro ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Esta é a única edição deste documento, que somente contém as informações relevantes ao Brasil. No mesmo livro, são impressos documentos inéditos, referentes ao assunto (Apêndice, pp. 69-225).

NOTA SOBRE O AUTOR: MANUEL SEVERIM DE FARIA foi sacerdote, chantre da Sé de Évora, grande erudito e escritor português.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *História Portuguesa e de Outras Provincias do Occidente Desde O Anno de 1610 Até O De 1640 da Felice Acclamação de El Rey Dom João O 4º Escritta em Trinta e Huma Relações Por Manoel Severim de Faria Chantre da Sé de Evora Copiado na parte que diz respeito ao Brasil, pela 1ª vez publicado e annotado pelo Barão de Studart.* Com um Appendice de quarenta e quatro Documentos, ineditos, pertencentes à Colecção Studart. Fortaleza, Typ. Studart, 1903. 225 pp. [BIEB: 1-d-1].

[3] Desde Abril de 1615 até Março de 1616.

[...]

[3.] <...> *(p. 10)* Dando-se com isto os Francezes por senhor do campo [*"ficarão os nossos cercados e privados de todo o socorro"*], mandarão a 20 de Novembro [*de 1615*] 50 canoas sobre o nosso Forte [*na Ilha do Maranhão*], das quaes desembarcarão com grande estrondo de artilharia e Trombetas tres mil Tupinambás frecheiros com 200 Francezes, gente escolhida, em que entrarão m.tos personagens de França. <...>

[...]

138

ANTÔNIO TELES DA SILVA

DOCUMENTO: CARTA. Bahia, 04 de junho de 1644.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Sem título, este documento foi incluído por SERAFIM LEITE na edição do livro de VILHASANTI, na parte II, apêndice I, documento II (pp. 167-171), datado (p. 171) « Bahia 4 de Junho de 1644 » e assinado ao final por ANTÓNIO TELES DA SILVA. O original é do Arquivo Histórico de Lisboa.

NOTA SOBRE O AUTOR: ANTÔNIO TELES DA SILVA foi o 19º Governador Geral do Brasil, empossado a 30 de agosto de 1642 e substituído por Antônio Teles de Menezes a 26 de dezembro de 1647.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: PEDRO CADENA DE VILHASANTI – *Relação diária do cêrco da Baía de 1638 por Pedro Cadena de Vilhasanti.* Prefácio de Serafim Leite; Notas de Manuel Múrias. Lisboa, Editorial Ática, 1941. 358 pp. (Colecção dos Clássicos da Expansão Portuguesa no Mundo).

[1.] <...> (*p. 168*) Nam esperando por esta resposta, se resolveram [*"o povo"*] a levantar hum motim, & a querer tirar por força o cofre da caza do Governador, a quem foy necessario mandar tocar caixa, & por se em defensa; <...>

[...]

135

ANÔNIMO

LIVRO: RELAÇÃO DA ACLAMAÇÃO QUE SE FEZ NA CAPITANIA DO RIO DE JANEIRO DO ESTADO DO BRASIL E NAS MAIS DO SUL AO SENHOR DOM JOÃO IV. Lisboa, Jorge Rodrigues, 1641.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: O texto de 1641 foi reimpresso em edição facsimilar em 1940 (Coimbra, Tipografia Atlântida) e, em 1976, incluído em *O movimento academicista no Brasil*, de JOSÉ ADERALDO CASTELLO (São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, v. III, tomo 1, pp. 3-12). A página de rosto da primeira edição está transcrita abaixo.

EDIÇÃO UTILIZADA: *RELAÇAM | Da Aclamaçam | Que Se Fez Na Capitania Do | Rio de Ianeiro do Estado do Brasil, & nas mais do | Sul, ao Senhor Rey Dom Ioão o IV. por verdadeiro Rey, & Senhor do seu Reyno de Por-|tugal, com a felicissima restituição, | q delle se fez a sua Magestade | que Deos guarde, &c.* | [grav.] | Com todas as licenças necessarias. | Em Lisboa. | Por Iorge Rodriguez Anno 1641. | Acusta de Domingos Alures liureiro [Composto e impresso na Tip. da Atlântida, Coimbra, 1940]. 17 pp.

[...]

[3.] <...> (*p. 14*) Foy o principio das festas [*"A noite do dia de Pascoa ultimo de Março", de 1641*] hũa encamizada em que passarão mostra alegrãdo todas as ruas da cidade cento e dezaseis cavaleiros <...>. E para mayor alegria se lhe agregarão dous carros ornados de sedas, e aparatos de ramos, e flores, e tan prenhados de musica, que em cada principio de rua parecia que o Coro do Ceo se avia humanado, (*p. 15*) acção do Lecenceado Iorge Fernandes da Fonsequa, e obrada com seus filhos unicos nesta arte, e que mereceo o louro assi da invenção, como do sonoro.

[...]

137

JOHANNES DE LAET

(1593 - 1649)

LIVRO: HISTÓRIA OU ANAIS DOS FEITOS DA COMPANHIA PRIVILEGIADA DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS [ATÉ 1636]. Leyden, Abraham Elzevier, 1644.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Este opúsculo holandês, bastante raro, teve uma edição dos quatro primeiros livros vertidos para o português em 1874, por JOSÉ HIGINO DUARTE PEREIRA (Pernambuco, Typografia do Jornal do Recife). A tradução de Pedro Souto Maior, dos livros restantes (5 a 13) foi publicada em 1916 juntamente com o trabalho de Souto Maior. A edição holandesa apresenta o seguinte título: *Historie* | *Ofte* | *Iaerlijck Verhael* | *Van de* | *Verrichtinghen der Geoctroyeerde* | *West-Indische Compagnie,* | *Zedert haer Begin / tot het eynde van 't jaer* | *sesthien-hondert ses-endertich;* | *Begrepen in Derthien Boecken,* | *Ende met verscheyden koperen Platen verciert:* | *Beschreven door* | *Ioannes De Laet* | *Bewint-hebber der selver Compagnie.* | [grav.] | Tot Leyden, | By Bonaventuer ende Abraham Elzevier, Anno 1644. | Met Privilegie. [31 x 20; 15 ff. inum.; 544 pp.].

NOTA SOBRE O AUTOR: JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro II, cap. III, nº 2, p. 65) informa: « Nascido em Antuérpia, Laet foi diretor da Câmara de Amsterdam da Companhia das Índias Ocidentais e membro do Conselho dos XIX. Teve à mão papéis oficiais muitos dos quais ele próprio redigiu. Homem de extraordinária erudição, participou do Sínodo de Dordrecht, quando se discutiu o dogma da predestinação, debateu com as maiores figuras da época a origem dos índios americanos e escreveu várias descrições geográficas ». *L'Histoire du nouveau monde ou description des Indes Occidentales...*, de JOHANNES DE LAET (Leyden, Bonaventura e Abrahan Elzevier, 1640) contém, na p. 497 (livro XV, cap. IX), uma gravura de instrumento indígena brasileiro feito de frutos de *aguaí* que não é encontrado em nenhuma outra obra anterior ao século XX, nem mesmo na primeira edição desse livro, *Nieuwe Wereldt ofte Beschrijvinghe van West-Indien...* (Leyden, Isaack Elzevier, 1625).

TRADUÇÃO PORTUGUESA: JOANNES DE LAET - *Historia Ou Annaes Dos Feitos Da Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes desde o seu começo até ao fim do anno de 1636 Por Joannes De Laet Director da mesma Companhia - Traducção dos Drs. José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior.* Rio de Janeiro, Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional. Vol. I (livros I-VII), 1919, 278 pp.; Vol. II (livros VIII-XIII), 1925, 2ff. pr., 384 pp. (numeradas 279-662). [BIEB: 14-b-7/8].

VOLUME I

LIVRO PRIMEIRO

[II] 1624

[...]

[5.] <...> (*p.* 46) O vice-almirante apezar do fogo bem nutrido da bateria, bem como do da praia, deu cumprimento a esta ordem com tanta presteza e tanto denodo, que primeiro o seu corneta 272 / 273, (*p.* 48) depois elle, e em seguida a sua gente sucessivamente saltaram na plata-fórma [*poucos dias após 8 de maio de 1624, na costa da Bahia, durante batalha com os portugueses*]. <...>

[...]

VOLUME II

LIVRO UNDECIMO

[III] – 1634 –

[...]

[243.] (*p. 467*) Desembarcaram [*os holandeses, na costa da Paraiba, a 27 de novembro de 1634*] e como houvesse ahi dous caminhos, preferiam o que (*p. 468*) ficava ao lado direito, porque parecia ser melhor; mas escolheram mal, pois seguindo por elle não encontraram casa alguma e voltaram para os seus botes; mas mal deram alguns passos, os Portugueses atearam fogo a um armazem de assucar, o qual estava entre o matto acima do outro caminho.

[244.] Os nossos, despeitados por lhes escapar aquelle espolio e suppondo não encontrar mais navios acima no rio, tocaram as trombetas e voltaram aos navios capturados. <...>

[...]

[247.] (*p. 468*) A barca sendo levada mais perto do monticulo [*"de areia; n'um dos que estão do lado esquerdo quando se sobe", em 29 ou 30 de outubro de 1634*] com bastante trabalho (por-(*p. 469*)que o Coronel teve de pouca vontade), o inimigo [*português*] atirou com tanta furia que as barricadas, que os nossos fizeram naquele bordo do navio, de caixões vazios e pipas cheias de velas e cabos, mal os podiam proteger. No bote ficou ferido um marinheiro, de sorte que ninguem queria embarcar nelle e um outro na caravela, pegando tambem fogo as velas que collocaram para a sua defesa; e o inimigo tinha ardor que não prestava attenção aos tiros dos nossos yachts e das nossas columbrinas. O coronel vendo que a caravela dessa forma não podia ser levada fóra mandou dous botes ao yacht, em que se achava o capitão Baut com os seus mosqueteiros (os quaes não haviam estado no rio), dando-lhe ordem que desembarcasse tanta gente quanto possivel, um pouco acima do inimigo. Elle mesmo

mandou remar com toda a força para o inimigo e veio pelo outro lado com trombetas e grande vozeria de guerra, cahindo-lhes em cima tão ligeiro, que aquelle ficou em tal confusão que não deu mais um tiro contra os nossos, e foi-se embora deixando uma parte dos seus casacos presos nos arbustos e muitas forquilhas fincadas nos parapeitos, e, apanhando-se no matto, nem uma vez ousaram olhar para traz; estavam com elles duas tropas de indios, que não foram os mesmos activos em correr. <...>

[...]

DECIMO TERCEIRO LIVRO

[I] 1636

[...]

[22.] (*p. 571*) Ao amanhecer [*do dia 18 de janeiro de 1636, "no meio do caminho entre Camaragibe e a povoação de Porto Calvo, cerca de duas pequenas leguas desta ultima", em batalha campal com portuguesas*] fizeram uma oração a Deus, a qual poude ser ouvida pelo inimigo e depois as trombetas tocaram a alvorada e em seguida rufaram os tambores a despertar; o inimigo não respondeu a nenhum desses toques e conservou-se tranquilo. <...>

[...]

[81.] (*p. 587*) O Coronel [*Artichau*] mandou o capitão Duynkerker dar um assalto com a sua divisão [*a 21 de abril de 1636, numa localidade entre Itapecerica e Terra Nova, a oeste*] e vendo que esses o fizeram em grande desordem, quasi todos abandonando o seu commandante, avançou elle mesmo e deixando a divisão do almirante em ordem de batalha juntou 30 ou 40 homens da de Duynkerker que ainda estavam reunidos e depois de exhortal-os a portarem-se bem, dirigio-os ao lado direito por uma espessa monta á emboscada do inimigo, não querendo se retirar para a divisão do almirante senão quando fosse necessario. O inimigo [*português*] vendo isso não fez grande

resistência, mas sahindo de sua emboscada (*p. 588*) poz-se a fugir para o espesso do matto e abandonou o seu principal quartel com um montão de farinha feita recentemente, muitas armas e os seus instrumentos musicaes, tambores, utensilios de missa, calices e formas de ferro onde faziam as hostias e juntamente uma tonelada de polvora, uma caixa com balas, uma porção de carros de bois, negros, livros e papeis que haviam roubado no campo e outras cousas mais. <...>

[...]

[115.] <...> (*p. 598*) As duas companhias de fusileiros [*holandeses.*] chegando no dia 16 [*de novembro de 1636, ao "rio pedregoso de Itapicurá"*], o Coronel [*Artichau*] partio com firme resolução de atacar o inimigo e tendo repelliido as sentinellas que estavam postadas na distancia de legua e meia adiante, passou Sto. Antonio e avistou-o ao meio dia. O inimigo [*português*] querendo resistir alli aos nossos, dispoz os seus grandes batalhões em ordem de batalha n'um alto monte atraz de um vale difficil, pelo qual os nossos deviam passar para atacal-os: mas como visse que o Coronel, apezar de tudo, desceu do monte visinho encaminhando-se para lá a marcha forçada, a toque de tambores e cornetas[274], começou a desanimar e retirou primeiro a sua emboscada do valle para o monte, e vendo os nossos continuarem a avançar para elle abandonou o monte e embrenhou-se no matto, não esperando nem uma vez chegassem ao alcance de tiro. <...>

[...]

272 . Nota de « Netscher », nesta edição (v. 1, pp. 46-47, nota 1): « Em cada navio havia um corneta, que, na occasião de manobra e durante o combate, estava sempre ao lado do capitão para dar os signaes. Parece que naquella epocha ligava-se muita importância a esta função, pois vemos no **Gesch. Nederl. Zeewezen.** de M. de Jonge, que o salario de um corneta era 20 fl. por mez, o que naquelle tempo era uma paga consideravel ».

273 . Em várias traduções portuguesas, como é o caso, usou-se, erroneamente, **cornetas**, ao invés de **trombetas**. Os termos estrangeiros que devem receber a segunda tradução, como se observa nos documentos da época, são: **trombe** (it.), **Trompetten** e **Trompeten** (al.), **trompettes** (fr.) e **trumpets** (ingl.). O único caso encontrado que admite tradução para **corneta** é o termo alemão **Hörner**, de JOHANN GREGOR ALDENBURGK (*West-Indianische Reiße*, 1627, f. F4r).

274 . A melhor tradução continua sendo **trombetas**.

138

ANTÔNIO TELES DA SILVA

DOCUMENTO: CARTA AO REI DE PORTUGAL, D. JOÃO IV. Bahia, 15 de outubro de 1645.

TEXTO: Esta carta, datada de « Bahia quinze de Outubro de seiscentos e quarenta e cinco », foi publicada na coleção « Alguns documentos novos para a Historia da restauração pernambucana com um prefacio de J. Lucio de Azevedo », às pp. 302-309.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Vol. 78: pp. 302-309. 1910.

[...]

[13.] <...> (*p. 308*) e depois de ratificadas as mesmas pazes, e com som de caixas e trombetas publicadas individualmente em cada uma das nossas conquistas, passaram os hollandezes a ganhar, como o fizeram a nossa fortaleza de Assem na Costa da Mina, e foram debaixo da visita de paz assaltar no Bengo aos nossos moradores. <...>

[...]

139

BALTAZAR TELES

(1596 – 1675)

LIVRO: *CRÔNICA DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVÍNCIA DE PORTUGAL.* Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1645.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Esta obra, em dois volumes, nunca foi reeditada. A « Segunda Parte » não traz informações que interessem à música no Brasil.

NOTA SOBRE O AUTOR: BALTAZAR TELES foi religioso da Companhia de Jesus, insigne humanista, filósofo e teólogo. Jamais esteve no Brasil.

EDIÇÃO UTILIZADA: CHRONICA | DA | COMPANHIA | De Iesv, | Na Provincia | De Portugal; | E Do Qve Fizeram, Nas Conquistas | d'Este Reyno, os Religiosos, que na mesma Provincia entrárão, | nos annos em que viveo | S. Ignacio Loyola, | nosso Fundador. | Pelo P. M. Balthazar Tellez | da mesma Companhia, natural da cidade de Lisboa, | & nella Lente de Prima de Theologia. | PRIMEIRA PARTE, | Na Qual Se Contem Os | principios d'esta Provincia, | No tempo, em que a fundou, & governou | O P. M. Simão Rodrigues, Com sua sancta vida, & morte. EM Lisboa. | Com todas as licenças necessarias. | Por Paulo Craesbeeck. Anno do Senhor M.DC.XXXXV. [1645]. [BIEB 16-a-4; 28 X 19 cm; 12 ff. inum., 709 pp.].

Livro Terceiro DA CHRONICA Da Companhia De Iesv, Nos Reynos De Portvgal.

Capitvlo IV. Continúase a mesma materia, em especial dos custumes dos naturaes do Brasil; *&* das barbaras ceremonias, com que comem a carne humana.

[...]

6. <...> (*p. 448*) [*col. 1*] [*"Das ceremonias q̃ usam, quãdo trazem algum Tapuya cativo"*] Ao entrar da aldea, até chegar a casa, ou choupana do que o cantivou, vem con festas, bailos, & cantigas, & o Tapuya cativo, vem fazendo seu bailo da guerra, com estranha braveza, sem mostra alguma de sentimento. <...>

7. [*col. 2*] [*"Do modo cõ q̃ trazẽ o Tapuya pera o matarem"*] Chegando o dia assinalado, primeiro o vam lavar a hum rio, pera hir mais purificado, & dahi o trazem com grande festa, de bailos, & de cantigas, dizendolhes, que nam estranhe fazerem lhe o que elle, & seus parentes muitas vezes a outros tinham feito: <...>

8. <...> (*p. 449*) [*col. 1*] [*"Descreve-se o modo cõque sahe o matador do Tapuya"*] Entra no terreiro, aonde se hà de executar a morte, acompanhado com seus padrinhos: começa a dar varios passos, como prologo que entra no theatro, antes que comece a lançar a loa: faz logo hum bailo tam terrivel, que mete horror, enchendo o ar de rinchos, de assubios, & alaridos. Nem he pequeno espanto ver apos isto sahir o preso ao terreiro, dando tambem seus saltos, fazeendo suas danças, & assubiando, com tal festa, & alvoroço, como se aquele fora hum dia de gram prazer. <...>

[...]

Capitvlo V. Como o Governador Thomè de Sousa edificou a cidade do Salvador, & do que os religiosos da Companhia fizeram nestes principios, ensinando os gentios, & pretendendo tirarlhes o custume de comer carne humana

[...]

10. (*p. 455*) [*col. 2*] [*"Traças, q usavam os Padres para bautizar estes gentios presos."*] hiam os Padres muy dissimulados, com pretexto de quererem assistir âquella sua solemnidade: pediam licença, entravam no terreiro, viam as danças, ouviam as musicas, & fianlmente assistiam em toda a festa; <...>

[...]

Capitvlo VI. Do sancto zelo, & virtudes do P. Manoel de Nobrega (primeiro Provincial da provincia do Brasil) em quanto esteve em Portugal.

1. (*p. 456*) [*"O que os Gregos fingiam de Orphèo."*] FOy tam estimado entre os Gregos, aquelle seu tam celebrado cantor Orphèo, que nam sòmente lhe engastáram a sua cithara, entre as mais nobres costellaçoẽs do cèo, mas tambem a elle o contavam entre os seus Deoses mais milagrosos, atribuindolhe, entre outros dos seus falsos milagres, que com a suavidade da cithara, & melodia da voz, trazia apos si os penhascos, tornãdoos tam brandos, como se fossem cordeirinhos. Nam èram os sábios de Grecia tam ignorãtes, q chegassem a persuadirse, que Orphèo abrandava as pedras, & amansava as féras; porém quizeram, como prudentes, significar por estas alegorias a grande sabidoria de Orphêo, merecedora de elles o canonizarẽ, pois foy o primeiro mestre, q tiveram os Gregos, quãdo mais agrestes, & quãdo mais incultos, (*p. 457*) [*col. 1*] & quando mais dados a ter por melhor iguaria (como os Aymurés no Brasil) o prato da carne humana.

2. [*"Os Brasis estam hoje muy domesticados"*] O que de Orphéo fingio a antiguidade de Grecia, vemos em nossos dias cõprido na gẽtilidade do Brasil, que verdadeiramẽte parece hũ novo encantamẽto de vozes divinas, & musicos celestiaes, <...>

140

KASPAR VON BAERLE

(1584 - 1648)

LIVRO: HISTÓRIA DOS FEITOS RECENTEMENTE PRATICADOS DURANTE OITO ANOS NO BRASIL. Amsterdam, Johannes Blaev, 1647.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Este livro foi reeditado em latim (*Res Brasiliae...*, 1660), alemão (1659) e holandês (1923), antes de surgir a tradução portuguesa de 1940 (reeditada em 1974 pela Itatiaia-EDUSP) e em 1980 pela Fundação de Cultura da Cidade do Recife.

NOTA SOBRE O AUTOR: RUBEN BORBA DE MORAIS (*Bibliographia brasiliana*, c. 1983, v. I, p. 78) informa: « Casper van Baerle, Barlaeus as he wrote it in Latin, or Barleu as he is known by Brazilians, was one of the great Dutch humanists of the seventeenth century. His poetry, in Latin, was much appreciated in his time, and besides his poetical works, he left several books on other subjects. But it is not because of these works that he is remembered by posterity. If today his name is constantly recalled it is, above all, by Brazilians, and by reason of his classic work on the government of Maurits van Nassau in Pernambuco ».

EDIÇÃO UTILIZADA: *Casparis Barlaei,* | *Rervm Per Octennivm* | *In* | BRASILIA | *Et alibi super gestarum,* | *Sub Praefectura Illustrissimi Comitis* | *I. MAVRITII,* | *Nassoviae, &c Comitis,* | *Nunc Vesaliae Gubernatoris & Equitatus Foederatorum* | *Belgii Ordd. sub Avriaco Ductoris,* | HISTORIA. | [grav.] | Amstelodami, | Ex Typographeio Ioannis Blaev, | MDCXLVII. [1647] [No f. anterior:] Res | BRASILIAE | Imperante | Illvst.^{mo} Comite | I. Mavritio. | Nassoviae etc. Comite. | [grav.] | Seneca In Medea. | Tipisqve | Novos | Deteget | Orbes. | C[*N* e *I* superpostos]D [46 X 29; 8 ff. inum.; 340 pp.; 4 ff. inum.; pls.] [BIEB: 26-q-2].

TRADUÇÃO PORTUGUESA: GASPAR BARLÉU – *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o govêrno do ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau Etc., ora Governador de Wesel, Tenente-General de Cavalaria das Províncias-Unidas sob o Príncipe de Orange.* Tradução E Anotações De Cláudio Brandão. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Ministério Da Educação, MCMXL [1940]. 1 f. inum.; XVI, 424 pp.; 2 ff. inum. [BIEB: 26-q-3].

TEXTO LATINO

[...]

[11.] <...> (*p. 23*) [*"In hospites effusi"*] Rectè aut perperam factis nec praemia superesse post obitum, nec supplicia arbitrantur. [*"Officia circa mortuos."*] Qui è vita discessere vel integro corpore, vel mutilatos membra, aut vulneribus confossos, descendere ad inferas sedes putant. quamobrem incremata cadavera condunt terra, addito reti cubandi causa, nec non cibariis in aliquot dies. quod persuassum habeant, & dormire interim & cibos capere manes mortuorum. Obitus suorum immodicè lugent, mensem integrum ejulatibus exigunt, in terram se excordes projiciunt, &

TRADUÇÃO

[...]

(*p. 26*) [*"Deveres para com os mortos."*] Não admitem [*"os brasileiros"*] haja para as boas ou más acções prêmios ou castigos depois da morte. Creem que os mortos descem aos infernos com o corpo inteiro, ou com os membros mutilados, ou traspassados de feridas. Assim, enterram os cadáveres sem queimá-los, colocando junto dêles uma rêde para dormirem e alimento para alguns dias, pois estão persuadidos de que as almas dos defuntos comem durante êsse tempo. Choram imoderadamente a morte dos seus, passam em pranto um mês inteiro, atiram-se ao chão como loucos, terminando êstes trágicos

de conciliatione agi. Secundus florem milii ostentans de hujus ubertate vaticinium edebat. Tertius lapidem lacteum monstrans lactis copiam recitabat. Quartus ad lapidem, qui panis figuram hadebat, alterius proventus felicitatem loquebatur. Quintus arcum telumque plumis circumdatum proferens haec Angelorum dona asseverabat, & plumarum numerum totidem ferarum capturam interpretabatur. Sextus ostenso lapide cereo uberiores mellificii praesagia aperiebat. atque hoc omni apparatu opus esse, ut placato Numine, subsiderent aquae, & dicti proventus agris redderentur. [*"Septem-Triones pro Numine habent"*] Numinis loco Vrsam majorem venerantur sive Septem triones, quos à figura Plaustrum cum vulgo vocamus. hoc sidus cum mane adspectant, gestiunt laeti. illi cantus suos & saltus aliaque nuncupant. <...> Quotannis per aestatem, distinctis catervis & exercitibus, ad tripudia, hastilium concursus aliosque ludos Septem-trionibus sacros conveniunt. [*"Festum"*] festum tridui est. plumis diversicoloribus insignes prodeunt antagonistae, velut ad Olympica certamina. pedes arborum corticibus vinciunt & circumligant, quae ligaturae pro ocreis sunt. melle caput illinunt, crine super verticem in nodum, instar Sicambrorum, torto. cui plumam oblongam elegantemque infigunt novi mirmillones. caput rubro pulvere adspersi & corporis reliqua picti. [*"Certamina"*] Brachiis nectunt alas Avis **Kobitub**, pendente à tergo thyrso frondeo; collum rediniti pulcherrimarum plumarum corona. Tales congrediuntur & certamina incoeptant. Victor victo inusitatis & non aemulandis saltibus exprobrat. [*"Anguibus vescuntur."*] Quod si occultas inimicitias inter se foveant, ludos in serias caedes & mutuas lanienas vertunt. uxores liberique spolia & pugnae *(p. 256)* praemia fiunt. <...> [*"Amicorum cadavera vorant."*] Defunctorum cadavera sacerdotes membratim dissecant. Vetulae assandis artubus ignes atruunt, lachrymisque &

darem os augúrios, porquanto nenhuma autra cerimônia sagrada merece tanta *fé*, não só por parte da plebe, mas também dos próceres e do rei.

Começavam-se tais consultas bebendo-se, cantando-se e dançando-se. Lá estavam seis adivinhos para vaticinarem. O primeiro, iniciando o vaticínio, tirou uma pedra e disse que os holandeses haviam travado combate com os baianos, mas já se tratava da reconciliação. O segundo, mostrando uma bandeira de milho, proferiu seu prognostico sôbre a fartura dêste cereal. O terceiro, apresentando uma pedra lacticolor, proclamou a cópia do leite. O quarto exibiu um seixo em forma de pão e significou que se ia ter abundância de farinha. O quinto, deixando ver um arco e uma flecha circundada de plumas, asseverou ser aquilo dom dos anjos e *(p. 283)* interpretou o número das penas como outras tantas caçadas de animais bravios. O sexto, mostrando uma pedra côr de cera, pressagiou maior cópia de *mel* e disse que tôdas aquelas cerimônias eram necessárias para que, aplacado o nume dêles, baixassem as águas, e de novo dessem os campos as referidas producções.

[*"Teem a Ursa Maior por Deus."*] Em lugar de Deus, adoram as tapuias a Ursa Maior ou o Setentrião, a que nós, pelo seu feitio, chamamos com o povo a Carreta. Quando de manhã vêem essa constelação, alvoroçam-se de alegria e dirigem-lhe cantos, danças, etc.

[...]

(*"Festas"*) Anualmente, durante o estio, reúnem-se em bandos e exércitos distintos para bailes, concursos de lanças e outros jogos consagrados ao Setentrião. Dura a festa três dias. Marcham os antagonistas adornados de penas variegadas como para os certames olímpicos. Envolvem as pernas em cascas de árvores, que a eles amarram, servindo-lhes de grevas. Untam a cabeça com mel e torcem o cabelo no alto dela em nó, como os sicambros, no qual cravam uma pluma cumprida e elegante, como novos

nox tragicos hosce motus compotatione & saltibus finiunt. In melancholiam proniores remedia sibi à choreis, canendi modulis, instrumentis musicis, quae propria habent, quaerunt, nec minus, quam hominum alii, feriis ludos interponunt. <...>

[...]

[101.] <...> (*p. 254*) Nec serunt nec inserunt absque sacerdotum ministeriis & consecrationibus. qui agris tabaci fumum adspirant, & fecunditatis imaginatione implent credulos. [*"Ritus peracta semente"*] Peracta semente & plantatione edicto Rex prophetas convocat & populum. illi lectissimis se coloribus distinguunt & plumis elegantioribus ornant. hic se viridantibus coronis redimit. sic una speciosè considunt, de arborum fructibus ad ignem exsiccant, exsiccatos contundunt, & contritos aquis permiscent. has bibunt, donec revomant. ordine dein suo surgunt sacerdotes cantillantes, sublatisque coelum versus fistulis, eo stant corporis situ ac si spectri alicujus coelistis & in aëre visi contemplatione tenerentur. Est cui fasciculus è Struthionum plumis à tergo dependet. qui distractis plumis amplisatus in rotae curulis ambitum patet. Est, qui plumulas leviores vento obvertit, ut, unde spiret, exploret. In illum plumarum fasciculum delabi coelitus panem omnium opinio est. qui si copiosior fuerit, opinam messem, sin parcior, parcam pollicetur. Cum Anno CIↃ IↃC XLI mense Aprili intumuissent in fluminibus aquae, maximis agricolarum damnis, consulti fuere super tanta cala-(*p. 255*)mitate Prophetae. allati ex adytis & regia Calabassa lapides omen facturi. nec enim ulli sacro major fides, non solum apud plebem sed & proceres & Regem. haec consulta à potibus, cantu & saltationibus ordiebantur. Stabant prophetae vaticinaturi sex. Primus prolato lapide vaticinium auspicatus, Belgas cum Bahiensibus praelio commissos perhibebat, & jam

transportes com um festim e com danças.

Propensos à melancolia, procuram disspá-la com cantilenas e instrumentos músicos, que teem próprios, e, tanto quanto os outros homens, intercalam os entretenimentos com as cousas sérias.

[...]

(*p. 283*) [*"Ceremonias por ocasião da plantações"*] Os tapuias [*que constituem 14 aldeias na "serra que aparta o Brasil das terras ocidentais", nas Alagoas*] não semeiam nem plantam sem o auxílio e consagrações dos seus sacerdotes, que sopram sôbre os campos o fumo de tabaco e enchem os crédulos com imaginação de fecundidade. Feita a semeadura e a plantação, o rei convoca pùblicamente os adivinhos e o povo. Êles pintam de formosíssimas côres e se enfeitam com as penas mais elegantes. O rei cinge uma coroa verdejante. Assim se sentam juntos naquela pompa, secam ao fogo frutos de árvores, trituram-nos depois de secos e misturam-nos, depois de moídos, na água, a qual bebem até vomitá-la. Em seguida, levantam-se os sacerdotes uns após os outros, cantarolando e, erguendo para o céu flautas de cana, permanecem com o corpo em tal imobilidade, como se estivessem enlevados com a contemplação de alguma visão celeste, manifestada no ar. Alguns há que trazem pendurado às costas um feixe de plumas de ema, o qual aberto tem a circunferência de uma roda de carro. Outros há que lançam ao ar penas mais leves para verificarem donde sopra êle. É opinião de todos que o pão cai do céu naquele feixe de plumas, e, se êste for mais abundante, promete colheita farta: se, ao contrário, for mais escasso, pressagia colheita diminuta.

Como em Abril de 1641 engrossassem as águas dos rios, com vultosos danos para os agricultores, foram os adivinhos consultados acerca de tamanha calamidade. Trouxeram-se as pedras dos áditos e da cabaça do rei para

ejulatu exequias celebrant. illas citò, dolorem tardius deponunt. feminae ossa tenus carnem dentibus abradunt, non saevitiae signo, sed affectus & fidei. [*"Etiam ossa. Et pilos."*] Magnatum cadavera à magnatibus devorantur, caput puta, manus, pedesque. ossa sollicitè asservant, usque in festi solennis celebritatem. tunc illa in pulverem redacta & aquis diluta deglutiunt. idem fit corporis pilis, quos consanguinei bibunt. nec ad saltus suos cantusque redeunt, nisi absumtis omnibus, quae à cadavere reliqua fuere. [*"Regis inaugurandi mos."*] Regem inauguraturi adsunt examina prophetarum & sacerdotum, plumisque & coloribus fulgida balsamo exquisitiore Regem inungunt ac coronam ex pulcherrimis plumis contextam augusto capiti imponunt. Dein ad cantus & hymnos redeunt, inerque ipsa publicae laetitiae signa, si fortè memoria defuncti subeat, in lachrymas & ululatus tragicos effunduntur. <...>

[...]

mirmilões, polvilhando a cabeça com um pó vermelho e pintando o resto do corpo. [*"Lutas"*] Atam aos braços as asas da ave chamada Kohituh, pende-lhes das costas um festão de folhagem e cinge-lhes o pescoço uma gola das mais lindas penas. Desta maneira se encontram e travam os combates. O vencedor zomba do vencido com saltos insólitos e inimitáveis. Alimentam uns contra os outros inimizades ocultas e transformam os seus jogos em sérias matanças e mútuas chacinas. As mulheres e os filhos tornam-se os despojos e os prêmios da luta.

[...]

[*"Devoram os cadáveres dos amigos"*] Os sacerdotes talham membro a membro os cadáveres. As velhas acendem fogueiras para assar os membros e celebram exé(*p. 285*)quias com lágrimas e lamentações. Depressa as terminam, mas guardam mais tempo a sua dôr. As mulheres comem as carnes e as raspam até os ossos, não em sinal de inimizade, mas de afeto e felicidade.

[*"E também os ossos e os cabelos"*] Os cadáveres dos magnatas são devorados pelos magnatas, isto é, a cabeça, as mãos e os pés. Guardam cuidadosamente os ossos até a celebração do seguinte festim solene. Então os engolem reduzidos a pó e dissolvidos em água. O mesmo se faz com os cabelos do defunto que os parentes bebem, e não voltam às suas danças e cantos senão depois de consumirem todos os restos do cadáver.

[*"Maneira de sagrarem o rei"*] Para sagrarem o rei comparecem magotes de adivinhos e sacerdotes e, fulgentes de plumas e côres, ungem-no com um bálsamo precioso e põe-lhe na augusta cabeça uma coroa tecida das mais lindas plumagens. Depois repetem os cantos e hinos e, se durante essas mostras de regozijo público, se lembram por acaso do defunto, derramam lágrimas e soltam medonhas ululações. O rei domina mais por uma autoridade suasória que imperativa, a não ser que alguém trame violência contra êle, o que será funesto ao autor.

[...]

141

[ANÔNIMO]

LIVRO: JORNAL DA VIAGEM DA FROTA DOS PAISES BAIXOS UNIDOS PARA O BRASIL [EM 1648]. Amsterdam, J. van Hilten, 1648.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: RUBEM BORBA DE MORAIS (*Bibliographia Brasiliana*, c. 1983, v. I, p. 430) indica o título da edição holandesa: *Journael Van de Reyse van de Vlote uyt de Vereenighde Nederlanden na Brasilien, Verhaelende alles 't geen is voorgevallen Mitsgaders, De Bataille tusschen den Heere Generael Sigismundus Schoppe, ende den Generael van de Portugiesen. Beginnende van den 17 Januarij Anno 1648. Tot den seventhienden May. Alles beschreven door een Capiteyn Leytenant van het Legher van den voorsz Heer Generael Sigismundus Schoppe.* t'Amsterdam, Gedruckt by J. van Hilten, Boeckverkooper in de Beursstraet, in de geborduyrde Handtschoen. Anno 1648. [18 X 14; 4 ff. inum.]. MORAIS indica ainda, tradução portuguesa do P. Geraldo Pauwels nas *Publicações do Arquivo Nacional*, volume XXVI (1930), anterior à utilizada no presente trabalho.

TRADUÇÃO UTILIZADA: *Jornal da Viagem da Frota dos Paises Baixos Unidos para o Brasil Principiando no dia 17 de Janeiro do anno de 1648 até o dia 17 de Maio.* Rio de Janeiro, Officinas Graphicas do Archivo Nacional, 1931. 12 pp. [BIEB: 11-a-10].

[...]

[8.] (*p. 9*) No dia 4 de Abril [*de 1648*] o capitão uyt den Oven, enviado pelo general como embaixador, com um creado levando uma bandeira branca e 2 trombeteiros tocando sem parar, foi a cavallo para o inimigo [*os portugueses, no Recife*], chegando junto delle, foram perguntados pelo que desejavam, respondeu-se que se queria fallar com elles em nome do general Schoppe. Mas os mesmos gritaram apenas: – vão-se embora! temos para vocês apenas polvora e chumbo em ponta da espada –. Voltou pois o sobredito capitão para o nosso acampamento, tendo estado fóra duas horas.

[...]

[24.] (*p. 10*) Para visital-os [*os portugueses da cidade do Recife, em 17 de abril de 1648*], o general Schoppe durante a noite veiu com todo o silêncio (baixinho) para os contingentes novos com todos os regimentos de Antonio Paes e do Recife. E antes de amanhecer estavamos deante da matta na baixada, em ordem de batalha, fortes cerca de 7.000 homens, todos gente escolhida. <...>

[25.] Nesta disposição o general se pôz em marcha, com boa ordem, as bandeiras desfraldadas, ao som das trombetas e o rufar dos tambores, destacando como vanguarda todas as companhias de mosqueteiros, com tres tropas perdidas; <...>

[...]

142

MANUEL CALADO
(1584 – 1654)

LIVRO: O VALEROSO LUCIDENO. Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1648.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Sobre este livro, reeditado apenas no século XX, RUBEM BORBA DE MORAIS (*Bibliographia brasiliana*, c. 1983, v. 1, p. 143), comenta: « The second part of the *Valeroso Lucideno* is not by Father Manoel Calado. A manuscritpt in the Biblioteca do Porto, of which the Biblioteca do Rio de Janeiro has a copy, gives evidence of this. It is, in fact, chapters of the history of the Duch war written by Diogo Lopez Santiago, which was published in the Rev. Inst. Hist. Geo. Bras. ».

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro II, cap. III, nº 2, p. 65), « Frei Manuel Calado do Salvador, português nascido em Vila Viçosa (1584?), que viveu no Brasil (Pernambuco) de 1624 (?) a 1646, quando voltou a Portugal a fim de solicitar de D. João IV apoio para Pernambuco, que sofria as aperturas da guerra. Morreu em 1654, quando terminara a invasão holandesa, sem ter conseguido sua grande aspiração de ser o administrador eclesiástico da capitania ».

EDIÇÃO UTILIZADA: *O* | *Valeroso* | *LVCIDENO,* | *E* | *TRIVMPHO* | *Da* | *Liberdade,* | *Primeira Parte.* | *Composta* | *Por O P. Mestre Frei Manoel Calado* | *da Ordem de S. Paulo primeiro Ermitão, da Congregação dos* | *Ermitas da Serra d'Ossa, natural de Villaviçosa.* | *Dedicado* | *Ao Sereníssimo Senhor Dom Theodosio* | *Principe do Reyno, et Monarchia de Portugal.* | [grav.] | Em Lisboa. | Com licença da Sancta Inquisição, Ordinario, et Mesa do Paço. | Por Paulo Craesbeeck, Impressor, & liureiro das Ordẽs Militares. | Anno do Senhor de 1648. (28 X 18; 7 ff. inum.; 356 pp.) (BIEB: 2-a-22).

O Valeroso LVCIDENO, E TRIVMPHO Da Liberdade. Tratase Da Restavrac,am De Pernambuco, & da expulsaõ do Olandeses, do Estado do Brasil, debaixo do titulo, & acclamção seguinte. Acclmac,am. Morrão as tyrannias, et viua a liberdade! Livro Primeiro.

CAPITVLO II No qual se trata da entrada dos Olandese na villa de Olinda, et como conquistarão toda a Capitania de Parnambuco, et quem forão os que ajudarão nesta empresa.

[...]

[17.] <...> (*p. 18*) foise o Padre [*"Mestre Frey Manoel do Saluador"*] com elles [*"os moradores da terra"*], & ao entrar na povoação, o General do mar Ioão Cornelicem Lictart os mãdou receber com tres cargas de mosquetaria, em modo de festa, & os conuidou a jantar sobre hũas mesas sem toalhas, nem guardanapos, mas com muitos manjares de Olanda, & algũs da terra, que os dous traidores lhe auião mandado, & cõ muitos brindes, & tocar de trombetas, & caixas ao beber do vonho, que tão pouco dinheiro lhes auia custado [275]; <...>

CAPITVLO IIII. Do estado em que ficou Parnambuco com a retirada do Conde de Banholo, & da jornada do Conde de Nasso à Bahia, & de outras cousas notaueis que sucederaõ desde o anno de trinta et seis até o de trinta & noue.

ADVERTENCIA SEGVNDA sobre este capitulo.

[...]

[14.] <...> (*p. 67*) [*col. 1*] o Sargento mòr Pedro de Arenas não tornou para a Bahia, porque morreo em Parnambuco, & o Principe o mandou leuar no seu bargantim por màr, atè o varadouro da villa de Olinda, acompanhado de todos os seus familiares, aonde o vierão buscar o Vigairo, & mais Sacerdotes, que na villa se acharão, com toda a capella da musica, & as cruzes das confrarias, & com grande pópa, & aparato lhe deraõ sepultura na Igreja de São Bento, & lhe fizeraõ officio de corpo presente com tanta solemnidade, q̃ os Olandeses ficaraõ admirados de ver o modo com que os Catholicos Romanos enterrauão seus defuntos, cousa não vsada em suas terras, como o diante diremos, tratando da morte do irmão do Principe.

[...]

CAPITVLO V. Do que sucedeo até a noua da acclamaçaõ do Excellentissimo Senhor Duque de Bargança Dom Ioão, em Rey de Portugal, sucessor, & herdeiro daquella Monarchia por linha direita, & Iure haereditario.

APPENDIX AO CAPITVLO precedente.

[...]

[7.] <...> (*p. 78*) [*col. 1*] Com esta orden foraõ dando volta por a porta do Arrecife, & foraõ dando volta por todas as ruas, sem ninguem falar palaure, antes hiaõ todos em hum profundo silencio, & despois de darẽ volta o todo o Arrecife, entraraõ na Igreja do Corpo Sancto, que a elles lhe serue hoje de prègarem suas falsas seitas, & fazerem suas diabolicas ceremonias, & alli enterrarão o corpo [*do "irmão do Principe Ioaõ Mauricio, chamado Ioão Arneste, o qual tãbem se intitulaua Conde de Nassao"*], metido em huma caixa, sem musica, nem lagrimas, nẽ outras demonstraçoens de preces, & suffragios; & em quanto o enterraraõ, deu toda a soldadesca tres cargas de mosquetaria, & as fortalezas da terra, & naos do màr, despararaõ muitas peças. Isto acabado tornarõ todos acompanhando ao Principe cõ a mesma ordem que auião vindo, até fóra da porta do Arrecife, aonde o Principe com o chapeo na mão, fez a to-[*col. 2*]dos hũa profunda reuerencia; <...>

O Valeroso LVCIDENO, E TRIVMPHO Da Liberdade, Acclamada Na Restavrac,ão de Parnambuco. Livro Segvndo.

CAPITVLO II. Do que sucedeo no Brasil tanto que a elle chegou a noua da acclamação delRey Dom Ioaõ Quarto deste nome.

[...]

[3.] <...> (*p. 108*) [*col. 1*] Logo mandou o Visorrey [*"Marques de Montaluão Dom Iorge Mascarenhas", "no fim do mes de janeiro" de 1641*]

desparar toda a artelharia das fortalezas da Cidade ["*da Bahia*"], & [*col. 2*] de fora della, & de todas as naos, & nauios que no porto estauão. E tãto que se chegou a noite, mandou que todos os moradores da Cidade puzessem luminarias em suas portas, & janelas, & ascender outros muitos fachos, & celebrou a acclamação delRey nosso senhor com muitas encamisadas, & com festas de cauallo, cõ musicas, chacotas, & danças [276], fazendo todas as demonstraçoens de alegria, que lhe foraõ possiueis [277].

[...]

[5.] (*p. 109*) [*col. 1*] Tanto que Ioão Lopes se partio [*da "Cidade Mauricea"*] para a Bahia, tratou o Principe ["*Ioão Mauricio*"] de festejar a acclamaçaõ delRey Dom Ioão com grãdes festas, & ostentaçoens de alegria, & para isto mandou terraplenar, & aplainar huma comprida carreira, que estaua defronte das suas casa, & para que os cauallos se não pudessem desgarrar, mãdou fazer hũa estacada baixa da parte do màr, & muitos palanques, & theatros de madeira, para se assentar a gente que viesse ver as festas; & da outra parte da carreira estauão todas as casas bem prouidas de janelas; & logo tomada boa informação de pessoas que bem sabiaõ deste particular, escreueo cartas a todos os homens mancebos, & bõs caualleiros, & que tinhão cauallos regalados, em toda a Caitania de Parnambuco, para que lhe fizessem merce de se quererem achar com seus cauallos em hũas festas [*col. 2*] solemnes, que pretendia fazer. Tanto pois que os mãcebos caualleiros de Parnambuco se viraõ auisados por as cartas do Principe, logo se prepararaõ de custosas librés, & ricos jaezes, como se requeria para festas que se auião de fazer em honra de seu Rey, & Senhor; & alguns ouue, que para aparecerem ricamente adornados, se empenharão mais do que suas posses, & cabedal alcançaua; & outros pedirão emprestadas a seus amigos, & parentes muitas joias de preço, & de valor; & chegado o dia aprazado [*em abril de 1641*] o qual os recebeo com alegre semblante, & os hospedou à sua mesa com esplendidos manjares, & com muitas musicas, & diuersos, & acordes instrumentos.

[...]

[7.] <...> (*p. 110*) [*col. 1*] Fizerão os caualleiros sua entrada na Cidade Mauricea ["*de dous em dous, misturados hum Olandes, & hum Portugues*"], que antes se chamaua Sancto Antonio. Desta sorte, diante de todos, hião os trombetas tocando seus instrumentos; <...>

[...]

[9.] (*p. 111*) [*col. 1*] No dia seguinte mandou o Principe desparar toda a artelharia, assim da terra, como do màr, & conuidou a todos os caualleiros, aonde ouue muitos brindes, como he costume de sua terra, & com humas ceremonias a modo de jogo, & quem as erraua lhe fazião beber tres vezes em castigo de seu erro, & todas as vezes que se brindaua à saude del Rey Dom Ioão o Quarto deste nome Rey de Portugal, tinhaõ obrigação de se leuatarem todos os circunstantes com os chapeos nas maõs, & não se tornauaõ a cubrir, nem assentar, atè que o brindes não daua volta a toda a mesa; & em quanto o brindes duraua, não se calauão as trombetas, que eraõ muitas, nem paraua o estrondo das caxas de guerra; & se o banquete era jantar duraua a beberronea até a noite, & se era cea atè a madrugada; <...>

[...]

[10.] [*col. 2*] No terceiro dia ordenou o Principe Ioão Mauricio hum jogo de canas, & laranjadas, o qual se fez na praça dos Coqueiros com muito regozijo; o Principe de huma parte com os de sua quadrilha, & da outra os caualleiros Portugueses, & com duas emboscadas de mosqueteiros, os quaes desparauão todas as vezes que o Principe corria, ao som de muitas caixas, & trombetas; <...>

[...]

O Valeroso LVCIDENO, E TRIVMPHO Da Liberdade, E Restavrac,ão De Parnambvco, principiada, & dada à execução por o valeroso Portugues Ioão Fernandes Vieira. Livro Terceiro.

CAPITVLO III. Do principio do aleuantamento da gente de Parnambuco contra os Olandeses.

[...]

[45.] (*p. 196*) [*col. 1*] Foi a chegada de Amador de Araujo a casa do Côuas [*na "mata do Brasil", em julho de 1645*], mui festejada do Gouernader Ioão Fernandes Vieira, & de toda a nossa gente, porque se viraõ com mais cabedal para receberem o inimigo; & muito mais festejada foi a chegada de quatorze Indios do Gouernador Dom Antonio Felipe Camaraõ, armados de mosquetes biscainhos, & com hum trombeta, o qual tocou seu instrumento, & deu por noua que o Gouernador dos mulatos, & negros crioulos Henrique Dias, chegariaõ àquelle sitio dentro em sinco até seis dias, porque jà vinhaõ perto; <...>

O Valeroso LVCIDENO, E TRIVMPHO Da Liberdade, Do Qve Svcedeo Ao Governador Ioão Fernandes Vieira, & aos moradores de Parnambuco, do fim de Iulho de 1645. atè o mes de Nouembro do dito anno. Livro Qvarto.

CAPITVLO II. De outra victoria, que o Gouernador da liberdade Ioão Fernandes Vieira alcançou com os moradores da terra, contra os Olandeses, ~~et~~ das cousas que sucederão atè aos dezasete do mes de Agosto deste presente anno de 1645.

[...]

[18.] (*p. 220*) [*col. 1*] Tocarão os Olandeses trombetas, & caixas[278] [*no "Arrecife" em agosto de 1645*], & com a breuidade que a ocasião pedia, se ajuntarão todos, & formarão seu esquadraõ, fechado com duas mangas de reformação, & se prepararaõ para receber o encontro da nossa gente, a qual tanto que chegou à porteira do pasto do engenho, & vio a cara ao inimigo, **tambem** se preparou para o acometer. <...>

[...]

[20.] <...> [*col. 2*] Arrancou Ioão Fernandes Vieira a espada, & o mesmo fizerão o Camarão, & Henrique Dias, & tanto que Ioaõ Fernãdes Vieira disse. **Viua a Fé de Christo, et a liberdade**, mandou o Sargento mór abalar todo o corpo da gente, vindo elle diante a cauallo, & hum trombeta do Camaraõ deu sinal de acometer, & os nossos negros Minas tambem tocaraõ suas buzinas[279], & tabaques, & fomonos chegado ao inimigo com tal furor todas as partes, que elle se vio pasmado, & perturbado.

[...]

[27.] <...> (*p. 224*) [*col. 2*] Leuantaraõ logo todos os circunstantes as vo-[*col. 2*]zes [*"diante de todos os Olandeses rendidos"*], & com alarido nunca visto, & banhados de alegria, acclamaraõ por tres vezes a victoria, & a celebraraõ ao som de charamelas, caixas, & trombetas, o que tambem fizeraõ os nossos negros Minas tocando suas bozinas, frautas[280], & tabaques[281].

[...]

[31.] <...> (*p. 225*) [*col. 2*] logo o nosso Gouernador tomou nas ancas do seu cauallo a Dona Antonia Bezerra molher de seu sogro Francisco Berenguer: & Francisco Berẽguer nas ancas do seu a sua cunhada D. Izabel de

Goes molher de Antonio Bezerra; & Amaro Lopes de Madeira a sua molher Luzia de Oliueira, que erão as tres molheres que o inimigo tinha presas, & com os duzentos & sinco rendidos, ao som de charamelas, & trombetas, & densadas acclamaçoens de victoria, nos recolhemos todos para a Varsa a descansar do importuno trabalho, & tomar refeição no engenho do Gouernador Ioaõ Fernandes Vieira, intitulado de São Ioão[262]. E suposto que tenho escrito o que me foi possiuel a cerca desta victoria, aonde todos, Capitaens, & soldados, mostrarão seu valor, quero tornala a escreuer em verso, para mais aliuiu, e entreteniměto dos leitores. <...>

[...]

[estrofe 22.] (*p. 227*) [*col. 2*] [*refere-se ao § 20.*]
Dão com os copos em terra, & de repente
Tocão suas trombetas, & atambores,
Em breue espaço ajuntão toda a gente
De Indios, & Belgas, seus Gouernadores:
Formão seu esquadraõ em continente,
Os que tem mais valor perdem as cores,
Os Capitães dão vozes, & os Sargentos
Se perturbão com varios pensamentos.

[...]

[estrofe 64.] (*p. 230*) [*col. 2*] [*refere-se ao § 31.*]
Com duzentos & sinco prisioneiros
Nossos Gouernadores caminharaõ
Para a Varsea, aõde os nossos bõs guerreiros
Do terribel trabalho descansaraõ;
Os outros feros Belgas carniceiros
Mortos na casa, & campo se ficaraõ,
Seis morrerão dos nossos, & feridos.
Trinta & sinco mancebos atreuidos.
Vão caminhando, & tocão charamellas,
Fazem eco as trombetas, & tambores,
Chega o som da victoria atè as estrellas,
Enchemse de alegria os moradores:
(*p. 231*) As molheres se assomão nas janelas
Com ledo rosto, & jà com outras cores
Das que sohião ter bem poucos dias
Antes destas bonanças, & alegrias
[...]

CAPITVLO IIII Das cousas que sucederão dos dezasete de Agosto até o fim do mes, como se nos rendeo a fortaleza do Pontal de Nazareth, no Cabo de S. Agostinho.

[...]
[17.] (*p. 242*) [*col. 2*] No porto de Nazareth se deteue Andre Vidal cõ Martim Soares Moreno sinco dias, & logo se partio para a Varsea de Capibaribe, aonde estaua Ioão Fernandes Vieira, & trouxe em sua cõpanhia a Theodosio de Estrate, & aos soldados officiaes rẽdidos, q̃ se offerecerão para tomar armas por a nossa parte. Aos oito dias de Setẽbro [*de 1645*] fez Ioão Fernãdes Vieira hũa solẽne festa ao nacimẽto da Virgẽ Maria N. S. em acção das graças por a victoria, que seu bẽditissimo Filho lhe auia dado por sua intercessão contra os inimigos de sua sãcta *Fé*, ouue missa cãtada de tres coros, officiada com ricos ornamentos, & ins-(*p. 243*)trumentos

diuersos, & prègou nella o P. Fr. Manoel do Saluador da Ordem de S. Paulo, ainda que estaua muito doente, & em cama, & tão fraco, que em braços o puzeraõ no pulpito, o qual despois de se espraiar nos louuores da Virgem Mãy de Deos, exhortou de tal sorte aos soldados, & moradores a seguir a começada empresa da liberdade, q̃ em muitos causou dòr, & arrependimento de seus erros, em outros lagrimas nacidas de alegria, & em todos tanto feruor, & alento, que sahiraõ da Igreja tão animados, que prometeraõ de hir a balroar com o Arrecife dentro de suas oito fortalezas, & ganhalo, o que senão poz em effeito, porque tomando conselho sobre o negocio, se aueriguou que não se podia conseguir glorioso fim, sõ muitas mortes, & por respeito de puca gente armada que tinhamos, & assi por entaõ se suspendeo a empresa.

[18.] Acabada a Missa, leuou Ioão Fernãdes Vieira a imagem da Virgem nossa Senhora para o seu engenho, & a paz na Igreja de S. Ioão Bautista, que alli tem, aonde de presente estaua o nosso alojamento, & pelo caminho hiaõ os musicos cãtãdo muitos Psalmos, & graciosos motetes, fazẽdo os soldados com a arcabuzeria, & mosqueteria as festas que na milicia se costumão. <...>

[...]

CAPITVLO V. De como os nossos Portuguezes renderaõ as duas fortalezas, que os Olandezes tinhão no Porto do Caluo, & Rio de São Francisco, & de outras cousas notaueis que sucederão atè o fim de Setembro de mil & seiscentos & quarenta & sinco.

SVMMARIO DE COMO A NOSSA gente ganhou a fortaleza do Rio de São Francisco aos Olandeses.

[...]

[9.] <...> (*p. 261*) [*col. 2*] nos deezoito dias do mes [*de setembro de 1645*] estando na barra do Rio [*"de São Francisco"*] sinco embarcaçoens cheas de gente, que os hiaõ soccorrer, naquella noite se ouuio o som de hũa campainha, a qual hia tangendo por entre o nosso corpo da guarda, & se ouuio por algũs dos nossos hũa musica em tom de ladainha, & se vio hũa clara luz: disse entaõ o Capitaõ Pedro Aranha irmão do Cabo de companhias Nicolao Aranha. **Senhores camaradas, sem duvida que isto deuem de ser as almas dos fieis defunctos, que nos vem a soccorrer, eu sou grande seu deuoto, & todos os dias as encõmendo a Deos, & agora neste ponto acabei de rezar as oraçoens que todos os dias offereço a Deos por ellas; isto he boa noua, prometamoslhe todos hũa Missa cantada, tanto que amanhecer, pois à manhaã he segũda feira, & dia em que a sancta Igreja Catholica costuma dizer Missa, & fazer sufragios por ellas.**

[10.] Aprouaraõ os camaradas o bom intẽto, & tanto que a noua aurora apareceo, bordando as nuuẽs de lauores, & alegrãdo o mãr, & a terra com seu fermoso aspeito, se cantou hũa Missa de Requiem pelas almas do Purgatorio, com toda a solemnidade que foi possiuel, & ordenou Nicolao Aranha, que quando o Sacerdote leuantasse o Corpo do Senhor, & seu precioso sangue em alto, para o mostrar ao pouo, desparassem os nossos soldados todas as armas de fogo, & dessem duas cargas serradas em sinal de alegria, & festa. Caso miraculoso! Tinha o Sacerdote consagrado o Corpo de Christo Nosso Saluador, & querendoo leuantar em alto, desparou o inimigo da fortaleza hũa peça de atelharia, & toda a nossa infantaria lhe respondeo com hũa carga serrada de mosquetaria, & tornou a segundar com outra ao aleuantar o Caliz consagrado, & taõ grande foi o estrondo, que o inimigo ficou admirado. Acabouse a Missa, & o inimigo começou a chamar com hum atambor; mandamos ver o que queria, respondeo que se queria logo entregar.

[...]

[22.] (*p. 268*) [*col. 1*] O inimigo vendose cercado de todas as partes [*na Ilha de Tamaracá, no final de setembro de 1645*], começou a jugar com sua artelharia, & nos matou algũa gente dos que estauão ao largo, poren vendo que já os nossos lhe hião subindo pelos baluartes arriba, começaraõ com sinaes a pedir bõ quartel, & os nossos Gouernadores estauão em lho conceder, & em sinal da victoria, mandaraõ tocar charamelas; <...>

[...]

CAPITVLO VII. De hum encontro, que os moradores de Parnambuco tiuerão com os Olandeses na estancia dos Afogados, et de outras nouidades, que mais sucederão.

[...]

[6.] (*p. 283*) [*col. 1*] Sucedeo que entre os que matamos aos Olandeses [*a 10 de novembro de 1645 na "Fortaleza dos Afogados"*] foi hum delles hum Capitão, o qual vinha muito bem trajado, & com muitas plumagens no chapeo, & o Gouernador Ioão Fernandes Vieira mãdou que nenhum dos nossos soldados o fosse despir, nem despojar de suas roupas, senão que o entregassem aos Tapuias, para que elles o despojassem, & se aproveitassem da pilhagem. Assim se fez, & os Tapuias correraõ sobre elle, & o despojaraõ com grande festa, & este lhe tomou o chapeo, aquele a roupeta, & calçoens, este a camisa, & ciroulas, aquelle o tahalim, & a espada, & o vltimo finalmẽte os çapatos, & meas, & a banda de tafetá com pontas de prata que leuaua de tiracolo, & o maioral delles lhe quebrou a cabeça com hum pao de jucár, & com isto ficou armado caualleir, segundo suas gentilicas ceremonias, & taõ contẽtes ficaraõ vẽdose em parte vestidos (cousa desusada entre elles, por quanto o seu trage he andarem nùs) que não cessauaõ de dár saltos, & com seus rusticos, & gentilicos cantares, celebraraõ sua prospera ventura; & com este engodo, & com o bõ tratamento que Ioão Fernandes Vieira lhes fez, mandandolhes dàr algum pano de linho para suas molheres, & filhas se cobrirem, se partiraõ para o sertão, dõde dentro em quinze dias tornaraõ cõ quarenta camaradas seus, prometendo que em breue tẽpo descerião do sertão muitos mais de seus parente, para nos ajudarem na guerra.

[...]

[28.] (*p. 285*) [*col. 1*] Como a seca foi tão rigurosa [*até o princípio de dezembro de 1645*], & as calmas apertauaõ demaziado por ser no meio do veraõ, sobreuieraõ em Parnambuco hũas doenças contagiosas de catarros, pontadas, & febres malignas, com as quaes morreo muita gente por toda a Capitania, & com mortes taõ apressadas, que dentro em vinte & quatro horas picaua a enfermidade, & o enfermo acabaua a vida; & ouue casa aonde dentro de dous dias morrerão noue pessoas, que tao contagiosas eraõ as enfermidades. Tambem no Arrecife morreo muita gente aos Olãdeses, & ainda hoje morre. Vendo o Gouernador Ioaõ Fernandes Vieira, que isto era como ramo de peste, & que a casa da Misericordia, & hospital estauaõ cheas de soldados enfermos, & q̃ morriaõ muitos, por a pouca comodidade, & aparelho para os curarẽ, mandou pòr no hospital entre os enfermos em hum altar a imagem do glorioso Saõ Gonçalo, aonde todos os dias se celebrauão missas, & logo ordenou que se fizesse hũa procissaõ solemne, na qual com ladainha cantada, & precedendo missa solemne, & prègaçaõ, se leuasse a imagem do glorioso Saõ Sebastião, & se deixasse no hospital, para a hirem buscar na vespera do seu dia, para que pelos merecimentos destes bemauẽturados Sanctos, ouuesse Deos por bem de afugentar os àres corruptos, & liurarnos daquellas repentinas doenças, pois andauamos com as armas nas mãos em defensaõ de sua sancta Fè Catholica. Prègou neste dia o P. Fr. Manoel do Saluador na Igreja Matriz da Varzea, aonde ouue muitas lagrimas do pouo, & se fez a pro-[*col. 2*]cissaõ com muita deuação de todos, & cõ grande acompanhamento, na qual se acharaõ

os nossos tres Mestres de Campo, com toda a mais infantaria dos que naõ assistiaõ de presente nas estancias. <...>

[...]

O Valeroso LVCIDENO, E TRIVMPHO Da Liberdade. Livro Qvinto.

CAPITVLO I. De hũa victoria, que Dom Antonio Felipe Camaraõ teue do inimigo Olandes no distrito do Rio grande junto ao Cunhahú.

[...]

[7.] <...> (*p. 310*) [*col. 1*] Tocou as trombetas o inimigo [*em fevereiro de 1646*] a ajuntar sua gẽte, o que ouuido pelo Camaraõ, & vendo que o inimigo estaua descomposto, & perturbado, mandou tocar suas caixas, & trõbetas a arremecer, leuantaraõ os nossos Indios, & Tapuias hum grande alarido, & vozeria, segundo seu ordinario costume, quando querem mostrar contentamẽto, & corage, & de todas as partes da campina se vieraõ chegando para a trincheira, para saltarem fora, & desbaratarem aos Olandeses de remate. <...>

[...]

CAPITVLO V. Do mais que sucedeo no mes de Abril, & de hũa assinalada victoria que os moradores do Tejucupapo alcançaraõ dos inimigos Olandeses. [*em abril de 1646*]

[**estrofe** 1. (*após o § 15*)] (*p. 337*) [*col. 2*]
A Ciparissa, Deosa dos amores,
Fuja deste meu canto, que não quero
Misturar passatempos cos rigores
De Romulo, de Abreu, Nabuco, & Nero.
O baixo, o alto, o tiple, & os tenores,
Cantem com triste accento o odio fero
Dos perfidos hereges Lutheranos
Contra os atribulados Olindanos

[...]

[**estrofe** 49.] (*p. 341*) [*col. 2*]
Os filhos de Israel para memoria,
Das grandes alegrias que gozaraõ
Em sua patria, & da passada gloria,
Que com musicas doces celebraraõ:
Nos ramos dos salgueiros (diz a historia)
Os orgãos, & instrumentos penduraraõ,
Como muda trombeta que dizia,
O quanto vai de hum, he, a hum se sohia.

[...]

O Valeroso LVCIDENO, E TRIVMPHO Da Liberdade, Livro Sexto.

CAPITVLO I. Do que succedeo em Parnambuco por todo o mes de Maio, até o fim de Iulho.

[...]

[5.] (*p. 345*) [*col. 2*] Tinha o Gouernador Ioão Fernandes Vieira prometido de fazer a festa do glorioso S. Antonio [*no "Arraial do Bom Jesus", a 13 de junho de 1646*], por quanto no seu dia fazia hum anno perfeito, em que os Olãdeses, auisados por traidores, & ainda os ajuramentados, o mandauão prender, & a todos os mancomunados na empresa da liberdade, & nesse mesmo dia se auia elle publicamente retirado para o mato, sómente cõ doze dos amigos leaes da patria, & alli se lhe foraõ agregando todos os mais, desemparando suas casas, molheres, & filhos. E tendo apalaurado os Padres para officiarem a missa, & musicos os melhores da terra, para a cantarem (*p. 346*) tres choros, & armada a Igreja lhe chegou em dez de Iunho hum auiso de Iguarassù, em como o inimigo tinha no Rio, q̃ tem cercada a Ilha de Itamaracá, tres naos nas tres passagẽs, <...>

[6.] <...> Fez Ioão Fernandes Vieira a festa do glorioso Sancto Antonio cõ maior solemnidade q̃ lhe foi possiuel, segundo o tempo em que se achaua. Ouue missa, & prégação, boa, & estremada musica[275], muitas surriadas de mosquetaria em quanto a procissaõ andaua, & o nosso forte do Arraial disparou toda a artelharia q̃ tinha, que era boa, & grossa, de que o Olãdes do Arrecife ficou confuso, não sabendo que cousa aueria entre os Portugue-[*col. 2*]ses para tão grande festa.

[...]

275. No decorrer deste livro, são citadas várias ocasiões envolvendo o uso de « trombetas », « caixas » e « atabales » por parte dos holandeses, seja para guerra, pregões, etc., que não serão transcritas para se evitar redundância. A seguir, a localização de suas ocorrências: Livro 1, Capítulo 1, (p. 5), col. 1; Livro 1, Capítulo 3, (p. 30), col. 2; Livro 1, Capítulo 3, (p. 33), col. 1; Livro 1, Capítulo 3, (p. 35), col. 2; Livro 1, Capítulo 3, (p. 37), col. 1; Livro 1, Capítulo 3, (p. 40), col. 1; Livro 1, Capítulo 4, (p. 44), col. 1; Livro 4, Capítulo 4, (p. 44), col. 1; Livro 4, Capítulo 4, (p. 242), col. 1; Livro 4, Capítulo 6, (p. 272), col. 1; Livro 5, Capítulo 2, (p. 318), col. 1; Livro 5, Capítulo 3, (p. 325), col. 1.

276 . No Livro II, Cap. I desta obra, CALADO assim descreve uma parte das solenidades musicais que ocorreram na « quinta feira da Cea do Senhor », semana santa de 1640, na « Casa de Bragança », em « Villaviçosa », Portugal, que fizeram parte dos festejos pela aclamação do Duque de Bragança (p. 100): « a musica era a melhor q̃ em Portugal auia, porque se prezaua o Duque de ter em sua Capella os melhores musicos do Reyno, & lhes daua grandes partidos, & se eraõ Sacerdotes pensoens nos beneficios, q̃ vagauão em suas terras; os estrõdos dos atabales, charamelas, & trõbetas, as folias, & chacotas atroauaõ os ares cõ seus irmãos, em quãto os tras, & despois com seus filhos, & com algũs fidalgos da primeira classe, parentes da Casa, leuaua as varas do palio, debaixo da qual hia o Sanctissimo. (...) ».

277 . A *Relaçaõ de tudo o que passou na felice aclamaçaõ do mui alto, & mui poderoso rey Dom Ioaõ o. IV* (Lisboa, Lourenço de Anveres, s.d.), que descreve os festejos que ocorreram no Brasil em homenagem à aclamação do Duque de Bragança, não menciona o uso da música, no tempo em que duraram. Já a *Relaçam da aclamação que se fez na Capitania do Rio de Janeiro* « (Lisboa, Iorge Rodrigues, 1641) traz, às pp. 14-15, este relato, de festa ocorrida na « noite do dia de Pascoa ultimo de Março », em 1641: « E para mayor alegria se lhe agregarão dous carros ornados de sedas, e aparatos de ramos, e flores, e tam prenhados de musica, que em cada principio de rua parecia que o Coro do Ceo se avia humanado, acção do Lecenceado Iorge Fernandes da Fonsequa, e obrada com seus filhos unicos nesta arte, e que mereceo o louro assi da invenção, como do sonoro ».

278 . Para RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. III, 1712, p. 220), "Caxa" é o mesmo que "Tambor". Este autor também a cita (v. II, p. 31) como o instrumento típico do "Bando", ou « pregão de guerra, a som de caxa ». É, provavelmente, a designação do instrumento menor que o tambor usado em manobras militares, representado em inúmeras gravuras holandesas do século XVII. O autor seiscentista da *Arte de Furtar* (erroneamente atribuída a ANTONIO VIEIRA, 1951, cap. LXVIII, p. 295) deixou bom exemplo da função militar desse instrumento: « toquem caixa, toquem pifaro, e trombeta; alistem-se todos para os exercitos das fronteiras, para as armadas das Conquistas ». Ou, simplesmente, à p. 294: « Tocay caixas, alistay todos esses, de que vos queixais ». Cf. também MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 80) e a GRAVURA XII.

279 . Este termo português, usado para designar um instrumento utilizado pelos negros, foi encontrado apenas em MANUEL CALADO. MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 75) cita, sob esse nome, instrumento descrito por ABEL HOVELACQUE – *Les nègres de l'Afrique Sus-équatoriale*; Sénégambie, Guinée, Soudan, Haut-Nil, Paris, Lecrosnier et Babé, 1889, p. 374.

280 . O termo português também foi utilizado para designar uma série muito grande de instrumentos africanos. DAMIÃO DE GÓIS « (*Crônica do felicíssimo Rei D. Manuel*, v. I, 1926, parte I, p. 70) já fizera essa associação, ao relatar a viagem de Vasco da Gama que, após 20 de novembro de 1497, observou os povos do outro lado do « cabo da boa Sperança », deixando esta passagem: « Ha gente desta prouincia he baça, de cabello reuolto, quomo hos da Ingra de Sancta Helena, pequenos de corpo feos, quãdo fallam parece que saluçam, & andão vestidos de pelles. Suas casas sam de adobes, terra, & madeira, cubertas de colmo, tem musica, ainda que nam quomo ha nossa, com tudo tanjem frautas pastoris acordadas, ho som das quaes nom pareçeo mal ahos nossos ».

281 . Entre os portugueses, o termo **atabaque** é corrente desde o século XVI, porém é menos freqüente que **atabale**. DAMIÃO DE GÓIS « (*Crônica do felicíssimo Rei D. Manuel*, v. II, 1926, parte IV, p. 10) o descreve em manobra militar portuguesa no ano de 1516: « mãdou embandeirar ha villa aho redor, & poer fugareos, & fazer folias com atabaques, & trõbetas pelo muro ». Para DOMINGOS VIEIRA (*Grande dicionário português*, v. I, 1871, p. 631), é « O mesmo que Atabale, espécie de tambor afunilado, e com o couro só de um lado ». A identidade de ambos também é afirmada por TOMÁS BORBA e FERNANDO LOPES GRAÇA (*Dicionário de música*, v. I, 1962, p. 95). A tendência é reconhecer o **atabaque** como instrumento de origem negra e o **atabale** de proveniência européia ou asiática. Porém, o termo já era usado para designar instrumento de uso regular entre os portugueses, numa época em que o seu contato com os povos africanos ainda era pequeno. LUIS DA CÂMARA CASCUDO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1988, p. 83) e MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 29) trazem excelentes verbetes sobre o **atabaque**. Na documentação quinhentista e seiscentista sobre o Brasil, encontramos referências ao **atabaque** apenas entre populações negras e indígenas, enquanto o **atabale** é mencionado entre portugueses e indígenas. Ao menos entre os brasílicos, o termo lusitano parece indicar os instrumentos da classe do **guararú**, que todos os tupinólogos traduzem por **tambor**.

282 . JOÃO JOSÉ DE SANTA TERESA (seu nome verdadeiro era JOÃO NORONHA FREIRE) (*Istoria delle guerre del Regno del Brasile*, 1698, parte II, livro III, p. 75) assim narra esta passagem: « Ottocento degl'inimici restarono morti sul Campo con poco considerabil perdida de' Catolici, i quali ricuperate tutte le donne marciarono in qualità di trionfo, portandole i propri mariti ingroppate ne i lor caualli, e conducendo tutti i rei col loro Generale disarmati al suono di molte trombe, e d'altri marziali istromenti ».

142 – MANUEL CALADO – 1648.

283 . RAPHAEL DE JESUS (*Castrioto Lusitano*, 1697, parte I, livro V, § 3, p. 200) dá o motivo pelo qual **João Fernandes Vieira** não encontrava dificuldades em promover eventos com música, informando que « sustentava em sua caza capela de Musicos escolhidos, & diversos ternos de charamelas ».

143

WILLEM PISO
(1611 - 1678)

LIVRO: HISTÓRIA NATURAL DO BRASIL. Amsterdam, Ludovicum Elzevirium, 1648.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Além da edição de 1648, conhece-se outra com o título *Gulielmi Pisonis Medicj Amstelaedamensis de Indiae Utriusque Re Naturali...* (Amstelodam, Ludovicum et Danielem Elzevirios, 1658). Segue-se a estas a ed. brasileira, de 1948. Não utilizamos a primeira edição, cuja página de rosto é a seguinte: Historia Naturalis | BRASILIAE, | Auspicio et Beneficio | Illustriss. I. Mauritii Com. Nassau illius Provinciae et Maris summi Praefecti Adornata | In qua | Non tantum Plantae et Animalia, sed et In-|digenarum morbi, ingenia et mores describuntur et | Iconibus supra quingentas illustrantur. | (grav.) | Lugdun. Batavorum | Apud Franciscum Hackium | et | Amstelodami, | Apud Lud. Elzevirium 1648. (38 X 25; 9 ff. inum., 293 pp., 3 ff. inum.).

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo RUBEM BORBA DE MORAIS (*Bibliographia Brasiliana*, c. 1983, v. II, p. 676), « William Pies, whose name is known to history under the Latin form os Pisonius and Piso, was born in Leyden in the year 1611. He studied medicine in his home town and in Caen. He practised medicine in Amsterdam until he sailed for Brazil to replace Nassau's physician, who died when Piso arrived. Piso later returned to Holland with Nassau and died there. He seems not to have been physician to the Governor of Dutch Brazil but also head of a scientific mission sent there by the West India Company at Nassau's request. During his stay in Brazil Piso made studies parallel to those os Marcgraf. Some of these had been published ten years previously, in 1648, in the *Historia naturalis Brasiliae* in the chapter entitled "Medicina Brasiliensi" ».

GRAVURA: Na edição de 1658 aparece, na p. 308, uma gravura que ilustra as informações sobre a árvore de aguaí, da qual os índios produziam instrumentos musicais que recebiam o mesmo nome. A página de rosto dessa edição (que existe na BIEB com o código 17-b-16) é a seguinte: Gulielmi Pisonis | Medicj Amstelaedamensis | De | INDIAE UTRIUSQUE | Re Naturali Et Medica | Libri Quatuordecim, | Quorum contenta pagina sequens exhibet. | (grav.) | Amstelaedami, | Apud Ludovicum et Danielem | Elzevirios, | Aº, CI) I) C LVIII,. Sem dúvida, esta gravura foi inspirada naquela que JOHANNES DE LAET incluí na sua *Beschrijvinghe van West-Indien...* (Leyden, Isaack Elzevier, 1630) e que encontramos também na edição de 1640, com o título *L'Histoire du Nouveau Monde...* (Leyde, Bonaventure e Abraham Elzevier), talvez por sugestão do editor que publicou os trabalhos de PISO e LAET. Na GRAVURA XXI reproduzimos o exemplar que o editor anexou ao livro de LAET.

EDIÇÃO E TRADUÇÃO PORTUGUESA UTILIZADA: *História Natural do Brasil Ilustrada; tradução do professor Alexandre Correia, seguida do texto original, da biografia do autor e de comentários sôbre a sua obra*. Edição comemorativa do primeiro cinquentenário do Museu Paulista. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Bahia, Pará, Pôrto Alegre, Companhia Editora Nacional, 1948. xx, 434 pp.

TEXTO LATINO

Liber Tertius, Qui agit de venenis eorumque antidotis.

[28] **Ahoay.**

[1.] <...> (*p. 175*) Horum fructuum putamina, durissima sunt et tinnula, quare ab illis

TRADUÇÃO

Livro Terceiro — Que trata dos venenos e dos seus antídotos.

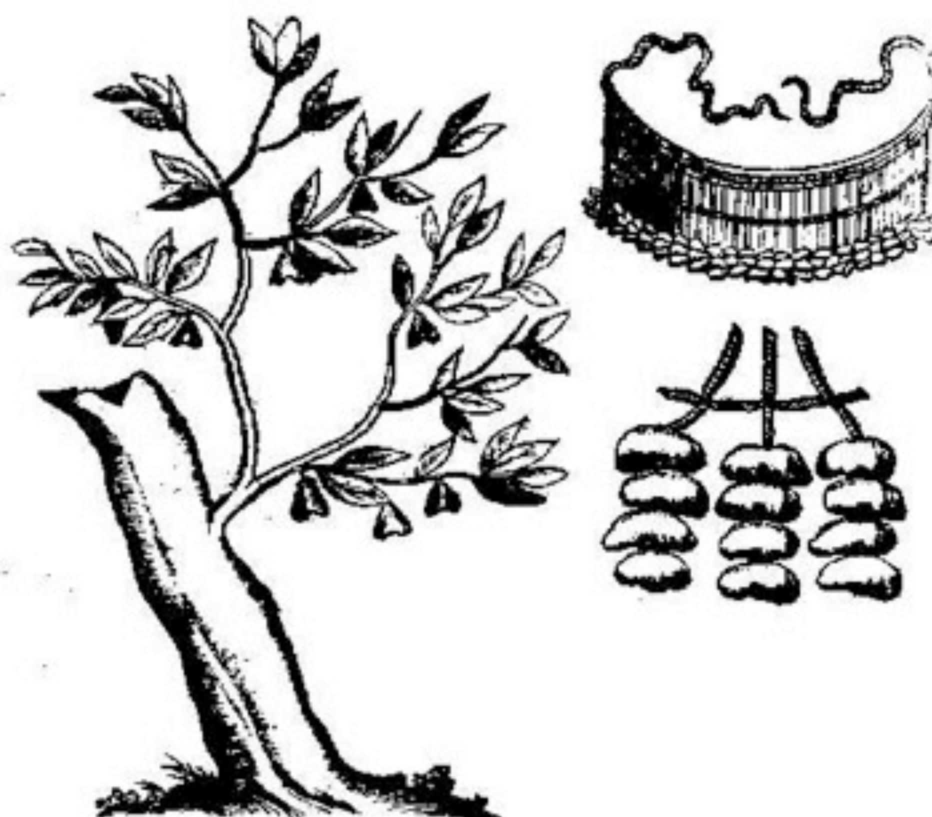
[28] Ahoay

<...> (*p. 56*) As cascas dêstes frutos são duríssimas e sonoras, e por isso as usam a modo de

tintinabulorum vice usurpantur, et brachiis pedibusque circa talos in saltantionibus potissimum circumdantur ornatus gratia. Quo modo filis è gossypio inter se connexa sint, videre est ex Icone, quam dedit C. Clusius in Exoticis, in notis ad Historiam Garciae ab Orta, lib. II. cap. XI.

campainhas, e à guisa de ornato penduram-nas dos braços e dos pés, nos calcanhares, sobretudo nas danças. Como as ligam entre si com fios de algodão, pode-se ver pela figura dada por C. Clúsio, in Exoticis, nas notas à História de Garcia da Horta, liv. II, cap. XI.

ANOAY.



144

PIERRE MOREAU

(séc. XVII)

LIVRO: **RELAÇÃO DA VIAGEM DE ROULOX BARO**. Paris, Augustin Courbé, 1651.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Esta obra é a quarta parte do livro de PIERRE MOREAU que recebe o seguinte título, de acordo com RUBEM BORBA DE MORAIS (*Bibliographia brasiliana*, c. 1983, v. II, p. 595): ***Relations Veritables et cvrievses de l'Isle de Madagascar, et dv Bresil. Avec l'Histoire de la derniere guerre faite au Brésil, entre les Portugais & les Hollandois. Trois Relations D'Egypte, & une du Royaume de Perse.*** A Paris, Chez Avgvstin Covrbé, au Palais en la Gallerie des Merciers, à la Palme. M. DC. LI [1651] Avec Privilège dv Roy. [23 X 17; 2 ff. inum.; 1 f. branco; 4 ff. inum.; 1 mapa. 307 pp.]. Esta única edição francesa, tradução de texto holandês não publicado, é parte de uma coleção de dois volumes, sobre a qual MORAIS [c. 1983], p. 595, faz as seguintes considerações: « In fact considerable confusion exists over these volumes published by Courbé. Many believe that it is one volume and others confuse the authors of the accounts. All these errors arise from the rarity of the complete work. There are two volumes, as stated above, composed of several accounts. The first volume bore the general title ***Relations veritables et curieuses de l'Isle de Madagascar et du Brésil...*** This volume contains: (1) "Relation du Voyage de François Cauche"; (2) "De la religion, moeurs, et façons de faire de ceux de l'isle de Madagascar..."; (3) "Colloque entre le Madagascarois et le françois..." (4) "Relation du voyage de Roulox Baro..." ¶ (...) The account of Roulox Baro's journey was translated from the Duch by Pierre Moreau and annotated by Morisot, with considerable intelligence and a profound understanding of the subject. As can be gathered from the title only Roulox Baro's Journey in this volume is of direct interest to Brazil. Very little is known about this strange individual, who served as an interpreter to the Duch. He was apparently called Rudolf Barun, was German by nationality, and from his name one assumes that he was a jew. Nieuhof refers to him. In point of fact, his narrative is one of the most important documents in existence on the Tapuia Indians. The Tapuia culture can be reconstructed solely from it and the works of Piso, Marcgraf, and Barleus. Articles were written about Roulox Baro by Alfredo de Carvalho (***Aventuras e Aventureiros do Brasil***, Rio 1930, p. 165), Paul Ehrenreich ("Sobre alguns antigos retratos de indios sul-americanos", in the ***Rev. do Inst. Arq. de Pernambuco***, Vol. XII, p. 19), and others ».

NOTA SOBRE O AUTOR: RUBEM BORBA DE MORAIS [**op. cit.**, v. II, p. 595]acrescenta: « Pierre Moreau was born in Parey-le-Monial, Charolais, and was a Protestant. He travelled extensively throughout Europe and in Belgrade was imprisioned and condemned to death on the gallows, but succeded in obtaining a pardon. He later travelled to Holland where he lived for three years before sailing to Pernambuco in 1646, as secretary to one of the councillors. He stayed for two years in Pernambuco. Being a highly intelligent and perceptive man he took note of all he saw, and on returning to France published the *Histoire*. Moreau died in his home town in about 1660 ».

EDIÇÃO UTILIZADA: RELATION | Dv | VOYAGE | De | ROVLOX BARO, | *Interprete Et Ambassadevr* | *Ordinaire de la Compagnie des Indes* | *d'Occident, de la part des Illustrissimes* | *Seigneurs des Prouinces Vnies au* | *pays des Tapuies dans la terre* | *ferme du Brasil.* | *Commencé le troisiesme Avril 1647, & finy le quator-*|*ziesme Iuillet de la mesme année.* | *Traduict d'Hollandois en François par Pierre* | *Moreav de Parey en Charolois.* | (em letra de mão, imitando impressos) « Paris | 1651 » [23 X 17; 1 f. pr.; 110 pp. (numeradas 197-307)] [BIEB: 10-d-2].

TRADUÇÃO PORTUGUESA: PIERRE MOREAU & ROULOX BARO – ***História das Últimas Lutas no Brasil Entre Holandeses e Portugueses e Relação da Viagem ao País dos Tapuias.*** Tradução e notas Lêda Boechat Rodrigues; nota introdutória José Honório Rodrigues. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. 128 pp. (Série Reconquista do Brasil, v. 54).

TEXTO FRANCÊS

[I] LE PREMIER DE MAY

[...]

[23.] (*p. 218*) Le vingt-septiesme Iandhuy me fit dire, si ie voulois estre des siens, ie me ioignis à luy, les femmes se chargerent de ce que ie luy apportois; lors que nous fusmes à vne lieuë delà la riuiere Itaquerra, on luy dressa vn cabinet de branchages auec leurs fueilles, où il reposa fort peu, m'ayant faict incontinent appeler, por luy faire voir les presens que ie luy apportois. Les ayant veu, il secoüa la teste, & me dit: Ces choses ne valent pas la peine de m'estre apportées de si loing. Les Portugais ont raison de dire, que le fer des Hollandois ne vaut rien, & moins encore leurs miroirs, ny leurs peignes, ie n'ay iamais rien veu de plus chetif. I'auois accoustumé de receuoir autrefois des vostres (*p. 219*) de belles trompettes, grandes pertuisanes, beaux miroirs, beaux gobelets, & belles tasses bien façonnées, que ie garde en mon cabinet, pour les faire voir aux autres tapuies qui me viennent visiter, leur disant, vn tel seigneur Hollandois m'a enuoyé cecy, vn autre cela. Ie conserue encore ce que Schop, l'Artichau, son Excellence, & vos Generaux m'ont enuoyé, il n'y a rien encore d'alteré par le temps & l'vsage, sinon quelques trompettes brisées [43.], desquelles i'ait fay faire des flustes. Ie luy repartis, que ce que ie luy presentois venoit fraischement d'Hollande, & que nous n'auoins rien de meilleur, qu'il ne faloit pas qu'il s'arrestast à ce que luy disoient les Portugais, puis qu'ils n'estoient nos amis. Non non, dit-il, ie vois bien que les haches qu'ils m'ont données sont plus belles, & de meilleure trempe que les vostres, ie ne m'arreste point pourtant à leurs presens sçachant bien qu'ils sont des trompeurs. <...>

[...]

TRADUÇÃO

[I] Primeiro de maio

[...]

(*p. 98*) No dia 27 [*de maio de 1647*], Jandui [*velho tapuia, aliado dos holandeses*] mandou perguntar-me se eu queria fazer-lhe companhia; juntei-me a ele, e as mulheres se encarregaram daquilo que eu lhe ofertara. Quando estávamos a uma légua além do Rio Itaquerra, levantaram-lhe um caramanchel de galhos com as suas folhas, onde repousou muito pouco, tendo-me feito chamar incontinenti, para mostrar-lhe os presentes que eu lhe trouxera. Depois de vê-los, sacudiu a cabeça e disse-me: « Não valia a pena trazer-me tais coisas de tão longe. Os portugueses têm razão de dizer que o ferro dos holandeses não vale nada e menos ainda seus espelhos e pentes; nunca vi coisas tão desprezíveis. Eu estava acostumado a receber antigamente de vossa gente belas trombetas, grandes alabardas, belos espelhos, lindos copos e belas taças bem trabalhadas, que guardo em minha taba para mostrá-los aos outros tapuias que me vêm visitar, dizendo-lhes: um certo senhor holandez me enviou isto, outro aquilo. Conservo ainda o que Schkoppe, Arciszewski, Sua Excelência e vossos generais me mandaram; nada sofreu alteração com o tempo e uso, com exceção de algumas trombetas que se quebraram, das quais mandei que se fizessem flautas." (43)

(*p. 99*) Repliquei-lhe que àquilo com que eu lhe presenteava tinha vindo recentemente da Holanda e que nós nada possuímos de melhor; que era preciso que ele não se deixasse levar pelo que lhe diziam os portugueses, porque não eram nossos amigos.

[...]

[II] LE PREMIER DE IVIN.

[...]

[15.] (*p. 233*) Le matin du dix-sept on osta le serpent de la fosse, & tous les principaux en mangerent, excepté Iandhuy & les sorciers; ils trouuerent autant à manger en ce serpent, qu'ils eussent faict en vn grand porc sauuage. On ne beut rien pendant le repas, suiuãt leur coustume, il falut aller dans l'Aldée voisine pour y boire du breuuage de mil fraischement faict. Là les Tapuies auec leurs femmes & enfans se chargerent de mil, qu'ils y trouuerent en abondance, pendant lequel temps on nous vint aduertir de la part de Vvajupu qu'il s'auançoit vers nous, à cause que le bruit estoit que Pajucu battoit la campa-(*p. 234*)gne auec ses troupes pour nous attaquer. Ce que Iandhuy ayant oüy, il fit commandement à tous les Brasiliens de l'Aldee de preparer leurs fleches, iauelots, & arcs en attendant le secours des Hollandois, pour combattre aussi-tost qu'il seroit arriué. Ie demeuray dans l'Aldée toute la nuict, laquelle nonobstant ces nouuelles, fut passée en dansant par les Tapuies.

[...]

[17.] Le dixneufuiesme ie partis de l'Aldée pour attraper les Tapuies qui alloient deuant moy chargez de mil & de rats, lesquels en ma presence percerent la levre de dessous, & les oreilles à vn petit enfant, & mirent des cheuilles de bois dans les trous [67.]. C'est vne forme de baptesme parmy eux, donnant en (*p. 235*) (*f. Ggijr*) cette rencontre le nom à l'enfant, puis se mirent tous à danser.

[...]

[24.] (*p. 237*) Le vingt-huict les Tapuies s'aplanirent vne place pour y danser, <...>

[...]

[26.] (*p. 238*) Le trentiesme Vvanjupu s'en retourna chez soy, & les Tapuies dresserent vn ombrage

[II] Primeiro de junho

[...]

(*p. 103*) Na manhã do dia 17 [*de junho de 1657*] tirou-se a serpente do fosso [*caçada no dia anterior*] e dela comeram todos os principais, com exceção de Janduí e dos feiticeiros; acharam tanto o que comer nesta cobra como se se tratasse de um grande porco do mato. Não beberam nada durante a refeição, segundo o seu costume; foi preciso ir à aldeia vizinha [*junto ao rio Potengi*] para aí tomar uma beberagem de milho, que acabara de ser feita. Aí os tapuias, suas mulheres e filhos carregaram-se de milho que encontraram em abundância; durante esse tempo, vieram avisar-nos de parte de Vvajupu que ele avançava em nossa direção, porque corria o rumor de que Paiucu se pusera em campo com suas tropas para atacar-nos. Ouvindo isto, Janduí ordenou a todos os brasilianos da aldeia que preparassem suas setas, flechas e arcos, enquanto esperavam o socorro dos holandeses, devendo ferir-se o combate logo que este chegasse. Permaneci na aldeia toda a noite, que os tapuias passaram dançando, não obstante aquela notícia.

[...]

(*p. 104*) A 19, parti da aldeia para alcançar os tapuias, que iam adiante, carregados de milho e de ratos, os quais, na minha presença, furaram o lábio inferior e as orelhas de uma pequena criança e colocaram cavilhas de madeira nos furos (67). Esta é uma espécie de batismo entre eles; nesta ocasião, dão nome à criança e depois põem-se a dançar.

[...]

A 28, os tapuias aplainaram um lugar para dançar [*no "morro Matiapoa", durante o trajeto dos Tapuias*]; <...>

[...]

(*p. 105*) A 30, Vvanjupu voltou à sua morada e os tapuias prepararam uma ramada para o ancião

au vieillard contre l'ardeur du Soleil. Là vindrent des femmes pleurant la mort de leurs maris, on leur fit commandement (*p. 239*) de cesser leurs lamentations à cause de la feste [76.] qui approchoit. Apres midy parurent dix ieunes filles couuertes de fueillages differens. Suiouit le Diable, qui se faisoit porter dans vne calebasse par d'autres filles & femmes, lequel pourtant estoit inuisible, il leur commanda de se couronner de fueilles & de fleurs de pois, & de feues, pendantes par deuant, & par derriere: ce qu'elles firent, puis se mirent à danser, & chanter toute la nuict.

[*morador do local*], contra a ardência do sol. Aí vieram ter as mulheres, chorando a morte de seus maridos [*cujos ossos foram trazidos a elas pelo ancião*]. Ordenaram-lhes cessar suas lamentações, devido à festa (76) que se aproximava. Depois do meio-dia, apareceram dez moças cobertas de diversas folhagens. Seguia-as o Diabo que, carregado invisível dentro de um caramanchel por outras moças e mulheres, mandou que elas se coroassem com folhas e flores de ervilhas e de favas, caídas para a frente e para trás. Elas obedeceram e depois puseram-se a dançar e a cantar durante toda a noite.

[III] LE PREMIER IVILLET

[1.] Les Tapuies firent secher de la semence de Corpamba, qu'ils pillerent, & la meslerent auec de l'eau, qu'ils firent boire aux sorciers, qui aussi-tost se prirent à courir & hurler comme enragez, disant, que Houcha [74.] leur auoit dit de se resiouyr, & qu'il retourneroit bien-tost vers eux. Peu de temps apres vindrent huict garçons ajoliuez de differens fueillages, comme les filles, suiuis de huict ieunes hommes robustes, qui estant arriuez deuant l'ombrage faict à Iandhuy de fueilles de Papay, Iampapée, & Baiouë, s'y assirent, & receurent chacun vn de ces garçons à leur col, qui s'y iettoient volontairement. Incontinent vn sorcier ayant vne broche de bois pointuë, perça la levre de dessous & les oreil-(*p. 240*)les à ces enfans, mettant dans les trous des pierres blanches, puis les prit & les porta sous l'ombrage, où ils receurent la benediction du Diable, qui estoit dans la calebasse; c'estoit là leur bapteme. Le soir arriuerent trois Tapuies de Preciaua, qui assurerent encore que Paiucu s'aduançoit auec ses gens. Le vieillard dit, que cela n'estoit rien, & ordonna qu'on donnast à manger à ces Tauies, qu'Houcha auoit dit, qu'on se tinst ioyeux.

[III] Primeiro de julho

(*p. 105*) Os tapuias torraram sementes de corpamba, pilaram-nas e misturaram-nas com água e, a seguir, deram-nas de beber aos feiticeiros. Estes imediatamente puseram-se a correr e a berrar como possessos, dizendo ter Houcha (74) lhes dito que folgassem, e que ele breve voltaria para junto deles. Pouco depois, vieram oito rapazinhos enfeitados de diferentes folhagens, como as moças, seguidas de oito rapazes robustos, os quais, tendo chegado diante da latada preparada para Janduí, de folhas de papai, iampapé e baioue, aí se assentaram, e cada um deles recebeu um dos rapazinhos que se jogavam deliberadamente em seu colo. Incontinenti, um feiticeiro furou o lábio inferior e as orelhas destes rapazinhos com um espeto de pau pontudo, metendo nos furos pedras brancas; depois carregou-os e levou-os para a sombra da ramada, onde receberam a bênção do Diabo, que estava no caramanchel; era o seu batismo. À tarde, chegaram três tapuias de Preciaua; asseguraram também que Paiucu avançava com seus homens. O ancião disse que isso não tinha importância, e ordenou que se desse de comer a esses tapuias; Houcha mandara que todos se conservassem alegres; os que queriam casar-se deveriam preparar-se para

Que tous ceux qui se vouloient marier se preparassent au lendemain matin, pour chasser tout ennuy.

[2.] Cela fut faict; ils attacherent à leurs corps tant hommes, que femmes, auec des gommes des fueilles de diuerses couleurs, il estoit plus de trois heures apres midy auant que les futurs espoux & espousées fussent prests, trente hommes, & femmes d'Hollande seroient plustost habillez qu'vn de ces sauuages. On auoit preparé vn ombrage pour cete ceremonie deuant la hute du sacrifice, d'où sortirent deux sorciers tenans à la main vne broche de bois pointuë, de laquelle ils percerent les leures du dessous, & les ioües de ceux qu'on vouloit espouser, mettant dans chaque trou vne pierre blanche aigüe, & delà entrerent sous ledit ombrage, ou cabinet couuert de fueilles, où le sacrifice se (*p. 241*) deuoit faire du sang qui leur couloit du visage. Auant que sortir apres ce Sacrifice faict, vn sorcier prit vne pipe de tobac, & en ayant tiré la fumée en parfuma les nouueaux mariez, c'estoit leur benediction nuptiale. Ce faict les Tapuies s'assemblerent en trois rangs. Au premier estoit Iandhuy & ses sorciers tous peints sur la chair de diuerses couleurs, & chargez de plusieurs fueillages. Au second rang estoient les hommes & femmes. Au troisiesme les espoux & les espousées, qui se mirent à chanter & danser toute la nuict [80.]. En cette feste il y auoit de la ioye & resiouyssance beaucoup, mais peu à boire & à manger, sinon du mil & de l'eau de salpetre bracque. Ce iour-là nous eusmes eclypse de Soleil, qui commença à sept heures du matin, & dura vne heure.

[3.] Le troisiesme le vieillard Iandhuy fit dire qu'apres la chaleur du iour on recommanceroit à danser. Les Brasiliens s'en retournerent en leur Aldée le ventre creus, parce que Iandhuy auoit commandé qu'on gardast le mil pour Vvajupu & ses gens, quand ils vendroient, & à quatre heures apres midy ils se

a manhã seguinte, de modo que não houvesse aborrecimento.

Feito isto, homens e mulheres trataram de grudar aos corpos, com goma, folhas de diversas cores; passava de três horas da tarde, quando os futuros esposos e esposas ficaram prontos. Trinta homens e mulheres da Holanda vestir-se-iam mais depressa que um só desses selvagens. Tinha sido preparada uma ramada para a cerimônia, diante da choça de sacrifícios; dali saíram dois feiticeiros, levando na mão um espeto de madeira pontiagudo, com o qual furaram o lábio inferior e as faces dos que queriam casar-se colocando em cada furo uma pedra branca pontuda. Entraram, então, para a dita ramada ou caramanchel coberto de folhas, onde devia consumar-se o sacrifício com o sangue que lhes escorria do rosto. Antes de partir, depois de executado este sacrifício, um feiticeiro tomou um cachimbo com fumo e, tendo aspirado a fumaça, com ela perfumou os recém-casados: era a sua bênção nupcial. Em seguida, os tapuias reuniram-se em três fileiras. Na pri(*p. 106*)meira, estavam Jandui e os feiticeiros, todos com os corpos pintados de diversas cores e cobertos de diversas folhas. Na segunda, estavam os homens e mulheres. Na terceira, os esposados e esposadas, que se puseram a cantar e a dançar toda a noite (80). Havia muita alegria e regozijo nesta festa, mas pouco de beber e de comer, reduzido a milho e água salobra. Nesse dia tivemos um eclipse do sol, que começou às sete horas da manhã e durou uma hora.

No dia 3, o ancião Jandui mandou dizer que, passado o calor do dia, recomeçariam as danças. Os brasilianos voltaram para a sua aldeia com a barriga vazia, pois Jandui ordenara que se guardasse o milho para Vvaupu e sua gente, quando viessem, e às quatro horas da tarde veio dizer que Houcha chegaria à noite, com outros cinco.

mirent tous à danser. Et comme ils dansoient, vn sorcier vint dire, qu'Houcha arriueroit la nuict auec cinq autres. Ils cesserent à l'instant, & allerent dresser dans la (*p. 242*) hutte du sacrifice vne couche de fueilles, proche laquelle ils mirent du tobac. La nuict venuë, les Tapuies recommancerent leurs danses, & Iandhuy & ses sorciers vindrent à la hutte du sacrifice, s'enquerent d'Houcha de ce qui leur arriueroit. Trois voix enroüées respondirent à la fois, vous fuyrez. Comment? dit Iandhuy, i'ay plus de gens que mes ennemis, sans le secours que i'ettens des Hollandois. Vne voix seule luy repartit, tu l'attends, mais il n'est pas encore icy. Cela oüy par tout, le vieillard, ses sorciers, les hommes & les femmes se mirent tous á pleurer & lamenter l'espace d'vne demie heure. Lors vne cinquiesme voix parla à Iandhuy, & dit, ne combats point auec tes ennemis sans les Hollandois, recule, & lors dissention se mettra parmy eux, ils s'entretueront. Le peuple ayant entendu ce que dessus, se resiouyt, & dansa comme deuant le reste de la nuict, sur le declin de laquelle le Diable se retira.

[...]

Pararam imediatamente e foram armar um leito de folhas na choça do sacrifício, perto do qual puseram fumo. Chegada a noite, os tapuias recomeçaram suas danças e Janduí e seus feiticeiros vieram à choça de sacrifício para indagar de Houcha o que lhes aconteceria. Três vozes enrouquecidas responderam a um só tempo: — "Fugireis". — "Como?" — perguntou Janduí. "Tenho mais homens que os meus inimigos, sem contar o socorro que espero dos holandeses." Uma só voz respondeu-lhe: — "Tu o esperas, mas ele ainda não está aqui." Isto foi escutado por todos, e todos, o ancião, os feiticeiros, os homens e as mulheres puseram-se a chorar e lamentar-se cerca de meia hora. Então, uma quinta voz falou a Janduí e disse-lhe: — "Não combatas com os teus inimigos sem os holandeses: recua e a dissenssão lavrará entre eles, e eles se matarão uns aos outros". Ouvindo isto, o povo reanimou-se e pôs-se a dançar o resto da noite, ao fim da qual o Diabo se retirou.

[...]

REMARQVES DV SIEVR Morisot sur le voyage de Roulox Baro, au pays de Tapuies.

[...]

22. <...> (*p. 261*) Les Espagnols à cause des sonnettes qui sont à la queuë, nomment cet animal Cascauel, c'est à dire sonnette. Ils l'appellent encore Tangedor suiuant Guillaume Pison, au 3. liu. de la medecine du Brasil ch. 1. où il donne la figure du serpent auec vne autre espece de Cascauel, long de douze pieds, dit par ceux du pays, Cucurucu, lequel est tres-veneneux.

[...]

43. (*p. 274*) C'estoit chose tres-rare parmy les Brasiliens

NOTAS DO SENHOR MORISOT Sobre a VIAGEM de ROULOX BARO ao país dos tapuias [284]

[...]

<...> (*p. 115*) Os espanhóis, por causa das campainhas que existem na cauda, denominam este animal de cascavel, isto é, campainha. Chamam-lhe, ainda, tangedor, segundo Guilherme *Piso*, no 3º liv. da ***Medicina do Brasil***, cap. I, onde reproduz a figura da serpente com uma outra espécie de cascavel, com o comprimento de doze pés, chamada pelos naturais do país de surucucu, a qual é muito venenosa. [285]

[...]

(*p. 116*) Era coisa muito rara os brasilianos terem instrumentos

d'auoir des instruments de fer & d'airin, & fout qu'ils fissent grand cas des flutes qui estoient faictes de ce dernier metal, puis qu'ils rompoient leurs trompettes pour en faire, parce que comme ie croy ils ne scauoient pas entonner nos trompettes, estant accoustumez de se seruir à la guerre de trompettes faictes d'os humains, que les Latins appelent Tibiae, & eux Canguaca. Comme celles qui estoient d'vne seule congue, dite Guata pi guacu, qu'ils nommoioent Numby goacu, & Membiaparas celles de cannes, & les nostres d'airain, Itamembi. Marcgrauius liu. 8. de son histoire naturelle du Brasil, ch. 10. Iean de Leri ch. 14. de son Amerique, que ce n'estoient des os des cuisses que les sauuages auoient mangez qu'ils faisoient leurs trompettes pour s'en seruir à la guerre, mais de bois, en forme de hautbois long de cinq à six pieds, qu'ils appeloient Inubias, & que des os de ceux qu'ils auoient tuez & mangez, ils en faisoient des fifres & des flutes.

67. (*p. 288*) Cette façon de faire est plus amplement decrite plus bas dans la relation du 11. Iuillet. Iacob Rabbi la raconte plus simplement & diuersement, disant que le peuple estant amassé en vn lieu pour sauter & danser, les enfans y viennent bien parez, les sorciers & deuins estans en deux rangs deçà & delà, les (*p. 289*) enfans, ou ieunes garçons de douze à treze ans, estant au milieu, qu'vn de ces sorciers s'estant saisi d'vn d'eux, luy lie les bras & iambes serré, qu'il ne se puisse pas remuer, vn autre suruenant ayant vn cousteau de bois dur & aigu en main, luy perce la leure dessous & les oreilles, la mere de l'enfant criant & se plaignant excessiuement, & cela est leur bapteme. Les mesmes percent les iouës aux ieunes hommes lors qu'on les veut marier, & cela est leur fiançailles & espousailles, n'estant leurs coustumes de percer leurs iouës auant ce temps. Ce fait ils dansent, boiuent, & mangent trois ou quatre iours durant,

de ferro e de bronze; e é falso que dessem grande *importância* às flautas feitas deste último metal, pelo fato de ar(*p. 119*)rebentarem as suas trombetas para fazê-las; creio que eles não sabiam entoar as nossas trombetas, estando acostumados a servir-se, na guerra, de trombetas feitas de ossos humanos, que os latinos chamam tibiae e eles canguaca. Chamavam os que eram de uma só concha, quata pí guaçu[286]; as de cana, numbigoaçu e membiapara (membitarara); e as nossas de bronze, de itamembí[287]; (Marcgrave liv. 8º da *Historia Natural do Brasil*, cap. 10º, e Jean de Lery, cap. 14º de sua *América*, dizem que não era dos ossos das pernas que eles tinham comido que faziam as trombetas para servirem-se delas na guerra, mas de madeira, em forma de oboé do comprimento de cinco a seis pés, que eles chamavam inúbia; dos ossos daqueles que tinham matado e comido, faziam flautins e flautas.

[...]

(*p. 123*) Este uso é mais amplamente descrito adiante, na relação do dia 11 de julho. Jacó Rabbi relata-o de modo mais simples e diverso, dizendo que, reunindo-se o povo para saltar e dançar num lugar, aí vem os meninos bem arranjados, ficando os feiticeiros e adivinhos em duas filas, aqui e ali, e os meninos ou rapazinhos de doze a treze anos ao meio; um dos feiticeiros pega um deles e liga-lhe os braços e as pernas de modo tão apertado que ele não se possa mexer; um outro chega com um facão de madeira dura e aguda na mão, e fura-lhe o lábio inferior e as orelhas, enquanto a mãe do menino grita e se lamenta em alto brado, e este é o seu batismo. Os feiticeiros furam as orelhas dos rapazes quando querem casá-los, e isto é o seu noivado e casamento, não sendo seu costume furar as orelhas antes deste tempo. Isto feito, dançam, bebem e comem durante três ou quatro dias, recebendo cada um a sua parte e porção das mãos do rei, que dança,

receuant chacun sa part & portion de la main du Roy qui danse, boit, & mange, auec les mariez & leurs parens. Ils enchassent dans ces trous du bois, ou des cailloux de diuerses couleurs, ou des os de singe, qu'ils appellent Nambipaya. Les plus lestes y mettent du cristal, du iaspe, ou de esmeraudes de la grosseur d'vne auellane: ils nomment la pierre de iaspe ainsi enchassée Metara, si c'est vne pierre bleuë ou verte, qui sont celles desquelles ils font le plus d'estat, Metarobi. Ils ont encore de certaines pierres qu'ils lardent dans leurs ioües, Tembe Coareta. Ils se percent par fois le nez par galanterie, & y fourent du bois Apiyati. Marcgr. liu. 8. ch. 6.

[...]

74. (*p. 296*) Ce nom de Houcha signifiant le diable, ne se trouue dans les dictionnaires de la langue du Brasil, rapportez par le sieur de Laet au liu. 17. des Indes Occidentales ch. 12. & liu. 15. ch. 2. ny par Marcgrauius au liu. 8. ch. 9. ny au liu. 15. ch. 11. où ils traittent de la religion des Brasiliens, quoy qu'ésdits lieux on y lise des noms differens des diables comme de (*p. 297*) Curupira, qu'ils croient le diable des montagnes; Machacera celuy des chemins; Inrupari, Anhanga, & Taguai: Il se peut faire que celuy de Houcha, soit le diable des bois. Marcgrauius au lieu d'Inrupari, & Taguai met, Iuruperi, & Tuguaiba, ausquels il ioint Temoti, & Taubimama. De Lery ch. 16. dit que les Toucupinambouts ou Toucupinambaouts appellent le diable Aygnan, & Kaagerre.

[...]

78. (*p. 301*) Cette feste se faisoit apres le mil leué & (*p. 302*) replanté, comme il se voit icy le premier Iuillet. Auquel iour on perçoit les oreilles, les iouës, & les leures des enfans, & de ceux qui se vouloient marier.

[...]

80. <...> (*p. 305*) Et au lieu que nos fous de feste mettent des bandes de sonettes autour du iaret,

bebe e come com os casados e seus parentes. Encaixam nestes furos pedaços de madeira ou seixos de diversas cores, ou ossos de macaco, que chamam nambipaia. Os mais desembaraçados ai colocam cristal, jaspe ou esmeraldas do tamanho de uma avelã; chamam a pedra de jaspe assim introduzida met tara; se é uma pedra azul ou verde, mas as de que fazem eles maior questão, são o Metarobi. Têm, ainda, certas pedras que carregam nas orelhas, tembé-coareta. Puxam, por vezes, o nariz uns dos outros por galanteria, e ai inserem madeira apiiati (Marcgrave liv. 8º, cap. 6º).

[...]

(*p. 125*) Este nome de Houcha, significando o Diabo, não se encontra nos dicionários da língua do Brasil, relacionados pelo Senhor de Laet, no liv. 17º das *Índias Ocidentais*, cap. 12º e liv. 15º, cap. 2º; nem por Marcgrave, no liv. 8º, cap. 9º; nem no liv. 15º cap. 11º, do mesmo autor onde trata da religião dos brasilianos, embora nos referidos lugares se leiam nomes diferentes de diabos, como Curupira, que seria o Diabo das montanhas, Machachera, os dos caminhos, Inrupari, Anhangá e Taguaí. Pode ser que Houcha seja o Diabo das matas, visto que não aparecia nem dava resposta senão no mato. Marcgrave, em lugar de Inrupari e Taguai, escreve Irupari e Tuguaiba, aos quais acrescenta Temoti e Taubirama. Léry, cap. 16º, diz que os tupinambuses ou tupinambáses chamam o Diabo Onhã e Caajerre.

[...]

(*p. 127*) Esta festa se realizava depois da colheita e replantio do milho, como se vê aqui, no dia 1º de julho. Nesta data, furavam-se as orelhas, os ouvidos e os lábios das crianças e daqueles que se queriam casar.

[...]

<...> (*p. 128*) Suas danças são chamadas guau e cantam melodiosamente diferentes canções; as moças

les Tapuies en mettent du fruict d'Aguay, qui est en façon de triangle, ayant vn noyau dedans qui estant sec, faict du bruict en sautant. Ils appellent leurs dances, Guau, ils chantent melodieusement differens airs, les filles sont derriere les amoureux, suiuant leurs pas & cadences, ne se meslant iamais aux branles qu'elles ne soient fiancée, racontant leurs proüesses, & la pudicité des fiancées. Laët en la description des Indes Occidentales liu. 15. ch. 2. Le mesme à la premiere page de l'histoire naturelle du Brasil peint la femme du Tapuye affublée d'vne demie mante de fueilles couurant la teste iusques aux oreilles, & descendant le long des cheueux iusques au iaret, <...>

[...]

ficam atrás dos amorosos, seguem seus passos e cadências, mas não se misturam jamais aos seus movimentos, salvo se estiverem noivas, e então suas canções limitam-se a elogiar os noivos, cantando as suas proezas, e a pudicívia das noivas. (Laet, em sua *Descrição da Índias Ocidentais*, lív. 15º, cap. 2º) O mesmo se lê na primeira página de *História Natural do Brasil*, onde se pinta a mulher do tapuia extravagantemente vestida com uma meia manta de folhas que lhe cobre a cabeça até as orelhas e desce, ao longo dos cabelos, até o jarrete. <...>

[...]

204 . CLAUDE BARTHOMY MORISOT (1592-1661). Segundo JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES, na « Nota Introdutória » da edição de 1979, « As anotações que escreveu para a Relação de Baro, e cuja tradução revi, revelam o erudito de gabinete, que não veio ao Brasil e limita-se a uma bibliografia muito reduzida, sendo a citação sempre incompleta. Os nomes indígenas estão quase sempre estropiados, e não vemos outra razão para publicar esse conjunto de notas senão a de tornar completa esta edição ».

205 . Não tem interesse para o nosso trabalho o trecho do texto de MOREAU a que esta nota se refere. Somente a transcrevemos pela comparação que faz da cauda da serpente Crotalus terrificus (Laur.) com o instrumento « cascavel », espécie de guizo ou chocalho, de onde provém o nome do *réptil*.

286 . O « Vocabulário na *língua brasílica* », provavelmente escrito por LEONARDO DO VALE † (1621, vol. I), dá « **Búzio, os muyto grandes.** - Guatapig ». ANTONIO RUIZ DE MONTOYA (*Tesoro de la lengua guarani*, 1639, f. 130v) já relaciona o objeto com o instrumento musical: « **Guatapĩ.** Caracol muy grande de la mar, que sirve de vozina ». BATISTA DE CASTRO (*Vocabulário tupi-guarani*, 1936, p. 52) traz: « **Guatapy:** - especie de caracol do mar, muito grande ». A. LEMOS BARBOSA (*Pequeno vocabulário tupi-português*, 1955, p. 64) e LUÍS CALDAS TIBIRIÇÁ (*Dicionário tupi-português*, 1984, p. 105), que escrevem "guatapy" (o segundo também dá a variante "guatapu"), traduzem simplesmente por "búzio". Esses dois autores indicam também o "guatapyguassú", que traduzem, respectivamente, por « var. búzio » e « búzio que serve de trombeta ». De fato, PEDRO SINZIG (*Pelo mundo do som*, 1959, p. 281) indica, sob as designações "Guatapi, ou Guatapu", o « caracol grande do mar, que servia de buzina », transcrevendo ainda informação de fonte não citada, cujo autor é CARLOS GONDIM: « Parece ser o mesmo que uatapy ». MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 543) dá « **Uatapi** - O mesmo que uatapu » e « **Uatapu** - Buzina ameríndia feita de conchas cujo som, diziam "tinha a propriedade de atrair os peixes" ». LUÍS COSME (*Dicionário musical*, 1957) registra uma série de variantes ortográficas, que transcrevemos a seguir: (p. 11) « **Atapu.** - Grande búzio de que os índios se serviam, como a trombeta, para chamar os companheiros »; (p. 82) « **Guatapuraçu.** Buzina usada pelos índios, diferente no tamanho do Uatapu »; (p. 128) « **Uatapu.** - Instrumento usado pelos indígenas; era uma buzina, cujo som tinha a virtude de atrair os peixes ». LUÍS DA CÂMARA CASCUDO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1988, p. 770) também indica variantes: « **Uatapi.** Instrumento musical amazônico, buzina feita de búzio, que já em 1587 Gabriel Soares de Sousa registrava entre os ameríndios do sertão da Bahia »; « **Uatapu.** Colares de conchas ou de pedaços de conchas, usados pelos indígenas como ornamentos em suas danças ». Tanto LUÍS COSME (op. cit., 1957, p. 130), quanto LUÍS DA CÂMARA CASCUDO (op. cit., 1988, p. 786) e MÁRIO DE ANDRADE (op. cit., 1989, p. 550), indicam um outro instrumento de nome Vatapí ou Vapí, proveniente de informação de RENATO ALMEIDA (*História da música brasileira*, 1942, parte I, cap. II, p. 41), que afirmam ser de percussão. Contudo, vatapí, pela ortografia dos séculos XVI e XVII, poderia ser o mesmo que uatapí, por sua vez, simplificação fonética de guatapí. O **guatapiguassu**, grafia correta do termo estropiado por MORISOT é, literalmente, **grande búzio**, objeto que os indígenas transformavam em instrumento musical, como povos de outros continentes o fizeram.

287 . ANTONIO RUIZ DE MONTOYA (*Tesoro de la lengua guarani*, 1639, f. 178v) traduz "Ytá" por « Piedra, peña, hierro, campana, cadenas, prisiones » e "**Mimbí**" por « Flauta, chirimia y cosa semejante ». LUÍS CALDAS TIBIRIÇÁ (*Dicionário tupi-português*, 1984, p. 111) traz « **itamimby** - neol. trombeta de metal ». Há outro significado, segundo PEDRO SINZIG (*Pelo mundo do som*, 1959, p. 323) e MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 266), que informam ser o termo "itamembi" também aplicado aos instrumentos europeus de arame, como a viola. Não encontramos, na documentação do período, referência que sugerisse tal interpretação.

145

ANTÔNIO VIEIRA
(1608 – 1697)

DOCUMENTO: CARTA AO PADRE PROVINCIAL DO BRASIL. Maranhão, 22 de maio de 1653.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Desta carta se conhecem os fragmentos intercalados em vários capítulos da *História da Companhia de Jesus na Província do Maranhão e Pará* (1759), de JOSÉ DE MORAIS ♱, publicados em primeiro lugar na *Corografia Histórica*, de MELO MORAIS (Rio de Janeiro, 1859, tomo III) e nas *Memórias para a história do extinto estado do Maranhão*, tomo I (Rio de Janeiro, 1860), organizadas por CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA. Esses fragmentos foram reunidos por JOÃO LÚCIO AZEVEDO nas *Cartas* (Coimbra, 1925), carta LXIV, pp. 316-358, no tomo I (2ª edição: Lisboa, Imprensa Nacional, 1971). As informações sobre música são aqui transcritas, para que constem sob o nome de VIEIRA, facilitando assim o estudo musicológico.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: ANTONIO VIEIRA – *Cartas do Padre António Vieira*; Coordenadas e Anotadas por J. Lucio D'Azevedo. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925. Tomo Primeiro. (Biblioteca de Escritores Portugueses, série C) « Carta *LXIV* ao *Provincial do Brasil 1653 – Maio 22* », pp. 316-358.

[...]

[3.] <...> (*p. 317*) [288] Demos graças a Nosso Senhor por nos livrar daquele perigo [*corsários de Flessinga, que encontraram próximos à ilha da Madeira, poucos dias após a partida de Lisboa para o Maranhão, em 22 de novembro de 1652*], e lhe pedimos livrasse também aos companheiros; começando logo a cumprir a promessa, (*p. 318*) que à Virgem Senhora fizemos, de toda a caravela rezar o Terço do seu Rosário[289], enquanto a viajem durasse, como se fez, e aos domingos e dias santos em voz alta e coros.

[...]

[7.] (*p. 319*) [290] Vinham outros religiosos na caravela, mas as cousas espirituais correram todas por nossa conta. Nós cantámos sempre a ladainha da tarde. <...>

[...]

[15.] (*p. 322*) [291] Mil diligencias fizeram os da terra [*em S. Luis, após sua chegada a 20 de dezembro*] para que, ao menos, nos detivéssemos mais alguns dias. Foi o último a primeira oitava do Natal, em que tornei a prègar, exortando a todos à perseverança na graça recebida, e principalmente aos capitulares, a quem dirigi grande parte do sermão, receitei e engrandeci quanto pude a grande obrigação, em que estavam, de acudir ao remédio de tantas almas, das quais êles, sede vocante, eram pastores, e que, em falta de outros sacerdotes idóneos, pois os não havia, deviam êles mesmos visitar os cristãos das ilhas e da terra firme, sujeitos àquele bispado, que todos estão em grande necessidade espiritual: e que, se para isso deixassem as cadeiras e côro da sua sé, louveriam muito mais a Deus, lhe fariam muito mais agradável serviço.

[...]

[34.] <...> (*p. 331*) [292] Tinha mandado nesta ocasião S.M. uma lei, na qual declara por livres, como nêsse Brasil, a todos os índios dêste Estado, de qualquer condição que sejam.

[35.] Publicou-se o bando[293] com caixas, e fixou-se a ordem de S.M. nas portas da cidade [*de S. Luis*].

[...]

[74.] (*p. 348*) [294] Seguindo o fervor da gente, e desejando que todos fizessem algum serviço geral e publico à Virgem Senhor Nossa, cuja invocação é a desta igreja, prèguei em dia da (*p. 349*) Anunciação [*de 1653*], e publiquei para que daquela tarde em diante se rezasse o Terço do Rosário a coros, como se usa em S. Domingos de Lisboa e em outras muitas igrejas da mesma cidade. Vêm por obrigação todos os estudantes e meninos da nossa escola; seguem a êstes muitos soldados e gente de todos os estadoes; e está tão introduzida e aceita a devoção, que se enche ordinàriamente a igreja de muitos que concorrem a ela. Faz-se êste exercício ao pôr do sol, por ser a hora mais cómoda; põe-se a imagem da Virgem Senhora sôbre a ara, no altar-mor, com velas acesas; assiste um padre que encomenda o Têrço pelo método da nossa cartilha. Começam a entoar dois meninos de melhores vozes, e segue toda a igreja alternadamente, com grande piedade e devoção. Dura tudo de três quartos para uma hora, a qual todos dão por bem empregada, acabando com ela aquele dia e começando a noite em louvores a Deus e sua Mãe Santíssima. Nos sábados há maior detença, porque se prega do púlpito em exemplo do Rosário por espaço de meia hora, ao qual é tanto o concurso que, não cabendo na igreja a muita gente, fica da parte de fora; e aos que ouvem se recomenda contem depois o exemplo aos mais, com que a devoção da Virgem Senhora vai em tanto aumento, que não só rezam nesta forma os que vêm à nossa igreja, mas muitos, que não pode vir fazem o mesmo, em suas casas com a sua família.

[75.] Não faltará por ventura a quem, êste modo de devoção com canto público, pareça cousa menos própria da Companhia; mas a V. Rev.ª, que esteve em Roma e viu semelhantes devoções, que nas sextas feiras e sábados se fazem na nossa casa professa, certo estou que não há-de parecer cousa estranha do nosso Instituto, antes muito própria dêle, pois é trazer almas a Deus por todas as (*p. 350*) maneiras, e por uma tão segura e aprovada como a devoção da Virgem, a maior de suas devoções. <...>

[76.] [295] Saímos da nossa igreja à uma hora. Levamos adiante um grande pendão branco com a imagem do santo Padre Inácio, que leva algum índio principal das aldeias, se o há na cidade, ou se não outro de respeito. Vão os nossos estudantes cantando a ladaínha. Damos volta pelas ruas principais, levando os índios adiante e as índias atrás, pedindo aos portuguêses que estão pelas portas e janelas que os mandem, e, se é necessário, compelindo os que ficam; e desta maneira, com uma mui comprida procissão chegamos à Matriz, e ali, postos os índios de um lado da igreja e as indias de outro, lhes faz o padre a doutrina, ensinando-lhes primeiro as orações do catecismo, e depois declarando-lhes os mistérios da fé, preguntando e premiando os que melhor respondem. <...>

[...]

293 . Cf. a *História da Companhia de Jesus na Província do Maranhão e Pará*, de JOSÉ DE MORAIS ♦, Livro III, Cap. I, [§ 51], p. 284. Esta informação também aparece na *Vida do Apostólico Padre Antonio Vieira* de ANDRÉ DE BARROS ♦ , Livro IV, § CXLVIII, p. 595.

289 . Cada terço do **Rosário** era constituído de 50 **Ave Marias** e 5 **Padre Nossos**.

290 . Cf. a *História da Companhia de Jesus*, de **JOSÉ DE MORAIS** †, Livro III, Cap. X, [§ 55], p. 285. **ANDRÉ DE BARROS** (op. cit.), utiliza esta informação no Livro I, § CXXVII, p. 69.

291 . Cf. a *História da Companhia de Jesus* de **JOSÉ DE MORAIS** †, Livro III, Cap. X, [§ 63], p. 287.

292 . Cf. a *História da Companhia de Jesus* de **JOSÉ DE MORAIS** †, Livro IV, Cap. V, [§§ 23-24], p. 343.

293 . **Bando**, para **RAPHAEL BLUTEAU** (*Vocabulário portuguez e latino*, v. I, 1712, p. 31), « Derivase do antigo vocabulo Alemão **Ban**, que significa **pregão**; do Bann dos Alemaens fizeram os Italianos o seu **Bandire**, que quer dizer **Publicar por bando**, como quando se declara publicamente hum decreto, huã ley. Entre nós **Bando** he pregão de guerra, a som de caixa, com pena imposta aos transgressores de alguma ley militar ».

294 . Cf. a *História da Companhia de Jesus* de **JOSÉ DE MORAIS** †, Livro IV, Cap. III, [§§ 11-12], pp. 326-327. **ANDRÉ DE BARROS** (op. cit.) utiliza estas informações no Livro II, §§ XXXIV-XXXV, pp. 133-134 e Livro V, § CXLII, pp. 595-596.

295 . Cf. a *História da Companhia de Jesus* de **JOSÉ DE MORAIS** †, Livro IV, [§ 12-13], pp. 327-328.

146

ANTONIO VIEIRA
(1608 – 1697)

DOCUMENTO: CARTA AO PADRE PROVINCIAL DO BRASIL. [Pará (?), janeiro (?) de] 1654.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Como a carta de 22 de maio de 1653, esta também é encontrada incompleta na *História da Companhia de Jesus na Província do Maranhão e Pará* (1759), de JOSÉ DE MORAIS « (Cf. as edições desse documento na transcrição dos fragmentos da referida carta de VIEIRA, neste trabalho). Seus fragmentos, distribuídos pelos capítulos II e III do Livro VI desse manuscrito, foram reunidos por JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO nas Cartas (Coimbra, 1925), tomo I, pp. 355-383 (2ª edição: Lisboa, Imprensa Nacional, 1971). Os fragmentos que contém informações sobre música estão aqui também transcritos para constarem sob o nome de VIEIRA e facilitarem o estudo musicológico.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: ANTONIO VIEIRA – *Cartas do Padre Antonio Vieira*; Coordenadas e Anotadas por J. Lucio D'Azevedo. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925. Tomo Primeiro. (Bibliotheca de Escritores Portugueses, série C) « Carta LIV Ao Padre Provincial do Brasil 1654 », pp. 355-383.

[...]

[14.] <...> (*p. 364*) [296] No dia seguinte, 14 de Dezembro [*de 1653*], partimos de Mortigura, com a maré da tarde, os Padres Antonio Ribeiro, Francisco Veloso, Manuel de Sousa e eu, cada um em sua canoa, e começámos a navegar por um mar de água doce. Derrotou-nos a escuridade da noite, e o Padre Antonio Ribeiro e eu passámos amarrados às árvores de uma ilha, que nos serviram de âncoras e amarras, que estas embarcações não trazem outras. Chamámos os companheiros, mas nem êles ouviram as nossas, nem nós as suas buzinas[297].

[...]

296 . Cf. a *História da Companhia de Jesus na Província do Maranhão e Pará* de JOSÉ DE MORAIS «, Livro VI, Cap. II, [§ 22], p. 455.

297 . É provável que VIEIRA esteja falando do búzio, instrumento normalmente utilizado em embarcações desde época anterior ao descobrimento. LUÍS DA CÂMARA CASCUDO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1988, p. 156), citando *Dois metros e cinco*, de J. M. CARDOSO DE OLIVEIRA (Rio de Janeiro, 1909, pp. 476-477), afirma: « as barcas de certo porte saudavam-se por intermédio do búzio. No rio de São Francisco era usual esse protocolo. As embarcações menores, canoas, ajoulos, botes, saudavam mas não tinham direito a reciprocidade na saudação ».

147

ANTONIO VIEIRA

(1608 – 1697)

DOCUMENTO: **CARTA AO PADRE PROVINCIAL DO BRASIL.** Maranhão, [antes de 22 de março de] 1654.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Cópia em português da Biblioteca de Évora (JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO e SERAFIM LEITE não fornecem localização) com título (AZEVEDO, *Cartas*, Coimbra, 1925, tomo I, p. 383) « Cópia da segunda carta de notícias que o Padre António Vieira escreveu do Maranhão », com erros e lacunas. Há excerptos na *História da Companhia de Jesus na Província do Maranhão e Pará*, de JOSÉ DE MORAIS, Livro V (cf. a documentação sobre JOSÉ DE MORAIS) e publicação integral nas *Cartas* (Coimbra, 1925) por JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, com emendas entre colchetes (2ª edição em Lisboa, Imprensa Nacional, 1971).

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: ANTONIO VIEIRA – *Cartas do Padre Antonio Vieira*; Coordenadas e Anotadas por J. Lucio d'Azevedo. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925. Tomo Primeiro. (Biblioteca de Escritores Portugueses, série C) « Carta LVI ao Padre Provincial do Brasil 1654 », pp. 383-416.

[...]

[9.] <...> (*p. 392*) [298] Em pôsto que esta vez se estimou êste caso pela novidade, de então para cá é cousa tão ordinária nas aldeias, que todos os que vamos a elas experimentamos esta piedade e curiosidade nos índios ["*que o que julgara por vinho eram orações*"]; porque depois de lhe ensinarmos a doutrina rezam em comunidade, como se faz todas as manhãs e tardes na igreja, e recolhidos à noite a suas casas os ouvimos outra vez rezar, e repetir o mesmo que lhe ensinámos. Não crera isto dêstes homens quem de antes os conhecera, e vira quão inclinados são a gastar as noites em seus brincos e passatempos; mas tanto pode a graça sôbre a natureza. Nem nós lhe tiramos ou proibimos o seu cantar e bailar, nem ainda beber e alegrar-se, contanto que seja com a moderação devida, por lhe não fazermos a lei de Cristo pesada e triste, quando ela é jugo suave e leve.

[...]

[10.] <...> (*p. 393*) No Pará falei com um soldado, que se achou na ilha dêstes bárbaros ["*ilha chamada Jones, a qual está atravessada bem na bôca do rio das Amazonas, defronte da mesma ilha do Sol, e é tão grande que encerra em si mais de vinte e nove nações, de línguas tão diferentes como são a alemã e espanhola*"], poucos dias depois da morte dos padres [*Luís Figueira e seus companheiros*"], e sôbre me confirmar o que escrevi da pintura em que os tem retratados, acrescenta que viu o lugar onde foram mortos, e que era um terreiro grande, com um pau fincado no meio, o qual ainda conservava os sinais do sangue. A êste pau os atavam um por um em diferentes dias, e logo se ajuntavam ao redor dêles com grande festa e algazarra, todos com seus paus de matar nas mãos. Chamam paus de matar a uns paus largos na ponta, e mui fortes e bem lavrados, que lhes servem como de maças na guerra; armados desta maneira andam saltando e cantando, à roda do que há-de morrer, e em chegando a hora, em que já não pode esperar mais sua fereza, descarregam todos à porfia os paus de matar, e com êles lhes quebram as cabeças. <...>

298 . Cf. a *História da Companhia de Jesus* de JOSÉ DE MORAIS » (op. cit), Livro V, Cap. II, [§ 5], p. 393.

148

DUARTE DE ALBUQUERQUE COELHO

(1591 – 1658)

LIVRO: **MEMÓRIAS DIÁRIAS DA GUERRA DO BRASIL**. Madrid, Diogo Dias de la Carrera, 1654.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A única edição antiga conhecida deste livro traz o seguinte título: **MEMORIAS DIARIAS** | *De La Guerra Del Brasil*, | *Por Discurso De Nueve* | *Años, Empeçando Desde El* | *De M. DC. XXX. [1630]* | *Escritas* | *Por Duarte Coelho*, | *Marques de Basto, Conde, i Señor de Pernambuco, i de las* | *Villas de Olinda, San Francisco, Magdalena, Buen-Sucesso*, | *Villahermosa, i Iguaraçú, Gentil-hombre de la Camara de* | *su Magestad, i de su Consejo de Estado, en el* | *de Portugal*, | *A La Catolica Magestad Del Rey* | *Don Felipe Quarto*. | [grav.] | Con Privilegio: | En Madrid, por Diego Diaz de la Carrera, Impressor del Reyno, Año 1654 [20 X 15; 1 f. pr.; 5 ff. inum.; 287 ff. num.]. Sobre a edição de 1654, RUBEN BORBA DE MORAIS (*Bibliographia brasiliana*, c. 1983, v. I, p. 187) faz o seguinte comentário: « Albuquerque Coelho praises his brother highly in the *Memorias Diarias*, and endeavours to make a hero of him. This fact led to criticism, and inconvenienced the publication of this book when he completed it in 1644. Despite the granting that same year of licences for printing, publication was delayed until 1654. ¶ The British Museum contains a manuscript (Add. Mss. n. 28.461, fol. 95-102) entitled: *Razones que no se deve imprimir la Historia que tratta de las guerras de Pernambuco composta por Duarte de Albuquerque...* This extremely interesting document, full of curious details, is a veritable libel against Albuquerque Coelho and his narratives, and affirms that the book should not go to press, and if it has already done so, printing should be stopped. The book was nevertheless published, but the edition was confiscated. A few copies escaped destruction, and they are extremely rare. »,

NOTA SOBRE O AUTOR: DUARTE DE ALBUQUERQUE COELHO foi o quarto donatário de Pernambuco, vindo ao Brasil de passagem em 1625, para lutar contra os holandeses, e, novamente, em 1631, para participar das batalhas como simples soldado, em Pernambuco e na Bahia, até 1638, ano em que volta para a Espanha.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: DUARTE DE ALBUQUERQUE COELHO – *Memórias Diárias da Guerra do Brasil*. *Prefácio de José Antonio Gonçalves de Mello*. Recife, Prefeitura da Cidade do Recife, Secretaria de Educação e Cultura, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981. 395 pp. (Coleção Recife, v. XIII).

[Cap. 4:] **1633**

[...]

[138.] <...> (*p. 175*) Penetrando isto [*no Forte da Bahia em 10 de dezembro de 1633*], o inimigo, e não querendo perder a ocasião, intimou-os [*o "sargento Pinheiro"*] por uma corneta a que se rendessem, garantindo-lhes a saída com suas armas, bandeiras, bala em boca e toda a bagagem.

[...]

[Cap. 5:] **1634**

[...]

[73.] <...> (*p. 199*) Enquanto isto se passava os holandeses com outra tropa de Tapuias, vindo por outro caminho deram no engenho [*próximo do "Rio Grande", a 14 de abril de 1634*] e degolaram seus moradores. Unindo-se então a eles alguns dos Tapuias, fugidos do outro encontro e contando-lhes tudo, julgaram que tínhamos infantaria pelos sinais dos tambores e do resto que informaram; <...>

[...]

[143.] (*p. 220*) Resolveu à pressa o inimigo enviar um tambor ao forte [*da Bahia, em 18 de dezembro de 1634*] para que se rendesse, <...> Com este

grande cuidado começou a inquietar-se, procurando acabar com o sítio, porém os do forte não quiseram admitir o tambor. <...>

[...]

[148.] DEZEMBRO 19. - Chegando o capitão D. Fernando de la Riba Aguero, aos 19 do mesmo mês, com a gente que comandava, ao lugar do seu destino, enviou adiante Miguel Sanches, alferes reformado, com quatro soldados, para descobrir o forte e o mais, os quais viram tremulando já nele bandeira holandesa, que havia poucas horas que fora içada, por ter alcançado um segundo tambor o que primeiro não pudera no dia antecedente. <...>

[...]

148

RICHARD FLECKNO

(? - 1678)

LIVRO: RELAÇÃO DE UMA VIAGEM DE DEZ ANOS PELA EUROPA, ÁSIA, ÁFRICA E AMÉRICA. Londres, impresso pelo autor, [c. 1656].

NOTA BIBLIOGRÁFICA: RUBEN BORBA DE MORAIS (*Bibliographia brasiliana*, c. 1983, v. I, pp. 313-314) informa que este livro foi reeditado em 1665 com o título *A True and faithful Account...* (mesmo editor) e seu conteúdo foi resumido por TAUNAY em *Visitantes do Brasil Colonial*. Há também referências às observações de FLECKNO em ROSE MACAULEY, *They went to Portugal* (London, 1946), ANTON LOHR, *Eine litterar-historische Untersuchung...* (Leipzig, 1905) e em C. R. BOXER, *Salvador de Sá and the Struggle for Brazil and Angola...* (London, 1952).

NOTA SOBRE O AUTOR: FLECKNO, padre católico irlandês, viajante e poeta medíocre, observou diretamente os fatos narrados em seu livro. Na carta « *I. To Coll. Will. Sears from Gent*, anno 40. », a primeira deste livro, indica (pp. 1-2) quais são os seus conhecimentos sobre música: « Besides educated as I am, in the Arts of Peace, (Musick and Poetry) and your Musick of Base, Superious, and Rector chori, and King, Peers and Commons being all discomforted, the Base neither admitting of Master of the Quire to moderate it, nor Superious to confort with't, without which, tis rather a Loud Tumultuous noise, than Musick and Harmonie ».

EDIÇÃO UTILIZADA: *A | RELATION | Of ten Years | TRAVELS | In | Europe, Asia, Affrique, | and America. | All by way of Letters occa-|sionally written to divers noble | Personages, from place to place; | And continued to this present year, | By Richard Flecknoe. | With | Divers other Historical, Moral, and | Poetical pieces of the same Author. | Hinc olim meminisse juvabit. | London, | Printed for the Author, and are to be sold by* [14 X 9; 3 ff. imum.; 176 pp.. BIEB: 5-b-16].

TRADUÇÃO PORTUGUESA: PAULO CASTAGNA.

TEXTO INGLÊS

XXIII. To the same Anno 48.

Of his Sea Voyage from Lisbon to the BRASILS.

[1.] <...> (*p. 69*) For other commodities and delicacies you have on Land, we wanted none, Our great Cabines being large as Chambers, our Beds as commodious, our Decks spacious as your Galleries to walk in, our Kitchin our Sellars as well furnished, heards of Swine, flocks of Sheep, and Pullen of all sorts aboard, perpetualy feasting, nor wanted we Musick to our Feast,

TRADUÇÃO

XXIII. À mesma ["Mademoiselle de Beauvais", da carta XXII]. Ano 1648.

De sua viagem marítima de Lisboa ao Brasil.

<...> De outros artigos e especiarias que se encontravam em terra, não quizemos nada, sendo nossas cabines tão amplas quanto os vossos aposentos, nossas camas tão cômodas, nosso convés tão espaçoso quanto os vossos corredores, para neles se andar, nossas cozinhas e salas tão bem mobiliadas, varas de porcos, rebanhos de ovelhas e galinhas de todos os tipos a bordo,

(besides an excellent set of Trumpets) the Mariners having some **Fiddles** amongst them, to which they often danc'd to delight the Passengers. <...>

[...]

alimentando-se permanentemente, nem faltou música em nosso banquete (além de um excelente conjunto de trombetas), possuindo os marinheiros algumas violas de arco[299] entre eles, com as quais dançavam muitas vezes para deleitar os passageiros. <...>

[...]

299 . **Fiddle** (ingl.) e **Fidicula** (lat.) tinham o mesmo significado. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário portuguez e latino*, v. VIII, 1721, p. 511) dá para o último termo o vocábulo português "Violinha".

150

ANTÔNIO VIEIRA

(1608 – 1697)

DOCUMENTO: CARTA AO PADRE PROVINCIAL DO BRASIL. Maranhão, 10 de junho de 1658.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: O original está no *Archivum Romanum Societatis Iesu*, Roma, mas sua localização não é fornecida por JOÃO LÚCIO AZEVEDO, que a publicou (*Carta*, Coimbra, 1925, 2ª edição em Lisboa, Imprensa Nacional, 1971) ou por SERAFIM LEITE, que indicam, também sem ano ou tomo, publicação na *Revista da Academia Cearense*, por GUILHERME STUDART. Segundo LEITE, (1949), tomo IX, Escritores II, – « Vieira, Antonio », nº 309, p. 244, VIEIRA acrescenta ao final da carta P.S. de 10 de setembro, que seria a verdadeira data do fechamento da carta, mas que foi alterada para junho pelo Barão de STUDART.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: ANTÔNIO VIEIRA – *Cartas do Padre Antonio Vieira Coordenadas e Anotadas por J. Lucio d'Azevedo*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925. Tomo Primeiro, (Biblioteca de Escritores Portugueses, série C) « *Carta LXIX ao Padre Provincial do Brasil 1658 – Junho 10* », pp. 474-482.

[...]

[6.] (*p. 477*) Trouxeram êstes índios [*"de nação Tobajara"*], que foram onze, várias cartas dos Padres [*"António Ribeiro e Pedro de Pedrosa", que estavam na Serra de Ibiapaba desde junho de 1656*], e dos Principais de todas as aldeias, <...>

[...]

[8.] Quanto aos índios da serra dizem os padres que são já hoje duas mil e quinhentas almas, que têm bom natural, que já estão todos baptizados, que já se confessam todos e muitos comungam, que esta quaresma tiveram os ofícios divinos com todas as demonstrações de cristandade, e ainda solenidade, por haver entre êles alguns músicos da mesma (*p. 478*) nação Tobajara, dos que se retiravam de Pernambuco, e que sem dúvida se faz muito fruto, e se espera muito maior, de que já o céu tem colhido suas primícias, porque só dos inocentes que baptizou o Padre Pedro de Pedrosa, diz êle que lhe são mortos mais de quarenta, sendo muito mais os adultos que morrem com os sacramentos e moral certeza de sua salvação. <...>

[...]

151

SIMÃO DE VASCONCELOS
(c. 1596 – 1671)

LIVRO: **VIDA DO PADRE JOÃO DE ALMEIDA.** Lisboa, Oficina Craesbeeckiana, 1658.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Não conhecemos outra edição deste livro além da de 1658.

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da História do Brasil*, 1979, livro VI, cap. I, nº 8.1, p. 284): « Nascido no Porto em 1597, passou ainda jóvem ao Brasil, entrando para a Companhia em 1615 e fazendo a profissão solene em 1636. Foi Vice-Reitor do Colégio da Bahia, Reitor do Colégio do Rio de Janeiro e finalmente Provincial em 1655. Teve considerável influência no Brasil de seu tempo, dentro e fora da Companhia, confessor de Vice-Reis e pacificador dos Garcias e Camargos como visitador do Colégio de São Paulo [(*nota 176*): « Bibliografia in Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, IX, 173-183 »]. Esteve em Portugal em 1641 e em Portugal e Roma em 1662, falecendo em 1671 ». Esta é a primeira biografia conhecida do P. JOÃO DE ALMEIDA, que VASCONCELOS montou a partir de documentos jesuíticos de sua época.

EDIÇÃO UTILIZADA: VIDA | *DO P. JOAM* | *d'Almeida da* | *Companhia do Brazil,* | *Composta* | *pello Padre Simao de* | *Vasconcellos da mesma Companhia, Prouincial na* | *dita Prouincia do Brasil.* | *Dedicada* | *ao Senhor Salvador Correa* | *de Sá, & Benavides do Conselho de* | *Guerra, & Vltramarino de Sua* | *Magestade.* | *Em Lisboa.* | *Com todas as licenças necessarias.* | *Na Officina Craesbeeckiana, Anno. 1658.* [27 X 17; 14 ff. inum.; 1 retrato; 406 pp.; 4 ff. inum.; BIEB: 20-d-53].

LIVRO SEGVNDO DA VIDA DO PADRE IOAM D'ALMEIDA DA COMPANHIA DE IESV.

CAPITOLO IV. PROSEGVE A MESMA MATERIA d'outros Varoens, que nestas Aldeias concorreram.

[...]

9. (*p. 41*) [*"Modo com que o P. recebeo os Indios que vinham a fazerse Christaons."*] Feito isto, leuantouo o Padre [*Domingos Gracia*], & depois de dados os parabens da vinda, os foi guiando [*os índios*] ao som d'Instrumentos, Musicas Festiuas, & outras Demõstracoens d'alegria, atè a Aldeia [*a 400 ou 500 léguas da Aldeia do Espírito Santo*], & Igreja della: acuja entrada ficaram os Barbaros espantados da Magestade do Culto Diuino, & modo delle. Fezlhe o Padre aqui hũa pratica com tal Feruor, & Eloquencia em sua Lingua, que o Principal, & todos os de mais ficaram admirados, & disseram huns, pera os outros, estas formais palauras: **Se este P. correra todos noßos Sertões, nam ouuera ninguẽ que ficasse nelles.** Passou tudo isto no anno de 1597.

[...]

CAPITOLO VII. TORNA A CAPITANIA DOESPIRITO Santo: tem cuidado ali d'huma Residencia d'Indios; & desta, vai mandado pela Obediencia a hũa Gloriosa Mißam.

[...]

4. (*p. 50*) [*"Modo cõm que se auia no ensinar a Doutrina."*] O modo da sua [*do P. João de Almeida*] Doutrina (que nestas Aldeïas, & tẽpo teue principio, & daqui doi continuando por todas as mais da Prouincia) era o

seguinte [*entre 1583 e 1604 ou 1605*]. Logo pela menhã depois de tocadas, & rezadas as Aue Marias, antes d'ouuir Missa, se ajuntáuam á porta da Igreja os Mininos, & Mininas da Aldeïa; & diuididos em Ordem de Procissam, cantàuam em Cõros[300] a alta vòz as Oraçoẽs, dando principio a ellas os Mininos por este Versiculo: **Benditto, & Louuado seja o Santissimo nome de IESU.** E respondendo as Mininas: **E o da Santissima V. M. Mãe sua, pera sempre Amen.** E continuãuam cantando as dittas Oraçoens da Senhora: & outros cõ **Gloria Patri, & Filio, & Spiritu Sãcto** no fim de cada hũa. As quais acabadas entrauam na Igreja, & ouuiam Missa; os Mininos a hũa parte, & as Mininas a outra. Acabáda a Missa, lhes fazia declaraçam da Doutrina Christã, & depois se recolhiam os Mininos a suas Escolas, cada hũ segundo sua capacidade; huns a Ler, & a Escreuer, outros ao Canto Cham, outros d'Orgam. Muitos aprendiam a tanger Instrumentos Musicos, em ꝗ sahïam destros os mais delles, & Officiauan Missas, & Procissoẽs como em qualquer Cidade o fazem os Portuguezes.

5. As cinco da tarde os tornaua a chamar o Sino, & lhes tornàua a explicar a Doutrina Christã, & Catecismo; depois da qual tornàuam os Mininos em Procissam na mesma forma, cãtãdo a Còros pelas Almas do fogo do Purgatorio, atè hũa Cruz alta, ꝗ em certa distancia do Terreiro estàua Aruorada. E deste modo se introduzio principalmente por aquellas Aldeïas, & dellas se espalhou pelas demais de toda a Prouincia. Todo o tempo, que aqui sobejàua ao Padre, o cupaua com o Catecismo; instruindoos, & Bautizandoos; curando os Enfermos com grãde Caridade (*p. 51*) administrandolhes os Sacramentos, & Sepultura aos que morriam.

6. Fazia muita diligencia por arreigar nos Coraçoens daquelles Indios, como de todos os com que trataua, a Deuaçam do Santissimo Sacramento, & do Venerando Sacrificio da Missa. Nas Cartas annuas daquelles tempos do anno de 1595. & 1596 ꝗ estan guardadas no Collegio do Rio de Janeiro, achei humas prouas desta Deuaçam entre os Indios, com differença neste particular dos outros annos. Notase ali, que desd'o anno de 1595. se começou a dar principio ao Pio custume, que depois ficou introduzido, de se desenterrar na Igreja dos Indios, naquellas Aldeias, o Santissimo Sacramento, em o tempo Santo da Quaresma: com aduertencia, que naquelles dous annos de 95. & 96. que foram os que ali rezidio o P. **Almeida**, sendo ainda Irmam, se Celebraua esta acçam com mui grande Deuaçam, & Piedade daquella Gente. Celebrandose juntamente os Officios Diuinos em Canto d'Orgam, com Prégaçam, Procissam Solene de muitos, & varios Penitentes; & todas as mais Celebridades, que em qualquer Cidade se fazem; & tudo beneficiado pelos Indios, couza mui propria do Deuoto Espirito d'**Almeida**, ao qual atribuo, com boas conjeituras, a introduçam deste Santo Exercicio em tempo que ainda era Irmam.

[...]

LIVRO TERCEIRO DA VIDA DO PADRE IOAM D'ALMEIDA DA COMPANHIA DE JESV.

CAPITULO V. FICASE EM SAM PAVLO: DASSE noticia do Principio daquella Casa, & Aldeïas.

[...]

5. (*p. 73*) [*"Dasse noticia da Casa de S. Paulo* **&** *dos trabalhos dos Padres em sua Fundaçam."*] Este foi o principio da Casa; Vejamos agora o das Aldeïas [*desde 1554*]. Tanto que os Indios viram os Padres cõ Residẽcia feita naquellas suas Terras, que estam metidas de beiramar pera o seu Sertam cousa de 12. legoas, lugar entam deshabitado totalmente dos Portuguezes; decceram

logo de boa võtade do mais interior do Sertam poucos, & poucos, a situar suas Aldeïas junto a elles; porque tinham desejos de serem Industriados, & Bautizados pelos Padres, & com effeito em breue tempo leuantaram Igreja, & nella os Doutrinauam. Todos os dias diziam Missa, & beneficiauam os Officios Diuinos, & foram Bautizando a muitos, reduzindoos de seus custumes Barbaros à maneira do viuer dos Christãos, cõ Escolas de Ler, Escrever, & Canto, como até hoje [*em 1658*] o fazem.

[...]

LIVRO QVARTO DA VIDA DO PADRE IOAM D'ALMEIDA DA COMPANHIA DE JESV.

CAPITULO XIV PROSEGVE A MISSAM, E DO QVE nella obrou.

[...]

6. (*p. 159*) [*"Vem quatro Principais receber os Padres ao Caminho."*] Daqui [*de São Paulo*] mandaram diante Embaixadores, a esta Gente dos **Goitacam-Goaçûs** [*no "Destrito do Rio de Janeiro", em fins de 1619*], os quais chegáran, & voltàran com resposta, que fossem os Padres seguramente a suas Aldeïas, & que seriam bem recebidos: assi o fizeram, porque os vierem receber ao Caminho quatro Principais, com suas Molheres, & Filhos em modo de Danças, & Festas, segundo seu custume, & com presentes de Legumes a seu uso. <...>

[...]

LIVRO SETIMO DA VIDA DO PADRE IOAM D'ALMEIDA DA COMPANHIA DE JESV.

CAPITULO II. DA SOLEMNIDADE DE SVAS Exequias, Concurso, & Deuaçam do Pouo.

[...]

3. (*p. 336*) [*"Grande Concurso que ouue dos Fieis as Exequias do padre Almeida."*] Estando assim junto este Concurso, das sete pera as oito horas da manhãa dos 25. de Setembro, foi trazido o Corpo defunto da Capella interior do Collegio, pera a Igreja, a hombros de quatro Sacerdotes Irmaõs seus, mas ajudados de muitos Seculares, que desejauam por sua Deuaçam tocar naquella Tũba, como em outra Arca da Lei: & posto em o Cruzeiro da Igreja, cõ o Rosto pera o Pouo, como he custume ẽ Sacerdotes, foi visto de todos cõ grãdes Lagrymas & Saudades, & jutamẽte cõ Alegria interior d'Algũs, causada daquella Fermosura de Rosto, que parecia d'hũ Anjo.

4. O melhor do Ecclesiastico, & Musicos da Terra, tomou por sua Deuaçam beneficiarlhe o Officio de Corpo presente, que foi cantado com muita solẽnidade. <...>

[...]

300. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário portuguêz e latino*, v. II, 1712, p. 112) dá, para o canto a coros o sinônimo « Canto musico, ou musical », informando que « He a uniaõ harmoniosa das quatro vozes, a que chamaõ Tiple, Contralto, Tenor, & contrabaxo, com a consonancia dos instrumentos ».

152

ANTÔNIO VIEIRA
(1608 — 1697)

DOCUMENTO: **RELAÇÃO DA MISSÃO DA SERRA DE IBIAPABA.** s.l., 1659.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Em nenhuma das 4 impressões desta relação se menciona a existência de texto manuscrito. Também a historiografia contemporânea desconhece o original. SERAFIM LEITE, na *História da Companhia de Jesus no Brasil* (1938), v. IX, p. 307, relaciona as fontes conhecidas: « 975. **Relação da Missão da Serra de Ibiapaba escrita pelo P. Antonio Vieira, e tirada do seu mesmo original.** Publ. por Barros, *Vozes Saudosas* (1736) 3-69 (« Voz historica »); – ***Obras Varias***, II (Lisboa 1875) 55-98; – ***Memorias para o Extincto Estado do Maranhão***, II (Rio de Janeiro 1869) 455-501 (com notas de Cândido Mendes de Almeida); – ***Rev. do Instituto do Ceará***, XVIII, 86-138 ». Comparando-se todos os textos, nota-se que a versão publicada por André de Barros nas *Vozes Saudosas* serviu de fonte para as demais, o que nos leva a utilizá-la neste trabalho. Na única publicação onde há notas (de CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA, 1869), não se encontrou nenhuma que interessasse diretamente à musicologia.

NOTA SOBRE O AUTOR: JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da História do Brasil*, 1979, livro I, cap. IV, nº 2, p. 475) fala sobre VIEIRA: « Começou sua vida pública aos 18 anos, escrevendo a crônica (*Ânua*) da Companhia de Jesus no Brasil (1626), disse seu primeiro sermão aos 25 anos, e de 1640 a 1655 encheu o Reino com sua voz e seus conselhos, privou com os maiores e tornou-se uma das figuras principais da política portuguesa, que ajudou a formular e a executar. De volta ao Maranhão, em 1655, submeteu os Nheengaíbas e relatou a viagem à Serra de Ibiapaba; mas, expulso pelos colonos do Pará, voltou ao Reino, a solicitar a proteção da Rainha Regente. A revolução palaciana que entregou o poder a D. Pedro II tirou de Vieira a força política. Vieira foi encarcerado pela Inquisição (1665-1668) e nunca mais retomou a influência que exercera antes, entre 1640 e 1662. Em 1681, depois de quase seis anos em Roma, voltou ao Brasil, de onde se ausentara 40 anos e onde permaneceu os 17 anos finais de sua vida, entrando para a imortalidade aos 18 de julho de 1697 ». A *Relação*, que cobre o período de 1605 a 1655, e que foi escrita tanto com base na documentação quanto em observação direta, foi composta, segundo RODRIGUES (p. 482), em 1659. No § VIII da *Relação*, « Descripçaõ do sitio da serra de Ibiapaba... » (edição de 1736, p. 34), assim fala VIEIRA: « [1.] Ibiapába, que na lingua dos naturaes quer dizer Terra talhada, naõ he huma só serra, como vulgarmente se chama, senaõ muitas serras juntas, que se levantaõ ao certaõ das prayas de Camucí, e mais parecidas a ondas de mar alterado, que a montes, se vaõ succedendo, e como encapellando humas apos das outras em destricto de mais de quarenta leguas; (...) ». Ainda com o mesmo nome, a Serra de Ibiapaba se situa a noroeste do Ceará, na divisa com o Piauí.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: [ANDRÉ DE BARROS (ed.)] – *Vozes* | ***Saudosas,*** | ***Da Eloquencia,*** | ***Do Espirito, Do Zelo, E Eminente Sabedoria*** | ***Do Padre*** | ***Antonio Vieira,*** | ***Da Companhia de Jesus,*** | ***Prègador de Sua Magestade, e Principe dos Oradores*** | ***Evangelicos*** | ***Acompanhadas*** | ***Com hum fidelissimo Echo, que sonoramente resulta*** | ***do interior da obra*** | ***Clavis Prophetarum.*** | ***Concorda na fé e suavidade das Musas em elogios varios*** | ***Tudo reverente dedica*** | ***Ao Principe*** | ***Nosso Senhor*** | ***O P. Andre De Barros,*** | ***Da Companhia de Jesus, Academico do numero da*** | ***Academia Real da Historia Portugueza.*** | *[grav.]* | ***Lisboa.*** | ***Na Officina de Miguel Rodrigues,*** | ***Impressor do Eminent. Senhor Patriarca.*** | *M. DCC. XXXVI. [1736]* | ***Com todas as licenças necessarias.*** [21 X 15; 12 ff. inum.; 315 pp.; SMMA: L.R.-4-c-11].

§. VIII. Descripçaõ do sitio da serra de Ibiapába: sua difficultosa subida: sua altura, que excede ás nuvens: condiçaõ de seus moradores: e chegados a ella os Missionarios, quanto obraõ.

[...]

[3.] (*p. 37*) Naõ foraõ novas aos Padres [*que chegaram a Ibiapaba em 4 de julho de 1656*] as incommodidades do sitio, de que já tinhaõ certas noticias, como dos costumes dos moradores, os quaes acharaõ em tudo no estado, em que acima os descrevemos, posto que foraõ recebidos delles com grandes demonstraçoens de gosto, e humanidade, e com aquella admiraçaõ, e

applauso, que sempre achaõ nesta gente todas as cousas novas. A primeira, em que entenderaõ os Padres, foy em levantar Igreja, de que elles naõ só foraõ os Mestres, senaõ os officiaes, trabalhando por suas proprias maõs, assim pelo exemplo, como pela necessidade, porque era pouca a diligencia, com que os moradores se applicavaõ á obra. A do edificio espiritual se começou juntamente, porque desde o primeiro dia começaraõ os Padres a ensinar a doutrina no campo, a que concorriaõ principalmente os pequenos, que muito brevemente tomaraõ de memoria as oraçoens, e respondiaõ com promptidaõ a todas as perguntas do Catecismo. Mas depois, que os Padres lhes ensinaraõ a cantar os mesmos mysterios, que compuzeraõ em versos, e tons muito accommodados, viase bem com quanta razaõ dizia o Padre Nobrega, primeiro Missionario do (*p. 38*) Brasil, que com musica, e harmonia de vozes se atrevia a trazer a si todos os gentios da America. Foraõ daqui por diante muito mayores os concursos, e doutrinas de todos os dias; e mayores tambem as esperanças, que os Padres conceberaõ de que por meyo desta musica do Ceo queria o divino Orfeo das almas encantar estas féras destas penhas, para as trazer ao edificio da sua Igreja. A primeira pedra, que se lançou nelle, e o primeiro fructo, que se começou a colher, foy o bautismo de muitos adultos, e de todos os innocentes, porque nenhum pay houve, que naõ trouxesse a bautizar todos os seus filhos, dos quaes muitos foraõ logo chamados, ou arrebatados ao Ceo antes dos annos do entendimento, para que a malicia dos mesmos pays lho naõ pervertesse.

§. XIII. Estado pernicioso dos Indios da serra: suas ignorancias, heregias, e trato com o demonio.

[...]

[3.] <...> (*p. 62*) Naõ ha muitos annos, que hum velho dos de Pernambuco feiticeiro, levantou huma ermida ao diabo nos arrabaldes da povoaçaõ, e poz nella hum idolo composto de pennas, e prégou, que fossem todos a venerallo, para que tivessem boas novidades, porque aquelle era, o que tinha poder sobre as sementeiras; e como a terra he mui sujeita a fome, foraõ mui poucos, os que ficaraõ sem fazer sua romaria á ermida. Estava o velho assentado nella, e ensinava, como se haviaõ de fazer as ceremonias da devaçaõ, que era haverem de bailhar continuamente de dia, e de noite, até que as no-(*p. 63*)vidades estivessem maduras, e os que cansavaõ, e sahiaõ da dança, haviaõ de beijar as pennas do idolo, no qual affirmavaõ alguns, que ouviraõ ao demonio fallar com o velho, e outros, que se lhe mostrou visivel, vestido de negro. Tiveraõ os Padres noticia do desaforo, foraõ logo queimar o idolo, e levantar em seu lugar huma Cruz dentro, e outra fóra; mas ao dia seguinte amanheceraõ ambas as Cruzes feitas pedaços: <...>

[...]

§. XVII. Parte o P. Antonio Vieira para a serra: valor, com que emprende o caminho por terra com os mais companheiros: gastaõ vinte e hum dias: chegaõ descalsos, e com os pés em chagas: trata da reformaçaõ da Christandade: acaba com os Indios cousas, que pareciaõ impossiveis.

[1.] <...> (*p. 85*) Entraraõ na serra em quarta feira de Trevas [*24 de março de 1656*] pela huma hora; e logo na mesma tarde começaraõ (*p. 86*) os officios, que se fazem com toda a devaçaõ, e perfeiçaõ por serem quatro os Sacerdotes, e os Indios de Pernambuco terem vozes, e musica de canto de Orgão[301], com que tambem cantaraõ a Missa da quinta feira, e á sexta feira a Paixão, em que vieraõ todos adorar a Cruz com grande piedade, e na tarde ao pôr do Sol se fechou a tristeza daquelle dia com huma procissaõ do

Enterro, em que hiaõ todos os mininos, e moços em duas fileiras com coroas de espinhos, e cruzes ás costas, e por fóra delles na mesma ordem todos os Indios arrastando os arcos, e frechas ao som das caixas destemperadas, q em tal hora, em tal lugar, e em tal gente accrescentava naõ pouco a devaçaõ natural daquelle acto. O officio do Sabbado santo, e o da madrugada da Resurreiçaõ se fez com a mesma solemnidade, e festa, a qual acabada, começaraõ os Padres a entender na reformaçaõ daquella Christandade, ou na fórma, e assento, que se havia de tomar nella; e porque a materia era chea de tantas difficuldades, como se tem visto no discurso de toda esta relaçaõ, era necessaria muita luz do Ceo para acertar em os mayores convenientes, e muita mayor graça de Deos para os Indios os aceita-(*p.* 87)rem, e pôr em em [*sic*] execuçaõ: <...>

[...]

301 . Esses **Índios de Pernambuco** são freqüentemente citados pelos cronistas do séc. XVII. **JOSÉ DE MORAIS** ‡ (***História da Companhia de Jesus na Província do Maranhão e Pará***, 1759, livro I, cap. I, § 15) assinala sua presença em São Luís do Maranhão, no ano de 1615: « Nos domingos se juntavão todos e antes de entrar a Missa rezavão a santa doutrina, ouvião a explicação dos divinos mysterios e assistião ás Missas que nos dias classicos erão cantadas e acompanhadas de muito bom e ajustado som de charamelas, para o que tinhão trazido já ensinados alguns dos Tupynambás no tempo que estiverão em Pernambuco, o que tudo convidava os mesmos Indios, que pela sua natural preguiça são de ordinario pouco affectos a qualquer trabalho ». **JOÃO FELIPE BETTENDORF** ‡ (Crônica, 1698, livro II, cap. III, § 1) informa que « faziam-se em a aldêa da residencia [*de Ibiapaba, em 1656*], os officios divinos a canto de orgão com os indios musicos, e charameleiros que já se achavam vindos de Pernambuco onde dantes moravam ». O mesmo autor (livro II, cap. XI, § 4) volta a mencioná-los pouco tempo depois: « Logo que os Padres Missionarios e indios da aldêa souberam que vinha o Padre Superior Antonio Vieira, o foram receber ao caminho com os Principaes com muita festa e danças dos meninos, e assim o acompanharam até a egreja onde se repicou o sino, tocando os Tabajaras Pernambucanos suas charamellas e frautas ». **ANDRÉ DE BARROS** ‡ (***Vida do apostólico padre Antônio Vieira***, 1746, livro III, § LXI) também comenta a chegada de VIEIRA à Serra: « Era huma hora, e o dia de quarta feira de Trévas, em que se contavaõ 24 de Março [*de 1656*]; e sem mais descanço, nem perder ponto á religiosa regularidade, ordenou logo os Officios daquella tarde, que celebrárão com devaçaõ piedósa. Eraõ quatro os Sacerdotes, que acompanhados dos Indios Pernambucanos, que Tinhaõ, e sabiaõ o canto de Orgaõ, déraõ á terra nóva ternura, ao Ceo alegria ». O próprio ANTÔNIO VIEIRA ‡ (carta de 10 de

junho de 1658, § 8) dá outras notícias desses índios, ainda solenidade, por haver entre êles alguns músicos da mesma nação Tobajara, dos que se retiravam de Pernambuco ». Por fim, J. F. BETTENDORF (Crônica, 1698, livro IV, cap. XV, § 2) aponta alguns deles no Maranhão, em c. 1663: « As mais aldêas todas, assim da ilha como Itapecurú, corria com grande perigo incansável zelo o Padre Gonçalo de Veras, umas por terra, outras por mar, não tendo outros remeiros que os rapazes que lhe serviam e tocavam as flautas do tempo do sacrifício da Missa, por ser um deles Tabajara da serra, que sabia tocar, e ter além destes uns índios charameleiros da mesma nação, com um índio velho, mestre de todos, o qual morava em a aldeia de S. José ». O erudito SERAFIM LEITE (*A música nas escolas jesuíticas do Brasil no século XVI*, 1949, p. 29) esclarece essa questão, citando seus livros *Luís Figueira* (Lisboa, 1940, pp. 30, 125, 129, 130) e *História da Companhia de Jesus no Brasil* (Rio de Janeiro, v. IV, 1934, p. 295): « Eram os Nheengaraíbas, mestres cantores, ou como traduz, meio etimológica meio humoristicamente, LUÍS FIGUEIRA, "mestres de capela". Não era cantar de ouvido, mas por música e papel. A alguns dêles levou o mesmo LUÍS FIGUEIRA, quando com o P. FRANCISCO PINTO, tentou em 1607 a junção de Pernambuco ao Maranhão. E lhes serviram na Serra de Ibiapaba (Ceará), para ensinar os moços índios dela, ensino que os Nheengaraíbas lhes ministravam "por papel" (é a expressão de LUÍS FIGUEIRA), e ao qual os índios da Serra assistiam horas a fio, para aprender. Também lhes ensinavam "a dançar ao modo português que para êles era a coisa de mais gôsto que pode ser". E na Festa da Assunção (15 de Agôsto de 1607) celebraram o dia com uma procissão, a primeira festa naquela apartada Serra, "com uma dança e um diabrete, etc., e que tudo causou admiração por ser para êles grande novidade; e depois dela, todos foram para suas casas a prantear, por verem que os seus antepassados morreram sem verem tanto bem ». O texto de LUÍS FIGUEIRA (ARSI, Bras. 8, ff. 76v-77r), de acordo com SERAFIM LEITE (*Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil*, 1953, p. 61, transcrito de seu livro *Luís Figueira*, pp. 129-130) é o seguinte: « São todos estes incrivelmente inclinados a cantar e dançar, e porque os Pitiguaras são nisto afamados e conosco iam alguns nheengaraíbas ou mestres de capela desatinavam-se que cantassem para os ensinarem; e, fazendo revezar ora uns ora outros, cantavam dias e noites, de 24 em 24 horas, sem interromper, até não poderem falar de roucos, tendo isto por valentia e delírios. E a nós pediram que lhes ensinássemos seus filhos o papel (como eles dizem), querendo dizer que lhes ensinássemos a ler e cantar o nosso canto, o que nós com facilidade fizemos para os domesticar; mas eles mostram mui pouco talento para o nosso canto; os de mar, fàcilmente. Com isto domesticamos muito os meninos, que dantes fugiam de nós, e alguns que estavam em suas roças me vieram dizer que queriam aprender o que eu ensinava aos outros, e muitos diziam resolutamente que se haviam de ir conosco, fugindo de seus pais ou após nós. Entre os quais teve graça um, que representava 12 anos, em dizer que, se os Padres se fossem, não tinha outra coisa que fazer senão abrir uma cova e meter-se nela; e isto com grande sentimento. E outro, estando eu ocupado não sei em quê, se chegou a mim, e, depois de estar um pedaço, me disse: Não sei que é isto, que dantes fugia de ti, e agora não me posso apartar. Isto nos servia para os ensinar e doutrinar, e já sabiam muitos deles a doutrina e algumas coisas de nossa santa fé. Também os faziamos ensinar a dançar ao modo português, que para eles era a coisa de mais gosto que pode ser ».

153

ANTÔNIO MENDES

(séc. XVII)

DOCUMENTO: PETIÇÃO AO REI DE PORTUGAL. Lisboa, 28 de novembro de 1659.

TEXTO: O manuscrito pertenceu à coleção Studart e foi publicado na RTIC vol. 34, 1920, pp. 327-330, entre os « Documentos para a Historia do Brasil e especialmente a do Ceará; Collecção Studart », com o titulo « *Petição de Antonio Mendes, cabo das tropas dos indios de Pernambuco ao Rei de Portugal* », incluido em « Nº 263. 28 de Novembro de 1659. – Sobre o que pede Antonio Mendes, Cabo das tropas de Pernambuco, em razão da forma, em que se poderão reduzir a obediencia de S. Mag.de os Indios tapuias, e outros particulares. E vay a petição, e carta que se acuza. », assinada « Em Lx.ª a 28 de Novembro de 659 ¶ O Conde. Miranda. Andr.e ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Revista Trimestral do Instituto do Ceará*. Fortaleza, Typ. Minerva, de Assis Bezerra, 1920, v. XXXIV, 381 pp.

[1.] <...> (*p. 328*) e agora se offerece fazer o mesmo por serviço de Ds., e de Vmg.de para o que tambẽ sera necessario mandar Vmg.de na Capitania do Seará, donde com tanto valor tem defendido, e defende as terras de Vmg.de, mandandoselhe hũa medalha, e hũ vestido, como ao Capitão de Camusy, e dandose ao dito Pedro de Lara, hũ ornamento, sino e charamellas para a sua Aldea, em que rezide, cõ que se possa celebrar os officios divinos, e outra medalha, para que cõ todo o amor, e cuidado se empregue no serviço de Vmg.de [...]

154

ANTÔNIO VIEIRA
(1608 – 1697)

DOCUMENTO: CARTA AO REI DE PORTUGAL, D. AFONSO VI. Maranhão, 28 de novembro de 1659.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Segundo JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO (*Cartas de Vieira*, 1925, tomo I, pp. 549-550) e SERAFIM LEITE (*História da Companhia de Jesus no Brasil*, tomo II, 1949, nº 313, pp. 294-295) esta carta foi primeiramente impressa no folheto *Copia de huma carta para ElRey N. Senhor. Sobre as missões do Ceará, do Maranhão, do Pará & do grande rio das Almazonas. Escrita pelo Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesu, Pregador de Sua Magestade, & Superior das Religiosos da mesma Companhia naquella Conquista.* Lisboa, Offic. de Henrique Valente de Oliveira, 1660 [in-4º, 20 pp.]. S. LEITE também a indica em *Fenix Seraficas* (1736) de ANDRÉ DE BARROS, pp. 266-285, nas *Cartas do P. Antonio Vieyra* (Lisboa, 1735), tomo II, pp. 12-45, na *Revista do Instituto do Ceará* I, pp. 106-123, na edição das *Cartas* de Lisboa 1885, I, pp. 154-171 e nas *Cartas de Vieira* (Coimbra, 1925), tomo I, carta LXXVI, pp. 549-571. São conhecidos dois MSS, indicados por S. LEITE: 1) em português, na Biblioteca de Évora, cód. CXV/2-13, f. 399, com a data de « Pará, 28 de Novembro de 1659 » (Rivara, I, 41); 2) tradução francesa da Biblioteca da Ecole de S.te Geneviève S.J., Paris (Portugal, 2), com a data de 11 de fevereiro de 1660.

DATA: Apesar de esta carta estar datada em todas as suas impressões, à última p. « Maranhão, 11. de Fevereiro de 1660. » (*Cartas*, 1735, II, p. 45), tanto J. L. AZEVEDO quanto S. LEITE fazem prevalecer a data indicada no MS de Évora.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: CARTAS | Do | P. Antonio Vieyra | da Companhia de Jesu | Tomo Segundo. | Offerecido | Ao Eminentissimo Senhor | Nuno Da Cunha | E Attaide | Presbytero Cardeal da Santa Igreja de Roma | do Titulo de Santa Anastacia, do Conselho | de Estado, Guerra, e Despacho de Sua | Magestade, Inquisidor Geral nestes Reynos, | e Senhorios de Portugal. | (grav.) | Lisboa Occidental, | Na Officina da Congregaçaõ do Oratorio. | M. DCC. XXXV. [1735] | Com todas as licenças necessarias. [6 ff. inum.; 479 pp.; BNRJ-G: 869.631-V3] [« CARTA II. | A ElRey. », pp. 12-45].

[...]

[13.] <...> (*p. 38*) Por fim póstos de joelhos, disseraõ os Padres o **Te Deum laudamus**, e sahindo da Igreja para huma praça larga, tomàraõ os Principaes Christãos os seos arcos e frechas que tinhaõ deixado fóra, e para demonstraçaõ publica do que dentro da Igreja se tinha feito, os Portuguezes tiravaõ as balas dos arcabuzes, e as lançavaõ no rio, e disparavaõ sem bala; e logo huns e outros Principaes quebravaõ as frechas, e tiravaõ com os pedaços ao mesmo rio, comprindo-se aqui à letra: **Arcum conteret, et confringet arma**. Todo isto se fazia ao som de trombetas, buzinas[302], tambores, e outros instrumentos, acompanhados de hum grito continuo de infinitas vozes, com que toda aquella multidaõ de gente declarava sua alegria[303]: <...> (*p. 39*) Na tarde do mesmo dia deo o Padre seo presente a cada hum dos Principaes, como elles o tinhaõ trazido, confórme o costume desta terras, que a nôs he sempre mais custoso que a elles. Os actos desta solemnidade que se fizeraõ, foraõ tres, por naõ ser possivel ajuntarem-se todos no mesmo dia; e os dias que alli se detiveraõ os Padres, que foraõ quatroze, se passàraõ todos, de dia em receber e ouvir os hospedes, e de noyte em continuos bailes assim das nossas naçoens como das suas, que como differentes nas vozes, nos modos, nos instrumentos, e na harmonia, tinhaõ muito que ver, e que ouvir.

302 . « Bosina, ou Bozina, ou Buzina », para RAPHAEL BLUTEAU (***Vocabulário portuguêz e latino***, v. II, 1712, p. 165), é « Trombeta pastoril, ou ponta de boy, de que usaõ os pastores », que afirma, ainda, que « antigamente erão de corno, & de marfim ». Encontramo-lo em « El-Rei Seleuco », de LUÍS DE CAMÕES (v. III, 1972, p. 92): « E nisto fenecerá o auto, com música de chocalho e buzinas ». TOMÁS BORBA e FERNANDO LOPES GRAÇA (***Dicionário de música***, v. I, 1962, pp. 242-243) deixaram excelente verbete sobre esse instrumento: « Em princípio, e etimologicamente, buzina é todo o instrumento que se toque com a boca: corneta, búzio, chifre, trompa, trombone, trombeta, etc. (...) Entre nós dá-se mais vulgarmente o nome **buzina** a um tubo curvilíneo, no qual se introduz, à semelhança das bombardas, uma palheta livre, a qual, postos os lábios do tocador na ponta mais delgada, vibra pela acção do sopro pulmonar. É o instrumento usado pelos vendilhões de província, guardas nocturnos de algumas terras, bombeiros, etc. ». Parece ser o mesmo instrumento que ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA (***Instrumentos musicais populares portugueses***, 1966, fotografia 401) descreve como "corno", em iluminura da « Crônica Geral de Espanha », códice da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, datado do século XVI. Cf. também F. J. FÉTIS (***A música ao alcance de todos***, 1858, p. 20), ISAAC NEWTON (***Dicionário musical***, 1904, p. 50), PEDRO SINZIG (***Pelo mundo do som***, 1959, p. 115) e o bom verbete de MÁRIO DE ANDRADE (***Dicionário musical brasileiro***, 1989, pp. 74-75). Cf. a GRAVURA XV.

303 . ROBERT SOUTHEY (***History of Brazil***, v. II, 1817, cap. XXVII, p. 525) resume esta passagem: « The Jesuits chaunted Te Deum, during which all were on their bows and arrows, which had been laid without the Church; the Portugueze drew the bullets from their harquebusses, threw them in the river and fired with powder, and all the Indians broke their arrows, and cast them into the stream; trumpets, conchs and tambours, and human voices, making the while an uproar of joyful dissonance ».

155

MAURICIO DE HERIARTE

(séc. XVII)

DOCUMENTO: DESCRIÇÃO DO ESTADO DO MARANHÃO, PARÁ, CORUPÁ E RIO DAS AMAZONAS. s.l., 1662.

TEXTO: O apógrafo, publicado por FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN, pertencia à biblioteca do Barão de Hohendorff e foi encontrado pelo mesmo historiador em 1868, na Biblioteca Imperial de Viena, MS 5880, 99 ff., in-4º (escrito com um tipo de letra até a p. 71 e com outro tipo da p. 71 à p. 99). O título, fornecido por VARNHAGEN (seu nome não aparece na página de rosto da edição do documento de Heriarte) é o seguinte: « *Descripção do estado do Maranhão, Pará, Corupá e rio das Amazonas...* ». Informa ainda o pesquisador que os parágrafos já vêm numerados no manuscrito, porém de forma pouco racional, mas que é mantida.

NOTA BIBLIOGRÁFICA E SOBRE O AUTOR: Segundo RUBEN BORBA DE MORAIS (*Bibliographia brasiliana*, c. 1983, v. I, p. 399): « As we already know, Mauricio de Heriarte accompanied Pedro Teixeira's expedition. The manuscript was discovered in the Imperial Library of Vienna by Varnhagen, who published it ». A Descrição de HERIARTE, feita com base em observações diretas, foi reimpressa por VARNHAGEN em sua *História Geral* (Cf. a edição de 1956, pg. 171-190).

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Descripção | Do | Estado Do Maranhão, | Pará, Corupá E Rio Das Amazonas. | Feita Por | Mauricio De Heriarte, | Ouvidor-Geral, Provedor-Mór E Auditor, Que Foi, | Pelo Governador D. Pedro De Mello, No Anno | De 1662. | Por mandado do Governador-geral Diogo Vaz De Sequeira. | Dada à luz por 1a. vez. | Vienna D'Austria. | Imprensa do filho de Carlos Gerold.* | 1874. [9 X 11; 84 pp.; BNRJ: L.R.-29-c-20].

OBSERVAÇÃO: Mantemos, após a indicação da página, o número que, no manuscrito vienense, foi aplicado aos parágrafos, apesar de não usarem de muita lógica.

[1] **DESCRIPÇÃO DO ESTADO DO MARANHÃO etc.**

[...]

[45.] (*p. 17*) 13. Armando cavalheiros de differentes maneiras, uns por que seus principaes [*entre os "Indios" de "S. Luiz"*] os abalizam, outros por terem morto muitos homens, e quebrando-lhes as cabeças com as suas Tamaranas (costume muito uzado entre elles) depois de haverem feito esta cerimonia, jejuam duas luas, e ao cabo d'ellas se ajuntam todos os sua naçam, e fazem grande cantidade de vinho e bebem todos; e ao que se hade armar de cavalheiro o poem em uma rede uma parte alta, de modo que nam possa descer, e ali o teem trez dias sem comer nem beber, dando lhe pouco vinho ao sahir; e por acordo no cabo dos trez dias o descem, e com un couro de onça, ou de tigre (de que há muitos nestas partes) em volta lhe dam muitas pancadas pella cabeça, pella cara e por todo o corpo; e feito, un dos mais velhos lhe faz uma pratica mui graciosa, e logo lhe dam mulher, e ao cabo baile, e fica feito cavalheiro, e por tal acatado entre elles; pode ter muitas mulheres, com conhecimento de que (*p. 18*) a primeira he a principal molher e as demais concubinas.

[...]

[2] CIDADE DE BELLEM

[...]

[22.] (*p. 28*) [*§ anterior numerado 27*] Os mais d'elles [*"Indios moradores deste rio" dos "Tocantins ou das Pedras", que "Tem diferentes nações, como sam Tocantins, Tacuanunas, Tacunapes, Carajazes, Tupinambás, Paipais, Mariases, Catingas, Jacús e outros muitos"*] se presão de feiticeiros, e que falam com o Diabo. <...> A' meia noute se levantam e mettem nos matos, dizem, que a falar com os Diabos, para que se lhes ensine as couzas que lhes sam necessarias saber, assi as futuras, como os sucessos acontecidos, ou a compor musicas ao seu uzo para as suas festas e borracheiras que elles estimam muito, e se esmeram nellas.

[...]

[6] PROVINCIA DO TAPAJÓS.

[...]

[7.] (*p. 36*) [*1º § do capítulo marcado 35.*] Estando maduras as sementeiras, dá cada um [*dos habitantes do rio Tapajós, que "Está mui povoado de Indios Tapajós, Marautus, Caguanas, Oururucuzos, e outras muitas nações"*] a decima, e tudo junto o mettem na caza em que teem os idolos, dizendo que aquillo he Potaba de Aura, que, na sua lingoa, he o nome do diabo; e d'este milho fazem todas as semanas cantidade de vinho, e à 5ª feira de noute o levam em grandes vazilhas a uma eira, que detraz da sua aldeia tem muito limpa e aceada, na qual se ajuntam todos d'aquella nação, e com trombetas, e atabales[304] tristes e funestos, começam a tocar por espaço de uma hora, athé que vem un grandissimo terremotu, que parece vem derrubando as arvores e os montes, e com elle vem o Diabo e se mette em um corro, que os Indios tem feito para elle, e logo todos com a vinda do Diabo começam a bailar e cantar na sua lingoa, e a beber o vinho athé que se acabe, e com isto os traz o Demonio enganados.

[...]

[9] DO RIO DAS TROMBETAS

[...]

[3.] (*p. 38*) [*O 1º § deste capítulo deveria estar precedido do número 36, porém, nada consta*] As terras d'este rio das Trombetas[305] (que (*p. 39*) os Portuguezes lhe deram este nome pelas muitas trombetas de que seus moradores uzam com que fazem suas festas e borracheiras, a que sam mui inclinados) sam mais mais fartas de mandioca que as dos Tapajós, e he de muita caça.

[...]

[17] PROVINCIA DOS CAMBEBAS

[...]

[16.] (*p.56*) [*Este § é seguido por outro que leva o número 56.*] Os instrumentos com que fazem suas festas, sacrificios e bailes [*os "Indios", "deste rio das Amazonas"*], a que são mui inclinados[306], são trombetas de tristissimo som, feitas de tabocas, que são humas canas grossas ocas por dentro, por ser o buraco pequeno, e com uns páos cobertos de resina os tocão como atabales, que se ouvem muito longe[307]. E ao som destes instrumentos fazem seus bailes e sacrificios ao Diabo, que os traz cegos sem conhecimento algum de Deos.

[...]

304 . O termo *atabale* foi usado pelos portugueses para designar uma espécie de tambor indígena que, pelo menos entre os tupinambás, era chamado de *guararú*. Os sufixos *miria* e *guassu* também eram empregados para indicar tamanhos diferentes de tambores.

305 . OTTO ZERRIES (*Drei alte, Figürlich Verzierte Holztrompeten aus Brasilien*, 1977, pp. 77-89) descreve e reproduz uma trombeta indígena de 121 cm, proveniente da região amazônica e pertencente à coleção do médico holandês Paludanus van Enkhuyzen em 1617, hoje no Museu Nacional da Dinamarca, em Copenhagen (outras duas trombetas, coletadas na mesma região, no séc. XVIII, também foram encontradas pelo autor em museus da Europa e descritas no mesmo trabalho). É provável que essas trombetas fossem objetos de comércio entre esses índios e os europeus. ANGYONE COSTA (*Introdução à arqueologia brasileira*, 1934, parte IV, cap. I, pp. 240-241) comenta esse tipo de relação: « Do manuscrito de Heriarte, descoberto por Varnhagen na Biblioteca Imperial de Viena e publicado, pela primeira vez, em 1874 e hoje incluído na sua *Historia Geral do Brasil*, exhaustivamente commentada e corrigida por Garcia, verifica-se que o muirakitan [*nefrite*] era usado, em forma de pássaro e de rã, em vasos para beber, pelas grandes tribus dos rios Tapajós e Trombetas, as quais faziam o commercio trocando esses objetos, papagaios e escravos ».

306 . O primeiro parágrafo deste capítulo traz a seguinte informação (*p.* 55): « 34. Desta provincia à provincia dos Maguas, a que vulgarmente chamamos Cambebas, por terem as cabeças chatas (o que lhe fazem uns aos outros sendo as crianças de peito) haverá dezoito legoas pelo rio assima ».

307 . Nota « 208, pag. 56 », de FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN (cujo nome não é indicado), à *p.* 81: « Trocanos chamam os Indios aos taes seus tamborîs. Em vez de resina nas *baquêtas*, já usariam, como no tempo de Sampaio, da gomma elastica, cuja extracção foi ensinada no Amazonas pelos Cambebas ». GABRIEL SOARES DE SOUZA (*Notícia do Brasil*, 1587, cap. CLXIII, § 4) descreve um instrumento semelhante, entre os amoipiras da Bahia: « tambores que fazem de um só pau, que cavam por dentro com fogo até que ficam muito delgados, os quais toam muito bem ». RENATO ALMEIDA (*História da música brasileira*, 1942, parte I, cap. II, pp. 33-36) traz informações sobre os trocanos e boa representação gráfica, à fig. 5. Deve-se consultar também LUÍS DA CÂMARA CASCUDO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1988, pp. 761-762) e MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, pp. 530-531).

156

SIMÃO DE VASCONCELOS

(c. 1596 – 1671)

LIVRO: **CRÔNICA DA COMPANHIA DE JESUS DO ESTADO DO BRASIL.** Lisboa, Henrique Valente de Oliveira, 1663.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A *Crônica* foi reeditada em 1864 (Rio de Janeiro, Typ. de João Ignacio da Silva) e em 1865 (Lisboa, A. J. Fernandes Lopes), enquanto que as *Notícias Curiosas e necessarias das cousas do Brasil...* reaparecem em volumes independentes em 1668 (Lisboa, João da Costa) e em 1824 (Rio de Janeiro, Impressa Nacional). Os dois textos são reimpressos conjuntamente em 1977, mas em 2 volumes (Petrópolis, Vozes / Instituto Nacional do Livro).

NOTA SOBRE O AUTOR: Grande parte dos documentos utilizados por VASCONCELOS para a montagem de sua *Crônica* ainda sobrevivem, notadamente as cartas jesuíticas. Este livro é o volume mais completo escrito sobre os jesuítas no século XVII.

EDIÇÃO UTILIZADA: CHRONICA | da | Companhia | de | JESV | do | *Estado do Brasil:* | e | *do que obrarão seus filhos* | *nesta parte do novo mundo.* | TOMO PRIMEIRO | *da entrada da Companhia de Jesv* | *nas partes do Brasil* | e | *dos fundamentos que nellas* | *lançarão, & continuarão seus Religiosos em quanto alli trabalhou o Padre Manoel* | *da Nobrega Fundador, & primeiro Provincial desta Provincia,* | *com sua vida, & morte digna de memoria:* | e | *alguas noticias antecedentes* | *curiosas, & necessarias das cousas daquelle Estado,* | *pello Padre* | *Simão de* | *Vasconcellos* | *da mesma Companhia:* | *Natural da Cidade do Porto, Lente que foi da sagrada Theologia,* | *& Provincial* | *no dito Estado.* | *Lisboa.* | *Na Officina de Henrique Valente de Oliveira Impressor delRey N. S.* | *Anno M. DC. LXIII.* [1663] [33 X 23; Crônicas 6 ff. inum.; « Livro Primeiro, Das Noticias antecedentes, curiosas, e necessarias das cousas do Brasil. Introdução » pp. 1 a 178 e 185 a 188; « Livro Primeiro da Chronica... »: pp. 1 a 528; 6 ff. inum.; BIEH: 16-a-6].

Livro Primeiro, DAS NOTICIAS Antecedentes, cvriosas, e necessarias, das covsas do Brasil.

SVMMA. COntêm este liuro o descobrimento admirauel do Nouo mundo, assi por parte da Noua Espanha, como por parte do Brasil. O modo com que se repartio entre os dous Reys de Portugal, & Castella. A descripção, & demarcação geographica de suas terras, costas, rios, portos, cabos, enseadas, & serranías fronteiras ao mar. E a resolução de algũas duuidas curiosas, a saber: Quem foraõ os primeiros progenitores dos Indios? Em que tempo entráraõ neste Nouo mũdo? De que parte vierão? De que nação eraõ Por onde, & de que maneira entráraõ? Como naõ conseruáraõ suas cores, lingoa, & costumes, seus descendentes?

[...]

10. (*p. 9*) [*col. 1*] [*"Trato que começárão a ter com os Indios."*] Descião [*os índios, por ocasião do descobrimento*] a ver como [*col. 2*] em manadas, ordenados porém a seu modo em som de guerra; & erão tãtos os que cõcorrião, que ao principio dauão cuidado. Porém com sinaes, & acenos, & muito mais com dadiuas (a melhor falla de todas as nações) de cascaueis, manilhas, pẽtes, espelhos, cousas pera elles as maiores do mundo, vierão a conhecer que nossa entrada não era de mao titulo: fizerão confiança, trouxerão mulheres, e filhos, & filhos [*sic.*], & tratárão logo cõ os Portuguesses fóra de todo o receio: traçárão en sua presença mostras de alegrias, a modo de sua gentilidade, galanteados elles & ellas de tintas de

paos e pennas de passaros, fazendo festas, bailes, & jogos, lãçãdo frechas ao ár: & por fim vieraõ carregados de animaes, & aues de suas capas, & de frutas varias da terra, q̃ por naõ vistas outro tẽpo dos nossos, naõ podiaõ deixar de agradar, Quãdo se ẽbarcaua o General, acõpanhavaõno cõ mostras de prazer: hião (*p. 10*) [*col. 1*] com elle até a praia, huns se metião pella agoa, chegando o batel, outros nadauão à contenda com elle, outros seguiaõno atè as naos em jangadas, tudo sinaes de amizade, dando a entẽder, que lhes era grata sua presença, & q̃ ficauaõ agradecidos de sua boa correspondẽcia. [*"Natural docil dos Indios."*] Sobre tudo mostraua esta gente natural docil, & domauel; porque assistindo entre os nossos ás Missas, & mais actos Christaõs dos Religiosos do Seráphico P. S. Francisco, que alli se achãraõ estauão decẽtemẽte, como pasmados, motrãdo fazer conceito de bõdade daquellas ceremonias, põdose de joelhos, batendo nos peitos, leuãtando as maõs, & fazẽdo as mais acçoẽs, q̃ vião fazer aos Portugueses, como pezarosos de não entẽderem elles tãbẽ o q̃ significauão.

[...]

143. (*p. 88*) [*col. 1*] [*"Seus instrumẽtos, musicos, et. danças"*] Tem tambem [*os Indios*] seus instrumẽtos músicos. Hũs os fazem de ossos de finados, a que chamão cãgoẽra[308]: outros chamão muré-muré[309]: outros maiores cõmummente de conchas chamaõ membyguaçú[310], & outros vruoá[311]: outros de cana chamaõ membyapára[312]. Saõ mui dados a dançar, & saltar de muitos modos, a que chamaõ guaù[313] em gèral: a hum dos modos chamaõ urucapy[314]: a outro, dos de menor idade, chamaõ curúpiãra[315]: outro guaibípáye[316], outro guaibiãbucú[317]. Hũ destes generos de danças he mui solenne entre elles; & vem a ser, que andaõ nelle todos á roda sem nunca mudarem o lugar [*col. 2*] donde começãrão, cantando no mesmo tom arengas de suas valentias, & feitos de guerra, com taes assouios, palmadas, & patadas, que atroaõ os valles. E pera que naõ desfalleçaõ em acçaõ tão heroica, assistem alli ministros destros, que dão de beber aos dançantes cõtinuamẽte de dia, & de noite, até que vão embebedandose & caindo ora hum, ora outro, & finalmente quasi todos.

144. <...> (*p. 88*) [*col. 2*] [*"Costumes particulares da nação dos Tapuyas."*] He esta gente dos Tapuyas a mais vagabunda entre todas: mudão os sitios quasi todos os dias cõ esta ceremonias. [*"Consultas, et. ceremonias q̃ fazẽ cada dia a cerca do sitio em que hão de habitar."*] Aa vespora do dia, o Principal de todos faz ajuntar a relé de seus feiticeiros, & adeuinhadores, que sempre tem em grande quantidade; & feito concelho com elles, pergunta, aonde será bem que vão assentar rancho o (*p. 89*) [*col. 1*] dia seguinte? & o que haõ de fazer nelle? de que maneira haõ de matar as feras? &c. Ouuido o oraculo, o modo que tem de partir he nesta forma. Antes que abalem, vaõ todos juntos a lauarse em rio, ou outra qualquer agoa: feito o lauatorio, esfregaõ os corpos pella area, lodo, ou terra, & tornaõ segunda vez a lauarse; & saidos da agoa, vaõse ao fogo, & ao ar delle vaõ sarjãdo seus corpos cõ dẽtes de animal por diuersas partes, até lançarem sangue: & este tem por remedio vnico pera euitar o cansaço, que hauião de ter no caminho. Chegados ao lugar destinado por seus feiticeiros, os que são mais mancebos vão logo ao matto, cortão ramos, fazẽ barracas toscas, & pequenas, chamadas como elles Tapuyas: & logo estas são poucadas das molheres, crianças, & bagajem de todos os haueres que consigo trazem. Isto feito, deste lugar (morada que ha de ser de hum dia) partem [*col. 2*] os homens, huns á caça, outros á pesca, outros a mel-sylvestre; & as mulheres, as demais idade, hũas ás raizes de eruas, outras ás frutas, que possaõ seruirlhes de pão, & jũtamente de vinho. As de menor idade ficão em casa, & vão preparando as cousas assim como vão vindo pera sustento commũ de todos. O demais tẽpo cãtão, dançäo, saltão, & lutão.

145. [*"Modo de caçar dos Tapuyas."*] He para ver a breuidade, & facilidade com q̃ caçäo. Ajuntãose os caçadores todos (q̃ commummente vẽ a ser muitos cẽtos) vãose ao lugar destinado, seguindo o oráculo de seus

feiticeiros, despedẽ algũs delles, os mais destros, a vigiar as couas, & jazigos da caça; os quaes achados, voltão, & dado põto, vão todos, & cercão o lugar, & como saõ em tanta quãtidade, & destros na arte, naõ lhes escapa fera algũa, por mais ligeira ou manhosa q̃ seja; porq̃ se fogẽ das maõs, ou dos arcos, daõ na boca dos caẽs caçadores (*p. 90*) [*col. 1*] Concluída a caça, logo cõ grande festa daõ com toda ella no meio de seus ranchos, cantando, & bailando; saẽlhe ao encontro na mesma forma, as q̃ ficáraõ em guarda das choupanas, desentranhaõ as feras (cẽto, duzentas, & às vezes mais, segundo o numero dos caçadores, & fertilidade do sitio) & feitas grandes couas cubertas por dentro de folhas, metem nellas os animaes em pedaços, & cubertas de terra, pondo fogo sobre ellas, na maneira como assima dissemos, ficão cozidas, ou assadas, como em forno. <...>

146. [*col. 2*] [*"Todo o tempo que lhes sabaja de caçar, & comer gastão em jogos, cantos & bailes."*] O tempo que sobeja do dia, gastão em jogos, cantos, & bailes; & assi vaõ passando a vida, sem cuidado algum da eterna, ou conta algũa do bem, ou do mal que fizeraõ. Sobre a tarde torna o Principal a consultar seus feiticeiros a cerca do dia seguinte; neste fazem o mesmo, & o mesmo em todos os de mais; & este he seu modo continuo de viver.

147. [*"Modos de furar as orelhas, faces, & beiços."*] He singularmente fero entre esta gẽte o modo de furar as orelhas, faces, & beiços. Tomaõ o pobre moço padecẽte, leuaõno como em procissaõ entre cantos & danças; & chegando ao lugar destinado, hũ dos mais nobres feiticeiros amarrao de pés & maõs, de maneira q̃ naõ possa mouerse: & logo entra outro feiticeiro, & com hũ pao duro, & agudo lhe fura as orelhas, faces, ou beiços, segũdo o q̃ pedem os parentes, ou suas boas obras merecẽ; planteando ẽtre tãto as mãys à vista do tormẽto dos filhos; porém (*p. 91*) [*col. 1*] leuando tudo em bem, por ser acção de gloria, a honta da familia.

[...]

Livro Segundo DAS NOTICIAS curiosas, antecedentes, da cousas do Brasil.

SVMMA. COntèm outra parte da resolução das perguntas curiosas das cousas dos Indios. Se chegou a degenerar algũa de suas nações, de maneira que perdesse o ser de humana? Que Religiaõ seguem? Se he certo que veio a estas partes S. Thomè, ou outro Apostolo de Christo? Se estando na ignorancia de sua gentilidade, podiaõ saluarse alguns delles? Trata da bondade da terra do Brasil? Defende esta das Calumnias, que os Antigoos lhe impunhaõ de Zona torrida, & inhabitauel: & por fim mostra a bondade do clima, & duvida, se nelle plantou Deos o Paraiso Terreal?

[...]

13. <...> (*p. 107*) [*col. 1*] [*"Tem algũs vestigios de Deos, & da outra vida."*] Os mesmos vestigios ha entre elles da immortalidade da alma, & da outra vida; porque tem pera si, que os varoens valentes, que nesta vida matáraõ em guerra, & comerão muitos dos inimigos; & da mesma maneira as femeas, que foraõ tão ditosas que ajudárão a cozellos, assallos, & comellos; depois que morrem se ajuntaõ a ter seu paraiso em (*p. 108*) [*col. 1*] certos valles, que elles chamaõ cãpos alegres (quaes outros Elysios) & alli fazem grandes banquetes, cantos, & danças. Porém os que foraõ couardes, & que em vida naõ obráraõ façanhas, vaõ a penar com certos maos espiritos, a q̃ chamão Anhangas.

[...]

16. *(p. 109)* [*col. 1*] [*"Seus feiticeiros, &t. feitiçarias"*] Tem grande canalha de feiticeiros, agoureiros, & bruxos. Aquelles (a que chamaõ Payes, ou Caraybas) cõ falsas apparẽcias os enganão, & estes os embruxaõ a cada passo. Os Tapuyas neste particular saõ os peores; porque alẽ de naõ conhecerem a Deos, creem inuisiuelmẽte o diabo em fórmas rediculas de mosquitos, çapos, ratos, & outros animaes despreziueis. Os feiticeiros, agoureiros, & curadores, saõ entre elles os mais estimados; a estes daõ toda a veneração; & o que dizem, pera com elles he infalliuel. Os modos de dar seus oraculos, & adiuinhar o futuros, saõ varios, & ridiculos: porei hũ, ou dous, por exemplo. [*"Exemplo primeiro de suas feitiçarias. Chronica delRey D. Manoel, fol. 41."*][318] Vsaõ algũs de hum cabaço a modo de cabeça de homem fingida, com cabellos, orelhas, narizes, olhos, & boca: estriba esta sobre hũa frecha, como sobre pescoço, & quando querem dar seus oraculos fazem fumo dentro deste cabaço com folhas secas [*col. 2*] de tabaco queimadas; & do fumo que sae pellos olhos, ouuidos, & boca da fingida cabeça, recebẽ pellos narizes tanto, até que com elle ficão perturbados, & como tomados do vinho; & depois de assi animados, fazem visagẽs, & ceremonias, como se foraõ indemoniados: dizem aos outros o que lhes vẽ à boca, ou o que lhes ministra o diabo; & tudo o que dizẽ em quanto dura aquelle desatino, creẽ firmemẽte, qual se fora entre nós reuelação de algum Propheta. A huns ameaçaõ a morte, a outros màs vẽturas, a outros boas; & tudo recebe o vulgo ignorante, como ditto de algũa Deidade. Em qualquer lugar que apparece, fazemlhe grandes festas, danças, & bailes, como áquelle que traz consigo espirito tão puro.

17. <...> [*col. 2*] [*"Exemplo segũdo."*] Hũ trosso de soldados Portuguesses, que tinha partido em companhia de grande quãtidade de Indios a fazer guerra ao sertão, vio *(p. 110)* [*col. 1*] com seus olhos, e depos vniformemente o caso seguinte. Postos em fronteira dos inimigos os nossos, entràraõ em duuida, se se hauia de acommeter, ou naõ, porẽ estavaõ intrincheirados fortemente, & cõ melhor partido de defensores. Ex que hum dos Indios, que por nós militauão, sae a hũ terreiro fronteiro ao inimigo, & fixando na terra duas forquilhas, amarrou fortemente sobre ellas hũa claua, ou maça de pao, que é sua espada, & chamaõ tangapẽma, toda galãteada de pennas de passaros variadas ẽ cores. Depois que teue amarrada a claua, conuocou a muitos dos seus pera q̃ dançassem, & cantassem ao redor della: & acabadas suas danças, & cantos, começou o mesmo feiticeiro a fazer as suas per si só, & ao redor da mesma maça, acrescentado a ellas ridiculas ceremonias, momos, & esgares. Feito isto, chegandose à espada, ou maça, disse entre dẽtes certas [*col. 2*] palauras mal pronunciadas, & peor entendidas; & dittas estas, soprando àlem dellas tres vezes sobre a espada, de improuiso ficou esta solta das ligaduras em que estaua, saltou fóra das forquilhas, & foi voando pellos áres com assás de admiraçaõ dos Portuguesses, que desejosos de ver o fim, perseueràraõ em hum lugar. Cousa espantosa! Dalli a pouco espaço de tempo, viraõ todos, que tornaua a vir a mesma espada voando pellos ãres, pello mesmo caminho, & á vista de todos se tornaua a pór no próprio lugar, & sobre as mesmas forquilhas; porém com grande diuersidade, porque vinha toda ensangüentada, & estilando sangue, qual se viera de grandes matanças. Ficàraõ confusos os Portuguesses, porém o feiticeiro contente, & declaroulhes o pronostico a sinal certo de victória: acrescentando, que podiaõ seguros acommeter, porque havião de matar os contrarios, & derramar *(p. 111)* [*col. 1*] delles muito sangue. Elle o disse, & o sucesso o mostrou breuemente, porque matàraõ sobre quatro mil, e poseraõ em fugida innumeraueis. <...>

Livro Primeiro da CHRONICA da Companhia de JESV do Estado do Brasil. Pello Padre SIMÃO DE VASCONCELLOS da mesma Companhia. Natural da Cidade do Porto, Lente que foi na sagrada Theologia, & Prouincial no ditto Estado.

SVMMA. COntém a eleiçaõ, principio de vida, viagẽ, & chegada ao Brasil, do Padre Manoel da Nobrega: os fundamentos da conuersaõ das almas, que nelle lançou por si, & por seus companheiros, desde o anno de 1549. atê o de 1555. com os principios da fundaçaõ do Collegio da Bahia, S. Vicente, Casas do Espirito santo, Pernambuco, & Porto seguro: & os fins bemafortunados dos seruos de Deos Saluador Rodriguez, Leonardo Nunes, Pedro Correia, Ioão de Sousa, Domingos Pecorela, & Ioão Aspilcueta Nauarro.

[...]

54. <...> (*p. 53*) [*col. 1*] [*"Outra traça de bautizar cõ agoa de hum lenço molhado."*] Quando sabião [*os padres*], q̃ em algũa daquellas aldeas [*indígenas, em 1549 na Bahia*] hauia de hauer padecente, hião então a visitalla, & estando lá como a caso, pe-[*col. 2*]dião licença pera ir ao terreiro, com protesto de ver aquellas suas músicas, & danças: & como esta gente se preza muito de que os Abarés (assi chamão aos Padres) lhe gabem seus bailes, & vozes quando cantaõ, & muito mais que se dignem de serem presẽtes a ellas; no ponto que alli os viaõ, cheios de vanglória, de tal maneira se imbebiaõ na festa, que descuidauaõ por algum espaço do padecente; & logo na tal occasiaõ chegauase algum delles ao justiçado, & daualhe alle breuemẽte o melhor que podia noticia de nossa S. Fê, persuadindoo à contriçaõ de seus peccados, & a pedir o Sacramẽto do Bautismo: & feito isto, tirando de hum lenço, que leuaua ensopado em agoa, e espremendolho sobre a cabeça, dizendo a fórma do Bautismo, o deixaua Christão; & triumphaua com esta santa inuençaõ dos embustes, com que o inimigo infernal enganaua esta pobre gente: (*p. 54*) & com isto por então se contentauão estes zelosos trabalhadores, até melhor occasiaõ.

[...]

91. (*p. 83*) [*col. 1*] [*"Fez leuantar dous Seminarios pera doutrina dos filhos dos Indios."*] Outra cousa acabou cõ os Indios mui necessaria [*na Bahia, em 1550*]; e foi, que leuantassem duas casas em duas aldeas principaes, pera que fossem como dous Seminarios, aonde se ajuntassem seus filhos, & os das mais aldeas, pera hauerem de ser cathequizados com maior commodo, & perfeição: á imitação de outro Seminario, que leuan-[*col. 2*]tára o Padre Nobrega jũto à cidade, de que logo diremos. Forão estes Seminarios meio efficaz; porque em breue ficárão os meninos mestres dos pays em todo o genero de doutrina Christãa[319]; que era força q̃ espalhados elles por suas casas, cantandoa de dia, e denoite, cõposta em sua propria lingoa, a communicassem a todos. E o que foi cousa mais notauel, que tendo, por mandado dos Padres, cuidado cada qual dos meninos em sua casa de visitar qualquer que estiuesse doente, & rezar sobre elle a Oração do Padre nosso; aconteceo por vezes, com a boa fê destes innocentes, obrarense curas milagrosas, de que os Indios ficauão admirados, & com maior conceito da fê que professamos.

[...]

93. (*p. 85*) [*col. 1*] [*"Leuanta o Padre Nobrega cõ suas proprias mãos hum Seminario junto á cidade, pera criação dos meninos na doutrina Christãa."*] Iunto à cidade [*da Bahia, em 1550*] tinha tambem a industria do Padre Nobrega, & seus companheiros, leuantando casa de Seminário com suas proprias mãos, & trabalho Neste criauão, & sustentauaõ quantidade de meninos filhos dos Indios, & mestiços da terra, em bons costumes, & doutrina

Christãa, com muito fruto, & ajuda das almas: porque faziaõ tãta estima deste Recolhimento que de todas as partes concorriaõ meninos, em tal numero, que parecia já impossiuel sustentallos. Aqui aprẽdiaõ a lêr, escreuer, contar, ajudar á Missa, & doutrina Christãa[320]: & os que estauaõ mais prouectos sahiaõ em procissoens pellas ruas, entoando em canto de Solfa[321] as Oraçoens, & mysterios da Fè, compostos em estylo[322]. <...>

[...]

118. (*p. 106*) [*col. 1*] [*"Vai em crescimento o Seminario dos meninos."*] O Seminario, ou Cõfraria dos meninos filhos dos Indios [*na Bahia em 1552*], & mestiços, hia em crescimẽto marauilhoso. Tinha cuidado delle o P. Saluador Rodrigues, cõ cuja doutrina florecia com louuor de todas as virtudes Saiaõ ẽ procissoẽs todos jũtos pella cidade, cãtãdo as Ladainhas, & Oraçoens da doutrina Christãa ẽ cãto de Solfa, cõ tal modestia, & religião, q̃ leuauaõ os olhos de todos: & começauão a pretender os Portuguezes aggregar seus filhos a elles, pera sairẽ bem doutrinados. Outras vezes hião em procissaõ da cidade atè suas próprias aldeas leuãdo sua Cruz leuãtada, [*col. 2*] & cãtãdo as mesmas deuações em lingoa Brasilica; cõ sũmo gosto & alegria dos pays, que de nenhũa cousa mais se prezauão. [*"Indios saõ grãdes amigos do canto, & he hũ meio de sua cõuersaõ."*] Nenhũa outra satisfaz tãto a esta gẽte, como a doçura do cãto: nella poẽ a felicidade humana. Chegou a ser opinião de Nobrega, que era hũ dos meios, cõ q̃ podia conuerterse a Gentilidade do Brasil, a doce harmonia do canto; & por esta causa ordenou se lhe pusessẽ em Solfa as Oraçoẽs, & documẽtos mais necessarios de nossa S. Fè; porque á volta da suauidade do canto entrasse em suas almas a intelligẽcia das cousas do Ceo[323]. <...>

[...]

125. (*p. 112*) [*col. 1*] [*"Teve grandes contrastes na costa de S. Vicente, & vltimamẽte indose ao fundo o nauio, escapou por milagre"*] Do porto do Espirito Santo partio a Frota do Gouernador [*Tomé de Sousa, em 1553*], & foi auistar o Rio de Ianeiro: <...> pello que proseguio a viagem a S. Vicente, em cuja costa teue varios contrastes; <...> & com effeito, por juizo occulto [*col. 2*] do Alto, o [*navio*] em que hia o Padre Nobrega, à vista de todos foi ao fundo: <...> atè que houve occasiaõ, em que lançados huns Indios às ondas o tomáraõ em braços, & puseraõ a saluo na terra de hum ilhote que alli jaz o Oceano: a este o vieraõ depois buscar, & foi leuado á villa de S. Vicente pellas ruas & praças, com applauso do pouo, & Cidadaõs, & naõ menor alegria dos Padres, que o recebéraõ com Te Deum laudamus, como a homem concedido do Ceo[324].

[...]

128. (*p. 115*) [*col. 1*] [*"Castigo notauel que ameaçou dar o Padre Nobrega a hum mestiço que cõmetteo deshonestidade."*] Porém aqui he digno de notar o sucesso de hum destes mestiços [*mamelucos, que serviam nas igrejas*]. Tirada seuera informação, achou o P. Nobrega, que delinquira: cõuẽceo, exageroulhe a culpa, & a pureza da Companhia, em cuja casa estaua; e depois de feito capaz, disselhe assi: Irmão meu, a fealdade do peccado que cõmetestes, & o aggrauo q̃ com elle fiz estes á Companhia, só pòde satisfazerse com que sejais enterrado viuo: tende paciencia, pedi perdão a Deos, confessai, & comun-[*col. 2*]gai; porq̃ à manhãa a taes horas se ha de abrir sepultura na Igreja, & se vos ha de fazer Officio, & cantar Missa de defũtos, & haueis de ser enterrado viuo. Começou a tremer o pobre mestiço; & como conhecia a inteireza, & resolução de Nobrega, deose por acabado: confessou, commungou, & ao tempo assinalado dobrárãose os sinos, celebrouse o Officio de defuntos, & disse a Missa o P. Manoel de Paiua de corpo presente amortalhado, (suspensa ao tal espectaculo muita gẽte Portuguezes, & Indios, & ainda parentes do penitenciado:) & sendo acabado o Officio, & Responsorio vltimo (como he costume) foi botado na coua, & depois de algũa terra em sima lançouse de joelhos o Irmaõ Pedro Correa (que só sabia em segredo a intẽção de Nobrega) pedindo cõ lagrimas perdão por aquelle peccador, de quem já

podia esperarse que viuiria como resuscitado dalli em diante. Ao Irmão (*p. 116*) [*col. 1*] seguirão todos os presentes; a cujos rogos o Seruo zeloso, que não pretendia mais que metter espãto, & mostrar a pureza da Companhia, vsou de misericordia, & mandou que fosse desẽterrado, & desamortalhado, deixandoo liure, porém despedido da companhia dos Religiosos, q̃ dalli em diante se abstiuerão de receber semelhante gẽte, nem ainda pera o seruiço da Casa. E ficou o sojeito presente por toda a sua vida com o nome de Fulano da Coua[325].

[...]

157. (*p. 135*) [*col. 2*] [*"Traduzia em lingoas vulgares, &c. romãces pios, os lascivos, porque cantassem estes, &c. desterrassem os Profanos."*] Era destro [*"o Irmão Ioseph de Anchieta", na Bahia em 1554*] em quatro lingoas, Portuguesa, Castelhana, Latina, e Brasilica; em todas ellas traduzio em romãces pios, com muita graça, & delicadeza, as cantigas profanas, que então andauão em vso; cõ fruto das almas, porque deixadas as lasciuas não se ouuia pellos caminhos outra cousa senão cantigas ao diuino, conuidados os entendimentos a isso do (*p. 136*) [*col. 1*] suaue metro de Ioseph[326]. <...>

[...]

161. (*p. 137*) [*col. 1*] [*"Os filhos dos Indios do Seminario de S. Vicente, ajudão muito a conuersaõ dos pays, &c. parentes."*] Pera mais facil ca[*col. 2*]thecismo de tanta gẽte, ordenou o Padre Nobrega [*da Bahia, em 1554*] que viessem da villa de S. Vicente aquelles meninos filhos dos Indios, que como já dissemos, tinhaõ ali criado os Padres em Seminario de boa doutrina, & sabiaõ já ler, escreuer e cãtar muitos delles[327]: foraõ estes de grande ajuda a toda a sua gente, continuãdo na noua aldea sua escola, & ajudãdo a beneficiar os Officios sagrados[328] em cãto de orgaõ, cõ destreza, & instrumẽtos musicos (o mór gosto, & incitamẽto, q̃ podia hauer pera os pays.) As traças que vsavão, erão as seguintes. Iuntauãose à noite a cantar pellas casas cantigas de Deos em propria lingoa, cõtrapostas ás que elles costumauão cantar vãas, & gentilicas: com os Padres ajudauão a cathequizar: na escola instruião aos seus iguaes, assi em doutrina, como em ler, escreuer, & cantar; & vinhaõ a ser quasi mestres destes. Todos os dias pella manhãa no fim (*p. 138*) [*col. 1*] da escola cantauaõ na Igreja as Ladainhas dos Santos; & à tarde a Salue Rainha, com outras pias Oraçoens emcanto de orgaõ: ás sestas feiras açoutauaõse com disciplinas, que todos faziaõ de linho de cardos; duas vezes no dia dauaõ lição da Doutrina Christãa, & em breue tempo nesta fórma foraõ bautizados com toda a solennidade possiuel passante de trinta destes meninos (& eraõ mais de cento os que esperauão semelhante fortuna) com grande festa, & applauso, & não menos exemplo dos pays: com os quaes com tudo os Padres hiaõ mais deuagar, porque arraigassem bem nas cousas da Fé, & desarreigassem de seus ritos gentilicos, especialmente das muitas mulheres, e vinhos, que saõ os vicios que mais costumã perturballos, & instigallos a grãdes desarranjos. Nestes vicios a nenhuns tinhão mais contrarios que seus propri[*col. 2*]os filhos; porque estes, com zelo já Christão, vigiauão os pays, & os accusauão aos Padres, & ajudauaõ a lhes quebrar as talhas de vinho em suas bebedices.[329]

[...]

186. (*p. 164*) [*col. 1*] <...> Corria o principio de Ianeiro, do presente anno [*de 1555*], e foraõse ás escondidas dos Padres quantidade de Indios da aldeas de Pirátininga a hum lugar por nome Iaraibatíba, aonde tinhão preparado grandes vinhos pera brindarẽ sobre as carnes de hum Tapuya, que haviaõ de matar, & comer em terreiro. [*"Castiga o Padre Nobrega seueramente os Indios por matar em terreiro, &c. comer carne humana."*] Obrarão seu intento liuremente, porque ficauão muito distãtes dos Padres: porém voltando não se achãraõ tão folgados; porque o Padre Nobrega reuestido da ira do zelo de S. Paulo, depois de reprehender grauemente o atreuimente em homẽs já Christãos, os mais delles, lhes deu penitencias mui graues; & entre ellas,

que não entrassem na Igreja até [*col. 2*] não irem todos disciplinados de mão commũ (como o foraõ em suas festas abominaueis) pedindo perdão ao Senhor, que tinhão offendido. Quem vira o arrependimento destes Indios, & a facilidade com q̃ aceitàraõ as penitēcias, diria, que não hauia gente mais apta para o Reyno de Deos. Forão todos, sem repugnancia algũa, disciplinandose: hiaõ diante delles seus filhos cantandolhes as Ladainhas, & Psalmo Miserere: & depois de feita a penitencia, & reconciliados á antiga graça dos Padres, voltàraõ logo ao vomito.[330]

[Livro Segundo DA CHRONICA da Companhia de Iesv, do Estado do Brasil.]

[SVMMA. Continuam os trabalhos do Padre Manoel da Nóbrega, e seus companheiros, já em mais número, com grande fruto na cultura das almas, desde o ano de 1555, até o de 1562. Entre os mais obreiros avulta o Irmão José de Anchieta, prodigioso; e o Padre Luís da Grã, segundo provincial do Brasil. Dá-se notícia das guerras dos Portugueses contra os franceses na enseada do Rio de Janeiro. Da fundação daquela cidade, e colégio dela. E tocam-se os trânsitos à melhor vida de nosso S. Patriarca Inácio de Loiola, del-Rei João o Terceiro, e dos Irmãos Bartolomeu Adão, e Mateus Nogueira] [331]

[...]

8. (*p. 176*) [*col. 1*] [*"Modo que guardão os Padres na Doutrina dos Indios, nas aldeas em que residem."*] Deste tempo em dian-[*col. 2*]te se começàraõ a meter nas aldeas [*da Bahia, em 1556*] Escolas de meninos, de ler, escreuer, cantar, & doutrina Christãa, cõ a mesma perfeiçaõ dos que estauão no Seminario; de cujo aproueitamēto jà dissemos. O modo de ensinar, que nellas se vsava, & ainda hoje perseuera nas almas do Brasil (com pouca variedade em algũas dellas) he o seguinte. Rompēdo a manhãa, em se ouuindo pella aldea o sino q̃ tange à Missa, todos os meninos della se vão ajuntar na Capella mór da Igreja, aonde postos de joelhos, em coros iguaes, entoão em voz alta louuores de Iesu, & da Virgem; dizendo os de hum coro: Bendito, & louuado seja o santissimo nome de Iesu: & respondendo os do outro: E o da bemauenturada Virgem Maria Mãy sua pera sempre, Amen: & logo todos juntos: **Gloria Patri, et Filio, et Spiritu sancto, Amen**. E nisto continuaõ até chegar a Missa. Chegada esta, a ouuem em silencio; & aca-[*col. 1*]bada ella (idos os mais Indios) esperaõ elles no mesmo lugar o Religioso que tem cuidado delles, o qual lhes ensina as oraçoens da Doutrina Christãa em voz alta, & apôs esta da mesma maneira os mystérios de nossa santa Fé, em Dialogos de perguntas & respostas, compostos pera este effeito em lingoa do Brasil, da santissima Trindade, criação do mundo, primeiro homem, Encarnação, Morte, & Paixão, Ressurreiçaõ, & mais mysterios do Filho de Deos, do Iuizo vniuersal, Limbo, Purgatorio, inferno, Igreja Catholica, &c. E ficão taõ destros, que pódem ensinar, & ensinão com effeito em suas casas aos pays, que saõ mais rudes ordinariamente (supposto que também estes, & as mãys tem sua particular doutrina todos os dias santos, & Domingos na mesma Igreja, com praticas accõmodadas sobre ella.) Acabada a Doutrina, tornaõ a dizer os meninos a coros: Lou-[*col. 2*]uado seja o santissimo nome de Iesu. Respondem os outros: E o da santissima Virgem Maria Mãy sua pera sempre: Amen. E logo esperaõ que os mandē, & vão todos juntos a suas escolas, a ler, escreuer, ou cantar: outros a instrumentos taõ destros, que ajudão a beneficiar as Missas, & procissoens de suas Igrejas, com a mesma perfeição que os Portugueses. (A cuja vista achando-se presēte hũ Bispo, naõ pode ter

as lagrimas, considerando a capacidade que nunca imaginâra em taes sujeitos.) Nestas escolas gastaõ duas horas da manhãa, & outras duas horas da tarde, tornandoselhes a tanger o sino, a q̃ pontualmente acodem.

7. [*"Modo como encomendão as almas do Purgatorio os meninos das aldeias."*] Tãgẽdo ás Aue Marias da noite, tornaõse ajũtar à porta da Igreja, & daqui formaõ procissaõ com Cruz leuantada diante, & postos em ordem vaõ cantando (*p. 178*) [*col. 1*] pellas ruas em alta voz cantigas santas em sua lingoa, até chegarem a hũa Cruz destinada, a cujo pé postos de joelhos encomendaõ as almas do Purgatorio na forma seguinte, em sua lingoa propria. Fiéis Christaõs, amigos de Iesus Christo, lẽbraiuos das almas, que estão penando no fogo do Purgatorio: ajudaias com hum Padre nosso, & Aue Maria, pera que Deos as tire das penas que padecẽ. E respondẽ todos: Amẽ. Rẽzaõ em alta voz o Padre nosso, & Aue Maria, e voltão com a mesma procissão, & canto atè a portaría dos Padres, onde por fim entoão, & respondem como assima: Bendito & louuado seja o sãtissimo nome de Iesu, &c. esperaõ que os mandem, & mandados se vão a suas casas[332].

8. [*"Occupação que os Padres tem com os Indios."*] Este he o exercicio dos meninos: o dos Padres he o que se segue. Bautizão os innocentes, cathequizão os adultos, administraõlhes o Sacramẽto de Matrimonio na Ley [*col. 2*] da graça, & o da Eucharistia aos que saõ capazes: ensinaõlhes a boa intelligencia, obseruancia, & perfeição de todas estas cousas. Defendem sua liberdade, curaõ suas doenças, preparãoos pera bem morrer, sepultão em suas Igrejas os que morrem, com a solemnidade do enterro dos mais pontuaes Portuguezes, com tumba, procissaõ, Cruzes, velas acesas, Confrarias. E sobre tudo discorrem, & penetraõ os sertoens, prégandolhes o caminho do Ceo, trazendoos, & introduzindoos na santa Igreja.

9. He bẽ q̃ digamos tãbẽ o q̃ os Indios fazẽ. He esta gẽte tanto mais facil em aceitar a Fé do verdadeiro Deos, quãto menos empenhada está cõ os falsos; porque nenhũ conhece, ou ama, que possa roubarlhe a affeiçaõ. Seus idolos saõ os ritos auessos de sua Gẽtilidade, multidão de mulheres, vinhos, odios, agouros, feitiçarias, & gula de carne humana: vẽcidos es-(*p. 179*)[*col. 1*]tes, nenhũa repugnancia lhes fica pera cousas da Fé: & porque he tão admirauel a majestade, & consonancia das obras do verdadeiro Deos, que ellas mesmas estão prégando ao entendimẽto mais rude (quãdo a affeiçaõ não está impedida) que saõ dignas de toda a creença. Assi que vẽcidas as difficuldades dos ritos, he muito pera louuar a Deos, ver nesta gẽte o cuidado com que os jà Christãos acodem a celebrar as Festas, & Officios diuinos[333]. Saõ afeiçoadissimos a musica; e os que saõ escolhidos pera Cantores da Igreja, prezaõse muito do officio, & gastão os dias, & as noites em aprender, & ensinar outros. Saõ destros em todos os instrumentos musicos, charamelas, frautas, trombetas, baixões[334], cornetas[335], & fagotes[336]: com elles beneficião em canto de orgao Vesporas, Completas[337], Missas, Procissoẽs, taõ solẽnes como entre os Portuguezes.

10. <...> (*p. 180*) [*col. 1*] [*"Premiose da perfeição do culto divino"*] Os sabbados á tarde acodem [*os meninos índios*] á Igreja, & cantão deuotamente a Salue da Virgem Senhora nossa em canto de orgaõ, com seus cirios nas maõs: & todas as segũdas feiras pella manhãa os Responsorios dos defuntos, encomendando com o Sacerdote suas almas a Deos ao fim da Missa. <...>

[...]

102. (*p. 205*) [*col. 2*] [*"Chegado ás aldeas bautiza incansauelmente, at. celebra muitos Matrimonios na Ley da graça."*] Nesta maneira chegou o Padre Gram a hua das aldeas mais antigas [*da Bahia, em 1561*], por onde lhe pareceo começar [*os batismos dos índios*], & foi a S. Paulo. Achou feita a Igreja hum bosque, armada de ramos, & flores, segundo a possibilidade dos q̃ a preparauaõ. Aqui lhes agradeceu o bem que se tinhaõ applicado ás cousas della; & lhes fez pratica do que mais importaua a sua saluação, da efficacia dos Sacramentos da Igreja Catholica; & feito exame, achando muitos

instruídos nos mysterios da Fé, começou a bautizallos cõ a mór solemnidade possiuel de ornamentos Ecclesiasticos, apparato de padrinhos, & ceremonias santas da Igreja, porque fizessem elles conceito (*p. 251*) [*col. 1*] da grandeza do que recebiaõ, & entrassem os outros em nouo feruor de procurar o mesmo. Desta passou á aldea de Santiago pouco distante, aonde obrou na mesma fórma: & dahi á de S. Ioão, onde achou o Padre Gaspar Lourenço, & o Irmão Simão Gonçalues. Aqui saíraõ os cathecumenos com Cruz alçada a receber o padre fóra de pouoado passante de meia legoa, com músicas, festas, coroas na cabeça, como em symbolo da esperança do dia feliz de seu Bautismo. Chegou o Padre Prouincial, bautizou em hum dia 173. & em outro 113. depois dos quaes celebrou grande numero de Matrimonios na Ley da graça, renunciadas as mais mulheres de seu Gentilismo[illegible].

103. [*col. 2*] [*"Continûa com a visita das aldeas."*] Nesta [*"ilha de Itáparica"*] entrou [*"o Padre Gram"*] na vespora [*3 de maio de 1561*] da Inuenção da Santa Cruz de Mayo; & aqui lançáraõ os cathecumenos a barra sobre todas as outras aldeas, porque saírão grande espaço fóra a receber o Padre Prouincial em fórma de procissão mais deuota que todas, com hũa grande Cruz que muitos delles leuauão ás costas, & os de mais cantando a coros, ajoelhandose a passos diante della, adorandoa (*p. 252*) [*col. 1*] com deuação, & reuerencia, atê encontrar com o Padre Prouincial: <...> Ao dia seguinte [*5 de maio*] da Inuençaõ da S. Cruz, matriculou [*"o Padre Prouincial"*] no liuro da milicia della pelo santo Bautismo cento & setenta & tres cathecumenos, ordenou Escola, assinando Mestre, com quem os meninos aprendessem, á volta de ler, & escreuer, a Doutrina & costumes Christaõs: logo se ajuntáraõ a esta passante de trezẽtos[illegible].

[...]

107. (*p. 254*) [*col. 1*] Porêm o inimigo naõ cansa: entra o outro dia, & cõ elle outro embuste. Ao tempo que estaua o Padre Prouincial celebrãdo o santo Sacrificio da Missa, com [*col. 2*] a mór solemnidade possiuel [*na aldeia do Bom Jesus*], & pera que com mais apparato celebrasse tambẽ os Matrimonios, que pera então guardára: virando-se depois do Offertório ao pouo, & tendo já tomado a mão a hũ dos contrahẽtes, indo tomar a da esposa, de improuiso todos quantos estauão na Igreja estremecérão, & se leuantáraõ, & deraõ a fugir, qual se fora hum bando de aues á vista de algũ fero gauiaõ, & com tão desusado impulso, que naõ atinando com as portas, saíaõ pellas proprias paredes (eraõ ellas de palma) até ficar desẽparado o Templo. Foraõ forçados sair apos elles os dous Acolitos, que ajudauam à Missa, assi reuestidos como estauaõ, a reduzillos, & aquietallos, deixando só em o Altar o Missacantante pegado àquele a quem tinha tomado a mão, que escaçamente pode reter. Porêm nem nesta terceira tragedia pode preualecer o inferno; porque os dous Acolitos reduziraõ a to(*p. 255*)[*col. 1*]dos, fazendoos a seu modo capazes, que não hauia fundamento algũ pera tal desordem. Tornáraõ á Igreja, continuáraõse os Sacramentos, ficando frustrado o enganador. que posto ꝙ pôde perturbar, naõ pode impedir. Viose aqui hum ridiculo espectaculo, que mostrou bem de quẽ procedia; porque os noiuos, que pera esta festa se tinhaõ enfeitado, quando voltáraõ vieraõ descompostos, sujos, esfarrapados, da desordem com que tinhaõ fugido, & dos lugares em que se tinhaõ escondido.

108. [*"Parte a outra Gentilidade, assenta com ella sitio pera duas aldeas."*] Apenas tinha acabado com a pouoação do Bom Iesu o Padre Prouincial, quando chegáraõ Embaixadores de certos Gentios, que habitauão dez legoas mais ao Norte, a pedir Padres. Naõ commetia semelhãtes empresas a outro o nosso incansauel Obreiro: partio elle mesmo com os Embaixadores, & por mais que preuenio auiso, foi festejado dessa gẽ-[*col. 2*]te sobre todas as outras; porque quando menos o cuidou, muito antes que chegasse a ella, ouuio que atroauão as mattas multidaõ de vozes incompostas; reparou, & eraõ cantigas a modo do sertão, com que saiaõ a darlhe as boas vindas, homens, mulheres, & meninos. Vinhaõ em ordem, os meninos primeiro, em segundo lugar

os varoens, & no terceiro as mulheres; galanteados todos com enfeites de pennas de passaros, pedras nos beiços de cores diferẽtes, & marchando ao som de seus costumados instrumẽtos[940].

[...]

Livro Terceiro, DA CHRONICA da Companhia de Jesv do Estado do Brasil.

SVMMA. COntêm a continuação da Historia desde o anno de 1562. até o de 1568. A notavel missaõ do Padre Nobrega, & Ioseph de Anchieta, a fim de assentar pazes às terras dos Tamoyos. A dotaçaõ do Collegio da Bahia. A fundação da Casa dos Ilheos. O progresso, & fim das guerras do Rio de Ianeiro, fundação daquella Cidade, & Collegio della. A visita que fez nesta Prouincia o Padre Ignacio de Azeuedo, até voltar por Procurador a Roma. A morte do Padre Diogo Laynes segundo Geral da Companhia, a quem succedeo o S. Padre Francisco de Borja: & a dos Padres Diogo Iacome, & Antonio Rodrigues.

[...]

127. (*p. 379*) [*col. 1*] Na instrucçaõ dos filhos dos Indios foi extremado [*o irmão Antônio Rodrigues, em 1568*]: ensinaualhes por sua mesma lingoa a policia de que eraõ capazes, & à volta da Doutrina Christãa, ler, escreuer, cantar, & tanger instrumentos musicos pera o culto diuino, porque em tudo era destro: & era em tal fórma, que elles sós officiauão destramente todas as festas da igreja. <...>

[...]

Livro Qvarto DA CHRONICA da Companhia de Iesv, do Estado do Brasil.

SVMMA. COntẽ a Historia notauel do martyrio insigne dos 40. Martyres da Companhia de Iesu do Brasil, Ignacio de Azeuedo, & seus companheiros, com breue summa de suas vidas. A morte ditosa do Veneravel Padre Manoel da Nobrega, Fundador, & primeiro Prouincial desta Prouincia; & suas heroicas virtudes. E o Poema da Vida da Virgẽ Senhora, nosso cõposto por modo admirauel, pello Venerauel Padre Ioseph de Anchieta; prometido no Liuro terceiro desta Obra pera este lugar.

[...]

15. <...> (*p. 398*) [*col. 2*] ["*Procissoens às santas Cruzes.*"] Todos os dias de manhãa, antes, ou depois da Missa [*em Val de Rosal, Portugal, no ano de 1569*], leuaua [*o P. Inácio de Azevedo*] a Communidade em procisssaõ pellos campos; porque á vista do ameno dos aruoredos, & das flores, espertasse os animos ao louor do Criador dellas. Saíão todos cãtando as Ladainhas, corrẽdo certas Cruzes distantes, & ao pê destas postos de joelhos acabauaõ entoando em canto de ór(*p. 399*)[*col. 1*]gão, Dulce lignum, dulces clauos, etc. & concluía o Padre Ignacio com tres Oraçoens, hũa da Cruz, outra do Rey, & a terceira, Respice, quaesumus Domine etc. <...>

[...]

20. (*p. 401*) [*col. 2*] [*"De seus exercicios pera com os da nao"*] Naõ só entre si, tãbẽ no comũes [*da nau em viagem do Porto para o Brasil, antes de sua morte em 15 de julho de 1570*], exercitauaõ os nossos pios officios. Todos os dias ẽsinauaõ a Doutrina Christãa: acudiaõ a ella todos os da nao, desde o Capitaõ até o grumete menor: folgauaõ de respõder, leuados de premios q̃ lhes dauaõ. Aa tarde cãtauaõ as Ladainhas ã musica (*p. 402*) [*col. 1*] de orgão: os Domingos, & Festas leuantauão Altar com ricos paramentos, & com a Imagem santissima pintada por Sam Lucas; & dizia o Padre Ignacio Missa, se não consagrando (por consideração dos perigos do mar, & vso daquelles tempos) fazendo com tudo no mais aquelle santo Sacrificio com a mór solẽnidade possiuel[341]. <...>

21. [*col. 2*] Constaua a Frota de sette naos, & hũa carauela: hia toda junta em cõserua, & tanto à falla, que podião cõmunicarse hũs cõ os outros: de dia festejauamente cõ saluas de artelharia: [*"Cantauão os nossos prosas deuotas."*] e porq̃ de noite houuesse tambẽ (*p. 403*) [*col. 1*] algum aliuio do espirito, mandava o Padre Ignacio cantar alguns Musicos que leuaua, os Irmãos Magalhaens, Aluaro Mendes, & Francisco Peres Godoi, ao som de hũa arpa, prosas deuotas; & era a musica tão sentida & saudosa de noite sobre o mar, que fazia leuantar os espiritos, & atrahia a si os nauios, que para ouuilla se chegauão mais perto: o Padre Ignacio subia ao Ceo, rompia em lagrimas, & pareciaõlhe aquellas as vesporas das alegrias que cedo esperaua.

[...]

87. (*p. 443*) [*col. 2*] [*"Cantauão os nossos prosas deuotas"; "Anno do Senhor de 1570"*] O Irmaõ Francisco Peres de Godoy Castelhano, natural de Torrijos Bispado de Salamanca, com muitas feridas lançado viuo ao mar. <...>

[...]

89. <...> (*p. 445*) [*col. 2*] & foi, que pediria [*Francisco Peres de Godoy*] ao Pa-(*p. 446*)dre Ignacio de Azeuedo quisesse leuallo pera o Brasil, onde mais se sofria defeito semelhante, & se recompensaua com o espirito que sentia de ajudar aquella Gentilidade, & outras partes de boa sciencia de Direito Canonico, & Canto de orgão, em que era versado[342]. <...>

[...]

92. <...> (*p. 447*) [*col. 1*] O Irmão Aluaro Mẽdes Portugues, natural da cidade de Eluas, Estudante, ao mar viuo. <...>

[...]

98. <...> (*p. 448*) [*col. 2*] O Irmaõ Francisco de Magalhaens Portugues, natural da villa de Alcaçar do sal, Estudante, ao mar viuo. <...>

[...]

134. (*p. 466*) (*f. Mnnv*) [*col. 2*] [*"Zelo do culto diuino."*] Em todo o genero de culto diuino era [*o P. José de Anchieta, em 1570*] exactissimo: faltauaõ naquelle tẽpo ornamẽtos ricos, mas com os pobres de que vsava nossa Igreja, se esmeraua sua limpeza, & perfeiçaõ. Frequentemẽte dizia (*p. 467*) [*col. 1*] Missa solenne em canto de órgaõ, pera maior louuor de Deos, & exercicio santo dos Indios, que ajudauam a officialla cõ suas vozes, & instrumentos musicos, em que andauão destros. <...>

[...]

308 . Frei ONOFRE, por PLÍNIO MARQUES DA SILVA AYROSA (*Dicionário português-brasiliano e brasiliano-português*, 1934, p. 200), A. LEMOS BARBOSA (*Pequeno vocabulário tupi-português*, 1955, p. 44) e LUÍS CALDAS TIBIRIÇÁ (*Dicionário tupi-português*, 1984, p. 80), dão à *canguera* as traduções "espinha", "osso" e "ossada". TEODORO SAMPAIO (*O tupi na geografia nacional*, 1987, p. 214), que escreve "Cangoêra", traz: « corr. *Canga*, os ossos, a ossada ». FREDERICO G. EDELWEISS, em nota à informação de SAMPAIO (nota 168, p. 342), comenta: « Em tupi, *kanga* é osso; *kangûéra* – ossada, esqueleto, espinha. O sufixo *ûéra* (e não

gûera) indica o pretérito, no caso vertente, tirado do corpo, e não o plural, que Teodoro Sampaio nele quer ». É, de fato, o instrumento de sopro que os cronistas do séc. XVI, sobretudo LÉRY e THEVET, informam ser construídos a partir dos ossos dos inimigos, ou de animais. Cf. também MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 92) e LUÍS COSME (*Dicionário musical*, 1957, p. 24).

309 . ANTONIO RUIZ DE MONTOYA (*Tesoro de la lengua guaraní*, 1639, f. 217r) escreve "Mboré mburé", traduzindo por « Una especie de trompeta ». MÁRIO DE ANDRADE (op. cit., 1989, p. 353), que escreve "Mururé", cita afirmação de GONÇALVES DIAS, segundo o qual este instrumento seria feito de ossos humanos, o que não se depreende de VASCONCELOS. A **canguera** sim, teria essa constituição.

310 . ANTONIO RUIZ DE MONTOYA (op. cit., 1639, f. 222r) dá « **Mimbi**. Flauta, chirimia. y cosa semejante » e (f. 128r) « **Guaçú**. Grande, gruesso, ancho ». LUÍS CALDAS TIBIRIÇÁ (op. cit., 1984, p. 132) traz « **mimbyguasu** – esp. de flauta grande », concordando com MÁRIO ARNALDO SAMPAIO (*Vocabulário guarani-português*, 1986, p. 104): « **Mimby**. Flauta rústica ou apito. Há com nomes diversos: tuê, tararí, aparé, guasú ». Cf. também PEDRO SINZIG (*Pelo mundo do som*, 1959, p. 366). SIMÃO DE VASCONCELOS, neste trecho, o inclui entre « outros maiores chamamente de conchas », a única indicação conhecida acerca de sua constituição.

311 . ANTONIO RUIZ DE MONTOYA (op. cit., 1639, f. 407r) dá « Vruguâ, caracol de agua ». A. LEMOS BARBOSA (op. cit., 1955, p. 157) diz: « **uruguá** – caracol » e LUÍS CALDAS TIBIRIÇÁ (op. cit., 1984, p. 188) traz tanto o « **uruguá** – caracol, caramujo; de **uruguá**, coisa redonda, enrolada », quanto « **urucá** – instrumento de música feito de caramujo grande » e « **uruguá** – instrumento de sopro feito de casca do caramujo ». TEODORO SAMPAIO (op. cit., 1987, p. 341) e MÁRIO ARNALDO SAMPAIO (op. cit., 1986, p. 174) também dão para "**uruguá**" o significado de caracol ou búzio. Os musicólogos, como RENATO ALMEIDA (*História da música brasileira*, 1942, parte I, cap. II, p. 37) e MÁRIO DE ANDRADE (op. cit., 1989, p. 545), geralmente escrevem "urucá" e indicam tratar-se de espécie de chocalho ou guizo dos marajoaras, construído com material diferente das conchas marinhas. VASCONCELOS é claro ao incluí-lo entre « outros maiores chamamente de conchas », corroborando as informações dos tupinólogos, notadamente TIBIRIÇÁ.

312 . Frei ONOFRE, por PLÍNIO MARQUES DA SILVA AYROSA (op. cit., 1934, p. 236) escreve « **Mamby apára** – clarim ». A. LEMOS BARBOSA (op. cit., 1955, p. 189) dá "**mimbyapara**" por "trombeta", enquanto LUÍS CALDAS TIBIRIÇÁ (op. cit., 1984, p. 132) usando a mesma grafia, indica neologismo para "trompa, trombeta". Por fim, informa MÁRIO ARNALDO SAMPAIO (op. cit., 1986, p. 104): « **Mimby**. Flauta rústica ou apito. Há com nomes diversos: tuê, tararã, aperá, guasú". Alguns escrevem **membi-tarará**, como se vê em MÁRIO DE ANDRADE (op. cit., 1989, pp. 329-330) e PEDRO SINZIG (op. cit., 1959, p. 323). SIMÃO DE VASCONCELOS dá clara indicação de sua constituição, ao informar que « outros de cana chamão membyapára ».

313 . ANTONIO RUIZ DE MONTOYA (op. cit., 1639, f. 128r) dá « **Guahú**. r. Canto de los Indios, aguahú, yo canto ». A. LEMOS BARBOSA (op. cit., 1955, p. 63) escreve "**guaú**" e traduz por "dansa cantada", assim como LUÍS CALDAS TIBIRIÇÁ (op. cit., 1984, p. 105). MÁRIO ARNALDO SAMPAIO (op. cit., 1986, p. 42), que usa a grafia "Guahú", diz « Uivo. Hino do índio ». Por fim, informa TEODORO SAMPAIO (op. cit., 1987, p. 240): « **Guaú**. O canto chorado dos índios quando recebiam o estrangeiro e o hospedavam. É também dança em geral ». Cf. também PEDRO SINZIG (op. cit., 1959, p. 281) e MÁRIO DE ANDRADE (op. cit., 1989, p. 249).

314 . JOHAN NIEUHOF (*Johan Nieuhofs Gedenckweerdige Brasiliaense Zee- en Lant-Reize*, 1682, p. 217) também dá este termo como nome de dança: « Ook hebben zy verscheide wijzen van danzen: welker een Vrukapi genoemt wordt » (« têm diversas maneiras de bailar, uma das quais denominam Vrukapi »). Nas LUÍS CALDAS TIBIRIÇÁ (op. cit., 1984, p. 188) diz « **urucapy** – esp. de instrumento de sopro dos Tupinambá », provável erro deste autor, uma vez que TEODORO SAMPAIO (op. cit., 1987, p. 341) confirma as informações de VASCONCELOS e NIEUHOF: « **Urucá-py**, o pé de urucá, a dança do gentio ao som ». De fato, A. LEMOS BARBOSA (op. cit., 1955, p. 132) traduz "Py" por « soprar, tocar », de acordo com o significado que dá SAMPAIO para "urucapi". De posse desses dados, podemos supor também uma variante **uruguapy**, segundo a grafia geralmente aceita para o instrumento de sopro.

315 . A palavra parece mesmo significar **dança de crianças**. Contudo, esse termo não foi encontrado entre os tupinólogos e, muito menos, entre os dicionaristas.

316 . PEDRO SINZIG (op. cit., 1959, pp. 280-281) transcreve, no verbete **Guaibipaie**, um texto de CARLOS BONDIM, sem citar a fonte: « dança indígena (P. S. Vasconcelos). Gonçalves Dias escreve **guaybipaye**, e afirma que é dança dos pagés, o que também é confirmado pelo Dr. Melo Morais. Deve ser a dança religiosa formada de um grande círculo, tendo ao centro os pagés, cada qual com um maracá na mão direita e o cachimbo de **petum** na esquerda. Parece fora de dúvida que as danças dos índios eram sempre executadas ao som de instrumentos e cantos, como se pratica nos **sambas**, e daí se origina tomarem uns a palavra **guau** com a denominação de canto, e outros com a de dança ».

317 . Também aqui, PEDRO SINZIG (op. cit., 1959, p. 280) transcreve informação de CARLOS GOMBIM, sem qualquer referência bibliográfica, escrevendo "**Guabaluçu, guaibiabuçu**, dança indígena": « Gonçalves Dias escreve **guaiabaluçu** e chama-a dança dos chefes e valentes guerreiros. Esta dança deve ser a que executavam antes de entrar em combate, ao som do maracá, cujo oráculo consultavam para saber se tinham bom êxito; era uma dança guer. religiosa ».

318 . VASCONCELOS cita a « *Chronica delRey D. Manoel, fol. 41.* » Encontramos informação semelhante no livro II, ff. 54r-54v da ***De Rebus Emmanuelis Regis Lusitaniae Invictissimi Virtute Et Auspicio...***, de JERÔNIMO OSÓRIO ✝ (Lisboa, Antonio Gonçalo, 1571).

319 . Conhecemos vários livros, publicados em Lisboa no séc. XVII, que contêm versões brasílicas da **doutrina cristã**, e cujas orações mais cantadas eram o **Pater noster**, a **Ave Maria** e o **Credo**. São elas: ANTÔNIO DE ARAÚJO ✝ – ***Catecismo na língua brasílica...*** (Pedro Craesbeeck, 1618) e ***Catecismo brasílico da doutrina cristã...*** (Miguel Deslandes, 1686); JOÃO FELIPE BETTENDORFF ✝ – ***Compêndio da doutrina cristã na língua portuguesa e brasílica...*** (Miguel Deslandes, 1678). Afora estas, é importante mencionar as outras versões conhecidas desses textos pelos seguintes autores: ANDRÉ THEVET ✝ em sua ***Cosmographie Universelle*** (Paris, Guillaume Chandiere, 1575); YVES D'EVREUX – ***Suitte de l'histoire...*** (Paris, François Huby, 1615). Na língua cariri escreveu LUDOVICO MAMIANI DELLE ROVERE o ***Catecismo da doutrina Christãa na língua brasílica da nação kiriri...*** (Lisboa, Miguel Deslandes, 1698). O primeiro documento conhecido que atesta essa prática é a carta de JOSÉ DE ANCHIETA ✝ de 19 de janeiro de 1584 (§ 11), onde se lê: « Doctrinae christianae quam habent decantabant et arithmeticae regulis frequenti disputatione, praemiis invitati, insudant » (« Atraídos pelos prêmios, envidam grande esforço nas freqüentes disputas a respeito da doutrina cristã, que decoram cantando e das regras da aritmética »).

320 . Cf. a carta de MANUEL DA NÓBREGA ✝ , de 5 de julho de 1559, §§ 3-4.

321 . Por "solfa", entende RAPHAEL BLUTEAU (***Vocabulário português e latino***, v. VII, 1720, p. 706) « As notas da Musica ». O canto de solfa é aquele realizado com o auxílio de notação musical. MÁRIO DE ANDRADE (***Dicionário musical brasileiro***, 1989, p. 483) assinala a variante "solfa cantada".

322 . VASCONCELOS cita, aqui, « Orland. l. 11. n. 77 ».

323 . VASCONCELOS citra « Orland. ibid. n. 71 ». Cf. a « ***Relação da missão da Serra de Ibiapaba*** », de ANTÔNIO VIEIRA ✝ (1659, § VIII) e a *carta* dos MENINOS ÓRFÃOS ✝ , de 5 de agosto de 1552 (§ 13).

324 . VASCONCELOS cita « Orland. l. 13. n. 63. ».

325 . VASCONCELOS cita « Ioseph. cap. 38. ».

326 . Cf. a ***Vita R. P. Iosephi Anchietae*** (Coloniae Agrippinae, 1617), de SEBASTIANO BERETTARI ✝ (livro I, § 33, p. 74) e a tradução espanhola ***Vida del Padre Joseph de Anchieta*** (Salamanca, 1618), livro I, cap. VI, § 2, p. 50.

327 . Cf. a carta de MANUEL DA NÓBREGA ✝ , de 5 de julho de 1559 (§§ 3-4).

328 . RAPHAEL BLUTEAU (***Vocabulário português e latino***, v. VI, 1720, p. 48) informa: « Officio. Aquella parte do Breviario, que os Ecclesiasticos tem obrigaçaõ de rezar todos os dias. (...) O officio hora he duplex, hora semiduplex, & hora simplex ».

329 . VASCONCELOS cita « Apont. de S. Vicente fol. 7 ».

330 . VASCONCELOS cita « Apont. de S. Vicente f. 10 » e « Irascimini, & nolite peccare. Pauli ».

331 . Pela falta das pp. 170 a 174, extraímos a « **Summa** » deste « Livro segundo » da p. 11 da edição de 1977. Cf. VASCONCELOS, SIMÃO DE – ***Crônica da Companhia de Jesus***, 3ª, 1977. v. II.

332 . Os §§ 6 e 7 deste Livro II da ***Crônica*** foram compostos pela ampliação dos § 4 e 5 do livro II, cap. VII da ***Vida do P. Joam d'Almeida***, de SIMÃO DE VASCONCELOS ✝ (Lisboa, Officina Craesbeeckiana, 1658).

333 . RAPHAEL BLUTEAU (***Vocabulário português e latino***, v. VI, 1720, p. 48) dá: « Officio Divino. A reza dos Ecclesiasticos no coro, o sacrificio da Missa no altar, com as ceremonias da Igreja ». MÁRIO DE ANDRADE (***Dicionário musical brasileiro***, 1989, p. 367) completa: « Conjunto de orações e cerimônias religiosas. Ofício divino é o mesmo que missa ».

334 . Para RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário portuguêz e latino*, v. I, 1712, p. 72), o "baxão" é « Instrumento musico de assopro ». F. J. FÉTIS (*A música ao alcance de todos*, 1858, p. 131) informa que « Usam às vezes em Allemanha d'um contra-basso do fagote e sôa a oitava inferior d'este ». A mesma informação é transcrita em DOMINGOS VIEIRA (*Grande dicionário português*, v. I, 1871, p. 707), que o define como « Fagote, instrumento músico de páo, de sôpro e palheta, que constitue o baixo do oboé », acrescentando que já é « Termo actualmente em desuso ». Vem citado por ISAAC NEWTON (*Dicionário musical*, 1904, p. 40) e descrito por TOMÁS BORBA e FERNANDO LOPES GRAÇA (*Dicionário de música*, v. I, 1962, p. 131): « Instrumento de palheta dupla da família das charamelas, que se usou nos séc. XV, XVI e XVII como baixo natural dos instrumentos de sôpro. O seu emprego era limitado quase só ao serviço das igrejas, para acompanhamento do canto eclesiástico, sobretudo nas procissões; mas fez parte também de algumas bandas militares ». Estes autores, como muitos outros, citam também o "baixãozinho". JAIME DINIZ (*Uma notícia sobre a música no Brasil dos séculos XVI e XVII*, 1972, p. 40, nota 34) concorda com essas descrições, ao falar (p. 12) do Frei Manoel da Luz [1635-1743], « português que professou na Bahia » e que « tocava baixão ». Há um bom verbete também em MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 40).

335 . RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário portuguêz e latino*, v. II, 1712, p. 550) diz apenas « Corneta de pastor ». JOSÉ DA ANCHIETA e J. I. ROQUETE (*Dicionário da língua portuguesa*, c. 1848, p. 310) dão « trombeta de caçadores », enquanto FRANCISCO SOLANO CONSTÂNCIO (*Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa*, 1863, p. 316) traz « buzina, instrumento de corno ou de marfim, usado dos rusticos e caçadores ». ERNESTO VIEIRA (*Dicionario Musical*. Lisboa, E. Gazeta Musical, 1890), citado por PEDRO SINZIG (*Pelo mundo do som*, 1959, pp. 180-181), diz: « especie de trompa dos sécs. XVI e XVII, de madeira ou de marfim. Eram compostas de pedaços ensalhetados uns nos outros, sendo as de madeira cobertas de couro, a fim de terem maior duração. Possuiam seis orificios, com os quais se obtinha uma escala de quinze notas. O bocal era de marfim ou de ponta de boi ». A julgar pelos dicionaristas, uma das diferenças entre a corneta [pequeno corno] e a trombeta [pequena tromba] é o fato da última ser metálica, enquanto a primeira não. Porém, as referências às cornetas, quando não se tratam de erro de tradução, são raras nos documentos que se referem ao Brasil dessa época. E teriam funções semelhantes às trombetas, se levarmos em conta o trecho extraído da « Tragicomédia de Amadis » [1533], de GIL VICENTE (*Copilaçam de todalas obras*, 1983, v. II, livro III, pp. 79-80): « Entra o Correio, tocando a corneta, e diz el-Rei Lisuarte: (...) Siete Reys muy principales, cada uno de su tierra, con trompetas y atabales y estandartes reales, contra vos pregonan guerra ». Cf. a GRAVURA IV.

336 . Assim como no caso das doçainas, mencionadas por FERNÃO GUERREIRO & (*Relação anual*, livro IV, cap. I, f. 112v), são raras as referências diretas aos fagotes no Brasil dessa época. Além desta citação de SIMÃO DE VASCONCELOS &, repetida na *Vida do veneravel padre José de Anchieta* (Lisboa, João da Costa, 1672), no livro III, cap. VI, § 6, p. 164, encontramo-lo apenas em DIONIGI DE CARLI & (*Il moro trasportato nell'inclita città di Venetia*, 1672, livro I, cap. V, § 10): « Il tutto poi [em Pernambuco, 1667] veniua animato dallo spirito de quelle corde, e dal fiato di quei spiriti, che tasteggiate, è inspirati animauano quelle Arpe, Fagotti, e Cornetti à decantare le sacre lodi ». RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário portuguêz e latino*, v. IV, 1713, p. 14) diz: « Instrumento Musico de assopro. He de pão, & se dobra em duas partes. Vejaõ os Curiosos ao P. Kirker na sua Mesurgia [ATHANASIUS KIRCHER – *Musurgia Universalis*... (Roma, 1650)] part. I. pag. 500, & 501. aonde para se dar melhor a entender, lhe chama, Fagottus ». PEDRO SINZIG (*Pelo mundo do som*, 1959, p. 256) dá no séc. XVI a origem do fagote, « cujas grandes dimensões levaram o cônego Afrânio degli Albonesi, em Ferrara (1525), a dobrar o longo canudo, juntando-o em feixe, "fagotto". ¶ Por seu som muito mais brando, teve, durante longo tempo, o nome de dolcian ou dulcian ». TOMÁS BORBA e FERNANDO LOPES GRAÇA (*Dicionário de música*, v. I, 1962, p. 487) acrescentam: « Praetorius dá-o como aparecido já no séc. XVI. (...) Quase todos os musicógrafos são actualmente de parecer que o fagote é um derivado directo do baixo do oboé, que, excessivamente comprido de começo, recebeu, para se tornar viável, uma sensível curvatura, que depois foi sucessivamente aperfeiçoada, transformada ou melhorada pelos fabricantes da especialidade, que lhe deram definitivamente a forma e os recursos de que hoje dispõe e que são muitos ». Segundo a documentação da época, preferia-se o termo baixão, que englobava a doçaina e o fagote, apesar dos nomes indicarem instrumentos diferentes. No Brasil, seu uso é raro no séc. XVI, tornando-se mais difundido na segunda metade do século XVII. Cf. a GRAVURA X.

337 . De acordo com MANUEL NUNES DA SILVA (*Arte minima*, 1704, parte III, cap. II, regra I, p. 16), « No Coro se cantaõ Missas, as sette Horas Canonicas, que saõ Vesperas, Completas, Matinas, com Laudes, Prima, Terça, Sexta, Noa ». É a hora da noite, a última em que se recita o ofício divino ou breviário.

338 . VASCONCELOS cita « Sacch. 1. 5. à n. 280 ».

339 . VASCONCELOS diz « Ibid. n. 282 ».

340 . VASCONCELOS indica « Ibid. num. 290. & 291. ».

341 . No § 66 do livro IV, SIMÃO DE VASCONCELOS relaciona as obras publicadas até então, que contém informações sobre o episódio que envolveu Inácio de Azevedo. Outros autores continuaram abordando esse assunto depois de VASCONCELOS, como PIERRE POUSSINES – ***De vita et morte P. Ignatii Azevedii et sociorum eius e Societate Iesu...*** Libri quatuor (Romae, Typographia Varesii, 1679); CARLO LUCHESINI – ***Narrazione Della Vita Del Venerabil P. Ignazio D'Azevedo, E della Morte del medesimo...*** (Roma, Giorgio Placho, 1702); [JULIO CESAR CORDARA] – ***Relazione Della Vita, E martirio del venerabil padre Ignazio de Azevedo...*** (Roma, Antonio de' Rossi, 1743); GILLES FRANÇOIS DE BEAUVAIS – ***La vie du venerable Pere Ignace Azevedo...*** (Paris, Hippolyte-Louis Guerin, 1744); DANIELI BARTOLI – ***Della vita e della gloriosa morte del P. Ignazio de Azevedo...*** (s.l., s.ed., s.d.).

342 . De acordo com a documentação da época, Francisco Perez de Godoy teria realmente bons conhecimentos de música, e era intenção da Companhia de Jesus utilizá-lo na conversão do gentio. JUAN EUSEBIO NIEREMBERG (***Ideas de virtud en algunos claros varones de la Compañia de Jesus***, 1643, p. 257), citando o « Padre Luis de la Puente, en el cap. 20 de la vida del Padre Baltasar Aluarez », afirma que Godoy « tenia especial gracia en tañer una harpa, lo qual quiça seria de algun provecho, para domar la fiereza de aquellos Indios saluajes ».

157

DIONIGI DE CARLI

(? - após 1680)

LIVRO: O MOURO TRANSPORTADO À ILUSTRE CIDADE DE VENEZA. Reggio, 1672.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Segundo RUBEM BORBA DE MORAIS (*Bibliographia brasiliana*, c. 1983, v. 1, p. 153), a primeira edição deste livro é de Reggio, 1672, para a qual não indica editor. Segue-se o *Viaggio de Padre Michael Angelo de Gualtini da Reggio* (Bologna, Gioseffo Longhi, 1674), a *Relation Curieuse et nouvelle d'un Voyage de Congo...* (Lyon, Thomas Amaulry, 1680), o *Il moro trasportato...* (Bassano, Gio. Antonio Remondini, 1687) e o *Der nach Venedig überbrachte Mohr...* (Augspurg, Lorentz Kronigers, 1693).

NOTA SOBRE O AUTOR: RUBEM BORBA DE MORAIS (*op. cit.*, c. 1983, v. 1, p. 153) informa: « Michael Angelo de Gualtini, born in Reggio Emilia, and Dionigini de Carli, born in Piacenza, were two Capuchin missionaries sent to the Congo. They sailed from Lisbon and called at Pernambuco (pp. 15-30 and 90-106), where they spent several months ¶ (...) The letters which Gualtini wrote to his father occupy the greater part of his work. The remaindre was written by Father Carli, and describes the success of his mission. He also gives information about the country in general, its climate, manners and customs of the natives, etc. ». Pelo texto de CARLI, sabe-se que partiu de Bolonha, chegando a Gênova em 1666 e em Lisboa pouco antes de 2 de abril de 1667. No mesmo ano já está em Pernambuco, do qual parte em 2 de novembro de 1667.

EDIÇÃO UTILIZADA: *IL MORO* | *Trasportato* | *Nell'Inclita Citta' Di Venetia,* | *O Vero* | *Curioso racconto de Costumi, Riti, e Religione* | *de Popoli dell'Africa, America, Asia,* | *e Europa.* | *Reuiseti dal Molto Reuerendo Padre* | *Dionigi Carli De Piacenza* | *Predicatore Capuccino, e Missionario Apostolico* | *in quell' parti.* | *Diviso In Doi Libri.* | *Consacrato* | *All' Augusta, Et Immortal Republica* | *Principe Serenissimo,* | *Et* | *Eccellentissimo Senato* | *Di Venetia.* | [grav.] | *In Bassano, M. DC. LXXXVII.* [1687] | *Appresso Gio: Antonio Remondini.* | *Con Licenza De' Superiori, E Privilegio.* (BIEB: 12-c-5; 6 ff. inum., 402 pp., 9 ff. inum., 23 X 16 cm).

TRADUÇÃO PORTUGUESA: PAULO CASTAGNA.

TEXTO ITALIANO	TRADUÇÃO
IL MORO Trasportato Nell' Inclita Citta' Di Venetia, O Vero Curioso racconto de Costumi, Riti, e Religione de Popoli dell' Africa, America, Asia, et Europa. Reuiseti dal Molto Reuerendo Padre Dionigio Carli da Piacenza Predicatore Capuccino, e Missionario Apostolico in quell parti. Libro Primo.	O Mouro transportado à ilustre cidade de Veneza, ou curiosa relação de costumes, ritos e religião do povo da África, América, Ásia e Europa. Revisada pelo muito reverendo padre Dionigio de Carli, de Piacenza, predicador capuchinho e missionário apostólico naquelas partes. Livro primeiro.
Nauigatione al Mondo nuouo, et alla Città di Pernambuco. Cap. IV.	Navegação ao mundo novo, e à cidade de Pernambuco. Cap. IV.

[...]

[2.] (*p.* 16) Per ordine inalterabile si pratticaua da tutti giornamente questo in Vascello Sonata la Diana cò Tamburri, e l'Aue Maria con la Campana, tutti li Ragazzi (erano dodeci) vniti si portauano à dar il buon giorno al Capitano; nel vestirsi del quale in concerto sonauano le trombe; e doppo à gl'officiali, e poscia à tutta la brigata; nel qual mentre si preparauano li Sacerdoti, ch'erano sei, per celebrate le Sante Messe, all'assistere delle quali concorreuano tutti deuotamente con la Corona, Rosario, ò Officio nelle mani: natione veramente frà tutte l'altre deuotissima. Terminate le Messe, si faceua colatione, per più resistere al moto del Mare; poscia ciascuno ripigliaua il suo proprio esercito, chi di Scriuano, chi di Dispensiero, nel dar à tutti la sua ratione, e l'istess'acqua à misura, e per lo più puzzolente, e verminosa; chi di Calzolaio: chi di Sarto, di Falegname, di Fabro, di Cuoco, e simile. De Passaggieri, chi dormiua, chi giuocaua, chi sonaua, essendoui più di 50. Chitarre, da Portoghesi chiamate Viole; chi discorreua, chi pescaua, chi sfaceua, e faceua delle corde; <...> Mentre poi pransaua il Capitano, toccauano le Trombe in concerto, doppo vnitamente si rendeuano le gratie à S. D. M., e ricreati per qualche poco di tempo, <...> Verso, le vinti trè hore pure si daua il segno con la Campana, per vnirsi à recitare le Litanie della Beata Vergine, con altre Preci; ogni Sabbato, ò vigilia di qualche San-(*p.* 17)to si faceua vn Sermone in lingua Portoghese, per essere tutti indiferentemente. Doppo sino all'Aue Maria, agn'vno conforme al sua genio, con qualche lecito trattenimento ingannaua l'otio. Cenato con l'ordine sopradetto, e soneta l'Aue Maria, di nuouo tutti si radunauano, compartendosi le genti in due Classi (l'Arbero Maestro seruiua

[...]

Numa ordem inalterável, praticavam-se diariamente estas coisas no navio [*português, antes de chegar à ilha da madeira, em 1667*]: tocava-se com tambores a alvorada e com o sino a Ave Maria; todos os rapazes (eram doze) iam juntos dar o seu bom dia ao capitão; ao se vestirem, tocavam as trombetas em concerto, fazendo o mesmo para os oficiais e depois para toda a brigada, enquanto se preparavam os Sacerdotes, que eram seis, para celebrar a santa missa, que, para assisti-la, concorriam todos devotamente, com a coroa, rosário ou ofício nas mãos. Nação verdadeiramente devota esta, entre todas as outras. Terminada a missa almoçavam, para melhor resistirem ao balanço do mar. Voltavam, depois, cada qual à sua função, escrivães, dispenseiros, dando a todos a sua ração e água muito bem medida, geralmente suja e contaminada, sapateiros, costureiros, carpinteiros e cozinheiros. Entre os passageiros, que eram mais de 50, haviam os que dormiam, os que jogavam, os que tocavam guitarras, chamadas violas pelos portugueses, os que conversavam, que pescavam e faziam cordas. <...> Enquanto o capitão jantava, tocavam as trombetas em concerto e, em seguida, davam-se graças à S. D. M., recreando-se, então, por algum tempo, <...> Às 23:00 horas, dava-se o aviso com o sino, para se juntarem e recitarem as ladainhas da Virgem Maria, com outras preces; todos os sábados ou vigílias de dias santos, fazia-se um sermão em língua portuguesa, por serem todos portugueses, exortando à confissão e à comunhão, que faziam todos indiferentemente. Após a Ave Maria, cada qual, conforme seu gênio, entregava-se a entretenimentos lícitos para enganar o ócio. Após cearem com a ordem referida, tangida a Ave Maria, juntavam-se todos novamente, dividindo-se em dois grupos (servindo o mastro principal como

per segno) & à Coro si recitaua in lingua Portoghese à tutta voce in bellissimo concerto cinque poste del Santissimo Rosario, con grandissima diuotione, silentio, e compositione, col capo scoperto, non ostante fossero à Ciel aperto, cosa, che ci faceua restar ammirati per il tanto spirito, e sentimento di Dio in gente la maggior parte di Mare; <...>

[...]

referência) e recitando a coros e em língua portuguesa, com vozes plenas, cinco passagens do Santíssimo Rosário, com enorme devoção, silêncio e compostura, sem nada nas suas cabeças, apesar de estarem a céu aberto, coisa que fazia admirar, pelo espírito e sentimento de Deus em gente, a maioria do mar. <...>

[...]

Discorso del Brasil, e costumi di quelle genti Cap. V.

[...]

[10.] (*p. 26*) Per vn tal giorno nella Chiesa Maggiore, chiamata il Corpo Santo, per solennizzare la Festa del Santissimo Rosario fecero vn apparato veramente vistoso: (*p. 27*) Tutta la Chiesa con il soffitto era coperta di spaliere di color giallo, ne comparti, diuisi per le pitture in bellissimi suolazzi pendeuano aggiustati drappi pretiosi dell'Indie, e tutto l'addobbo si vedeua bizzaramente rabescato cò nastri de Seta di color di fuoco in tanta quantità, che per detto seruicio ne haueuano posto in opera vinti milla braccia, e tutto appeso con gl'aghi. Il Gran Tabernacolo era ammantato di seta, e d'oro tutto di fiamme, che illuminato dal chiarone di vn passamano d'argento, abbacinaua la vista, quasi si mirasse al naturale nella propria sfera del fuoco. Il tutto poi veniua animato dallo spirito di quelle corde, e dal fiato di quei spiriti, che tasteggiate, & inspirati animauano quelle Arpe, Fagotti, e Cornetti à decantare le sacre lodi, Et acciò che il tutto riesca con ordine, e senza confusione in tal solennità, frà tutti della Città eleggono vno de più ricchi Mercanti, qual' è con la persona indefessa assiste, e con la borsa aperta soccorre ad'ogni qualunque dispendio, che gli viene ambitiosamente in capriccio; Il

Discurso do Brasil, e costumes daquela gente.

[...]

Para uma festa na igreja maior, chamada do Corpo Santo, destinada a solenizar a comemoração do Santíssimo Rosário [*em Pernambuco, 1667*], fizeram um aparato verdadeiramente vistoso. Toda a igreja, inclusive o forro, estava coberta de ornamentos amarelos, organizados e divididos por pinturas em belíssimas soleiras, com ajustados e preciosos tecidos pendentes da Índia, todos os ornamentos bizarramente enfeitados com fiteiras de seda com cor de fogo, em tanta quantidade, que para esse serviço puzeram-se a trabalhar vinte mil braços, com o uso de agulhas. O grande tabernáculo era ornado de seda e ouro, como fogo, que, iluminado pelo clarão de um castiçal de prata, ofuscava tanto a vista quanto o olhar direto e ao natural para aprópria esfera de fogo. Tudo isso, então, vinha animado do espírito daquelas cordas e do sopro daqueles espíritos que, tocando e soprando, davam vida àquelas harpas, fagotes e cornetas, discantando os louvores sacros. Achando que tudo correu em ordem e sem confusão na solenidade, elegeram, entre todos os da cidade, um dos mercadores mais ricos, que acode aos indefesos e, com a bolsa aberta e com qualquer dispêndio, socorre a todos que a ele vêm em capricho. O Patrono, que fez a dita festa me jurou ter gasto

Padrone, che fece la già detta, mi giurò d'hauer speso solo nè fuochi della sera antecedente quattro milla ducati, in tal modo però. <...>

[...]

4 mil ducados somente nos fogos de artifício da véspera. <...>

[...]

158

SIMÃO DE VASCONCELOS

(c. 1596 – 1671)

LIVRO: VIDA DO VENERÁVEL PADRE JOSÉ DE ANCHIETA. Lisboa, João da Costa, 1672.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Esta biografia foi reeditada apenas em 1943 (Rio de Janeiro, Imprensa Nacional), com o mesmo título. VASCONCELOS baseou sua obra em documentos jesuíticos, em biografias anteriores de JOSÉ DE ANCHIETA e em sua própria *Cronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil...*, de 1663, transcrevendo, inclusive, trechos completos, sem alterações. As primeiras biografias de ANCHIETA foram as de QUIRÍCIO CAXA ✝ (1598) e PERO RODRIGUES ✝ (1607), ambas manuscritas. Porém, muitos autores dedicaram livros ou partes de livros à vida do "apóstolo do Brasil". Os trabalhos completos mais conhecidos, que antecederam a obra de VASCONCELOS são os seguintes (sem contar suas reedições): SEBASTIANO BERETTARI ✝ – *Josephi Anchietae Societatis Iesu sacerdotis in Brasilia defuncti Vita...* (Lugduni, Horatij Cardon, 1617); ESTEVAM DE PATERNINA – *Vida del Padre Ioseph de Ancheta...* (Salamanca, Antonia Ramirez Viuda, 1618); *Eloge du P. Joseph Anquieta...* (Paris, s.ed., 1624); SCIPIONE SERMBATA – *Elogio del P. Giuseppe Anchieta...* (Napoli, per Scoriggio, 1631); [GIOVANNI BATTISTA ASTRIA] – *Vita del Padre Giuseffo Anchieta...* (Bologna, Herede del Benacci, 1643); MANUEL MONTEIRO – *Compendio Panegyrico do P. José de Anchieta...* (Lisboa, Henrique Valente de Oliveira, 1660). Outros livros sobre o assunto continuaram sendo publicados, sem acrescentar qualquer dado novo à biografia do jesuíta, como os que se seguem: BALTASAR ANCHIETA – *Compendio de la vida de el apostol de el Brasil...* (Xeres de la Frontera, Iuan Antonio Taraçona, 1677); *Vita Del Venerabil Servo Di Dio P. Giuseppe Anchieta...* (Roma, Nazaret al Corso, 1738); ANTÔNIO FRANCO – *Vida Do Admiravel Padre José De Anchieta...* (Rio de Janeiro, João Lopes da Cunha, 1898).

EDIÇÃO UTILIZADA: VIDA | *do Veneravel Padre* | *Ioseph de Anchieta* | *da Companhia de Iesv,* | *Tavmatvrgo* | *do Novo Mundo, na Provincia do Brasil.* | *Composta* | Pello P. *Simão de Vasconcellos, da mesma Companhia, Lente de Prima na sagrada Theologia, & Provincial que foi na mesma Provincia,* | natural da *Cidade do Porto.* | *Dedicada ao Coronel* | *Francisco Gil d'Aravio.* | *Em Lisboa.* | *Na Officina de Ioam da Costa.* | *M. DC. LXXII.* [1672] | *Com todas as licenças necessarias.* [28 X 19; 15 pg. inum.; 593, 95 pg.; 1 est.; BIEB: 20-6-7].

LIVRO PRIMEIRO DA VIDA DO P. IOSEPH DE ANCHIETA da Companhia de Iesu. CONTEM OS ANNOS DE SVA PVERICIA; de sua entrada na Cõpanhia de Iesu; partida pera o Brasil, & Capitania de Sam Vicente; & do que nestas partes obrou, sendo Irmão sem Ordens sacras até a era de 1556.

CAPITVLO V. Modo da pobreza, & ordem com que assentou caza, & escola nos campos de Piratininga; como igoalmente ensinaua a lingoa latina; & aprēdia a dos Indios, & atendia ao bem das almas; & contase um cazo milagroso, & celebre de suspensam da chuua.

[...]

5. (*p. 26*) [*"Tradusia por todas as lingoas em romãces pios, os lasciuos, porque cantassem estes, & desterrassem os profanos."*] Em quatro lingoas era destro [*o P. Anchieta, na 1ª metade de 1554*], na Portugueza, Castelhana, Latina, & Brasilica, em todas ellas traduzio em romances pios[343], com muita graça, & delicadeza, as cantigas profanas, que andauam em vso, com fructo das almas; porque deixadas as lasciuas, nam se ouuia

pellos caminhos outra cousa, senam cantigas ao diuino, conuidados a isso os entendimentos do doce metro de Ioseph[344].

[...]

CAPITVLO VI. Modos varios com que converteo muitas almas, per si e seus discipolos: & modos varios, com que o inferno o pretendia estoruar.

[...]

4. (*p. 29*) <...> [*"Traços de Ioseph na conuersam dos Indios."*] Hauia em S. Vicente hum Seminario de muitos filhos dos Indios do sertam de Piratininga, que os Padres lhes tinham pedido para criá-los na doutrina Christam: Estauam estes ja bastantemente instruidos na fé, ler, escreuer, & cantar: [*"Modo pera os campos os meninos do Seminario em ajuda dos Indios."*] Foy traça de Ioseph, que viessem estes meninos pera os campos encorporarse com seus discipolos em fauor, & ajuda dos Paès, cõ o effeito, que logo veremos. Continuauam estes na noua Aldea sua escola, ajudauam a beneficiar os officios diuinos em canto de orgam, & instromentos músicos. (O mor gosto e incitamento, que podia auer para os Pães, que ja ali estauam, vindos de seus sertoens.) [*"De quãto foy a ajuda destes mininos*] Espalhauamse a noite pellas cazas de seus parentes, a cantar as cantigas pias de Ioseph em propria lingoa contrapostas âs que elles costumauaõ cantar vaãs, & gentilicas: Com os Padres ajudauam a cathequizar: Na escola instruiam aos seus igoaes, na doutri-(*p. 30*)na, ler, escreuer, & cantar; & vinham a ser Mestres os que ainda eram discipolos; todos os dias pela menhã, no fim da escola, cantauam na Igraja as Ladainhas dos santos, & a tarde a Salue de Nossa Senhora, com outras pias oraçoens em canto de orgam: [345] <...>

[...]

CAPITVLO VIII. Dos mais discipolos da escola de Ioseph, além do Irmão Pedro Correa.

[...]

6. (*p. 43*) [*"Do Irmaõ Gregorio Serram, & seus encomios"*] O terceiro Discípolo de Ioseph, [*em Piratininga, entre 1554 e 1556*] <...> foy o Irmaõ Gregorio Serram <...> E que sendo ainda Irmaõ, com occupaçam do estudo, tinha cuidado de huma das Aldeas daquelles campos, juntamente com o Irmão Manuel de Chaues, afim de estudar a lingoa & ajudar aos filhos dos índios, nos costumes da fé, ler, escreuer, & cantar[346]. <...>

LIVRO TERCEIRO DA VIDA DO P. IOSEPH DE ANCHIETA da Companhia de Iesv. CONTEM OS ANNOS QVE GOVERNOV na Capitania de S. Vicente, como Reitor daquelle Collegio e das casas de Santos, & S. Paulo, annexas: e juntamente os que na mesma Capitania continuou por subdito E as cousas admiraueis, que ahi lhe succederam, até quasi o anno de 1578.

CAPITVLO VI. Do grande espirito de missoens de Ioseph, & dos fauores extraordinarios, que nellas fazia o Ceo: especialmente da canoa perdida, de que escapou com milagre: e de outra virada de que sahio sem se molhar, nem seu Breuiario.

[...]

3. (*p. 162*) [*"Modo de ensinar os Indios em suas Aldeas."*] O modo com que os primeiros missionarios ensinam os Indios já bautizados, ou cathecumenos, & redusidos à Aldeas sugeitas à Republica, he o seguinte. Rompendo a manham em se ouuindo pella Aldea o sino, que tange à Missa, todos os meninos se vam ajuntar na Capella mór da Igreja aonde postos de joelhos, em coros iguais, entoam em voz alta louuores de Iesu, & da Virgem: dizendo os de hũ coro: Bendito, & louuado seja o santissimo nome de Iesv, & respondendo os do outro, & o da bem auenturada Virgem Maria may sua pera sempre. Amem. E logo todos juntos dizem, Gloria Patri, & Filio, & Spiritu sancto. Amem. E nisto continuam até chegar a Missa: chegada esta, ouuěna cõ silencio, & acabada ella idos os mais Indios esperam elles no mesmo lugar o Religioso, que tem cuidado delles, o qual lhes ensina as oraçoẽs da doutrina Christã, em voz alta, & apoz esta, da mesma maneira os misterios de nossa santa fé, em dialogo de preguntas, & respostas. (composto pera esse effeito em lingoa do Brasil) da santissima Trindade, creaçam do mundo, primeiro homem, Encarnaçam, Morte, Paixam, Resurreiçam, & mais misterios do Filho de Deos, do Iuizo vniuersal, Limbo, Purgatorio, Inferno, Igreja Catholica, &c. E ficam tam destros estes meninos, que ensinam depois aos pais tem sua doutrina particular, todos os dias santos, & (*p. 163*) Domingos, na mesma Igreja com praticas sobre ella, acabada a doutrina tornam a dizer os meninos a coros: louuado seja o santissinonome de Iesu, respondem os outros, & o da santissima Virgem Maria may sua pera sempre. Amem. E logo esperam que os mandem, & vam todos juntos a suas escolas aler, escreuer, ou cantar: Outros à instrumentos musicos, segundo o talento de cada hum. E saem no canto & instromentos tam destros, que ajudam a beneficiar as Missas, & procissoens de suas Igrejas, com a mesma perfeiçam que os Portuguezes. Nestas escholas gastam duas horas da menham; outras duas da tarde[347].

4. [*"Modo de encommendar as almas do Purgartorio"*] Tangendo as Aue Marias da noite, tornamse ajuntar à porta da Igreja, & daqui formam procissam com cruz leuantada diante, & postos em ordem, vam cantando pellas ruas em alta voz prosas santas em sua lingoa até chegarem a huma cruz destinada, a cujo pé postos de joelhos encommendam as almas do Purgatorio, na forma seguinte. Fieis Christãos amigos de Iesu Christo lembraiuos das almas, que estam penando no fogo do Purgatorio; ajudaias com hum Padre nosso, & huma Aue Maria, paraque Deos as tire das penas que padecem. & respondem todos. Amen: Rezam em alta voz o Padre nosso, & Aue Maria, & voltam com a mesma procissam, & canto até a portaria dos Padres, onde por fim entoam, & respondem como assima; & esperam que os mandem, que sem isso nam vam E neste hé o exercicio dos meninos[348].

[...]

6. (*p. 164*) [*"Sam affeiçoados à musica"*] Hé muito pera louuar a Deos, ver nesta gente o cuidado com que os já Christaõs acodem a celebrar as festas, & officios diuinos: Sam afeiçoadissimos à musica, & os que sam escolhidos dos Padre pera cantores da Igreja, prezamse muito do officio, & gastam os dias, & as noites em aprender. Saem destros em instromentos musicos, charamelas, frautas, trombetas, baixões, cornetas, & fagotes; com eles beneficiam em canto de orgam vesporas, completas, Missas, procissoens tam solemnes, como entre os Portuguezes. [*"Amigos do culto divino"*] Presamse de que andem bem adornadas suas Igrejas de ornamentos, Cruzes, alampadas, castiçais; turibulos, Confrarias & tudo o maisque pertence ao culto diuino das mesmas Cidades: & folgam de ser os primeiros que contribuam pera estas peças, empenhando pera isso seu suor, & trabalho; & hé entre elles falta notada, possuir cousas de preço, sem que repartão com a Igreja nos dias de festa armão suas Igrejas nos dias de festa armão suas Igrejas, com eramados aprasiueis de eruas, & flores, que tal vez excedem às sedas; & nam ha algum

por mais respeitado que seja, que em semelhantes occasioens, nam canse, & sue. Sera tido como por sacrilego entre elles, deixar de acudir a huma das festas por mais distantes que estejam: os sabados à tarde cantam na Igreja deuotamente a salue da Virgem Senhora Nossa, em canto de orgam com seus liuros[349] nas mãos: & todas as segundas feiras pella menham os reponsorios dos defuntos, encommendando com o Sacerdote suas almas a Deos, no fim da Missa. Na Quaresma fazem seus sepulchros, que elles mesmos pintam: tomam disciplinas de sangue correndo os passos pella somana santa. E sobre tudo sam zelosos por ordinario de confessar, & comungar; & enuergonhandose muito entre os outros aquelles, que nam tem idade, ou capacidade para isso.

[...]

LIVRO QVINTO DA VIDA DO P. IOSEPH ANCHIETA da Companhia de Iesu. CONTEM OS ANNOS QVE PASSARAM depois de ser Prouincial, até sua ditosa morte, que foram doze, desde o anno de 1585. até o de 1597. & as obras marauilhosas, que em todo este tempo obrou.

CAPITVLO XV. Sentimentos dos Indios na morte de Ioseph, & como foy por elles leuado à Vila em procissam de plantos.

[...]

3. (*p. 349*) [*"Leuaõ o corpo defunto em procissam 14 ou 15 legoas"*] Ouueram em fim de partir [*de Beritiba para o Espírito Santo, a 11 de junho de 1597*], formaram procissam com pompa funeral, Cruz alçada diante, o Padre Ioam Fernandes reuestido com alua, estola, & grande multidam de Brasis; postos em ordem, & em canto funebre: [*"Nam sentẽ pezo, ou cãçasso os que o leuão & acõpanham"*] & (*p. 350*) sendo caminho de quatorze, ou quinze legoas foy couza auériguada, que nehum dos que carregaram [*o corpo do P. Anchieta*], sentio pezo, ou cançasso algum, antes consolaçam, & aliuio.[350] <...>

[...]

6. (*p. 351*) [*"He leuado pellos Confradei da Misericordia até as partes de nossa Igreja."*] Ordenouse pois a procissam cõ todo o aparato possiuel daquelles Cidadõens que dezejauam fazello supremo Leuauão o corpo nas andas sobreditas, os Confrades de S. Misericodia até a porta de nossa Igreja, & dai o recolherão Sacerdotes da Cõpanhia Fizeramlhe exequias de tres nocturnos, & musica soleme de instrumẽtos, o Prelado Administrador, Clero, & Religiosos de S. Francisco. O seguinte dia cantaram a Missa, & pregou nella o Prelado louuores conuenientes a tam grande defunto: Chamoulhe bemauenturado, Apostolo do Brasil, Missionario santo, & referio algumas de suas marauilhas, excitando a memoria dellas aquelle pouo tam affeiçoado, que se derretia em lagrimas.

[...]

348. Do "Romance", informa RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário portuguêz e latino*, v. VII, 1720, p. 366): « toda a composição de seu metro he hum redondilho inteyro, o qual nem tem consoantes, nem consta de certo numero de versos, porque se póde ampliar, ou encurtar, conforme a materia ».

344 . VASCONCELOS faz, aqui, referência à « Chron. do Bras. tom. 1. liv. 1. f. 133. n. 156 ». Este trecho foi extraído da ***Chronica da Companhia de Jesv do Estado do Brasil*** (Lisboa, Henrique Valente de Oliveira, 1663), do próprio VASCONCELOS (*Crônica*, livro I, § 157, p. 135), já utilizada por SEBASTIANO BERETTARI ‡ em 1617 (*Vita R. P. Iosephi Anchitae*, livro I, § 33), PERO RODRIGUES ‡ em 1607 (*Vida do Padre José de Anchieta*, livro I, cap. II, § 3) e QUIRÍCIO CAXA ‡ em 1598 (*Breve relação da vida e morte do P. José de Anchieta*, cap. IV, § 3).

345 . VASCONCELOS cita a « Chron. do Bras. tom. I. liur. 1. f. 126. num. 160. ». Cf. a ***Crônica*** de SIMÃO DE VASCONCELOS ‡ (1663, livro I, § 160, pp. 137-138).

346 . Aqui vem citado « Ioseph pag. 121. ».

347 . VASCONCELOS ‡ usou as informações deste parágrafo pela primeira vez na ***Vida do P. Joam d'Almeida*** (Lisboa, Oficina Craesbeeckiana, 1658), no livro II, cap. VII, §§ 4 e 5.

348 . Este parágrafo, como o anterior, já se encontram na ***Crônica*** de SIMÃO DE VASCONCELOS ‡ (1663, livro I, §§ 6-7, pp. 176-178).

349 . Este parágrafo, na ***Crônica*** de VASCONCELOS ‡ (1663, livro I, § 10, p. 180), vem com « seus cirios nas mãos ».

350 . VASCONCELOS cita « Proc 3. f. 295 Proc. 5. 18 Patern f p. 28. ».

159

FRANCISCO DE BRITO FREIRE

(1623 – 1682)

LIVRO: NOVA LUSITÂNIA, HISTÓRIA DA GUERRA BRASÍLICA. Lisboa, João Galrão, 1675.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A edição de 1675 é a primeira, geralmente encontrada precedendo a *Viagem da Armada...* do mesmo autor (impressa em 1677, mas datada 1655). Existe outra edição no século XX pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco na « Coleção Pernambucana », vol. V.

NOTA SOBRE O AUTOR: O livro de FREIRE, Almirante da Armada portuguesa no Brasil e Governador de Pernambuco, é uma resposta portuguesa à Latiníssima obra de GASPAR BAERLE, baseando-se em documentação da época.

EDIÇÃO UTILIZADA: *Nova* | *LUSITANIA,* | *Historia Da* | *Guerra* | *BRASILICA* | *A* | *Purissima Alma* | *E* | *Saudosa Memoria* | *Do Serenissimo Principe* | *Dom Theodoro* | *Principe De Portugal,* | *E* | *Principe Do Brasil.* | *Por* | *Francisco De Brito Freyre.* | *Decada Primeira.* | *Lisboa* | *Na Officina de Joam Galram.* | *Anno 1675.* [32 x 21; 7 ff. inum.; 460 pp.; 20 ff. inum.; BIEB: 2-a-19-nº 1].

OBSERVAÇÃO: A numeração de parágrafos de BRITO FREIRE se refere a todo o volume, enquanto a nossa, entre colchetes, se refere apenas aos « Livros ».

Nova LUSITANIA. Livro Setimo Da Guerra Brasilica. <...> Sitia, & ganha Segismundo os Fortes da Restinga, & Cabedello, com que se perde a Provincia da Parahiba.

[...]

[76.] 587 <...> (*p. 312*) [*"Partidos com que se rendem."*] Pelo que em dezanove de Dezembro [*"Anno 1634"* *(segunda quinzena de dezembro)*], sahindo ao som de caixas, com bandeiras largas, mechas acezas, balas em boca, & toda a roupa, fasenda que tinhaõ, entregáraõ o Cabedello [*os portugueses*]. Ao qual o Conde Joaõ Mauricio de Nassau, chamou depois de Margarida, de hũa Irmaõ, que Margarida se chamava; <...>

[...]

Nova LUSITANIA. Livro Oitavo Da Guerra Brasilica. Dividemse as forças Olãdesas. Sitiãõ no mesmo tempo, Arraiall, o quartel do Real, & o de Nazareth, Segismundo. <...>

[...]

[26.] 634 <...> (*p. 332*) [*"Partidos com que se entregaõ."*] Atè que o Governador Andrés Marim, conseguindo ganhar opiniaõ, de perder a Praça, (que succede raras vezes com a milicia) mandou os Capitaẽs, João de Campos de Gam-(*p. 333*)boa, & Luis de Avellar Fouto, a tratar das Capitulaçoẽs. Concedèraõlhe as mais honorificas, de que se uza em semelhantes ajustamentos. E os vencidos, parecendo vencedores de sua fortuna, em a sua constancia, sahiraõ a seis de julho, com bandeiras, caixas, cordas, & ballas; formados em escoadraõ. <...>

[...]

Nova LUSITANIA. Livro Nono Da Guerra Brasilica. <...>
Commete a Manoel Diaz de Andrada, Segismũdo. <...>

[...]

[21.] 727 (*p. 382*) [*"Com grande descredito da sua opiniaõ."*] Passado já o tempo de poder vir, & vendo que não vinha [*o "Segismundo"*], mandou [*"Manuel Diaz de Andrada", no fim de abril de 1636*] juntar os Moradores daquelle destricto [*no Recife*], com todos seus Filhos, Escravos, & cavallos, encubertos no mato. Depois a som de caixas, pelo caminho ordinario de Porto-Calvo, mostrando serem escoadroẽs que de lá lhe mandavão marcháraõ á vista do Inimigo, para o nosso alojamento. <...>

[...]

160

JOÃO FELIPE BETTENDORF

(1625 – 1698)

LIVRO: COMPÊNDIO DA DOUTRINA CRISTÃ NA LÍNGUA PORTUGUÊSA E BRASÍLICA. Lisboa, Miguel Deslandes, 1678.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Existem somente duas edições deste livro. A primeira é de Lisboa (Miguel Deslandes, 1678) e a outra da mesma cidade, porém impressa por Simão Thaddeo Ferreira, 1800. Eis a página de rosto da primeira edição: *Compendio da Doutrina Christãa Na lingua portugueza, & Brasilica: Em que se comprehendem os principaes mysterios de nossa Santa Fé Catholica, & meios de nossa salvação: Ordenada a maneira de Dialogos accommodados para o ensino dos Indios, com duas breves instrucções: hua para bautizar em caso de extrema necessidade, os que ainda são Pagãos; & outra, para os ajudar a bem morrer, em falta de quem saiba fazerlhe esta charidade: Pelo P. Joam Phelippe Betendorff da Companhia de Jesus, Missionario da Missão do Estado do Maranhão. Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes Na Rua da Figueira, Anno 1678. Com todas as licenças necessarias* [8°, 10 ff. inum., 142 pp.].

NOTA SOBRE O AUTOR: JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, Livro VI, cap. I, nº 8.2, p. 289) fornece dados biográficos sobre o padre BETTENDORF, que aqui resumimos. Nascido em 1625 no Luxemburgo, chegou ao Maranhão como missionário em 1661. Serviu na Missão do Grão-Pará (onde foi Superior do Colégio do Maranhão e Superior da Missão), sendo de lá expulso em 1684 com os demais jesuítas, em conseqüência de revoltas populares, partindo para a Bahia e, ainda no mesmo ano, para o Colégio de Santo Antão em Portugal. Em 1688 voltou ao Maranhão como Superior, mas substituindo em 1693. Continuando a pregar e a missionar, termina sua *Crônica* em 1698, ano de seu falecimento. Na p. 290, RODRIGUES informa: « Sua *Crônica* descreve todo o estado do Maranhão, criado a 13 de junho de 1621, e compreendendo várias capitanias, hoje transformadas nos atuais Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará e Piauí (mais de 3 milhões e meio de quilômetros quadrados). Descreve sua origem e fundação, relata as missões desde a primeira em 1607, até 1698 quando falece, a viagem de Pedro Teixeira e mais tarde a de Samuel Fritz, a invasão holandesa, os governos temporal e espiritual, as grandes questões da liberdade e escravidão dos Índios, os tumultos do Estado, como o de Manuel Beckman, em 1684 ».

EDIÇÃO UTILIZADA: *Compendio | Da | DOUTRINA CHRISTÃA | Na | Lingua Portugueza, | E | Brasilica. | Composto Pelo | P. João Filipe Betendorf | Antigo Missionario do Brasil, | E Reimpresso De Ordem | De | S. Alteza Real | PRINCIPE REGENTE | Nosso Senhor | Por | Fr. José Mariano da Conceição | Velloso. | [grav.] | Lisboa. M. DCCC. [1800] | Na Offic. De Simão Thaddeo Ferreira.* [BSEB: 16-b-5; VIII, 131 pp., 1 f. inum.].

COMPENDIO DA DOUTRINA CHRISTÃA Na lingua Portugueza, e Brasilica. PRIMEIRA PARTE Dos primeiros elementos da Fé Christãa.

(*p. 1*) **Oração do sinal da Santa Cruz.**

PElo sinal da Santa Cruz, livra-nos Deos nosso Senhor, de nossos inimigos.

Em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo. Amen JESU.

SAnta Cruz rãangâba recé orepycyrõ iepé, Tupã ore iár, oreamotareÿmbâra çûi.

Tûba, Taÿra, Espirito Santo réra pupé. Amen JESUS.

(*p. 2*) PADRE NOSSO

PAdre nosso que estás nos Ceos, santificado seja teu nome, venha a nós o teu Reino, seja feita a tua vontade, assim na terra, como no Ceo; o pão nosso de cada dia nos dá hoje, e perdoa-nos nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; e não nos deixes cahir em tentação, mas livranos do mal. Amen JESU.

ORé rûb, ybákype tocoár, inöetépŷramo nde rêra töicó. Toúr nde Reino: Tonhe monhang nde remimotâra, ybýpe, ybákype inhemonhânga iabé: Ore rembüí âra iabiõ ndöára öinöêng ocrí orébe: ndenhirõ ore angaipâba recé orébe, Orerecomemõaçâra çupé orenhirõ ïabé: Oremoaruoârumé ïepé tentaçaõ pupé, orepycyrõ te ïepe imbäé äïba çüí. Amen JESUS.

(*p. 3*) AVE MARIA

AVE MARIA cheia de graça, o Senhor he comtigo; benta és tu em as mulheres; bento he o fruto de teu ventre JESU. Santa MARIA Mãi de Deos, roga por nós peccadores, agora, e na hora de nossa morte. Amen JESU.

AVE MARIA. graça recé tynycembäé, nde irúnamo ïande iâra recóu: imombëúcatupŷramo ereicó cunhã çüí; imombëucatupŷrabé nde membŷra JESUS. Santa MARIA Tupã cŷ, etûpã monghetá oré iangaipabäé recé, coŷr, irã oré iekŷi oré rúmbéno. Amen JESUS

SALVE RAINHA.

SAlve Rainha Madre de misericordia, vida, doçura, esperança nossa, salve. A ti bradamos os degrada(*p. 4*)dos filhos de Eva: a ti suspiramos gemendo, e chorando em este valle de lagrimas: Eya pois Advogada nossa, esses teus olhos misericordiosos a nós volve, e depois deste desterro nos amostra a JESU, bento fruto de teu ventre. O' clemente, ó piadosa, ó doce sempre Virgem MARIA. Roga por nós Santa Madre de Deos, para que sejamos dignos das promessas de Christo. Amen JESU.

SAlve Rainha moraucúbâra cytecobé cëembäe, oreierobiaçâba, salve. ndébe açapucápucäi ipeaŷramo (*p. 4*) Eva membŷramo. ndébe oronhëangherúr orepöacémamo, oroiacegoâbo icó ybytŷgoâia iace goâba pupé. Eneï ore recéierureçâr eboui nde reçá porauçubâra erobac ore coty. Aö JESU imombëúcatuŷra nde membŷra icó iepöaçagoéra cykiré ecepiac ucar orébe. nheranëŷa, moraucúb erecoçâr cëembäe Virgem MARIA. Etupã monhghetá oré recé. Santa MARIA Tupã cy, torëangaturane Christo remienöïgoéra recé, ore iecoçúbagoâma ri. Amen JESUS.

(*p. 5*) Creio em Deos Padre.

CReio em Deos Padre todo poderoso, Creador do Ceo, e da terra, e em JESU Christo hum só seu Filho nosso Senhor, o qual foi concebido do Espirito Santo: nasceo de MARIA a Virgem, padeceo sob poder de Poncio Pilato: foi crucificado, morto, e

ARobiar Tupã Tûba opacatú moäe tetorüã monhânga öicatúbäe, ybâca, ybŷabe monhângâra Arobiár JESUS Christo abé Täŷra oiepébäe acẽ iâra: Espirito Santo imonhangápe pitângamo onhemonhânghäepoéra. Aebäe öâr MARIA ababycagoérëyma

sepultado. Deceo aos infernos, ao terceiro dia resurgio dos mortos; subio aos Ceos, está assentado á mão direita de Deos Padre todo poderoso: donde ha de vir a julgar os vivos, e os mortos. (*p. 6*) Creio no Espirito Santo, na Santa Igreja Catholica, a communicação dos Santos, a remissão dos peccados, a resurreição da carne, e vida eterna. Amen JESU.

çüí, Poncio Pilato morobixâbamo cecóreme cereccomemoãbŷramo cecóu, ybyrá ïcaçâba recé imoiâripŷramo cecóu, iiucapŷramo, ltymimbyramo. Oguegybybŷ apytéripe, ara moçapŷra pu(*p. 6*)pé omanabãe poéra çüi cecobe ïebyri, oieupir ybâkipe, Tupa Tüba opacatú mbãe tetirüã monhânga ŏicatúbãe ecatuãba coty céni. Ae çüí túri oicobébãe omanobãe poéra pebé recomonhângane. Arobiar Santos rececatú iemoiãó oãôca: Arobiar tecoangãipâba recé morupé Tupã nhirõ: Arobiar acẽ recobé iebyraõâma: Arobiar acẽ recobé iebyraõâma: Arobiar tecobe opá bäerâmeŷma. Amen JESUS.

161

ANÔNIMO

(séc. XVII)

DOCUMENTO: RELAÇÃO DAS GUERRAS FEITAS AOS PALMARES DE PERNAMBUCO. Após 1678.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: O manuscrito, publicado na RTIHGEB vol. 22, 1859 (pp. 303-329), foi « offerecido pelo Exm. Sr. Conselheiro Drummond », levando o titulo « *Relação das guerras feitas aos Palmares de Pernambuco no tempo do governador D. Pedro de Almeida de 1675 a 1678* ». Segundo JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro VII, cap. 1, nº 3.2, p. 323), « a guerra durou de 1602/1608 - 1694, e, apesar dos 25 ataques brancos, esta é a única narrativa de época ». Mesmo assim, nenhuma informação sobre a música dos negros foi deixada, mas apenas sobre a música religiosa portuguesa.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Revista Trimestral do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brasil*. Rio de Janeiro, Typ. Imparcial de J. M. N. Garcia, vol. 22, 1859, pp. 303-329.

[...]

[27.] <...> (*p. 316*) porém como Fernam Carrilho tinha conhecido bem o empenho de D. Pedro, atreveo-se a todas as difficuldades, e pedindo se fizesse algum acto de religião [*Em "Porto Calvo", antes de 21/09/1677*] para que patrocinasse o Ceo a jornada [*para os Palmares*]. Cantou-se solemnemente uma Missa a que assistio a nobresa daquella Villa e todos os que havião de entrar naquella Campanha.

[...]

[40.] <...> (*p. 323*) e com mais tropa a si de soldados como negros e com a Camara e mais Nobreza, e o pouo da Villa [*"de Porto Calvo", a 29 de janeiro de 1678*] e seus contornos, se foi para a Capella do Bom Jesus, onde se cantou solemnemente uma Missa em acção de graças do felicissimo vencimento com que se dominaram aquelles inimigos [351]; <...>

[...]

[51.] <...> (*p. 327*) quiz o Governador que logo se baptisassem [*os negros capturados de Palmares, a 20 de junho de 1678, na "Igreja Matriz do Arrecife"*], para que com a nova vida da graça, começassem a lograr os novos beneficios da paz: e posto que os negros mesmos desejavão receber o baptismo, foi necessario differir-se para mais cuidado se impenhassem no intento a que vinhão; e com maiores informações recebessem o sacramento que procuravão. Cantou-se solemnemente a Missa, subio ao pulpito o Vigairo da mesma freguesia, e não faltou a dar a Deus as graças, que se lhe devião, nem a S. Antonio as glorias que lhe redondavão, nem aos 2 Governadores os parabens que estavão merecendo.

[...]

351 . Esta informação é confirmada no mesmo dia e local por PEDRO PAULINO DA FONSECA, que a extraiu de um manuscrito da Biblioteca Pública Eborense (cód. CXVI-2-13-a nº 9) na p. 312 da « *Memoria dos feitos que se deram durante os primeiros annos de guerra com os negros quilombolas dos Palmares, seu destroço e paz aceita em Junho de 1678* », como se observa na *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, v. 39, parte I, pp. 293-322, 1876.

162

JOHAN NIEUHOF
(1618 – 1672)

LIVRO: MEMORÁVEL VIAGEM MARÍTIMA E TERRESTRE AO BRASIL. Amsterdam, Jacob van Meurs, 1682.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A edição holandesa de 1682 é a primeira que surge. Porém, o texto de NIEUHOF reaparece em várias traduções inglesas, todas descritas por JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES na « Bibliografia de Nieuhof » da tradução portuguesa de 1981 (infra cit., pp. 398-406), a saber: *Mr. John Nieuhoff's Remarkable Voyages & Travels...* de CHURCHILL (London, 1703); *A Collection of Voyage and Travels...* de JOHN WALTHOE e THOMAS OSBORNE (London, 1732); *A Collection of Voyages and Travels...* de H. LINTOT e JOHN OSBORNE (London, 1746); *A General Collection of the best and most interesting Voyages and Travels...* de PINKERTON (London), 1811. RODRIGUES cita ainda resumos do escrito de NIEUHOF em *A New Collection of Voyages, Discoveries and Travels...* de J. KNOX (London, 1767) e em *Nederlandsche Reizen* de PETRUS CONRADI e N. VAN DER PLAATS (Haarlinge, 1786-1787; viagem ao Brasil no v. 14, 1787). A primeira tradução portuguesa é de 1942, por MOACIR N. VASCONCELOS (São Paulo, Martins), reimpressa em 1981 na coleção "Reconquista do Brasil", nova série, v. 35.

NOTA SOBRE O AUTOR: NIEUHOF permaneceu em Pernambuco de 15 de dezembro de 1640 a 23 de julho de 1649, como se constata pelo texto, a serviço da Companhia das Índias Ocidentais, usando em seu livro tanto observações feitas "in loco" como informações extraídas de documentos holandeses e portugueses da época.

EDIÇÃO UTILIZADA: *Johan Nieuhofs* | *Gedenkweerdige* | *Brasiliaense* | *Zee- en Lant-* | *REIZE.* | *Behelzende* | *Al het geen op dezelve is voorgevallen.* | *Beneffens* | *Een bondige beschrijving van gantsch* | *Neerlants Brasil,* | *Zoo van lantschappen,* | *steden, dieren, gewassen, als* | *draghten, zeden en godsdienst der inwoonders:* | *En inzonderheit* | *Een wijtloopig verhael der merkwaerdigste voorvallen* | *en geschiedenissen, die zich, geduurende zijn negenjarigh* | *verblijf in Brasil, in d'oorlogen en opstant der Portugeesen* | *tegen d'onzen, zich sedert het jaer 1640, tot 1649* | *hebben toegedragen* | *Door gansch verçiert met verscheide afbeeldingen, na 't leven aldaer getekent.* | *[grav.]* | *t'Amsterdam,* | *Voor Weduwe van Jacob van Meurs, op de Keizers-gracht. 1682.* [32 X 20; 8 ff. inum.; 240 pp.; 1 f. inum.; 1 mapa; 1 pl. dobr.; 2 pls.; 8 ilustr.; BIEB: 11-a-11].

TRADUÇÃO PORTUGUESA: JOAN NIEUHOF – *Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil*; traduzido do inglês por Moacir N. Vasconcelos; confronto com a edição holandesa de 1682, introdução, notas, crítica bibliográfica e bibliografia por José Honório Rodrigues. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1981. 410 pp. (Reconquista do Brasil, nova série, v. 35).

TEXTO HOLANDÊS

[...]
(*p. 57*) [*col. 1*] [*"Graef Maurits vertrek na het Vaderlant"*] Voor de poort stont een paert gereet, daer hy op ging zitten, en reed met een groot gevolgh langs

TRADUÇÃO

[...]
(*p. 126*) Diante do portão, estava um cavalo arreado, no qual montou [*"o Conde Maurício"*] e dirigiu-se, com grande comitiva, ao longo da praia, além de Olinda [a

het strant na **Olinda**. De Hoge Raden, de Raden de Raden van justitie, en voordere krijghs-bevelhebbers, geleiden hem tot voor by de stad **Olinda**: alwaer die hun afscheit van hem namen. Hy reed met den Heer Bullestrate voort, die afgeschikt was, om hem by te blijven, tot dat de vloote in zee zou zijn.

Ondertusschen stond de Graef verscheide malen stil, en aenschowde zijn vermaerde burgh, die hy zelf, zoo heerlijk en vermakelijk had doen opbouwen, en toen daer liet: terwijl zijne trompetters het oud deuntije, Wilhelmus van Nassouwen, lustigh opbliezen.

Hy trad eindelijk, met zijn by hebbend volk, in vier vaertuigen, en zoo te scheep. Na's Graven vertrek, bleef d'opperhoofdige Regering, aen de heeren Hoge en geheime Raden: als Hendrik Hamel, Kodde van der Burg, en Adriaen Bullestrate.

[...]

(*p.* *80*) [*col.* *2*] [*"Vertrekken uit de Bahia"*] Na dan eenige redenen van vrientschap, en goede genegentheit, van d'eene en d'andere zijde gevallen waeren, namen zy den twee en twintighsten hun afscheit van den bisschop, en weinige andere perzoonen, die hen door hunne gedienstigheden verplight hadden, en gingen voorders, verzelt met verscheide aenzienelijke officieren, na het paleis, en wierden aldaer met gewonelijke staetsie ont fangen.

Zy bedankten den Gouverneur voor alle genote eere en vrientschap, en wenschten zijne Majesteit van Portugael, en hem, een hem, een langduurige en gelukkige regering, en vele victorien tegens de Kastilianen.

De Gouverneur, na bedanking en genomen afscheit, geleide d'afgezondenen tot in de zale, en zond hen, om (*p.* *61*) [*col.* *1*] de grote steilte (want de stad is in het hangen van eenen bergh gestight) gevoeghelijker af te geraken, negers met hangmakken achter aen, om d'onzen te dragen.

11 de maio de 1644]. Os Altos Comissários, o Conselho da Justiça e outros Comandantes de Guerra o conduziram adiante da cidade de Olinda, onde dele se despediram. Nassau continuou a viagem com o Sr. Bullestrate, que tinha recebido ordem de acompanhá-lo até que a esquadra se tivesse afastado. Entretanto, o Conde parou várias vezes e contemplava o seu famoso palácio, que ele próprio mandara construir, belo e agradável e que, então, abandonava; enquanto isso, os seus corneteiros [***] tocavam, contentes, Wilhelmus van Nassau [***]. Finalmente, embarcou com toda a sua gente em quatro navios. Depois da partida do Conde, o Governo ficou a cargo dos Senhores Altos Comissários Secretos, como Hendrik Hamel, Kodde van der Burgh e Adriaen Bullestrate. <...>

[...]

(*p.* *131*) No dia 22 [*"de fevereiro de 1644"*], os enviados do Grande Conselho [*para "investigar diligentemente sobre os projetos dos portugueses contra o Govêrno"*] despediram-se do bispo [*na Bahia*] e de várias pessoas gradas, das quais haviam recebido cortesias, e, por fim, do próprio Governador, que se fez acompanhar por muitos oficiais e pessoas de destaque. Os nossos delegados agradeceram ao Governador as atenções e cortesias de foram alvo, desejando tanto a ele como ao Rei de Portugal um longo e feliz reinado, bem como a vitória sobre os castelhanos. Retribuiu-lhes o Governador os cumprimentos e os acompanhou até fora da sala [*do Palácio em Salvador*], tendo então ordenado a vários negros que conduzissem os embaixadores em cadeirinhas até à base da colina sobre que se ergue a cidade. Aguardava-os o mesmo escaler que os havia trazido à terra, para novamente transportá-los para bordo, ao som festivo de bandas musicais. Após se despedirem dos enviados holandeses, os oficiais

Doch zy vonden het gevoeghlijker te voet te gaen, en deden hem bedanken. Zy wierden weer met dezelve sloep op brigantijn, en officieren en speelluiden, aen hun jaght gevoert.

Na veele eerbiedigheit van wederzyden, scheiden d'officieren van d'afgezondenen, en keerden na lant: en d'onze maekten zeil, tot bevordering van hunne reize na het Reciff, daer zy in't kort behouden aenquamen.

[...]

portugueses regressaram à cidade. Os nossos delegados iniciaram, então, a viagem de regresso ao Recife, onde chegaram dias depois, em segurança.

[...]

Drank [*"der Brasilianen"*]

[...]

[8.] (*p. 211*) [*col. 2*] By de negers en gemeen volk wordt ook veeltijts zekere vuile en stinkende drank genuttinght, **Garapa** doorgaens genoemt, die van zwarte zuiker en water gemaekt is, zonder byna te gesten; en, voor een geringen prijs verkocht wort. Dezen dranken slingeren beide mannen en vrouwen zeer gulzigh en overvloedigh in, en verslijten daer mede gantsche dagen en nachten, onder het zingen en danssen, zonder ophouden. Onder het drinken kijven or krakelen zy zelden, 't en zy uit jaloersheit.

[...]

[Bebida dos brasileiros]

[...]

<...> (*p. 341*) Os negros [*"do Brasil"*] fazem, às vezes, uma mistura detestável de açúcar preto e água, sem a mínima fermentação, à qual dão o nome de **Garapa**. Bebida barata, os negros usam-na em suas festas que chegam a durar 24 horas entre danças, cantos e beberagem. Só brigam, nessas ocasiões, por ciúmes. <...>

[...]

(*p. 214*) Bevolking van Neerlande Brasil.
354 No Litoral Brasileiro [*População do Brasil Holandês*]



[...]

[38.] (*p.* 217) [*col.* 2] D'Aldeas der Brasilianen waren in **Goyana**, **Parayba** en **Rio Grande**, (hoewel mede een en ontrent **Igarasu** lag:) alwaer zy ontrent de rivieren bequame plaetsen uitgekoren hadden.

[39.] De hutten, daer zy woonen, zijn van houte staken, met palmijt bladeren bedekt.

[40.] Zy mogen geenzins het jok van slaver nye verdragen: zijn boven mate genegen tot luiheit, en schuuw van arbeiden: inzonderheit de Tapoyers. Zy leven vry en vreedzaem onder elkanderen, 'ten zy wanneer zy by den drank zijn: want dan bregen zy dagh en nacht met zingen en danzen over. Vrouwen zo wel als mannen zijn zeer tot den drank genijght, en kunnen nietlichtelijk daer van afgebraght worden: naerdien zy van geen ding meer houden, als van dronken drinken. waer uit krakeelen en andere vuile en lelijke ondeugden onder hen ontstaen.

[41.] Zy zijn ook boven mate tot danzen genegen, dat zy met een algemeinen naem **Guau** noemen. Ook hebben zy verscheide wijzen van danzen: welker een **Vrukapi** genoemt wordt. Onder het danzen gebruiken zy ook verscheide wijzen van zingen.

[...]

[...]

(*p.* 348) As aldeias dos brasileiros [*indígenas*] estavam em Goiana, Paraíba e Rio Grande, (embora uma estivesse perto de Iguarassu), onde eles tinham escolhido lugares apropriados, perto dos rios. Suas cabanas são construídas apenas de estacas, cobertas de folhas de palmeiras. Não suportam o jugo da escravidão, nem qualquer fadiga por menor que seja. Vivem muito quietos, a menos que bebam; nessas ocasiões cantam e dansam dia e noite. A bebedeira avassala os indivíduos de ambos os sexos e dá lugar a brigas, bem como a vícios abomináveis. Também apreciam muito a dansa, que chamam **Guau**; têm diversas maneiras de bailar, uma das quais denominam **Vrukapi**. Em geral cantam enquanto dansam. <...>

[...]

Godsdienst.

[...]

[4.] (*p.* 220) [*col.* 2] Zy weten noch kennen geen hemel noch helle na dit leven: alhoewel zy, door overlevering der ouden, gelooven, dat de zielen, na het scheiden uit den lichaem, overblijven, en zomtijts in duivelen of geesten veranderen, of na waterrijke en lustige boomrijke velden overgevoert worden, en aldaer geduurigh juighen en danzen.

[...]

[Crença religiosa]

[...]

<...> (*p.* 351) Não têm noção do Céu, nem do Inferno, conquanto seja crença generalizada entre eles que a alma não deixa de existir, com a morte do corpo; ao con(*p.* 352)trário, ou transforma-se em demônio, ou espírito, ou, então, vai desfrutar existência feliz dansando e cantando em um prado delicioso, que acreditam estar situado além das montanhas. <...>

[...]

Tapuyers.

[...]

[22.] (*p. 224*) [*col. 2*] Van de schorsen der driehoekige vrucht **Aguay**, die met een draet aen malkanderen gehecht zijn, maken zy kringen als brazeletten, die zy onder de kuiten, rontom de beenen, binden, en die in het dansen eenigh geluit geven.

[...]

[26.] (*p. 225*) [*col. 1*] Hunne trompetten zijn van menschen beenen gemaekt, en **Kanguenka** genoemt. Zy hebben ook andere groter trompetten, van zekere kinkhoren gemaekt, die zy **Nhumbugaku** noemen: en ook eenige van riet gemaekt, die zy **Meumbrapara** noemen.

[...]

[Tapuias]

[...]

<...> (*p. 357*) Os selvagens fabricam também braceletes com as sementes de um fruto denominado **Aguay** os quais usam nas pernas para fazer barulho quando dansam. <...>

[...]

<...> As trombetas, a que chamam **Kanguenka**, são feitas de ossos humanos; todavia, as chamadas **Nhumbugaku**, de tamanho muito maior, são de chifre. Existe ainda outra modalidade de corneta feita de taquara e chamada **Meumbrapra soo**. <...>

[...]

352 . Na p. 135 [*f. r4r*] (cf. p. 238 da edição de 1981) NIEUHOF indica o nome de um dos « trompetters » da Companhia das Índias Ocidentais: « Marten Stamp ».

353 . Nota de JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (nº 201), na p. 126 da edição de 1981: « Vide anexo nº 1. Aí damos a música e letra da canção popular Wilhelmus van Nassau. Foi composta e escrita por Philippe de Marnix, Senhor de Sainte-Aldegonde, que nasceu em Bruxelas, em 1538, e faleceu em 1598. Refugiou-se na Alemanha, quando os protestantes foram perseguidos nos Países-Baixos. Em 1572, voltou novamente para seu país e pelos escritos, por meio da palavra e da espada, colaborou com o Príncipe de Orange. Era insinuante orador. Escreveu "Tableau des differends de la religion", 1598, considerado, por Bayle, notável, pela mescla de erudição e lógica. [XXVII, pp. 6 e 7] ». Transcrevemos o cântico recolhido por RODRIGUES no EXEMPLO MUSICAL IV-6. A primeira das quatro estrofes da peça é a seguinte: « Wilhelmus van Nassouwe ¦ Ben ick van Duytschen bloet, ¦ Den Vaderlant ghetrouwe ¦

Blijf ick tot in den doot » (« Guilherme de Nassau | Sou eu, de sangue holandês, | Fiel à minha pátria | Permaneço até morrer »). FRANCISCO A. PEREIRA DA COSTA (*Estudo histórico-retrospectivo sobre as artes em Pernambuco*, 1900, p. 6) já tinha conhecimento, no século passado, do uso desta canção no Brasil holandês: « Netscher falla das musicas regimentaes hollandezas, que tocavam o hymno nacional ***Wilhelmus van Nassauwen***, com seus accordes instrumentos, como refere Calado, que falla ainda dos clarins e trombetas de marcha dos regimentos de cavallaria ». Há uma outra canção holandesa (« Wilt heden nu treden voor God den Heere ») que, segundo HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA (***Música sacra evangélica no Brasil***, 1961, cap. III, p. 60), deve ter sido muito cantada em Pernambuco, pois, apesar de não ser mencionada nos documentos da época, era tão popular quanto o « Wilhelmus van Nassouwe ». Transcrevemos essa canção no EXEMPLO MUSICAL IV-C, com os comentários pertinentes.

354 . Esta gravura, que não é reproduzida pela tradução de 1981, aparece na primeira edição como prancha entre as pp. 214 e 215, mas levando a indicação, no canto superior esquerdo « pag 215 ». Seu título, « Negers Speelende op Calabaßen », significa « negros tocando em cabaças ». A gravura vem após o item « Bevolking van Neerlants Brasil », « população (ou habitantes) do Brasil holandês » e já mostra, na primeira metade do século XVII a fusão das culturas musicais africana (pela utilização da cabaça ou "reco-reco") e européia (representada no pandeiro, já utilizado em Portugal na Idade Média). O instrumento feito de cabaça parece ser o mesmo que FILIPO BONANNI representou no ***Gabinetto Armonico***, de 1723 (cf. a GRAVURA XXIV, no volume I deste trabalho) e o que aparece também na ***Istorica descrizione de' tré regni Congo, Matamba, et Angola***, de GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCOLO (1687, p. 167). JOSÉ REDINHA (***Instrumentos musicais de Angola***, 1984), que reproduz a gravura de MONTECUCOLO na p. 159 (fig. 71), classifica o instrumento como **cabaça de fricção**, descrevendo-o da seguinte maneira (p. 136): « cabaça de pedúnculo acentuado com uma abertura no bojo e sobre ela uma vara serrilhada (reco-reco). Friccionam com uma vara. Modelo dos Galangues, grupo Umbundo ». A pesquisadora Nisomar de Sousa Ferreira nos informou que esse instrumento continua em uso no Brasil e é conhecido como **caracaxá**. De fato, LUIS DA CÂMARA CASCUDO (***Dicionário do folclore brasileiro***, 1988, p. 194), nesse verbete, transcreve esta informação de ROSSINI TAVARES DE LIMA: « Pode se apresentar sob a forma de um pedaço de bambu ou taquara com talhos transversais, um caneco cilíndrico de lata com uma tira ondulada do mesmo material, pregada na parte exterior, ou uma cabaça comprida, na qual se adapta um pedaço de madeira dentada. Executa-se raspando-o com uma vareta de madeira ou ferro ». CASCUDO acrescenta: « Uso nacional. Vi em Luanda, Angola, caracaxá de mais de um metro, denteado, sobre cuja superfície saliente o executando passava os dedos, ornados de unhas artificiais metálicas, como os japoneses percutem as cordas do koto ». A origem angolana desse instrumento é decorrente da procedência dos negros que vinham para o Brasil naquela época. Veja-se este fragmento de PEDRO CALMON (***Espírito da sociedade colonial***, 1935, parte II, cap. X, p. 170): « No princípio e no fim, o maior centro abastecedor foi Angola. Desde 1548 – quando se iniciou o tráfico – substituiram os portos angolêses aos do Congo na grossa exportação humana, avaliada, entre 1575 e 91, em 52.053 peças ».

355 . SIMÃO DE VASCONCELOS *, na ***Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil...*** (Lisboa, Henrique Valente de Oliveira, 1663), « Livro Primeiro, das Noticias Antecedentes, curiosas e necessarias, das cousas do Brasil », § 143, p. 88, escreve da seguinte maneira os vocábulos registrados por NIEUHOF: "cigoêra", "membyguaçú" e "membyapára".

163

URBAIN SOUCHU DE RENNEFORT
(c. 1630 – c. 1688)

LIVRO: HISTÓRIA DAS ÍNDIAS ORIENTAIS. Paris, Arnoul Seneuze, 1688.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Em 1688 saíram duas edições desse livro, com o mesmo título: em Paris (Arnoul Seneuze) e em Leide (Frederik Harring). A edição de Paris é considerada a primeira.

NOTA SOBRE O AUTOR: RUBENS BORBA DE MORAIS (*Bibliographia brasiliana*, c. 1983, v. II, p. 820) informa: « Souchu de Rennefort was appointed secretary to the Council of the East India Company founded by Louis XIV. He sailed to Madagascar, where the Company intended to establish a base for their commercial dealings in the Orient, as a member of the first expedition sent there. The second expedition, in which Rennefort did not take part, called at Pernambuco. However, he describes here the successes of both expeditions, and this account of their stay in Recife from 6 July to 2 November 1666 is the first that we have about the city after the expulsion of the Dutch ».

EDIÇÃO UTILIZADA: *HISTOIRE | Des Indes | Orientales. | Par Monsieur | Souchu De Rennefort. | (grav.) | Suivant la Copie de Paris, | A Leide, | Chez Frederik Harring, | Marchand Libraire, 1688.* [BNRJ: 1R-14-a-2; 15 X 20, 12 ff. inum., 571 pp.].

TRADUÇÃO PORTUGUESA: PAULO CASTAGNA.

TEXTO FRANCÊS

HISTOIRE Des Indes Orientales. Seconde Partie. Livre Premier.

CHAPITRE IV. Arrivée de Monsieur de Mondevergue au Bresil. Description de la ville de Fernambouc.

[...]

[3.] <...> (*p. 280*) Il s'y mit à table cinq François & cinq Portugais. Le soir le Gouverneur ayant mené Monsieur de Mondevergue au plus bel appartement, il luy fit servir à souper en ceremo-(*p. 281*)nie par ses Officiers precedez de quantité de flambeaux & de trompettes. Ce Palais estoit autrefois celuy du Prince Maurice de Nassau, qui l'avoit fait bâtir du temps qu'il estoit General du Bresil pour les Hollandois. <...>

[...]

TRADUÇÃO

História das Índias Orientais. Segunda Parte. Livro Primeiro.

Capítulo IV. Chegada do Senhor Mondevergue ao Brasil. Descrição da Vila de Pernambuco.

[...]

<...> Sentam-se à mesa cinco franceses e cinco portugueses. À noite [*de 28 de julho de 1666*], o governador conduziu o senhor Mondevergue ao mais belo apartamento e fez com que servissem a ceia com toda a cerimônia, acompanhada de boa quantidade de candelabros e trombetas. Este palácio foi, outrora, aquele mesmo do príncipe Maurício de Nassau, que ele fez construir no tempo em que foi general do Brasil holandês. <...>

[...]

CHAPITRE V. Description de la Ville d'Olinde. Habitans du Bresil, leurs moeurs, les animaux et les fruits du Pays.

[...]

[5.] (*p. 288*) Il y a une autre espece d'Habitants que les Portugais nomment Tapoujas, plus grands & plus gros d'un quart que ceux dont on vient de parler; <...> (*p. 289*) Ils se servoient d'os de cuisses d'hommes pour trompettes, avant que les Portugais leur eussent donné des instruments d'eirain. <...>

[...]

[7.] <...> (*p. 290*) Ils chantent & dansent, & les Caraibes les parfument le Tabac; <...>

[...]

[9.] (*p. 291*) Les Noirs sont la quatriéme sorte des Habitants du Bresil, on les y apporte d'Angolle. <...> (*p. 292*) Le Dimanche (*p. 293*) dixiéme Septembre 1666. ils firent leur Feste á Fernambouc. Aprés avoir esté à la Messe au nombre environ de quatre cens hommes & de cent femmes, ils éleurent un Roy & une Reyne, & marcherent par les ruës chantans, dansans, & récitans des vers qu'ils avoient faits, precedez de hautbois, de trompettes & de tambours de basque.

[10.] Ils estoient vestus des habits de leurs Maîtres & Maîtresses, auec des chaisnes d'or & des pendants d'oreilles d'or & de perles; quelques-uns masquez. Les frais de la ceremonie leur coûtérent cent écus. Le Roy & ses Officiers ne firent rien pendant toute cette semaine, que se promener avec gravité l'epée & la dague au côte.

Capítulo V. Descrição da Vila de Olinda. Habitantes do Brasil, seus costumes, os animais e os frutos do país.

[...]

Há uma outra espécie de habitante, que os portugueses chamam tapuias, maiores e cerca de um quarto mais corpulentos que eles, dos quais vale a pena falar. <...> Eles se utilizavam de fêmures humanos para a fabricação de trombetas, antes que os portugueses lhes dessem *instrumentos de bronze*. <...>

[...]

<...> Eles cantam e dançam, e os caraíbas lhes sopram a fumaça do tabaco. <...>

[...]

Os negros são o quarto tipo de habitante do Brasil, sendo trazidos de Angola. <...> No domingo, 10 de setembro de 1666, fizeram sua festa em Pernambuco. Após irem à missa cerca de 400 homens e mulheres, elegeram um rei e uma rainha, e marcharam pelas ruas cantando, dançando e recitando os versos que fizeram, acompanhados de oboés, trombetas e tambores bascos. [356]

Estavam vestidos com as roupas de seus senhores e senhoras, com correntes de ouro e brincos de ouro e pérolas, alguns deles mascarados. Todas as diversões desta cerimônia lhes custaram 100 escudos. O rei e seus oficiais não fizeram nada em toda essa semana, além de andarem solenemente, com a espada e a adaga ao seu lado.

356 . SOUCHU DE RENNEFORT parece se referir, aqui, aos autos populares brasileiros conhecidos hoje como congadas.

164

JOÃO DE SOUSA FERREIRA

DOCUMENTO: **AMERICA ABREVIADA**. Lisboa, 20 de maio de 1693.

TEXTO: « Copia do codice CXVI da Biblioteca Publica Eborense », publicada na RTIHGB, vol. 42, parte 1, 1984, pp. 5-156, com o titulo « *America Abreviada – Suas noticias e de seus naturaes, e em particular do Maranhão, titulos, contendas e instrucções a sua conservação e augmento mui uteis Pelo Padre João de Souza Ferreira Presbitero da Ordem de São Pedro, Natural da villa de Basto* », assinada, na dedicatória (sem titulo), à p. 7: « Lisboa, 20 de Maio de 1693. De V. S. menor capellão. G. S. M. B. João de Souza Ferreira ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*. Rio de Janeiro, Companhia Typographica do Brazil, 1894. Vol. LVII, Parte 1. 247 pp..

CAPITULO II – America Abreviada, como se descobrio, o que d'ella toca á corôa de Portugal, como lhe toca e suas conferencias.

[...]

§ 5. <...> (*p. 21*) e no Maranhão se observa em memoria e acção de graças d'aquelle vizivel milagre de Nossa Senhora todos os annos em dia de Nossa Senhora da Apresentação, dia assignalado d'aquella tão desigual batalha [*em 1613*], uma festa que sempre se celebra com missa cantada e sermão, no qual se recitam estas e outras estupendas e maravilhosas circunstancias de Nossa Senhora da Victoria, invocada por tão bom cabo, que dizem conservava, como á hora em que havia nascido, sua pureza.

[...]

CAPITULO V – America abreviada com noticia de seos naturaes habitadores

[...]

§ 8. <...> (*p. 103*) Pelo que mostram serem Indios e pretos todos uns, por terem as mesmas inclinações consistentes na ociozidade, sensualidade e ebriedade, em cativarem-se e comerem-se uns aos outros, e em suas festas guardarem as mesmas cerimonias, pondo-se em pé toda uma noite cantando a dois coros, o mestre da capella de uma banda, levantando o ponto, e a mais xusma á roda cantando e batendo com os pés no xão até pela manhan. Porém diferenciam-se os pretos na capacidade de qualquer politica, tanto que d'ella participam, introduzindo-se de seu moto proprio nas artes liberaes, que sua pobreza, tempo e mestres lhes permitem.

[...]

§ 22. (*p. 130*) E achando-se em outra ocazião uma India amarrada a um esteio, e os naturaes em beberronia [367] para a matar fazendo paracê, que é o seu baile, como elles costumam, chegavam a ella bebendo e dançando e a convidavam para que tambem bebesse, e voltando elles ficava ella, assim com os pés fazendo a mesma menção de paracê e cantando em voz sumiça [368].

[...]

357 . Nota anônima à p. 130 desta edição: « Beberronis se chaman suas festas por serem só fundadas em muito beber até perderem o juizo. E paracê são suas danças ».

358 . Nota anônima à p. 130 desta edição: « Esta foi escrava do padre João Maciel Santiago, que ainda vive na Tapuitapera, a qual depois sendo christan se envergonhava de lhe lembrarem o que lhe havia sucedido ».

185

FRUTUOSO CORREIA

(1655 – 1735)

DOCUMENTO: RELAÇÃO DA VIAGEM QUE FEZ O PADRE FRUTUOSO CORREIA MANDADO POR ORDEM DE NOSSO REVERENDO PADRE GERAL TIRSO GONZALES A LER TEOLOGIA AO MARANHÃO. São Luís, 26 de maio de 1696.

TEXTO: Como indicado por SERAFIM LEITE [*infra cit.*, p. 392], este manuscrito foi encontrado no Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, Bras. 9, ff. 413r-419v, datado de « S. Luiz do Maranhão, hoje vespera do Espirito Santo, 1696 », portanto de 26 de maio do mesmo ano. No v. VIII de sua *História* (1949, nº 2, p. 172), SERAFIM LEITE assim se refere a esse documento: « *Relação da Viagem que fez o P. Fructuozo Correa mandado por ordem de N. R.do P. Geral Tyrso Gonçales a ler Theologia ao Maranhão "ad tempus", e de algũas couzas notaveis que vio em Cabo Verde, e na Cidade de S. Luiz do Maranhão, levando p.a aquella Missão o Irmão Miguel da Sylvia e dous pertendentes da Comp.a de JESU. Para os Padres do Collegio de Evora.* "De S. Luiz do Maranhão, hoje vespera do Espirito Santo, 1696. De VV. R. R.mas menor servo e Irmão em Christo, Fructuoso Correa" ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Este documento foi publicado apenas no tomo II da *História* de LEITE, recebendo o seguinte título (página 386): « Relação da viagem que fez o Padre Fructuozo Correa mandado por ordem de Nosso Reverendo Padre Geral Tyrso Gonzales a ler Theologia ao Maranhão "ad tempus", e de algũas couzas notaveis, que vio em Cabo Verde, e na Cidade de S. Luiz do Maranhão, levando para aquella Missão o Irmão Miguel da Sylva, e dous pertendentes da Companhia de Jesus. – 1696 ».

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo SERAFIM LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil* (1949, v. VIII, p. 173), FRUTUOSO CORREIA « Nasceu em 1655 em Braga. Entrou na Companhia em Portugal a 6 de Outubro de 1671. Já tinha ensinado Humanidades, Retórica, Filosofia e Teologia em Évora, quando embarcou para o Maranhão em 1696, como Professor de Teologia. Concluido o Curso, voltou a Portugal, por ser esta a condição de ida ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE – *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa, Livraria Portugalia; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1949. Tomo II, Apêndice C, pp. 386-392.

[...]

[5.] (*p. 387*) Aos 25 [*de março de 1696*], dia de Nossa Senhora da Encarnação, em que as nãos da India havião de dar à vella com os navios do Brazil, Cacheo, Cabo Verde, e o nosso [*"N. S. da Piedade, e Esperança", saído da "Barra de Lisboa a 24 de março de 1696*], cantou o P. Comissario das Mercês Missa a Nossa Senhora que oficiarão os seus Religiozos com Harpa, Baxão, e viola para mitigar as saudades da muzica desse Reyno; <...>

[6.] <...> Com ventos sudoestes velejamos às 4 horas da tarde dia de São Francisco de Paula ate a enseada de S. Joseph; à 3ª e 4ª feira ate o meyo dia foy serração, chuva, e vento sul, com que na 4ª feira à tarde [*4 de abril de 1696*], por ser o lugar em que estavamos perigozo, tornamos a sobir para Belem; neste dia ouve missa votiva a Santa Maria do Socorro, Senhora da Ordem das Mercês, prodigioza para os navegantes; no fim da missa preguey, como também na 5ª feira depois da missa, que cantou o Padre Comissario.

[7.] <...> (*p. 388*) E daqui poderão Vossas Reverencias collegir qual eu estaria, basta so dizer que ate o penultimo dia desta navegação vim enjoado, e padecendo outros achaques que não refiro; mas nem por isso dexey

de pregar 5ª feira de Endoenças [*5 de abril*] na altura da Ilha do Mayo, e dia de Pascoa [*8 de abril*] na villa da Praya de Cabo Verde, e dia de Pascoella, na Sê desta Ilha, o nascimento da Senhora Infanta, como tambem fizemos a Novena do S. Xavier na altura da linha, e em todos os dias della contey exemplo, e no fim preguey depois da missa cantada.

[8.] <...> no Domingo de Ramos [*15 de abril*], na 4ª feira de trevas [*18 de abril*], na 5ª feira e 6ª da Paixão [*19 e 20 de abril*] se fizerão na Nao os oficios da semana Santa, cantando à Harpa[389] hũa lição[390] em cada Nocturno: Na 5ª feira de Endoenças [*5 de abril*] commungarão noventa e tantas pessoas, e ja no dia antecedente tinhão commungado os Sigãnos, e mais desterrados; e neste dia lhe dey e levey de jantar ao modo, que os Padres em Portugal costumão nesta semana levar de jantar aos prezos.

[9.] <...> anchoramos na sua villa da Praya [*"da Ilha de San-Tiago chamada nesse Reyno Cabo Verde", a 20 de abril*] por ser perigoso o porto da Cidade, e avermos licença do Governador para lançar na praya da villa as Carretas que mandava Sua Magestade para a Fortaleza que se faz em Bissao, e ahi tomar a Carga dos negros: nestas idas e vindas se gastarão os dias de 6ª feira [*20 de abril*] ate a 3ª [*24 de abril*], 2ª Oitava da Pascoa, com que no sabbado da Aleluia forão à villa muitos religiosos; que pello cantar das lições e officiar da missa merecerão o jantar tão esplendido, como se pode dar em Portugal, e eu e meo Companheyro o experimentamos no Domingo da Pascoa, porque o Cappitão Mor e Tenente da Praça com outros Cabos nos veyo buscar ao Navio para que lhe fosse pregar a Pascoa. <...>

[...]

[17.] (*p. 391*) Na 6ª feira pois dezoito de Mayo passamos com bom sucesso os perigos e baxos desta costa [*do Cabo Verde*], e no sabbado seguinte [*19 de maio*], ao por do Sol, anchoramos defronte da Fortaleza desta Cidade [*"de S. Luiz do Maranhão"*]: Cantamos as Ladainhas a Nossa Senhora[391] em acção de graças. <...>

[...]

[22.] (*p. 392*) Ao presente fica a terra [*do Maranhão*] livre de todos os achaques, e ja com os mesmos exercicios espirituais que os Padres tem introduzido e vem a ser que nossa Igreja cantão todos os dias os estudantes e meninos da escolla o Terço de Nossa Senhora com a sua Salve e nos Sabbados acrescentão as Ladainhas; No fim das duas missas cantão o Bendito e Louvado seja o Santissimo Sacramento etc., tudo com tanta graça e suavidade de vozes que se os echos chegassem a Portugal podião sem fabula atrahir muitos sojeitos para esta Gloriosa Missão. Todos os dias Santos se tange a missa hora e meya antes de amanhecer, a que todos os escravos e Indios da Cidade, e juntos lhe faz hum Padre doutrina na Lingua da terra, e ditas as oraçoens, sobe o P. ao altar e lhes diz missa: isto mesmo observão nas Aldeas, onde de mais costumão os meninos todos os dias irem em duas alas com sua cruz diante encomendarem as Almas; dando hũa volta pella Aldea se recolhem à Igreja e depois de se lhe fazer doutrina na Lingua cantão como huns Anjos as ladainhas de Nossa Senhora. Este o modo com que os Nossos Padres conservão e augmentão esta nobre christandade.

[...]

389. RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulario portuguez e latino**, v. 3, 1712, p. 516) usa a grafia "Arpa", muito comum na época, definindo-a como « Instrumento musico, de cordas, que foy formado à imitaçaõ da Lyra dos Antigos; como mostra Vossio com este verso de Fortunato. « **Romanusque Lyrâ, plaudat tibi barbarus harpâ** ». O **Diccionario da lingoa portugueza**, (da ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS) (v. I, 1793, p. 416), traz esta descrição: « He de figura triangular, e consta de humas taboas delgadas e unidas, que deixão hum vão por dentro, o qual se cobre com huma taboa cheia de botoenzinhos, onde se segurão as cordas, que vão rematar na cabeça, e aqui se põe humas escaravelhas de ferro, que movidas com o temperador servem para temperar o mesmo instrumento. Tocase com as unhas, e antigamente accompanhava com o seu baixo a musica de capella ».

360 . RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário portuguez e latino*, v. V, 1716, p. 118) diz: « Lição. (Termo Ecclesiastico.) He o que se lè no Breviario em cada nocturno das Matinas; toma-se da sagrada Escritura, ou das obras de algum Santo Padre, ou da vida do Santo, que naquelle dia se festeja, & assim se diz officio de nove lições, ou de tres lições, como no tempo pascoal. Lectio, onis. Fem. He o termo, que a Igreja usa neste sentido ». MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 284) acrescenta: « Trecho das Sagradas Escrituras; parte integrante das Matinas, musicada conforme costume português adotado no Brasil ». MATHIAS DE SOUSA VILLA-LOBOS (*Arte de cantochão*, 1688, cap. LVII, p. 178) dá o « Modo de cantar as liçoens do choro », com seu "Ponto" e "Final".

361 . MANUEL DA FONSECA, S.J. (*Vida do veneravel Padre Belchior de Pontes*, 1752, cap. III, § 4, p. 12) narra um episódio da vida desse padre no Brasil, no final do séc. XVII: « Correo assustado o nosso estudante, e como nos casos repentinos somente occorre aquillo, em que [cada] hum tem formado habito, levantou a voz, e quando costumaõ todos invocar o favor do Rey, invocou elle a Rainha dos Anjos, repetindo com descompassadas vozes a Ladainha da Senhora, que costumava rezar, dizendo Sancta Maria, Sancta Dei Genitri. &c. ».

166

JOÃO FELIPE BETTENDORF
(1625 – 1698)

DOCUMENTO: **CRÔNICA DA MISSÃO DOS PADRES DA COMPANHIA DE JESUS NO ESTADO DO MARANHÃO.** [Maranhão], 25 de maio de 1698.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Na « Summaria Noticia » da impressão da *Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.* (infra cit., p. VII), lê-se: « É a Chronica impressa agora pela primeira vez em sua integra, aproveitada uma cópia que da existente na Torre do Tombo foi obtida por Gonçalves Dias. Ignora-se onde pára o original, si por acaso não se extraviou ». JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro VI, cap. 1, nº 8.2, p. 293) informa: « Em 1693, aos 68 anos, preferiu Bettendorf escrever, a praticar façanhas e o resultado é a Crônica, de cujo original se desconhece o paradeiro. A única edição feita pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro [a que usamos neste trabalho. Porém, Rodrigues cita também, na nota 204: « Extratos e trechos segundo a cópia da Biblioteca Nacional de Lisboa in *Rev. Inst. do Ceará*, t. IX, 37-52; t. XXIV, 186-214. »] foi preparada segundo cópia existente na Torre do Tombo obtida por Gonçalves Dias, quando, comissionado pelo governo imperial, fazia em 1854 pesquisas nos arquivos portugueses, conforme declara o prefaciador anônimo da edição da Crônica ». Existe, no entanto, uma cópia no Instituto de Estudos Brasileiros (USP), que pertenceu à coleção J. F. de Almeida Prado, feita com papel e letra do início deste século e catalogada sob o nº 4-a-5 (254 ff. inum.), levando o seguinte título: « *Chronica* | *da* | *Missão da Companhia de Jesus* | *em o* | *Estado do Maranhão* | *pello Padre* | *João Phelippe Betendorff* | *Missionario antigo* | *da mesma Missão*, | Tomo 1º | *Dedicado a N. S. da Luz.* » [*à lápis, no alto, outra letra:*] « Pertenceu a João Lucio de Azevedo ». O penúltimo fol. deste códice contém a seguinte nota: « (Chronica da Compª de Jesus da V. | Provincia do Maranhão. – (Anonyma, | lettra do sec. XVIII.) – A fl. 341. – Bibl. | Nacional de Lisboa. Mss. fundo antigo. | Nº 4.516.) ». Esta cópia de códice português setecentista vem descrita em ROSEMARIE E. HORCH (*Relação dos manuscritos da coleção "J. F. de Almeida Prado"*, 1966, nº 2, pp. 4-5).

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: JOÃO FELIPE BETTENDORF – *Chronica da missão dos padres da Companhia de Jesus no estado do Maranhão. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brazileiro.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1910. Tomo LXXII, Parte I, LIII, 697 pp.

LIVRO 1º – Da origem do nome, descobrimento, estado e capitanias do Maranhão

CAPITULO 3º – Acommetem os francezes ao poder portuguez, e ficam vencidos por milagre da Virgem Senhora Nossa

[...]

[3.] <...> (*p. 8*) e para que nunca chegasse a se pôr em esquecimento este tão assignalado beneficio pela Virgem Mãe de Deos, attribuindo-lhe toda a gloria deste tão prodigioso successo, lhe dedicaram a Matriz da Cidade [*de São Luis, "em o mez de Outubro do anno 1614" ou pouco depois*], onde a festejam todos os annos com Procissão Solenne, Missa cantada a canto de Orgão e prégação, muitos tiros de artilharia debaixo do Glorioso titulo de Nossa Senhora da Victoria, cuja imagem se venera exposta em o altar-mor da mesma Egreja. <...>

[...]

TITULO 2º - Do que obraram os padres missionarios, em tempo do governo do primeiro governador do estado, e do segundo em que se fez a viagem para Quito, e do terceiro em que os hollandezes tomaram o Maranhão.

CAPITULO 9º - Da primeira chegada do padre Antonio Vieira com seus companheiros à missão do Maranhão e o que obraram em ellas.

[...]

[2.] (*p. 78*) Despediu-se o Padre Antonio Vieira da Côrte com os seus companheiros Manoel de Souza e o Padre Matheus Delgado, o Padre Thomé Ribeiro, os Padres Antonio Soares e Salvador do Valle e o Irmão Simão Luiz e embarcados em o Porto de Lisbôa em o anno de 1652, chegaram com feliz viagem á cidade de S. Luiz do Maranhão, onde foram recebidos como uns Anjos do Céo. Passados os primeiros dias de descanço e visitas, tratou o Padre Antonio Vieira que vinha por subprior de toda a missão de pôr correntes todas as funcções da Companhia. Instituiu o terço [illegible] que cada dia pelas cinco horas da tarde depois da classe se canta pelos estudantes e meninos da escola deante da imagem de Nossa Senhora da Luz, que estava no altar môr; e porque nunca viesse a acabar-se esta tão grande devoção poz-lhe confraria com seu compromisso, assistindo sempre dous Irmãos com tochas accesas naquelles principios, e cantando a Salve Rainha e Ladainha pelos musicos de Nossa Senhora das Mercês estando ali um exemplo da Senhora; no cabo mandou tambem que se continuasse o pleito contra Antonio Gouvea testamenteiro do defunto nosso bem feitor Antonio Muniz Barreiros, pae de Ambrozio Muniz que morava comnosco, ordenou que em os domingos e festas se fizessem andando o Padre com a canna na mão, acompanhado dos estudantes com sua bandeira cantando as orações e ladainhas pela cidade, que se visitassem as prisões e hospital, ou casa da Misericordia e mais aos doentes para que não faltassemos a nenhuma obra de caridade. <...>

[...]

LIVRO 3º - Do que os padres obraram desde o anno de 1655 até o anno de sua primeira expulsão em 1661

CAPITULO 2º - Vai o padre Souto Maior para a terra dos ingaibas com a tropa que mandou o governador André Vidal para castigar os aruanas que tinham morto o padre Luiz Figueira e os que iam com os naufragados.

[...]

[6.] (*p. 94*) Não deixou esta acção do Padre João de Souto Maior de ser murmurada de muitos ecclesiasticos, e senhores que tinham por grande indecencia deixar-se uma imagem de Christo Crucificado em mãos de barbaros e pagãos; porém o tempo mostrou ser infallivel a promessa de tão grande penhor, porque os barbaros o tiveram em grande veneração, e todo aquelle tempo sahiram mais em canôas ligeiras a seus latrocinios, e no fim do anno [*de 1655*] se fizeram as pazes com universal alegria, trazendo do sertão em primeiro logar a Sagrada Imagem que tinha ficado em seu poder por penhor; com grandes festas e trombetas[illegible] e bailes a seu modo rustico, com grande solemnidade foi recebida esta Sagrada Imagem, em a capitania do Grampará,

porque se recebeu com procissão solemne que mandou fazer o Vigaro Geral, e com missa cantada em acção de graças e prégação, assistindo as Communidades das Religiões e nobreza toda, louvando tanto a Deus Nosso Senhor por uma tão grande maravilha.

CAPITULO 3º - Relata-se o principio da missão da Serra de Ibiapaba, dado em tempo do padre Antonio Vieira subprior, e de André Vidal de Negreiros governador do estado.

[1.] <...> (*p. 86*) faziam-se em a aldêa da residencia [*de Ibiapaba, por occasião da chegada de Antonio Vieira, em 1656*] os officios divinos a canto de orgam com os indios musicos, e charameleiros que lá se achavam vindos de Pernambuco onde dantes moravam. <...>

[...]

CAPITULO 4º - Entrada do padre João de Souto Maior pelas terras dos Pacajás, por missionário da tropa que ia ao descobrimento do ouro por ordem de El-Rei Dom João o 4º.

[...]

[5.] (*p. 98*) Chegado o tempo da quaresma [*de 1656, ao longo das margens do rio Pacajás*] sem embargo de estarem em mattos agrestes, fizeram-se todos os actos de penitencia com grande devoção, assim dos christãos como do gentio que (*p. 99*) para esse effeito trouxeram muita abundancia de cera, entoanso-se as musicas de Sion em a terra selvagem e rustica daquelle paganismo.

[...]

CAPITULO 8º - Missão do padre Manoel de Souza pelo rio dos Jurunas [*em 1656*]

[...]

[2.] <...> (*p. 116*) São os homens [*Jurunas*] muito valentes e guerreiros, como se tem experimentado em varios encontros que com elles tiveram por vezes as tropas que vieram da capitania de S. Paulo para os castigar, como contou um delles aos Padres; dizia que tendo os Paulistas feito entrada em terras dos Jurunas, para fazerem melhor negocio, se tinham fortificado em uma ilha de páu a pique, não conhecendo o muito poder e valor dos indios, os quaes tendo disso noticia tocaram logo muitas buzinas e moracira de trombetas, para se ajuntarem todos para guerra, e juntos sahiram em suas canôas ligeiras, e correndo toda a ilha lhe deram varios assaltos, <...>

[...]

CAPITULO 11º - Visita o padre subprior Antonio Vieira a missão de S. Francisco Xavier sita na Serra ou Montes de Ybiapaba

[...]

[4.] (*p. 123*) Logo que os Padres Missionarios e indios da aldêa souberam que vinha o Padre Subprior Antonio Vieira, o foram receber ao caminho com os Principaes com muita festa [*c. 1656*] e danças dos meninos, e assim o acompanharam até a egreja onde se repicou sino, tocando os Tabajaras Pernambucanos suas charamellas e frautas; <...>

[...]

CAPITULO 15º - Faz o padre subprior Antonio Vieira pazes com os Ingaibas e mais nações daquella ilha

[1.] <...> (*p. 135*) a primeira cousa que fizeram esses barbaros [*na ilha dos "Ingaibas", antes de dezembro de 1658*], tanto que se resolveram a guerra com os Portuguezes, foi desfazer e como desatar as povoações em que viviam, dividindo as casas pela terra dentro a grandes distancias, para que em qualquer perigo pudesse um avisar os outros, e nunca serem acommettidos juntos, ficando desta sorte habitando toda a ilha sem habitarem nenhuma parte della, servindo-lhes, porém, todos os bosques de muros, e os rios de defesa, e as casas de atalaia, e cada Ingaiba de sentinela, e as suas trombetas de rebate[394]; <...> (*p. 136*) Ao quinto dia de viagem entraram [*Antonio Vieira e seus companheiros, no principio de 1659*] pelo rio dos Mapuazes, que é a nação dos Ingaibas, que tinha promettido fazer a povoação fóra dos mattos em que receber os Padres, e duas leguas antes de chegarem ao porto sahiram os Principaes a encontrar as nossas canoas em uma sua, grande e bem equipada, empavezada de pennas de varias côres, tocando buzinas e levantando pocemas[395], que são vozes de alegria e applauso com que gritam todos juntos a espaços, e é a maior demonstração de festa entre elles, com que tambem de todas as nossas se lhes respondiam. <...> (*p. 139*) Chegados enfim á povoação, desembarcaram os Padres com os Portuguezes e Principaes christãos, e os Ingaibas naturaes os levaram á egreja que tinham feito de palmas ao uso da terra, mas muito limpa e concertada, a qual logo se dedicou á sagrada Imagem, com nome da egreja de Santo Christo, e se disse **Te-Deum Laudamus**, em acção de graças. <...>

[...]

[3.] (*p. 141*) Era cousa muito para dar graças a Deus vêr os extremos (*p. 142*) de alegria e verdadeira amizade com que davam e recebiam estes abraços, e as cousas que diziam entre elles; por fim, postos todos de joelhos, disseram os padres o **Te Deum Laudamus**, e sahindo da egreja por uma praça larga, tomaram os Principaes Christãos seus arcos que tinham deixado fóra, e para demonstração publica do que dentro da egreja se tinha feito, os Portuguezes tiraram as balas dos arcabuzes, e as lançaram ao rio e dispararam sem bala, e logo uns e outros Principaes quebrarão as fréchas e atiraram com os pedaços ao mesmo rio, cumprindo-se aqui a letra - **Arcum conteret et confringet arma**.

[4.] Tudo isso se fazia ao som de trombetas, buzinas, tambores e outros instrumentos, acompanhados de um grito continuo de infinitas vozes, com que toda aquella multidão de gente declarava sua alegria, estendendo-se este geral conceito a todas, posto que eram de mui differentes linguas. <...> Os actos da solemnidade que se fizeram foram tres, por não ser possivel ajuntarem-se todos em um mesmo dia; e os dias que alli se estiveram os Padres, que foram quatorze, se passaram todos, de dia em receber e ouvir os hospedes, e de noite em continuos bailes, assim das nossas nações como das suas, que, como differentes pelas vozes, modos, instrumentos, e harmonia, tinham muito que ver e que ouvir. <...>

[...]

CAPITULO 16º - Manda o padre subprior Antonio Vieira uma carta para Roma a pedir missionarios, faz o corregedor novo do Maranhão para a banda da matriz e chega o padre João Maria Gorsonia com seus companheiros.

[1.] <...> (*p. 146*) continuando sua navegação [*Antonio Vieira, em 1660 ou 1661*], foram ao Maracanã, e dahi á aldeia dos Tupinambás, que o Padre Francisco Velloso tinha descido de seu sertão e situados de novo, com bella

egreja e casas, á beira mar da ilha do Sol; aqui foram recebidos com muita festa e bailes, que lhes faziam os meninos, estando toda a praça cheia de indios desejosos de ver e saudar o Padre Subprior e seus Companheiros; <...>
[...]

CAPITULO 17º – Parte o padre João Felippe Betendorf, com o irmão Jacob Coelho, theologo da provincia gallo-belgica, para a missão do Maranhão.

[...]
[3.] <...> (*p. 152*) Pelo caminho [*de Lisboa ao Maranhão, antes de 20 de janeiro de 1661, quando aportaram*] não faltamos com a doutrina e (*p. 153*) pregação a seu tempo, sem com seu terço e ladainhas cantadas, com que iamos alegremente navegando, <...>
[...]

LIVRO 4º – Levantamento do povo do Maranhão e Pará contra os padres da Companhia de Jesus, em quanto se institue a missão do rio das Amazonas com missionarios e residencia em os Tapajoz.

CAPITULO 3º – Breve relação do que obrei pelos Tapajoz, antes do levantamento do Pará chegar até lá.

[...]
[3.] (*p. 170*) Tinham os Tapajoz [*do rio "Tapajoz", em 1661*] um terreiro mui limpo pelo matto dentro, que chamavam Terreiro do Diabo, porque indo fazer alli suas beberronias e danças, mandavam as suas mulheres levessem para lá muita vinhaça, e depois se puzessem de cocoras com as mãos postas deante dos olhos para não vêr, então falando alguns dos seus feiticeiros com voz rouca e grossa lhes persuadiam que esta fala era do Diabo, que lhes punha em a cabeça tudo o que queriam; assim me affirmou o principal Roque. Indo eu com elle vêr aquelle terreiro, para depois prohibil-o, como fiz, dando-lhes só licença para beber em suas casas, convidando-se alternativamente uns aos outros, aconteceu um dia que vendo eu uma fileira grande de homens e mulheres com seus filhinhos ao collo ou pelas mãos, e igaçabas ou quartas grandes de vinho na cabeça, perguntei ao alferes João Corrêa que cousa era esta procissão de gente, e disse-me elle que eram os indios da aldêa que iam beber e fazer suas danças que chamam poracés[366] no Terreiro de Diabo. Mandei-o que fosse avisal-os da minha parte que logo voltassem para suas casas, e quando não obedecessem ao que lhes mandava dizer, quebrasse os potes ou igaçabas dos indios, e derramasse o vinho no chão, e como o alferes João Corrêa não se atrevesse com receio que os indios o maltratassem, animei-o outra vez que fosse dizer-lhes de minha parte que se retirassem para suas casas, e quando não, lhes desse com um páu nas igaçabas e as fizesse em pedaços; foi elle então e com prospero successo lhes intimou á minha ordem, e porque repugnavam de obedecer logo, deu com grande animo e confiança em Deus que o havia de ajudar, com um páu nos potes e derramou os vinhos. Cousa notável, não houve um só que se lhe oppuzesse, mas foram-se todos para suas casas e nunca mais foram ao terreiro prohibido, emquanto lhes assisti; porém, para não ir com tudo ao cabo em aquelles principios, lhes permitti se convidassem uns aos outros em os dias de suas festas para suas casas, para lá beberem com moderação. Outro terreiro tinham tambem dentro da mesma aldêa, que os brancos chamavam de Mofana; este tambem

não se frequentou mais e ficaram (*p. 171*) tirados os terreiros em que os Diabos tinham grande ganancia pelas desordens que em elles se commettiam com as continuas beberronias e danças. <...>

[...]

CAPITULO 10º – Chegam o padre Salvador do Valle e o padre João Maria do Reino para o Maranhão, e são recebidos...

[1.] <...> (*p. 202*) Da matriz foram os Padres com o mesmo acompanhamento á casa de Nossa Senhora da Luz [*em S. Luis, a 8 de setembro de 1662*], sendo vespera de seu santo nascimento, que é orago da sua egreja; cantaram-se-lhe as vesperas, e em o dia seguinte a Missa solemne, estando tambem o Senhor exposto, por espaço de oito dias, entoando todos uniformemente o terço do Rosario, pela contemplação dos mysterios da Senhora, devoção que se continuou sempre, desde que a instituiu o Padre Antonio Vieira, Superior da missão, sem faltar um só dia, o que se imprimiu tanto em o coração de todos que ainda o anno da expulsão [*1661*] estando fóra do Maranhão, todos os Padres se não quiseram esquecer della.

[...]

CAPITULO 11º – Manda o governador Ruy Vaz de Siqueira tropa ao Rio das Amazonas ao resgate dos escravos, cujo cabo era Antonio Arnau, morador do Maranhão, e leva um frade de Nossa Senhora das mercês por missionário, mal succedido.

[...]

[7.] <...> (*p. 209*) Os indios [*"Aruaquizes" do rio Amazonas*] que fizeram mais façanhas em a guerra e se avantejaram aos outros em esforço e valentia, antes de lhe darem titulo se cavalleiro, fazem que padeça primeiro por tempo de um mez grandes jejuns e abstinencias, como um abstinente e solitario (*p. 210*) anachoreta, e depois, ajuntando muitos vinhos para a festa, para cujo gasto se fintam os parentes e amigos, o trazem para o meio da aldêa e dahi o levam a pendurar em uma rede atada ao cume de uma casa, que tem mui bem ornada de varias pennas e é toda de palma, nem serve mais que para este ministerio; ahi se occupam, uns com danças, outros com assobios e folias, em sinal de alegria, porém os mais amigos e parentes lhe dão muita pancada com umas pelles de onça e outros animaes que tem guardadas e arroladas para este fim, para experimentarem se é soffredor de trabalhos e contente em o padecer; cuidam que este é o maior favor que se lhe faz; o cavalleiro que se ha de armar está com tanta paciencia em as pancadas, que não dá de si um gemido nem mostra ter tormento algum, e se houvesse algum que mostrasse, ficava incapaz de tal honra e infamado em geração.

[8.] Depois destas ceremonias, trazem os velhos executores dellas muita quantidade de formigas e outros animaes e bichos que mordem muito, e levam ao padecente cavalleiro para que o mordam e maltratem.

[9.] Acabado tudo isso, o tornam a pendurar mais, por espaço de oito dias, ao cume mais alto da casa nova, feita de plumas e para serem todos testemunhas de sua paciencia e perseverança em aquelles martyrios que lhedão, armam suas redes debaixo delle, assistindo-lhe, e como estes oito dias são os ultimos, nelles lhe apertam mais o jejum, tendo a casa ornada de quartos de carne de porco do matto, e andando seus parentes com outros indios continuamente a comer e a beber á sua vista, com danças que fazem de noite e de dia, sem socego algum, ao som de seus instrumentos barbaros, festejando sua ditosa sorte e dando-o por muito honrado da grande dignidade a que honrados o levantam.

[10.] O officio das velhas que nunca estão em casa ociosas, é irem todas juntas em dança, com aguas cheirosas, ás tardes e manhãs a laval-o e todas lhe praticam que não desfalleça em os trabalhos que brevemente passam, pois só são apparencias para a honra que ha de gozar entre elles, que até estes barbaros não sabem dar premio sem merecimento, e assim o tem (*p. 211*) como cousa sagrada, levantando-o e abaixando-o por umas pelles de tigre, sem ninguem ser ousado a tocal-o nem ainda com a mão.

[...]

CAPITULO 12º - Como se houveram os padres do Pará em tempo das bexigas daquella e mais capitanias circumvizinhas

[...]

[2.] (*p. 213*) Começando esta praga pestilencial em a cidade do Pará [*em c. 1662, "Com a vinda do Governador Ruy Vaz de Siqueira"*], tinha eu ficado, com alguns de maior autoridade, que se elegesse (*p. 214*) S. Francisco Xavier por Padroeiro, para aplacar a Ira de Deus, e que para isso se faria uma procissão com Missa cantada e pregação, que correria por minha conta; <...>

[...]

CAPITULO 14º - Vae o governador Ruy Vaz de Siqueira ver as aldêas, acabadas as bexigas, levando comsigo a mim e o capitão-mór Manoel Guedes Aranha, homem de maior autoridade.

[1.] <...> (*p. 220*) Levava o Governador [*em c. 1663, em visita às aldeias da "Capitania do Pará" (a primeira que visitou foi a de "Mortigura") e "as mais que estão para riba", como a "aldêa do Xingú, que está sobre o Gurupá"*] seu acompanhamento mas muito limitado, porque não era homem de festas; e entre outros ia um tambor, um terço de charameleiros[307] para tocarem pela madrugada, jantar e ceia; eu cuidava, chegando ás aldêas, de avisar os Principaes que viessem receber o senhor Governador e laval-o para seu aposento, mandar-lhes seus presentinhos, postos que limitados; feito isso, os chamava á doutrina a todos, e, acabada ella, deixava os vir fazer suas danças pela tardezinha; <...>

[...]

CAPITULO 15º - Chega o padre Francisco Velloso com seus companheiros ao Maranhão, e manda o padre superior do Pará, e chamando-me a mim, para ser superior da casa do Maranhão

[...]

[2.] <...> (*p. 224*) ás mais aldêas todas [*fora "S. José", "S. Gonçalo", e a "dos Guajarás"*], assim da ilha como Itapecurú, corria com grande perigo e incansável zelo o Padre Gonçalo de Veras, umas por terra, outras por mar, não tendo outros remeiros que os rapazes que lhe serviam e tocavam as flautas do tempo do sacrificio da Missa, por ser um delles Tabajara da serra, que sabia tocar, e ter alem destes uns indios charameleiros da mesma nação, com um indio velho, mestre de todos, o qual morava em a aldeia de S. José. <...>

[...]

CAPITULO 18º – Trata o governador Ruy Vaz de Siqueira de interpretar as leis novas [*de "dezoito de outubro do anno 1663"*] contra os padres missionarios, mas El-Rei, informando, lhe improva e engeita.

[1.] ‹...› (*p. 230*) Para fazer mais materiaes suas interpretações frivolas, com que capeava a sua cobiça e interesse, intimando que isto era o que convinha ao bem do povo e augmento do Estado, as mandou apregoar com trombetas pelas capitanias [*em meados de 1664*]; ‹...›

[...]

LIVRO 5º – Do que se obrou do anno de 1667 até o ano de 1684

CAPITULO 4º – Chega o padre Gaspar Misseh com o cabo e sargento mór, João de Almeida Freire, da tropa dos Poquizantes, da festa do Santo Xavier.

[1.] ‹...› (*p. 257*) Os forros que trouxeram se metteram em a aldêa de Murtigura [*em 1669*] com seus parentes, e os escravos repartiram-se, conforme cabiam a cada um; por direito, o sargento mór João de Almeida Freire levou um bom quinhão, e em agradecimento do bom successo mandou cantar uma Missa em a egreja de Santo Antonio, com sua pregação, em acção de graças pelo bom successo de sua viagem, foi gabado do pregador como se tivera feito grandes proezas, comparando-se com os antigos mais valentes guerreiros.

[...]

CAPITULO 5º – O padre superior da missão visita as aldêas todas, levando em sua companhia o padre Pero Luiz e o irmão Domingos da Costa.

[...]

[3.] (*p. 260*) Dos Tapajoz subimos seis dias para riba [*em c. 1670*] para os Tupinambaranas, que por aquelle tempo moravam em uma ponta sobre o rio das Amazonas; ahi estivemos doutrinando, baptisando, casando...... uma egreja...... de S. Miguel. Estando cansados com o muito trabalho do dia, mandei os remeiros que levassem a canoa grande em que iamos pelo meio do rio, que por aquelle tempo estava quieto, e nós á bocca da noite nos fomos pôr dentro della, cuidando que por meio desta prevenção não nos perseguisse tanto a praga de mosquitos, que não deixavam descansar a ninguem; porém, foram nos seguindo, tanto que não houve Padre nem ainda indio que pudesse fechar olho para dormir; o que vendo eu que levava em nossa companhia um índio, por nome Thomazio, trombeteiro, mandei-lhe tocasse trombeta, virado para banda de um outeiro, para com a agradavel correspondencia do éco que ahi havia, passarmos a noite com algum alivio, ou ao menos com menos molestia pelo divertimento que causou[illegible]. ‹...›

CAPITULO 7º – Continua-se o mais que o padre superior obrou, estando de visita ao Maranhão

[...]

[2.] (*p. 266*) Era o Padre Velloso reitor do Collegio em aquelle tempo [*entre c. 1670 e c. 1674*], em que, por eu ter escripto a Roma que as Casarias se podiam chamar Collegios e os Superiores dellas Reitores, por terem os requisitos para isso, concedeu o nosso muito Reverendo Padre João

Paulo Oliva licença para se chamarem assim dahi por deante. O Padre Velloso, primeiro reitor do Collegio, pediu-me com os irmãos da Confraria, que tambem instituisse a devoção das quarenta horas que a Confraria, ha de fazer á sua custa. Tive eu para isso alguma repugnancia dantes, por parecer-me não haveria quem fizesse e continuasse a fazer os gastos e não são pequenos, e com o tempo podiam vir a cahir ás costas do Collegio; mas como quer que, assim o Padre reitor, como a direcção da Confraria, como o prefeito e assistente e mais irmãos, instaram fortemente, institui então com elles as quarenta (*p. 267*) horas para sempre, e porque os gastos não fossem tão molestos, fiz que esta Confraria [*"de Nossa Senhora da Luz"*] se juntasse com a de Nossa Senhora do Socorro, porque como esta havia de fazer uma festa em o anno, fosse em o dia de Nossa Senhora do Terço em dia de Nossa Senhora da Luz, e por que aquelle dia ha jubileu e indulgencias plenarias, alcancei de nosso muito reverendo Padre Geral que as da Confraria se pudessem deferir a ganharem o domingo seguinte. Isto assim ficou, fazendo-se as festas com tão grande solemnidade, que nem as de Lisboa lhes ganham em devoção, porque nos dias das quarenta horas, em tempo de entrudo, ha tanto concurso em nossa egreja, que é cousa para dar graças a Deus, assim por isso como por não se achar pela cidade desordem alguma. Desencerra-se pela manhã o Senhor exposto em seu Throno, bem adornado com sua musica e Missa cantada, com pregação á tarde, pelas duas horas, por serem as manhãs impedidas com muitas confissões e mais communhões, e para que se possa continuar sempre a devoção por todo o dia, retirando-se gente para tomar um bocado, assistem aquellas horas os religiosos e estudantes com os musicos, os quaes, depois de um bom jantar, que lhes dá a Confraria, em uma casa perto da egreja, cantam seus motetes, acabada a pregação, cantam-se as completas e as ladainhas e se encerra o Senhor, e pelo mesmo modo se passam os mais dias, tirando o dia terceiro em que ha procissão pelo terreiro, acompanhando os religiosos e clerigos e todos os seculares, assim homens como mulheres, o Santo Sacramento e a Imagem da Senhora, que se eleva em sua charolla, e ao cabo de tudo, cantando-se **Tantum ergo**, dada a benção do Senhor, se recolhem todos para suas casas com tanta modestia pela cidade como se não fossem dias de entrudo, em que pelas outras terras parece andar o inferno todo solto para procurar aos homens as offensas de Deus Nosso Senhor. Por meio desta devoção já se acha o povo todo muito disposto para a Santa Quaresma; ella é as tardes em as domingas e praticas em as sextas-feiras, depois das Ave-Marias, á boca da noite, com tanto concurso que não cabe a gente em a egreja e está pelas ruas. Não falo das lagrimas que se derramam, principalmente em os colloquios que se fazem ao (*p. 268*) cabo, mostrando-se uns passos de umas imagens de vulto feitas em Lisboa, tão perfeitas que não ha outras eguaes. Tenho corrido muitas terras e visto o que alli se faz em tempo da Santa Quaresma, e confesso que lá se revê o Maranhão em apparatos, concurso e musicas; porém, não em as lagrimas que se choram até desmaiarem algumas pessoas: não tenho visto cousa semelhante. Não fallo aqui das procissões dos Passos dos Terceiros e do Senhor em quinta-feira de endoenças, com seus sepulchros disciplinantes e penitentes de muita casta, porque essas cousas se não usam em outras terras, fóra Castella e Portugal e seus Estados. <...>

[...]

CAPITULO 8º - Vae o padre João Maria Gorsony com o irmão Manoel Rodrigues e desce boa parte dos Guajajaras de seu sertão para a residencia de Nossa Senhora da Conceição Immaculada, sobre o rio do Pinarè e aldêa de Cayritiba.

[...]

[2.] <...> (*p. 270*) Não é crivel quanto padeceram os Padres durante a jornada [*de "Capiytiba" a "Cayritiba", pelo rio "Pinaré", entre 1670 e*

1673], com tanta gente que levaram a seu cargo. O Padre João Maria, para alegral-o pelo caminho, lhes tocava uma gaitinha, que toca perfeitamente bem por solfa[369], e o irmão lhes dava de comer por suas proprias mãos, com que lhe pegaram as bobas de umas creanças, das quaes se bem se curou depois, comtudo ficou muito mal tratado dellas até o presente.

[3.] <...> (*p. 271*) Acharam-se estes primeiros [*"Guajajaras" de "Cayritiba"*] tão bem onde estavam, que avisados seus parentes em o sertão, vieram uns oitenta, entre grandes e pequenos, por terra, tendo-se já ido o Padre João Maria para o Pará, estando eu em seu logar, enquanto como reitor do Collegio, e tinha ido a visitar a aldêa por um pouco de tempo, fui recebel-os com trombetas ao porto e os levei com fésta á egreja, e dahi, depois de rezar em alta voz o **Te Deum**, tomei-os em rol e fui repartindo por seus parentes que logo os agasalharam e vestiram a seu contento. <...> Tem estes Guajajaras de bem serem mui preguiçosos e pouco valentes, serem mui inconstantes e grandes fujões, porque a cada passo tornam a fugir para seus mattos, não tão somente os novos mas ainda alguns dos mais antigos. O Padre João Maria os ensinou a tocarem a gaitinha[370], e assim affeiçoadissimos a este genero de instrumento os fez, e estão tocando noites e dias, estando des(*p. 272*)occupados; não ha duvida que um dos meios para entretel-os e affeiçoal-os a ficar e estar com os Padres, é ensinal-os a tocar algum instrumento para suas folias em dias de suas festas em que fazem suas procissões e dansas, levando deante de si a imagem da Virgem Senhora Nossa, cantando alternativamente: **Tupá cy angaturama, Santa Maria Christo Yàra.**[371]

CAPITULO 11º – Varias cousas que se obraram pelo Pará antes que o padre superior partisse para o Maranhão com o governador, que levava os ossos do que tinha sido enterrado em a egreja do Cametá

[...]

[2.] <...> (*p. 281*) Acompanhei-os [*"o Capitão-Mór do Pará, seus dous filhos, com a communidade dos religiosos de Nossa Senhora das Mercês", para desenterrar os ossos do avô do governador, entre 1670 e 1673*] em o tempo da ida e foi com grande gosto que desenterramos os ossos, que estavam em o meio, deante do altar-mór, e achou-se uma medalha e um...... puzeram-se os ossos em decente bahu, sobre a eça rodeada de bom numero de vellas brancas; cantou-se a missa com toda a solemnidade, e préguei então, tomando por thema que os filhos de Israel tiraram os ossos de seu pae Jacob e os levaram do Egypto para a terra da promissão. <...>

[...]

LIVRO 6º – Das cousas que succederam á missão em tempo do governo do padre Pero Luiz Gonçalvi, Romano.

CAPITULO 7º – Chegada de D. Gregorio dos anjos, primeiro bispo do Maranhão e da lei do anno 1680

[1.] <...> (*p. 326*) Em o dia de sua entrada [*em São Luis*] foi Sua Illustrissima á Nossa Senhora do Desterro, acompanhado de muitas canoas, entre as quaes a nossa, de Santo Ignacio; era como a capitanea, por ser a maior e mais perfeita. Lá se revestiu de pontificial, com a sua mitra à cabeça, montou a cavallo, servindo-lhe o irmão Manoel Rodrigues como de estribeiro-mór, por aquella vez; foi cavalgando pelas ruas todas enramadas e

parando pelos cantos della, onde encontrava uns arcos triumphaes bem feitos e adornados, junto aos quaes os recebiam os moradores com suas musicas dos religiosos de Nossa Senhora da Mercês, e uma pratica, dita por um dos magnatas de maior habilidade, com bizarria e graça, acompanhada de vivas e applausos do povo todo. Foi continuando desta sorte seu caminho até chegar ao arco do Collegio de Nossa Senhora da Luz, á vista do qual ficou todo pasmado, e deteve-se para ouvir uma comediasinha que se lhe ia representando; porém como vinha chuviscando sobre os ornamentos pontificaes, foram á matriz e lá se representou com agrado de todos. Ao cabo de tudo, deu a benção e se retirou para as casas de Manoel Valdez, onde teve varias representações de encamisadas a cavallo, dansas e outros generos de demonstrações de festas e alegria, uns oito e mais dias. Passados estes, foi ver as egrejas, acompanhado da nobreza e povo; logo que entrou a do collegio de Nossa Senhora da Luz, subi eu ao pulpito e lhe fiz em latim uma oração sobre as qualidades da luz, todas apropriadas a elle, e a seu........ e se bem era de um dia para outro, durou quando menos uma boa hora, com grande sua satisfação e agrado do auditório todo.

[...]

CAPITULO 12º – Parte o padre superior Pero Luiz para visitar a missão com particular cuidado o cabo do norte, encommendado d'El-Rei

[1.] <...> (*p. 347*) Logo que o Padre Superior, Pero Luiz, entrou em o Collegio do Maranhão commigo [*em 1681 ou 1682*], achamos o extrangeiro Pascoal Pereira, nosso amigo antigo, com seus charameleiros para nos dar as boas vindas. <...>

[...]

CAPITULO 13º – Succede o padre Iodoco Peres ao padre Pero Luiz, e como reitor do Collegio do Pará ao padre Francisco Ribeiro e fallece o padre Pero Luiz

[...]

[3.] <...> (*p. 350*) [*descreve a cerimônia fúnebre do padre Pero Luis, morto entre 1681 e 1683*] e foi gloriosa sua sepultura, officiando o nosso bispo Dom Gregorio dos Anjos, cantando officio as religiões e clerigos, <...>

[...]

CAPITULO 14º – Visita o padre Iodoco Peres a missão do rio Amazonas, e chega ao rio da Madeira e logo depois vae visitar o Maranhão

[...]

[2.] (*p. 362*) De lá [*da "aldêa Iruriz", no "rio da Madeira", em 1682 ou 1683*] o veio encontrar o principal dos Irurizes com seus cavalleiros, e dadas as boas vindas, o levou para casa do paricá, feita em o meio do terreiro, para tomarem seu paricá e fazerem suas danças e bebedices. Lá o agazalhou com todo seu seguimento, e com grandes demonstrações de alegria e festas, não lhes faltando do que comer e beber; <...> São os Irurizes mui curiosos, e lavram com singular arte as suas trombetas ou mumbiz[372] e bordões de varias castas, que vendem aos que vão para suas terras. <...>

[...]

LIVRO 7º – Do levantamento do povo do Maranhão, expulsão e restituição dos padres missionarios da Companhia de Jesus

CAPITULO 1º – Chega o padre Bernabé Soares, mandado da provincia do Brazil, por visitador do Maranhão. Levanta-se o povo e pouco depois lá mesmo chega o padre Iodoco Peres de visita, como superior da missão, vindo do Pará e é preso e expulsado com os demais

[...]

[12.] <...> (*p. 363*) em acção de graças pelo bom successo [*da destituição dos padres jesuitas da "jurisdição temporal" pelos amotinados no Maranhão em 1683*] mandaram cantar o **Te-Deum Laudemus** [*na Sé de São Luis*], como si Deus Nosso Senhor os tivesse ajudado, e não o diabo, autor de seu motim.

[...]

CAPITULO 3º – Expulsam e embarcam os padres do Maranhão

[...]

[14.] (*p. 373*) Observaram-se todas as horas de oração [*na náu que levava os padres Barnabé Soares e J. F. Bettendorf, entre outros, da Bahia de São José (na páscoa de 1684) para Pernambuco*], e exames ladainhas, as quaes á tarde eram sempre cantadas em honra da Virgem Senhora Nossa, e como iam tambem ordenadas e guardadas as cousas tocantes ao serviço de Deus, quiz sua bondade que sempre tivessemos marés de rosas e que á boca da noite achassemos logar commodo onde lançar encora á vista de terra, com tanta abundancia de gostosissimo peixe, que como em quantidade era pescado ao anzol, sobejava para as ceias daquelle e os almoços e jantares do outro dia.

[...]

CAPITULO 4º – Parte o padre visitador em o barco grande, e chega poucos dias depois o barco pequeno com o superior da missão e mais sujeitos que o acompanhavam ao Ceará

[...]

[4.] <...> (*p. 379*) Em o dia seguinte, vespera do Espirito Santo [*o sábado que antecedeu o 7º domingo após a páscoa de 1684*], desembarquei com os padres e alguns irmãos, deixando os mais para guardas do fato; fomos direitos ao Collegio do Recife, onde por então o Padre Manoel Carneiro[378] servia o officio de reitor e o Padre Antonio Maria, Italiano, era o afamado factotum daquelle Collegio; fomos recebidos com toda a caridade, e depois de jantar nos veio convidar o Padre Pero Dias, reitor de Olinda, para seu Collegio, e nos levou comsigo, contando-nos pelo caminho, que faziamos em canôa, as novas dos bons successos das armas imperiaes contra o turco, que tinha vindo com grande poder sobre Vienna.

[5.] Em o dia seguinte, disse missa em o altar mór, ao som das charamellas de seus dextrissimos charameleiros, respeitando com isso o Padre reitor Pero Dias, o vice superiorado, que breve tempo tinha exercitado, pela viagem, por ordem do Padre visitador, o qual chegou pouco depois. Fomos ambos beijar a mão do governador, João de Souza, dando-lhe parte do levantamento do povo do Maranhão contra os padres daquella capitania, e pedindo-lhe mandasse logo barco capaz para virem commodamente os mais padres, que estavam esperando em o Ceará. <...>

[8.] <...> (*p. 380*) e tinham trabalhado debalde em reduzil-a [*"uma mulher casada, que ia de Pernambuco para a Bahia", antes de junho de 1684*] a que fosse para casa de seu marido, e como eu o sabia de varias partes, e do mesmo governador, tratei de ganhar a benevolencia della e logo, sem embargo de andar enjoado, pratiquei depois do terço e ladainhas cantadas, de sorte que com o favor do Céo ficou tocada da divina graça e me disse depois que só receiava a primeira entrada em sua casa, <...>

[...]

CAPITULO 7º - Parti eu com o irmão Marcos Vieira, de Pernambuco, para o Reino a dar conta a Sua Majestade da explusão dos padres do Maranhão

[...]

[3.] (*p. 392*) Pouco nos durou o vento [*na viagem da Bahia para Lisboa, iniciada em 29 de junho de 1684*], porque logo depois nos deu uma calmaria grande, que nos foi acompanhando quasi até a ilha Terceira. Estava eu sempre muito enjoado, mas nem por isso deixava de cantar com toda a gente da nau o terço e ladainha de Nossa Senhora, acrescentando de dous em dous dias uma pratica doutrinal, á qual tambem assitia um clerigo, Rengel que ia fazer queixa a Sua Magestade sobre um negocio com os conegos, do qual veio bem despachado.

[...]

CAPITULO 18º - Vai o padre Antonio Pereira com o padre Bernardo Gomes por Missionário do cabo do norte, e poem residencia em a ilha de Camunixary aonde, dous mezes depois, foram mortos ambos pelos Tapuyas

[...]

[20.] <...> (*p. 431*) depois da matança [*"em principio de setembro" de 1688*] despiram os corpos mortos e os dependuraram nús do tirante da casa, partiram-nos em pedaços, assando e comendo-os, guardando, porém, os cascos das cabeças para beberem seus vinhos por elles, e algumas canellas para fazerem suas gaitas[374] e pontas de suas fréchas, <...> Fartos já do sangue dos dois missionários, os matadores Oivanecas de nação, poz Goaminami, da nação Aricoré, fogo á casa, e o indio Moximaré, da aldêa de Mucurá, da gente Maraunizes, com tres outros companheiros surripiou uma canella do Padre Bernardo Gomes, para della fazer uma gaita. <...>

[...]

CAPITULO 20º - Despacham-se ultimamente todos os papéis tocantes á missão do Maranhão em a côrte; despedem-se os missionários de suas Magestades, e se embarcam para sua missão, tendo uma navegação tão adversa que só chegam por milagre a ella.

[...]

[7.] (*p. 438*) Por isso [*a falta de água que ocorreu durante a viagem de Lisboa ao Maranhão, iniciada a 17 de maio de 1688*] não houve devoção que não fizessemos a Santo Antonio, grande padroeiro do capitão e aos mais santos do Céo principalmente a Santo Ignacio, a S. Francisco Xavier e á Virgem Senhora da Conceição, padroeira da nau, fazendo-lhes nossas devoções, sem nunca deixar de cantar sua ladainhas e terço á boca da noite, nem faltando com as doutrinas, que aos domingos e festas fazia o Padre José Ferreira, ou alguns dos Irmãos, noviços ou estudantes.

[...]

[12.] (*p. 440*) Estava a nau andando direita para o Occidente com a prôa para Oeste, nem havia já esperanças humanas de tomar outro porto senão as Indias de Castella, por cujo rumo já ia encaminhada vinte e quatro horas havia, pouco mais ou menos, quando tomando o piloto altura, achou que em vez de ter andado para Oeste tinha montado grão e meio para o Sul; com que, sem embargo de quererem ainda alguns marinheiros, amigos das patacas, continuar a viagem com a prôa para o Sul, disse eu ao capitão e piloto que, já que Deus, por milagre manifesto, nos levava e fazia montar para o Sul, virassemos a proa para lá e fossemos pelo rumo do Maranhão. Fizeram-no assim e com todo (*p. 441*) o bom successo, porque, montando sempre de mais a mais, passámos a linha em breves dias, e como por aquelle tempo cahia a festa de nosso santo patriarcha Ignacio [*31 de julho de 1688*], celebramol-a com muita devoção e alegria, conforme permittiam o logar e mais circunstancias; tocou-se tambem clarim[375], dispararam-se as peças de artilharia, concorrendo Jacob Egres com seus instrumentos que tocava admiravelmente bem, e não faltou prégação, que eu fiz em louvor do Santo, tendo feito outra em dia do glorioso Santo Antonio [*12 de junho*], com agrado de todos.

[...]

LIVRO 8º - Põe-se a missão em estado maior e sua ultima consistencia

CAPITULO 2º - Começo como superior a visita do Collegio e Residencia do Maranhão, e, acabada ella, parto para o Gram-Pará.

[...]

[5.] (*p. 478*) Não é crível quanto sentiram os visinhos de nossa roça a mudança do Padre Diogo da Costa para o Collegio [*entre 1690 e 1692, em São Luís*], porque sabia fazer ornamentos de papel para a egrejinha de Nossa Senhora da Luz, que lá temos, que pareciam ornamentos das mais ricas e engraçadas télas do Reino, e como também sabia cantar e tocar admiravelmente bem a viola, ensinou os rapazes a cantarem e tocarem, suspendia os ouvintes quando se cantavam as Ladainhas e Salve Rainha á honra da Virgem Senhora Nossa da Luz, cuja imagem se venéra naquella roça, que era a que os primeiros padres puzeram em nossa egreja do Maranhão, donde eu a tinha mudado muitos annos havia, quando nos veiu a nova, tambem de vulto, que hoje temos em Maranhão. <...>

[...]

CAPITULO 4º - Doutrina que se fazia aos indios, de que ha cathecismo impresso, e é escusada aqui.

CAPITULO 6º - Vizito a residencia de Nossa Senhora da Conceição sobre o Rio Urubú, onde com licença do padre Iodoco Peres, assistia frei Theodosio, mercenário, e della volto para o Pará, visitando Cametá e Mortigura

[...]

[4.] <...> (*p. 493*) Tinha o reverendo Padre frei Theodosio disposto ao redor de si umas cinco ou seis aldêas de gente nova [*entre 1690 e 1692*], todas com suas egrejinhas, as quaes de tempo em tempo ia visitar, e posto em

sua casa via de sua varanda quasi todas, por estarem mui chegados á aldêa principal, algumas dellas além do rio, em campinas e terras baixas pouco férteis. Dizia o Padre frei Theodosio missa em sua egreja e depois della a doutrina, que fazem os nossos missionarios, ainda que não inteira como elles; á tarde cantava as ladainhas da Senhora, ás quaes assistiam os indios e indias, algumas dellas nuas, por não terem uma vara de panno para se cobrir; <...>

[...]

CAPITULO 11º - Da reducção dos Caycayzes e da causa que deram para se lhes fazer guerra, com que fugiram elles, e mais os Guanazes e Guaxinazes todos para os mattos.

[...]

[3.] (*p. 315*) Logo ao romper do dia, saem os homens [*"Caycazes"*] á caça, e trazendo alguma presa a apparelham, assim elles como as mulheres, comendo-a todos juntos, ainda que meia assada; depois disso dormem e acabando de dormie começam a cantar e a bailar, grandes e pequenos, até alta noite e não poderem mais, que então.......... a descançar, servindo-lhe de cama o chão, e este modo de cantar e bailar guardavam quando vinham á cidade de S. Luiz do Maranhão, atordoando com seus cantos desentoados os religiosos do Collegio e toda a vizinhança, e muito mais ainda quando tinham bebido uma gotinha de aguardente, da qual são tão amigos todos os indios, <...>

[...]

CAPITULO 12º - Relata-se o progresso e sucesso das obras da egreja nova.

[...]

[7.] (*p. 521*) Na egrejinha nova [*de N. Senhora da Luz, em c. 1691*], que ha de servir de sacristia da egreja grande, fizeram-se naquelle anno as quarenta horas com grande solemnidade, concurso e devoção, porque houve muitas confissões e communhões, com sermão depois de jantar, um dos quaes fiz eu ás tardes, e das dominges da quaresma fez o Padre Iodoco Peres, bella e frutuosamente, sobre umas parabolas do Evangelho, das quaes a ultima foi do senhor da vinha, que ameaçava de aforar sua vinha a outros, se os que a tinham se não emendassem, porém, ao cabo, pediu a Deus não entregasse esta vinha do Estado a outra nação, porquanto nenhuma lhe serviria com tanto primor nas festas e veneração do Santissimo Sacramento, como faziam os portuguezes; o Padre João da Silva fez ás sextas feiras com grande sucesso e muitas lagrimas dos ouvintes, por ser elle mesmo um dos primeiros que choravam. Além destas devoções, instituidas pelos já referidos, institui, de mais, no tempo deste meu segundo superiorado, a devoção da novena de S. Francisco Xavier, á instancia do senhor governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, e do Padre João de Avellar, o qual contou e ponderou muito bem alguns exemplos da vida do santo, com grande concurso e devoção da nobreza e povo todo; expoz-se o Senhor com toda a decencia, e sendo sacristão o irmão Marcos Vieira, não faltaram velas brancas no altar nem musica dos estudantes destros, que, ajudados dos de Gregorio de Andrade, que tocava ricamente o cravo, cantavam as ladainhas da Senhora de Loreto, officiando e dando a benção no cabo, com o Santissimo Sacramento, o Padre vice reitor Diogo da Costa, com edificação e satisfação de todos.

LIVRO 9º - Relata-se a repartição das missões que se faz por ordem de El-Rei entre os missionarios das religiões, e o que obrou o superior novo, Bento de Oliveira, em o tempo de seu governo

CAPITULO 14º - Começam as bexigas em S. Luiz do Maranhão, passam para o Casthé e Joannes, e finalmente dão no Pará, acudindo os padres com sua caridade e novenas, feitas a S. Francisco Xavier, em agosto de 1695

[...]

[3.] (*p. 565*) Reluiziu nesta occasião a grande caridade em nossos padres do Collegio, e sobre todos o Padre reitor José Ferreira, que sem embargo que tinha assaz que lidar com os seus, acudia com lenhas, aguas, peixe e farinha a varias casas e com sacramentos da confissão por si e pelos seus todos, a toda a cidade, não só de dia, mas ainda de noite, a qualquer hora que o chamavam, e para applacar a ira do Céo instituiu uma novena em honra de S. Francisco Xavier, a qual o povo acudia com grande devoção, (*p. 566*) por ser com o Senhor exposto, missa cantada e prégação ao cabo de tudo; [*"durou a força desse contagio uns quatro mezes, pouco mais ou menos, começando lá pelos fins de agosto, ou principios de setembro de 1695"*] <...>

[...]

[17.] (*p. 566*) A roça de nosso irmão Francisco Rodrigues tambem escapou, porque se metteu com toda a gente no matto; escapou tambem o engenho de S. Francisco de Borja, porque Dona Catharina, nossa irmã, senhora delle, o encommendou a seu Santo, promettendo lhe fazer sua festa, como depois fez, assistindo a ella o Padre superior da missão, Bento de Oliveira, então reitor mestre do curso, com todos seus discipulos, que cantaram a missa, sendo eu prégador.

[...]

CAPITULO 15º - Refere-se como deram as bexigas na capitania do Cametá e como se houveram os padres missionarios da Companhia no tempo della.

[...]

[14.] (*p. 583*) E foi cousa para se notar muito que ao mesmo tempo que tudo eram umas tristezas pelas outras partes, naquelle logar [*"Inhuana, aldêa de riba", no 2º semestre de 1695*] cantasse eu missas solemnes, ajudado dos domesticos de Diogo Pereira, que eram os meus musicos, e acompanhavam canto com suas rabecas[378] e violas, que tocavam com muita destreza, e sobre todos elles Manoel Pereira, filho morgado de Diogo Pereira, que, na ausencia do Padre João Justo, me acompanhava, explicando-lhe eu a logica e a physica até o fim das cousas

[...]

LIVRO 10º - Trata-se das cousas da missão acontecidas em o tempo do superiorado do padre José Ferreira.

CAPITULO 8º - Vão o governador e o capitão-mór ver as fortalezas e aldêas das missões, para tirar dellas os brancos e indios prejudiciaes.

[...]

[2.] (*p. 617*) Partiu com o Sr. governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho a maior parte della [*"a tropa", em fins de 1696*], indo tambem em sua companhia o ouvidor geral, o provedor-mór, o capitão João de Moraes, o reverendo padre provincial do Carmo, o comissario de Santo Antonio. Houve grandes disparos de peças de artilharia na partida, resoando o clarim e tambores pelos ares, e assim foram caminhando até o engenho de S. Francisco de Borja, pertencente a D. Catharina, nossa irmã, <...>

[...]

CAPITULO 9º - O que se passou desde o principio do anno 1697 até a paschoa da resurreição.

[...]

[4.] <...> (*p. 632*) não fallo nos officios das trevas, porque no Pará houve bellas e mui gabadas vozes de gente destra no canto; tambem por toda a quaresma houve assistencia dos muitos reverendos padres das Mercês, para cantarem, ao som do cravo, os misereres, no principio, e, no cabo das praticas, os seus motetes devotissimos, accomodados á Sagrada Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo.

[...]

CAPITULO 10º - Castigos de alguns amancebados sem emenda

[1.] (*p. 667*) Tres casos me contou o Padre João Angelo, missionario dos Boccas, acontecidos em sua missão [*até 1696*], os quaes todos quero referir brevemente aqui, para escarmento dos amancebados.

[2.] Indo uma india casada, da aldêa dos Boccas, para o matto com seu marido, que ia á caça, eis que, apartando-se um pouco delle, lhe appareceu o diabo em forma de indio, mas com pés e mãos de cabra, umas pontas na cabeça e no nariz, feio e formidavel; ficou a india assombrada na presença desta phantasma e dahi por diante sempre com pouca saude, conforme o seu marido contou ao Padre João Angelo.

[3.] Passados uns dias, tornou o mesmo maligno espirito a mostrar-se em fórma visivel á india, que já não o estranhou tanto, antes pouco a pouco se foi de tal maneira familiarisando com elle, que se lhe entregou por amiga, communicando com elle, com se fôra qualquer indio, e elle a ensinou a cantar as cantigas de suas dansas, até que ficou mestra das mais e tão desejosa de dansar, que não havendo quem a acompanhasse ia bailando só pela aldêa até achar que se lhe ajuntasse e bailasse com ella; assim viveu tempos a miseravel india, até morrer sem confissão.

[...]

362 . Cf. a carta de ANTÔNIO VIEIRA ao Padre Provincial do Brasil, de 22 de maio de 1653, [§§ 74-75]. Cf. também a *História da Companhia de Jesus* de JOSÉ DE MORAIS ‡ (op. cit.), Livro IV, Cap. III, [§§ 11-12], pp. 326-327 e a *Vida do*

Apostólico Padre Antonio Vieira, de ANDRÉ DE BARROS ‡ (op. cit.), Livro II, §§ XXXIV-XXXV, pp. 133-134 e Livro V, § CXLIX, pg. 595-596.

363 . De acordo com a documentação do período, haveriam várias categorias de instrumentos de sopro indígenas que poderiam receber os nomes europeus de **trombetas** (port.), **trompettes** (fr.) e **trompetten** (hol.), a saber: **inubia**, **pantapyguassu**, **mimbyapara** e **mimbyguassu**. RENATO ALMEIDA dedica uma grande seção de sua *História da música brasileira* (1942, parte II, cap. I, pp. 43-51) às trombetas indígenas.

364 . ROBERT SOUTHEY (*History of Brazil*, v. II, 1817, cap. XXVII, p. 520), citando « Cartas de Vieyra, T. 2, p. 24 » assim resume este trecho: « and the whole island was their fastness, its woods being their walls, its channels their fosses, every habitation a watch-tower, and every inhabitant a centinel ready with his trumpet to blow the alarm ».

365 . ROBERT SOUTHEY (op. cit., v. II, 1817, cap. XXVII, p. 525) resume: « they came sounding conchs, and shouting out their **pocemas**, or cries of joy ». Por "pocemas", entende MÁRIO DE ANDRADE (***Dicionário musical brasileiro***, 1989, p. 404) « o mesmo que canto selvagem ».

366 . ANTONIO RUIZ DE MONTOYA (***Tesoro de la lengua guarani***, 1639, f. 315v) escreve "**Porahei**. 1. **aboraeí**", cujo significado é "canto". Frei ONOFRE, por PLÍNIO MARQUES DA SILVA AYROSA (***Dicionário português-brasiliano e brasiliano-português***, 1934, p. 261) dá « **Poracê** – dansar, bailar ». MÁRIO ARNALDO SAMPAIO (***Vocabulário guarani-português***, 1986, p. 133) usa a grafia próxima a MONTOYA: « **Porahei**. Cantar. Canção. Poema. Recitativo. Ária musical. Toada ». TEODORO SAMPAIO (***O tupi na geografia nacional***, 1987, p. 306) que escreve "Poracê corr. **Pora-acê**", indica « o ajuntamento de povo; reunião para folguedos entre os índios », informação que é comentada por FREDERICO G. EDELWEISS (mesma edição, p. 164, nota 229): « Dança é poracé em nheengatu. No tupi, a forma absoluta é **moracêia**, que na oração transforma o **m** e **p**, como todos os similares. O ***Dicionário Português e Brasiliano*** ainda conserva esse relativo **poracêia** ». PEDRO SINZIG (***Pelo mundo do som***, 1959, p. 454) dá « Poracé (**poracema**), dança indígena, na qual, segundo Sant'Ana Nery, as mulheres não eram admitidas ». LUÍS DA CÂMARA CASCUDO (***Dicionário do folclore brasileiro***, 1988, pp. 642-643) tem excelente verbete sob o termo "Puracê". MÁRIO DE ANDRADE (op. cit., 1989) **também** acrescenta boas informações, nos verbetes "Paracê" (p. 383), "Poracé" (p. 407), "Puracé" (p. 412) e "Puraci" (p. 412). SERAFIM LEITE (*A música nas escolas jesuíticas do Brasil no século XVI*, 1949, p. 36), citando a carta de 5 de outubro de 1738 do P. PLÁCIDO NUNES ao CONDE DAS GALVEIAS, Vice-Rei do Brasil (publicada por LUÍS VIANA FILHO em ***Estudos Brasileiros***, Rio de Janeiro, 5, set./out. 1940, pp. 285-286), informa: « Dos **bailados de terreiro**, dos índios, conservou-se mais duradoiramente a **Poracéia** dos meninos que com o tempo veio a ser **também** bailado de salão. Tentou suprimi-lo no século XVIII o escândalo farisaico dalguns opositores, mas **defenderam-no** os jesuítas. Escreve o P. PLÁCIDO NUNES, Reitor do Colégio da Bahia, em 1738: ¶ "Para tirar de uma vez o horror que pode causar a palavra **Poracéia**, por bárbara e peregrina, é de saber que esta palavra significa **dança**, e a que conservam os Índios, da sua antiguidade é a dos **Curumins**, ou meninos, empenados com seus arcos e frechas. A qual todos os anos, pela festa das Santas-Onze-Mil-Virgens, é recebida nesta Bahia com tão universal aprovação e aplauso que os Srs. Vice-Reis e Governadores, as Religiões mais observantes, os Ministros, e tôda a Nobreza, os admitem à sua presença com tanto agrado que da remuneração com que gratificam tão alegre e inocente obséquio se compram os vestidinhos com que se **mandam** contentes para a sua **Aldeia**. Sendo Vice-Rei dêste Estado D. PEDRO ANTÔNIO DE NORONHA, Marquês de Angeja disse em um salão dêste Colégio **para** os circunstantes, a primeira vez que viu esta **Poracéia**, que um dos maiores gostos que teria neste mundo, era, se pudesse, reportar aquêles inocentes, assim como estavam, em um dos salões de Palácio, na presença de ambas as Majestades. Diante da Arca do Testamento dançou El-Rei DAVID, e esta ação só a reprovou o juízo de uma mulher". ».

367 . **Terço**, aqui, é o mesmo que **terno**. RAPHAEL BLUTEAU (***Vocabulário portuguêz e latino***, v. VIII, 1721, p. 117) traz o seguinte comentário sobre o segundo vocábulo: « Val o mesmo que tres. Hum terno de Missas do Natal, saõ tres Missas. Hum terno de charamelas, saõ tres charamelas; hum terno de cayxas, saõ tres cayxas, & algũas vezes mais ». As referências a **ternos** e **terços** de instrumentos de sopro são comuns na documentação da época sobre o Brasil, e é possível que na palavra **charamelas** já estivesse subentendida um **terno de**. FRANCISCO CURT LANGE (*As danças coletivas*, 1969, p. 31-a) discute essa questão em nota que anexamos aos « *Diálogos das grandezas do Brasil* », de [AMBRÓSIO FERNANDES BRANDÃO ou SIMÃO TRAVASSOS] ‡ , escrito em 1618.

368 . Há indícios de que, além dos **toques**, cuja função era de transmitir mensagens pré-determinadas, alguns **trombetas** desenvolveram outras habilidades musicais. JOSÉ MAZZA ‡ (*Dicionário biográfico de músicos portugueses*, pela edição de JOSÉ AUGUSTO ALEGRIA, v. XIII, jul. 1944, p. 256) dá notícia de um "**Cristóvão Luis Gil**", o qual « naseu em Lx.ª he trombeta Mór de Sua Mag.de tem composto algumas obras em Muzica ».

369 . A **solfa** era termo genérico que significava música escrita, composta no papel, em contraposição à música improvisada ou transmitida oralmente. Os italianos diziam a **penna**, non a **mente**. RAPHAEL BLUTEAU (***Vocabulário portuguêz e latino***, v. VII, 1720, p. 706) define "solfa" como « As notas da Musica » e MÁRIO DE ANDRADE (***Dicionário musical brasileiro***, 1989, p. 483)

faz os seguintes comentários: « Tem várias acepções mais ou menos em compromisso umas com as outras. O sentido geral mais íntimo parece ser: música erudita, música que se aprende nos livros ».

370 . Provavelmente, a menor das **gaitas** ou **flautas**. LUÍS DA CÂMARA CASCUDO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1988, p. 352) diz: « Para o Norte a gaita ou gaitinha é a flauta, de taboca, bambu ou flandres, reta, espécie de pífaro ».

371 . Estes versos na língua tupi (**língua brasílica**, **língua geral**) são os que iniciam a segunda das « *cantigas na língua para os meninos da santa doutrina* », composta por CRISTÓVÃO VALENTE † (1566-1627) e publicada por ANTÔNIO DE ARAÚJO no *Catecismo na língua brasílica* (Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1618) e « emendado » por BARTOLOMEU DE LEÃO no *Catecismo brasílico da doutrina cristã* (Lisboa, Miguel Deslandes, 1686), respectivamente às ff. 4v-6r e iiijv-iiiijv. Esta « cantiga » é composta de um « mote » de 5 versos, seguido por 5 « voltas » de 10 versos (a última « volta » difere nas duas edições) e recebe o título « outra em louvor da virgem » (1618) e « à virgem santíssima Maria mãe de Deus senhora nossa » (1686). Os versos citados por BETTENDORF aparecem em suas primeiras publicações da seguinte maneira: « Tupã cî angaturãma | Sancta Maria sejîra » (1618) e « Tupã çy angaturáma, | Santa Maria se iíra » (1686). Nota-se, portanto, variação no segundo verso, com « Santa Maria Christo Yîra », cuja tradução aproxima-se de « Santa Maria mãe de Cristo ». A cópia manuscrita da *Crônica* de BETTENDORF existente na biblioteca do IEB (extraída de um MS da Biblioteca Nacional de Lisboa) infelizmente só contém a parte dos livros 1, 3, 4 e 7 que se referem à « Nossa Senhora da Luz » (apesar de o índice relacionar todos os capítulos dos 10 livros), não permitindo a conferência da grafia dos versos tupis. O mote completo, segundo a restauração e tradução de PLÍNIO AYROSA, nos *Poemas brasílicos do Pe. Cristóvão Valente, S. J.* † (1941, p. 21), é o seguinte: « Tupã-sý angaturamá, | santa Maria che iára, | Nde resá poraussubára | Che rekó tatupáma | Che ânga remietára. » (« Misericordiosa Mãe de Deus, | Santa Maria, Senhora minha, | Teus olhares carinhosos | São delícias de minha vida, | Desejada de minh'alma! »). O padre JOSÉ DE ANCHIETA também compôs uma « dança » no 4º ato do « Recebimento do Pe. Bartolomeu Simões Pereira » (1591-1592) que começa igualmente com « Tupã-sý angaturáma », mas que difere nos demais versos. Cf., entre outras, a *Lírica portuguesa e tupi*, de JOSÉ DE ANCHIETA (1984, pp. 202-204).

372 . ANTONIO RUIZ DE MONTOYA (*Tesoro de la lengua guaraní*, 1639, f. 222r) dá « *Mîmbî*. Flauta, chirimia. y cosa semejante ». TEODORO SAMPAIO (*O tupi na geografia nacional*, 1987, p. 282) escreve "**memby**" e dá o significado de « A gaita, a flauta, o que sopra. Alt. **mimbi** ». A. LEMOS BARBOSA (*Pequeno vocabulário tupi-português*, 1955, p. 89) e LUÍS CALDAS TIBIRIÇÁ (*Dicionário tupi-português*, 1984, p. 132), que escrevem "mimby", traduzem por "flauta". MÁRIO ARNAUD SAMPAIO (*Vocabulário guarani-português*, 1986, p. 104), confirmando a grafia "Mimby", indica « Flauta rústica ou apito. Há com nomes diversos: kuê, tararí, aparí, guasó ». MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 329) diz: « Membi – Instrumento de sopro; empregado de modo confuso por diversos autores, podendo significar uma trombeta ou buzina cerimonial ou simplesmente qualquer instrumento soprado ». No mesmo verbete, MÁRIO DE ANDRADE estuda referências de vários autores a este instrumento e indica (p. 336) a variante "mimbu". LUÍS DA CÂMARA CASCUDO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1988, p. 490) cita informações de ERMANO STRADELLI (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 104(158), p. 742), segundo o qual "Mimby", "Membý" ou "Membé", « é o nome da flauta feita do osso da tíbia e troféu de guerra ou de caça, sendo que no primeiro caso é feita duma tíbia humana ». Não há referências, no período, a instrumentos feitos de ossos humanos com o nome de **mimby** ou outro semelhante, mas sim com a denominação **canguera**, que autores como Frei ONOFRE, por PLÍNIO MARQUES DA SILVA AYROSA (*Dicionário português-brasiliano e brasiliano-português*, 1934, p. 290) traduzem por "espinha, osso".

373 . MANOEL CARNEIRO é autor de um curioso **Sermão**, publicado em Lisboa (1688), rico em terminologia musical.

374 . Os tupinambás chamavam **canguera** a essas **gaitas** feitas de ossos humanos.

375 . Para RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário portuguez e latino*, v. II, 1712, p. 337), "Claria" é « Trombeta, que tem o som agudo, & por isso claro ». Há poucas referências musicológicas acerca desse instrumento no Brasil e em Portugal no séc. XVII, apesar de serem amplamente citados em nosso território entre portugueses e holandeses. JERÔNIMO CORTE REAL (*Naufrágio de Sepúlveda*, 1990, v. 1, canto IV, p. 106) dá uma variante, em 1595: « Trombetas, & clarões bastardos, soão | Fazendo ja sinal a leda briga, E aquele rouco estrondo de atabales | Os animos aviua & faz espertos ». Cf. a GRAVURA XIV.

376 . RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário portuguez e latino*, v. VII, 1720, p. 86) dá « Rabeca, ou Rebeca. Pequeno instrumento musico de cordas. Deriva se do Arabico, **Rebab**, ou **Rebaba**, que no Lexicon Cogtico, segundo os Interpretes, he Lyra. Outros o derivão do Hebraico **Rebiac**, que significa o instrumento, a q os Latinos chamão **Sistrum**; outros finalmente o derivão de **Rebet**, que na lingua Celtica, val o mesmo que Rebeca. Consta a Rabeca de quatro cordas, & tange-se com arco. Os seus sons agudos saõ muyto alegres, & despertão o espirito. O seu concerto he de quinta em quinta ». Sucessora da viola d'arco, a rabeca é assinalada no Brasil apenas em fins do séc. XVII. Há bom estudo desse instrumento em ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA (*Instrumentos musicais populares portugueses*, 1966, pp. 154-156). Cf. a GRAVURA V.

187

MANUEL DE MORAIS NAVARRO
(séc. XVII)

DOCUMENTO: CARTA A D. JOÃO DE LENCASTRE. Campanha do Assu, 25 de agosto de 1699.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Cópia do início do século XVIII, em códice do IEB [4-a-25] [antiga coleção Almeida Prado], catalogado por ROSEMARIE E. HORCH (*Relação dos Manuscritos da coleção "J. F. de Almeida Prado"*, 1966) como « Cópias de cartas do Mestre de Campo Manoel de Moraes Navarro (paulista) e dos padres João Guincel e João da Costa, missionários da Companhia de Jesus, enviadas do Rio Grande do Norte ao vice rei João de Lencastre em 1699. Mais: Relação do dinheiro que se tem despendido com o terço dos Paulistas. 1702. 10 ff. inum. 31 X 22 cms. », levando o número 6. A carta de MANOEL DE MORAES NAVARRO [1º documento do códice], aos ff. 8r-9v [não numerados], tem o seguinte título: « *Copia da Carta que o Mestre de Campo M.el | Alz' de Moraes Navarro escreveo ao S.or | Dom Joam de Lencastro.* ». Está datada [f. 9v] de « Campanha do Assu 25 de Agosto de 1699 ». No mesmo f., uma nota à lápis indica: « Publicada pelo B. de Studart vol. 37 – Rev. Inst. Ceara ». De fato, encontra-se na *Revista do Instituto do Ceará*, 37 (37), nº 303, pp. 123-128, 1923, mas utilizamos aqui o texto manuscrito.

[...]

[2.] [*f. 8r*] Com es=|te avizo se animaraõ muyto [*alguns "Tapuyas", antes de 4 de agosto de 1699*] (segundo ao depois contaraõ os prizioneyros) para | melhor executarem seo mao intento [*atacar os soldados de Navarro*], veyo logo o principal [*de "Jaguaripe"*] buscarme offerecen=|dome toda a sua gente para me acompanhar, e como o Correyo me dicesse os achava | sem a sua familia, lhes disse amandassem recolher, que de outra sorte era darmos | motivos de desconfiança. assy o prometeu, e com a certeza de que os tinha recolhido, | marchey demadrugada, chegando ao seu alojamento as nove para as dez oras, veyo | o seu principal adizerme, q.e a sua gente queria festejar aminha vinda, que lhes desse | Licença, para me virem dançar; aggradecilhe a Lizonja, e para que entendessem | naõ avia em min motivo de desconfiança, mandey primeyro ao seu alojamento os | Tapuyas que me acompanharaõ a dançar, e despedida anossa vieraõ elles com a sua. | Preparey a Infanteria em boa ordem, em titulo de aver, tocandolhe Cayxa dizen=|dolhe ser festejo. Tinhaõ elles ordenado estivesse o Principal junto amy, e q.do | a dança viesse para aminha parte, viria o Irmaõ com escolta abrassarme, e o tempo do | abraço investiram os da dança, com ordem que só amy medeyxassem vivo, para [*f. 8v*] ao depois memarterizarem; E eu como tinha colegido seu intento e via se naõ | apartava das minhas costas, puzlhe hum dos nossos Tapuyas adivirtilho, orde=|nandolhe que ao tempo q parasse a Cayxa, que era a senha que estava dada, a infan=|teria para dar carga, o pegassem. Veyo o Irmam com a sua vindo diante de | todos sem arma; e eu assy que vy era tempo, mandey parar a Cayxa, lhe fiz | tiro, do qual cahio, e ao mesmo tempo o Tapuya a quem tinha entregue o prin=|cipal, lhe quebrou a cabeça: <...>

[...]

168

GREGORIO DE MATOS GUERRA

(1633 ? – 1696)

DOCUMENTO: **OBRA POÉTICA.** Escrita até 1696.

TEXTOS: JAMES AMADO, no v. I da primeira edição integral das obras de GREGÓRIO DE MATOS (infra cit., III, p. XIII) indica a utilização de « texto de 25 volumes manuscritos (17 códices) dos séculos XVII e XVIII ». Na « Relação dos códices estudados », v. VII, pp. 1744-1753, faz a descrição dos mesmos, e damos aqui apenas os títulos citados e sua localização: 1 – **Códice Lino de Mattos** (1946), Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), MSS marcados 1/59/3 e R/64/3, com os números 22595/1946 e 22620/1946; 2 – **Códice de Évora** (1889) [cópia dos códices CXIX/1-17, CXIII-d/1-30 e CV/1-9 da Biblioteca Pública de Évora], Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), nº 1 – 3, 29, 58; 3 – **Códice Afrânio Peixoto I** (1933), Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), nº 60; 4 – **Coleção Afrânio Peixoto II** (1882), Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), nº 64; 5 – **Códice nº 59**, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), nº 59; 6 – **Códice 1711**, Academia Brasileira de Letras, Cofre; 7 – **Códice datilografado**, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), Cofre; 8 – **Códice Imperador I** (1792), Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), nº 57; 9 – **Códice Imperador II** (1775), Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), nº 65; 10 – **Códice Capitão Mór**, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), nº 61; 11 – **Códice João Ribeiro** (1917), Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), s/nº; 12 – **Códice Camilo Castelo Branco**, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), s/nº; 13 – **Códice do Conde** (1891), Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), nº 323.139/1961/C; 14 – **Códice Varnhagen**, Biblioteca do Itamarati (Coleção Varnhagen), L. 15-2; 15 – **Códice Novo**, Biblioteca do Itamarati (Coleção Varnhagen), L. 15-1; 16 – **Códice Carvalho** (séc. XIX), Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), I-3, 1 – nº 44 e ainda códice DCCLXIII/25-67; 17 – **Códice Manuel Pereira Rabêlo**, Coleção particular do Prof. Celso Ferreira da Cunha.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: As primeiras edições de coletâneas poéticas de GREGÓRIO DE MATOS (não completas) são do século XIX e estão listadas por AFRÂNIO PEIXOTO no « Éditos e Inéditos de Gregório de Mattos », pp. 9-21, v. I das *Obras de Gregorio de Mattos* (Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1923-1933, 6 v.). Dentre as publicações citadas, destaca-se a edição de ALFREDO DO VALLE CABRAL, *Obras poeticas de Gregorio de Mattos Guerra, precedidas da vida do poeta pelo licenciado Manoel Pereira Rebello* (Rio de Janeiro, 1882, tomo I, 419 pp.). CONSTÂNCIO ALVES, na introdução (sem título) da coletânea de 1923-1933, v. I, p. 7, assim fala destas duas publicações: « Afora a tentativa de Valle Cabral, da Bibliotheca Nacional, em 1882, Gregório de Mattos não teve um ensaio serio de publicação de sua obra. Em 1923, na presidencia do sr. Afrânio Peixoto, a Academia resolveu continuar e completar esse meritório esforço. ¶ Fez chamada aos codices existentes na Bibliotheca Nacional e na Bibliotheca Varnhagen, do Ministerio do Exterior, e resolveu publicar todo esse acervo, sem exame, iniciar edição que iria, e irá, permittir uma edição critica do Poeta. ». Nos « Éditos e Inéditos » do v. I, AFRÂNIO PEIXOTO descreve cuidadosamente os 11 códices manuscritos que foram utilizados nessa publicação, citando seu título e localização. Porém, afora as seleções poéticas, biografias e estudos de GREGÓRIO DE MATOS, uma nova edição das obras completas surge apenas em 1968, feita com base em 17 códices, cujos nomes estão referidos no item anterior. Com o título de **Obra poética**, surge uma nova edição em 1990 (Rio de Janeiro, Record), também por JAMES AMADO, mas com preparação e notas de EMANUEL ARAÚJO (dando, principalmente, o significado dos termos hoje em desuso e informações sobre nomes de lugares e pessoas citadas pelo poeta) e com trocas de posição de algumas poesias.

NOTA SOBRE O AUTOR: GREGÓRIO DE MATOS foi poeta, sacerdote e homem de leis. Entrou no Colégio da Companhia de Jesus da Bahia e, aos 14 anos, foi estudar na Universidade de Coimbra. Transferiu-se para Lisboa, onde exerceu a profissão de jurista, voltando ao Brasil somente em 1678. Advogou na Bahia por certo tempo, mas teve que sair da cidade devido aos sarcasmos de suas poesias, retornando apenas em 1694. Nesse período foi deportado para Angola e, ao chegar ao Brasil, já estava velho e em miséria. As poesias de GREGÓRIO DE MATOS, de épocas e situações diversas, foram sendo anotadas em códices por admiradores seus, sendo os maiores MANUEL PEREIRA REBELO e o governador da Bahia, D. JOÃO DE LENCASTRE.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: GREGÓRIO DE MATOS E GUERRA – *Obras completas*; crônica do viver baiano seiscentista; fielmente copiada de manuscritos anônimos daquele tempo, e dispostos como melhor pareceu a um curioso de nome James Amado. Cópias finais do texto para impressão e mapeamento dos códices James Amado e Maria da Conceição Paranhos; atualização ortográfica Emécio Táti. Salvador, Ed. Janaína Ltda., 1968. 7 v. (Coleção "Os baianos", v. I – Obras completas de Gregório de Matos, 7 v.).

OBSERVAÇÃO: Mantemos, nesta transcrição, a disposição e os títulos de seções de JAMES AMADO, indicando também o primeiro verso da poesia a que se refere o trecho extraído. Não transcrevemos as notas de EMANUEL ARAÚJO, que aparecem na edição de 1990, para não sobrecarregar de informações as poesias selecionadas.

VOLUME I

I – O BURGO

[2] SONETO [« *Mancebo sem dinheiro, bom barrete* »]

(*p. 4*)
Mancebo sem dinheiro, bom barrete,
Medíocre o vestido, bom sapato,
Meias velhas, calção de esfola-gato,
Cabelo penteado, bom topête.

Presumir de dançar, cantar falsete[377],
Jôgo de fidalguia, bom barato,
Tirar falsídia ao Môço do seu trato,
Furtar a carne à ama, que promete.

A putinha aldeã achada em feira,
Eterno murmurar de alheias famas,
Sonêto infame, sátira elegante.

Cartinhas de trocado para a Freira,
Comer boi, ser Quixote com as Damas,
Pouco estudo, isto é ser estudante.

[5] ROMANCE [378] [« *Já que me põem a tormento* »]

[...]

Preceito 4

<...> (*p. 20*)
Pois no modo de criar
aos filhos parecem símios [379],
causa por que os não respeitam,
depois que se veêm crescidos.
Criam-nos com liberdade
nos jogos como nos vícios,
persuadindo-lhes, que saibam
tanger guitarra[380], e machinho[381].
<...>

Preceito 8

<...> (*p. 24*)
E é para sentir, o quanto
se dá Deus por ofendido
não só por este pecado [382],
mas pelos seus conjuntivos:
como são cantigas torpes,
bailes, e toques lascivos,
venturas e fervedouros,
pau de fôrca, e pucarinhos.
<...>

II – OS HOMENS BONS

1 – PESSOAS MUITO PRINCIPAIS

[11] Mote / Glosa [383] [« *Meu Deus, que será de mim?* »]

mote

Meu Deus, que será de mim?
Bangüê, que será de ti? [384]

glosa [385]

1
Alma
(*p. 54*)
Se o descuido do futuro,
e a lembrança do presente
é em mim tão continente,
como do mundo murmuro?
Será, porque não procuro
temer do princípio o fim?
Será, porque sigo assim
cegamente o meu pecado?
mas se me vir condenado,
Meu Deus, que será de mim?

2
Demonio
Se não segues meus enganos,
e meus deleites não segues,
temo, que nunca sossegues
no florido dos teus anos:
vê, como vivem ufanos
os descuidados de si;
canta, baila, folga, e ri,
pois os que não se alegraram,
dous infernos militaram.
Bangüê, que será de ti?

3 (*p. 55*)
Alma
Se para o céu me criastes,
Meus Deus, à imagem vossa,
como é possível, que possa
fugir-vos, pois me buscastes:
e se para mim tratastes
o melhor remédio, e fim,
eu com ingrato Cain
dêste bem tão ofendido:
Meu Deus, que será de mim?

4
Demonio
Todo o cantar alivia,
E todo o folgar alegra
tôda a branca, parda e negra
tem sua hora de folia:
só tu na melancolia
tens alívio? canta aqui,
e torna a cantar ali,
que dêsse modo o praticam,
os que alegres pronosticam,
Bangüê, que será de ti?

5
Alma
Eu para vós ofensor,
vós para mim ofendido?
eu já de vós esquecido,
e vós de mim redentor?
ai como sinto, Senhor,
de tão mau principio o fim;
se não me valeis assim,
como àquele, que na cruz
feristes com vossa luz,
Meu Deus, que será de mim?

6 (*p. 56*)
Demônio
Como assim na flor dos anos
colhes o fruto amargoso?
não vês, que todo o penoso
é causa de muitos danos?
deixa, deixa desenganos,
segue os deleites, que aqui
te ofereço: porque ali
os mais, que cantando vão,
dizem na triste canção,
Bangüê, que será de ti?

7
Alma
Quem vos ofendeu, Senhor?
Uma criatura vossa?
como é possível, que eu possa
ofender meu Criador?
triste de mim pecador,
se a glória, que dais sem fim
perdida num serafim
se perder em mim também!
Se eu perder tamanho bem,
Meu Deus, que será de mim?

6
Demônio

Se a tua culpa merece
do teu Deus a esquivança
folga no mundo, e descansa,
que o arrepender aborrece:
se o pecado te entristece,
como já em outros vi,
te prometo desde aqui,
que os mais da tua facção,
e tu no inferno dirão,
Bangüê, que será de ti?

3 – HOMENS DE BEM

[4] Décimas / Glosa [**<** *De flôres, e pedras finas* **>**]

[...]

7 (*p. 168*)
Porém tanto que sentiram [306]
haver no tempo mudança,
sem receio, e sem tardança
aos ninhos se reduziram:
outros ares advertiram,
outra clemência notaram,
com que alegres publicaram
dos astros os movimentos,
e com festivos acentos
Nesta manhã já cantaram.

8 (*p. 169*)
Cantaram para mostrar
com repetidas cadências
singulares excelências
de um Planêta singular:
tal doçura no cantar
não se ouviu nesta Bahia,
ouvindo-se na harmonia
modulações tão suaves,
que nunca cantaram aves
com tão doce melodia

9

Cada qual com voz sonora
nos mutetes, que cantavam,
por mil modos explicavam
de todo estado e melhora:
cada instante, e cada hora
a música mais se ouvia;
no Prado resplandecia
por modo maravilhoso
um lustre tão luminoso
que a noite se tornou dia.

10
Entre as aves modulantes,
que êstes nosso País tem
tôdas cantavam o bem,
de que são participantes:
dos males, que foram dantes,
tôdas também se queixaram;
assim que tôdas mostraram
com alegrias notórias,
que começaram as glórias,
Porque as penas se acabaram.

[8] Romance [« *Generoso Dom Francisco* »]

<...> (*p. 175*)
Ouvi de meus sentimentos
a voz, inda que o reparo
note, que para a matéria
o instrumento é mui baixo.
Ouvi meus saudosos tonos,
que é bem, Senhor Soberano,
que, quem deu assunto à solfa,
se digne de ouvir os cantos.
<...>

[15] Soneto [2057] [« *Sei eu, Senhor que Vossa Senhoria* »]

(*p. 188*)
Sei eu, Senhor, que Vossa Senhoria
Mandou dar ao Faria um bom Vestido,
Sendo, que mais o tinha merecido
A mulher do mesmíssimo Faria

Provo: todo o prazer, gôsto, e alegria,
Que se tem do Faria deduzido,
O deu sempre a Mulher, nunca o Marido.
Que ela ia pra Angola, e êle não ia.

Assim que se a Mulher vai para Angola,
E êle fica na infame lupanária,
Sua ausência cruel pondo à viola:

Tiro por conseqüência temerária,
Que à Mulher se lhe deve dar a esmola,
Que em crítico se diz mercê ordinária.

[21] Décimas [« *Veio ao Espírito Santo* »]

[...]

2 A tal era uma Tapuia [388]
grossa como uma jibóia,
que roncava de tipóia,
e manducava de cuia:
tocando ela a Aleluia,
tirava êle a culumbrina
com tal estrago, e ruína,
que chegando a conjunção
lhe encaixou a opilação
por entre as vias da urina.

[...]

[24] Décimas [389] [« *No beco do cagalhão* »]

1 (*p. 209*)
No beco do cagalhão,
no de **espera-me rapaz**,
no de **cata que farás**
e em **quebra-cus** o acharam,
que tirando ao **come-em-vão**
que era esperador de cus,
lhe arrebentou o arcabuz
no beco de **lava-rabos**,
onde lhe cantam diabos
três ofícios de catruz
[...]

[30] Retrato [390] [« *Vá de retrato* »]

<...> (*p. 222*)
Vamos voltando
para a dianteira,
que na traseira
o cu vejo açoutado
    por nefando
Se bem se infere
outro fracasso,
porque em tal caso
só se açouta, quem conta
    o miserere.
<...>
Os pés são figas
a mor grandeza,
por cuja emprêsa
tomaram tantos pés
    tantas cantigas
<...>

[38] Oitavas [< *Oitavas canto agora por preceito* >]

1 (*p. 229*)
Oitavas canto agora por preceito,
Sem que na oitava possa diligente
Louvar as excelências de um sujeito,
Que pode ser em tudo o melhor Lente:
Mas como em mim não pode ser perfeito
O canto, ficará menos cadente
A música de Apolo, e de Talia,
Que não há cantar bem sem melodia.

2
Se do tempo perfeito o meu compasso
A compasso cantara neste canto,
Não faltara à garganta agora o passo,
E em passos de garganta[391] fôra espanto:
Porém se em canto nunca da mão[392] passo,
Como posso afinar no canto tanto,
Que me atreva a cantar vossa ciência,
Sem que falte ao compasso na cadência.

3
Canora a voz tomara, e tão suave,
Que em passos largos, e ecos repetidos
Sonora requintasse[393] aquela clave,
Em que fôssem meus ecos esparcidos:
Porém se o vosso nome o canto grave
Eleva suspendendo os mais sentidos,
com a voz, que formar o meu alento
Chegar posso também ao Firmamento.

[...]

VOLUME II

4 A NOSSA SÉ DA BAHIA

[2] Décimas [< *Quem da religiosa vida* >]

1 (*p. 235*)
Quem da religiosa vida
não se namora, e agrada,
já tem a alma danada,
e a graça de Deus perdida:
uma vida tão medida
pela vontade dos Céus,
que humildes ganham troféus,
e tal glória se desfruta,
que na mesa a Deus se escuta,
no Côro se louva a Deus.

[...]

[10] Décimas [394] [« *Senhor; os padres daqui* »]

1 (*p. 247*)
Senhor; os Padres daqui
por b quadro, e por b mol
cantam bem ré mi fá sol,
cantam mal lá só fá mi:
a razão, que eu nisto ouvi,
e tenho para vos dar,
é, que como no ordenar
fazem tanto por luzir,
cantam bem para subir,
cantam mal para baixar.

2

Porém como cantariam
os pobres perante vós?
tão bem cantariam sós,
quão mal, onde vos ouviam:
quando o fabordão erguiam
cad'um parece, que berra,
e se um dissona, o outro erra,
mui justo me pareceu,
que sempre à vista do Céu
fique abatido, o que é terra.

3 (*p. 248*)
Os Padres cantaram mal
como está já pressuposto,
e inda assim vos deram gôsto,
que eu vi no riso o sinal:
foi-se logo cada qual
direito às suas pousadas
a estudar nas tabuadas
da música os sete signos,
não por cantar a Deus hinos,
mas por vos dar badaladas.

4

Vós com voz tão doce, e grata
enleastes meus sentidos,
que ficaram meus ouvidos
engastados nessa prata:
tanto o povo se desata
ouvindo os vossos espritos,
que com laudatórios gritos
dou eu fé, que uma Donzela
disse, qual outra Marcela,
o cântico Benedictus[395].

[22] Silva [« *Reverendo vigário* »]

<...> (*p. 272*)
Mas oh se Deus a todos nos livrara
De Marão com poder, vilão com vara!
Fábula dos rapazes, e bandarras,
conto do lar, cantiga das guitarras,
<...>

[23] Décimas [< *Da tua perada mica* >]

[...]

3 (*p. 275*)
Teu juízo é tão confuso [396],
que quando a qualquer cristão
lhe entra o uso de razão,
de então lhe perdeste o uso:
sempre fôste tão obtuso,
que já desde estudantete
te tinham por um doudete,
porque eras visto por alto
na fala falso contralto,
na vista fino falsete.

[...]

[42] Décimas [397] [< *Reverendo Frei Carqueja* >]

[...]

6 (*p. 321*)
Ninguém há, que vitupere
aquêle lanço estupendo,
quando o teu pecado vendo
tomaste o teu miserere:
mas é bem que me exaspere
de ver, que todo o sandeu,
que nos tratos se meteu
de Freiras, logo confessa,
que isso lhe deu na cabeça,
e a ti só no cu te deu.

[...]

[44] Décimas [398] [< *Reverendo Padre em Cristo* >]

[...]

7 (*p. 328*)
Ficou o Mestre solfista[399]
sem chapéu destro, ou sinestro,
e ainda que na arpa é destro,
vós fôstes maior arpista[400]:
quem por ladrão vos alista,
saiba, que sois mau ladrão,
que não perdendo ocasião,
lá em cima na vossa estada,
levastes a bordoada,
cá em baixo o meu bordão.

[...]

[48] Liras [401] [« *Ouve, Magano, a voz, de quem te canta* »]

[1] (*p. 339*)
Ouve, Magano, a voz, de quem te canta
Em vez de doces passos de garganta
Amargos pardieiros de gasnate:
Ouve, sujo Alparcate,
As aventuras vis de um Dom Quixote
Revestido em remendo de picote.

[...]

[12] (*p. 341*)
Torna em teu juízo, louco Durandarte [402],
Se algum dia o tiveste, a quem tornar-te;
Teme a Deus, que em tão louco desatino
De algum celeste signo
Hei mêdo, que um badalo se despeça,
E te rompa a cabeça, ou a cabeça.

[...]

5 – ESPADA E ESPADILHA

[11] Décimas [« *Dizem, Senhor Capitão* »]

[...]

3 (*p. 376*)
Vós manquejastes de um pé,
e segundo sois Gascão
podíeis cantar então
"nanja do pernil bofé":
tão malato estáveis, que
faltastes ao carcereiro
quase quase um mês inteiro,
até que de importunado
fôstes a um pau arrimado
com figura de embusteiro.

[...]

[12] Quartetos [« *Pois me deixais pelo jôgo* »]

[...]

[9] (*p. 379*)
Que mau é Mariquitinha,
quando está com seus lundus[403]
fazer-vos com quatro cus o rebolado?

[...]

7 – SANTOS UNHANTES

[2] **Romance** [< *Senhora Dona Bahia* >]

<...> (*p. 433*)
Vem outros zotes de Réquiem,
que indo tomar o caráter
todo o Reino inteiro cruzam
sôbre a chança viandante.
De uma província para outra
como Dromedários partem,
caminham com camelos,
e comem como selvagens:
Mariolas de missal,
lacaios missa-cantante
sacerdotes ao burlesco,
ao sério ganhões de altares.
<...>

8 – A MUSA PRAGUEJADORA

[7] **Tercetos** [< *Eu sou aquele, que os passados anos* >]

[1] (*p. 469*)
Eu sou aquele, que os passados anos
cantei na minha lira maldizente
tropezas do Brasil, vícios, e enganos.

[2]
E bem como os decantei bastantemente,
canto segunda vez na mesma lira
o mesmo assunto em pectro[404] diferente.

[...]

[10 – **Monetos**] [< *Que ande o mundo mascarado* >]

[...]

43 (*p. 490*)
Que a Mãe desde pequenina
ensine a filha a ser vã,
não a doutrina cristã,
sendo cristã sem doutrina:
que a costume de menina
à moda, ao donaire, à gala,
e lhe ensine por amá-la
até cantiga amatória!
Boa história.

VOLUME III

III A CIDADE E SEUS PÍCAROS

3 – PANÇA FARTA E PÉ DORMENTE

[1] **Soneto** [405] [< *Filhós, fatias, sonhos, mal-assadas* >]

(*p. 580*)
Filhós, fatias, sonhos, mal-assadas,
Galinhas, porco, vaca, e mais carneiro,
Os perus em poder do Pasteleiro,
Esguichar, deitar pulhas, laranjadas.

Enfarinhar, pôr rabos, dar risadas,
Gastar para comer muito dinheiro,
Não ter mãos a medir o Taverneiro,
Com réstias de cebolas dar pancadas.

Das janelas com tanhos dar nas gentes,
A buzina tanger, quebrar panelas,
Querer em um só dia comer tudo.

Não perdoar arroz, nem cuscuz quente,
Despejar pratos, e alimpar tijelas,
Estas as festas são do Santo Entrudo.

[2] **Chançoneta** [406] [< *Ao som de uma guitarrilha* >]

(*p. 581*)
Ao som de uma guitarrilha[407],
que tocava um colomim
vi bailar na Água Brusca
os Mulatos do Brasil:
Que bem bailam as Mulatas,
que bem bailam o Paturi![408]

Não usam de castanhetas[409],
porque cos dedos gentis
fazem tal estropeada,
que de ouvi-las me estrugi:
Que bem bailam as Mulatas,
que bem bailam o Paturi.

Atadas pelas virilhas
cuma cinta carmesim,
de ver tão grandes barrigas
lhe tremiam os quadris.
Que bem bailam as Mulatas,
que vem bailam o Paturi.

Assim as saias levantavam
para os pés lhe descobrir,
porque sirvam de ponteiros
à discípula aprendiz,
Que bem bailam as Mulatas,
que bem bailam o Paturi.

[3] **Décimas** [< *Amanheceu finalmente* >]

[...]

8 (*p. 585*)
Assim fomos caminhando
sôbre os dous cavalos áscuas
alegres como uas páscoas,
ora rindo, ora zombando:
eu que estava perguntando
pela viola, ou rabil[410],
quando ouvimos bradar Gil,
que recostado à guitarra
garganteava a bandarra
letrilhas[411] de mil em mil.

[...]

18 (*p. 589*)
Já levantados da mesa
se quis cantar, senão quando
a pança me estava impendo
a goela entupida, e prêsa:
eu tenho esta natureza,
que depois de manducar
não me é possível piar:
será, porque certamente
pança farta, e pé dormente,
como é adágio vulgar.

[...]

[4] **Décimas** [< *Fez-se a segunda jornada* >]

[...]

3 (*p. 591*)
Cantou-se galhardamente
tais solos, que eu disse, ô
que canta o pássaro só,
e os mais gritam na semente:
tocou-se um som[412] excelente,
que Arromba[413] lhe vi chamar,
Saiu Tenudo a bailar,
e Pedro, que é folgazão
bailou com pé, e com a mão,
e o cu sempre num lugar. [414]

4
Passei eu da habilidade
tão nova, e tão elegante,
porque o cu sempre é dançante
nos bailes desta cidade:
mas em tal calamidade
tinha Pedro o cu sarnudo,
que dando de olho, ao Temudo
disse pelo socarrão,
assim tivera o cu são,
como tenho o cu sisudo.

[...]

[8] **Romance** [< *Era a Dominga primeira* >]

[...]

(*p. 808*)
Tocou-se logo a trombeta,
que um búzio[415] era potente,
em sinal de haver chegado
a capitânia do Ostende.

[...]

Fomos seguindo a viagem
tão folgazões, tão alegres,
que até as duas guitarras
iam folgando de ver-se.

[...]

VOLUME IV

10 – TERESA

[4] **Romance** [< *Na roça os dias passados* >]

[...]

(*p. 816*)
Os pássaros lhe cantaram
o seu lá sol fá mi ré,
crendo, que segunda aurora
lhes tornava a amanhecer.

[...]

13 - A FREIRA: RALO, RODA E GRADE

[18] **Décimas** [« *Um doce, que alimpa a tosse* »]

[...]

2 (*p. 868*)
Mas há grande distinção,
e discrímen temerário
entre os doces de um almário,
e as doçuras de uma mão:
e quem é tão sabichão
destro no ré mi fá sol
mal pode errar, em seu prol,
quando sabe, que a doçura
se se come, é por natura,
e os mais doces por bemol.

[...]

14 - OPÚSCULO DE PEDRO ALZ. DA NEIVA

[2] **Décimas** [« *Pedralves não há alcançá-lo* »]

[...]

3 (*p. 884*)
Pedralves tão grande asnia
jura, e firma, que não disse,
porém se era parvoíce,
diria, mais que diria:
que outros lhe ouviu a Bahia
tão gordas, tão bem dispostas,
que já à guitarra andam postas,
donde chegam a julgá-lo
mais bêsta, que o seu cavalo,
por trazê-lo sempre às costas.

[...]

18 (*p. 889*)
Assistir-lhe na agonia
vieram, sem que uma manque,
tôdas as bêstas do tanque
dos Padres da Companhia:
e uma, que cantar sabia,
uma lição lhe cantou,
e quando ao verso chegou,
onde diz: "andante me"
esticou o ruço um pé,
e dando um zurro acabou.

[...]

[8] **Décimas** [« *Sejais, Pedralves, bem-vindo* »]

[...]

9 (*p. 901*)
Tratais a êste e a aquêle
por êle de puro honrado,
que o Senhor bem inclinado
em lugar de um vós dá um êle:
mas que o chantre se desvale
em visitar-vos cada hora,
e lhe digais, venha embora,
Chantre, folga de o ver bom,
isso é ser sem tom, nem som
asneirão de foz em fora.

[...]

15 – **BRITES**

[1] **Romance** [« *Depois de mil petições* »]

[...]

(*p. 917*)
Vimos p'ra casa, e cantei
ao som da minha guitarra
"ay, verdades, que en amor
siempre fuistes desdichadas."
E Brites me respondeu
tão doce, como tirana:
en vano llama la puerta,
quien no ha llamado en el alma.

[...]

[13] **Romance** [418] [« *Aqui-d'El-Rei, que me matam* »]

(*p. 941*)
Aqui-d'El-Rei, que me matam
os negros olhos de Brites!
eu não vi mulher tão branca
com tão negros azeviches.
Dizem, que pelos cabelos
a leva certa velhice,
que como enfim é menina,
gosta mais das meninices.
Quer-se casar cum Menino,
e está nisto tão terrível,
que amanhã há de enjeitá-lo,
por lhe passar da puerice.

Está nisto tão teimosa,
tão dura, e tão invencível,
que quer enforcar-se o velho
pela demônia de Brites.
E porque Amor e beber
me deu artos alfiniques,
a Mãe, que disto não sabe,
sabe sòmente afligir-me.
Vai divertir-se na roça
confusa, chorosa, e triste,
onde os compadres lhe cantam
os desenganos seguintes.

(*p. 942*) **estribilho**

Tá tá,
não me mateis tá,
que inda que sou velho,
não hei de cansar.

[18] **Romance** [417] [« *Forasteiro descuidado* »]

(*p. 950*)

Forasteiro descuidado,
se acaso chegar vos move
ou negócio, ou pertensão,
curiosidade, ou amôres.
Guardai-vos, digo mil vêzes,
de pôr os olhos nas tôrres
dessa traidora cidade,
que tal basalisco encobre.
De um serafim o mais belo,
que o Céu corta, os ares rompe,
tão cruel, e tão tirano,
qual jamais admira o orbe:
Com êstes sinais vos dou
exemplo nas minhas dores,
forasteiro, caminhai,
queira, Amor, que vos não olhe.
Caminhai, digo outra vez,
prevenido de temores,
que eu já me vou a enterrar,
porque me condena a morte.

VOLUME V

20 - ANDANÇAS DE UMA VIOLA DE CABAÇA [418]

[63] **Décimas** [< *Ei-lo vai desenfreado* >]

[...]

4 (*p. 1185*)
Quem seu preço não entende,
não dará por êle nada,
é como cobra enroscada,
que em aquecendo se estende:
é círio, quando se acende,
é relógio, que não mente,
é pepino de semente,
tem cano como funil,
é pau para tamboril,
bate os couros lindamente.

[...]

[71] **Décimas** [< *Que esteja dando o Francês* >]

[...]

12 (*p. 1216*)
Que se vejam por prazeres,
sem repararem nas fomes
as mulheres feitos homens,
e os homens feitos mulheres:
e que estejam os misteres
enfronhados na baeta,
sem ouvirem a trombeta
do povo, que é um clarim!
será: porém sendo assim,
efeitos são do cometa.

[...]

16 (*p. 1217*)
Que ande o mundo, como anda,
e que se ao som do seu desvêlo
uns bailem ao saltarelo[419]
e outros à sarabanda[420]:
e que estando tudo à banda,
sendo eu um pobre Poeta,
que nestas cousas me meta
sem ter licença de Apolo!
será: porém se eu sou tolo,
efeitos são do cometa.

[81] **Décimas** [< *Estou pasmado e absorto* >]

[...]

8 (*p. 1240*)
O Logra [421] ficou zarolho,
porque o homem na estacada
lhe deu tão boa pancada,
que foi pancada no ôlho:
correu logo tanto môlho
pela cara, que ao cair,
quem foi ali acudir,
disse, que quando chorava
o Logra, ao ôlho cantava
"ojos, que lo vieron ir".

[...]

[84] **Décimas** [< *Vendo tal desenvoltura* >]

[...]

4 (*p. 1245*)
O Quiringa valentão [422]
por unir esta pendência,
se não ganhou indulgência,
teve um ano de perdão:
pôs-se em pé o velhacão
recebendo as alabanças,
e eu entre tantas mudanças[423]
a guitarra lhe cantei:
"servio na moxinga a El-Rei
un Quiringa con dos lanças".

VOLUME VI

[23] **Romance** [< *Vamos cada dia à roça* >]

<...> (*p. 1349*)
Vamos, e fiquemos lá
um dia, ou uma semana,
que enquanto as gaitas se tocam,
sabe a roça, como gaitas.

<...> (*p. 1350*)
E nos vamos para a roça
com nosso feixe de gaitas
até ver-me descasada
para me rir, de quem casa.

[34] **Décimas** [« *Ser um vento a nossa idade* »]

[...]

4 (*p. 1370*)
Acudiu o Tesoureiro,
que era genro da Cachorra,
dizendo, esta Negra é forra,
e eu tenho muito dinheiro:
houve dúvida primeiro,
mas vieram-na a levar,
e começando a cantar
os Padres o sub venite,
tomaram por seu desquite
em vez de cantar chorar.

[...]

[37] **Décimas** [« *Por estar na vossa graça* »]

[...]

4 (*p. 1379*)
Só vós, Úrsula bizarra,
entre uma e outra borracha
cantáveis como gavacha
sustenidos de guitarra:
<...>

[...]

21 – CATORRA

[2] **Décimas** [424] [« *Vêem vocês êste Fernando* »]

1 (*p. 1382*)
Vêem vocês êste Fernando,
guiar-te dêle, que te espreita,
que é môço, que logo arreita
ou bailando, ou não bailando:
e quem lhe disse, que quando
para bailar o convido,
pôsto que saia luzido,
e pôsto que airoso andasse,
queria eu, que bailasse
com seu fariseu saído?

[...]

23 – ANICA

[5] Romance [< *Um cruzado pede o homem* >]

(*p. 1452*)
Um cruzado pede o homem,
Anica, pelos sapatos,
mas eu ponho isso à viola
na postura do cruzado:[425]
Diz, que são de sete pontos[426],
mas como eu tanjo rasgado[427],
nem nesses pontos[428] me meto,
nem me tiro dêsses trastos[429].
Indo assim se eu não soubera
o como tens trastejado[430]
na banza dos meus sentidos
pondo-me a viola em cacos:
O cruzado pagaria,
já que fui tão desgraçado,
que buli co'a escaravelha[431],
e toquei sôbre o buraco[432].
Porém como já conheço
que o teu instrumento é baixo,
e são tão falsas as cordas,
que quebram a cada passo:
Não te rasgo, nem ponteio[433],
não te ato, nem desato,
que pelo tom, que me tanges,
pelo mesmo tom te danço.
Busca a outros temperilhos,
(*p. 1453*) que eu já estou destemperado[434],
estou para me rasgar
minhas cousas cachimbando. [435]
<...>

24 – O ENGENHO ESTÁ PEJADO

[11] Décimas [< *Na nova Jerusalém* >]

[...]

3 (*p. 1486*)
Criam os mais fariseus,
que o vinho das malvasias
era em verdade o Messias
esperado pelos seus:
por esta causa os sandeus,
como o vinho entrava já,
cuidando, que era o Maná
qualquer com galhofa interna
com seu ramo de taverna
lhe ia cantando hosaná.

[...]

[14] **Décimas** [« *Não me posso ter, Suzana* »]

1 (*p. 1484*)
Não me posso ter, Susana,
por mais que mo encomendastes,
quando comigo cascates,
que vos não cante a pavana[436]
<...>

[...]

[22] **Soneto** [437] [« *Quem deixa o seu amigo por arroz* »]

[...]

[1ª terc.](*p. 1512*)
Andar: êle vira cantar os rés,
E então lhe dei de entoar tão falsos mis,
Que saiba, como pica o meu revés.

[...]

VOLUME VII

IV – ARMAZÉM DE PENA E DOR

3 – PORTUGAL

[5] **Décimas** [438] [« *Clara sim, mas breve esfera* »]

[...]

5 (*p. 1655*)
Entoando logo um solo
em consonância jucunda
prima[439], terceira[440] e segunda[441]
a lira formam de Apolo:
<...>

[...]

[7] **Romance** [« *"Como estais, louro" diz Filis* »]

[...]

(*p. 1659*)
"Dizei o **ré mi fá** sol."
<...>

[...] (*p. 1660*)

"Tiro lico tico, **ré fá.**"
Isso são duas cousinhas,
que nos pés andam em breve
só com uma cifra escritas.
<...>

[8] **Sátira** [« *Maríniculas todos os dias* »]

[...]

[1] (*p. 1662*)
Maríniculas todos os dias
o vejo na sege passar por aqui
cavalheiro de tão lindas partes
como verbi gratia Londres, e Paris. 442

[...]

[5]
Foi um grande verdugo de bêstas,
Que com um azorrague, e dous borzeguins
Ao compás dos maus passos, que dava,
Lhes ia cantando o **lá sol fá mi.**

[...]

377 . RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. IV, 1713, p. 23) diz « Voz, que contrafaz ao tiple natural ».

378 . JOSÉ RAMOS TINHORÃO (**História social da música popular brasileira**, 1990, século XVII, p. 47) informa: « De entre as modalidades de versos cantados, o poeta-músico Gregório de Matos cultivava predominantemente, ao lado das glosas e cantigas, coplas e chansonetas, os romances que lhe permitiam contar, no estilo popular-tradicional das redondilhas maiores, ora factos engraçados ora acontecimentos variados, sempre com fundo de acompanhamento à viola ».

379 . Refere-se aos moradores da Bahia.

380 . GIL VICENTE (**Copilaçam de todalas obras**, 1983, v. II, livro IV, p. 464) já inclui, na fala de "Pero Marques", de « *A farsa do juiz da Beira* » [1525], uma menção a este instrumento: « Ora já ao fogo a guitarra! ¿ **Quem** tinha esta zanguizarra? » **Também** LUIS DE CAMÕES (**Obras completas**, 1972, p. 217), no « *Auto chamado de Filodemo* » [publicação póstuma de 1587], indica o seu uso: « Neste passo se dá a música com todos quatro. Um tange guitarra, outro pentem, outro telhinha, outro canta cantigas muito velhas ». RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário português e latino**, v. IV, 1713, p. 159) informa: « Derivase do Francez **Guitarre**, & esta do Grego **Chitaros**, que no Dialecto Dorico, (segundo a observaçaõ de Eroicano) significava o **mesmo**, q o que os Anatomicos chamaõ o **Thorax do homem**, com que tem alguma semelhança as costas da Guitarra. He instrumento musico de cordas. **Vid.** Viola. **Cithara, ou Fam.** ». MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 250) diz: « Instrumento de cordas dedilhadas ou tangidas, de origem espanhola, tendo coexistido com o alaúde e a vihuela durante o Renascimento, permanecendo, entretanto, essencialmente popular. Em Portugal é o tradicional acompanhador dos fados, e no Brasil veio dar

origem ao violão ». EMÍLIO PUJOL traz bons estudos acerca desse instrumento na Espanha, publicados em LUYS DE NARVÁEZ (*Los seys libros del Delphin*, 1945, « Vihuela, laud y guitarra », pp. 7-9) e em ALONSO MUDARRA (*Tres libros de música en cifra para vihuela*, 1949, cap. I – « La Vihuela en la musica instrumental del siglo XVI », pp. 1-15), enquanto ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA (*Instrumentos musicais populares portugueses*, 1966, pp. 123-134) acrescenta informações importantes sobre o seu uso em Portugal. No séc. XVI existiam guitarras de 4 e 5 ordens (pares de cordas), mas no séc. XVII prevalece o segundo tipo.

381 . RAPHAEL BLUTEAU (*op. cit.*, v. V, 1716, p. 234) dá, tanto para o "Machete", quanto para o "Machinho", o significado de « Viola pequena ». ANTÔNIO DE MORAES SILVA (*Diccionário da lingua portugueza*, 1789, v. II, p. 40) traz apenas « violinha, descante », enquanto JOSÉ DA FONSECA e J. I. ROQUETE (*Diccionário da lingua portugueza*, c. 1948, p. 645) « violinha ». DOMINGOS VIEIRA (*Grande diccionário portuguêz*, 1873, v. IV, p. 12) informa que "Machinho" é « Espécie de machete ou viola pequena » e (p. 10) que "Machete" é « Espécie de cavaquinho, muito usado na Ilha da Madeira etc. » LUIS DA CÂMARA CASCUDO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1980, p. 451) é mais claro: « Machete. Machim, machinho, machetinho, instrumento de cordas, espécie de cavaquinho, vindo de Portugal, possivelmente da ilha da Madeira, onde também lhe chamam braguinha. É pequeno, armado com quatro ou cinco cordas duplas, afinadas em quintas ». Finalmente, RENATO ALMEIDA (*História da música brasileira*, 1942, p. 310, nota 353) transcreve um texto de LUIS DA CÂMARA CASCUDO, mas sem citar a fonte, que vale a pena anexar a esta nota: « O Cavaquinho, também com êste nome em Portugal, é de origem da ilha da Madeira, onde o chamam **Braguinha**. O **Braguinha** tem 17 trastos, 51 centímetros de comprimento, com quatro cordas de tripa, às vezes a primeira de aço, à mó, afinando na segunda inversão do acorde de sol-maior. Essa história de afinação não é dogma. A nossa é diversa, e vai mudando, de Estado para Estado. ¶ O **Braguinha** ainda é conhecido por **Braga**, etc. Todos êsses informes encontro-os no livro do Sr. Carlos M. Santos, *Tocares e Cantares da Ilha* (Estudo do Folclore da Madeira. Funchal, 1937, pp. 33-34). **O nome por que é conhecido (no Continente chamam-lhe cavaquinho) motivou suspeitas de ser originário de Braga**, etc. A razão era outra e é apontada. **Braguinha** vem de ser tocado pelos homens que usavam a **braga, antigo traje dos nossos camponeses.** Diga-se ainda que o **Braguinha** tem sido, há muitos anos, exportadíssimo para a América do Norte e do Sul, ilhas do Sandwich, etc. Outro instrumento legitimamente madeirense, o **Rajão** é universalmente famoso pelo seu nome de crisma **Ukelele. Duncan Sisters, Dolly and Billy** e a **Jack Hylton's Band** popularizaram, há vinte anos, o **ukelele**, como sendo instrumento típico de Honolulu. E todos nós ouvimos a sonoridade do exilado **Rajão** português, escondido nas melodias nostálgicas dos **Honolulu Blues**. ¶ O Cavaquinho é português, nacionalisado pelos nossos seresteiros. Instrumento de modinha e samba, jamais ultrapassou seu limite, valorizado nos **conjuntos** convencionalmente **malandros** da música carioca. ¶ Desde 1676 que os madeirenses vêm para o Brasil. E a saudade da ilha inesquecível emigra no bôjo ressonador dos **cavaquinhos**... ».

382 . Fala do « embebedar-se ».

383 . No alto da vem impresso o seguinte comentário sobre esta composição: « A huma cantigas, que costumavam cantar os chulos naquelle tempo: "banguê, que será de ti?" e outros mais piedosos cantavam: "meu Deos, que será de mim?" o que o poeta glozou entre a alma christã resistindo ás tentações diabolicas ».

384 . Na seção **homens de bem**, JAMES AMADO transcreve duas decimas de GREGÓRIO DE MATOS que principiam por « Banguê, que será de ti ».

385 . JOSÉ RAMOS TINHORÃO (*História social da música popular brasileira*, 1990, século XVII, p. 51) informa: « A chula baseada no mote "Banguê, que será de ti?", aliás, parece indicar a exploração do tema do destino do homem após a morte (além do "que será de ti?" o verso fala no banguê, que era a rede ou padiola em que se conduzia ao túmulo os corpos dos escravos e dos miseráveis), o que viria a confirmar cem anos depois o pessimismo detectado por GIL VICENTE, ao distinguir nas cantigas representativas da nova sociedade urbana "o som lamentado / carregado de fadigas". E o facto de a chula do "Banguê, que será de ti?" não ser cantiga alegre era o próprio poeta quem o confirmava, ao fazer o Demónio — que em sua glosa em décimas mantinha duelo cantado com a Alma — convidar as gentes a não temerem as tentações e a aproveitar os prazeres da vida ».

386 . Discorre sobre « As Aves, que peregrinas ».

387 . É este o comentário sobre o soneto: « Ao mesmo Governador [*Antonio Luiz Gonzalez da Camara Coutinho*] subtilmente remoqueia o poeta o descuidar-se de sua honrada supplica sobre a mercê ordinaria, lembrando-lhe, que á dera a hum soldado ridiculo chamado o Faria, por quem naquelle tempo cantavão os chulos "A molher do Faria vay pera Angola" ».

388 . Satiriza o Governador Antonio Luiz, imaginando uma sua antepassada.

389 . O poeta está satirizando o Governador Antonio Luiz e seu criado Luiz Ferreyra de Noronha.

390 . Intenta, aqui, um retrato falado do Sr. Antonio Luiz.

391 . RAPHAEL BLUTEAU (***Vocabulário portuguez e latino***, v. IV, 1713, p. 32) diz: « Garganta (Termo de Musico) Passo de garganta. ... Garganteer, & garganteo ». E, para "Gargantear", dá « Variar promptamẽte as vozes, & os tons com a diminuiçaõ de huma nota em muytas partes ». LUYS MILAN (*Libro de musica de vihuela de mano*, 1975, f. Diijr), em 1535, utiliza com freqüência em suas canções a expressão « el cantor puede hazer garganta ».

392 . MATHIAS DE SOUSA VILLA-LOBOS (***Arte de cantochão***, 1688, cap. IV, p. 12), traz uma excelente gravura da "mão", artifício gráfico auxiliar da "solfa". Segundo este (p. 11), « Guido Aretino (como fica dito) invẽtou a mão cõ vinte signos, aplicãdo as letras de Sam Gregorio às vozes ».

393 . TOMÁS BORBA e FERNANDO LOPES GRAÇA (***Dicionário de música***, v. II, 1963, p. 450) informam: « Produzir o harmónico 3, dupla quinta acima da fundamental, ou prima. É pròpriamente, produzir um som rico de harmónicos, dos quais se destaca como mais saliente o da dupla quinta. Este fenómeno revela-se com muita nitidez nos sinos ».

394 . Precede as décimas o comentário: « Obrigados os ordenados a cantar o canto cham desafinaram perturbados a vista do prelado, e os obrigou, a que estudassem os sette signos. Celebra o poeta este caso, e louva a pradica, que fez Sua Illustrissima ».

395 . GREGÓRIO DE MATOS é, sem dúvida, o poeta seiscentista que deixou a maior contribuição para a musicologia no Brasil, preocupando-se em dar o contexto social da prática da música. Não era o caso de outros autores que, abusando da terminologia musical, pouco informavam sobre seu uso na vida quotidiana. Como exemplo, transcrevemos um soneto de MANOEL CARNEIRO, que serve de introdução ao Sermão (1688, f. A3v) que pregou no « Collegio do Rio de Janeiro, em o segundo dia das quarenta horas, no anno de 1667 », intitulado « *A la Novedad, Ingenio, y Arte, con que el Avtor de Sermão, ha lançado contrapuncto Divino, a los tiempos de la solfa humana* ». Eis o soneto: « Maestro de Capilla, al mundo dado, | Serena de la mar, que al orbe encanta, | Musico Divino, el que asy canta, | Contrapuncto tan raro, y llevantado. | La Musica de Dios, aveis cantado | En el tiempo perfecto, con boa tanta | Que a la solfa del mundo bien descanta | El tiempo imperfecto, mal gastado | El de peraudio tiempo, por tal arte | Al mundo ostentastes, tan patente, | Que Solo de imperfecto, mostra mengua | Cantese vuestra solfa en toda a parte | Venere el orbe todo, y toda a gente | La noble pluma vuestra, y vuestra lengoa ».

396 . Fala ao Vigário Antonio Marques de Perada.

397 . Vem precedido do comentário: « A certo frade que galanteando huas senhoras no Convento de Odivelas, lhes entregou habito, e menores para um fingido entremez, e conhecendo o chasco, em alta noyte deo em cantar o miserere, borrando e ourinando todo o parlatorio, pelo que a abadeça lhe deo os seus hábitos, e hua lanterna para se retirar à Lisboa ».

398 . Comentário sobre estas décimas: « A certo frade que pregando muitos despropositos na Madre de Deos foi apedrejado pelos rapazes, e se fingio desmayado por escapar: mas depois furtando ao poeta um bordão, e ao arpista da festa um chapeo, se retirou: porem sabendo-se do furto lhe foy ao caminho tirar das mãos hum mulato de Domingos Borges ».

399 . Na acepção do termo, **mestre ou professor de solfa** (música). A referência à "harpa", instrumento utilizado pelos **mestres de capela**, indica serem os termos sinônimos. JOSÉ DE MORAIS ♱ (*História da Companhia de Jesus na Província do Maranhão e Pará*, 1759, livro III, cap. I, p. 190) confirma a identidade do **mestre da capela** e do **mestre da solfa**, ao incluir, entre os beneficiados da Sé de Belém, no séc. XVIII, « 9 Capellães musicos com 1 mestre de solfa ».

400 . RAPHAEL BLUTEAU (***Vocabulário portuguez e latino***, v. I, 1712, p. 517) indica « Aquelle, que tange arpa. **Qui Arpã canit.** Alguns Authores de Vocabularios lhe chamaõ **Citharista**, **ae. Masc.** E se cantar tangendo, **Citharoedus**, **i. Masc.** ».

401 . Comentário: « Ao louco desvanecimento com que este frade tirando esmollas cantava regaçando o habito por mostrar as pernas, com presunções de gentilhomem, bom membro, e boa voz ».

402 . Durandarte é o personagem-título de um romance muito comum na música renascentista espanhola. Estão publicadas duas versões deste romance, com « tiple » muito semelhante, uma de compositor de sobrenome MILLAN (encontrada no « *Cancionero del Palacio* ») no ***Cancionero musical de los siglos XV y XVI*** (transcrito e publicado por D. Francisco Asenjo Barbieri], Madrid, 1890 e outra de LUYS MILAN, publicada em versão para voz e « vihuela de mano » no ***Libro de musica de vihuela de mano...*** (Vallencia, Francisco Diaz Romano, 1535, ff. Diijv-Diiijr). Várias outras edições destas peças existem, todas, porém, com base nas publicações aqui mencionadas.

403 . Os calundús ou lundús são mencionados por GREGÓRIO DE MATOS em duas outras ocasiões: na poesia que começa por « Já que me põem a tormento », preceito 1 (v. I, pp. 15-16) e na que começa com « Brásia: que brabo desar! » (v. V, pp. 1133-1136). Eram funções religiosas africanas praticadas no Brasil e não tinham o mesmo significado do lundú encontrado entre nós no séc. XVIII. JOSÉ RAMOS TINHORÃO (*Os sons dos negros no Brasil*, 1988, pp. 35-36), comentando a segunda poesia citada, informa: « A mais importante revelação encontrada nos versos dessa anedota seiscentista de Gregório de Matos, porém, é o fato de mostrar que a palavra calundus admitia o sinônimo lundus, usado também sempre no plural. Essa sinonímia, afirmada pelo gramático João Ribeiro em seu livro *A língua nacional*, mas negada pelo musicólogo Mozart de Araújo em seu estudo *A modinha e o lundu no século XVIII*, implica numa discussão que interessa à história da música popular no Brasil: uma vez que a partir dos setecentos começam a aparecer notícias em torno de uma dança de roda à base de umbigadas e castanholar de dedos com o nome de lundu, teria tal novidade alguma coisa a ver com os batuques chamados de calundus e, às vezes, de lundus? ¶ Apesar da sinonímia, a resposta certa é negativa, porque os lundus-calundus — com toda a idéia de sons de batuque e de dança que a eles se tenha agregado — têm sempre em comum a origem religiosa, enquanto o futuro lundu (conhecido também como lundum, landum, londum, londu e landu) refere-se invariavelmente a uma dança profana, mais cultivada por brancos e mestiços do que por negros, e que estava destinada a transformar-se, ainda no século XVIII, em número de teatro e canção humorística ».

404 . RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário portuguêz e latino*, v. VI, 1720, p. 547) informa: « Plectro. He palavra Latina de Plectrum, i. Neut. que quer dizer Arco de Rebeca, ou outro semelhante instrumento de cordas. ... Os Poetas vulgares chamão Plectro a qualquer instrumento musico de cordas ». Há, porém, outro significado, como se vê em MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 103): « Pequena peça de marfim, madeira, metal ou plástico, com que faz soar as cordas dos instrumentos de cordas dedilhadas, como o bandolim, alaúde, etc. ».

405 . Comentário: « Descreve a confusão do festejo do Entrudo ».

406 . Comentário: « Descreve a jocozidade, com que as mulatas do Brasil baylão o paturi ».

407 . RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário portuguêz e latino*, v. IV, 1713, p. 159) dá « Diminutivo de Guitarra » para o termo "Guitarrinha". Parece ser instrumento diferente do machinho ou machete, uma vez que GREGÓRIO DE MATOS também o menciona.

408 . Os dicionaristas portugueses e brasileiros consultados desconhecem esta dança, cujo nome é o mesmo que se dá à ave sul-americana *Momonyx dominicus*, Lineu. Mas JOSÉ RAMOS TINHORÃO (*História social da música popular brasileira*, 1990, século XVII, p. 59) estudou essa manifestação, informando: « Pela descrição dessa dança de mulatas (que em Seiscentos começavam a formar o contingente das mestiças forras e livres destinadas no século seguinte a ter um peso tão grande na conformação étnico-psicológica da maioria das baixas camadas sociais, até a classe média), Gregório de Matos. faz saber que por aquela década de 1680-1690 já se dançava na área popular castanholando com os dedos. Ora, se a essa característica do estalar de dedos própria do fandango ibérico, aqui apontada no paturi, se somar outra indicação fornecida pelo próprio poeta, sobre umbigadas vistas em festas de pardos de Salvador em homenagem a Nossa Senhora do Amparo ("e como sofre o moinho | levou tantas embigadas (...)"), pode concluir-se já existirem ao seu tempo - embora isoladamente - os dois elementos que, reunidos, fariam no século XVIII surgir o lundu ».

409 . RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário portuguêz e latino*, v. II, 1712, p. 185) dá, para "Castanhetas", « Pedacinhos de pao concavos, & redondos por fóra, a modo de castanhas, que se atão ao dedo polegar, & com que se faz nas danças hum sonido alegre ». Eram bastante conhecidas em Portugal, naquela época, mas, a julgar pela documentação sobre o Brasil, não foram utilizadas entre nós. Tanto é que conhecemos o instrumento pela designação castanholas (do esp. castañuelas) e não pelo termo português castanhetas. Há excelente estudo sobre as castanhetas portuguesas em ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA (*Instrumentos musicais populares portugueses*, 1966, pp. 224-226). Cf. também F. J. FÉTIS (*A música ao alcance de todos*, 1858, p. 27), FRANCISCO SOLANO CONSTÂNCIO (*Novo diccionário crítico e etimológico da língua portuguesa*, 1863, p. 233), ISAAC NEWTON (*Dicionário musical*, 1904, p. 62) e PEDRO SINZIG (*Pelo mundo do som*, 1959, p. 143).

410 . Para RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário portuguêz e latino*, v. I, 1712, p. 543), « Arrabil, ou Rabil, ou Rabel » era « Instrumento pastoril de cordas, & arco a modo de Rebecca pequena ». Os termos são muito freqüentes na poesia portuguesa e espanhola antiga, mas tal instrumento não é descrito em uso no Brasil.

411 . MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 283) dá « Pequena composição poética, geralmente em quadras, para ser cantada, originalmente na Espanha e difundida em Portugal », citando esta passagem de GREGÓRIO DE MATOS.

412 . RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário portuguêz e latino*, Suplemento, v. II, 1728, p. 220) define "Som" por « peça, que se poem à viola ».

413 . Um dos sons de que fala RAPHAEL BLUTEAU é o "Arromba", que define desta maneira (*op. cit.*, Suplemento, v. II, 1727, p. 74): « Peça, que se toca na viola ou corrida, ou por pontos ».

414 . JOSÉ RAMOS TINHORÃO (*História social da música popular brasileira*, 1990, século XVII, p. 58) informa: « Tal como a boa interpretação dos primeiros versos indica, Gregório de Matos começa por um protesto contra o facto de os músicos participantes do passeio estarem entoando apenas cantigas a solo, o que deixava os demais na condição passiva de meros ouvintes ("que canta o pássaro só, | e os mais gritam na semente"). Passa-se então às danças com a novidade do arromba, na coreografia da qual o poeta aponta desde logo a novidade de vê-la dançada sem movimento dos quadris, quando o rebolado de influência negro-africana já era característica das danças populares da época ».

415 . RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. II, 1712, p. 214) descreve o "Búzio" como « Concha do mar, retorcida, da feiçaõ de corneta, ou Piaõ, com que jogaõ os rapazes ». LUÍS DA CÂMARA CASCUDO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1988, pp. 156-157) tem excelente texto sobre o instrumento, do qual transcrevemos um pequeno trecho: « Os grandes búzios eram empregados no Brasil como buzinas, uso universal, sagrado e profano. As antigas barcaças e botes de pescarias trocavam saudações na linguagem dos toques do búzio. O som agudo dos búzios chamava o vento, ouvido a distâncias grandes (...) As barcas de certo porte saudavam-se por intermédio do búzio ». ISAAC NEWTON (*Dicionário musical*, 1904, p. 50), TOMÁS BORBA e FERNANDO LOPES GRAÇA (*Dicionário de música*, v. I, 1962, p. 243) e MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, pp. 75-76) também trazem bons verbetes sobre o búzio.

416 . Comentário: « Magoado o poeta e sentidíssimo com esta pena de ver frustrados todos os seus intentos, cantava ao som do seu instrumento a seguinte letra ».

417 . Comentário: « Costumava cantar o poeta esta letra a seu instrumento, em quanto lhe durou o pezar das tyrannias desta dama ».

418 . Junto a este título [p. 1071], vem impressa a seguinte citação de MANUEL PEREIRA RABELO, Licenciado, sem indicação de fonte: « Fazia apreço particular de huma viola, que por suas curiosas mãos fizera de cabaço, frequentado divertimento de seus trabalhos; e nunca sem ela foy visto nas funções a que o convidavam ».

419 . Segundo RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, Suplemento, v. II, 1728, p. 191), "Saltarello" é « Certo som à viola ». MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 452), citando esta passagem de GREGÓRIO DE MATOS, acrescenta: « Dança originária da Itália, de movimento rápido, saltada em compasso 3/4, ou 6/8. Foi muito popular durante o séc. XVI, em geral sucedendo a pavana ». Mas, apesar de ter sido conhecida em Portugal, esta dança foi citada apenas pelo poeta seiscentista, não sendo mencionada na documentação da época sobre o Brasil.

420 . RAPHAEL BLUTEAU (*op. cit.*, v. VII, 1720, pp. 494-495) informa: « Sarabanda, ou çarabanda. Derivase de Sarao, que he Bayle, ou de hũa Comediante chamada Sarabanda, ou (como querem outros) do Hebraico Çara, que val o mesmo que Saltar de hũa parte para outra, Andar em redondo, etc.) acções proprias de quem bayla a sarabanda, porque meneа os braços, & o corpo tangendo as castanhetas, & anda rodeando a casa, em que bayla. He dança alegre, & lasciva; & ha opiniaõ, que as mulheres de Cadiz a inventàraõ, que se usára em Roma em tempo de Marcial, & que fallára o dito Poeta nesta dança no livro 6. Epigram. 7. ¶ (...) O mais certo he que os Mouros trouxerão esta dança a Granada ». MÁRIO DE ANDRADE (*op. cit.*, 1989, p. 464) acrescenta: « Dança de origem espanhola, já mencionada por Rodrigo Caro nos Dias hubricos (séc. XVII), em compasso ternário e ritmo característico, andamento lento e coreografia que lhe imprimia feição grave e solene ». Esta, porém, é a única referência conhecida à sarabanda no Brasil seiscentista, como foi o caso do saltarelo.

421 . « Logra » : trata-se de um negro de André de Brito, que teve um olho vazado.

422 . Trata-se de um mulato que, como o autor, também estava preso.

423 . MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 351) dá « Mudança – Ato de trocar, mudar de um acorde para outro, a posição dos dedos da mão esquerda no braço dos instrumentos de cordas em geral ».

424 . Comentário: « Sacode zelosa o poeta a Fernão Roiz Vassalo, que se contratava com esta celebrada Catona, sendo o violista das petas daquelle destrito: porque vindo dançar com alguns em presença do mesmo poeta lhe sahio o membro por entre os trapos da barguilha ».

425 . RAPHAEL BLUTEAU (Vocabulário português e latino, Suplemento, parte II, 1728, p. 302) informa: « As posturas de mão no tanger Viola saõ Forças, Trempe, Caranguejo, Vaõ, Cruzado, &c. ». As posturas eram posições fixas de acordes que se executavam na viola provavelmente com a técnica do rasgado, que o poeta menciona neste mesmo romance.

426 . Sete pontos ou sete signos da música são, ao que parece, os sete graus da escala diatônica ocidental.

427 . RAPHAEL BLUTEAU (Vocabulário português e latino, v. VIII, 1721, p. 39) diz « Tanger corrido, ou rasgado ». MÁRIO DE ANDRADE (Dicionário musical brasileiro, 1989, p. 427) recolhe opiniões, segundo as quais, o termo seria brasilianismo ou americanismo. Porém, o rasgueado já era usado, pelo menos, em 1596, quando JUAN CARLOS Y AMAT publica o livro Guitarra Española y Vándola..., um tratado sobre o uso dessa técnica. Cf. TOM EVANS e MARY ANNE EVANS (Guitars, 1979, p. 110). O rasgado, técnica de mão direita para os instrumentos de cordas dedilhadas, hoje conhecido como rasqueado ou rasgueado, foi indicado pela primeira vez na música brasileira em um manuscrito do século XVIII, intitulado « Modinhas do Brazil » (Biblioteca da Ajuda, Portugal, MS 1596, modinha nº 17, « Ninguém morra de ciume »). GERARD BEHAGUE (Biblioteca da Ajuda (Lisbon) MSS 1595/1596, 1968, p. 63) tenta interpretar o termo como uma indicação de caráter, atribuindo ao seu uso origem afro-brasileira, mas sem qualquer fundamentação musicológica.

428 . Para MÁRIO DE ANDRADE (op. cit., 1989, p. 407), "ponto" é « O mesmo que tasto », informando que « Ainda no sentido de tasto, ou trasto, foi usado por Gregório de Matos ». Porém, os sete pontos do poeta seiscentista parecem indicar os sete graus da escala diatônica, ou os sete signos da música, a que se referia na terceira estrofe das décimas que principiam com « Senhor; os Padres daqui ». Em 1535, LUIS MILAN usou no Libro de musica de vihuela de mano (1975, f. Aiiijr) a expressão "puntos de canto", deixando informações como a que se segue (idem, [f. 86r]): « si el tiple sube nueve pūtos encima de su clausula final / y abaxa tres o quatro puntos debaxo la dicha clausula final: entonces vsa del termino del tono maestro y del discipulo / y se mescla conellos ». Cf. também PAULO CASTAGNA (Os modos e a gênese musical em Luis Milan, 1990).

429 . RAPHAEL BLUTEAU (Vocabulário português e latino, v. VIII, 1721, p. 257) informa: « Trastes tambem se chamão as cordas, que no braço da viola, de espaço em espaço dividem os pontos. Querem alguns, que Trastes neste sentido se derive do Latim Transtra, que saõ os bancos dos remeyros da galé, ou traves de parede a parede; porque no braço da viola ha divisoens de cordas, para os tonos, & semitonos. Transversae ad cervicem lyrae fides. Tambem os nolhinhos das ditas cordinhas se chamão Trastos. ».

430 . Trastejar é termo utilizado até hoje, para designar o ruido indesejável das cordas ao resvalarem no braço ou trasteira dos instrumentos de cordas dedilhadas.

431 . Escaravelha é termo arcaico para cravelha, peça de madeira que integra a cravelheira, aparato para a afinação das cordas da viola e de instrumentos similares.

432 . "Buraco" é o « vaõ do tampo da viola », de RAPHAEL BLUTEAU (Vocabulário português e latino, v. III, 1713, p. 268), onde se instalava o "espelho", « Chapa de pergaminho, redonda, lavrada ao pique ».

433 . Para MÁRIO DE ANDRADE (Dicionário musical brasileiro, 1989, p. 407), "ponteio" é « Toque de viola de quem está a pontear ».

434 . Por "destemperar", entende RAPHAEL BLUTEAU (Vocabulário português e latino, v. III, 1713, p. 174) « Causar dissonancia em cousa armonicamente têperada. Destemperar huma viola. Desconcertar armonia das cordas ».

435 . JOSÉ RAMOS TINHORÃO (História social da música popular brasileira, 1990, século XVII, pp. 49-50) analisa o conteúdo deste romance: « De saída Gregório de Matos informa sua disposição de responder ao pedido à viola, cantando "na postura do cruzado", ou seja, na forma de versos em que o significado resultaria do cruzamento do duplo sentido das palavras. E é o que realmente faz, através de uma engenhosa manipulação da significação das palavras pois, ao afirmar desde logo que nada tem a ver o tamanho dos sapatos (que eram medidos por pontos), alega não tocar a viola por pontos, ou de forma dedilhada, mas pelo processo popular de ferir as cordas todas de uma vez, que era o chamado toque rasgado. Por essa razão, além de não se meter com pontos, dizia não se importar com pormenores — "nem me tiro desses trastos" —, o que era referência às marcações no braço do instrumento, sobre as quais se aperta a corda para variar os tons. Isso permitia-lhe continuar a cruzar o sentido das palavras informando à amante que, apesar de tudo, talvez lhe desse o cruzado para os sapatos se ela não tivesse tratejado, ou perturbado sua harmonia de espírito ["o como bens tratejado | na banza dos meus sentidos" (...)], perturbando-lhe a rotina da vida ("pondo-me a viola em cacos"). Sempre cruzando os diferentes sentidos das palavras, o poeta reconhecia ter-se aproveitado sexualmente de Anica, não apenas com titilações no bico dos seios (comparado com a cravelha, a pequena cabeça de madeira que se torce para esticar as cordas do instrumento), mas até tocando-lhe o buraco (que tanto tem no corpo a mulher quanto a

viola]. Gregório excluía porém a possibilidade de atender ao pedido da mulher alegando que, além de baixo (desafinado por defeito), seu instrumento sexual se revelara frouxo como se tivera "falsas as cordas | que quebram a cada passo". E, assim, concluía que, por todas as razões apontadas, não desejava mais qualquer novo contacto sexual-musical com Anica ("não te rasgo, nem ponteio"), resolvendo dar-se como pago da recusa do dinheiro, pelo que não recaíera em gozos ("que pelo tom que tanges, | pelo mesmo tom te danço"), e recomendando-lhe que procurasse afinar-se com outro ("busca a outro bemperilhos"), pois de sua parte sentia-se incapaz ("que eu já estou destemperado | estou para me rasgar" | (...) ». LUIS DE CAMÕES (*Obras completas*, 1972, pp. 136-137), no « *Auto chamado de Filodemo* » (publicação póstuma de 1587) já havia feito composição semelhante à de GREGÓRIO DE MATOS, utilizando termos característicos da música para viola com duplo sentido: « A viola, Senhor, vem | sem primas nem derradeiras. | Mas sabe que lhe convém? | Se quer, Senhor, tanger bem, | Há-se haver mister terceiras ». E ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA (O Judeu) também deixou, em ***Guerras do Alecrim, e Mangerona*** (Lisboa, Antonio Isidoro da Fonseca, 1737, pela edição de 1987, pp. 17-18), um soneto de conteúdo análogo « Primas, que na guitarra da constancia | taõ iguaes retiniz no contraponto, | que naõ ha contraprima nesse ponto, | nem nos porpontos noto dissonancia: | Oh falsas naõ sigaes nesta jactãcia | pois quando attento os numeros vos conto, | nessa belleza armonica remonto | ao plectro da Phebina consonancia: | Já que primas me sois, sede terceiras | de meu amor, por mais Q vos agaste | ouvir de hum cavalete as trioleiras; | Se encordoaes de ouvirme ô primas baste | de dar à escaravelha em taes asneiras, | Q em fim isto de amor he hũ lindo traste ».

436 . RAPHAEL BLUTEAU (***Vocabulário portuguêz e latino***, v. VI, 1720, p. 324) define a "Pavana" como « Casta de dança inventada em Castella, ou em Italia, & antigamente usada em França, com *notavel gravidade*, porque os Militares faziaõ com capa, & espada; os Ministros da Justiça com suas togas, ou beces, & as Damas com vestiduras rogaçantes. Como a pompa desta dança era hũa especie de ostentaçaõ ao modo do pavão, quando abre, & estende as pennas da cauda, parece lhe chamaraõ **Pavana**, como quem dissera, **Pavoneda** ». A dança e sua música são hoje bastante conhecidas, mas não há referências diretas à sua prática no Brasil desse período.

437 . Comentário: « Ao mesmo [*Francisco Ferreyra*] e pelo mesmo caso, que chamava ao poeta seu mestre na solfa, porque com elle cantava as vezes ».

438 . Comentário (p. 1654): « Ouvindo o poeta cantar no mesmo convento [« *de N. Senhora das Neves na Freguezia das Avelãas* »] a Dona Maria Freyra de veo branco a quem tocava rabecão sua irmãa Dona Branca, Dona Clara outro instrumento ».

439 . RAPHAEL BLUTEAU (***Vocabulário portuguêz e latino***, v. VI, 1720, p. 734) afirma que « Nos instrumentos de corda, como a viola, &c. he a primeira corda, a mais delgada, & a mais aguda ».

440 . Obviamente, a terceira **ordem** (par de cordas) da viola. Contudo, esta denominação não era usual, como atesta RAPHAEL BLUTEAU (***Vocabulário portuguêz e latino***, v. VIII, 1721, p. 508) acerca desse instrumento: « Tem cinco cordas, a saber, a primeira, a segunda, & corda prima, a contraprima, & o bordão ».

441 . RAPHAEL BLUTEAU (***Vocabulário portuguêz e latino***, v. VII, 1720, p. 552) informa: « Na viola, he a segunda corda das cinco do dito instrumento, entre a primeyra, & a corda prima ».

442 . HEITOR MARTINS (*A música do Mari-Nicolas*, 1990, p. 4) informa: « Um dos poemas mais conhecidos da Literatura Brasileira é o **Marinícolas**, de Gregório de Matos. Escrito provavelmente em 1668, quando o poeta exercia importantes funções judiciais em Portugal, diz a tradição que o poema foi tão popular a ponto de ser decorado pelo Rei D. Pedro II. A despeito disto, só foi publicado parcialmente em 1850 por José Maria da Costa e Silva, no tomo 9 de seu **Ensaio Biografico-Critico Sobre os Melhores Poetas Portuguezes**, e, em sua totalidade, em 1882, por A. do Valle Cabral no primeiro e único volume das **Obras Poéticas** do poeta bahiano. Todas as outras edições extensas da obra do poeta tem incluído o **Marinicolas**, às vezes com variantes notáveis ». Logo adiante, acrescenta: « O que talvez tenha dado esta popularidade cortesã ao **Mari-Nicolas** foi o fato de tratar-se de uma paródia à mais popular canção de sua época ». E, finalmente esclarece: « A versão original, com possíveis variantes, da **espanholeta** parodiada por Gregório de Matos intitula-se **Mari-Zápalos** e, durante os cem anos que vão de 1650 a 1750 pelo menos, é a canção bailável mais popular na Península Ibérica ». HEITOR MARTINS encontrou as versões musicais mais antigas dessa **espanholeta** no *Libro segundo de cifras sobre la guitarra española*, da ***Instruction de musica sobre la guitarra espanola...*** (Saragoça, 1675), de GASPAR SANZ, e no ***Poema harmonico, compuesto de varias cifras por el temple de la guitarra espanola...*** (Madrid, 1694), de FRANCISCO GUERAU, informando que « **Mari-Zápalos** era música para canto e dança ». E dá a notícia mais interessante: « Menos sofisticada, porém de grande interesse para Gregório de Matos, é uma versão manuscrita existente na Biblioteca Municipal do Porto (Ms. n. 1577, Loc. B, 5), ainda inédita, embora transcrita modernamente por Barton Hudson. O volume intitula-se *Libro de cyfra adonde se contem varios jogos de versos e obras e outras curiosidades de varios autores* e, segundo Barton Hudson, em seu estudo inédito do manuscrito, deve ter sido compilado entre 1700 e 1710. No seu fólio 112 encontra-se uma **Mari-Zápalos** que poderá ser a versão popular corrente no Portugal da época ». Transcrevemos, no EXEMPLO MUSICAL V-B, a versão da Biblioteca do Porto, deixando aqui a primeira estrofe do Mari-Zápalos, que MARTINS anexa à p. 5,

informando ser versão de MIGUEL LÓPEZ HONRUBIA, datada de 1657: « Mari-Zápalos bajó una tarde | Al fresco sotillo de Vacia-Madrid, | Porque entónces pisándole ella | No hubiese más Flándes que ver su pais: ».

169

RAPHAEL DE JESUS
(1614 - 1692)

LIVRO: CASTRIOTO LUSITANO. Lisboa, Antonio Craesbeeck de Mello, 1697.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Reimpresso em 1844 (Paris, João Pedro Aillaud), o livro de RAFAEL DE JESUS termina com o seguinte comentário (p. 701): « Com lhe dar occaziões para o serviço, o buscàraõ os premios, & soube Joaõ Fernandes Vieira achar occaziões, para fazer dos premios, os mayores serviços, como diremos na segunda parte de sua historia, que sendo Deos servido, daremos à estampa muyto brevemente ». Porém, na edição de 1844 (pp. 604-605), AILLAUD comenta: « Esta segunda parte de que falla o autor nunca se imprio [sic], nem mesmo é certo se elle a compoz ». O « *Castrioto Lusitano* » é um título laudatório atribuido a João Fernandes Vieira, baseado na alusão a Jorge Castrioto, rei da Albânia.

NOTA SOBRE O AUTOR: RUBEM BORBA DE MORAIS (*Bibliographia brasiliana*, c. 1983, v. 1, p. 427) informa que RAFAEL DE JESUS nunca esteve no Brasil e baseou seu trabalho no manuscrito de DIOGO LOPES SANTIAGO « *Historia da guerra de Pernambuco e feitos memoraveis do Mestre de Campo João Fernandes Vieira...* » (publicado na *Rev. Inst. Hist. Geo. Br.*, v. XXXVIII-XLIII de 1875-1880) e em livros como o *Valeroso Lucideno* de MANUEL CALADO, as *Epanaforas* de FRANCISCO MANUEL DE MELLO e outros.

EDIÇÃO UTILIZADA: *CASTRIOTO | LVSITANO | Parte I. | Entrepresa, E Restavraçaõ | de Pernambuco; & das Capitanias Confinantes. | Varios, E Bellicos Svccessos | Entre Portuguezes, E Belgas. | Acontecidos Pello Discurso De Vinte E Quatro Annos, E | tirados de noticias, relações, & memorias certas. | Compostos Em Forma De Historia | pello Muyto Reverendo Padre Prègador Gèral Fr. Ra-|phael de Iesvs Natural da muyto Nobre, & sempre | Leal Villa de Guimarães. | Religioso Da Ordem Do Principe Dos Patriarchas | S. BENTO. | Professo Na Sua Reformada Congregaçaõ De | Portugal, & nella D. Abbade do Insigne Mosteyro de S. Bento de Lisboa este | presente anno de 1679. | Offerecidos | A Joaõ Fernandes Vieira | Castrioto Lvsitano | E por Elle Dedicados Ao Serenissimo Principe | D. Pedro Nosso Senhor. | Regente Da Lusitania Monarchia. | Lisboa. | Com as licenças necessarias. | Na Impressaõ de Antonio Craesbeeck de Mello Impressor de Sua Alteza | Anno. 1679.* [21 x 20; 17 ff. inum.; 701 pp.; 3 ff. inum.; BIEB: 2-a-20].

CASTRIOTO LVSITANO Parte I. Livro V.

[...]

3. <...> (*p. 200*) [*"A Deos no zelo de seu culto." (sobre João Fernandes Vieira, em Pernambuco no ano de 1640)*] Para que os officios Divinos se celebrassem, & frequentassem os Sacramentos com liberdade, & com pompa, comprava ao Hereje [*holandês*] permissoēs, & sustentava em sua caza capela de Musicos escolhidos, & diversos ternos de charamelas[443]. Animava aos Parrocos, para que se esmerassem no comprimento de sua obrigação, com o patrocinio, & com o exẽplo. <...>

[...]

15. (*p. 208*) [*"Mãdase avizo ao Vizo-Rey da Bahia."; "Como nelle se dispos a acclamação."; "Que a milicia, & o Povo festejàraõ com alvoroço." (sobre a aclamação de D. João IV, Rei de Portugal, em fevereiro ou março de 1641, no Recife)*] Vestido de festa com o mais precioso de suas joyas, sahio o Marquez [*"D. Jorge Mascarenhas Marquez de Monte-Alvão"*] acompanhado dos congregados, & da Camara com a bandeira da Cidade, levando diante hum Rey de Armas: Tocàraõ-se as caixas, clarins, & pifanos; fesse sinal para que se posesse fim ao estrondo. O vulgo pendente de seu desejo offereceo summo silencio. Levantou-se o Rey de Armas, & em voz alta pronunciou estas

palavras. Ouvi, ouvi, ouvi, & estai atento; & logo o Marquez reforçando o grito disse as palavras proprias de semelhante acto: Real, Real, Real, por o Senhor Dom Joaõ o Quarto, Rey de Portugal[444]. <...>

[...]

CASTRIOTO LVSITANO Parte I. Livro VI.

[...]

75. <...> (*p. 349*) [*"Fasse avizo a Ioaõ Fernandes Vieira"; "O qual cõ publicas demõstraçoẽs rendia graças ao ceo." (sobre a entrega da fortaleza do Recife aos holandeses)*] Chegado o dia de oyto de Setembro [*de 1645*], em que a Igreja soleniza sua Natividade, o festejou na Matriz da Varzea cõ Missa de trez choros: Prègou o Padre Mestre Frey Manoel do Salvador, com discursos eruditos, exortativos, & devotos. Rematou-se a celebridade cõ solene prociçaõ, em a qual o mesmo Governador levou em suas mãos a Sagrada Imagem da Senhora, de novo feita, & colocada no altar de Saõ Sebastiaõ, da hermida, & do Engenho de seu nome, para perpetua memoria do socorro, & da gratidaõ. <...>

[...]

140. <...> (*p. 419*) [*"Maravilhas com q̃ o ceo mostrou a aceitação do sacrificio."; "Sem q̃ as podessem negar os Herejes."*] O Gasmão Governador da Fortaleza [*em Recife*], que como temos dito, era cazado com hũa mulher Portugueza, lhe concedeo podesse levar para sua caza algũas das viuvas, que deixou vivas o estrago. [Obrigando-se a dar conta dellas todas as vezes, que se lhe pedisse; [445]] O que fes compadecida da miseria, & estimulada da compunçaõ. Succedeo, que na noite do dia, em que as recolheo na Fortaleza, (que foy o mesmo em que enterràraõ os corpos mortos) [*3 de outubro de 1645*] ouvio, para a parte, aonde se depositavaõ, hũa suavissima melodia, de acordadas vozes, que como celestiaes, movião, e admiravão: Espantada de cazo tão novo, chamou o marido, que com outros Olandeses estava conversando, & todos ouviraõ a muzica com hum mesmo espanto. Buscou logo as mulheres, que tinha recolhido, & achou, que suspensas na suavidade da armonia, se esquecião da magoa, & do sono. O que succedeo no dia do enterro [*"Passados quinze dias"*], tinha succedido no dia do martyrio; como se o ceo quizesse mostrar com hũas mesmas vozes, que era hũa mesma a sorte, das almas, que recebia, & dos corpos, de que a terra se entregava. Em o cerco, aonde ficàraõ as mulheres, filhas, & parentas dos mortos, foy tão extraordinario o cheiro, em todo o (*p. 420*) tempo, que durou o martyrio, que igualmente suspendia os discursos, & occupava os sentidos. Muzicas, & cheiros dedica a veneração aos Bemaventurados.

[...]

CASTRIOTO LVSITANO Parte I. Livro VIII.

[...]

37. <...> (*p. 541*) [*"Queimaõlhes hũ pataxo, ~~&~~ lhe daõ a primeira salva."*] Na madrugada de seis de Novembro [*de 1647*] mandáraõ os nossos Governadores queimar hum pataxo, que o Olandès tinha no rio, como atalaya de nossos movimentos: Pegou o fogo, & as labaredas do incendio serviraõ de luminarias á marcial alvorada, com que a nova Fortaleza ao som de caixas, trombetas, & charamelas deu os bons dias ao Framengo com trez cargas cerradas de artelharia, & mosqueteria que fazião mais horriveis as vayas,

que o confuso grito dos soldados dava aos moradores da Cidade, & do Arrecife, que desatinados do estrondo, & do sobre-salto buscavão abrigo, (incertos no seguro) de nossas ballas. <...>

[...]

CASTRIOTO LVSITANO Parte I. Livro IX.

[...]

8. <...> (*p. 570*) [*"Marcha para Barreta." (sobre um ataque do general "Sigismundo", saido do "Arrecife" a 17 de abril de 1648)*] Levava [*o "Coronel Henrique Hus"*] seis peças de artelharia com munições, armas, & mentimentos de sobre-selente, & muyta cantidade de algemas, grilhos, cadeas, & cordas para prender, & maniatar os cativos. (Demonstração segura de vencer a batalha, com a qual, se senão enganava a si, enganava aos seus.) Com belliccosa ostentação de caixas, clarins, salvas, & vozes se formou, & pos em marcha para a sua Fortaleza dos Affogados, meya legoa para o certão, sobre o Poente, aonde fes alto: <...>

[...]

18. (*p. 579*) [*"Descripaõ dos montes Guararapes."; "E do sitio do nosso alojamento."*] Guararapes[446], na lingoa do Gentio, he o mesmo, que estrondo, ou estrepito, que cauzaõ os instromentos de golpe[447], como sino, tambor, atabale[448], & outros; & o rumor, que fazem as agoas pellas roturas, & concavidades delles lhes deu o nome de Guararapes: <...>

[...]

22. <...> (*p. 582*) [*"Sigismundo forma, et anima aos seus soldados."; "Obstẽtaçaõ de seu exercito."*] Formava o todo [*do exército holandês, em 1648*], hũa vistoza, & fornidavel obstentaçaõ de aparatos bellicos. <...> Os instromentos bellicos, como tambores, pifanos, & clarins com a voz de Marte chamavão a morte, porque, se aonde se tocavão, infureciaõ para batalha, aonde o ecco os repetia, chamavaõ para a sepultura [449] <...>

23. (*p. 583*) Em nove esquadroẽs, formou o Inimigo sua gente, a qual se compunha de Francezes, Alemães, Ungaros, Polacos, Ingrezes, Suecos, & outras naçoẽs da Europa, não sendo a menor porçaõ a dos Olandeses. <...> Os Indios, que não tinha disciplinado a arte, como Tapuyas, & Pitiguares deixou em troços soltos, & volantes, para que melhor podessem seguir seu estilo de pelejar; entre os quaes se ouvião innumeraveis bozinas, & atabaques[450], que acõpanhavão barbaros gritos. <...>

[...]

62. (*p. 618*) [*"Sahe o inimigo do Arrecife a executar seu intento, com que gente, et com que forma."*] Em dezoyto de Fevereiro de mil & seiscẽtos & quarenta & nove, dia escolhido pella determinação do Framengo, sahio do Arrecife o Coronel Brinc com cinco mil homẽs de guerra, todos soldados escolhidos por valerosos, & praticos, atendendo mais á callidade, q̃ á multidão: <...> Nesta forma, & no dia referido pella manhã, sahio do Arrecife, dada ordem á sua vanguarda, que marchasse para a Barreta, o que fes todo o exercito com marcial estrondo de clarins, trombetas e tambores.

[...]

443 . MANUEL CALADO (*O valeroso lucideno*, 1648, livro VI, cap. I, §§ 5-6, pp. 345-346) também traz informações que confirmam ser João Fernandes Vieira senhor de uma capela de músicos, ao narrar um episódio de junho de 1646, no "Arraial do Bom Jesus", onde se havia « publicamente retirado para o mato », nos seguintes termos: « E tendo apalavrado os Padres para officiarem a missa, & musicos os melhores da terra, para a cantarem tres choros, & armada a Igreja lhe chegou em dez de Iunho hum aviso de Iguassû ». Mais adiante (p. 49), descreve a realização da festa de 13 de junho de 1646: « Fez João Fernandes Vieira a festa do glorioso Sancto Antonio cõ a maior solemnidade q lhe foi possivel, segundo o tempo em que se achava. Boa missa, & prégação, boa, & estremada musica ».

444 . Ao que parece, houveram festejos com música pela aclamação de D. João IV em muitas cidades do Brasil, no ano de 1641. A anônima *Relaçam da aclamação que se Fez na Capitania do Rio de Ianeiro* (Lisboa, Jorge Rodrigues, 1641) descreve (na p. 14) a música da festa de 31 de março de 1641 no Rio de Janeiro, promovida pelo licenciado Jorge Fernandes da Fonseca, enquanto MANUEL CALADO (*op. cit.*, 1648, livro II, cap. II, §§ 3 e 5, pp. 108-109) fala da música que se ouviu na cidade da Bahia, em fins de janeiro e na "Cidade Mauricia", em abril do mesmo ano. Transcrevemos o relato de MANUEL CALADO (*op. cit.*, § 3, p. 108), sobre os festejos da Bahia, « no fim do mes de janeiro de 1641 », promovidos pelo « Marques de Montalvão », D. Jorge Mascarenhas; que pouco tempo depois presenciava as festas de Recife, que descreve RAPHAEL DE JESUS: « Logo mandou o Visorrey desparar toda a artelharia das fortalezas da Cidade, & de fora della, & de todas as naos, & navios que no porto estavão. E tãto que se chegou a noite, mandou que todos os moradores da Cidade puzessem luminarias em suas portas, & janelas, & ascender outros muitos fachos, & celebrou a acclamação delRey nosso senhor com muitas encamisadas, & com festas de cavallo, cõ musicas, chacotas, & danças, fazendo todas as demonstraçoens de alegria, que lhe foraõ possiveis ».

445 . Os colchetes, aqui, são de RAPHAEL DE JESUS.

446 . FREDERICO G. EDELWEISS, no livro de TEODORO SAMPAIO (*O tupi na geografia nacional*, 1987, p. 165, nota 233) concorda com RAPHAEL DE JESUS: « Várias localidades, entre nós, trazem nomes destes instrumentos musicais dos selvagens. ¶ A cidade de Maracás, no interior da Bahia, e os montes Guararapes, famosos pelas vitórias aí alcançadas sobre os holandeses, no século XVII, são recordações que persistem daqueles primitivos tempos. ¶ O nome histórico de Guararapes é, porém, simples corruptela de Guararâ-pe e se traduz nos tambores. ¶ Recordará, porventura, esse nome tupi o ruído das caixas de guerra, num sítio onde, tantas vezes, elas ressoaram à frente das coortes combatentes, ou lembram, tão-somente, uma feição topográfica em que o relevo dos montes traz à idéia os toscos instrumentos do selvagem de outrora? ¶ Não conheço a topografia do lugar, mas opino pela primeira hipótese, aliás, naturalíssima num país assolado pela guerra, e onde as populações se tinham familiarizado com os episódios e circunstâncias mínimas de uma luta por longo tempo protraída ». Cf. também PEDRO SINZIG (*Pelo mundo do som*, 1959, p. 281) e MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 249).

447 . ANTÔNIO FERNANDES (*Arte de música de canto de órgão e cantochão*, 1626, cap. I, gravura entre ff. 4v-5r) dá quatro categorias para a música "Artificial" (instrumental), em contraposição à "Natural", feita por vozes): « De cordas | De Assopro | De Bater &t | De Ecco ». Instrumentos de golpe ou de bater são, portanto, instrumentos de percussão.

448 . GIL VICENTE (*Copilaçam de todalas obras*, 1983, pp. 79 e 247) já menciona o atabale, que é citado por dezenas de cronistas e poetas portugueses, desde o século XVI. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário portuguêz e latino*, v. I, 1712, p. 622) o define como « Especie de tambor, com cayxa grande, redonda, coberta de huma parte & outra de pelles razas de bezerro ». Acrescenta, ainda, que « Hoje entre nós saõ instrumentos, que se tocaõ em dias de festas, & regosijos ». O *Diccionário da língua portugueza* da ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA (v. I, 1793, p. 484) informa: « Atabale. Especie de tambor ou caixa de cobre com couro de huma só parte. Commummente se tocão dous ao mesmo tempo, e por isso de ordinario se usa no pl. ». PEDRO SINZIG (*op. cit.*, 1959, p. 61), assim como os dicionaristas portugueses, indica também a variante "atabal". Já TOMÁS BORBA e FERNANDO LOPES GRAÇA (*Dicionário de música*, v. I, 1962, p. 95) dizem "Atabale ou atabaque", identidade confirmada por RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário portuguêz e latino*, v. I, 1712, p. 622), no verbete "Atabaque": « Especie de tambor. V. Atabale ». Muito freqüente na documentação portuguesa antiga é acusado, porém, tanto em festejos, quanto em manobras militares. O termo, contudo, é raro na documentação brasileira.

449 . Omitimos, para evitar redundâncias, algumas passagens onde se mencionam o uso de « clarins » e « caixas » nas manobras militares dos holandeses, encontradas na edição de 1679 nos seguintes locais [indica-se Parte, Livro, parágrafo e página]: P. I, L. II, § 10, p. 26; P. I, L. II, § 80, p. 106; P. I, L. VI, § 95, p. 369; P. I, L. VII, § 2, p. 425; P. I, L. VII, § 15, p. 437; P. I, L. IX, § 29, p. 589.

450 . Trata-se, provavelmente, dos guararás, tambores indígenas bastante citados pelos documentos da época.

170

JORGE BENCI
(1650 - 1708)

DOCUMENTO: ECONOMIA CRISTÃ DOS SENHORES NO GOVERNO DOS ESCRAVOS. (Bahia, 1700).

TEXTO: O manuscrito, de acordo com SERAFIM LEITE, na edição que utilizamos (p. 20), leva o título [Archivum Romanum Societatis Iesu, Brasilia 4, f. 66r]: « ECONOMIA CHRISTAÕ | DOS SENHORES | No governo dos Escravos | REDUZIDA | das palavras do Capitulo 33. do Eclesiastico | *Panis, et disciplina, et Opus Servo:* REDUZIDA | A quatro Discursos Morais | Pello P. JORGE BENCI DE ARIMINO | da Companhia de JESU | Missionario da Provincia do Brasil | OFFERECIDA | AO ILL.mo E REV.mo | SENHOR D. JOÃO FRANCO DE OLIVEIRA | Arcebispo da Bahya | e Metropolitano do Brasil | Do Conselho de sua Magestade ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A primeira edição, de 1705, leva o seguinte título: ECONOMIA | CHRISTAÕ | *Dos Senhores no Governo dos* | *Escravos.* | DEDUZIDA | *Das palavras do Capitulo trinta e tres* | *do Ecclesiastico: Panis, et dis-|ciplina, et opus servo:* | *Reduzida a quatro Discursos Morais* | *Pelo Padre* | *Jorge Benci De Arimino* | *Da Companhia de Jesu,* | *Missionario da Provincia do Brasil.* | *E offerecida à Altesa Real* | *Do Serenis. Granduque* | *DE TOSCANA* | *Pelo Padre* | *Antonio Maria Bonucci* | *Da mesma Companhia* | [grav.] | *Em Roma, Na Officina de Antonio de* | *Rossi na Praça de Ceri. 1705.* † | *Con licença dos Superiores.* [24mo; xii, 282 pp.]. A segunda edição foi feita por SERAFIM LEITE em 1954, que informa nas pp. 17-18 (Notas explicativas da presente edição): « 2. - Utiliza-se o exemplar existente na Biblioteca Nacional de Roma (Vittorio Emanuele). (...) ¶ 3. - Actualiza-se a ortografia, como é da praxe na reedição ». Acrescenta, ainda, nos §§ 4, 5 e 6, que as notas da primeira edição, referentes a citações latinas eram indicadas por letras antes da frase, apenas identificando sua procedência, ficando no texto a frase latina e sua tradução. LEITE, que usa tanto o manuscrito como a primeira edição do texto, geralmente transfere para o rodapé a citação latina.

NOTA SOBRE O AUTOR: As informações são de JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro 9, cap. 1, nº 3, p. 377): « Jorge Benci (1650-1708) embarcou para o Brasil em 1681 e só voltou à Europa em 1705 [(nota 26): « Serafim Leite, *Historia*, VIII, 95-96 »]. Nestes 24 anos de permanência foi mestre de Humanidades e Teologia, secretário do Provincial e Visitador local. Tendo vivido no Rio e na Bahia, onde escreveu a *Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos*, pôde o jesuíta conhecer os males da escravidão, retratá-la e procurar suavizar, pelo ensino, o trato do negro. A obra, fruto de um sermão sobre as obrigações dos Senhores em relação aos escravos, discute em quatro Discursos as quatro obrigações do Senhor para com o negro: o sustento, o ensino, o castigo e o trabalho ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: JORGE BENCI - *Economia Cristã Dos Senhores No Governo Dos Escravos (Livro Brasileiro de 1700).* 2ª Edição Preparada, Prefaciada e Anotada Por Serafim Leite S.I.. Porto, Livraria Apostolado Da Imprensa, 1954, 206 pp..

DISCURSO IV Da quarta obrigação dos senhores para com os servos

§ IV Em que se mostra que são de nenhum vigor as razões, que se alegam os senhores, pelas quais ocupem os servos nos domingos e dias santos

[...]

[3.] 228. (*p. 172*) A segunda razão, que por si podem alegar os senhores, que mandam os escravos nos dias proibidos, se colhe do mesmo que já atraz dissemos. Dissemos que os escravos, quando se acham folgados e ociosos, se desmandam em vicios; o que bem se experimenta em todo o ano.

Pois nos domingos e dias santos quando não trabalham: ou se entregam ao vinho ou a danças e bailes desonestos[451] ou fazem pendências, em que ou ferem ou saem feridos, ou cometem outros semelhantes géneros de maldades. E para evitar estas e outras desordens, dirão que (*p. 173*) os mandam trabalhar, e que é bem que trabalhem nestes dias [452].

[...]

§ VII Conclusão de toda a obra

[...]

[13.] 273. (*p. 200*) **Ne addas afflictionem afflicto**, diz o Provérbio: não acrescenteis nova aflição a quem já está aflito [453]. E sendo tantas e tão duras e pesadas as pensões do cativeiro: que senhor haverá tão inumano, que com o mau trato dobre o tormento ao escravo, e lhe acrescente aflições sobre aflições? Que senhor haverá tão fero e tão tirano, que se não mova à compaixão dos tristes escravos, considerando que são escravos, sem liberdade, sem honra, sem gosto, e sem contentamento algum; sempre em abatimento, sempre em tristeza, sempre em aflição, sempre em amargura; aflita e amarga a vida; triste e abatida a condição; tudo desconsolação, tudo angústia, tudo pena, tudo melancolia. (*p. 201*) Alegra-te, sequer uma vez servo desgraçado e infeliz! Mas como há-de ter alegria, se é servo? Lá disseram aos Israelitas no cativeiro de Babilonia, que cantassem para espalharem a tristeza que os consumia. E que responderam os miseráveis cativos? **Quomodo cantabimus?** Disseram: como pode ser que cantemos e tenhamos alegria neste cativeiro ? [454] Terrível, e lastimosa sorte é a de um cativo!

451 . São raríssimas as informações sobre a música dos negros no Brasil nos séculos XVI e XVII. Reunimos, aqui, os relatos de maior expressão para compensar a sua escassez: URBAIN SOUCHU DE RENNEFORT ∗ (*Histoire des Indes Orientales*, 1688, parte II, livro I, cap. V, § 9, pp. 292-293) traz esta notícia: « Le Dimanche dixiéme Septembre 1666. ils firent leur Feste à Fernambouc. Aprés avoir esté à la Messe au nombre environ de quatre cens hommes & de cent femmes, ils éleurent un Roy & une Reyne, & marcherent par les ruës chantans, dansans, & récitans des vers qu'ils avoient faits, precedez de hautbois, de trompettes & de tambours de basque ». Esta outra é de JOÃO DE SOUSA FERREIRA ∗ (*América abreviada*, 1693, cap. V, § 6): « Pelo que mostram serem Indios e pretos todos uns, por terem as mesmas inclinações consistentes na ociosidade, sensualidade e ebriedade, em cativarem-se e comerem-se uns aos outros, e em suas festas guardarem as mesmas cerimonias, pondo-se em pé toda uma noite cantando a dois coros, o mestre da capella de uma banda, levantando o ponto, e a mais gente à roda cantando e batendo com os pés no xão até pela manhan ». A visão européia da música dos africanos, como se observa na documentação do período, era bem mais depreciativa que a visão da música indígena brasileira, e pode ser constatada nesta passagem de DIOGINI DE CARLI ∗ (*Il moro trasportato nell'inclita città di Venetia*, 1687, livro I, cap. VII, p. 39), acerca dos negros de Luanda, em 1668: « questi Mori tanto Huomini, come Donne, hanno voci terribili ». JOSÉ RAMOS TINHORÃO (*Os sons dos negros no Brasil*, 1988, parte II, cap. I, pp. 26-44) desconhece estas informações, mas arrola boa quantidade de dados extraídos de outras fontes, acerca da música dos negros seiscentista no Brasil.

452 . A opinião de BENCI sobre esse assunto vem no § III: « 226. (...) (p. 170) Donde venho a concluir por último remate que não menos deve o senhor ocupar os servos nos dias de trabalho (como mostrei nos parágrafos antecedentes) do que os deve desocupar nos dias santos, como acabamos de ver. Deve desocupá-los nestes dias, para que possam (p. 171) descansar e dar-se a Deus; e deve ocupá-los naqueles, para que nem contra seu senhor, nem contra o mesmo Deus se façam insolentes, **opus, ne insolescat** ».

453 . Nota de JORGE BENCI, f, p. 200: « Afflicto non est addenda Afflictio. **Aug. Barbosa in Axiomat. jur. Axiom. 18.** ».

454 . Nota de JORGE BENCI, g, p. 201: « **Psalm. 136, 4** ».

171

MARTIN DE NANTES
(antes de 1650 - após 1706)

LIVRO: RELAÇÃO SUCINTA E SINCERA DA MISSÃO DO PADRE MARTIN DE NANTES. Quimper, Jean de Perier, [1707].

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A primeira edição, que recebe a licença no último dia de 1706, foi reimpressa em edição facsimilada em 1888 (Roma, Archives Générales de l'Ordre des Capucins), com o título *Histoire De La Mission...* e em 1952 (Bahia, Tipografia Beneditina Ltda.), por FREDERICO G. EDELWEISS. A tradução portuguesa foi publicada no v. 368 da Brasiliana, por BARBOSA LIMA SOBRINHO (São Paulo, Ed. Nacional).

NOTA SOBRE O AUTOR: A « premiere Relation » do padre Capuchinho recebe apenas o título (p. 1) « *RELATION SUCCINTE et sincere de la Mission du Pere Martin de Nantes, Prédicateur Capucin, Missionnaire Apostolique dans le Brezil parmy les Indiens.* », apresentando no início, as seguintes informações: « [1.] (p. 1) L'Obedience de nôtre Reverend Pére Provincial Ange de Nevers de 15. Février 1671. m'envoya premierement à Lisbonne, pour passer de-là au Brezil dans la Flotte. J'arrivay au Brezil le 30 Aoust, de-là à peu de temps je m'en allay dans une Aldée à 70. lieuës de Pernambuco, parmi une Nation d'Indiens qu'on appelle Cariris, avec lesquels demeuroit un digne Missionnaire Capucin, nommé le Pere Theodore de Lucé, qui est mort à la hauteur des Isles, retournant du Brezil à cause de ses infirmités continuelles depuis quelques années. Ce Religieux (p. 2) étoit en grande estime à Pernambuco, où il a esté Superieur, aprés plusieurs années de Mission. Il mourut cette année derniere 1686. ». Na segunda relação (« SECONDE PARTIE »), p. 56, afirma: « Je termine ma Relation à ma sortie des Aldées d'Ouracappà & du Cavallo, pour aller être Superieur à la Ville de la Baye, où je bâtis un fort beau Convent ou Hospice, & à ce qui se passa à la Baye, y étant Superieur, jusqu'à mon départ l'an 1686. au mois d'Aout sur la fin. ». Deduz-se, portanto, que MARTIN DE NANTES esteve no Brasil entre 30 de agosto de 1671 e o fim de agosto de 1686 (sabe-se, no entanto, que em 1682 fora afastado das missões), tendo escrito a primeira relação em 1687. Quanto à segunda relação, porém, EDELWEISS afirma (edição de 1952, « Notícia Bibliografia », p. 3) que « deve ter sido escrita muito mais tarde, possivelmente pouco antes da publicação do livro. Isto se deduz dos fatos muito posteriores nela relatados ». Diz ainda, à p. 2: « A primeira exposição, efetivamente a *Relação Sucinta*, apresentada no ano de 1687, ao núncio apostólico em Portugal, ainda que menos importante, serviu de título à primeira edição, na qual a narrativa mais extensa, posteriormente feita a pedido do provincial capuchinho, aparece apenas como segunda parte da *Relação Sucinta* ».

EDIÇÃO UTILIZADA: *RELATION | Succinte | Et | Sincere | De la Mission du Pere Martin | de Nantes, | Prédicateur Ca-|pucin, Missionnaire Apostoli-|que dans le Brezil parmy les | Indiens appellés Cariris.* | [grav.] | *A Quimper,* | *Chés Jean Perier, Imprimeur | du Roy, du Clergé & du College.* [última p. [236], na « Permission de Monsieur le Grand Vicaire » :] « (...) Donné à Quim-|per ce jour 31. Decembre 1706. » [13 X 7; 8 ff. inum.; 236 pp.; 1 f. inum.; BIEB: LR-1-17].

TRADUÇÃO PORTUGUESA: PAULO CASTAGNA.

OBSERVAÇÃO: Apesar de existir a edição brasileira de BARBOSA LIMA SOBRINHO, optamos por realizar uma nova tradução, uma vez que a terminologia musical não foi vertida com precisão para o português.

TEXTO FRANCÊS	TRADUÇÃO
RELATION SUCCINTE *et* sincere de la Mission du Pere Martin de Nantes, Prédicateur Capucin, Missionnaire Apostolique dans le Brezil parmy les Indiens.	Relação sucinta e sincera da missão do padre Martin de Nantes, predicador capuchinho, missionário apostólico no Brasil entre os índios.

[...]

[5.] <...> (*p. 8*) [*"Sans gouvernement."*] Quoy qu'ils eussent en chaque Aldée un Capitaine ou Gouverneur, il n'avoit aucune autorité qu'en temps de Guerre. Il y avoit parmy eux des sorciers ou pour mieux dire certains trompeurs, qui devinoient à ce qu'ils pensoient, les choses futures, & qui guerissoient les maladies, & les donnoient aussi; j'ay lieu de croire que quelques uns de ceux là avoient quelque commerce avec le Diable; ils n'avoient pour remede à tous maux que la fumée du tabac & certaines conjurations, en chantans certains airs, aussi sauvages qu'eux sans prononcer aucuns mots. <...>

[...]

[7.] <...> (*p. 12*) 2. Pour être heureux à la chasse & à la pêche, ils faisoient brûler quelques os de leur chasse, & quelques épines de leur poisson en certain temps, & les Maîtres des Ceremonies en faisoient boire aux jeunes gens dans du suc de (*p. 13*) certaines herbes ameres, & scarifiant plusieurs parties du corps de cette jeunesse, avec des dents d'animaux tres-aigües & arrangées dans de la cire, ils frottoient ces scarifications de cette cendre & la faisoient entrer dans leur peau avec douleur fort sensible, & pendant dix jours que duroit cette Fête; il falloit que toute cette jeunesse regalât de chasse & de poisson tous les Anciens, sans qu'ils y goûtassent un seul morceau; on ne leur donnoit pendant tout ce temps qu'une boullie fort claire faite avec de la farine de mil ou de cassave, & passoient la nuit à danser & à chanter, & retournoient de grand matin á la chasse & à la pêche, en sorte que cette diette & cét exercise leur êtoit tres-penible, & les faisoit maigrir notablement.

[...]

[...]

<...> [*Sem governo*] Apesar de [*os cariris*] terem em cada aldeia um capitão ou governador, estes não possuíam nenhuma autoridade, a não ser em época de guerra. Havia entre eles feiticeiros, melhor dizendo, certos embusteiros que transformam, segundo eles pensam, as coisas futuras, e que combatem as doenças e que as podem lhes transmitir. Chego a pensar que alguns deles possuem alguma relação com o diabo. Eles não têm como remédio para todos os males nada além da fumaça do tabaco e certas conjurações, cantar certas árias tão selvagens quanto eles, sem pronunciar nenhuma palavra. <...>

[...]

<...> *Para se contentarem com a caçada e com a pescaria, eles* queimavam alguns ossos de sua caça e alguns espinhos de seus peixes em certas épocas, e os mestres de cerimônia davam de beber aos jovens do suco de certas ervas amargas, arranhando várias partes do corpo dos mesmos com dentes de animais muito afilados e arranjados por meio de cêra, esfregando as arranhaduras com certas cinzas e fazendo-as penetrar na pele com uma dor muito sensível, durante os dez dias que duram esta festa. Era importante que todos esses jovens regalassem de caça e pesca a todos os velhos, sem provarem um só pedaço. Não lhes davam nada durante todo esse tempo além de um mingau muito ralo de farinha de milho ou de cassava e passavam a noite a dançar e a cantar, retornando de manhã à caçada e à pescaria, de forma que essa dieta e esse exercício lhes eram muito penosos e os fazia emagrecer notavelmente.

[...]

SECONDE PARTIE

[...]

[12.] (*p. 26*) Il me mourut aussi un jeune homme marié, âgé de 20. ans, à la Baye où j'étois allé pour quelque affaire importante de la Mission, avec des signes si évidens de Salut, que je n'en ay jamais douté, il n'avoit commis aucun peché mortel depuis son Bap-(*p. 27*))tême, il y avoit plus de trois ans, il étoit tres-obeïssant à son pere & à sa mere, & il étoit quasi toûjours le premier à l'Eglise, & auroit toûjours voulu me servir la Messe, aprés s'être confessé, il prît de ma main le Crucifix, & aprés avoir baisé toutes ses sacrées Playes avec bien de la devotion, & avoir demandé humblement pardon à Dieu de tous ses pechés, il me le rendît en m'embrassant & me rendant graces de l'avoir fait Chrétien. <...> Pendant sa maladie il chantoit souvent le Pater (*p. 28*) noster & l'Ave Maria, & le Salve Regina, & aprés sa mort, il parut plus beau & plus beau & plus aimable, que lors-qu'il étoit plein de vie & de santé. Il fût enterré à la Misericordie à la Baye.

[...]

[15.] <...> (*p. 31*) [*"Autres effets merveilleux."*] Estant né une si prodigieuse quantité de rats qu'on auroit dit que c'ètoit une des playes d'Egypte, & ces animaux de differente espece devorant tout, & naissant jusques dans les maisons en tres-grande quantité, aprés leur avoir representé le châtiment de Dieu, & les avoir exhorté à recourir à sa misericorde, je leur ordonnay trois jours de jeûne, pendant lesquels nous fûmes chaque jour une Procession, chantant les Litanies, & aprés avoir beni une bonne quantité d'eau je la pattageay à tous, & je les envoyay jetter cette eau benîte sur plantes & dans leurs maisons, & dans trois jours, tous les rats disparurent: <...>

[...]

Segunda parte [da primeira relação]

[...]

Morreu comigo um jovem casado, de 20 anos de idade, na Bahia, onde estive para alguns afazeres importantes da missão, com sinais de saúde tão evidentes dos quais jamais duvidei, sem nunca ter cometido algum pecado mortal após seu batismo, já há três anos; era muito obediente ao seu pai e à sua mãe, era quase sempre o primeiro a chegar à igreja e desejava todos os dias me servir à missa. Após se confessar, tomava de minha mão o crucifixo e, depois de beijar todas as suas sagradas chagas com muita devoção e humildemente pedir perdão a Deus, por todos seus pecados, ele o devolvia a mim, me abraçava e me rendia graças por tê-lo feito cristão. <...> Durante sua doença, cantava muitas vezes o Pater Noster, a Ave Maria e a Salve Regina e após sua morte pareceu mais bonito e mais amável que quando estava pleno de vida e de saúde. Foi enterrado na Misericórdia da Bahia.

[...]

<...> [*"Outros efeitos maravilhosos"*] Havendo surgido [*na Bahia*] uma prodigiosa quantidade de ratos, que se chegou até a dizer que se tratava de uma das pragas do Egito, devorando tudo, esses animais de diferente espécie penetravam justamente nas casas em grandes quantidades. Depois de lhes ter mostrado ser um castigo de Deus e lhes ter exortado a recorrer à sua misericórdia, ordenei-lhes três dias de jejum, durante os quais fizemos cada dia uma procisssão, cantando as ladainhas; e depois de ter benzido uma boa quantidade de água a aspergi sobre todos e dela lhes dei para que a lançassem sobre suas plantas e em suas casas, e em três dias todos os ratos desapareceram. <...>

[...]

[17.] (*p. 33*) [*"Le Chapelet."*] Ils ont de coûtume de chanter tous les soirs la Couronne de la Vierge partagés en deux coeurs, chacun de son sexe, & cela aprés leur soûper, & ils chantent à la maniere Portuguaise fort agréablement avec une espece de faux bourdon. Pour les y encourager, nous faisons tous les ans une Fête solennelle dans chaque Aldée, où les autres Aldées ne manquent pas de se trouver. On êlit tous les ans un Provôt & quatre Officiers avec luy, & aussi une Provôte & quatre Officieres, prenant toûjours les plus honnêtes & les plus devots de chaque sexe; de sorte qu'ils s'en font un honneur. Leur Office est premierement de présider à la Fête & de pourvoir tout le necessaire, & pendant le cours de l'année, d'avoir grand soin qu'on soit ponctuel (*p. 34*) à se trouver à l'Assemblée pour chanter le Chapelet tous les soirs. <...> (*p. 35*) On tâche de faire toûjours trois ou quatre Mariages ensemble, pour éviter la dépense; car il se fait toûjours un festin où toute l'Aldée a part & concoure aussi, mais les Missionaires font le principal de la dépense; il se trouve toûjours (*p. 36*) dans toutes ces occasions bon nombre de Portugais, qui apportent des guitarres & violons pour la solemnité. & qui chantent des motets, & qui tirent même plusieurs coups de fusils pour une plus grande réjouissance. <...>

[...]

[20.] (*p. 37*) Tous les Dimanches on donne l'eau benîte, on fait la Procession, & on chante la Messe, les Indiens êtans instruits à cela, & au lieu du pain benît qu'on donne dans les Paroisses en France, on benit de la farine de cassave qu'on distribuë, & qu'ils reçoivent & mangent avec devotion.

[*"O rosário"* [406]] Eles [407] têm o costume de cantar todas as tardes a coroa da virgem [408], divididos em dois coros, cada um de seu sexo, após sua ceia; e cantavam à maneira portuguesa[409], muito agradavelmente, com uma espécie de fabordão[410]. Para os encorajar, fazemos todos os anos uma festa solene em cada aldeia, onde as outras aldeias não deixam de se encontrar. Elegia-se todos os anos um preposto e quatro oficiais entre eles, e assim também uma preposta e quatro oficiais femininos, que recebem sempre os mais honestos e os mais devotos de cada sexo; de forma que eles se sentem honrados com isso. Seu ofício é, primeiramente, presidir a festa e providenciar todo o necessário, e durante o ano cuidar da pontualidade do encontro na assembléia para se cantar o rosário todas as noites. <...> Esforça-se por realizar todos os dias três ou quatro casamentos simultâneos, para se evitarem as despesas, pois que se faz todos os dias um festim onde toda a aldeia toma parte e a tal igualmente concorre. Porém, os missionários tomam o principal das despesas. Encontra-se sempre, nessas ocasiões, bom número de portugueses, que trazem violas e rabecas[411] para a solenidade, cantam motetos e dão, eles próprios, muitos tiros de espingarda, para que haja maior regozijo. <...>

[...]

Todos os domingos se dá a água benta, se faz a procissão e se canta a missa, estando os índios instruídos a isso, e em lugar do pão bento que se dá nas paróquias da França, benze-se farinha de cassava, que se lhes distribui e que eles recebem e comem com devoção.

SECONDE PARTIE.

[...]

[17.] (*p. 80*) ["*Comencemēt de ma Mission.*"] Je commencay [*sic*] donc au nom de Nôtre-Seigneur au bout du mois, d'appeller les Indiens à l'Eglise au son d'une petite clochette, ils y vinrent incontinent: il est à croire que la curiosité les y menoit plûtôt que la devotion. Je commencay donc à leur enseigner à faire le Signe de (*p. 81*) la Croix, me servant pour leur exemple de mon Indien; ensuite je leur enseignay le **Pater**, l'**Ave**, le **Credo**, & tout le reste du devoir d'un Chrêtien successivement en Langue Portuguaise, ne sçachant pas leur Langue, & parce que c'est l'usage des Portuguais parmy lesquels je demeurois. Je fis ensorte que les personnes âgées apprirent comme les autres, quoy-qu'au commecement ils s'excusoient en me montrant qu'ils n'avoient plus de dents pour prononcer les mots; en ayant fait dire quelques mots à quelques uns, je les loüois, encore qu'ils prononçassent tres-mal: ensorte qu'ensuite ils y avoient de l'émulation à dire les priéres; les veillards se pleignans si je ne les leur faisois pas dire. Ensorte que non seulement les jeunes gens, mais aussi les anciens de l'un & l'autre sexe apprirent leurs priéres en Portuguais, à quoy les aida beaucoup la coûtume que nous avions de chanter tous les soirs la Couronne de la Sainte Vierge en faux bourdon comme j'ay dit. Ils y prenoient un singulier plaisir, à cause de l'harmonie n'ayant jamais rien entendu par-(*p. 82*)my eux d'approchant. J'êtois aussi charmé d'entendre loüer Dieu & la Sainte Vierge par ces pauvres Indiens qui ne l'avoient jamais connu.

[...]

[27.] (*p. 95*) Il y a un autre obstacle à la Mission bien considerable de la part des Indiens mêmes: il y en a parmy eux comme parmy nous, de dociles & bien nés,

Segunda parte

[...]

["*Começo de minha missão*"] Comecei logo, em nome de Nosso Senhor, no fim do mês, a chamar os índios para a igreja ao som de uma pequena campainha, com o que eles vinham incontinentes. É de se crer que a curiosidade os induzia bem mais que a devoção. Comecei logo lhes ensinar a fazer o sinal da cruz, servindo-me para seu exemplo do meu índio. Simultaneamente lhes ensinei o **Pater**, a **Ave**, o **Credo** e, sucessivamente, todo o demais dever de um cristão, em língua portuguesa, mas sem esquecer a sua, também porque é este o costume dos portugueses, entre os quais habitei. Fiz isso de tal maneira que os idosos aprendessem como os outros, embora no princípio eles se escusavam, mostrando-me que não tinham dentes para pronunciar as palavras; ao fazer com que alguns dissessem algumas palavras, eu os elogiava, mesmo que eles as pronunciassem muito mal. De maneira que juntamente tivessem emulação em dizer as orações. Os velhos se lamentavam se eu não lhes fizesse dizê-las. De sorte que não somente os jovens, mas também os anciãos, de um e outro sexo, aprenderam suas orações em português, o qual lhes auxiliava bastante o costume que tínhamos de cantar todas as noites a coroa da Santa Virgem em fabordão[442], como já disse. Eles tomaram nisso um prazer singular, devido à harmonia, jamais imaginada entre eles de forma parecida. Fiquei também encantado de poder louvar a Deus e à Santa Virgem através desses pobres índios, que jamais chegaram a conhecê-la.

[...]

Há um outro obstáculo à missão, bastante considerável, da parte dos próprios índios: há entre eles, como entre nós, os dóceis e bem nascidos e os indóceis e perversos.

d'autres indociles & pervers. Les premiers se rendent facilement, les seconds resistent longtemps, & souvent pervertissent les autres: on ne les peut dompter qu'avec le temps & par la rigueur: ils sont fort attachés à leurs Cereno-(*p. 98*)nies Payennes & à leurs Traditions; parce qu'elles favorissent la plûpart la sensualité, leurs Fêtes consistant dans des danses, festins à leur mode, & dans des impudicités. <...>

[...]

[82.] (*p. 184*) Jamais je ne fus plus étonné ny n'eus plus grande joye. J'allay aussi-tôt à l'Eglise en remercier Dieu, & envoyay incontinent appeller les Peres Anastase & Joseph, qui sans tarder partirent de leurs maisons, & se rendirent chés nous. Nous chantâmes à l'Eglise le **Te Deum laudamus** en action de graces: nos Indiens furent de la fête. Ce ne fut enfin que joye & jubilation.

[...]

Os primeiros se entregam facilmente, enquanto que os outros resistem muito tempo, acabando por perverter os demais. Não se lhes pode amansar de outra forma que com o tempo e com o rigor. São muito ligados às suas cerimônias pagãs e às suas tradições, pois que privilegiam particularmente a sensualidade, consistindo suas festas em danças, festins ao seu modo e em impudicidades. <...>

[...]

Jamais fiquei tão espantado nem tive tamanha alegria. Fui imediatamente à igreja agradecer a Deus e mandei chamar incontinente os padres Anastácio e José, que sem tardar partiram de suas casas e vieram ao nosso encontro [*em Uracapá, entre 1679 e 1682*]. Cantamos na igreja o **Te Deum laudamus** em ação de graças. Nossos índios foram à festa. Não houve, enfim, mais que alegria e júbilo.

[...]

455 . APOLINÁRIO DA CONCEIÇÃO, no ***Claustro Franciscano*** (1740, lanço III, cap. XXIV, p. 93), fala do « P. Fr. Bernardo de Nantes, do qual também fiz menção no livro ***Primaria***, por razaõ do ***Cathecismo*** no **Idioma dos** Kariris, impresso no anno de 1729. que dedicou a ElRey nosso Senhor ». De fato, esse autor, que foi irmão de MARTIN DE NANTES, tem um ***Katecismo Indico da Lingua Kariris...*** » (Lisboa, Valentim da Costa Desiandes, 1709), que contém dois cânticos espirituais nessa língua, do próprio "Martinho de Nantes Capuchinho". No « Exercicio que devem fazer os Christãos todos os dias » (pp. 106-107), diz BERNARDO DE NANTES: « Depois disto, dizei o Padre nosso, &c. a Ave Maria, &c. & o Creyo em Deos Padre, &c. ». Entretanto, não dá as versões desses textos na língua dos cariris.

456 . O canto do **rosário**, segundo o rito católico, acontecia em partes, todas as noites. Às terças e sextas-feiras, cantavam-se os **mistérios dolorosos** (oração no Horto, prisão e açoites, coroa de espinhos, passos e crucificação); às quartas-feiras, sábados e domingos, cantavam-se os **mistérios gloriosos** (ressurreição, ascenção, pentecostes, assunção e coroação da Virgem); às segundas e quintas-feiras, cantavam-se os **mistérios gozosos** (encarnação, visitação, purificação e encontro do menino Jesus). Veja-se, por exemplo, esta passagem de DIONIGI DE CARLI (*Il moro trasportato nell'inclita città di Venetia*, 1687, livro I, cap. VII, pp. 38-39), sobre a provável celebração dos **mistérios dolorosos**, na igreja e capela real de Luanda, em 1668: « trè volte la Settimana verso le vinti due hore si dice il Rosario, hauendo ottenuto il Priuilegio dal Reuerendissimo Padre Generale de Dominicani, con le solite indulgenze, e questo si dice in lingua Portoghese in canto alto, oue si sentono, Bassi, e Soprani, e Falseti, che in vero paiono tanti Musici, cosa che rende gran diuotione, perche questi Mori tanto Huomini, come Donne hanno voci terribili ».

457 . Na edição de 1952 (« Notas », p. 4), EDELWEISS informa que o P. NANTES « Catequisava então três aldeias, das quais Uracapá, hoje **Aracapá**, a sede, ficava no meio, como vem explicado à pagina 36. ». Cf. MARTIN DE NANTES – *RELATION Succinte & Sincère De la Mission du père Martin de Nantes, Prédicateur Capucin, Missionnaire Apostolique dans le Brésil. Edição fac-similar publicada por Frederico G. Edelweiss*. Bahia, Tipografia Beneditina, 1952. APOLINARIO DA CONCEIÇÃO, na *Primazia Serafica na regiam da America* (Lisboa, Antonio de Sousa da Sylva, 1733, cap. XIV, p. 179), traz esta passagem: « os **Padres Capuchinhos Italianos** administraõ no Estado Brasilico as seguintes Missoẽs. Primeira, Ira poa, 2. Cavallo, 3. Uracapa, 4. Pambû, 5. Urgia, 6. Acara, 7. Rodella, 8. S. Pedro, 9. Pacasseba. He Cabeça destas nove Missoẽs o Hospicio, que tem estes Padres na Cidade da Bahia, intitulado Nossa Senhora da Piedade, e o Hospicio de Nossa Senhora da Penha de França, que dos mesmos ha no Recife de Pernambuco ». O mesmo autor, no *Claustro Franciscano* (Lisboa, Antonio Isidoro da Fonseca, 1740, lanço III, cap. XXIV, p. 101), cita, entre as missões capuchinhas da "Prefectura da Bahia", « 3. A de Uracapá de Naçaõ Kariris, sua igreja dedicada ao Serafico Padre S. Francisco ». BERNARDO DE NANTES inclui, no *Katecismo Indico da lingua kariris* (1709, pp. 162-166), um « *Cantico Espiritual a S. Francisco, Orago da Igreja Matriz dos Indios de Aracapa* », composto pelo próprio MARTIN DE NANTES, seu irmão. Por fim, BARBOSA LIMA SOBRINHO, na edição brasileira da **Relação** (1979, p. 112, nota 11), acrescenta: « Uracapá ou Aracapá. Duracappa é como escreve frei Martinho. Mas a grafia Aracapá veio a prevalecer. É uma ilha do rio S. Francisco, que Halfeld descreve na légua 278, o que vale dizer a cento e quatro léguas da barra do rio, e quatro léguas do arraial de Nossa Senhora da Assunção ». Esse autor dá uma grande quantidade de dados geográficos e históricos acerca dessa aldeia, e deve ser consultado para um estudo mais acurado.

458 . RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. II, 1712, p. 554) diz: « Coroa de Nossa Senhora. He composta de Setenta, & duas, ou mais Ave Marias, com seus Padre nossos, em memoria, & veneração dos setenta, & dous, ou mais espinhos da coroa de Nosso Senhor Jesus Christo. Corona Beatae Virginis ». O termo coroa também era usado para designar conjunto, como mostra FRANCISCO SOLANO CONSTÂNCIO (*Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa*, 1863, p. 317): « Tecer coroa de hymnos, ou em louvor, loc. poet., cantar, celebrar o merecimento de alguém ». SEBASTIANO BERETTARI (*Vita R. P. Iosephi Anchietae*, 1618, livro III, cap. II, p. 157) narra uma cerimônia do séc. XVI (no Espírito Santo) bastante próxima da descrita por BLUTEAU. JOSÉ ALBERTO L. DE CASTRO PINTO, em seu « *Dicionário prático de cultura católica, bíblica e geral* » (1971, p. 65, nº 1), arrola as seguintes informações no verbete **Coroação de Maria**: « O quinto dos mistérios gloriosos do Rosário. A entrada de Maria no céu, após sua Assunção. A coroação de Maria é um dos temas mais antigos da iconografia cristã relacionados com este dogma. Outra forma de reconhecimento externo apareceu nos começos do séc. XVI, com a prática de coroar algumas estátuas de invocações célebres de N. Senhora. Esta manifestação de piedade foi regulamentada por um Capítulo Vaticano que, em nome dos pontífices, outorgava as autorizações requeridas ».

459 . "À la maniere Portuguaise" é o mesmo que em português, já que NANTES indica, mais adiante, o uso dessa língua na coroa da Santa Virgem.

460 . Por "Faux-bourdon", entende JEAN-JACQUES ROUSSEAU (*Dictionnaire de musique*, 1768, p. 216): « Musique à plusieurs Parties, mais simple & sans Mesure, dont les Notes sont presque toutes égales & dont l'Harmonie est toujours syllabique. C'est la Psalmodie des Catholiques Romains chantée à plusieurs Parties. Le chant de nos Pseaumes à quatre Parties peut aussi passer pour une espèce de Faux-Bourdon; mais qui procède avec beaucoup de lenteur & de gravité ». RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, Suplemento, parte I, 1727, p. 418) concorda com a definição francesa, apesar de não fornecer maiores informações: « Fabordaõ. He tomado do Francez Fauxbourdon. Musica simplez. Casta de cantar, que não he taõ regular, como o da Solfa, ou contraponto ». JOSÉ DA FONSECA e J. I. ROQUETE (*Dicionário da língua portuguesa*, c. 1848, p. 506) dão apenas « composição em que algumas vezes cantão com igualdade total ». F. J. FÉTIS (*A música ao alcance de todos*, 1858, p. 50) acrescenta: « Fabordão – Designa: 1º uma Musica para diversas Vozes, mas simples e sem Compasso, cujas notas são quasi todas iguaes, e cuja harmonia é sempre syllabica; 2º um canto onde se collocavão por baixo d'uma Maxima, isto é, d'uma nota que vale oito Compassos, muitas syllabicas, e raras vezes dissonancias; 3º um genero de Musica em canto-chão, na qual o canto era executado por uma Voz intermediaria, d'ordinario pelo Tenor, em quanto as outras Vozes cantavão em contraponto figurado ». ERNESTO VIEIRA (*Diccionario Musical*. Lisboa, E. Gazeta Musical, 1890), citado por PEDRO SINZIG (*Pelo mundo do som*, 1959, pp.

253-254) diz: « Os cânticos em fabordão variam muito, segundo os países e as dioceses... Em Lisboa, nos ofícios da Semana Santa, canta-se em tôdas as Igrejas o **Benedictus** (canto de Zacarias) com um fabordão, cuja melodia está no soprano e pertence ao primeiro tom do cantochão ». Cf. também DOMINGOS VIEIRA (***Grande dicionário português***, 1873, v. III, p. 544), ISAAC NEWTON (***Dicionário musical***, 1904, p. 114), TOMÁS BORBA e FERNANDO LOPES GRAÇA (***Dicionário de música***, v. I, 1962, pp. 483-484) e MÁRIO DE ANDRADE (***Dicionário musical brasileiro***, 1989, p. 209). No MS VII da Catedral de Málaga (« *Psalmi Hymnique per Annum* »), encontramos dois "fabordones" do compositor português ESTÊVÃO DE BRITO [?-1641], « *In exitu Israel* » (ff. 34v-35r) e « *Infelleristi* » (ff. 35v-36r), transcritos por MIGUEL QUEROL GAVALDÀ (cf. ESTÊVÃO DE BRITO, ***Motectorum liber primus***, v. I, 1972, pp. 108-109). O mesmo musicólogo dá outros três **fabordões** do mesmo autor (idem, v. II, 1976, pp. 40-43, 81-83, 91-92), extraídos do MS IX dessa catedral: « ***Benedictus Dominus Deus Israel*** » (ff. 17v-21r), « *Et exultavit* » (ff. 68v-72r) e « *In exitu Israel* » (ff. 82v-84r). Nessas composições, todas a quatro vozes, geralmente se observa uma condução praticamente paralela das três vozes superiores, as duas mais agudas caminhando em terças e as intermediárias correndo em quartas (exceto nas **cadências** ou **cláusulas**), sendo a voz mais grave independente. Menos freqüentes é a troca de posição das terças e quartas paralelas e o movimento das duas vozes graves em terças.

461 . **Violas** e **rabecas** era, na época, os termos portugueses mais correntes para "guitarras" e "violinos". JOÃO FELIPE BETTENDORF (*Crônica*, 1698, livro IX, cap. XV, § 14) também menciona "rabecas e violas" entre os "domésticos de Diogo Pereira", na Capitania do Cametá em 1695.

462 . Na p. 33, MARTIN DE NANTES diz « avec une espece de faux bourdon », enquanto aqui, apenas « en faux bourdon ». Porém, junto da primeira frase, informa que os cariris cantavam « partagés en deux coeurs, chacun de son sexe », o que pode indicar um tipo de música muito simples a duas vozes, com o cantochão acompanhado por outra voz em terças ou sextas paralelas. É, provavelmente, a forma mais elementar do fabordão, próxima à descrita por TOMÁS BORBA e FERNANDO LOPES GRAÇA (*Dicionário de música*, v. I, 1962, pp. 483-484): « fabordão é, em princípio, uma harmonia cuja base fundamental, ou bordão, deixou de existir realmente na parte mais grave e passou falsamente para a parte superior. Como fórmula prática de harmonização, porém – seguimento paralelo de acordes de tres sons –, foi no séc. XII que apareceu na Inglaterra e, pela facilidade de realização, foi logo aproveitado pelos polifonistas de ocasião, principalmente no chamado canto de estante, canto de harmonias improvisadas ». A julgar pela expressão "à la maniere Portuguaise", não só o texto, mas também o cantochão e a forma polifônica de cantá-lo teriam vindo de Portugal.

172

MARTIN DE NANTES

(antes de 1650 - após 1706)

DOCUMENTO: CÂNTICOS ESPIRITUAIS (NA LÍNGUA DZUBUCUA DOS ÍNDIOS CARIRIS). [Anterior a 1709].

TEXTO: Esses cânticos foram publicados em 1709 por BERNARDO DE NANTES, entre as pp. 152-167 do seu *Katecismo indico da lingua kariris...* (Lisboa, Valentim da Costa Deslandes, 1709), em versão bilíngüe. No f. aiiijr da parte intitulada « Ao Leytor », BERNARDO DE NANTES informa: « os Kariris do Rio de S. Francisco no Brasil, chamados Dzubucua, que saõ estes, cuja lingua he tão differente da dos Kariris chamados Kippea, que saõ os para quem se compoz o outro Katecismo, como a lingua Portugueza o he da Castelhana ». Ao que tudo indica, refere-se NANTES ao *Catecismo da doutrina Christãa na Lingua Brasilica da Nação Kiriri...* (Lisboa, Miguel Deslandes, 1698), livro raríssimo de LODOVICO MAMIANI DELLE ROVERE †. Do *Katecismo* de NANTES, há outra edição por JULIO PLATZMANN (Leipzig, B. G. Teubner, 1896), onde voltamos a encontrar os *Cânticos espirituais* do p. MARTIN DE NANTES.

NOTA SOBRE O AUTOR E DATA: MARTIN DE NANTES foi predicador capuchinho e missionário entre os índios cariris, ocupando-se particularmente da aldeia de Uracapá. Esteve no Brasil entre 30 de agosto de 1671 e o fim de agosto de 1686. Em c. 1707 publicou duas *relações* escritas em 1687 e em outra data próxima da publicação de seu livro. É possível que esses textos tivessem sido compostos em data anterior a 1686, quando MARTIN DE NANTES ainda estava no Brasil. A suposição está baseada neste trecho da *Relation Succinte* (Quimper, Jean Perier, c. 1706, p. 191) do mesmo autor, onde se refere ao seu irmão BERNARDO DE NANTES: « *Je* disseray cinq mois entiers à partir du fleuve pour la Baye, afin d'instruire dans la Langue le Pere Bernard, & le rendre capable d'administrer les Sacremens aux Indiens des deux Aldées que j'administrois; je lui laissay se Dictionaire que j'avois composé de la Langue des Cariris, l'art ou rudiment, un examen de conscience & directoire de Confession, & quelques vies des Saints, je tout traduit en la Langue des Cariris, avec le Portugais à l'opposite; & comme il avoit beaucoup d'esprit & la memoire fort heureuse, je le laissay capable d'administrer les Sacremens, & lui donnay conoissance de tout ce qui ètoit necessaire pour gouverner les indiens, outre ce qu'il vid en pratique pendant cinq mois ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: BERNARDO DE NANTES - *Katecismo* | INDICO | *Da Lingua Kariris,* | *Acrescentado De Varias* | *Praticas doutrinaes, & moraes, adaptadas ao genio, & capacidade dos* | *Indios do Brasil,* | *Pelo Padre* | *Fr. Bernardo de Nantes,* | *Capuchinho, Prègador, & Missionario* | *Apostolico;* | *Offerecido* | *Ao Rey Alto, E Muy Poderoso Rey* | *de Portugal* | *DOM JOAÕ V.* | *S. M. Que Deos Guarde.* (grav.) | Lisboa, | *Na Officina de Valentim Da Costa* | *Deslandes, Impressor de Sua Magestade.* | *M. DCCIX.* (1709) | *Com todas as licenças necessarias.* [BIEB: 16-b-7; 15 X 10 cm; 11 ff. inum., 363 pp.].

CANTICO Espiritval Sobre o Mysterio Da Encarnaçaõ do Verbo Divino, Pelo Padre Fr. Martinho de Nantes Capuchinho.

(*p. 152*) 1

CAntemos, Christãos, alegres,
A Deos Filho mil louvores,
O qual de Maria Virgem
Por nós nasce, & se fez homem.

2

Ao Anjo S. Gabriel
A vir a Nazareth coube,
Dar a Maria o recado
Celeste, perto da noite.

KAMARA Tvpam, Mo Jvviclite Nhinho Do dseho mo katsea, mo wo kabamara Igreja, conditor alme syderum. Ibeclite no Padzuărè Martinho Capuchinho.

(*p. 153*) 1

DOkamara Christãos han y,
Inhũra Tũpam divjli
So dsého do quemăplea
Mo Imuddhu Virgem Maria.

2

Theba han y Sem Gabriel
Mo Cidade de Nazareth,
Hammadi vmette nhinho,
Mo nudhi jwj do dseho.

3
Entre as molheres lhe disse
Era a mais pura, & lhe trouxe
A Embayxada, & a deu,
Composta pois desta sorte.

(*p. 154*) 4
Vòs sois, lhe diz, a querida
De Deos, & a vòs sô coube
Seres a Mãy, que Deus quiz
Que de seu Filho vòs fosseis.

5
A Virgem chea de medo,
Deste modo lhe responde:
Póde ser? pois naõ conheço,
Atégora nenhum homem.

6
Naõ vos perturbeis, Maria,
Que o Espirito Santo vos honra
Tanto, que ficais donzella,
E exaltado o vosso nome.

7
Pois Deos póde fazer tudo,
Naõ tem termo o seu poder,
No Ceo, na terra, no mar,
Traz & trarà, & jà trouxe.

8
Tudo sô com hũa palavra
Fazer, he de fé, que pode,
E tanto, que todo o mundo
Assim o diz uniforme.

(*p. 156*) 9
A Isabel pois vossa Prima,
Velha, & esteril molher,
Fez conceber ao Bautista
Mayor entre os mais homens.

10
Ouvindo isto a Senhora,
Disse ao Anjo: Se isso coube
Là na vontade Divina,
Aqui estou, Deos pois o mostre.

11
No ventre da Virgem pura,
pelo braço de Deos forte
Logo se fez creatura,
O Creador de todo o Orbe.

3
Ave Maria Inmete
Do graça nhinho Inottote
Onadoe dadicangrijlj
Bo tetsi ditsohoclili.

(*p. 155*) 4
Béwiclitinguj Messias
Dipelèli no Profetas,
Anhiquiéngwi dseho daj,
Itte hanaddi wanadzj.

5
wanadzi do Ibuangate
Duhanâpleli anhiatej
Dupeihanli anra nhinho,
Dwili mo idhu dseho.

6
Onadoe Mariã ucate
Onadoe Ipà lèttote,
Do mwi do didhè doihi
Doâbi amme hiãj.

7
Ibèpli Virgem Idommo
Inharo méba do Anjo
Netsoquie hinha hyeranye
Pèlèttocli Iboittoquie.

8
Dopri abepli Imme Anjo;
Bihè Espirito Santo
Dummoroli onadoedi,
No dicrotcete annudi.

(*p. 157*) 9
Crodoe nhinho do dueate.
wandi do Icrotcequiete
No hémwj, mo Radda boho,
Crodceba wolidze nhinho.

10
Do Isabel diba Inhu
Cloiho daj kajacu
Rutthepioh iddeho Iclocla,
Immoro nhinho no uca.

11
Netsocli Immete Anjo,
Thiba Maria Idommo,
Inhiutetsi nhinho Idoe,
Dommorodi wo ammete.

12
Chegou poir o tempo à Virgem
De parir a Jesus, onde?
Em Belém, em as palhinhas,
Ficando assim feito homem.

13
A festejar o Menino
Vem todo o celeste Orbe,
À paz comnosco está feita,
Alleluyas se entoem.

(*p. 158*) 14
Alegrias haja sempre,
Irmãos, pois he bem se note,
Que já sem sermos cativos
Nos livra Deos desta sorte,

15
Da miseria em que Adão
Poz todo o universo Orbe,
Pois elle foi que deu causa
Padecer Deos como homem.

16
Adoremos o Menino,
E cada qual já lhe póde
Dar muy repetidas graças,
Pois veyo a remir os homens.

17
Com a vossa vinda, meu Deos,
Nos livrastes, porque fosse
A redempçaõ o remedio
A'quella infernal morte.

18
A Virgem Senhora nossa,
Em cujo ventre só coube,
O que entre nós naõ cabia,
E em todo o universo Orbe.

(*p. 160*) 19
Em vós, ô Virgem, tomou
A fórma que leva de homem,
Em vós tomou parentesco,
E com nós; tudo isto trouxe.

20
Anjos, homens, todo o mundo,
Lhe cantemos mil louvores,
Pois nos creou para a gloria,
Que he a celestial Corte.

12
Espirito Santo do coho
Nhinhoba Ibwiehoho
No Immuddhu Virgem Maria
Hamaddi tupan Inhûra.

13
Mboho Nove Cujacu,
No Belèm ihaba dinnu
Jesu idze do koa han y
Bwiho Anjo têpèlèbwj.

(*p. 159*) 14
Kamâra Anjos do nhinho
No radda dommoro dseho,
Hânhocli nhinho kaidza
Kucamâra alleluia.

15
Kuthwitua babuirante,
wuenddi manhèm kudzéyate
Bwihocli túpam kaidza
Kucamâra alleluya.

16
Dato kuddhu kunsa han y
Docmmmea do Icangri,
Tecli onadoe bopadzu
wicli onadce do hwinhu.

17
Norocli do hyamâpleclè
Dopécla hibuangateclè
Bo hiwjalè anhieboho
No hemwj mo anhieraho.

18
Doanthuitu ô Maria
Noli do tupan mototha
Radda, aranquè; ibóno
Mototthaquieba abwiro.

(*p. 161*) 19
Onadce kuddhè Maria
Wjcli nhinho do annûra
Wjcli nhinho do kubuiho;
Wjcli adommo do dseho.

20
Dothwitua Anjos, homens,
Aranquè, radda nodehèm.
Duthwitua, do kamara
Alleluya, Alleluya.

Cantico ESPIRITUAL A S. Francisco, Orago da Igreja Matriz dos Indios de Wracapa.

(*p. 162*) 1
FEstejemos hoje todos
A nosso Santo Francisco,
Cantai com gosto, pois sois
Hoje seus amados filhos.

2
Fostes pois muy extremoso,
Meu Santo, no amor divino,
Com que nos déstes a fórma
Como se ha de amar a Christo.

3
Deixastes, pois, as riquezas,
Parentes, & tudo digo,
Só por vos veres na gloria
Com os outros escolhidos.

(*p. 164*) 4
Cà nesta mundo tivestes

O esmalte das Chagas cinco,
Fazendo Deos desta sorte,
Que parecesseis divino.

5
Pelos trabalhos, & grandes,
Que tivestes, & sofridos,
Tendes là pois em o Ceo
O premio de tal martyrio.

6
Que nos soccorrais vos pedem
Estes todos vossos filhos,
Lhe alcanceis de Deos, & sempre

Muitos pois dos seus auxilios.

7
Animainos grande Santo,
A que sigamos a Christo,
Deixando já deste mundo
Todos os gostos fingidos.

8
Amemos ao que he do Ceo,
Deixemos o labyrintho
Do mundo, & là nos veremos
Cheyos de mil regozijos.

Kmmara TUPAMHANY S. Francisco, Ipadzu anra tupam kmu mo Wo kubemmara Sanctorum meritis Inclyta, &c.

(*p. 163*) 1
IDO Santo Francisco tsoho festa doihi,
Doãthwitwa, dinúnhiu docamàra hã y
Donetto anunhiu mo radda bopadzu
Dowwrio bo Icangria.

2
Dziquette onadce mo aca do nhinho,
Bwyeidze anatte domuiquede do dseho,
Aõddecli mo radda do dimanhemteli,
Imanhemquiete acate.

3
Plicliba anneca, Plicliba abuiho,
Udhette wohõye, itate do deeho,
Plicliba Idzemne toiddea onadce
Mo acate do nhinho.

(*p. 165*) 4
Ibenhiecli Jesu Christo mo ambwjmo
[anhismoedha
Inhaho Ibenhieolj ipodettote mo crudza
Mo duca adoo, bo amwibwj idõo.
Mo abuyehoho.

5
Manhãclj anattengwi, manhẽcli andzeyate,
Itso ho pide anhyabbe do buye anattete
Awanycatseoli acate do amba mo hẽwj,
Idommo anthuitudi.

6
Donetto bopadzu, docliquie hyamaddhidè
Docliquie do Nhinho bo idi hicangridè
Mo hidsohongwidè mo radda, bo hiwjdè
[anhiwboho
Mo hémwj mo anra nhinho.

7
Kucrodcea bobuirante do kucaa do nhinho
Buleddi kunhatte do pebawj aboho,
Itate mo radda manhèm bihè kubõa,
Dokueddea idõa.

8
Dokucaa do uddhè ilambwiquie me hẽwj
Manhembihè mo rrada uplète raquiquj
Docubanhia ibette kumuiddoa no nhinho,
Bó kuthuitua aboho.

(*p. 166*) 9
E vòs, por nòs oray sempre,
Meu Santo, & bello Francisco,
Cuja intercessaõ val muito,

Muito para Jesus Christo.

(*p. 167*) 9
Doammè bo Santo, doãme bo Francisco
Han y kupadzua Jesu Christo ducali adoo,
Dinneli dehèm han y acliquiete hamaddi
{ abuiho,
Yeddenuquieba adoo.

173

SEBASTIÃO DA ROCHA PITA
(1660 – 1739)

LIVRO: HISTÓRIA DA AMÉRICA PORTUGUESA. Lisboa, José Antônio da Silva, 1730.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Após seu surgimento, em 1730, este livro foi reeditado em 1878 (Bahia, Imprensa Econômica), 1880 (Lisboa, Francisco Arthur da Silva), s.d. (Rio de Janeiro, Guarnier) [de 1950, anotada por Pedro Calmon] e a de 1976 (Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP), que reutiliza introdução e notas de Pedro Calmon.

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro X, cap. IV, nº 4, pp. 494-495), « Sebastião da Rocha Pita (Salvador 1660 - Salvador 1739), filho de João Velho Gondim e de Brites da Rocha Pita, estudou no Colégio dos Jesuítas na Bahia, conseguindo o grau de mestre em artes. É duvidosa sua formação na Universidade de Coimbra conforme sustentou Afonso Costa. Casou-se com Ana Cavalcanti de Albuquerque, foi feito coronel das Ordenanças da Corte de Salvador, fidalgo da Casa Real, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, Acadêmico na Academia dos Esquecidos da Bahia (1724) ».

EDIÇÃO UTILIZADA: *Historia | Da | AMERICA | Portugueza, | Desde O Anno De Mil E Quinhentos | do seu descobrimento, atè o de mil e setecentos | e vinte e quatro. | Offerecida | A' Magestade Augusta | Delrey | D. JOAÕ V. | Nosso Senhor, | Composta | Por Sebastiaõ Da Rocha Pitta | Fidalgo Da Casa De Sua Magestade, Cavalleiro | Professo da Ordem de Christo, Coronel do Regimento de Infan-|teria da Ordenança da Cidade da Bahia, e dos Privilegia-|dos della, e Academico Supranumerario da Acade-|mia Real da Historia Portugueza. | [grav.] | Lisboa Occidental, | Na Officina de Joseph Antonio Da Sylva, | Impressor da Academia Real. | M. DCC. XXX. [1730] | Com todas as licenças necessarias.* [12 ff. inum.; 716 pp.; BIEB: 1-a-3].

Historia Da AMERICA Portugueza. Livro Segundo. Summario. <...> Os seus Templos, Religioens, e edificios ["*da Provincia da Bahia*"] <...>

<...> Fundaçoẽs das outras Provincias, que comprehende a Portugueza America, Parâ, Maranhaõ, Cearâ, Rio Grande, Paraîba, Itamaracâ, Pernambuco, Serzipe, Ilheos, Porto Seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro, e S. Vicente. <...>

[...]

25. (*p. 79*) [*f. K4r*] ["*Erecção da sua Igreja em Cathedral, e o seu primeiro Bispo*"] Foy a Igreja da Bahia erecta em Cathe-(*p. 80*)[*f. K4v*]dral pelo Pontifice Julio III. no anno de mil e quinhentos e cincoenta e hum[483], e o seu primeiro Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, que chegou a ella no de mil e quinhentos e cincoenta e dous. ["*Numero das suas Dignidades, Prebendados, e Capellães.*"] Como este prelado[484] veyo a dar fórma à sua Diocesi, trouxe treze Capitulares, que continhaõ cinco Dignidades, Deaõ, Chantre[485], Mestre Eschola, Arcediago, e Thesoureiro môr; seis Conegos Prebendados, e dous meyos Prebendados, com seis Capellães,

hum Mestre de Ceremonias, e outro da Capella[466]; e sendo naquelle tempo tenues as rendas Reaes, tinhaõ parcos ordenados; depois se lhes accrescentaraõ por ordem delRey Catholico Filippe III. em Castella, e Segundo em Portugal, no anno de mil e seis centos e oito.

[...]

88. <...> (*p. 120*) [*f. P4v*] [*"Provincia do Rio de Janeiro."*] A fonte, de que bebem os visinhos da Cidade, he hum copioso rio, chamado Carioca, de puras, e cristalinas aguas, que depois de penetrarem os corações de muitas montanhas, se despenhavaõ por altos riscos, huma legoa distante da Cidade, onde as hiaõ tomar com algum trabalho; <...> He fama acreditada entre os seus naturaes, que esta agua faz vozes suaves nos musicos[467], e mimosos carões nas damas. <...>

[...]

Historia Da AMERICA Portugueza. Livro Sexto. Summario. <...> Ajusta [*"a Serenissima Senhora Rainha D. Luiza"*] a paz com as Provincias Unidas, e o casamento da Senhora Infante com ElRey da Grão Bretanha. <...>

<...> Desce o Gentio bravo do Cairû com grande estrago.<...>

[...]

40. (*p. 367*) [*f. Z4r*] [*"Beneficio, que resulta ás Monarchias do socego da paz."*] Grande foy a utilidade, que receberaõ os Povos de huma, e outra Monarchia pelo beneficio da paz [*"Anno de 1668."*] fortuna incomparavelmente mayor, que todas quantas pódem alcançar os mortaes, porque com ella se lavraõ os campos, se augmentaõ as Povoações, se ennobrecem as Cida-(*p. 368*)[*f. Z4v*]des, se apuraõ as Sciencias, crescem as Escholas, e florecem todas as outras Artes necessarias na Republica, as quaes aos eccos dos canhoens, e ao estrondo das caixas, se descompoem, se arruinaõ, se atrazaõ, e affugentaõ, por ser a guerra hum monstro tragador do genero humano, estrago das creaturas racionaes, e insensiveis, (e ainda entre Catholicos) torrente, e inundaçaõ de delictos, e sacrilegios; <...>

[...]

88. (*p. 381*) [*f. Bbb3r*] Chegou naquelles dias hum de preceito, em que na Matriz da Villa [*"do Cayrû", no "Certaõ da Bahia", em 1669 ou 1670*] se fazia festa annual das mais solemnes daquella Parochia, à qual concorreraõ como costumavaõ com suas mulheres, e filhas os moradores mais vestidos, que armados, indo a festejar a celebridade, bem fóra do receyo de pelejarem com os Gentios, os quaes nunca tinhaõ chegado áquelle lugar, e na presente occasiaõ variando o terreno das suas entradas, vieraõ a dar sobre elle, quiçá por saberem a solemnidade do dia, e que naquelle concurso descautelado do podiaõ fazer mayores hostilidades. [*"Chegaõ á Igreja Parochial da Villa."*] Chegaraõ em multidaõ innumeravel, rompendo os ares com (*p. 382*) [*f. Bbb3v*] os eccos dos alaridos, e instrumentos barbaros, com que costumaõ entrar nas suas batalhas; o Ministro Parochial e as pessoas, que estavaõ na Igreja, naquelle inopinado caso acudiraõ a fechar-lhes as portas.

[...]

463 . FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN (*História geral do Brasil*, v. I, 1854, Suplemento, p. 487) informa: « A bulla da criação do novo bispado que se chamou de S. Salvador, ao mesmo tempo continha o provimento e a confirmação do dito bispo [*D. Pedro Fernandes Sardinha*], e foi passada a 25 de Fevereiro de 1550. (Verificamos esta data pelo original da bulla [Torre do tombo Arm. 12, n. 31, n. 1] que é = Anno millesimo quingentesimo Quinto Kal. Martii, etc. (...) Desta bulla correm impressas, como é sabido, duas edições, sendo mais exacta a 2ª revista pelo bispo Azeredo Coutinho. – A bulla começa com as conhecidas palavras "Super specula militantis ecclesiae.)" No principio do anno seguinte o bispo, tendo sido antes sagrado, viajava para o seu destino, achando-se em Santiago de Cabo Verde aos 11 de Abril, e na Bahia pelo menos em Outubro (1551). »

464 . FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN (*op. cit.*, v. I, 1854, seção XVI, p. 209) traz uma importante informação acerca da música desta época na Sé de Salvador: « Concorde com os Jesuitas sobre os effeitos prodigiosos da musica no coração humano, pediu [*"O nosso primeiro prelado", a 12 de julho de 1552*] que lhe mandassem orgãos para a nova sé ».

465 . Oficialmente, o primeiro chantre conhecido da Sé de Salvador é Francisco de Vacas (Documentos Históricos ♦ , v. XXXV, 1937, pp. 169-171), apresentado a 22 de junho de 1553 e substituido, após sua morte, por João Lopes, em 16 de maio de 1554 (Documentos Históricos ♦ , v. XXXV, 1937, pp. 218-219). Mas, em uma *carta* de MANUEL DA NÓBREGA ♦ (de fins de julho de 1552, § 7), lê-se que Manuel Lourenço, o vigário da Bahia, « agora é chantre ». RENATO ALMEIDA (*História da música brasileira*, 1942, parte II, cap. VII, p. 291) não traz nenhum comentário sobre esse Manuel Lourenço, encontrando em Francisco de Vacas o mais antigo chantre de Salvador: « Quando chegou à Baía, a 1º de janeiro de 1552, o bispo D. Pedro Fernandes Sardinha trouxe um mestre capela para a escola dos jesuitas, onde Nóbrega, em 1549, iniciara um curso de música. Chamava-se Francisco Vacas, com o ordenado anual de 20$000. Afirmam que era bom músico e cantor, tendo sido companheiro do padre Penafiel. Em 1554, era chantre da Catedral ».

466 . A função de mestre de capela na Sé de Salvador é instituida por carta régia de 15 de junho de 1559 (Documentos Históricos ♦ , v. XXXVI, 1937, pp. 92-93), aparecendo apenas em 08 de janeiro de 1561 o nome de Bartholomeu Pires como seu primeiro ocupante (Documentos Históricos ♦ , idem, p. 98). No entanto, João Lopes, que a partir de 16 de maio de 1554 sucedeu Francisco de Vacas no chantrado (Documentos Históricos ♦ , v. XXXV, 1937, pp. 218-219) já era tratado em 03 de agosto de 1553 por « Mestre da Capella » (Documentos Históricos ♦ , v. XIV, 1924, p. 363 e v. XXXVIII, 1937, p. 176).

467 . ANTÔNIO DE SANTA MARIA JABOATÃO ♦ (*Novo orbe seráfico brasílico*, 1761, Preâmbulo, Digressão I, Estância II, § 22, p. 17) também traz esta lenda: « Eraõ ouvidos estes Tamoyos por grandes musicos, e bailadores entre todo o mais Gentio. Foraõ elles os primeiros que gostaraõ das celebradas agoas das correntes do Carioca do Rio de Janeiro, e experimentariaõ melhor os seus effeitos, e por isso eraõ estimados do mais Gentio onde se achavaõ, e porque ao som da voz compunhaõ tambem suas cantigas, e chançonetas, que ao seu modo rustico repetiaõ com singular donaire, e graça ». Logo adiante (Digressão IV, Estância II, § 54, p. 40), JABOATÃO dá a localização « da celebrada Carióca, que depois de correr, e atravessar varias montanhas, se vem despenhar das ultimas, huma legoa antes da Cidade, onde a hiaõ os moradores buscar com muito trabalho; mas hoje [*1740*], encaminhadas para ella, a tomaõ alli por hum aqueducto de muitas, e curiosas bicas, que naõ só lhes serve de saborosa bebida, para conservar a saude, tambem de suave, e effectivo lambedor para affinar as vozes nos musicos ».

174

SAMUEL FRITZ
(1654 – 1728)

DOCUMENTO: MISSÃO DOS OMÁGUAS, JURIMÁGUAS, AISUARES, IBANOMAS E OUTRAS NAÇÕES DESDE O NAPO ATÉ O RIO NEGRO. s.l., 1731.

TEXTO: Biblioteca Pública de Évora, CXV/1-15, 214 pp.. Título: « *Misión de los Omaguas, Jurimaguas, Aysuares, Ibanomas, y otras Naciones desde Napo hasta el Río Negro* ». Datado, à última página, « 1731 ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro I, cap. III, nº 5, p. 32, nota 33) afirma: « O original existia nos Arquivos do Colégio da Companhia de Quito. Foi publicado in *Boletín de la Sociedad Geográfica*, de Madrid, t. XX, 266-221. Existe tradução inglesa *Journal of the travels and Labours of Father Samuel Fritz in the River of the Amazons between 1681 and 1723*, trad. de Georg Edmundson, London, Hakluyt Society, 1922. O tradutor declara que se baseou em manuscrito de Évora, mas o Catálogo de Cunha Rivara [JOAQUIM HELIODORO DA CUNHA RIVARA – *Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca Pública Eborense*, Lisboa, 3 v., 1850-1871] não o cita. (...) ». O volume XX do *Bol. de la Soc. Geo.* não foi localizado em nenhuma das bibliotecas em que trabalhamos, obrigando-nos a traduzir aqui a edição inglesa.

NOTA SOBRE O AUTOR: JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (op. cit., 1979, livro I, cap. II, nº 3, p. 32) informa: « Natural da Boemia, nasceu Samuel a 9 de abril de 1654 e em 1673 ingressou na Companhia. Passou às Índias Ocidentais em 1685/86, com destino a Quito de onde foi apostolar os Omáguas, que se localizavam um pouco abaixo do Napo até a barra do Rio Negro, por espaço de 250 léguas. Fritz desceu à aldeia dos Jurimáguas em janeiro de 1689 e depois ao Pará, escrevendo o *Diário*, traduzido em várias línguas pela sua importância etnográfica e histórica. No Pará, onde chegou a 11 de setembro de 1689, permaneceu 22 meses, sempre discutindo e debatendo com as autoridades o reconhecimento dos direitos da Coroa espanhola sobre os territórios onde se situavam suas missões ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Journal Of The Travels and Labours of Father Samuel Fritz in the River of the Amazon between 1683 and 1723. Translated From The Evora MS And Edited By The Rev. Dr. George Edmundson. With Two Maps.* London, Printed For The Hakluyt Society, MCMXXII [1922]. 164, xliii pp. (Works Issued By The Hakluyt Society, Second Series, nº LI).

TRADUÇÃO PORTUGUESA: PAULO CASTAGNA.

OBSERVAÇÃO: Às pp. 139-140 desta publicação (§ II) são encontradas informações sobre música no século XVIII (State of the Mission of the Omaguas and Jurimaguas after the year 1715).

TEXTO INGLÊS

§ I Pacification and Customs of the Omaguas

[...]

[10.] (*p. 53*) The Father Francisco Viva, who little before had succeeded Father Herrero in the office of Superior of the Missions, determined to console the Omaguas by giving them the said Father, as Missionary. These barbarians on being informed that new Missionaires had arrived from Quito to the Laguna, and that one of them

TRADUÇÃO

§ I Pacificação e costumes dos Omaguas.

[...]

O padre Francisco Viva, que pouco antes sucedeu ao padre Herrero no ofício de Superior da missão, determinou consolar os Omaguas [*no Pará, em 1686*], cedendo-lhes o dito padre, como missionário. Esses bárbaros, ao serem informados de que novos missionários chegaram de Quito à Laguna, e que um deles se preparava

was preparing to descend to their lands, with great eagerness, convoyed in more than thirty canoes, set out upstream to meet him, and brought him with much rejoicing to their first village-settlement. On arrival at the port, not content that he should go up from the canoe on his feet, they insisted on carrying him in their arms and, amidst dances and music of flutes, fifes and other instruments, brought him to the abode that they had provided for him.

[...]

para descer às suas terras, formaram, com grande ímpeto, comboio de mais de trinta canoas e rumaram rio acima para encontrá-lo, trazendo-o com regozijo à sua povoação. Na chegada ao porto, não contentes de que ele sairia da canoa em seus próprios pés, insistiram em carregá-lo nos braços e, entre danças e música de flautas, pífaros e outros instrumentos, levaram-no à residência que prepararam para ele.

[...]

§ II Journal of the Descent of FATHER SAMUEL FRITZ, Missionary of the Crown of Castile in the River Marañon, from S. Joaquim of the Omaguas to the City of Gran Pará, in the year 1689, and return of the said Father from the same city to the Pueblo de la Laguna, the head centre of the Mission of the Maynas, in the year 1691.

§ II Diário da descida do padre Samuel Fritz, missionário da Coroa de Castela no rio Marañon, de São Joaquim dos Omaguas à cidade do Grão Pará, no ano de 1689 e retorno do dito padre da mesma cidade a Pueblo de la Laguna, centro principal da missão dos Maynas, no ano de 1691.

[...]

[5.] (*p. 61*) Remarkable is the fact, that I at this time found out in this village of the Jurimaguas, which is that in a revelry that they were making, I, from the ranch where I was lying, heard a flute played, that caused me so great terror, that I could not endure its sound. When they left off playing that flute I asked what it meant, and they answered me, that they were playing in this manner, to Guaricaya, that was the Devil, who from the time of their ancestors came in visible form, and took up his abode in their villages; and they always made him a house apart from the village within the forest, and there they brought him drink and the sick that he might cure them. Finally enquiring with that kind of face and form he came, the chief, named Mativa, answered, "Father I could not describe it, only that it is

[...]

é notável o fato que verifiquei nesse tempo em tal aldeia dos Jurimáguas, em um festejo que estavam tendo, onde, do local em que eu estava, ouvi uma flauta, me causando tamanho terror, que não pude suportar seu som. Quando pararam de tanger tal flauta, perguntei o que aquilo significava, e me responderam que tocavam daquela maneira para Guaricaya, que era o diabo, que no tempo de seus ancestrais veio em forma visível e tomou morada em suas aldeias; e eles sempre lhe construíram uma casa na floresta, fora da aldeia, e o levaram bebida e os doentes que ele poderia curar. Finalmente, inquirindo-os com qual rosto e forma ele vinha, o principal, chamado Mativa, me respondeu: "Padre, eu não o poderia descrever, a não ser que é horrível, e quando ele vem, todas as mulheres fogem com suas crianças, permanecendo

horrible, and when he comes all the women with their little ones flee, only the grown-up men remain, and them the Devil takes a whip that for this purpose we keep provided with a leather lash made of the hide of a Sea-Cow, and he flogs us on the breast until much blood is drawn."

[6.] In the absence of the Devil the flogger is an old man, hence great scars are found upon our breasts. We do this, they say, to make us valiant. The forms that he took were those of a tiger-boar or of other beasts, at one time it was gigantic, at others dwarfish. I asked further wether he had said anything about me, either that they should eject or kill me, and he replied, that the sounds that he gave forth were not articulate, and "since you came", said the Chief, "the first time that you planted the Cross, he no longer wishes to come to the village, nor any more to cure the sick that some bring to his house; because we now bring them to you that you may preach to them the Gospel and that they may not die." This is what they told me on this occasion of the Devil, of which I had before had some information in agreement also with what I had heard from the Aysuares, who down-stream are called Solimoens, and other sources of information of similar character. <...>

[...]

apenas os mais crescidos, e então o diabo toma um chicote que mantemos para esse fim, provido de açoites de couro, feitos da pele de uma vaca-marinha, e nos açoita ao peito até que saia muito sangue".

"Na ausência do diabo, o que açoita é um velho, em conseqüência do que, muitas cicatrizes são encontradas em nossos peitos. Fazemos isso", falaram, "para nos tornarmos valentes". As formas que tomava eram a de um javali ou de outras bestas, em uma ocasião era gigantesco, em outras um anão. Perguntei, então, apesar de ele nada me ter dito, se pretendiam me expulsar ou me matar, e ele respondeu que os sons que ele emitia não eram articulados, e "desde que você chegou", disse o principal, "desde a primeira vez que você chantou a cruz, ele não mais deseja vir à aldeia, nem mais para curar os doentes que levam à sua casa, pois que agora os levamos a você, para que os pregue o evangelho e para que eles não morram". Isto é o que me contaram nessa ocasião sobre o diabo, do qual tive depois algumas informações adicionais, também do que ouvi dos Aysuares, que rio-abaixo são chamados Solimões, e de outras fontes de informações de caráter similar. <...>

[...]

175

DIOGO BARBOSA MACHADO

(1682 - 1772)

LIVROS: BIBLIOTECA LUSITANA, TOMOS I e II. Lisboa, Antonio Isidoro da Fonseca, 1741-1747.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A *Biblioteca Lusitana* foi publicada em 4 volumes (1741-1759) e reimpressa entre 1930-1935 em Lisboa, por Arthus Bertrand. Há, porém, reedições parciais dessa obra, como a de Lisboa, 1786 (Antonio Gomes) e Lisboa, entre 1786-1787 (Antonio Gomes e Academia Real das Ciências, em 3 volumes).

NOTA SOBRE O AUTOR: DIOGO BARBOSA MACHADO foi presbitero secular, abade de Sever e bibliógrafo português, autor da primeira grande obra portuguêsa do gênero, da qual aqui nos ocupamos.

EDIÇÕES UTILIZADAS: Bibliotheca | LUSITANA | Historica, Critica, e Cronologica. | Na Qual Se Comprehende A Noticia Dos Autho-|res Portuguezes, e das Obras, que compuseraõ desde o tempo | da promulgaçaõ da Ley da Graça até o tempo prezente. | Offerecida | A Augusta Magestade | Do | D. JOAÕ V. | Nosso Senhor | Por DIOGO BARBOSA | Machado | Ulyssiponense Abbade da Parochial Igreja de Santo Adriaõ de Sever, e Acade-|mico do Numero da Academia Real. | TOMO I. | (grav.) | Lisboa Occidental, | Na Officina de Antonio Isidoro Da Fonseca | Anno de M. D. CC. XXXXI. | Com todas as licenças necessarias. [BIEB: L1-a-1; 33 X 24 cm; 38 ff. inum., 767 pp.].

Bibliotheca | LUSITANA | Historica, Critica, e Cronologica. | Na Qual Se Comprehende A Noticia Dos Au-|thores Portuguezes, e das Obras, que compuzeraõ desde o | tempo da promulgaçaõ da Ley da Graça até o tempo | prezente | Por | DIOGO BARBOSA | Machado | Ulyssiponense Abbade Reservatorio da Parochial | Igreja de Santo Adriaõ de Sever, e Academico | do Numero da Academia Real. | TOMO II. | (grav.) | LISBOA: | Na Officina de Ignacio Rodrigues, | Anno de M. D. CC. XLVII. [1747] | Com todas as licenças necessarias. [BIEB: L1-a-2; 33 X 24 cm; 926 pp., 1 p. inum.].

TOMO I

[...]

(*p. 766*) [*col. 1*] Fr. EUSEBIO DE MATOS Naceo na Cidade da Bahia Capital da America Portugueza em o anno de 1629. onde na juvenil [*sic*] idade de 15. annos entrou na Companhia de JESUS a 24. de Março de 1644. e depois de aprender as letras humanas, e sciencias escolasticas, em que sahio profundamente instruido, dictou aos seus domesticos tres annos Filosofia, e dez Theologia Especulativa, e Moral deixando tantos discipulos quantos foraõ os Mestres, que leraõ estas Faculdades. Tendo feito a profissão do quarto voto a 15. de Agosto de 1664. se passou para a Religiaõ Carmelitana em o anno de 1677 mudando o apellido de Matos em o da Soledade, na qual professou taõ sagrado Instituto com [*col. 2*] grande gloria dos seus alumnos, aos quaes instruio com as subtilezas da Filosofia, e Theologia fazendo taes progressos, que competiaõ com os discipulos, que tivera na Companhia. Foy insigne Prégador assim em a subtileza dos discursos, como na vehemencia dos affectos: Poeta vulgar, e Latino, cujos versos eraõ taõ discretos, como elegantes: Musico por arte, e natureza compondo as letras que acomodava aos preceitos da Solfa [480]: Arithmetico grande sendo sempre eleito para arbitro das mayores Contas: Pintor engenhoso do qual se conservaõ com estimaçaõ particular muitos dibuxos: discreto, jovial na conservaçaõ; e ultimamente taõ consumado em todas as partes, que constituem hum homem

perfeito que affirmava delle o P. Antonio Vieyra Oraculo da eloquencia Ecclesiastica que Deos se apostara em o fazer em tudo grande, e naõ fora mais por naõ querer. Falleceo no Convento patrio no anno de 1692. com 63. annos de idade 33. de Jesuita, e 15. de Carmelita. Quando esteve na Companhia. Imprimio. [469]

[...]

TOMO II

[...]

(*p. 750*) [*col. 1*] D. Fr. IOAÕ SEYXAS DA FONCECA. [470] Naceo em a Cidade de S. Sebastiaõ Capital do Rio de Janeiro a 6. de Mayo de 1681. sendo filho de Francisco de Seixas da Fonceca, e de Maria da Rocha Fiusa. No Convento da Bahia recebeo a cogulha monastica do Principe dos Patriarchas S. Bento onde estudou as sciencias severas com tonto disvelo, que sendo discipulo parecia Mestre. Passando à Corte de Roma concilicu com a urbanidade do seu genio, e madureza do seu talento o affecto do Summo Pontifice Clemente XII. que querendo premiar os seus merecimentos o creou Bispo de Areopoli no Consistorio de 28 de Setembro de 1733. em cuja dignidade foy sagrado em a Igreja de Santo Antonio dos Portuguezes pelo Cardial Ioaõ Antonio Guadanhi sobrinho do dito Pontifice. Assistindo em Florença estampou hum livro de Sonatas de Cravo, que dedicou ao Serenissimo Senhor Infante D. Antonio em a lingua Italiana da qual traduzio em a materna.

Giro do Mundo composto por Gimelli. Tomo primeiro. M. S. 4. Continua na traducaõ dos seguintes.

[...]

468 . JOSÉ MAZZA à (*Dicionário biográfico de músicos portugueses*, séc. XVIII, na biografia de Euzebio de Mattos) informa da existência de um livro intitulado « Mem. Hist. das Escrit. Portug. do Carm. Cap. 24 pag. 140 », de « Manoel de Sa », que contém dados sobre a vida musical deste personagem. Em nota ao texto de MAZZA, apresentamos um livro de 1724 que parece ser o que este autor indica. Mas o próprio MAZZA diz que este bahiano foi « Compozitor famoso de Muzica ». J. M. P. VASCONCELOS (**Selecta Brasiliense**, v. II, 1870, pp. 114-115) que, como muitos outros, informa que « Era irmão de Gregorio de Mattos », afirma (p. 115) que « Foi tambem musico, arithmetico, pintor e poeta ». FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN (*História geral do Brasil*, 2ª edição [de 1876], v. II, seção XXXVII, p. 798) deixou um comentário interessante, que não aparece na primeira edição, onde escreve sobre ANTÔNIO DE SÁ e EUSÉBIO DE MATOS [no original está « EUGÊNIO »]: « De ambos elles possuimos impressos varios escritos sagrados. O segundo, sem nunca ter saído da Bahia, distinguiu-se tambem, não só como poeta, no gênero mystico; mas também como desenhador, e como musico afamado no seu tempo; devendo só lamentar o não possuirmos nenhuma destas suas composições; que forneceriam acaso o maior interesse para o futuro, quando o nosso paiz, onde tanto ja se cultiva a divina arte da harmonia, venha a oferecer ao mundo alguns Bellinis ou Verdis americanos ».

469 . Segue-se, ao texto de BARBOSA MACHADO (pp. 766-777), uma relação de 6 obras literárias de EUSÉBIO DE MATOS, entre impressos e manuscritos. Não há qualquer referência a obras musicais.

470 . Não sabemos se JOÃO SEIXAS DA FONSECA chegou a desempenhar alguma atividade musical no Brasil. Dele só há informações relativas ao « livro de Sonatas de Cravo » que teria feito publicar em Florença em 1732. ROBERT STEVENSON (*Some portuguese sources for early Brazilian music history*, 1968, pp. 3-6) demonstrou que JOÃO SEIXAS DA FONSECA não é o autor das sonatas, mas sim de uma dedicatória a Gian Antonio Guadagni, no ***Sonate Da Cimbalo di piano, e forte detto volgarmente di***

martelleti Dedicate A Sua Altezza Reale il Serenissimo D. Antonio Infante di Portogallo E Composte Da D. Lodovico Giustini di Pistoia Opera Prima Firenze MDCCXXXII.

176

APOLINÁRIO DA CONCEIÇÃO

(1692 - 1755)

LIVRO: FLOR PEREGRINA POR PRETA, OU NOVA MARAVILHA DA GRAÇA. Lisboa, Oficina Pinheirense da Música, 1744.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Ao que se sabe, esta é a única edição da *Flor Peregrina*.

EDIÇÃO UTILIZADA: *FLOR | Perigrina Por Preta, | Ou Nova | Maravilha Da Graça. | Descuberta na prodigiosa Vida do | B. BENEDICTO | De S. Philadelfio | Religioso Leigo | Da Provincia Reformada de Sicilia, das de mais | estreita Observancia da Religiaõ Serafica; Vig-|ario, e Guardiaõ, que foy do Convento | de S. Maria de Jesus de Palermo. | Escrita, e dedicada ao mesmo Bemaventurado | Por Fr. APOLINARIO | Da Conceiçaõ. | Religioso Leigo da Provincia da Immaculada Con-|ceiçaõ do Brazil do Instituto Capucho, e na-|tural da Cidade de Lisboa. | Lisboa: | Na Offic. Pinheirense da Musica, e da | Sagrada Religiaõ de Malta, no principio da | Calçada de S. Anna. | Com todas as licenças necessarias Anno de 1744.* [BIEB: 16-r-15; 14 x 10 cm, 13 ff. inum., 303 pp.].

CAPITULO XXV. Aclamaçaõ de sua santidade, estendida pela Christandade, e singular culto, que tem no Reyno de Portugal, e seus dominios, e com muita especialidade no Brasil. o B. Benedicto.

[...]

278. (*p. 267*) Na Cidade do Rio de Janeiro, alem (*p. 268*) de outras Imagens, se ve huma deste Bemaventurado em Capella a elle dedicado na Igreja de N. Senhora do Rozario, que ao prezente serve de Sé da dita Cidade, á qual já no anno de 1612. havia chegado seu engraçado nome, e appellidavaõ Santo. Em Villa-Rica, e Freguezia do ouro preto, na Igreja de N. Senhora do Rozario, tem a Capella collecteral da parte do Evangelho, o nosso Siciliano. Nos mais dos Conventos de minha Santa Provincia, tem em suas Igrejas, particular Capella este Beato, com suas Confrarias, de que saõ Irmaõs naõ só a gente preta, como tambem munta da branca. Porém quem leve as palmas em todo o Bispado do Rio de Janeiro, na devoçaõ a este Santo, aos moradores da Capitania do Espirito Santo, naõ ha; ainda que nas Povoaçoens das Minas alem da sobredita, sejaõ tambem munto fervorosos em seus obsequios. Ja fica advertido, o que communmente se experimenta com sua Imagem, que he a que vay nas Procissoens, que outra tem na Igreja no Altar collecteral da parte da Epistola. Festejaõ-no todos os annos pelas Oitavas do Espirito Santo, para o que dias antes levantaõ mastro defronte do Convento, com sua bandeira encima, e o Santo Pintado. No dia destinado [*31 de julho*], he grandissimo o concurso de gente à (*p. 269*) Villa da Victoria, assim de seus moradores como de seu termo (que julgo ser o mayor em todo o anno) canta-se a Missa, que corresponde ao dia e se préga do Evangelho; referindo-se assim mesmo algumas virtudes do Bẽdito preto, de q̃ se segue, naõ pequeno fruto espiritual assim dos Brancos, como dos Pretos, estes por se lhes propor a hum Santo de sua propria cõr, e condiçaõ, áquelles, por verem a hum por seu nascimento, taõ humilde, taõ exaltado, e favorecido de Deos. De tarde fazem sua Procissaõ, e

he a unica, que corre toda a Villa, levaõ em bem adornado andor o Santo. E posto que o Juiz, a Juiza da Irmandade de sempre saõ Pretos (como tambem o Rey, e Rainha, que o representaõ naquelles dias) he tal a devoção deste Povo, que homens, e mulheres Brancos ja por voto, e ja por cordeal affecto, vaõ a traz, e por remate da Procissaõ trinta Juizes, e trinta juizas, que se dizem por devoçaõ, as quaes com suas varas nas maõs o representão. As offertas, que enviaõ à Communidade de carne, doces, e outras especies he consideravel; e por quasi todo o anno, bem se póde dizer, que de nosso Convento he principal ordinaria S. Benedicto; pois por devoçaõ sua, ou era remuneraçaõ dos beneficios que reconhecem conseguir por seus merecimentos, das liberalis-(*p. 270*)simas mãos do Omnipotente, varias esmolas mandaõ ao Convento de N. P. S. Francisco da dita Villa de N. Senhora da Victoria, e algumas sem se saber os Bemfeitores, que as enviaõ como sucedeo no anno de 1721. <...>

[...]

177

ANDRÉ DE BARROS

(1675 – 1754)

LIVRO: VIDA DO APOSTÓLICO PADRE ANTÔNIO VIEIRA. Lisboa, Nova Oficina Silviana, 1746.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Este livro foi reeditado apenas em 1837 (Bahia, Typ. do Diario). Para a montagem de sua biografia do padre Vieira, o jesuíta português serviu-se apenas de compilação bibliográfica, particularmente das cartas que escreveu o primeiro.

EDIÇÃO UTILIZADA: VIDA | Do | *Apostolico Padre* | ANTONIO VIEYRA | *Da Companhia de Jesus,* | *Chamado Por Antonomasia* | *O GRANDE;* | *Acclamado no Mundo* | *Por Principe dos Oradores Evangelicos, Prègador Incomparavel* | *Dos Augustissimos* | REYS DE PORTUGAL, | *Varaõ esclarecido em Virtudes, e Letras Divinas, e Humanas;* | *Restaurador das Missões do Maranhaõ, e Pará.* | *Dedicada* | *Ao Serenissimo* | *Senhor Infante* | D. ANTONIO | *Pelo* | P. ANDRÉ DE BARROS | *Da Companhia de Jesus.* | *[grav.]* | LISBOA: | *Na nova Officina Sylviana* | M.D.CC.XLVI. *[1746]* | *Com permissaõ dos Superiores, e Privilegio Real.* [19 X 20; 12 ff. inum.; 686 pp.; 1 retrato; BIEB: 21-e-25].

VIDA Do Apostolico Padre Antonio Vieyra Da Companhia de Jesus, Chamado Por Antonomasia O Grande. Livro I.

[...]

CXXVII. <...> (*p. 69*) [*"Apostolico desvelo na embarcaçaõ do P. Veyra."*] Todas as tardes cantavaõ a Ladaînha: [*na nau que levava o p. Vieira de Portugal ao Maranhão, entre 22 de novembro de 1652 e 16 de janeiro de 1653*] <...>

[...]

VIDA Do Apostolico Padre Antonio Vieyra Da Companhia de Jesus. Livro II.

[...]

XXIX. (*p. 130*) [*"Procissaõ da santa doutrina, que introduz" (enquanto esteve no Maranhão, entre 16 de janeiro de 1653 e junho de 1654)*] Pela huma hora da tarde sahia da Igreja dos Padres até a Matriz [*de São Luís*] em ornadas fileiras hum vistozo, e numerozo concurso de almas a beber luz daquelle coraçaõ, que era o deposito da sabedoria, e do zelo. Hia como bandeira sagrada na retaguarda hum guiaõ de côr branca, e nelle a pintura de Santo Ignacio de Loyola, luz do Mundo, e terror do Infer-(*p. 131*)no: arvorava-o hum Indio principal das aldêas da Cidade, ou algum outro entre elles de repeito. Adiante hiaõ os Indios, atrás destes as Indias, entoando a acentos harmoniózoz entre aquella infantaria os estudantinhos, que já frequantavaõ as classes, a Ladaînha da Mãy de Deos: clarins, que no suave das vózes deleitavaõ os ouvidos, os corações no devoto. No fim se via o Grande VIEYRA, que por illustrar, e polir aquellas rudes almas, taõ preciosas, como as mais cultas, deixára a luz, e os applausos de Europa. Discorria esta sagrada pompa pelas principaes ruas da Cidade, recolhendo de caminho á bandeira os Indios, que andavaõ dispersos, e constrangendo a alguns, a quem a ignorancia fazia estranhos, o medo fugitivos.

[...]

XXXIV. (*p. 133*) [*"Mudanças nos costumes."; "Introduz a devaçaõ do Rosario."*] Já parecia outro aquelle povo, revestindo-se a Cidade nova face: o Padre ANTONIO VIEYRA, reconhecendo como o Ceo dava efficácias a suas vózes, e ás dos seus, foy repetindo as industrias, e buscando em nóvos exercicios nóvos alentos á empreza. Chegou o dia da Annunciaçaõ; (aquelle dia feliz, em que se abrio a porta á fortuna do Mundo) e depois de ter no pulpito empregada toda a alma nas ponderações daquelle portentozo Mysterio, no fim do Sermaõ publicou, como daquella tarde por diante se dava principio á devaçaõ do Rosario, cantando-se a córos o Terço da Senhora naquella mesma Igreja do Collegio, em que os Padres a veneraõ com o titulo da Senhora da Luz.

XXXV. Foy isto hum attractivo, e reclamo agradavel áquelle povo: começava-se ao fenecer do dia; e era tal o concurso, que de ordinario se enchia a Igreja com a multidaõ de todos os estados. Assistiaõ por ley impósta os estudantes, que frequentavaõ as classes. Composto o altar com muitas luzes á Imagem da Soberana Mãy da Luz do Mundo, davaõ prin-(*p. 134*)cipio dous moços das melhores vózes, entoando sonóramente, e respondendo com devaçaõ notavel a gente toda. [*"Exemplo, que nisto dá."*] Entre os dous musicos assistia com sobrepeliz o Padre ANTONIO VIEYRA para apontar os Mysterios, e para os concluir com as orações competentes. Daqui nasceo atear-se o fogo desta devaçaõ taõ vivamente naquelles moradores, que pelas casas particulares formavaõ os mesmos córos as familias, ouvindo-se soar harmoniózamente em partes diversas este obsequiozo culto á Rainha dos Ceos, e terra.

[...]

CCXVII. (*p. 232*) [*sobre o trabalho dos padres da Companhia de Jesus com os índios da Serra de Ibiapaba, entre 4 de julho de 1656 e 22 de junho de 1657*] Acodîraõ á doutrina principalmente os pequenos, que em breve se puzéraõ déstros nas perguntas, e respostas do Cathecismo; sendo sempre os grandes para isto remissos, e tardos, com o conhecido descuido, e negligencia destas Nações. Naõ se aquietáva porêm o animo de taõ esforçados Soldados, vendo que naõ correspondia a tantas fadigas aquelle infausto paiz: inventou [*Antônio Vieira*] o seu zelo hum novo genero de guerra, com que tirasse do po-(*p. 233*)der do demonio aquellas almas, que elle roubava ao Ceo. [*"Cõpoem a santa doutrina em verso, que os mininos cantavaõ"*] Compuzéraõ a santa doutrina em verso, e a ensinavaõ a cantar com agradaveis tons aos mininos, que a aprendiaõ: e ao ouvir-se entre aquella barbaridade esta consonancia do Ceo, foraõ muito mayores os concursos á doutrina de todos os dias; e começáraõ a nascer esperanças de ver domesticadas aquellas féras, attrahidos pelo Orpheo Divino rochedos taõ duros. [*"Com isto attrahíraõ os grandes."*] Bautizáraõ-se muitos adultos, e todos os innocentes; porque naõ houve pay, que naõ trouxesse a taõ Sagrada fonte seus filhos, dos quaes em breve tempo voáraõ muitos a occupar os lugares, que a Providencia Divina lhes tinha determinado no Paraîso.

[...]

VIDA Do Apostolico Padre Antonio Vieyra Da Companhia de Jesus. Livro III.

[...]

II. (*p. 270*) [*"Ilha dos Nheengaíbas, chamada dos Joannes."*] He aquella Ilha [*"atravessada na boca do grande rio das Amazonas"*] hum confuso labyrintho, tecido de rios, e bosques: huns com mil voltas, entradas, e sahidas; outros parecendo totalmente fechados, saõ só para aquellas humanas féras penetraveis. Da situaçaõ natural do seu terreno se souberaõ déstramente valer estes Indios; e declarada a guerra contra os Portuguezes,

[*em 1658*] com discurso militar, e cautelozo valor, para naõ serem accõmettidos juntos, desatáraõ as povoações. Estendêraõ-se pela terra dentro, e a largas distancias foraõ espalhando as casas, vindo a ficar toda a Ilha huma defendida povoaçaõ sem povoaçaõ; ou incontrastavel fortaleza, a quem os rios serviaõ de fosso, os bosques de muralha, ou estacada invencivel; sendo cada casa huma atalaya, cada morador huma sentinéla, que a qualquer rumor de inimigo tocava com suas buzînas a rebate.

[...]

XXIV. (*p. 280*) [*"Companheiros, que leva"*] Aos 16 de Agosto [*de 1659*] sahio [*Antônio Vieira*] das aldêas do Camutá com o Padre Thomé Ribeiro este grande Capitaõ de Christo com doze canoas [*para a "empreza dos Nheengaibas"*]: acompanhavaõ-no os Principaes de todas as Nações Christãs, e dos Portuguezes só seis com o Sargento mór da praça, para naõ meter desconfiança áquelles Gentios. Ao quinto dia embocáraõ o rio dos Mapuázes aquelles, que tinhaõ promettido os Padres; [*"Alegre encontro, que tem"*] quando duas leguas antes do porto se avistou huma canôa grande, que demandando as nossas, vogava toda empavezada, e com a magnificencia innocente, de que usaõ aquellas gentes: isto he, ornada por todas as partes de pennas de várias côres, representando entre as ondas huma ave maritima, ou hum jardim errático. Vinhaõ nella os Principaes daquella Naçaõ, tocando a demais chusma suas buzînas, e a alternados espaços levantando vózes, e gritos, demonstraçaõ, de que usaõ na mayor alegria. Respondia-se das nossas canôas com igual expressaõ, soando por aquelles bosques uns equivocos écos, ao Ceo alegres, ao Inferno temerózos; vendo-se aqui á letra aquella estranha consonancia do Psalmista: [*"Psal. 32. 3."*] **Bene psalite ei in vociferatione.**

[...]

XXVII. (*p. 282*) [*"Desembarcaõ no desejado porto."*] Foraõ navegando todos com alegria mutua, e ferrado o porto [*no Pará, a 16 de agosto de 1659*], desembarcou com todos o Padre VIEYRA; e bastando-lhe pizar aquella feróz terra para a render, podia imitar o dito do Grande Cesar em Africa: **Teneo te Africa**, a naõ reconhecer se devia tudo ao verdadeiro Senhor dos Ceos, e terra, Deos das victorias. Tinhaõ os Nheengaîbas feita de palma, ao uso da terra, a promettida Igraja: pobre, (como se deixa entender) mas muito asseada. [*"Achaõ feita Igreja, e casa: e rãdem a Deos as graças"*] Nella com o titulo do Santo Christo se collocou a sua Imagem, dizendo-se o **Te Deum laudamus**, em que os affectos do coraçaõ supprîraõ a melodîa das vózes, e harmoniozo canto. <...>

[...]

XLII. (*p. 288*) [*"Festas, em que todos rompem" (após solenidade na aldeia dos Nheengaibas pela chegada dos padres, pouco depois da ocasião em que se rezou o Te Deum na igreja, no dia 16)*] Sahindo para fóra, naõ foy menor o triunfo. Via-se alli huma larga praça, e nella o concurso de todas aquellas Nações, que vieraõ, seguindo cada huma o seu Principal: e para publica demonstraçaõ, do que dentro da Igreja se tinha obrado, os Portuguezes (*p. 289*) (*f. Cor*) tiravaõ as bálas dos arcabuzes, e disparando sem ellas, as arremeçavaõ ao rio; os Principaes quebravaõ igualmente as suas frechas, e atiravaõ com os pedaços ao mesmo rio; soando no mesmo tempo, e explicando-se a geral alegria de Nações, e linguas muy diversas com trombetas, buzînas, e tambores, e outros instrumentos a nós barbaros, a todos agora festivos; <...>

[...]

XLIV. Reduzido com tanta suavidade á nossa obediencia aquelle bravo Gentilismo, detivéraõ-se com elle os Padres quatorze dias, (*p. 290*) os quaes se gastavaõ em receber, e ouvir hospedes; mas as noites inteiras eraõ huma perpétua festa, assim das nossas Nações, como das suas, sendo continuos os bailes com differentes modos, vózes, e harmonias. <...>

[...]

LXI. (*p. 300*) ["*Chega á serra á quarta feira de Trévas á huma hora.*"] Chegou [*o padre Vieira*] finalmente, depois de vinte e hum dias de jornada (até áquelles tempos a mais breve) á famosa serra de Ibiapába. ["*Ordena logo os Officios daquella tarde, e dos demais dias.*"] Era huma hora, e o dia de quarta feira de Trévas, em que se contavaõ 24 de Março [*de 1660*]; e sem mais descanso, nem perder ponto á religiosa regularidade, ordenou logo os Officios daquella tar-(*p. 301*)de, que celebráraõ com devaçaõ piedóza. Eraõ quatro os Sacerdotes, que acompanhados dos Indios Pernambucanos, que tinhaõ, e sabiaõ o canto de Orgaõ, déraõ á terra nóva ternura, ao Ceo alegria. Segui-se a quinta feira, em que ao mesmo canto se celebrou Missa, e na festa a Paixaõ do Senhor; vindo aquelles leões feitos cordeiros á adoraçaõ da Cruz com rara piedade. Ao pôr do Sol houve mais que ver, e que chorar na procissaõ do Enterro. ["*Procissaõ do Enterro devotissima.*"] Ordenou-se a funebre representaçaõ com devota pompe. Hiaõ nella todos os mininos, e moços com coroas de espinhos na cabeça, e Cruzes ás cóstas em duas fileiras: por fóra destes ao mesmo compaço, e ordem hiaõ os Indios grandes arrastando com submissaõ respeitóza os arcos, e frechas; soando ao mesmo tempo, e augmentando a dor, e o horror sagrado, as caixas destemperadas[471], tantas excitativas á fereza, agora á Fé, e á humanidade. <...>

VIDA Do Apostolico Padre ANTONIO VIEYRA Da Companhia de Jesus. Livro IV.

CCXLV. (*p. 496*) Da capella interior, juntamente com a Cõmunidade, foy acompanhado dos Reverendissimos Conegos [*o corpo do p. Vieira, a 18 de julho de 1697, no Collegio da Bahia*], e musica daquella Sé Metropolitana até á Igreja. Alli os mesmos cantáraõ Missa, e fizéraõ as honras ultimas a cinzas taõ beneméritas[472]. <...>

[...]

VIDA Do Apostolico Padre ANTONIO VIEYRA Da Companhia de Jesus. Livro V.

[...]

XVII. (*p. 522*) ["*Quanto introduz para este fim" (o culto divino no Maranhão)*] Com o mesmo zelo procurava por outros modos augmentar o culto da Religiaõ; porisso até o Mysterio do Nascimento de Christo lhes representava no Presepio, mandando hir todas as imagens, e figuras necessarias áquella ternissima exhibiçaõ dos dias do Natal. Introduzio-lhe tambem procissões: e (*p. 523*) porque aquelles Gentios se levaõ muito das exterioridades, e saõ muito inclinados aos seus bailes, mandou-lhes hir para as festas, Missas, e procissões, muitas frautas, e charamelas, cascavéis, e outras invenções innocentes, para que viessem naõ ser triste a Fé de Christo.

[...]

CXLVIII. (*p. 595*) ["*Introduz o Terço nos navios.*"] O amor a esta Senhora o fez introduzir a devaçaõ do Terço do Rosario Santissimo. Em todas as embarcações, que naõ eraõ de Hereges, o fazia rezar todos os dias por toda a gente da náo; e foy isto com tanta felicidade, que os marinheiros, que tinhaõ navegado com o Padre VIEYRA, continuáraõ em outras viagens a mesma devaçaõ, de que veyo pegar-se em todos os navios Portuguezes, assim mercantins, como de guerra, este Celestial contágio.

CXLIX. ["*E no Maranhaõ.*"] No Maranhaõ acendeo tambem este Divino fogo, instituindo cantar-se o mesmo Terço na Igreja da Companhia de (*p. 596*) JESUS, e o Padre VIEYRA se fez Capellaõ da Senhora, assistindo a elle com

sobrepeliz para dizer as orações dos Mysterios. Exhortou a todos, a que em suas casas o rezassem, como faziaõ, ouvindo desde entaõ o Ceo estas vózes todas as noites em muitas partes, e ao mesmo tempo: porquea senhora da casa com filhas, e escravas de hum lado, e o senhor com filhos, e escravos do outro, entoavaõ á Mãy de Deos, este Angelico descante[473].

[...]

471 . DOMINGOS VIEIRA (***Grande dicionário portuguêz***, 1873, v. II, p. 33) informa: « Caixas **destemperadas**, as que se tocam nos funeraes e durante a applicação da pena capital ou de degradação a algum militar ». RAPHAEL BLUTEAU (***Vocabulário portuguêz e latino***, v. III, 1713, p. 175) diz: « Destemperar as caixas. He tocar o tambor confusamente, & sem ordem, como se costuma, quando se castiga hum soldado; da qui vem, Botar alguem caixas destemperadas, que val o mesmo, que lançalo de si com desabrimento, & com palavras injuriosas ».

472 . JOÃO ANTÔNIO ANDREONI, na « *Carta do P. Reytor do Collegio da Bahia em que dá conta ao Padre Géral da morte do P. Antonio Vieyra, & refere as principaes acções de sua vida* », escrita na Bahia a 20 de julho de 1697 (***Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro***, v. III, 1877, p. 156), traz a seguinte informação: « Ab interiori sacello usque ad templum Metropolitanae Sedis Canonici, Cantoresque una cum nostris precibus, Laudibusque de more decantatis, solemne sacrificium pro eo obtulerunt, & tumulato extremum rogatū requie lugubriter conclamarunt ». Na tradução (*idem*, p. 159) se lê: « Os Conegos e os Cantores, juntamente com os nossos, acompanharam o seu corpo, transportado da capella domestica para o templo da Sé Metropolitana e, depois de cantadas segundo o rito Matinas e Laudes, offereceram pela sua alma a Missa solemne, e entregue á sepultura, tendo invocado sobre elle o eterno descanço, todos lhe deram lugubremente o ultimo adeus! ». Em 1672 era mestre de capela da Sé de Salvador o P. Frei **Agostinho de Santa Mônica** (***Documentos Históricos*** ✝, v. CXXIV, 1936, p. 14) e, de pelo menos 1690 a 1701 ou depois, era chantre **Francisco Pereira** (***Documentos Históricos*** ✝, v. LXXXIII, 1949, pp. 95-96), contando, segundo a documentação da época, com quatro **moços do coro**. Talvez se ajude a compreender o que teria sido a « música daquela Sé Metropolitana » durante os funerais do padre VIEIRA a seguinte passagem de BARROS no livro IV, que descreve missa celebrada em homenagem ao falecido VIEIRA entre 2 de novembro e 17 de dezembro de 1697 na Capela Real de Lisboa: « CCLVIII (p. 502) [*"Celébra Missa o Excellentissimo Senhor Bispo de Leiria."*] Confirmou a alta estimaçaõ, que ao Grande VIEYRA se divia, o dignar-se celebrar Missa (tendo na tarde antecedente celebrado vesperas) o Excellentissimo Senhor D. Alvaro de Abranches e Camera, Bispo de Leiria, cuja benignidade iguala á alta, e esclarecida nobreza de seu sangue, exemplo de Prelados, lustre da sabedoria toda, e justo avaliador das memorias, e raros talentos do Padre VIEYRA. Acompanhou a Missa a musica da Capella Real, dividida em dous córos, a que fez compasso o insigne Mestre da mesma Capella Antonio Marques Lésbio, o que só exercitava em funções Reaes. ¶ CCLIX [*"Vem a musica da Capella Real."*] Concluída a Missa, seguio-se a costumada bençaõ, e circulo, em que se incensa o tumulo, o qual acabado com a suavidade da musica, na ultima, e saudóza deprecaçaõ da Igreja, se recolhêraõ os Celebrantes á Sacristía ». Esta informação é encontrada em outras obras, como na ***Voz Sagrada*** de ANDRÉ DE BARROS (1746, ff. [17v-18r] e pp. 147-148) e na ***Oração Funebre*** de D. FRANCISCO XAVIER (1730, p. 64).

473 . Aqui, diferentemente das referências a certo instrumento musical feitas por FERNÃO CARDIM ✝ e HENRIQUE GOMES ✝, **descante** parece significar um tipo de polifonia. RAPHAEL BLUTEAU (***Vocabulário portuguêz e latino***, v. III, 1713, p. 103) diz: « Concerto de instrumentos musicos » e informa que « Significa os que tangem instrumentos de cordas ». RAPHAEL COELHO MACHADO (***Diccionário musical***, 1842, p. 48) entende "Descante" como « varios instrumentos em concerto, ou accompanhando vozes ». JOSÉ DA FONSECA e J. I. ROQUETE (***Dicionário da lingua portugueza***, c. 1848, p. 354) trazem « concerto de vozes e instrumentos », e DOMINGOS VIEIRA (***Grande dicionário portuguêz***, 1873, v. II, p. 822) acrescenta: « Concerto de vozes acompanhadas de instrumentos. – Dar um **descante** à porta d'alguem. ¶ – Nos seculos XIII e XIV, nome d'um contraponto a muitas vozes improvisado sobre o canto-chão ». MÁRIO DE ANDRADE (***Dicionário musical brasileiro***, 1989, p. 193) dá para "discante": « 1. Forma polifônica da Idade Média que sucedeu o órgano. Um dos primeiros estilos de compor e empregar sistematicamente o movimento contrário, embora mantendo as vozes ritmicamente iguais (nota contra nota). ¶ O mesmo e melhor palavra que descante, para designar o processo polifônico do séc. XI e seguinte. ¶ 2. Designação da segunda voz, mais aguda, acrescentada ao cantochão ». TOMÁS BORBA e FERNANDO LOPES GRAÇA (***Dicionário de música***, v. I, 1962, p. 408) finalizam: « o descante ou discante – porque das duas maneiras se diz e escreve – é, em princípio, uma segunda voz ajuntada a uma melodia, que toma geralmente o nome de **tenor**. (...) Entre nós a palavra **descante**, continuando naturalmente a significar voz **ajuntada na parte alta de qualquer cantoria**, designa também o modo de cantar em dueto ou duelo, mais conhecida por **desgarrada ou desafio** ». Mas **descante** também podia significar um tipo de música ou mesmo conjunto instrumental, como se vê na ***Relaçam geral da festas que fez a religião da Companhia de Jesus na Prouincia de Portugal*** (Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1623, f. 26v): « O descante a que dançavão, era da viola, rabequinha, & arpa ». Cf. também JEAN-JACQUES ROUSSEAU (***Dictionnaire de musique***, 1768, pp. 140-141).

178

MANUEL DA FONSECA

(1703 – 1772)

LIVRO: VIDA DO VENERAVEL PADRE BELCHIOR DE PONTES. Lisboa, Francisco da Silva, 1752.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Este livro foi reeditado em 1880 (*Vita de servo di Dio P. Melchiore de Pontes...*, Roma, Typ. de Roma) e posteriormente pela « Cia Meisflog », São Paulo, com o texto da primeira edição.

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo RUBEM BORBA DE MORAIS (*Bibliographia brasiliana*, c. 1983, v. 1, p. 314), o padre MANUEL DA FONSECA « was born in Portugal in 1703. He became a Jesuit, working in São Paulo and Espirito Santo. He was Professor of Theology, and when the Jesuits were expelled from Portugal and Brasil he travelled to Italy, where he died in 1772 in Pésaro ». A obra de FONSECA foi composta com base em documentação da época.

EDIÇÃO UTILIZADA: *VIDA | Do Veneravel Padre | BELCHIOR | De Pontes, | Da Companhia De Jesus | Da Provincia do Brasil, | Composta Pelo Padre | Manoel Da Fonseca, | Da Mesma Companhia, | e Provincia. | Offerecida | Ao Nobilissimo Senhor | Manoel Mendes | De Almeida, | Capitaõ Mór da Cidade de S. Paulo &c.* | [grav.] | *Lisboa: | Na Officina de Francisco Da Silva. | Anno de MDCCLII.* [1752] | *Com todas as licenças necessarias.* [22 X 16; 11 ff. inum.; 266 pp.; BIEB: 21-d-17].

OBSERVAÇÃO: 1) Neste livro são encontradas também informações sobre música no Brasil durante o século XVIII, às pp. 211, 217, 232 e 247; 2) As palavras entre colchetes, com os mesmos tipos utilizados no corpo do texto, estavam laceradas. A restauração é nossa.

CAPITULO II. – Aprende a ler, e cantar.

[...]

[3.] (*p. 8*) Como seus pays cuidavaõ muito no aus[entar] do filho [*Belchior de Pontes, nascido na vila de "Pirájuçára", em 1644 (antes de 6 de novembro)*], tanto que houve opportunidade [segundo] o louvavel costume daquelles tempos [lhe] deraõ mestre [*na "Villa de S. Paulo"*], com quem aprendesse também os [galanteyos] da voz, para que em idade competente recreasse como cisne os ouvidos dos que lhe assistissem, quando nos altares, a que estava destinado, o ouvissem louvar a Deos. Nesta arte achou difficuldade, como elle ao depois confessava, ou porque fosse [mui] divertida, do que lhe pedia o genio, ou porque a sua voz se naõ accommodava com tanta variedade de figuras[474]: mas como era sujeito á vontade de seus pays [,] pôs toda a diligencia para conseguir com trabalho, o que talvez por natureza naõ pudera alcançar.

[4.] Com os exercicios de ler, e cantar ajuntava sempre os das virtudes: e como estas com o uso se hiaõ connaturalizando em sua alma, hia dando mayores sinaes della. <...>

[...]

[6.] (*p. 9*) Com a humildade conservou sempre a sinceridade de menino em tal extremo, que todos os casos, que lhe succediaõ adversos, os attribuia a seus peccados. Tanto que soube ler, e cantar, o recolheraõ seus pays para o retiro de Pirájuçára, ou fosse porque os cabedaes os naõ ajudavaõ a sustentar o filho tanto tempo na Villa, ou porque talvez por este tempo foy Deos servido levar-lhe o pay, ou por qualquer outro destino, que naõ podemos alcançar. <...>

[...]

CAPITULO III. – Do muito que aproveitou no espirito, sendo estudante

[...]

[3.] <...> (*p. 12*) Divertia se algũas vezes seu irmaõ Joaõ de Pontes com o suave de musicos instrumentos, mas elle nada prezo de terrestres melodias, se conservava como serpente surda, que foge á suavidade do encantador, no seu amado retiro [*na época em que "determinou sua mãy mandálo para o estudo" com os padres da Companhia de Jesus, ainda em "Pirâjuçára"*]. Nem o ter aprendido a cantar era motivo sufficiente, para que em companhia do irmaõ gastasse algum tempo neste licito exercicio: antes de tal sorte se houve em toda a sua cida, que quem naõ soubesse que tinha aprendido esta arte, julgaria que nem ainda muito de longe tinha cortejado ao harmoniozo Apollo.

[...]

CAPITULO XV. – Sua devoçaõ à Paixaõ de Christo.

[...]

[5.] <...> (*p. 80*) Vinha na Semana Santa ao Collegio [*de "S. Paulo"*], e assistindo com os mais Religiosos no Coro todo o tempo, em que se cantava o Officio das trevas, tanto que ouvia o **Benedictus**, sahia, e entrando no cubiculo gastava todo o tempo, em que se cantava o **Miserere**, castigando o seu corpo com huma rigoroza diciplina, e vingando com duros golpes as injurias, que tant[o] [.......] vivo nos propõem a Santa Igreja: <...>

[...]

CAPITULO XXII. – Contrahe amizade com o Capitaõ Pedro Vaz de Barros; varios sucessos em sua casa; profetiza-lhe a morte, e declara a sua bemaventurança.

[1.] (*p. 126*) VIvia junto á Aldêa de Carapicuyba, em hum sitio distante huma legoa, o Capitaõ Pedro Vaz de Barros, Cavalheiro dos principaes de S. Paulo, o qual com a communicaçaõ de tantos annos de vizinhança travou com o nosso Herőe huma mui fervoroza amizade. Era a sua casa de numeroza familia, tendo debaixo de sua jurisdiçaõ mais de quinhentas almas, para cuja doutrina, e da vizinhança, convidava muitas vezes ao seu bom amigo, para que em huma Capella, que tinha no seu Sitio, lhes fizesse Missaõ por alguns dias. Como esta occupaçaõ era muy conforme ao zelo, e desejo, que tinha de salvar a todos, acceitava o convite, gastando neste imprego em diversos tempos semanas inteiras.

[...]

[3.] (*p. 127*) Passados alguns annos, adoeceo Maria Leite de Mesquita, com quem estava santamente unido aquelle Cavalheiro com o vinculo do matrimonio; como o mal crescesse, pediraõ ao seu bom amigo que a fosse consolar com as suas palavras, e fortalecer com os santos Sacramentos para o caminho da eternidade, a cujas portas na sua opiniaõ estava batendo todas as horas. Acodio elle promptamente, ouvio-a de Confissaõ, e disposto tudo como convi[nha], sahio do apozento, e caminhando para a Capella disse aos circunstantes que a enferma naõ estava boa. Acabada a Missa, ouvido cantar o **Bendito**, que, segundo o louvavel costume introduzido nas fazendas, no fim della se costuma cantar, brotou nestas palavras: **Em casa, onde se canta tam**

bem o Bendito, naõ ha morte, prepare se para trabalhos. Succedeo tudo assim; porque ainda que a enfermidade cresceo desorte, que passou alguns dias sem falla, com tudo recuperou a saude, vivendo depois muitos annos, e padecendo os profetizados trabalhos, de que foraõ causa seus mesmos filhos.

[...]

474 . MANUEL CARNEIRO, no **Sermão** (1668, f. C3v) lido no "Collegio do Rio de Janeiro" em 1667, afirmava: « Na arte da solfa, dizem os Muzicos, que mayor valia tem huma maxima que huma longa; hum breve que hum semibreve; huma minima que huma seminima; huma figura branca que huma figura preta ».

179

JOSÉ DE MORAIS
(1708 – após 1777)

DOCUMENTO: **HISTÓRIA DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVÍNCIA DO MARANHÃO E PARÁ**. Colégio do Pará, julho de 1759.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Segundo JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro VI, cap. I, nº 8.4, pp. 294-295), « A "*História da Companhia de Jesus da Província do Maranhão e Pará*" existia em códice da Biblioteca de Évora e sob o título de "*Apontamentos para a Chronica da Missão da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*" e na Biblioteca Nacional de Lisboa [(nota 221): « *Serafim Leite, **História da Companhia de Jesus** no Brasil, IV, 327, notas 4 e 5. Na primeira se escreve que já havia desaparecido de Évora em 1939 quando quis examiná-la* »]. ¶ Foi traduzida uma cópia de Évora mandada fazer por D. Pedro II durante a missão de pesquisa de Gonçalves Dias [(nota 222): « "*Catálogo dos Documentos mandados copiar pelo Senhor D. Pedro II*", *existente no Instituto Histórico, **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, 1906, t. LXVII, parte I, pp. 24-26. Este Catálogo atribui-se a Capistrano de Abreu.* »] e dela se fez a edição preparada e prefaciada por Cândido Mendes De Almeida. Escreveu com razão Serafim Leite que não se pode considerar como primeira edição o texto desfigurado que apareceu na ***Corographia Historica*** de Melo Morais [(nota 224): « *Rio de Janeiro, 1859, vol. III* »], ou nos "*Apontamentos para a história dos jesuitas no Brasil extrahidos das Chronicas da Companhia de Jesus*" [(nota 225): « ***Revista do Inst. Hist. e Geo. Bras.**, 1873, t. XXXVI, parte 2ª, 101-149* »], extratos preparados por Antônio Henrique Leal que só servem como resumo e não como fonte de consulta [(nota 226): « *Existe também uma cópia na Biblioteca Nacional "Catálogo de Manuscritos sobre o Maranhão" **Anais da Bibl. Nac. do RJ**, 1950, v. 70, p. 131, nº 7* »] ». SERAFIM LEITE, no entanto, consultou cópia da Biblioteca de Évora, descrevendo seu título e localização, na ***História da Companhia de Jesus no Brasil*** (Lisboa, Livraria Portugalia; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1938), tomo VIII, I-Escritores, « **Morais, José de** », nº 1, p. 382: « 1. Historia da Companhia de Jesu da Provincia do Maranhão e Pará, que ás Reaes Cinzas da Fidelissima Rainha e Senhora Nossa D. Mariana d'Austria, offerece seo Author o P. Joze de Moraes, filho da mesma Provincia, anno de 1759. (Bibl. de Évora, cód. CXV/1-27, fol., 771 pp.) ».

NOTA SOBRE O AUTOR: JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro VI, cap. IX, nº 8.4, p. 293) informa: « José de Morais (Lisboa, 1708 – Lisboa, ?) entrou para a Companhia na cidade de natal em 1727 e no ano seguinte embarcou para o Maranhão, onde se formou, fazendo a profissão solene em 1744. Foi pregador, teólogo e cronista. Estava em Curuçá (Pará) quando se iniciou a perseguição pombalina aos jesuitas. Reuniu documentação e durante três anos escreveu a história da vice-província do Maranhão. Em 1759 partiu deportado para o Reino já com o primeiro volume escrito, pois o segundo não chegou a escrevê-lo. Em Portugal retomou seu nome de família, José Xavier de Morais da Fonseca Pinto, não se sabendo a data de sua morte, ocorrida depois dos 69 anos ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA – **MEMORIAS** | *Para A Historia* | *Do* | *Extincto Estado Do Maranhão* | *Cujo Territorio Comprehende Hoje As Provincias Do* | *Maranhão, Piauhy, Grão-Pará E Amazonas* | *Colligidas E Annotadas* | *Por* | *Candido Mendes de Almeida.* | *Historia* | *Da Companhia De Jesus* | *na extincta Provincia do Maranhão e Pará* | *Pelo Padre José De Moraes* | *da mesma Companhia.* | *Tomo Primeiro* | *(grav.)* | *Rio de Janeiro* | *Typ. Do Commercio, De Brito & Braga* | *Travessa Do Ouvidor, N. 17* | *1860.* (XV, 554 pp.; BIEB: 3-c-3)

OBSERVAÇÃO: Neste documento também são encontradas informações sobre a prática musical da época em que foi escrito (século XVIII), nas pp. 15, 190, 521-522 e 524.

LIVRO I. Da Capitania Do Maranhão

CAPITULO X. Do que obrarão os portuguezes depois da sahida dos francezes, e do muito qeu trabalharão os nossos primeiros missionarios na conversão daquellas almas.

[...]

[13.] (*p. 76*) Foi objecto da sua [*os padres Manoel Gomes e Diogo Nunes*] primeira diligencia diminuir o numero das aldêas [*do Maranhão, que era de 27, com cerca de 12.000 índios*], para que, juntas em menos povoações, podessem ser melhor assistidas, e doutrinadas pelos Padres, que para o mesmo fim mandárão erigir igrejas onde podessem administrar Sacramentos, celebrar sacrificios, e ensinar os dogmas da nossa fé, pelo methodo que para isso trazião, conforme o louvavel costume das nossas aldêas do Brazil.

[14.] Erão os operarios insignes e grandes mestres no seu apostolico ministerio, por isso não perdoavão a diligencia alguma que podesse conduzir ao bom regimen e instrucção daquellas almas. Erão destros nas linguas dos Tupynambás (com especialidade o Padre Nunes), que com as frequentes praticas que lhes fazião, os adiantavão muito na observancia da lei que professavão e pretendião professar os que ainda não passavão de cathecumenos.

[15.] Todos os dias de manhãa e de tarde fazião ajuntar na igreja os meninos e meninas, aos quaes juntos, em voz alta mandavão repetir as orações, rematando sempre com a Salve Rainha e Bemdito, cantado pelas melhores e mais agradaveis vozes dos seus neophitos. Nos domingos se juntavão todos e antes de entrar a Missa resavão a santa doutrina, ouvião a explicação dos divinos mysterios e assistião ás Missas que nos dias classicos erão cantadas e acompanhadas de muito bom e ajustado som de charamelas, para o que tinhão trazido já ensinados alguns do Tupynambás no tempo que estiverão em Pernambuco, o que tudo convidava os mesmos Indios, que pela sua natural preguiça são de ordinario pouco (*p. 77*) affectos a qualquer trabalho. Nestes, e semelhantes exercicios, gastavão louvavelmente o tempo, não se descuidando de assitirem com sua costumada caridade aos enfermos, curando-os nas suas enfermidades e ajuntando aos remedios do corpo as mais importantes e efficazes medicinas da alma.

[...]

[24.] (*p. 80*) [*§ 5 da "carta que o Padre Superior Manoel Gomes escreveu ao Padre Provincial do Brazil", transcrita por Morais*] "Entrados que fomos no forte [*a 15 de outubro de 1615*], já tomado S. Luiz, quiz o Capitão-mór que a primeira Missa que se dissesse na igreja fosse solemne, como foi, cantando-se a dous córos[475] e com charamellas. <...>

[...]

[27.] [*§ 8 da mesma carta de Manoel Gomes*] (*p. 81*) "Nós nos occupavamos na saude espiritual e corporal dos enfermos [*de "huma doença de catharros, com pleurizes, que levou muitos em dia e meio", nos arredores do Forte, pouco após sua chegada*], sangrando-os de dando-lhes outras mézinhas que os desejos de os ver sãos nos ensinavão, e sendo Gentios dizião que tudo o que de nós tinhão ouvido era verdade, e desejavão levar a cada hum de nós á sua aldêa, para que os curassemos e fizessemos Christãos. Porém satisfizemos a estes desejos com lhes levantar cruzes altas ao som de charamellas, e o Padre Diogo Nunes lhes declarava o que representavão; até que o Senhor que nelas derramou seu sangue seja servido, que elles se aproveitem delle, e a nós dê forças e graça para o servirmos.

[...]

CAPITULO XI. Dá-se noticia da trasladação dos ossos do veneravel padre Francisco Pinto, o que Deos obrou por sua intercessão, e do roteiro que o servo do Senhor guardava na reducção dos gentios.

[...]

[19.] (*p. 90*) Recolhidos os Padres á povoação [*"em huma das aldeas de Jaguaribe"*], era já chegado o dia do solemnissimo baptismo do Principal Camarão[476], que foi a Dominga da Quinquagesima do anno do Senhor de 1612. Ao sabbado á tarde se deu principio com muitas danças e mascaradas ao seu modo, que embora barbaro, não deixava tambem, sendo como era, de parecer ridiculo.

[20.] Havia flautas dispostas em harmonia de vozes, a que de quando enquando acompanhavão os tamborezinhos que servião de compasso aos bailes e de alegre recreação aos ouvidos. Seguião-se as vozes, que sendo de algum modo gratas, só se fazião enfadonhas pela repetição continua das mesmas cantigas, accomodadas todas á solemnidade do seguinte dia, como he costume entre elles. De noite houverão tiros e luminárias, que se gastou toda em danças, e toque de instrumentos rusticos[477], por serem notavelmente inclinados a estas e semelhantes folias; amanheceu o domingo, que naquelle dia bem se podia chamar Paschoa de flôres, pelas muitas do campo com que estava alcatifado o caminho da casa do Principal até á Igreja.

[21.] Sahio elle finalmente vestido de gala, precedido de hum festival acompanhamento, levando consigo sua mulher e filhos e grande numero de vassalos que o seguião. Chegárão á Igreja, onde o esperavão os Padre, que com a maior pompa e ceremonias da Igreja lhe conferirão o baptismo e a toda a sua familia.

[22.] Acabada a funcção ao som de toques e estrondo de algumas cargas, se recolherão contentes a continuar o festejo com que celebrárão o acto e pozerão remate á solemnidade de hum tão grande dia.

[...]

CAPITULO XII. Continuão os padres Manoel Gomes e Diogo Nunes com o mesmo fervor o louvavel exercicio dos seus ministérios na Ilha do Maranhão, e ultima resolução que tomárão á vista dos injustos procedimentos de seus já ambiciosos, e não menos orgulhosos moradores.

[...]

[2.] (*p. 100*) Já na nossa Igreja [*"da cidade de S. Luiz", após a saída dos franceses em 1614*] se observava o inviolavel costume das doutrinas todos os domingos e dias santos, a que assistião assim Indios, como Portuguezes, no fim das quaes sempre se fazia alguma exhortação accomodada aos bons costumes.

[3.] Na Quaresma se continuavão com notavel fruto, ás sextas-feiras pelos Passos da Paixão de Christo Nosso Senhor. Na Semana Santa se exercitão as ceremonias daquelles dias com a maior perfeição que podião, expondo-se o Santissimo na quinta-feira em huma pequena Custodia de prata que os Padres tinhão trazido de Pernambuco, com muitas luzes de cêra branca, em hum vistoso throno, e guarda de soldados na igreja até á dominga da Resurreição; o que tudo obravão os Padres com especial culto acompanhado humas vezes de motetes por solfa, outras das musicas mais alegres, conforme a occasião e dia o pedião [478].

[...]

LIVRO II. Progressos da Companhia no Maranhão

CAPITULO V. Do que obrárão os nossos portuguezes na restauração do Maranhão do poder dos hollandezes, animados dos religiosos da Companhia.

[...]
[19.] (*p. 156*) Raiou o dia [*em 1642*], e ao toque de huma trombeta se abrio a porta, e sahirão alguns Hollandezes a descobrir a campanha mais por costume, que com o devido e militar accordo, por que á pouca distancia se recolhêrão, sem ao menos olharem para a parte do penedo, onde se occultavão os nossos, favorecidos daquelles matos [*próximos ao Forte São Luís*]. <...>
[...]

LIVRO III. Entrada da Companhia de Jesus na Capitania do Grão-Pará.

CAPITULO I. Breve noticia do seu descobrimento, fundação e do seu presente estado.

[...]
[17.] (*p. 190*) A innata propensão do genio deste Excellentissimo Prelado [*da Catedral de Belém do Pará* [479], *em 1758*] de tal sorte adiantou a bella harmonia da sua musica, que não tem inveja á mais miuda e delicada solfa da côrte, donde (*p. 191*) se extrahirão para esta cathedral os melhores e mais harmoniosos papeis e cantorias.
[...]

CAPITULO III. Entra no Pará o padre Luiz Figueira, parte depois para o Reino a buscar operários da Companhia para esta tão grande seara, e volta para o Maranhão com huma grandiosa missão.

[...]
[8.] (*p. 202*) Determinou tomar á sua conta visitar as aldêas que estavão menos distantes da cidade [*após sua chegada em 1636*], para que na falta de pasto da Santa Doutrina não experimentassem tão visível desamparo aquellas almas; e como era insigne no idioma dos Indios, escreveu tão claros e breves compendios, pelos quaes lhes explicava os mysterios mais reconditos da nossa fé, que os aldeanos além de ouvir com gosto, aprendião com facilidade, quanto por elles o caritativo Padre lhes ensinava: e como ao mesmo tempo não podia acudir a todos, instruio, qual outro Xavier, catechistas, que na sua ausencia fizessem todos os dias repetir as orações e explicação da doutrina, assim aos meninos e meninas, como aos mais provectos na idade, para que fosse hum mesmo ensinar e aprender de todos.

[9.] Era notavel o fruto com que o bom Padre via reverdecer aquellas mirradas plantas pela ignorancia e esquecimento proprio, por falta do orvalho da divina palavra, que era o mesmo que a necessidade que padecião de operarios; e querendo-lhes fosse mais suave o jugo da lei que professárão, lhes compoz em devotas canções pela sua mesma lingua, com que havião de louvar a Deos, e sua Mãi Santissima, aos Anjos e Santos do céo; e para

melhor os attrahir com a melodia do canto, elle mesmo tomava o trabalho de ensinar os innocentes de melhores vozes, parar na sua boca aperfeiçoar os louvores divinos com maior fruto.

[...]

CAPITULO IX. Chegão ao Maranhão com feliz viagem os nove religiosos mandados pelo já nomeado superior de toda a missão o padre Antonio Vieira.

[...]

[16.] <...> (*p. 270*) Depois de preparada a Igreja [*em S. Luís*] o melhor que as penurias daquelle tempo permittido, convidados primeiros os Religiosos e Ecclesiasticos, forão conduzidas aos 2 de Dezembro [*de 1652*] em solemne procissão as preciosas reliquias dos Santos Martyres, e collocadas no altar-mór da nossa Igreja de ambos os lados do Sacrario, beneficiando-se de tarde as vesperas da festa do Glorioso Apostolo do Oriente S. Francisco Xavier, e no dia seguinte, missa cantada com sermão, em que prégou com não menos espirito que rethorica o Padre Souto-Maior, unindo as glórias da collocação dos sagrados ossos na America com as do Santo Apostolo no Oriente.

[...]

CAPITULO X. Feliz viagem para a missão do Maranhão do grande padre Antonio Vieira, grande embaraço que teve antes da sua partida, poderes e mercês com que o despedio o piissimo e sempre augusto rei o Sr. D. João IV.

[...]

[44.] (*p. 282*) Por tradição sabiamos, que o costume de se rezar o Terço da Virgem Senhora nas nossas náos portuguezas fôra introduzido pelo Padre Vieira, nas muitas vezes que andou embarcado, e porque as vivas e efficazes razões com que movia os homens do mar lhes ficárão impressas no coração, de humas para outras náos se foi communicando esta suavissima pensão; porque huns aos outros sabião promover a devoção e cordial affecto á Mãi de Deos.

[45.] Passou esta tradição á evidencia, quando o vi firmaco pela sincera e nada affectada penna do mesmo Padre, de que resultará maior credito a esta nossa asserção.

[46.] "No Maranhão, nas Ilhas Terceira, S. Miguel e Graciosa, e em todos os navios em que naveguei introduzi o rezar-se o Terço do Rosario publicamente a córos, donde se tem pegado esta devoção a quasi todos os navios mercantes e das armadas, por industrias daquelles mesmos marinheiros que comigo assistirão."

[...]

[48.] (*p. 282*) Já dissemos em como a 26 de Dezembro [*de 1652*] desferio velas do Porto de Cabo Verde para o do Maranhão a caravela em que ião os nossos Padres, que, como até então tinhão obrado, continuárão os exercicios da sua caridade até o Maranhão, sendo as rações dos passageiros mais necessitados as primeiras que se repartião na sua pobre mas asseiada mesa. Prégava o Padre Vieira todos os domingos e dias santos, dizia algumas missas, a que muitas vezes se ajuntava grande numero de confissões e communhões. A doutrina corria por conta do Padre Manoel de Lima. A frequencia da oração, a que sempre precedia (*p. 283*) lição espiritual da vida dos Santos, era abraçada de muitos e louvada de todos, e todos os dias se cantava o Terço, que se concluia com a ladainha, salve e bemdito da Senhora. <...>

[...]

[51.] [*2º § da "carta feita no Maranhão aos 22 de Maio de 1653" por Antonio Vieira, transcrita por Morais*] "<...> (*p. 284*) Demos graças a Nosso Senhor por nos livrar daquelle perigo [*corsários que encontraram próximos da Ilha da Madeira, cerca de 10 dias após sua partida de Lisboa em 22 de novembro de 1652*], e lhe pedimos livrasse tambem aos companheiros; começando logo a cumprir a promessa que á Virgem Senhora fizemos, de toda a caravela rezar o Terço do seu Rosario enquanto a viagem durasse, como se fez, e aos domingos e dias santos em voz alta a córos."

[...]

[55.] [*6º § da carta de 22 de maio*] (*p. 285*) "Vinhão outros Religiosos na caravela, mas as cousas espirituaes corrêrão todas por nossa conta. Nós cantamos sempre a ladainha da tarde. <...>"

[...]

LIVRO IV. Do que se seguio na entrada da Companhia no Pará, e da do Padre Vieira no Maranhão.

CAPITULO III. Chega ao Maranhão o Padre Antonio Vieira com hum pequeno socorro de Missionarios. Dá-se noticia do que obrárão depois da sua estancia naquella capital.

[...]

[11.] [*29º § carta "de 22 de Maio deste mesmo anno de 1653", de Antonio Vieira*] (*p. 326*) "Seguindo o fervor da gente [*de Belém*], e desejando que todos fizessem algum serviço geral e publico á Virgem Senhora Nossa, cuja invocação he a desta Igreja, préguei em dia da Annunciação, publiquei para que daquella tarde em diante se rezasse o terço do Rosario a córos, como se usa em S. Domingos de Lisboa e em outras muitas Igrejas da mesma cidade. Vem por obrigação todos os estudantes e meninos da nossa escola: seguem a estes muitos soldados e gente de (*p. 327*) todos os estados, e está tão introduzida e aceita a devoção, que se enche ordinariamente a Igreja de muitos que concorrem á ella. Faz-se este exercicio ao pôr do sol por ser a hora mais commoda; põe-se a imagem da Virgem Senhora sobre a ara no altar-mór com velas accesas; assiste hum Padre, que encommenda o terço pelo methodo da nossa cartilha. Começão a entoar dous meninos de melhores vozes, e segue toda a Igreja alternadamente com grande piedade e devoção. Dura tudo de tres quartos para huma hora, a qual todos dão por bem empregada, acabando com ella aquelle dia e começando a noite em louvores de Deos e Sua Mãi Santissima. Nos sabbados ha maior detença, porque se préga do pulpito hum exemplo do Rosario, por espaço de meia hora, ao qual de tanto o concurso, que, não cabendo na Igreja a muita gente, fica da parte de fóra; e aos que ouvem se recommenda contem depois o exemplo aos mais, com que devoção da Virgem Senhora vai em tanto augmento, que não só rezão nesta fórma os que vem á nossa Igreja, mas muitos que não podem vir fazem o mesmo em suas casa com a sua familia.

[12.] "Não faltará por ventura a quem por este modo de devoção com canto publico pareça cousa menos propria da Companhia, mas a Vossa Reverencia, que esteve em Roma e vio semelhantes devoções que nas sextas-feiras e sabbados se fazem na nossa casa professa, certo estou que não ha de parecer cousa estranha do nosso Instituto, antes muito propria delle, pois he trazer almas a Deos por todas as maneiras, e por huma tão segura e approvada como a devoção da Virgem Senhora, a maior de suas devoções; e para que o fruto não fique só nos Portuguezes, além das doutrinas ordinarias que se fazem aos Indios nos dias santos na nossa

Igreja, publiquei no sermão da segunda Dominga da Quaresma outra doutrina mais geral, a qual se havia fazer todos os domingos á tarde na mesma Matriz, por ser Igreja de maior capacidade, encommendando a todos mandassem á ella seus Indios e Indias, como logo se começou a fazer, e se continúa com grande proveito espiritual e edificação. Sahimos da nossa Igreja á huma hora: levamos adiante hum grande pendão branco com a imagem do Santo Padre Ignacio, que leva algun Indio principal das aldêas, se o ha na cidade, e senão por outro de respeito.

[13.] "Vão os nossos estudantes cantando a Ladainha. Damos (*p. 328*) volta pelas ruas principaes, levando os Indios adiante e as Indias atrás, pedindo aos Portuguezes, que estão pelas portas e janellas, que os mandem, e, se he necessario, compellindo os que ficão; e desta maneira, com uma muito comprida procissão, chegamos á Matriz, e ali postos os Indios de hum lado da Igreja e as Indias do outro, lhes faz o Padre a doutrina, ensinando-lhes primeiro as orações do cathecismo, e depois declarando-lhes os mysterios da Fé, perguntando e premiando os que melhor respondem. <...>"

CAPITULO V. Primeira tormenta e motim popular no Maranhão por causa da nova lei sobre o injusto cativeiro dos índios. - Perícia com que o padre Vieira socaga os mares, e se oppõe ao impeto de tão precipitada corrente no maior perigo dos seus subditos.

[...]

[22.] (*p. 342*) Esta lei [*de 1652*] mandou o mesmo Senhor [*D. João IV*] pôr em execução no Maranhão e Pará pelos mesmos dous Capitães-móres que partirão a governar o Estado no mesmo navio em que foi a Missão, alguns mezes antes da partida para o mesmo do Padre Antonio Vieira; porém pelos motivos que ignoramos se não publicou aquella até o decimo quinto dia da chegada do mesmo Padre ao Maranhão, em que mandou ao som de caixas [*em "S. Luiz"*] publicar a dita lei o Capitão-mór Balthazar de Souza Pereira, como Sua Magestade lhe mandava, <...>

[23.] [*§ 56 da carta de 22 de maio de A. Vieira*] "<...> (*p. 343*) Tinha mandado nesta occasião Sua Magestade huma lei na qual declara por livres, como nesse Brazil, a todos os Indios deste Estado, de qualquer condição que sejão."

[24.] Publicou-se o bando com caixas, e affixou-se a ordem de Sua Magestade nas portas da cidade. <...>

[...]

CAPITULO VII. Noticia summaria das leis reaes sobre o cativeiro dos indios no estado do Maranhão e Pará.

[...]

[41.] <...> (*p. 369*) que havião de fazer os Excellentissimos Governadores, senão accomodarem-se ás attendíveis necessidades do tempo, á quietação dos povos e conservação do Estado, não querendo cada hum ser o primeiro a quem a posteridade o mostrasse com o dedo, como o autor da mais deplorável ruina?

[...]

[43.] Pedir primeiro soldados, não por companhias, mas por regimentos, para tentear melhor humas com outras forças, para se fazer respeitado o nome do Soberano, e para se assegurarem na prompta obediencia de tão luzidos cabos e officiaes fidelissimos ás ordens de seu General, cujo nome ao som de tantas e militares caixas he ouvido e sôa por todo o Estado com respeito, com temor, e sem o mais minimo movimento de rebelião, como tantas vezes no

século passado [*XVII*] com menos causa e muito menores motivos se experimenta(*p. 370*)va: <...>

[...]

LIVRO V. De outras acções dos nossos missionarios no estado do Maranhão, e das do grande Padre Antonio Vieira até a sua partida para o Pará.

CAPITULO II. Do que obrárão os padre Antonio Ribeiro e Thomé Ribeiro, na visita das aldeias da Ilha do Maranhão.

[...]

[5.] [*Transcrito da carta feita no Maranhão por Antonio Vieira, em 1654*] "<...> (*p. 393*) E posto que esta vez se estincou este caso pela novidade, de então para cá he cousa tão ordinaria nas aldeias, que todos que vamos a ellas experimentamos esta piedade e curiosidade nos Indios [*"que o que julgara por vinho erão orações"*], porque depois de lhes ensinarmos a doutrina, rezão em communidade, como se faz todas as manhãa e tardes na Igreja, e recolhendo-se a suas casas os ouvimos outra vez rezar e repetir o que primeiro lhes ensinámos. Não crêra isto destes homens, quem primeiro os conhecêra, mas tanto póde a graça sobre a natureza! Nem nós lhes tiramos os dias de festas [*dos índios do Maranhão*], nem prohibimos o seu cantar e bailar, nem ainda o beber e alegrar-se, comtanto que seja com a moderação devida, por lhes não fazermos a lei de Christo mais pesada e triste, quando o seu jugo he suave e leve. <...>"

[...]

LIVRO VI. Da entrada do padre Antonio Vieira na Capitania do Pará, do descobrimento espiritual do Rio das Amazonas, e das aldeias que nelle fundárão os religiosos da Companhia de Jesus.

CAPITULO I. Entra o padre Antonio Vieira na cidade do Pará a dar principio a esta espiritual conquista.

[...]

[6.] (*p. 437*) Além dos sermões dos domingos e dias santos, instituio os dos sabbados [*no "Pará", onde chegou em 5 de outubro de 1653*] sobre a devoção da Virgem Senhora, cujo terço a córos persuadio a todos com admirável consolação dos muitos qeu quotidianamente assistião a tão louvavel costume que ainda hoje [*em 1759*] se conserva, posto que só entre os estudantes das nossas classes e meninos de escola, cantando-se sempre no fim o Bendito e Louvado da Conceição, pelo tom que ainda conserva com o nome do seu autor. Instituio demais as doutrinas geraes e publicas, sahindo em procissão, cantando a ladainha com bellas vozes e ensinando as orações e mysterios em huma e outra lingua. <...>

[...]

CAPITULO II. Intenta o padre Antonio Vieira entrar pelo Rio do Amazonas, mas não o consegue: offerecem-lhe a entrada do Rio Tocantins, que aceita. – dá-se noticia do dito rio, e do que resultou desta viagem.

[...]

[22.] [*§ 15º da carta que Antonio Vieira escreveu em 1654 (provavelmente no Pará, em janeiro)*] (*p. 455*) "No dia seguinte (14 de Dezembro) partimos de Mortigura (*p. 456*) com a maré da tarde os Padres Antonio Ribeiro, Francisco Velloso, Manoel de Souza e eu, cada hum em sua canoa, e começamos a navegar por um mar de agua doce. Derrotou-nos a obscuridade da noite, e o Padre Antonio Ribeiro e eu a passamos amarrados ás árvores de huma ilha, que nos servirão de ancoras e amarras, que estas embarcações não trazem outras. Chamamos os companheiros, mas nem elles ouvirão as nossas, nem nós as suas bozinas. <...>"

[...]

475 . MATHIAS DE SOUSA VILLA-LOBOS (**Arte de cantochão**, 1688, parte II, cap. XXXV, p. 122) informa: « San Damazo Portuguez, o qual governou a Igreja Romana junto aos annos de 366. assi como compoz a entoaçam dos psalmos, & alguns Hymnos; ordenou tambem o choro em duas alas, cantando alternativamente, como hoje uzamos, supposto que jà em algumas Igrejas particulares se uzava, pella noticia que deu Santo Ignacio Bispo de Antiochia, junto aos annos de 106. ao qual foi revelado, que os Anjos o faziam em os Ceos, & estando orando, & levantado em extasi, ouvio cantar a dois choros alternativamente, & assi os dois choros significam, & figuram aos Anjos, & aos espiritos dos justos, que estam louvando a Deos, correspondendose com huma mesma vontade, & incitandose a proseguir huns aos outros ».

476 . Nota de CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA, nesta edição, p. 86: « O nome indigena era Poty, que os Portuguezes traduzirão por Camarão ».

477 . **Instrumentos rústicos**, **instrumentos bárbaros**, e mesmo **instrumentos músicos** eram denominações portuguesas genéricas para os instrumentos indígenas brasileiros. TEODORO SAMPAIO (**O tupi na geografia nacional**, 1987, nº 122, pp. 165-166) diz que « Eram grosseiros e pouco sonoros os instrumentos musicais do selvagem. Tinham como primeiro e mais excelente o **maracá**, chocalho feito de um cabaço em que se introduziam sementes ou pequenos seixos, e se ornava com esmero, porque era, em algumas tribos, considerado como sagrado; o **memby** ou gaita; o **boré**; a **inúbia**, trombeta de guerra ou buzina; o **guararú** ou tambor ». FREDERICO G. EDELWEISS acrescenta uma nota (nº 233, p. 165) às informações de TEODORO SAMPAIO, na mesma edição: « Flauta ou gaita é **mimby** ou **tamimby**, isto é, soprado. O nome **boré** não consta dos autores antigos e **inúbia**, tão somente de Léry ».

478 . No cap. 3, p. 78, MORAIS relata da seguinte maneira o ministério dos padres na igreja de S. Luis: « No fim da Sagrada Quarentena se ajuntavão (*os padres Manoel Gomes e Diogo Nunes*), e ambos fazião as funcções da Semana Santa. Tudo se obrava ao som de vozes com grande ternura, a que os incitava a memoria de tão devotos e enternecidos Passos ».

479 . No 9º § deste capitulo, informa MORAIS: « Todo o anno de 1616 se passou em fundar esta cidade, então pequena em razão dos poucos moradores que a povoavão, mas já no seguinte anno de 1617 renderão á Fazenda Real os dizimos 47#000, como consta do primeiro livro do seu registro, e á vista agora dos muitos mil cruzados com que aquelles avultárão, se póde com verdade inferir o seu grande augmento, a sua grandeza, e a sua muito, e assaz rendosa fertilidade, o que se verá melhor do presente estado, em que o seu auge he o maior motivo de não pequena admiração ».

180

ANTÔNIO DE SANTA MARIA JABOATÃO

(1685 - entre 1763/1765)

LIVRO: **NOVO ORBE SERÁFICO BRASILICO.** Lisboa, Antonio Vicente da Silva, 1761.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A segunda edição deste livro foi publicada no Rio de Janeiro, por Máximo Gomes Ribeiro, em 1858 (em 5 volumes), com uma 2ª parte inédita.

NOTA SOBRE O AUTOR: JABOATÃO nasceu em 1695 na freguezia de Santo Amaro, Pernambuco. Franciscano, fez a profissão de fé em 1717. Foi cronista, exercendo cargos na Ordem de S. Francisco e pertenceu à Academia dos Esquecidos, da Bahia. Seu livro é um clássico da historiografia religiosa brasileira.

EDIÇÃO UTILIZADA: [PARTE I] *Orbe Serafico* | *NOVO BRASILICO,* | *Descoberto, Estabelecido, E Cultivado* | *A Influxos* | *Da Nova Luz De Italia, Estrella* | *brilhante de Hespanha, Luzido Sol de Padua, Astro* | *Mayor do Ceo de Francisco,* | *O Thaumaturgo Portuguez* | S.to *ANTONIO,* | *A quem Vay Consagrado,* | *como Theatro glorioso, e* | *Parte Primeira* | *Da* | CHRONICA | *Dos Frades Menores Da Mais* | *Estreita, e Regular Observancia da Provincia* | *do Brasil,* | *Por* | *Fr. ANTONIO DE SANTA MARIA* | *Jaboatam &c.* | [grav.] | LISBOA. | *Na Officina de Antonio Vicente Da Silva.* | *Anno de MDCCLXI.* | *Com todas as licenças necessarias.* [BIEB: 16-e-11; 30 X 20 cm; 17 ff. inum., 248, 283, 15 pp.].

PREAMBULO Ao Novo Orbe Serafico, Brasilico

DIGRESSAM I. Passaõ do Reyno para a India Náos de Portuguezes, descobrem por derrota a Cósta do Brasil, tomaõ porto nella, e do mais que alli obraraõ até proseguirem outra vez viagem.

ESTANCIA III. Do Gentio Cayeté.

[...]

16. <...> *(p. 11)* Eraõ estes Cayetés gran-*(p. 12)*des musicos, e bailadores, com as outras Gentilidades commũas aos mais, e da mesma lingua geral [480]

ESTANCIA V. Do Gentio Tupynamqui.

[...]

18. <...> *(p. 13)* tinhaõ as mesmas Gentilidades dos Tupynambás seus vizinhos, e de quem se faziaõ tambem parentes, cantar, bailar e beber, com as outras commũas [481], mas sempre gente de muito trabalho, e que nos ajudaraõ muito depois, ou fosse conveniencia, ou necessidade, contra os Aymorés Tapuyas do Sertaõ, e Tamoyos do Rio de Janeiro, e Cabo Frio; <...>

ESTANCIA IX. Do Gentio Tamoyo.

[...]

22. <...> (*p. 17*) Eraõ ouvidos estes Tamoyos por grandes musicos, e bailadores entre todo o mais Gentio. Foraõ elles os primeiros que gostarão das celebradas agoas das correntes do Carioca do Rio de Janeiro, e experimentaríaõ melhor os seus effeitos, e por isso eraõ estimados do mais Gentio onde se achavaõ, e sempre ao som da voz compunhaõ tambem suas cantigas, e chançonetas, que ao seu modo rustico repetiaõ com singular donaire, e graça [482]. <...>

DIGRESSAM IV. Discorre pelas Capitanías do Estado do Brasil, desde o Grão Pará até o Rio da Prata, districtos, e demarcaçoens de cada huma, seus Fundadores, e varios successos dos seus principios.

ESTANCIA II. Da Capitanía do Rio de Janeiro, e dos varios successos, que houve nella entre Portuguezes, Francezes, e Gentio Tamoyo seus primeiros habitadores.

[...]

54. <...> (*p. 40*) Neste bojo comprehende algumas Ilhas, de differentes grandezas, e recebe varias e frescas Ribeiras, sendo as mais dignas de nota duas dellas. He a primeira a da celebrada Carióca, que depois de correr, e atravessar varias montanhas, se vem despenhar das ultimas, huma legoa antes da Cidade, onde a hiaõ os moradores buscar com muito trabalho; mas hoje [*em 1740*], encaminhadas para ella, a tomaõ alli por hum aqueducto de muitas, e curiosas bicas, que naõ só lhes serve de saborosa bebida, para conservar a saude, tambem de suave, e effectivo lambedor para affinar as vozes nos musicos; <...>

[...]

ESTANCIA V. Da Capitania dos Ilheos.

[...]

72. (*p. 54*) Achava-se a Capelinha da Senhora [*"das Neves", "sita na mesma Villa dos Ilheos ao pé do Monte, que nella se vê no fim da rua, que chamaõ de S. Bento"*] damnificada, e os moradores, por sua devoçaõ, davaõ principio por este tempo a fundar outra nova, como se fez no mais alto do mesmo monte; e era para admirar o grande gosto, alegria, e devoçaõ, com que as mulheres, e meninos, carretavaõ á cabeça a pedra para a nova Ermida, e a sua cantiga, ou oraçaõ continua no exercicio daquelle trabalho, era repetirem, fallando para a Senhora: Dai victoria a nossos maridos, diziaõ as mulheres, e os filhinhos a pediaõ para seus pays; <...>

[...]

81. <...> (*p. 58*) porque em premio de tudo isto, desde aquelles principios por largos tempos nas Vesperas do glorioso Apostolo S. Mathias [*na "Villa" de "Cayrú", fundada "pelos annos de 1610"*], começando á meya noite até a madrugada, correndo do nascente para o pôr do Sol, era ouvida huma superior Musica, de vozes, e instrumentos acórdes, que na suavidade, e harmonia, com que deixava suspensos, e attrahidos os que a percebiaõ, bem mostrava ser composta de Celestes Córos. Assim refere este caso o Author do manuscrito, que ja atraz deixamos em memoria, concluindo com estas palavras [*na p. 51: "em hum livro de quarto manuscrito por pessoa fidedigna, conforme*

dá indícios a sua mesma escrita"): **Aquella Celeste harmonia, ou Divino descante se deixou ouvir em o decurso de mais de vinte annos dos mais daquelle povo, que naquellas horas queriaõ velar, homens, mulheres, Ecclesiasticos, e seculares, dos quaes saõ ainda muitos vivos, e aquelle regalado, e mimoso povo naõ deixava de fazer-se pregoeiro de taõ estupendo milagre, e de mercê muy singular, e pela qual faziaõ, como podiaõ, todos a huma voz, e cada hum por si, mil actos de submissoens, e mortificaçaõ, compondo-se o estylo de vida muy ajustado com os dictames da razaõ;** <...>

[...]

92. <...> (*p. 67*) e assim os deixou o Tapuya por alguns mezes, talvez para os colherem mais incautos, e menos preparados, até o dia do gloriosos Apostolo S. Mathias do anno seguinte de 1670. em que foy visto assomar pelos montes sombraceiros ás faldas de já nomeado Rio Jordaõ, em fórma de batalhoens, innumeravel caterva delles, tocando suas cornetas, e outros rusticos instrumentos de guerra, como annunciando a todos huma ultima, e total assolaçaõ. <...>

[...]

DIGRESSAM V Dos Prelados Mayores desta Provincia, desde a sua fundaçaõ até o presente, assim Custodios, como Provinciaes, seus Capitulos, e Congregaçoens, dos Estudos, que nella tem havido, e de alguns Religiosos, que a illustraraõ com as suas letras, e escritos.

ESTANCIA III Dos Ministros Provinciaes.

PROVINCIAL INTRUZO

[...]

253. <...> (*p. 183*) Com hum muy similhante (*p. 184*) a este chegou a Pernambuco o P. Loreto na frota deste anno [*de 1686*], como fica dito, e foy tomar pousada nas casas, que chamaõ de D. Francisco, pegadas ao nosso Convento, em que assistia o P. Archangelo; e quando foy tempo, desembarcando o Capitaõ de Már e Guerra com a sua Infantaria, marchou com ella formada, e chegando ao Convento o pôs em cerco. Quizeraõ ainda resistir alguns Frades moços, mas vendo a resolução do Cabo, e os Prelados as ordens delRey, se resolveraõ á entrega do Convento, e formados em Communidade com Cruz alçada, porque de hum abysmo se segue outro, tomando o Santissimo do Sacrario, sahiraõ com elle em Procissaõ, e cantando o Psalmo **In exitu Israel de Egypto**, com hum grande, e notavel alvoroço de todo o Povo, sentimento, lagrimas, e compaixaõ, e algumas palavras, menos Religiosas, que das varandas das casas onde assistira o P. Loreto, e passava esta nova Procissaõ, proferia elle com vozes desentoadas aos Soldados (que mais attentos, e Religiosos acompanhavaõ ordenados ao Senhor) que prendessem aquelles Frades, aquelles rebeldes, e inobedientes, e outros dicterios similhantes, mais dictados pela sua desordenada paixaõ, que devidos ao caracter da sua pessoa, e lugar: <...>

[...]

ESTANCIA IV. Dos Estudos, que tem havido na Provincia desde o principio de Custodia.

[...]

VII. (*p. 207*) ["*1650*"] No Convento do Rio de Janeiro pelo Custodio Fr. Sebastiaõ do Espírito Santo. Foy Lente de Artes [489] Fr. Manoel de Christo filho da Custodia, e Leitor de Theologia Fr. Gregorio de S. Juliaõ, chamado Francez.

[...]

X. ["*1661*"] No mesmo Convento da Bahia pelo primeiro Provincial Fr. Antonio dos Martyres. Foy Lente de Artes Fr. Joaõ da Natividade, e Leitor de Theologia Fr. Pacifico de Jesus.

XI. ["*1672*"] No mesmo Convento, sendo Vigario Provincial Fr. Simaõ das Chagas. Foy Lente de Artes Fr. Miguel de S. Boaventura. Leraõ a Theologia Fr. Domingos Laborda, Francez de Naçaõ, e Fr. Antonio da Conceiçaõ Mialhas.

[...]

ORBE SERAFICO, Novo Brasilico, CHRONICA Dos Frades Menores Da Provincia de Santo Antonio do Brasil. Livro Anteprimeiro, Mostra como este Novo Orbe foy descoberto, cultivado, e estabelecido por Religioso Menores, sendo nelle os primeiros, seus progressos espirituaes desde o anno de 1500. do seu descobrimento até o de 1585. em que fundaraõ a primeira Casa em Olinda, suas Missoens, morte preciosa de alguns, e outros varios accesos daquelles tempos, e tambem hum breve Resumo do mais até o presente.

CAPITULO XIV. Dá-se principio ao breve resumo do que mais obraraõ os Religiosos Menores nas partes do Brasil desde o anno de 1585, até o presente.

RELATORIO I. Do que passaraõ os religiosos Menores na Paraíba sobre as doutrinas dos Indios.

[...]

[3.] <...> (*p. 36*) [*col. 2*] Tinhaõ os Religiosos repartidos pelas cazas moços, que ajuntando todos (*p. 37*) os a elles encommendados, lhes ensinavaõ a doutrina [*nas "Aldeas" da "Paraíba", em c. 1593*], e diziaõ cousas de Deos, que elles ja muito bem sabiaõ. Costumavaõ tambem os Indios cantar muitas cantigas brutaes, e gentilicas; e como, elles naturalmente sejaõ affeiçoados a musica, algumas vezes de noite cantavaõ as ditas cantigas, ao que os Religiosos acudindo, lhes compuzeraõ algumas devotas, que elles cantavaõ. De modo, que em suas cazas, quem pelas ruas lhes passava de noite, naõ ouvia dizer senaõ doutrina, ou cantar aquellas cantigas. <...>

[...]

ORBE SERAFICO, Novo Brasilico, CHRONICA Dos Frades Menores Da Provincia de Santo Antonio do Brasil. LIVRO PRIMEIRO. Mostra-se como, e porquem foraõ pedidos os Frades Menores, Reformados, para Fundadores da Custodia do Brasil, sua viagem para esta Provincia, fundaçaõ do seu Primeiro Convento em a Villa de Marim, graças, que lhe concedem os Monarchas de Hespanha, e Reys de Portugal, em que entra com particular memoria o Illustre Heróe Jorge de Albuquerque Coelho.

CAPITULO VI. Passaõ os Fundadores para a nova Casa da Senhora das Neves: descreve-se o Lugar, e Villa de Marim, e Cidade de Olinda.

[...]

129. <...> (*p. 87*) [*col. 2*] Junto hum, e outro povo, o Clero com o seu Reverendo Vigario Geral, o secular com o Senado, e Camera, e mais Nobreza em numeroso concurso na Santa Casa da Misericordia [*a 4 de outubro de 1585, na festa "do Serafico N. P. S. Francisco", em Olinda*], dahi sahiraõ em huma bem composta, e ordenada Procissaõ, a que presidia, com o Governador da terra, o Vigario Geral, e Padre Custodio, entoado o festivo Cantico do **Te Deum laudamus**, até o Convento, pela rua direita, que toda estava ornada de arcos triunfaes, e verdes palmas, annunciadoras felices das muitas victorias, que estes novos Conquistadores haviaõ alcançar do commum inimigo. <...>

[...]

CAPITULO VII. Do mais, que obraraõ os Fundadores depois que entraraõ em o novo Convento.

[...]

135. <...> (*p. 90*) [*col. 1*] Era neste Seminario [*na "pequena Casa, e Igrejinha da Senhora das Neves", na "Villa de Marim", em 1586*] o principal cuidado dos Reliogiosos, depois de bem instruidos nos principios da Fé aquelles Indios, ensiná-los a lêr, e escrever para melhor intelligencia sua, e a poderem ensinar tambem aos parentes, e payzanos. E porque esta gente he naturalmente inclinada a musica, em que passavaõ a vida em cantos, e bailes a seu modo rustico, lhes buscaraõ Mestres, que os ensinassem a cantar, e tanger os instrumentos, que na Igreja Catholica se uzaõ, que foy de grande importancia para a conversaõ de muitos, e para os obri-[*col. 2*]gar a descer das suas Aldêas, e Sertoens vizinhos, e trazerem seus filhos para aprenderem o mesmo. <...>

136. (*p. 91*) [*col. 1*] Para tudo tinhaõ bastante, e exemplar incentivo no que viaõ áquelles Religiosos seus Mestres, e Directores. Eraõ continuos nas funçoens do Choro; gostavaõ os Indios de os ouvir cantar os Divinos louvores, e com poucas liçoens entoavaõ juntamente com os Religiosos as Missas Solemnes, Ladainhas, e outras similhantes funcçoens Sagradas, e logo houve entre elles muitos, e muy destros no canto do Orgaõ, e hum, chamado Francisco, era bastantemente contrapontista, e punhaõ as letras á solfa em a nossas lingua, que aprendiaõ com facilidade, e tambem na sua, convertendo nesta muitas das suas Gentilicas cantilenas em encomios Divinos, e era certamente muito para dar graças a Deos, vêr em taõ pouco tempo a hum Indiozinho com destra harmonia entoar louvores ao Senhor na sua barbara linguagem, que sendo suave aos ouvido, só Deos se sabia entender com ella, e só elle a podia entender.

[...]

LIVRO SEGUNDO De algumas excellencias da Casa de N. Senhora das Neves da Villa de Maria, e Cidade de Olinda, como tambem os desta Provincia, de que foy Capital, e dos Religiosos, que com vida exemplar, virtudes Christaãs, e santo fim illustraraõ esta Casa, e de outras acontecimentos dignos de memoria.

VIDA DO P. Fr. MELCHIOR DE Santa Catharina [*c. 1546 - 1618*], **primeiro Custodio, e Fundador desta Provincia de Santo Antonio do Brasil.**

CAPITULO III. **Da Patria, nascimento, e primeira criaçaõ deste venerando Padre.**

[...]

213. <...> (*p. 135*) [*col. 1*] Mas era para ver, ou mais para admirar, que quanto era mayor o ardor da calentura [*durante febre que teve na infância, antes de 1562*], tanto se inflammava mais o seu espirito; porque, sem pedir soccorros humanos para o refrigerio, só recorria aos Divinos, recitando algumas oraçoens devotas, entoando a vozes outros Canticos da May de Deos, e specialmente os do seu Terço, convidando aos domesticos para que o ajudassem naquella musica do Ceo, com a qual, desabafando os ardores do espirito, só refrigerava o ardente da febre; sendo, no mais accezo della, oraçoens devotas os seus ays; Canticos celestes os seus gemidos; todas as suas queixas louvores Divinos, e o destro compozitor da sua musica, a total conformaçaõ com a vontade de Deos.

[...]

CAPITULO XXXIII. **Da Capella do Mosteirinho de S. Francisco no districto de Olinda.**

[...]

418. <...> (*p. 249*) [*col. 2*] e tudo se colhe de alguns assentos do sobredito livro Antigo, feitos pelo ja nomeado Vigario do Salvador. <...> E está assignado em ambos estes termos, e no que ja referimos da Restauraçaõ desta Igreja, **O Vigario Nunes**; e chamava-se elle; **Manoel Ferreira Nunes**; e foy o primeiro Chantre, quando esta mesma Igreja (*p. 249*) [*col. 1*] do Salvador passou o Cathedral, e Sé de Olinda. 484 Este proprio foy o Vigario, que residio na Igreja de S. Joaõ, em quanto se reparava a do Salvador; e he de notar, que nos sobreditos termos, quando falla na Igreja do Salvador, sempre a declara por Matriz, dizendo: **Nesta Matriz do Salvador;** e quando na de S. Joaõ, só diz; **Nesta Igreja de S. Joaõ**; porque esta nunca foy Matriz collada, e só fez as vezes de Parochia, supprindo a do Salvador.

480 . Cf. GABRIEL SOARES DE SOUSA ♦ (*Notícia do Brasil*, 1587, primeira parte, cap. XII, § 5).

481 . Cf. GABRIEL SOARES DE SOUSA ♦ (op. cit., primeira parte, cap. CXXIX, § 1).

482 . Cf. GABRIEL SOARES DE SOUSA ♦ (op. cit., primeira parte, cap. LVIII, § 1).

483 . RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário portuguêz e latino*, v. I, 1712, p. 573) assim define **Arte**: « Regras, & methodos, com cuja observaçaõ se fazem muitas obras uteis, aggradaveis, & necessarias à Republica. Neste sentido Arte se differença de Sciencia, cujos principios consistem em demonstraçoens; & neste proprio sentido se divide a Arte em dous ramos, a saber o das Artes Liberaes, que saõ sette, **Grammatica**, **Rhetorica**, **Logica**, **Aritmetica**, **Musica**, **Architectura**, **Astrologia**, & se cõprehendem neste verso: ¶ **Lingua**, **Tropus**, **Ratio**, **Numerus**, **Tonus**, **Angulus**, **Astra**; & o das Artes mechanicas, que tambem saõ sette principaes, das quaes dependem todas as mais; Agricultura, Caça, Guerra, todos os officios fabris, a Cirurgia, as artes de tecer, & navegar, & vaõ apontadas neste versos ¶ **Rus**, **Nemus**, **Arma**, **Faber**, **Vulnera**, **Lana**, **Rates** ». A **música**, portanto, poderia fazer parte desta disciplina. Porém, o tipo de ensino que existia naquela época não permitiria ao « Lente em Artes » transmitir informações muito aprofundadas aos discípulos. É possível ter uma idéia dessas lições de artes ao se ler este fragmento do próprio JABOATÃO (digressão V, estância V do preâmbulo, p. 227), quando se refere ao « Lente de Artes » Fr. Raphael da Purificação (Olinda, 1727): « Dictava de memoria, e sem postilla, as liçoens de Theologia, e naõ era muito fizesse isto, quem aprendeo sem Mestres as mais das sciencias. Entendia da Mathematica, e Arithmetica o que bastava para quem naõ era seu professor, e nellas era consultado. Da Geographia tinha tanta intelligencia, que fazia sem compasso as suas arrumaçoens. Lia com desembaraço os caracteres Gregos; a lingua Franceza, Ingleza e Italiana, lia, e entendia com perfeiçaõ, e bastantemente da Hebraica. Foy mimoso Alumno das Musas em ambas as Poezias, Latina, e vulgar, bom Theologo, e melhor Filosofo. Com todas estas partes scientificas, na Expositiva, e dos pulpitos, foy singularissimo, ornando esta Arte das artes naõ só com as partes da Rhetorica necessaria, melhor com os dotes da natureza liberal, presença agradavel, voz clara, loquelia desembaraçada, acçoens naturaes, e graves, compostas sem artificio; discursos novos com propriedade, e appropriados sem violencia, pelo que se fazia buscado com ancia, ouvido com applauso, celebrado sem lizonja, e louvado sem desvanecimento ». Resumindo, são estes os « Lentes de Artes » apontados por JABOATÃO em toda a « Estancia IV » (da digressão V, pp. 206-209): IV – Fr. Francisco dos Santos (Maria, 1627); VII – Fr. Manoel de Christo (Convento do Rio de Janeiro, 1650); X – Fr. Joaõ da Natividade (Convento da Bahia, 1661); XI – Fr. Miguel de S. Boaventura (Convento da Bahia, 1672); XVIII – Fr. Joaõ Bautista da Ressurreiçaõ (Olinda, 1706); XIX – Fr. Joaõ da Conceiçaõ Sant-Ago (Recife, 1709). Os outros 18 lentes se referem ao período de 1712-1752.

484 . FRANCISCO A. PEREIRA DA COSTA (*Estudo histórico-retrospectivo sobre as artes em Pernambuco*, 1900, p. 16) deixou uma informação importante para a história da música na Sé de Olinda, no final do séc. XVII: « A creação da igreja episcopal de Olinda deu grande incremento ás artes; e creou-se logo uma capella de musica na cathedral cujo mestre percebia o honorario annual de 60$000, em virtude da Provisão regia de 10 de Abril de 1697.

181

MIGUEL ARCANJO DA ANUNCIAÇÃO TEIXEIRA

(séc. XVIII)

DOCUMENTO: CRÓNICA DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA ATÉ 1763. Anterior a 1769.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Lê-se, em nota que introduz a publicação do documento, na p. 7 da RIAHGP vol. 35: « gentilmente cedida por cópia pelo revmo. abade D. Bonifacio Jansen. ¶ Abrange o espaço de tempo que vai dos fins do século XVI, primeiro da colonização, até 1763, e é excelente subsídio para a Historia da Capitania de Pernambuco. ¶ Foi escrita por Frei Miguel Arcanjo da Anunciação Teixeira de Azevedo, irmão do conhecido cronista Frei Gaspar da Madre de Deus, a respeito de quem o eminente historiógrafo Afonso E. Taunay publicou um estudo que vai servir-nos de introdução ». Nas pp. 96, 100, 112, 122, 127 e 128, há informes sobre música no século XVIII].

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Revista do Instituto Arqueologico Historico e Geografico Pernambucano.* [Recife, IAHGP], vol. 35. jan. 1937 / dez. 1938. 281 pp. (N.R. Pe Abbe. Fr. Miguel Archanjo da Annunciação Teixeira de Azevedo – Chronica do Mosteiro de S. Bento de Olinda até 1763).

10º Prelado, e 7º Abbe. nos annos 1612=13=14

[...]

[5.] <...> (*p. 55*) Ficavaó as das. cazas [*"na rua de Joaó Affonso (agora rua do coxo)", que deixou "Joaó Lopes" ao mosteiro em 1613, pelo seu testamento*] obrigadas ao Legado pelo qual os P.P. haviao dizer em cada hum anno perpetuamente quarenta, e oito missas pelas almas delles doadores, das quaes sinco haviaó de ser cantadas, e de Requiem [485], e huma se havia dizer no oitavario dos Stos. <...>

[...]

25º Prelado, e 21º Abbe. nos annos de 1652=53=54=55=56=57

[...]

[6.] (*p. 70*) Em 6 de 9br.º de 1656 fez doaçaó da Capella dos Prazeres dos Gararapes o Me. de Campo Genal. Franco. Barreto, e taóbem de todos os pertences, como se pôde ver na escritura, q̃ vem no Tombo. Obrigámo nos a fazer a festa de N. Snr.ª dos Prazeres no seo dia com Vesperas, e Missa cantada, e Pregaçaó; e a Missa seria dita pelo Prelado podendo ser, ou outro Religiozo mais antigo, e grave. <...>

[...]

485 . FRANCISCO SOLANO CONSTÂNCIO (*Novo diccionário critico e etimológico da lingua portuguesa*, 1863, p. 696) indica a missa « officiada, official ou de requiem, por pessoa que falleceo ». JOAQUIM DE SANTA ROSA DE VITERBO (Elucidário, 1865, v. II, p. 91) é mais claro: « Missa officiada, e missa official. Assim chamavam á missa de Requiem, a que precedia o officio de defuntos, e a qual se solemnizava dos ministros, incenso, e canto. Doc. de Lamego de 1364. Havendo os confrades de Santa Maria do Castello de Thomar feito o seu compromisso no de 1388, ordenaram, que o seu Capellão "Cante cada dia (diga missa rezada) na Igreja de Santa Maria do Castello par todollos Confrades" ».

182

JOSÉ MAZZA

(? - 1797)

DOCUMENTO: DICIONÁRIO BIOGRÁFICO DE MÚSICOS PORTUGUESES. s.l., anterior a 1797.

TEXTO: Códice de 25 X 18,6 cm., encadernado em papelão, da seção de manuscritos da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, CXIV/1-26, d, de 97 folhas, numeradas 1-48, a-v e mais 26 folhas soltas sem numeração, divididas em 8 peças. Não leva título, mas é conhecido como « *Diccionario biografico de Musicos portuguezes* e noticia das suas composições por José Mazza », desde que JOAQUIM HELIODORO DA CUNHA RIVARA o citou no ***Catalogo dos manuscriptos da bibliotheca eborense*** (Lisboa, 1871, v. III, p. 482).

NOTA BIBLIOGRÁFICA: JOSÉ AUGUSTO ALEGRIA publicou o códice na revista **Ocidente** em 10 números, de 23(74), jun. 1944 a 25(84), abr. 1945, sem utilizar o número 25(83), mar. 1945. No primeiro número, onde aparece a obra de MAZZA, ALEGRIA descreve cuidadosamente o manuscrito, indicando também os autores que dele trataram. Também acrescenta 170 notas, onde discute as informações do autor. Não conhecemos outra edição do manuscrito de MAZZA.

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo a ***Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*** (s.d., v. XVI, p. 650) informa: « Músico e poeta, de origem italiana, m. em Faro a 14-XII-1797. Como o poeta escreveu muitas pequenas obras, tais como odes, sonetos, elogios, etc., umas que fez imprimir, outras que existem manuscritas na Biblioteca Pública de Évora, onde se encontra, também manuscrita, uma tradução do célebre poema de Tomás Iriarte, *A Música*, tradução dedicada a Fr. Manuel do Cenáculo, que foi seu amigo e protector. Como músico, fez parte da orquestra da Câmara real e escreveu algumas composições, das quais existe uma na mencionada Biblioteca de Évora. Ali se encontra, também manuscrito, um livro da sua autoria com o seguinte título: *Dicionário biográfico de músicos portugueses e notícias das suas principais composições* ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: Dicionário biográfico de músicos portugueses. ***Ocidente***, revista portuguesa mensal. Lisboa, Álvaro Pinto, 23(74):193-200, jun. 1944; 23(75):249-256, jul. 1944; 23(76):361-368, ago. 1944; 23(77):25-32, set. 1944; 24(78):153-160, out. 1944; 24(79):241-248, nov. 1944; 24(80):353-368, dez. 1944; 25(81):17-24, jan. 1945; 25(82):145-152, fev. 1945 [Crônicas]; 25(84):85-100, abr. 1945 [Suplementos].

[...]

(*v. 23(75), jul. 1944, p. 250*) **Antão de S.^{to} Elias Fr.** Religioso Carmelitano natural da Cidade de Lx.^{a} filho de Francisco de Souza, e Maria Cardoza, foi Mestre na Cappela do seo Convento da mesma cidade muito perito no Contraponto, e não menos no instrumento de Arpa cujo tocou por muitos annos na cathedral de Lx^{a} compos hum Te Deum a 4 coros com diversos instrumentos, compos mais responsorios, Missas, Salmos, Hinos, Vilancios a 4 a 8 e 2 coros com instrumentos, falesseu em 1748 [486].

[...]

(*v. 23(76), ago. 1944, p. 362*) **Euzebio de Mattos Fr.** nasceo na Cidade da Baya Capital da America no anno de 1629, floreseo no secolo de 600 da Companhia passou para os Carmelitas, foi Compozitor famozo de Muzica e era tão sabio nas mais artes, e sciencias, que dele dizia o grande Vieira, que Deos se empinhava a faze-lo em tudo grande Compos varias obras em Muzica, faleseo no Convento Patrio no anno de 1629 [*o correto é 1692*] com 63 annos de idade 33 de Jesuita, e 15 de Carmelita; dele faz menção Fr. Manoel de Sá Mem. Hist. das Escrit. Portug. do Carm. Cap. 24 pag. 140 [487].

[...]

486 . ROBERT STEVENSON (*Some portugueses sources for early brazilian music history*, 1968, p. 23) informa: « Further evidence of Baian musical culture in the 1690's comes to light in the career of the virtuoso harpist and chapel master Antão de Santo Elias, who took the habit in the Carmelite house at Baia on April 8, 1696, professing there a year later. Composer of various Christmas **responsórios** for two choruses, accompanied by "rebecas, rabecões, e flautas" (violins, bass viols, flutes) and of Masses a 4 and a 8 "com diversidade de instrumentos" Santo Elias left also a **Te Deum** for four instrumentally accompanied choruses, several hymns, psalms, a Magnificat, and numerous **vilhancicos** ». A fonte de STEVENSON parece ter sido a mesma de **Os Musicos Portuguezes**, de JOAQUIM DE VASCONCELLOS (1870, v. I, p. 94), onde encontramos estas informações sobre **Antão de Santo Elias**: « Foram seus paes Francisco de Sousa e Maria Cardoso. Passou grande parte da sua mocidade no Brazil, professando no convento carmelitano da Bahia a 8 de Abril de 1697, onde tinha entrado um anno antes. Ao seu regresso a Lisboa foi nomeado Mestre de Capella no convento da sua ordem, cargo que exerceu durante 3 annos. Foi egualmente harpista na Cathedral de Lisboa depois da sua volta a Portugal; distinguiu-se n'este instrumento. Em 1745 ainda existia no convento do Carmo. ¶ Morreu no convento patrio em 1748. ¶ As suas composições são: ¶ 1) *Te-Deum laudamus*, a 4 coros com diversos instrumentos. ¶ 2) *Responsorios das Matinas nos 3 dias da Semana Santa a 2 coros*. ¶ 3) *Responsorio das Matinas do Natal, Festa da Purificação, de Nossa Senhora do Carmo e Santo André Corsino, a 2 coros com Rabecas e Flautas*. ¶ 4) *Missas a 4 e 8 vozes com diversos instrumentos*. ¶ 5) *Psalmos e Magnificas, a 4 e 8 vozes com instrumentos*. ¶ 6) *Hymnos a 4 vozes de Estante*. ¶ 7) *Vilhancicos do Natal, Reis, Santa Cecilia e S. Vicente, a 2 coros com instrumentos*. ¶ 8) *Uma cantata feita por occasião do anniversario do casamento de D. João V*. ¶ Estas composições encontravam-se no fim do seculo passado [XVIII] no mosteiro de Belem ». Em nota ao pé da página (nota a), VASCONCELLOS afirma que « Santa Anna, na ***Chronica dos Carmelitas***, vol. I, pag. 788, chamou-lhe: Professor das Artes da Musica e Contraponto ».

487 . O ***Diccionário bibliográfico portoguêz***, de INOCÊNCIO FRANCISCO DA SILVA, não tem nenhum livro cujo título seja idêntico ao abreviado por MAZZA. Contudo, encontramos no vol. VI (1862, p. 100, nºs 1264 e 1265) duas obras do Fr. MANUEL DE SÁ (1673–1735) com títulos próximos ao que procuramos. A que mais se aproxima à referência deixada por MAZZA é a primeira: nº 1264 – ***Memorias historicas dos illustrissimos Arcebispos, Bispos e Escriptores portuguezes da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, reduzidas a catálogo alphabetico***. Lisboa, na Offic. Ferreiriana 1724. 4º de XL, 544 pp. [103 capitulos com biografias dispostas em ordem alfabética]; nº 1265 – ***Memorias historicas da ordem de Nossa Senhora do Carmo da provincia de Portugal***. Parte Primeira. Lisboa, na Offic. de José Antonio da Silva 1727. 4º de LII, 600 pp..

SEÇÃO II — REGISTROS OFICIAIS

A. Documentos sobre a música na Sé da Bahia (1552-1701)

183

GOVERNO GERAL DO BRASIL

DOCUMENTOS: DIVERSOS SOBRE OS MÚSICOS DA SÉ DA BAHIA. 1552-1701.

TEXTOS E NOTAS BIBLIOGRÁFICAS: Estas informações, encontradas nos DH, provêm de sete códices diferentes, todos da Biblioteca Nacional: Vol. 7: Códice I-4-1-43; Vols. 14 e 38: « *Registo de Provisões Reaes* », códice I-19-7-2; Vols. 22 e 24: « *Registo de Provisões Reaes* » (cópia recente), vol. VII, códice 19-11-1; Vol. 34: Códice I-1-2-42; Vols. 35-36: « *Copia do livro 1º do Registo de Movimentos Seculares e ecclesiasticos da Cidade da Bahia e terras do Brasil feita por determinação do Ill.mo e Ex.mo Sr. D. Fernando José de Portugal Gov.or e Cap.m General da Capitania da Bahia. Anno de 1800* », códice I-19-16-1; Vols. 66-67: Códice I-4-3-56, « *Cartas Regias* »; Vols. 83-84: « *Registo de Cartas Régias Livro 2º* », códice I-19-17-2.

PUBLICAÇÕES UTILIZADAS: **Documentos Históricos** 1660-1670. Vol. VII da série E V dos docs. da Bib. Nac. Rio de Janeiro, Augusto Porto & C, 1929. 510 pp.

Documentos Históricos 1551-1625; Mandados, Provisões, Doações. Vol. XIV da Série E XII dos docs. da Bib. Nac. Rio de Janeiro, Typ. Monroe, 1929. 499 pp.

Documentos Históricos 1668-1669; Provisões, Patentes, Alvarás, Sesmarias, Mandados, etc. Vol. XXIII. Rio de Janeiro, Typ. Arch. de Hist. Brasileira.

Documentos Históricos 1670-1672; Provisões, Patentes, Alvarás, Sesmarias, Mandados, etc. Vol. XXIV. Rio de Janeiro, Typ. Arch. de Hist. Brasileira, 1934. 376 pp.

Documentos Históricos 1692-1712; Provisões, Patentes, Alvarás, Cartas. Vol. XXXIV. Rio de Janeiro, Typ. Arch. de Hist. Brasileira, 1936. 515 pp.

Documentos Históricos 1549-1559; Provimentos Seculares e Ecclesiasticos. Vol. XXXV. Rio de Janeiro, 1937. 496 pp.

Documentos Históricos 1559-1577; Provimentos Seculares e Ecclesiasticos. Vol. XXXVI. Rio de Janeiro, 1937. xxiii, 453 pp.

Documentos Históricos; Mandados, Alvarás, Provisões, Sesmarias. 1549-1553; Cartas dos Governadores Geraes 1692-1698. Vol. XXXVIII. Rio de Janeiro, 1937. xvi, 484 pp.

Documentos Históricos; Cartas Régias 1651-1667. Vol. LXVI. Rio de Janeiro, Typ. Baptista de Souza, 1944. 400 pp.

Documentos Históricos; Cartas Régias 1667-1681. Vol. LXVII. Rio de Janeiro, Typ. Baptista de Souza, 1945. 399 pp.

Documentos Históricos; Registo de Cartas Régias 1683-1697. Vol. LXXXIII. [Rio de Janeiro], Biblioteca Nacional, 1949. 299 pp.

Documentos Históricos; Registo de Cartas Régias 1697-1705; Pernambuco e outras capitanias do Norte; Cartas e Ordens 1717. Vol. LXIV. [Rio de Janeiro], Divisão de Obras Raras e Publicações da Biblioteca Nacional, 1949. 299 pp.

Documentos Históricos 1549-1552; Mandados. Vol. XXXVII. 1937. xxxi, 463 pp.

Documentos Históricos; Mandados, Alvarás, Provisões, Sesmarias. 1549-1553; Cartas dos Governadores Geraes 1692-1698. Vol. XXXVIII, 1937. xvi, 484 pp.

Provisão do Bispo desta Cidade do Salvador, pela qual nomeia certas Pessoas que sirvam de Capellães, e Moços de Côro da dita Sé pelo poder, que para isso tinha do Santo Padre, e de El-Rei Nosso Senhor.

(*v. XXXV, p. 131*) D. Pero Fernandes Bispo desta Cidade do Salvador etc. Faço saber a Vós muito presado Senhor Antonio Cardoso Provedor-mor da Fazendo de El-Rei Nosso Senhor em todas estas Partes da Costa do Brasil, que o Santo Padre Julio 3 ora Presidente na Igreja de Deus me commete suas vezes na Bulla da Creação deste Bispado; que eu com o parecer de Sua Alteza possa

crear e ordenar em esta Sé os Conegos, e Dignidades, que me parecerem necessarios, o que tambem consta por uma Provisão do dito Senhor feita a Vossa Mercê, por que lhe manda, que em seu nome apresente nas Conezias, e Dignidades desta Sé as Pessoas, que eu nomear, e outras nenhumas não. E porquanto depois desta Provisão ser feita Sua Alteza apresentou no Reino quasi todos os Padres, que commigo vieram, como consta por suas apresentações, que aqui tem, não me fica agora por nomear senão seis Capellães, que Sua Alteza ordenou na Carta Geral dos Ordenados para ajudarem a servir esta Sé e dois Moços do Côro, os quaes seis Capellães nomeio por agora a João de Varzoa, e a Martim Soares Irmão do Vigario desta Sé, e a Bastião Pereira, por não achar ao presente outros sufficientes, que possam encher o numero: e por Moços do Côro nomeio a João Filho de João Velho, e Diogo filho de Matheus de Juro morador nesta Cidade. Certifico-o assim (*p. 132*) a Vossa Mercê, para que o mande pôr em lembrança, e lhes mande a seu tempo pagar seu ordenado. Feita nesta Cidade do Salvador sob meu signal, e sello. Fernão Pires da Nobrega o fez aos 17 dias do mez de Agosto de 1552. A qual era assignada pelo dito Bispo, e Sellador do Sello de suas Armas.

Traslado, e Registo da Carta de Apresentação, por que o Provedor-mor Antonio Cardoso de Barros apresentou ao Bispo desta Cidade do Salvador a sua nomeação para que o confirme a Francisco de Vacas a Dignidade de Chantre da Sé desta Cidade por virtude da Provisão de Sua Alteza, que para isso tinha para em seu nome apresentar as ditas Dignidades, e Beneficios.

(*v. XXXV, p. 169*) Antonio Cardoso de Barros Provedor-mor da Fazenda de El-Rei Nosso Senhor nestas Partes do Brasil etc. Faço saber a Vós mui Reverendissimo, e Illustre Senhor D. Pedro Fernandes Bispo desta Cidade so Salvador da Bahia de Todos os Santos destas ditas Partes, ou a vossos Loco Tenentes, a que o conhecimento deste com direito pertencer, que a mim me praz apresentar, como de effeito apresento a Francisco de Vacas Clerigo de Ordens de Evangelho á Dignidade de Chantre[488] da Sé desta Cidade; e isto por me o dito Francisco de Vacas[489] ser por Vossa Senhoria nomeado para que assim o apresentasse na dita Dignidade, segundo vi por esta Certidão atrás da dita Nomeação por Vossa Senhoria assignada, e sellada com o sinete de (*p. 170*) vossas armas feita a 22 de Junho de 1553, o qual Francisco de Vacas nesta minha Carta declarado o apresento pela dita maneira á dita Dignidade de Chantre desta dita Sé em Nome do dito Senhor, que como Mestre e perpetuo Administrador, que é da Ordem, e Cavallaria de Nosso Senhor Jesus Christo apresenta as ditas Dignidades por Bulla, que para isso tem do Santo Padre o que assim em seu Nome apresento para Conservação, e guarda do Direito da dita Ordem, por virtude de uma Carta patente em pergaminho assignada pelo dito Senhor, que a mim enviou, pela qual Sua Alteza me dá, e outorga todo o poder, que tem para na apresentação das ditas Dignidades que se nestas partes provem a vossa nomeação, como Mestre, que é da dita Ordem, o que Sua Alteza assim ha por bem; e por evitar trabalho, e custo, que se daria aos Padres, que têm as ditas Dignidades, Conezias, e Capellanias, e Curados, que em ellas fossem providos se daria pela muita distancia que ha destas ditas partes ao Reino, como mais larga, e compridamente Sua Alteza o declara na dita Patente, que para mim passou pelo que peço, e encommento a Vossa Senhoria em nome do dito Senhor, que confirme na dita Dignidade de Chantre ao dito Francisco de Vacas, e lhe passeis vossas Letras da Confirmação em fórma, nas quaes fará expressa menção de como o assim confirmou a minha apresentação pelo dito poder, que para ello tenho para guarda, e Conservação do direito da dita Ordem. Francisco Mendes

da Costa a fez na Cidade do Salvador a 26 de Junho de 1553 annos. A qual Nomeação do dito Bispo estava (*p. 171*) em uma folha nas Costas desta Apresentação. A qual o dito Bispo por uma Confirmação adiante escripta, confirmou ao dito Francisco de Vacas na dita Dignidade.

[*Registro de Provisões Reais*]

1398 — (*v. XXXVIII, p. 176 e v. XIV, p. 363*) A tres do dito mez [*agosto de 1553*] passou o dito Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a João Lopes[490] Mestre da Capella tres mil, e quinhentos reis em dinheiro, que lhe eram devidos de cinco arrobas de algodão ensaccado <...>

1399 — A tres do dito mez passou o dito Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a João Lopes Mestre da Capella tres mil, e quinhentos reis em dinheiro, que lhe são devidos de cinco arrobas de Algodão ensaccado a setecentos reis arroba para Sua Alteza; e que por elle, e seu Conhecimento, em que declarasse receber a dita somma, e ficasse Carregado em Receita sobre o dito Thesoureiro lhe sejam Levados em Conta.

Traslado, e Registo da Carta por que foi apresentado pelo Provedor-mor em um dos Lugares de Moço do Côro da Sé desta Cidade, a Simão de Oliveira filho de Antonio de Oliveira.

(*v. XXXV, p. 219*) Antonio Cardoso de Barros Etc. Faço saber a vós Mui Reverendissimo, e Illustre Senhor D. Pedro Fernandes Bispo desta Cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos destas ditas Partes, ou a Vossos Loco Tenentes a que o conhecimento deste com direito pertencer, que eu apresento ora novamente a Simão de Oliveira, (*p. 220*) filho de Antonio de Oliveira por Moço de Côro[491] da Sé desta dita Cidade, e isto por me o dito Simão de Oliveira ser por V. S. nomeado para que assim o apresentasse por Moço do Côro segundo vi por esta sua Certidão atrás da dita nomeação por V. S. assignada, e sellada com o sinete de vossas armas feita aos 31 de Março deste anno de 1554, o qual Simão de Oliveira nesta minha Carta declarado apresento pela dita maneira a Moço do Côro desta dita Sé em Nome do dito Senhor, que como Mestre, e perpetuo Administrador da Ordem, e Cavallaria de Nosso Senhor Jesus Christo apresenta os ditos Moços do Côro por bulla, que para isso tem do Santo Padre, o que assim em seu Nome apresento para guarda, e conservação do Direito da dita Ordem, por virtude de uma carta patente em pergaminho assignada pelo dito Senhor, que a mim enviou, pela qual S. A. me dá, e outorga todo o poder, que tem na apresentação dos ditos Moços do Côro, que se nesta dita Sé provesse a vossa nomeação, como Mestre, que é da dita Ordem, o que Sua Alteza assim ha por bem por evitar o trabalho, e custo, que se daria ás pessoas, que nos ditos lugares de moços do Côro, que nellas fossem providos se daria pela muita distancia, que ha destas ditas partes ao Reino, com mais larga, e compridamente Sua Alteza o declara na dita Patente, que para mim passou; pelo que peço, e encommendo a V. S. em Nome do dito Senhor, que confirme em Moço do dito Côro ao dito Simão de Oliveira, e lhe passeis vossas Letras de Confirmação em fórma, nas quaes fará expressa menção de como o assim confirmou a minha apresentação, pelo (*p. 221*) dito poder, que para ello tenho para guarda, e Conservação do Direito da dita Ordem; e começará a vencer seu Ordenado da feitura deste em diante. Francisco Mendes da Costa o fez ao 1º de Abril. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1554.

Traslado, e Registo da Apresentação, com que foi apresentado a Moço do Côro Diogo filho de Diogo Rodrigues.

(*v.* **XXXV**, *p.* *221*) Antonio Cardoso de Barros Provedor-mor da Fazenda de El-Rei Nosso Senhor nestas Partes do Brasil etc. Faço saber a vós Mui Reverendissimo, e Illustre Senhor D. Pedro Fernandes Bispo desta Cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos das ditas Partes, ou a vossos Loco Tenentes, a que o conhecimento deste com direito pertencer, que apresento ora novamente a Diogo filho de Diogo Rodrigues a um dos lugares de Moço do Côro desta dita Sé, e isto por me o dito moço Diogo ser por V. S. nomeado, para que assim apresentasse no dito lugar de Moço do Côro, segundo vi por esta sua Certidão atrás da dita nomeação por V. S. assignada, e sellada com o sinete de vossas armas feita aos 27 de Abril deste anno de 1554. O qual Diogo nesta Carta declarado apresento pela dita maneira a Moço do Côro desta dita Sé em nome do dito Senhor, que como Mestre, e perpetuo Administrador que é da Ordem, e Cavallaria de Nosso Senhor Jesus Christo apresenta os ditos moços do Côro; por multa, que (*p.* *222*) para isso tem do Santo Padre, o que assim em seu nome apresento para guarda, e conservação do Direito da dita Ordem, por virtude de uma Carta Patente em pergaminho assignada pelo dito Senhor, que a mim enviou, pela qual Sua Alteza me dá, e outorga todo o poder, que tem na apresentação dos ditos moços do Côro, que se nestas proverem a vossa nomeação, como Mestre, que é da dita Ordem, o que Sua Alteza assim ha por bem por evitar o trabalho, e custo que aos que cá nos ditos lugares de Moço do Côro se daria sendo cá providos, pela muita distancia, que ha destas ditas partes ao Reino, como mais larga, e compridamente Sua Alteza o declara na dita Patente, que para mim passou; pelo que peço, e encommendo a V. S. em Nome do dito Senhor, que confirme em Moço do Côro ao dito Diogo e lhe passeis vossas Letras de Confirmação, em fórma, nas quaes fará expressa menção de como o assim confirmou a minha apresentação pelo dito poder, que para ello tenho, e para guarda, e Conservação do Direito da dita Ordem. Francisco Mendes da Costa o fez na dita Cidade ao derradeiro de Abril. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1554.

Traslado, e Registo da Apresentação de João Lopes Mestre da Capella na Dignidade de Chantre da Sé desta Cidade.

(*v.* **XXXV**, *p.* *221*) Antonio Cardoso de Barros Provedor-mor da Fazenda do El-Rei Nosso Senhor nestas Partes do Brasil etc. Faço saber a vós Mui Reverendissimo, e Illustre Senhor D. Pedro Fernandes Bispo desta Cidade do Salvador da Bahia de todos os Santos destas ditas Partes, ou a vossos Loco Tenentes a que o conhecimento deste com direito pertencer; que eu apresento ora novamente a João Lopes Mestre da Capella á Dignidade de Chantre da Sé desta Cidade se com direito posso, ou devo fazer por na dita Dignidade ter já apresentado Francisco de Vacas conteudo nesta sua Certidão atrás, e isto por me o dito João Lopes ser ora por V. S. nomeado para que o assim apresentasse na dita Dignidade, segundo vi por esta sua Certidão atrás da dita nomeação por V. S. assignada e sellada com o sinete de vossas Armas feita aos 16 dias do Mez de Maio de 1554, o qual João Lopes nesta minha Carta declarado apresento pela dita maneira á dita Dignidade de Chantre desta dita Sé em Nome do dito Senhor, que como Mestre e perpetuo Administrador, que é da Ordem, e Cavallaria de Nosso Senhor Jesus Christo apresenta as ditas Dignidades, por bulla, que para isso tem do Santo Padre para guarda, e conservação do direito da dita Ordem, por virtude de uma

Carta patente em pergaminho assignada pelo dito Senhor, que a mim me enviou, pela qual Sua Alteza me dá, e outorga todo o poder, que tem na apresentação das ditas Dignidades, que nestas Partes proverem a Vossa Nomeação, como Mestre, que é bem por evitar o trabalho, e custo, que aos Padres, que cá nas ditas Dignidades fossem providos se daria pela muita distancia, que ha destas ditas Partes ao Reino como mais Larga, e Compridamente Sua Alteza o declara na dita Patente, que para mim passou; pelo que peço, e encommendo a V. S. em Nome do dito Senhor, que confirme na dita Dignidade de Chantre ao dito João Lopes, e lhe passeis vossas Letras de Confirmação em fórma, nas quaes fará expressa menção de como assim o confirmou a minha apresentação pelo dito poder, que para ello tenho, para guarda, e conservação do Direito da dita Ordem. Francisco Mendes da Costa a fez a 18 de Maio Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1554 annos.

Confirmação do Chantre Ruy Pimenta.

(*v. XXXVI, p. 77*) D. Pedro Leitão por Mercê de Deus, e da Santa Sé Apostolica de Roma Bispo da Cidade do Salvador da Bahia de todos os Santos, terras do Brasil, e Commissario Geral por autoridade Apostolica em todas as Capitanias, e lugares das ditas terras, do Conselho d'El-Rei Nosso Senhor. A todos os que esta Minha Carta de Confirmação, e posse virem saude em Jesus Christo Nosso Senhor, que de todos é verdadeira Salvação. Fazemos saber que perante Nós appareceu Ruy Pimenta Clerigo de ordens Menores, e Nos apresentou uma carta de Apresentação do Senhor Diogo Moniz Barreto Fidalgo da Casa d'El-Rei Nosso Senhor, Capitão da dita Cidade, e seu Governador Geral nas ditas Capitanias, e terras desta Costa do Brasil, pela qual Carta em Nome do dito Senhor como Governador, e Perpetuo Administrador, que é do Mestrado, e Ordem da Cavallaria de Nosso (*p. 78*) Senhor Jesus Christo Nos apresentou o dito Ruy Pimenta ao Chantrado[492] da Sé da dita Cidade, que vagou por renunciação, que delle fez em Nossas mãos João Lopes, ultimo possuidor do dito Chantrado, e tambem pelo eu achar intruso nelle por fallecimento de Francisco de Vacas Chantre finalmente, que pela renunciação do dito João Lopes que em Nossas mãos tem feito, ou por estar vago por fallecimento do dito Francisco de Vacas, o apresento ao dito Ruy Pimenta ao dito Chantrado pelo melhor modo, e maneira, que com direito posso fazer. E vista por Nós a dita Carta de Apresentação, confiando na bondade, e bom saber do dito Ruy Pimenta, e sendo por Nós examinado, o achamos apto, e sufficiente para servir a dita Chantria, como cumpre a serviço de Deus, e descargo de Nossa Consciencia, pelo que por imposição de barrete, que em sua cabeça puzemos o confirmamos, e com effeito havemos por confirmado na dita Chantria a apresentação do dito Senhor, a quem de Direito pertence, como Mestre, e Governador, que é da dita Ordem, e Cavallaria, com a qual Chantria o dito Ruy Pimenta haverá o Ordenado Limitado na Provisão Geral do dito Senhor, e os mais reditos, e proveitos, que direita, e canonicamente deve haver, e outrosim será obrigado a servir, e residir pessoalmente na dita Chantria, como o Direito manda, e Nós ordenarmos; e logo jurou em Nossas Mãos aos Santor Evangelhos de ser sempre obediente a Nós e a Nossos Successores canonicamente no dito Bispado entrantes, e de cumprir, e guardar todos Nossos Mandados, e de Nossos Vigarios Geraes, Ouvidores, e Loco Tenentes, e de nunca directe, nec indirecte ser contra Nós, nem contra Nossos Mandados, e de guardar o Regimento, e Instrução, que para bom governo, e Regimento do dito Bispado fizermos e ordenarmos e mentes não houver Constituições do Arcebispado de Lisboa digo Constituições, de cumprir, e guardar as Constituições do Arcebispado de Lisboa Metropolitano, assim, e da maneira, que nellas se contém no Cap. ego enim de jure jurando; e por esta presente Carta Mandamos em virtude de Santa obediencia, e sub

pena de excommunhão a qualquer Clerigo, ou Notario, que sendo requeridos pelo dito Ruy Pimenta o mettam de posse Real, e actualmente, encorporando-o nella com todas as solennidades, que o Direito requer, e da tal posse Real, actual, e Corporea lhe passem seus Instrumentos em publica fórma para guarda, e Conservação de seu Direito, em testemunho do qual lhe mandamos passar a presente Carta de Confirmação por Nós assignada, e sellada de Nosso Sello nesta Cidade do Salvador aos 15 dias do Mez de Março. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1560. E eu João de Amarante que ora sirvo de Escrivão da Camara do dito Senhor Bispo, que o escrevi. E o dito Ruy Pimenta tomou posse do dito Chantrado, segundo eu Escrivão da Fazenda vi por um Instrumento de posse, que o dito Ruy Pimenta serviu este Chantrado e começou a servir aos 23 dias de Março de 1560 annos, como vi por uma Certidão do Bispo feita, e assignada pelo dito Bispo aos 14 de Maio do dito anno e por mais declaração trasladei aqui a dita Certidão, e é o seguinte.

(*p. 90*) Senhor. Certifico a Vossa Mercê, que Ruy Pimenta Começou a servir o Chantrado, que foi de João Lopes aos 23 de Março de 1560 annos, o que constou por seu juramento, e pelo Apontador da Nossa Sé, e por assim passar na Verdade passei esta Certidão por mim feita, e assignada, para Vossa Mercê lhe mandar pagar hoje 14 de Maio do dito anno. E esta Certidão parece ser do Senhor Bispo.

(*Nota á margem*): — A Carta de Ruy Pimenta Chantre vae adiante, e esta não lhe serve por não ser a apresentação do Governador a quem pertencia como El-Rei Nosso Senhor o manda e vae a folhas, e folhas, e portanto fiz esta declaração aqui e risquei esta Carta.

Outra Certidão.

(*v. XXXVI, p. 90*) Assim Certifico a Vossa Mercê, que Pedro da Fonseca começou a tanger os Orgãos da dita Sé dia de Natal 25 de Dezembro de 1560 annos, e o Mestre da Capella no mesmo dia de Natal da dita era, e os dois Moços do Côro, que Sua Alteza ora novamente accrescentou, como se verá por sua Provisão, que Vossa Mercê (*p. 91*) mandou registar começaram a servir a 15 de Dezembro de 1558 annos; e por assim passar na verdade, lhe dei esta Certidão por mim feita, e assignada hoje .... de Maio de 1560 annos. E outrosim esta Certidão parecia ser feita da Letra, e Signal do dito Bispo. E portanto fiz aqui esta declaração hoje 14 de Maio. Manoel de Oliva Escrivão da Fazenda as trasladei, e registei de 1560 annos e assignei por me mandar o Doutor Braz Fragoso Provedor-mor. Manoel de Oliva de Mendonça.

Declaro mais a Vossa Mercê, que João Barantes serviu a Meia Conezia do dito Francisco de Paiva até 14 de Fevereiro de 1560 annos. E por assim passar na verdade fiz esta declaração hoje 14 de Maio de 1560 annos.

Certifico mais a Vossa Mercê, que Domingos Martins começou a servir a Conezia, que foi de Ruy Pimenta aos 24 de Maio de 1560. E por assim passar na verdade lhe dei esta Certidão por mim feita, e assignada hoje 14 de Maio do dito anno, e declaro a Certidão ser feita, e assignada pelo dito Bispo, e registei esta com todas as mais por mandado do Doutor Braz Fragoso, Provedor-mor e portanto assignei aqui. Manoel de Oliva de Mendonça.

Nomeação de Moço do Côro da Sé a Diogo filho de Diogo Rodrigues.

(*v. XXXVI, p. 91*) O Bispo. Fazemos saber aos que este Nosso Alvará virem, que Nós nomeamos, e apresentamos a Diogo filho de Diogo Rodrigues, para que sirva de Moço de Côro de Nossa Sé, com o qual haverá seis mil reis, que Sua Alteza por sua Provisão accrescentou ora aos Moços do Côro, os quaes haverá, e lhe serão pagos conforme a dita Provisão; e por este Mando ao Prioste, que ora é, e pelo tempo for, que lhe pague os ditos 6$ reis na maneira, e fórma da dita Provisão; e o dito Diogo será obrigado a servir o dito Cargo de moço do Côro assim, e da maneira, que Nós ordenarmos por Nosso Regimento, o qual Cargo servirá emquanto o elle bem fizer, ou Nós não mandarmos o contrario; e para Certeza dello lhe mandamos passar este Nosso Alvará por Nós assignado, e sellado com o sello digo e sellado com o Nosso Sello aos 19 dias do Mez de Dezembro. Gaspar Ferraz a fez. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1559 annos. Antonio de Aguiar a fez escrever.

Carta Regia para haver um Mestre da Capella da Sé.

(*v. XXXVI, p. 92*) Reverendo Bispo Amigo. Eu Hei por bem por alguns justos respeitos, que Me a isso movem, que haja na Sé da Cidade do Salvador das Partes do Brasil um Mestre de Canto[403], que sirva de Mestre da Capella[404] da dita Sé, o qual Vós Nomeareis, e será removível para poderdes sempre ter quem sirva o dito Cargo, e não nomeareis nelle Dignidade, nem Conego da dita Sé por ser isso do Serviço della, ainda que haja algum, que tenha Provisão do Bispo D. Pedro (*p. 93*) Fernandes, se constar, que o dito Bispo lhe não podia dar o dito Cargo perpetuo, parecendo-vos, que se devem accrescentar a elle mais obrigações, e pôr-se-lhe encargo de ensinar mais Orfãos, e pobres dos que agora ensina, o fareis á Pessoa a que novamente proverdes do dito Cargo, o que assim Cumprireis, posto que elle não seja passado pela Chancellaria. Jorge da Costa o fez em Lisboa a 15 de Junho de 1559. Manoel da Costa o fiz escrever. O qual Alvará e Provisão estava assignado pela Rainha Nossa Senhora segundo parecia por seu signal.

Carta, por onde as Dignidades, Conegos, Capellães, e Moços do Côro hão de haver accrescentamento de seus Ordenados, além do que têm por outra Provisão d'El-Rei.

(*v. XXXVI, p. 13*) D. Sebastião por Graça de Deus, Rei de Portugal, e dos Algarves daquem, e dalem Mar em Africa Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação Commercio de Ethiopia, Arabia Persia, e da India etc. como Governador, e Perpetuo Administrador que sou da Ordem, e Cavallaria do Mestrado de Nosso Senhor Jesus Christo, aos que esta Carta virem Faço saber, que eu Hei por bem, e Me Praz de accrescentar ás quatro Dignidades, a saber Deão, Chantre, Mestre Escola, e Thesoureiro, e aos seis Conegos da Sé da Cidade do Salvador nas Partes do Brasil as quantias abaixo declaradas a saber; Ao Deão (*p. 14*) vinte mil reis, alem dos outros 20$ reis, que já tem; e a cada uma das outras tres Dignidades quinze mil réis mais alem dos vinte mil reis que têm de sua instituição, e a cada um dos ditos seis Conegos dezoito mil reis alem dos doze mil reis, que têm, para que daqui em diante tenham e hajam em cada um anno a saber: o dito Deão 40$ reis, e cada uma das tres Dignidades trinta, e cinco mil reis; e cada um dos ditos Conegos trinta

mil reis; e todas as ditas Dignidades, e Conegos, não haverão a parte, que lhes cabia do Dizimo das Miunças, em que podiam montar a cada um por anno dez mil reis: E assim Hei por bem de accrescentar aos seis Capellães da dita Sé quatro mil reis alem dos 8$ reis que têm, para que cada um delles tenha, e haja outrosim daqui em diante doze mil reis cada anno; e por este Hei por bem, e Me Praz, que alem das ditas Dignidades e Conegos haja na dita Sé dois meios Conegos, e que cada um delles tenham, e hajam de seu mantimento Ordenado quinze mil reis cada anno; e assim hajam mais dois moços de Côro, além dos outros dois, que tenha a dita Sé para serem por todos quatro, e que cada um dos quatro Moços do Côro hajam de mantimento ordenado em cada um anno seis mil reis, entrando nelles os dois mil reis, que já tem cada um dos dois, que atégora houve na dita Sé, os quaes accrescentamentos, e mantimentos nesta Carta declarados serão pagos ás ditas Dignidades, Conegos, Meios Conegos, e Capellães, e Moços do Côro na fórma, modo maneira conteuda, e declarada em uma Minha Carta, que mandei passar sobre os pagamentos dos mantimentos, e Ordenados, (*p. 15*) e accrescentamentos do Bispado desta Cidade do Salvador, e Ministros da dita Sé. E portanto Mando ao Provedor de Minha Fazenda nas ditas Partes do Brasil, que pela maneira declarada na dita Provisão faça pagar aos sobreditos as quantias, que por esta Carta Hei por bem, que cada um haja de seus accrescentamentos, e mantimentos, e a faça em tudo cumprir, e guardar assim, e a maneira, que se nella contém, e assim Mando ao Barão de Alvito Veador de Minha Fazenda, que faça assentar os ditos accrescentamentos, e mantimentos no Livro da Fazenda da dita Ordem no modo declarado em esta esta Carta, que para firmeza dello lhe mandei dar. Simão Borralho a fez em Lisboa aos 14 dias do Mez de Setembro. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1559. Eu Duarte Dias a fiz escrever. A qual Provisão vinha assignada pela Rainha Nossa Senhora. A qual eu Sebastião de Rabello Escrivão da Fazenda aqui trasladei fielmente, sem duvida, que elle faça, e concertei com o Escrivão abaixo assignado aos nove dias do Mez de Dezembro de 1559 annos.

Alvará de Sua Alteza para haver um tangedor, na Sé desta Cidade que tanja os Orgãos.

(*v. XXXVI, p. 27*) Eu El-Rei. Como Governador, e Perpetuo Administrador, que sou da Ordem, e Cavallaria do Mestrado de Nosso Senhor Jesus Christo. Faço saber aos que este Alvará virem, que Hei por bem, e Me praz, que na Sé da Cidade do Salvador das Partes do Brasil haja daqui em diante um tangedor dos Orgãos o qual haverá de mantimento ordenado doze mil reis em cada um anno a custa de Minha Fazenda emquanto se não acabar de fazer a dita Sé; porque tanto que for acabada haverá o dito Ordenado dos quarenta mil reis, que são ordenados para a fabrica della; e o dito Tangedor servirá o dito Cargo conforme o Regimento, que lhe para isso dará o Bispo das Partes do Brasil, e o Cabido da dita Sé; e o tempo, em que assim houver de haver o dito Ordenado a custa de Minha Fazenda lhe será pago no Official, ou Officiaes, em que por uma Minha Provisão ordenei, que fossem pagos os mantimentos, e Ordenados, e accrescentamento ao dito Bispo, e ás Dignidades, Conegos, e Ministros da dita Sé. E pelo traslado da dita Provisão, e desta com Conhecimento do dito Tangedor, e Certidão do dito Bispo ou do Deão da dita Sé, de como o dito Tangedor serve nella, e cumpre as obrigações, que tem conforme ao dito Regimento, que lhe ha de ser dado, e de como a dita Sé não é acabada, serão os ditos doze mil reis levados em Conta ao Thesoureiro Almoxarife, ou Official outro, que lhos pagar: e Mando ao Barão (*p. 28*) de Alvito Veador de Minha Fazenda, que os faça assentar no Livro da Fazenda da dita Ordem com as ditas declarações, e este Alvará quero que valha, tenha força, e vigor, como se fosse Carta Feita em Meu Nome, por Mim assignada e

passada pela Chancellaria, sem embargo da Ordenação do 2.° Livro titulo 20, que diz, que as cousas, cujo effeito houver de durar mais de um anno, passem por Cartas, e por Alvarás não valham. Simão Borralho a fez em Lisboa aos 9 dias do Mez de Setembro de 1559 annos. Eu Duarte Dias o fiz escrever. O qual Alvará vinha assignado pela Rainha Nossa Senhora, e com os mais Registos. O qual Eu Sebastião Rabello Escrivão da Fazenda aqui registei fielmente sem dúvida, que a ello faça, e concertei com o Escrivão abaixo assignado aos 9 dias do mez de Dezembro de 1559 annos.

Nomeação, e Apresentação da Conezia para Ruy Pimenta.

(*v. XXXVI, 1937, p. 46*) Conforme a Provisão, que trago de Sua Alteza, em que me dá Licença, poder nomear em todos os beneficios, que vagarem no Bispado do Brasil, e assim dá poder a V. S. em seu nome de apresentar, nomeio ora a Ruy Pimenta na Conezia, que vagou por fallecimento de Diogo Marques, e a Bartholomeu Garcia na Conezia, que em Minhas Mãos renunciou Luiz Barreiros, e a João Fernandes na Conezia de Duarte Dias, e a Francisco de Paiva numa meia Co-(*p. 47*)nezia, e a Francisco de Argolo noutra, e a Henrique Nunes em uma Capellania, e a Pedro Gonçalves noutra, e a Bartholomeu Pires por Mestre da Capella por Sua Alteza assim o haver pro seu Serviço, que nenhuma Dignidade servisse de Mestre da Capella, e a Felipe, por Moço do Côro, e a Belchior; e assim nomeio a Domingos Martins na Conezia de Affonso Pires, e assim nomeio a Domingos Martins na Conezia de Affonso Pires, (sic) e por assim me parecer serviço de Nosso Senhor, e elles serem sufficientes para os taes Officios. Peço a V. S. muito por Mercê, que conforme ao Alvará de Sua Alteza os queira apresentar, e por passar na Verdade fiz este, e assignei hoje 11 de Dezembro de 59 annos. A qual Nomeação estava assignada pelo Bispo D. Pedro Leitão. Bispo de Salvador. E eu Manoel de Oliva aqui trasladei na verdade.

Carta da Chantria de Ruy Pimenta Chantre da Sé desta Cidade.

(*v. XXXVI, p. 148*) D. Pedro Leitão por Mercê de Deus, e da Santa Sé Apostolica de Roma Bispo da Cidade do Salvador da Bahia de todolos Santos, terras do Brasil, Commissario Geral por autoridade Apostolica em todas as Capitanias, e Lugares da dita Costa do Conselho d'El-Rei Nosso Senhor. A todos os que esta Minha Carta de Confirmação, e posse virem saude em Jesus Christo Nosso Senhor, que de todos é verdadeira Salvação. Fazemos saber, que perante Nós appareceu Ruy Pimenta, Clerigo de Ordens Sacras, e nos apresentou uma Carta de Apresentação do Senhor Mem de Sá do Conselho d'El-Rei Nosso Senhor, Capitão da dita Cidade, e Governador Geral nas ditas Capitanias, e terras desta Costa, pela qual Carta em Nome do dito Senhor, como Governador e perpetuo Administrador, que é do Mestrado, e Ordem da Cavallaria de Nosso Senhor Jesus Christo Nos apresentou o dito Ruy Pimenta ao Chantrado da Sé da dita Cidade, que vagou por renunciação, que delle fez em Nossas Mãos João Lopes ultimo possuidor do dito Chantrado, e tambem pelo eu achar intruso nelle por fallecimento de Francisco de Vacas Chantre finalmente, que pela renunciação do dito João Lopes, que em Nossas Mãos tem feito, ou por estar vago por fallecimento do dito Francisco de Vacas o apresento ao dito Ruy Pimenta ao dito Chantrado pelo melhor modo, e maneira, que com direito o posso, e devo fazer. E vista por Nós a dita Carta de Apresentação, confiando na bondade, e bom saber do (*p. 149*) dito Ruy Pimenta; e sendo por Nós examinado o achamos apto, e sufficiente para servir a dita Chantria, como cumpre a serviço de Deus, e descargo de Nossa

Consciencia pelo qual por imposição de barrete, que em sua cabeça puzemos o confirmamos, e com effeito o havemos por confirmado na dita Chantria a apresentação do dito Senhor a quem de Direito pertence, como Mestre, e Governador, que é da dita Ordem, e Cavallaria, com a qual Chantria o dito Ruy Pimenta haverá o ordenado Limitado na Provisão geral do dito Senhor e os mais reditos, e proveitos, que direita, e canonicamente deve haver, outrosim será obrigado a residir, e servir pessoalmente na dita Chantria, como o Direito manda, e Nós Ordenamos. E logo jurou em Nossas Mãos aos Santos Evangelhos de ser sempre obediente a Nós, e a Nossos Successores canonicamente entrates, e de cumprir, e guardar todos Nossos Mandados, e de Nossos Vigarios Geraes, Ouvidores, e Loco Tenentes, e de nunca directe nec indirecte ser contra Nós, nem contra Nossos Mandados, e de guardar o Regimento, e Instrucção, que para bom governo, e Regimento do dito Bispado fizermos, e Ordenarmos e mentes não houver Constituições, e de cumprir, e guardar as Constituições do Arcebispado de Lisboa Metropolitano assim, e da maneira, que se nellas contém; e assim jurou guardar tudo aquillo que se contém no Capitulo ego enim de jure jurando. E por esta presente Carta Mandamos em virtude de Santa obediencia, e sub pena de excommunhão a qualquer Clerigo, ou Notario, que sendo (*p. 150*) requeridos pelo dito Ruy Pimenta, o mettam de posse real, e actualmente incorporando-o nella com todas as solemnidades que o direito requer, e da tal posse real, actual, e corporal, lhe passem seus Instrumentos em publica fórma para guarda, e conservação de seu Direito, em testemunho do qual lhe mandamos passar a presente Carta de Confirmação por Nós assignada, e sellada de Nosso Sello nesta Cidade do Salvador em os 3 dias do Mez de Setembro. João Marante Nosso Escrivão da Camara a fez Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1560 annos.

O qual Ruy Pimenta tomou posse do dito Chantrado aos 6 de Setembro de 1560 annos, segundo eu vi por um instrumento de posse feito por João Marante, e assignado pelo Deão, e Mestre Escola, e Antonio Gonçalves Conego.

Alvará, por quem Sua Alteza manda accrescentar 10$ reis ao Ordenado do Mestre da Capella.

(*v. XXXVI, p. 170*) Eu El-Rei. Como Governador, e Perpetuo Administrador, que sou da Ordem, e Cavallaria do Mestrado de Nosso Senhor Jesus Christo etc. Faço saber aos que este Alvará virem, que havendo eu respeito ao concerto, que o Bispo da Cidade do Salvador das Partes do Brasil fez com Bartholomeu Pires Mestre da Capella da Sé da (*p. 171*) dita Cidade, e a informação, que delles escreveu, e ao trabalho, que lhe accresceu de ensinar de graça os Orfãos, e pobres, que ao Bispo parecer; e havendo tambem respeito ao dito Bartholomeu Pires casar com uma filha de Paula Serrão Hei por bem, e Me Praz de lhe accrescentar dez mil reis em cada um anno por tempo de tres annos somente, alem dos 20$ reis, que ao dito Cargo são ordenados, para que do primeiro dia do mez de Janeiro do anno que vem de 1562 em diante, tenha, e haja 30$ reis cada um dos ditos tres annos, os quaes 10$ reis, que lhe assim accrescento, lhe serão pagos a custa de Minha Fazenda pelo rendimento de Minhas Rendas na Capitania da Bahia de todolos Santos, na fórma, modo, e maneira declarada em uma Carta, que passei sobre o pagamento dos Ordenados, accrescentamentos, e mantimentos do dito Bispo, Dignidades, Conegos, e Ministros da dita Sé, e conforme a ella, e isto com Certidão do dito Bispo de como o o dito Bartholomeu Pires serve o dito Cargo, e cumpre as obrigações, que tem; e portanto Mando ao Provedor-mor de Minha Fazenda nas ditas Partes, e a quaesquer outros Officiaes della a que o direito pertencer, que pelo rendimento de Minhas Rendas na dita Capitania, façam pagar ao dito Bartholomeu Pires os ditos 10$

reis cada um dos ditos tres annos na maneira declarada na dita Carta; e pelo traslado della, e desde Alvará, que será assignado pelo dito Provedor-mor, e a dita Certidão do Bispo acima conteudo, e conhecimento do dito Bartholomeu Pires Mando que sejam levados digo sejam os ditos 10$ reis levados em conta ao (p. 172) Thesoureiro, e Almoxarife, ou Official, que lhos assim pagar cada um dos ditos tres annos, como dito é, e aos Veadores de Minha Fazenda, que lhos façam assentar no Livro della da dita Ordem; e este Alvará quero, que valha, tenha força, e Vigor, como se fosse Carta feita em Meu Nome por mim assignada, e passada pela Chancellaria da dita Ordem, sem embargo de qualquer Regimento, ou Provisão em Contrario Simão Borralho o fez em Lisboa a 2 de Setembro de 1561. E eu Duarte Dias o fiz escrever. O qual Alvará estava assignado pela Rainha Nossa Senhora.

(*Nota á margem*): — Por esta Provisão se não ha de fazer já obra alguma, e as verbas do pagamento que se fizerem ao diante se hão de pôr no Livro da Sé folhas 18 no titulo do Mestre da Capella em uma Carta, que lá tem registada de accrescentamento de 10$ reis mais além dos 20$ pelo tempo de 3 annos.

Oliva.

Assentamentos das Dignidades, Conegos, Meios Conegos, Capellães, e Moços do Côro.

(*v. XXXVI, p. 93*) Dom Sebastião por Graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves daquem, e dalem-Mar em Africa Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, Commercio da Ethiopia Arabia, Persia, e da India etc. Como Governador, e Perpetuo Administrador, que sou da Ordem e Cavallaria do Mestrado de Nosso Senhor Jesus Christo aos que esta Carta virem. Faço saber que eu Hei por bem, e Me Praz de accrescentar as quatro Dignidades a saber Deão, Chantre, Mestre Escola Thesoureiro, e aos seis Conegos da Sé da Cidade do Salvador nas Partes do Brasil as quantias abaixo declaradas, a saber ao Deão vinte mil reis alem dos outros vinte, que já tem; e a cada uma das outras tres Dignidades quinze mil reis mais alem dos 20$ reis, (*p. 94*) que tem de sua Instituição, e a cada um dos ditos seis Conegos dezoito mil reis alem dos dez mil, que tem para que daqui em diante tenham, e hajam em cada um anno a saber o dito Deão 40$ reis, e cada uma das ditas tres Dignidades 35$ reis, e cada um dos ditos Conegos trinta mil reis; e todas as ditas Dignidades, e Conegos não haverão a parte, que lhes cabia dos Dizimos das Miunças em que podiam montar a cada um por anno dez mil reis, e assim Hei por bem de accrescentar aos seis Capellães da dita Sé quatro mil reis alem dos oito mil, que têm, para que cada um delles tenha e haja outrosim daqui em diante doze mil reis cada anno e por esta Hei por bem, que alem das ditas Dignidades, e Conegos haja na dita Sé dois Meios Conegos, e que cada um delles tenham e hajam se seu mantimento ordenado quinze mil reis cada anno; e assim hajam mais dois Moços do Côro, alem dos outros dois, que na dita Sé ha para serem por todos quatro, e que cada um dos ditos quatro Moços do Côro hajam de mantimento ordenado em cada um anno seis mil reis entrando nelles os dois mil reis, que já tem cada um dos dois, que tégora houve na dita Sé os quaes accrescentamentos, e mantimentos nesta Carta declarados, serão pagos ás ditas Dignidades, Conegos, Meios Conegos, e Capellães, e Moços do Côro na fórma modo, e maneira conteuda, e declarada em uma Minha Carta, que mandei passar sobre os pagamentos dos mantimentos, Ordenados, e accrescentamento do Bispo da dita Cidade do Salvador, e Ministros da dita Sé. E portanto Mando ao Provedor de Minha Fazenda nas ditas Partes do Brasil, que pela maneira declarada na dita Provisão faça pagar aos

sobreditos as quantias, que por esta Carta Hei por bem que cada um haja de seus accrescentamentos e mantimentos, e faça em todo cumprir, e guardar assim, e da maneira, que se nella contém; e assim Mando ao Barão de Alvito Veador de Minha Fazenda faça assentar os ditos accrescentamentos, e mantimentoos no Livro da Fazenda da dita Ordem no modo declarado em esta Carta, que para firmeza dello lhe mandei dar. Simão Borralho a fez em Lisboa aos 14 dias do Mez de Setembro anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1559. Eu Duarte Dias a fiz escrever.

(*A' margem*): — Ao 1.º de Junho houveram pagamento em Heitor Antunes, e Francisco de Aguilar rendeiros dos assucares; a saber o Deão 15$221, o Thesoureiro 1$360, o Mestre Escola 13$026, Pedro da Fonseca 6$033, Antonio Gonçalves 1$366, Ruy Pimenta 563. Domingos Martins 666, João Fernandes 1$166. Francisco de Argolo 291, os quaes pagamentos venceram até o derradeiro de Abril do Anno de 1560 do 1.º Terço com o mais que lhes era devido do anno passado, que portanto puz aqui esta Verba hoje 5 de Junho de 1560 — 3$380 reis desta verba pagou Heitor Antunes somente, e a mais quantia pagou Manoel da Costa rendeiro das miunças, e assucares.

Outrosim houveram pagamento em Jorge Martins Almoxarife dos Ilhéus os Padres seguintes Domingos Pedro que lhes era devido de seus ordenados até o derradeiro de Abril deste presente anno de 1560 do 1.º a saber o (*p. 96*) Thesoureiro 11$666 2/3 Chantre 3682, e ao dito Chantre do tempo que serviu de Conego 6833 2/3 Bartholomeu Garcia Conego 10$000, Pero da Fonseca 10$ reis, Antonio Gonçalves 10$ reis Affonso Pires 10$ reis, Domingos Martins 383 2/3 João Fernandes, João Barantes ambos 10$ reis Francisco de Argolo e Meio Conego 5$ reis, e a João Barantes, e a Francisco de Paiva do tempo, que lhe o dito João Barantes serviu a Meia Conezia a ambos 4$250, e sem embargo de ter postas verbas nas suas Cartas, lhe fiz aqui esta declaração de como houveram o dito pagamento.

Houve pagamento o Senhor Bispo D. Pedro Leitão, e o Cabido em Pedro Rodrigues Amzulho Almoxarife de Pernambuco, ou em quem o Cargo servir da quantia de 312$773 reis que venceram de seus Ordenados té o derradeiro de Agosto do anno de 1560 a saber o Bispo 157$777 reis 2/3 e o Deão Marcos Pires 13$440 reis, e a Ruy Pimenta Chantre 11$667 reis 2/3, e a Felipe Estacio Thesoureiro 12$445 2/3, e ao Mestre Escola Silvestre Lourenço 12$446 reis 2/3 e Henrique Nunes Capellão do tempo que serviu a Conezia de .... 5$300 Antonio Gonçalves Conego 12$466 reis 1/3. Pedro da Fonseca Conego 10$800 reis Bartholomeu Garcia Conego 11$416, e a João Baranches, que serviu a Conezia de Duarte Dias 10$ reis, e a Francisco de Paiva Conego pelo Padre, que serviu a Conezia de Antonio Pinto, que ora é sua 8$456 reis Francisco de Argolo Meio Conego 3$891 reis 2/3. Miguel Martins do tempo que serviu a Capellania do dito Marçal Rodrigues 2333 reis, Diogo Rodrigues do tempo que serviu a Capellania de Henrique Nunes 933 reis 2/3 e ao dito Henrique Nunes Capellão 3$066 reis 2/3; a Pedro Barbosa Capellão 4$312 reis, Jacobus Rodrigues Capelão 4$312 reis, Diogo de Almeida 4$312 reis 1/3. Pedro Gonçalves Capellão 4$ reis, quatro Moços do Côro 8$460 reis. E portanto puz aqui esta Verba hoje 19 de Dezembro de 1561, que foi o dia, em que se lhe passou o mandado e assignou.

Oliva.

Ao 1.º de Junho houveram pagamento a saber Jacobus Rodrigues de 4421, Diogo de Almeida 4421, Henrique Nunes 4421, Pedro Gonçalves Nunes 3$ reis João Gonçalves 2566, dois Moços do Côro novos cada um 2216, outros 2 velhos cada um 2287, o Mestre da Capella 998 todos em Manoel das Costa, e Antonio de Souza do Rendimento das miunças, e portanto puz aqui esta verba,

e o dito pagamento foi do que lhe era devido até o derradeiro de Abril deste anno de 1560 annos.

(*p. 98*) Houve pagamento Pedro da Fonseca Conego do 1.º de Maio até 6 de Agosto do anno de 1560 do Officio de Tangedor dos Orgãos em Heitor Antunes Rendeiro dos assucares de 3$200 reis, que se lhe montavam no dito tempo de Tangedor. E portanto puz aqui esta Verba hoje 8 de Agosto do dito anno de 1560.

Aos quatro de Janeiro de 1561 houveram pagamento o Senhor Bispo, e Cabido da terça derradeira do anno passado de 1560, que se começou o 1.º de Setembro, e se acabou o derradeiro de Dezembro do dito anno de 1560 a saber; 181$ reis em Manoel da Costa Rendeiro das Miunças, e 109$333 e 1/3 em Fernão Vaz da Costa Thesoureiro para os pagar do Rendimento do Engenho de Pirajá, que o Rendeiro havia de dar do anno passado, e se montou na dita quantia de 250$333 reis e 2/6 ao dito Senhor Bispo, e todo o Cabido a saber as 4 Dignidades e 6 Conegos, e 2 Meios Conegos, e 6 Capellães, e 4 Moços do Côro; e portanto puz aqui esta Verba hoje 7 do dito Mez de Janeiro do dito anno de 1561 anno e assignei.

Oliva.

Houve pagamento Bartholomeu Pires Mestre da Capella de 13$335 reis em Heitor Antunes Rendeiro dos assucares, que venceu até o derradeiro dos assucares, que venceu até o derradeiro de Dezembro de 1560, e portanto puz esta Verba hoje 8 de Janeiro de 1561 annos.

Houve mais pagamento Pedro da Fonseca Conego de 4$ reis de Tangedor dos Orgãos do 1.º de Setembro de 1560 até o derradeiro de (*p. 99*) Dezembro delle a razão de 200$ reis por anno, e por que os recebeu no Thesoureiro Fernão Vaz da Costa puz aqui esta Verba hoje 8 de Janeiro de 1561 annos, digo que os recebeu em Gaspar de Barros Thesoureiro.

Oliva.

Houve pagamento o Padre Pedro da Fonseca de 4$ reis em Gaspar de Barros Thesoureiro, que venceu de tanger os Orgãos da Sé do 1.º de Janeiro do anno presente de 1561 até o derradeiro de Abril delle a razão de 200$ reis por anno, e portanto puz aqui esta Verba hoje 4 de Julho de 1561, digo que houve o dito pagamento em Pedro Rodrigues Amrulho (sic) Almoxarife de Pernambuco, e portanto fiz esta declaração, e assignei no dito dia mez e anno acima.

Oliva.

Houveram pagamento o Senhor Bispo, e Cabido da Sé em Manoel da Costa da quantia de 283$888 reis; que lhe montavam haver em a terça deste anno de 1561, que se começou o 1.º de Maio de 1561 digo de Maio e acabou o derradeiro de Agosto; a saber ao Senhor Bispo 133$333 reis 1/3 e ao Deão 13$333 reis 1/3, e as tres Dignidades a cada um 11$666 reis 2/3 e aos seis Conegos a cada um 10$ reis, e aos 2 Meios Conegos a cada um 5$ reis, e aos 6 Capellães a cada um 4$ reis, e aos quatro Moços do Côro a cada um 2$ reis por mandado feito a 14 de Outubro de 1561 e portanto puz esta Verba em os 13 do dito mez e anno.

Oliva.

(*p. 100*) Houveram pagamento o Bispo D. Pedro Leitão e o Cabido, a saber Dignidades, Conegos, Ministros da Sé da quantia de 283$688 reis, que lhes eram devidos do 1.° de Janeiro deste anno de 1562 até o derradeiro de Abril delle em Jorge Martins Almoxarife dos Ilhéus por mandado do Provedor-mor feito a 25 de Maio do dito anno; pelo que puz esta Verba no dito dia.

Oliva.

Houveram pagamento o Senhor Bispo e Cabido em Pedro Rodrigues Anrulho Almoxarife de Pernambuco da quantia de 283$688 reis e 2/3 de real; que venceram do 1.° de Janeiro deste anno de 1561 até o derradeiro de Abril delle a saber o dito Senhor Bispo 133$333 1/3, e o Deão 13$383 reis 1/3 e as 3 Dignidades a cada um 11$688 reis 1/3; e aos seis Conegos a cada um 10$ reis e aos dois Meios Conegos cada um 5$ reis, e a 6 Capellães cada um 4$ reis e a 4 moços do Côro cada um 2$ reis, e portanto puz esta Verba hoje 17 de Julho de 1561 annos.

Oliva.

Houve pagamento o Padre Pedro da Fonseca de 4$ reis em Gaspar de Barros Thesoureiro, que venceu em tanger os Orgãos desde o 1.° de Maio de 1561 até o derradeiro de Agosto delle por mandado do Provedor-mor feito a 13 de Novembro de 1561. Pelo que puz aqui esta Verba no dito dia.

Oliva.

(*p. 101*) Houveram pagamento o Senhor Bispo, e Cabido da terça derradeira, que se começou o 1.° de Setembro de 1561 e se acabou o derradeiro delle, a saber o dito Senhor da quantia de 133$333 reis 1/3 100$ reis em Pedro Rodrigo Almoxarife de Pernambuco e os 33$333 1/3, e as 3 Dignidades cada uma 11$688 2/3 e aos seis Conegos a cada um 10$ reis, e os dois Meios Conegos a cada um 5$ reis, e aos seis Capellães a cada um 4$ reis e aos 4 Moços do Côro a cada um 2$ reis tudo em Pedro Rodrigues por mandado de Provedor-Mor feito a 2 de Janeiro de 1562 pelo que puz esta Verba.

Oliva.

Houve pagamento o Padre Francisco da Luz da quantia de 4$ reis em Gaspar de Barros Thesoureiro de tanger os Orgãos de Sé, que venceu do 1.° de Setembro de 1561 até o derradeiro de Dezembro delle a razão de 200$ reis que tem, e portanto fiz esta Verba hoje 18 de Fevereiro de 1562.

Oliva.

Houveram pagamento o Bispo D. Pedro Leitão, e Cabido a saber; Dignidades Conegos, e Meios Conegos, Capellães, Moços do Côro em Pedro Rodrigues Anzulho Feitor e Almoxarife de Pernambuco da quantia de 283$686 reis 1/3, que todos venceram de uma Terça, que se começou o 1.° dia do Mez de Março do presente anno de 1562, e se acabou o derradeiro de Agosto do

dito anno por mandado do Provedor-(*p. 102*)mor feito a 2 de Setembro deste anno de 1562, pelo que puz esta Verba no dito dia, mez, e anno de 1562.

Oliva.

Houveram pagamento o Deão, Mestre Escola, Chantre, Thesoureiro, e seis Conegos, dois Meios Conegos, e seis Capellães, 4 Moços do Côro de 150$718 reis, que a todos era devido de seu Ordenado até o derradeiro de Dezembro de 1560 em Manoel Affonso Rendeiro das Miunças, por mandado do Provedor-mor feito a 12 (*p. 103*) de Fevereiro de 1563, pelo que puz esta Verba com a de cima a 17 de Fevereiro do dito anno de 1563.

Oliva.

Carta de Sua Majestade acêrca do Chantre Domingos Vieira de Lima e Manuel Antunes, Cura da Sé.

(*v. LXVI, p. 327*) Conde sobrinho, Vice-Rei do Brasil amigo. Eu El-Rei vos envio muito saudar, como àquele que muito amo. Recebi a vossa Carta de quinze de Abril do presente ano por que me destes conta da queixa que o cabido da Sé dessa cidade fizera das inquietações e perturbações que nele causava o Chantre Domingos Vieira de Lima, por ser homem naturalmente revoltoso e pouco timorato e porque contra ele nem contra Manuel Antunes, Cura da mesma Sé, que também me significastes, era pessoa de mau exemplo e vivia com grande escandalo à Mesa da Conciência e ordens não tem .... - mandei por outra carta da data desta avisar ao cabido que como Juiz que era de ambos esses clérigos lhes mandasse notificar se emendassem de seus procedimentos e não o fazendo os castigasse como suas culpas merecessem dando apelação e agravo para o metropolitano me pareceu dizervô-lo para o terdes entendido. Escrita em Lisboa a 24 de Julho de 685. Rei. Conde de Castel Me-(*p. 328*)lhor. Para o Vice-Rei do Brasil. Bernardo Vieira Ravasco.

Portaria que se passou para se darem quarenta mil reis ao Padre Prior do Convento dos Carmelitas; vinte, e ao Mestre da Capella, outro tanto.

(*v. VII, p. 252*) O Provedor-mor da Fazenda Real deste Estado, mande dar ao Reverendo Padre Frei Joseph do Espirito Santo Prior do Convento dos Carmellitas, vinte mil reis pelo sermão que fez nas exequias da Serenissima Rainha de Portugal (que está no Céu). E outros tantos ao Licenciado o Padre Francisco Luis Mestre da Capella pelo trabalho da Musica, que nella houve. Bahia e Junho 18 de 1668.

O Conde de Obidos.

Registo da Provisão por que Sua Magestade fez mercê a Antonio de Lima Casares do officio de mestre da Capella da Sé desta Bahia.

(*v. XXII, p. 389*) Dom Affonso por graça de Deus Rei de Portugal etc. Como governador e perpetuo administrador que sou do mestrado Cavallaria

e ordem de Nosso Senhor Jesus Christo faço saber a V. S. se (sic) a vacante da Sé da Cidade do Salvador Bahia de Todos os Santos do Estado do Brasil que por ora estar vago o officio de mestre da Capella dessa dita Sé por fallecimento do Padre Joaquim Corrêa ultimo e immediato possuidor que delle foi. E respeito a sufficiencia e mais partes que concorrem na pessoa de Antonio de Lima Casares. Hei por bem e me praz de lhe fazer mercê do dito officio de mestre da Capella dessa dita Sé que servirá assim e da maneira que até agora serviram seus antecessores e o ultimo por quem vagou, e vos encommendo e mando lhe deis a posse do dito officio, e mantimento nelle ordenado salario proes e precalços qeu direitamente lhe pertencerem assim como tudo tinham havian arrecadavan e possuiam os di-(*p. 400*)tos seus antecessores, e mando ao Provedor de minha fazenda do Estado do Brasil faça registar nos Livros della esta minha carta para em virtude della se lhe fazer seu pagamento como dito é, e esta se cumpra e guarde como nella se contém sendo passada pela Chancellaria da Ordem. Nicolau de Carvalho a fez em Lisboa aos 22 de Setembro de 1686. João de Carvalho de Miranda a fiz escrever. El-Rei. Por despacho da mesa da consciencia e ordens de 20 de Setembro de 1686. Luiz Delgado de Abreu. Registada a fls. 140. Martinho Affonso de Mello. Luiz Delgado de Abreu. Registado no Livro da Chancellaria da Ordem de Christo a folhas 337. Canto. Pagou nada por ter pago na primeira via os officiaes Rs. 90 em 9 de Outubro de 1686. Belchior do Canto Velho. Despacho do Provedor-Mor da Fazenda. Registe-se para se lhe fazer seu assento nas folhas na forma costumada. Bahia 22 de Fevereiro de 1687. Ulhôa. No mesmo dia se registou.

Gonçalo Pinto de Freitas

Carta de Sua Majestade para se meter de posse de Mestre de Capela a Antônio de Lima Caceres.

(*v. LXVII, p. 16*) Alexandre de Souza Freire, Governador amigo. Eu El-Rei vos enviu muito saudar. A Antônio de Lima Caceres fui servido fazer mercê do ofício de Mestre da Capela da cidade do Salvador por falecimento do Padre Joaquim Correia, último e imediato possuidor que dela foi, e porque me representou que indo tomar a posse do dito ofício lhe viera com embargos o Padre Francisco Luiz, contra quem alcançara sentença na Mesa da Conciência e Ordens, me pareceu encomendar-vos que em virtude da Provisão de Antônio de Lima e sentença referida ordeneis que seja remetido de posse do dito ofício sem contradição alguma, guardando-se uma e outra coisa muito pontualmente. Escrita em Lisboa a 16 de Dezembro de 1667. Infante. O Conde de Arcos. Para o Governador e Capitão Geral do Brasil. Bernardo Vieira Ravasco.

Registo da patente do Capitão Antonio de Lima Casares.

(*v. XXIII, p. 101*) Alexandre de Souza Freire etc. Porquanto pela ausencia do Capitão Paulo de Azevedo está vaga a companhia de Infantaria com que servia no Terço do Mestre de campo Alvaro de Azevedo, e convem provel-a em pessoa de valor, pratica da disciplina militar, e experiencia da guer-(*p. 102*)ra: tendo eu consideração ao bem que todas estas qualidades concorrem na de Antonio de Lima Casares Cavalleiro Professo da Ordem de São Bento d'Avis, e a satisfação com que tem servido a Sua Magestade de 16 annos a esta parte em praça de soldado, e Alferes vivo, e reformado passando a esta praça de soldado na companhia do Capitão Diogo de Oliveira de Carvalho havendo-se honradamente em todo o decurso da viagem, e ficando nesta praça, assentou na

companhia do Capitão Bernardo Vieira Ravasco no Terço do Mestre de Campo Nicolau Aranha Pacheco com o qual passou ao Districto de Paraguassu em occasião que se temia ser invadido das armadas inimigas que costumavam vir queimar os engenhos, e continuando depois de Alferes do Capitão Luiz de Mello Pinto o acompanhou assim na esquadra de navios armados com que o Governador e Capitão e Capitão (sic) geral que foi deste Estado Francisco Barreto mandou correr a costa para desimpedir a barra dos inimigos que a infestavam como a todas as mais partes a que mandou com a sua companhia procedendo em todas estas occasiões com boa opinião de seus officiaes maiores, e tendo sobretudo respeito a uma carta escripta em 8 de Janeiro de 1664. Pela qual se serviu Sua Magestade mandar a este governo que em uma das companhias que houvesse vagas nomeasse ao dito Antonio de Lima Casares e satisfação de seu merecimento esperando delle que em tudo o de que o encarregar do serviço do dito Senhor se haverá muito conforme as obrigações que lhe tocarem e a confiança que faço de seu procedimento. Hei por bem de o eleger e nomear (como em virtude da presente elejo, e (*p. 103*) nomeio) Capitão da referida companhia para que como tal o seja, use, e exerça com todas as honras, graças, franquezas, preeminencias, privilegios, isenções, e liberdade que lhe tocam podem e devem tocar a todos os Capitães de Infantaria dos Exercitos de Sua Magestade assim de Portugal como dos presidios das praças deste Estado, e com elle haverá os quarenta cruzados de soldo que ha de vencer por mez emquanto servir com aquelle posto. Pelo que ordeno ao Mestre de Campo do dito Terço dê a posse e juramento na forma costumada de que se fará assento nas costas desta. E aos officiaes maiores e menores deste Exercito o hajam, honrem, estimem, e reputem por tal Capitão da dita Companhia, e aos officiaes e soldados mando façam o mesmo cumpram e guardem todas suas ordens de palavra, ou por escripto tão pontual, e inteiramente como devem e são obrigados. E ao Provedor-Mor da Fazenda Real deste Estado ordeno outrosim lhe faça assentar, livrar, e pagar della o referido soldo na forma que se pratica com os mais Capitães desta praça. Para firmeza do que lhe mandei passar a presente sob meu signal e sello de minhas armas a qual se registará nos Livros a que tocar. Joseph Cardoso Pereira a fez nesta Cidade do Salvador Bahia de Todos os Santos em os 17 dias do mez de Dezembro Anno de 1667. Bernardo Vieira Ravasco a fiz escrever. Alexandre de Souza Freire. Registada na Secretaria a fls. 123. Despacho do Provedor-Mor da Fazenda. Assente-se-lhe a praça e registe-se. Bahia 19 de Dezembro de 1667. Ulhôa. No mesmo dia se registou e assentou a praça nos Livros da Matricula, e a entreguei ao mesmo Capitão. E em (*p. 104*) 30 do dito mez veio a registar o Termo da posse que lhe deu o Mestre de Campo Alvaro de Azevedo que diz o seguinte. Fica dada a posse na conformidade que ordena o Senhor Governador. Bahia 23 de Dezembro de 1667. Alvaro de Azevedo. E depois de registada lha tornei.

Gonçalo Pinto de Freitas

Registo da Provisão por que serve Balthazar Fernandes Gago o officio de Escrivão dos contos de que é proprietario Antonio de Lima Casares.

(*v. XXIV, p. 58*) Alexandre de Souza Freire, etc. Faço saber aos que esta Provisão virem que havendo respeito ao que por parte do Capitão Antonio de Lima Casares proprietario do officio de Escrivão dos contos desta Cidade se me enviou a representar em sua petição acerca de ter a seu (*p. 59*) cargo a Capella da Sé Cathedral deste Estado de que (houve) mercê por provisão de Sua Alteza e ser incompativel, acudir ao mesmo tempo a ambas as occupações: pedindo-me provesse a do dito officio de Escrivão dos contos em

pessoa que o exercesse. E visto concorrerem na de Balthazar Fernandes Gago todas as partes e sufficiencia necessaria, e a satisfação com que se consta haver servido muitos annos o officio de Escrivão do Thesoureiro, e este dos contos esperando delle que em tudo o que tocar as obrigações de seu regimento, e direito das partes se haverá muito conforme a confiança que faço de seu procedimento. Hei por bem de o prover como pela presente faço da serventia do dito officio por tempo de um anno, emquanto Sua Alteza o houver assim por bem, ou eu não ordenar outra cousa, e com elle haverá o ordenado, e todos os mais proes, e precalços que direitamente lhe pertencerem, e costumavam gosar seus antecessores. Pelo que ordeno ao Provedor-mor da Fazenda Real deste Estado lhe dê a posse, e juramento na forma costumada de que se fará assento nas costas desta que para firmeza de tudo lhe mandei passar sub meu signal e sello de minhas armas a qual se registará nos livros da Secretaria deste Estado e nos mais a que tocar, e se guardará e cumprirá tão pontual e inteiramente como nella se contém sem duvida, embargo nem contradição alguma constando haver primeiro pago o que della tocar á meia annata. Antonio Garcia a fez nesta Cidade do Salvador Bahia de Todos os Santos em os 9 dias do mez de Outubro de 1670. Bernardo Vieira Ravasco o fiz escrever. Alexandre de Souza Freire. Registada *(p. 60)* no 3º livro dos registos da Secretaria do Estado do Brasil a que toca a fls. 228. Bahia 9 de Outubro de 1670. Ravasco. Cumpra-se, e registe-se e sirva o dito officio debaixo do juramento que tem recebido. Bahia 9 de Outubro de 1670. Brito.

Registo da Carta de Sua Majestade, escrita ao Provedor-mor em que dá os agradecimentos ao chantre pela obra do fôrro da Sé e que acabando a obra na forma que intenta ainda que falte lhe farei mercê do hábito de Cristo, com 50$000 de tença para seu sobrinho.

(v. LXXXIII, p. 95) Francisco Lamberto, Eu El-Rei vos envio muito saudar. Ordenando-vos por carta de 17 de janeiro do ano passado que o fôrro da capela-mor da Sé que se tinha dado principio se pudesse avaliar de novo e que a obra do cruzeiro e corpo da igreja se continuasse de prêto na forma do contrato e obrigação que fizera o Chantre Francisco Pereira visto o estado em que se achava a Fazenda *(p. 96)* Real, para se acudir a tão grande despesa e mandando ver o que me escrevestes em carta de 6 de julho do dito ano, acêrca de se empregar o dito chantre com tanto cuidado e dispêndio de sua fazenda em dar cumprimento a sua obrigação que em menos de dois anos cobrira a igreja e acabara o fôrro da capela-mor com muita perfeição e que tendo notícia da ordem referida para se continuar em prêto o cruzeiro e corpo da igreja e os requerera que tinha dado princípio ao do cruzeiro semelhante à obra do fôrro da capela-mor por estar o madeiramento feito na mesma forma, e queria tomar em sua conta a despesa e maioria que havia do custo de seu o fôrro de talha e se lhe avaliaria como liso e no que toca no corpo da igreja seria liso porque determinara fazer pintado e dourado também a sua custa e que além do referido tinha feito por sua conta, com grande despesa, as cadeiras do côro e o presbitério da capela-mor correspondente a obra do fôrro. Me pareceu dizer-vos que ao Chantre Francisco Pereira mando agradecer êsse seu zêlo e que obrigando-se êle a forma que intenta fazê-la ainda que êle falte lhe farei mercê do hábito de Cristo vom 50$000 de tença para seu sobrinho de que vos aviso para que tenhais entendido. Escrita em Lisboa a 14 de janeiro de 1690. Rei. Conde de Val de Reis. Presidente. Para o Provedor-mor da Fazenda do Estado do Brasil. 2.ª via. Cumpra-se e registe-se como Sua Majestade manda. Bahia. 4 de abril de 1690. Francisco Lamberto. Matias de Miranda Oliveira a registou em 17 de junho do dito ano e se tornou a própria ao dito Provedor-mor. Francisco Dias do Amaral.

Carta para Sua Magestade sobre a informação do Padre Frei Agostinho de Santa Monica Mestre de Capella da Sé desta Cidade ter o Cargo de Capellão-mor do Terço.

Ultramarino

(*v. XXXIV, p. 14*) Senhor. Por carta de 27 de Janeiro deste anno, foi Vossa Magestade servido remetter-me a copia da petição que fez a Vossa Magestade o Padre José Pereira de Castro, acerca de ser restituido ao cargo de Capellão-mor do Terço desta praça de que é Mestre de Campo Pedro Gomes, em que estava apresentado, e hoje se achava provido nelle o Padre Frei Agostinho de Santa Monica, Religioso de São Paulo, e que por ser juntamente Mestre da Capella da Sé, faltava ás obrigações do dito cargo; mandando-me Vossa Magestade que ouvindo ao Mestre de Campo neste particular, e ao Padre Frei Agostinho de Santa Monica, provido nesta Capellania sobre a incompatibilidade das duas occupações informasse a Vossa Magestade se este Religioso acudia a sua obrigação como convinha.

Obedecendo ao que Vossa Magestade me manda, me informei assim do Mestre de Campo Pedro Gomes, como do Padre Frei Agostinho de Santa Monica, e o Padre Joseph Pereira de Castro, oppositor ao cargo, e achei, que o Padre Joseph Pereira de Castro foi provido no lugar de Capellão-mor deste Terço, pelo Governador do Estado que então era o Marquez das Minas, e que Vossa Magestade foi servido provel-o no Padre Frei Agostinho de Santa Monica.

O que me parece neste particular é, que o Padre Joseph Pereira de Castro não é capaz para (*p. 15*) este cargo: porque tem algumas circumstancias que não são para aquelle lugar que pede. O Padre Frei Agostinho de Santa Monica que está provido nelle, não é possivel acudir á obrigação que é possivel digo precisa, assim de confessar os soldados, e acompanhal-os quando morrem, como de ir fora com o Terço, quando se embarca, porque actualmente está sendo Mestre da Capella da Sé desta Cidade, donde não pode deixar uma cousa para acudir a outra. Isto é o que me parece. Vossa Magestade mandará o que for possivel. A Real Pessoa de Vossa Magestade guarde Nosso Senhor como seus vassallos havemos mister. Bahia 3 de Julho de 1682.

Antonio Luis Glz.' da Camr.ª Coutinho

Registo da carta de Sua Majestade para o Provedor-mor Francisco Lamberto sôbre se mandar avaliar a obra de carpinteiro que se mandou fazer e pagou o chantre por louvados na forma do contrato que com êle se celebrou.

(*v. LXXXIV, p. 85*) Francisco Lamberto, Eu El-Rei vos envio muito saudar. Viu-se o que informastes por carta de 23 de julho do ano passado como se vos ordenou sôbre o requerimento que por parte de José Bezerra Peixoto como administrador de pessoa e bens de seu filho José se me fêz, para efeito de ser (*p. 86*) pago da importância da obra de carpinteiro que o Chantre Francisco Pereira, seu tio, havia mandado fazer da sua Fazenda na Igreja da Sé dessa cidade cuja ação lhe havia deixado na forma do contrato que fizera visto estar paga a obra ao pedreiro pela consignação aplicada a elas e porque representais faltar ainda fora da obra da obrigação de pedreiro todo o reboque e guarnição das paredes por dentro e por fora da igreja se assentar o pavimento com suas divisões de parede, cobrir-se de frontal de tijolo a madeira das agulhas das duas torres e guarnecê-las com

os reboques e outras coisas mais pertencentes a perfeição de tôda a obra. Me pareceu ordenar-vos que mandeis avaliar a obra de carpinteiro que mandou fazer e pagou o dito chantre por louvados na forma do contrato que com êle se celebrou e acabadas as de pedreiro que se estão fazendo e pagando-se pela consignação dos três mil cruzados se paguem êste sem divertimento ao dito José Bezerra Peixoto, administrador dos bens de seu filho José Felix Peixoto Bezerra a quem por legado deixou esta dívida o dito chantre. Escrita em Lisboa a 11 de fevereiro de 1701. Rei. O Conde de Alvor, Presidente. Para o Provedor-mor da Fazenda do Estado do Brasil. Primeira via. Registe-se e se me torne. Bahia o 1.º de junho de 1701. Francisco Lamberto. Leonardo Lopes de Carvalho a registou em 30 do dito mês e ano e se entregou a própria ao mesmo Provedor-mor Francisco Lamberto. João Antunes Moreira.

488 . RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. II, 1712, p. 113), no verbete 'cantor', informa: « Nas Capellas Reaes ha Clerigos com titulo de Cantores. Nas Igrejas Cathedraes o Cantor he dignidade, & chamase Chantre. Em algumas Religiões Monachaes, & particularmente na Cisterciense de mais de alguns Cantores, q entoão as Antiphonas, ou Psalmos, ha hum Cantor mór, & he o que rege toda a consonancia, & cousas concernentes ao canto do Coro, assim festivo, como funebre; & juntamente he o zelador da composição dos Religiosos, quando assistem no Coro ». No verbete "Chantre", BLUTEAU (*op. cit.*, v. II, 1712, p. 272) acrescenta: « Aquelle, que numa Sé Collegiata, Capela de huma Universidade, &c. tem a direcção do governo do Coro, entoaçaõ do canto chaõ, & que tem cuidado, que os officios divinos se celebrem com devaçaõ, Silencio, & toda a decencia possivel ». Concordam FRANCISCO SOLANO CONSTÂNCIO (*Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa*, 1863, p. 290), DOMINGOS VIEIRA (*Grande dicionário português*, 1873, v. II, p. 193), ISAAC NEWTON (*Dicionário musical*, 1904, p. 65) e MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 128). JOSÉ AUGUSTO ALEGRIA (*História da Escola de Música da Sé de Évora*, 1973, cap. I, p. 9) traz informações sobre « o canto do Ofício e da Missa », que em Portugal, na Idade Média, « O responsavel dessa tarefa era um dos capitulares que recebia o título de Cantor, mais tarde, Chantre, a quem eram atribuídas duas prebendas da massa do Capítulo que o compensassem da responsabilidade inerente ao cargo. ¶ Competia-lhe zelar pela disciplina dos membros do coro e prevenir a ignorância musical de quantos participassem na execução dos salmos e antífonas ». ALEGRIA (*idem*, pp. 32-33) transcreve, ainda, um texto do "Livro da Fazenda de D. Henrique", onde se explicita ao chantre Francisco Velez, da Sé de Évora, que assumiu após a morte de Mateus de Aranda em 1544, a obrigaçãoo de « Insynar a cantar canto chão canto dorgão e contraponto na crasta da dita see aos cantores moços do coro e da estante e aos crerigos e pessoas que ahy vierem e que sera obrigado a Insynar duas oras pella menhãa e duas a tarde em cada hum dia, nam sendo sancto ou domingo. E as manhas ou tardes em que ouver canto dorgão não avera lição. Hos quaes ha daver pello Rendimento da obra sa see enquanto o Infante ouver por bem e não mandar o contrario e lhe seram pagos por ponto do apontador do Cabido por aluara feito a XXI de dezembro de Rbij ». A julgar pelo ordenado dos chantres no Brasil dos séculos XVI e XVII, este desempenhava a função musical mais importante para a Sé. Seus rendimentos eram cerca de três vezes maior que o do organista e, no séc. XVII, o dobro do salário do mestre de capela.

489 . RÉGIS DUPRAT (*A música na Bahia colonial*, 1965, p. 96, nota 16) informa: « Renato de Almeida [*História da música brasileira*, 1942, parte II, cap. VII, p. 291] afirma que Padre Francisco de Vaccas veio com o primeiro Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, a 1 de janeiro de 1552, na qualidade de Mestre da Capela do Colégio dos Jesuítas e que, em 1554, era Chantre da Sé de Salvador. Por sua vez, Affonso Ruy, na sua História do Teatro na Bahia ("Publicações da Universidade da Bahia", X - 1, 1959, p. 9), citando Pedro Azevedo (*História da Colonização Portuguêsa*, vol. III, p. 370), informa-nos de uma carta do Bispo Pedro Fernandes Sardinha ao rei de Portugal, datada de 12 de julho de 1552, em que dizia que Francisco de Vaccas havia ido à Bahia dois dias antes e que procedia da Capitania do Espírito Santo no Brasil, onde se encontrava há muito ». Na *Monumenta*

Brasiliae, de SERAFIM LEITE, não existe a carta que acima se mencionou. Encontramos, no entanto, uma carta de D. DUARTE DA COSTA ‡ (de 08 de abril de 1555) a D. João III, rei de Portugal, da qual transcrevemos uma passagem do § 3: « O Bispo quando veo do Reyno trouxe por Adayam Gomez Ribeiro, capelão de V. A., e por preguador, com vinte mil reis d'ordenado, e o encarregou tambem de Vigairo Gerall e o mandou vissytar a costa em seu nome com seus regimentos, e des que tornou da visytação esteve muito tempo nesta cidade na graça do Bispo, e indo-se pera Pernãobuc o deixava nesta Cidade por seu Vigairo Gerall. E estando isto asy, Francisco de Vacas, chantre que hé no Reyno, fez huma petição ao Cabido em como o Bispo nom podia entrar na igreja nem celebrar os officios devinos por estar escomungado e irregular por fferyr dous homens por sua mão em sua cassa, dos quaes hum esteve à morte que lhe parecyam os meolos, sendo ambos d'ordes menores ». Cf. também SEBASTIÃO DA ROCHA PITA ‡ (*História da América Portuguesa*, 1730, livro II, § 25, pp. 79-80).

490 . Este João Lopes, que aquí é chamado de « Mestre da Capella », é apresentado em 16 de maio de 1554 por Antonio Cardoso de Barros, Provedor-mor da Fazenda de El-Rei, na dignidade de chantre da Sé de Salvador, em substituição a Francisco de Vacas, recentemente falecido. Curiosa é a informação que dá ALBERTO SILVA (*A cidade de Tomé de Souza*, 1949, p. 32), se não se tratar de coincidência, a respeito dos homens que foram trazidos à Bahia pela armada de Tomé de Sousa, que deixou Lisboa a 1º de fevereiro e chegou no Brasil a 29 de março de 1549: « Entre os funcionários modestos podemos citar ainda meirinhos e porteiros; meirinhos como Manoel Gonçalves, meirinho da correição; João Lopes, meirinho da nau capitânea; e Antonio Aragão, percebendo 1$600 mensais ».

491 . JOSÉ AUGUSTO ALEGRIA (*História da Escola de Música da Sé de Évora*, 1973, cap. 1, nº 2, pp. 49-57) traz boa quantidade de informações e documentos acerca dos moços do coro em Portugal. Em dois apêndices, no mesmo livro (pp. 129-139) fez imprimir o « *Regim.to p a capella da see* », de 1565 (Arquivo da Sé de Évora, EE 21 ff.) e o « *Regimento dos cantores da sé de euora* » (Arquivo da Sé, « Instituições e Regimentos, que pertencem ao Padroado do Arcebispado de Evora Mandados colligir pelos Sñrs Deão e Cabido em Junho de 1634 », CEC 5-VIII, ff. 39r-43v). Esses dois regimentos, que não serão transcritos aqui pelo seu tamanho excessivo, são documentos extraordinariamente importantes para o conhecimento das funções dos moços do coro em Évora e para o estudo das informações que possuímos sobre essa classe de músicos no Brasil. TOMÁS BORBA e FERNANDO LOPES GRAÇA (*Dicionário de música*, v. II, 1963, p. 217), no verbete "Menino do coro", informam: « Rapaz que, de tenra idade, entrava para o serviço das catedrais, recebendo, nas respectivas escolas, além da cultura geral, uma perfeita instrucção musical, oportunamente aproveitada nas formações corais, ou capelas, em que os meninos do coro executavam com proficiência o papel de sopranistas. (...) Os meninos do coro tiveram em Portugal várias denominações: **manginhas**, **mocilhos**, **fradinhos**, **sonaquinos**, **mocinhos** e, mais modernamente, **coristas** e **moços de capela** ».

492 . RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário portuguêz e latino*, v. II, 1712, p. 272) entende por "Chantrado", a « Dignidade, & officio de Chantre em hum Cabido ».

493 . « um Mestre de Canto, que sirva de Mestre de Capella ». O documento menciona funções diferentes, porém, compatíveis.

494 . RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário portuguêz e latino*, v. V, 1716, p. 457) diz: « Mestre da Capella. Aquelle que governa os Cantores, fazendo o compasso, & emendando os que errão ». DOMINGOS VIEIRA (*Grande diccionário portuguêz*, 1873, v. IV, p. 219) acrescenta: « **Mestre de capella**; professor de musica, compositor d'esta, para os templos, e o que nas funcções da igreja dirige os musicos e cantores, batendo o compasso ». JOSÉ AUGUSTO ALEGRIA (*História da Escola de Música da Sé de Évora*, 1973, cap. I, nº 2, p. 26) informa com maior precisão: « A função do mestre de capela consistia em ensinar os segredos tanto da música de cantochão como do canto de órgão. Era, a um tempo, teórica e prática. Deveria ensinar a ler a semiografia da música a vozes e realizá-la depois no coro da igreja. Os moços não poderiam ter mais de dez anos no acto da admissão e tinham que ser preparados para ler o livro que se lhes abrisse na estante, seguindo a respectiva linha melódica horizontal, medindo os valores e contando as pausas. O mestre da capela tinha que ser sempre compositor, sobretudo naqueles tempos em que eram novidade as espécies musicais impressas ». Cf. também F. J. FÉTIS (*A música ao alcance de todos*, 1858, p. 70) e MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 332).

495 . **Bartolomeu Pires** foi músico e floresceu no Salvador em 1559. Diz a *Enciclopédia da música brasileira* (1977, v. II, p. 614): « Primeiro mestre-de-capela da Sé de Salvador, cargo criado oficialmente a 15 de junho de 1559. Antes dessa data já exercia a função, anteriormente desempenhada pelo chantre Francisco de Vacas e, desde maio de 1554, pelo mestre-de-capela João Lopes. Nesse cargo, além de ensinar gratuitamente aos órfãos e pobres, devia escrever música para festividades religiosas. Ao criar-se o mestrado-de-capela, o número de componentes do coro foi aumentado de dois para quatro, instituindo-se também, a 12 de setembro de 1559, o cargo de organista, ocupado pelo padre Pedro da Fonseca e posteriormente pelo padre Francisco da Luz ». A coleção **Inventários e Testamentos** ‡ (v. V), 1920, p. 61 contém uma informação curiosa, proveniente do inventário de "Izabel Beidiaga" (Vila de São Paulo, 17 de fevereiro de 1623), quando se menciona o « padre vigario Bento Ferraz sobrinho do mestre da capella Bartholomeu Pires ».

SEÇÃO II – REGISTROS OFICIAIS

B. Ordenados de músicos da Bahia (1608-1638)

184

[D. FELIPE III]

DOCUMENTO: ALVARÁ REAL DE 23 DE NOVEMBRO DE 1608.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Este alvará se encontra publicado numa prancha entre as pp. xxvi e 1 dos *Annaes do Rio de Janeiro* de BALTAZAR DA SILVA LISBOA (no canto superior direito da 2ª prancha). Não foi publicado em nenhum dos 110 volumes da coleção *Documentos Históricos* (Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional), mas sua existência é confirmada por SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA (*História da América Portugueza*, 1730, livro II, § 25, p. 79): « sendo naquelle tempo [1552] tenues as rendas Reaes, tinhaõ parcos ordenados; depois se lhes accrescentaraõ por ordem delRey Catholico Filippe III. em Castella, e Segundo em Portugal, no anno de mil e seis centos e oito ». Seu título, nos *Annaes* é o seguinte: « *GRAÇA concedida aos Ecclesiasticos do Estado do Brazil, em que Sua Magestade houve por bem augmentar os ordenados pelo Alvará de 23 de Novembro de 1608* ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: BALTAZAR DA SILVA LISBOA – *ANNAES | Do | Rio de Janeiro, | contendo | A Descoberta E Conquista Deste Paiz, A Fundação | Da Cidade com A Historia Civil E Ecclesiastica, | Até A Chegada D'El-Rei Dom João VI; Além De | Noticias Topographicas, Zoologicas, E Botanicas | Por | Balthazar da Silva Lisboa, (...) Tomo I | Rio de Janeiro, | Na Typ. Imp. E Const. De Seignot-Plancher E Ca, Rua d'Ouvidor, N. 95. | 1834.* [XXVI, 406 pp.] [BEEB: 3-d-7].

Bahia

Deão por anno	120$000
Conegos, quatro dignidades a 80$000	320$000
Dez meios Conegos a 40$000	400$000
Doze Capellães, cada hum 40$000	480$000
Hum Mestre de Capella	50$000
Hum Tangedor do Orgão	30$000
Quatro Moços do Côro [496] a 8$000	32$000
Hum Sachristão	30$000
Sub Chantre [497]	40$000
Cura da Sé	50$000
Coadjutor	30$000
Porteiro da Maça	20$000
Vigairos das Igrejas	. . . .
Dito da Igreja de Sergipe	80$000

[...]

496 . JOSÉ AUGUSTO ALEGRIA (***História da Escola de Música da Sé de Évora***, 1973, cap. I, nº 2, p. 29) traz informação por onde se deduz que o trabalho dos **moços do coro** e do **mestre de capela** valia, em termos monetários, bem menos no Brasil, que em Portugal: « O mestre de capela em 1542 recebia por isso 60.000 réis por ano, sendo a média dos ordenados dos cantores 20.000 ». ALEGRIA extraiu os dados de ARMANDO NOBRE DE GUSMÃO – *Cantores e Músicos em Évora nos anos de 1542 e 1552*, separata dos ***Anais da Academia Portuguesa da História***, Lisboa, 1964 (não cita número nem página). A diferença se torna absurda quando comparamos o salário dos músicos brasileiros com o « Quadro das despezas da Capella Real, segundo a letra de seus Estatutos, dados por Filippe II, a 2 de Janeiro de 1592 », transcrito por JOAQUIM DE VASCONCELLOS (***Os Músicos Portuguezes***, 1870, v. II, 2ª f. inum., ao final do livro): « Ao Mestre de Capella 80$000; A cada Cantor [eram 24] 50$000 – 1.200$000; A cada Organista 50$000 – 100$000; A cada Moço da Capella [eram 18] 20$000 – 360$000 ».

497 . MATHIAS DE SOUSA VILLA-LOBOS (***Arte de cantochão***, 1688, parte II, pp. 206-214) traz um longo texto sobre o "officio de Subchantre", surpreendente pela sua riqueza em detalhes. Transcrevemos apenas o primeiro parágrafo: « He conveniente para perfeiçaõ do culto divino, que em cada coro aja hum subchantre, cantoral, ou Vigairo do coro, ao qual estejaõ sugeitos todos os que estiverem no dito coro, & que todos o reconheçaõ por Mestre delle, & isto só a fim para que Deos Nosso Senhor seja louvado com mais perfeiçaõ, pois de o naõ haver nascem discordias, & escandalos, por quererem governalo todos; sendo pois o officio de subchantre, cantoral, ou Vigairo do coro; emmendar as composiçoens falsas, & levar em bom tom o coro, & com boa ordem, he necessario dar humas particulares advertencias, & avisos, para que os que administrarem o dito governo acertem, & naõ sejaõ murmurados, conformandonos com os Autores, que nesta materia escreveraõ ».

165

[DIOGO DE CAMPOS MORENO (?)]

(1566 – entre 1617/1621)

DOCUMENTO: LIVRO QUE DÁ RAZÃO DO ESTADO DO BRASIL. c. 1616 ou antes.

TEXTO: JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, nota 55, p. 457) indica a localização dos cinco textos conhecidos deste cimélio: « Três em Portugal e dois no Rio de Janeiro: os dois primeiros na Biblioteca Pública Municipal do Porto, um em letra do século XVII, e outro cópia posterior; o terceiro na Biblioteca Municipal de Lisboa, incompleto; o quarto, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em letra também do século XVII; e o quinto, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, cópia do apógrafo do Porto. O primeiro e o quinto vêm acompanhados de 18 e 22 mapas, respectivamente, feitos, na sua maioria, por João Teixeira Albernaz, um dos grandes cosmógrafos da época. Veja-se *Livro que dá Razão do Estado do Brasil – 1612. Edição crítica*, com *Introdução* e notas de *Hélio Viana*; Arquivo Público Estadual (1958), pp. 60 e 71. O título do manuscrito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, publicado em 1968, é « *Livro . que . dá . | rezam . do . es|tado . do . bra|sil* . ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (op. cit., pp. 456-457), indica as inúmeras edições parciais e totais deste manuscrito. « A. G. Cunha (Rio de Janeiro, 1968) », na p. 7 da edição de 1968 comenta: « Dêste importantíssimo apógrafo, são conhecidas cinco cópias manuscritas, três das quais, do início do século XVIII, coevas de um original hoje perdido. Destas, a mais antiga é a da Biblioteca Municipal do Pôrto, geralmente datada de c. 1616. Uma outra pertence à mapoteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; pelos dados que registra, é cêrca de 10 anos posterior à primeira, isto é, de c. 1626/1627. ¶ A primeira notícia da cópia portuense foi-nos dada por Antônio de Morais Silva, na 1ª edição (1789) do seu famoso Dicionário da Língua Portuguêsa. ¶ Na 4ª edição (1831), revelou-se que o cimélio pertencia à importante biblioteca do segundo Visconde de Balsemão. Pouco depois, passava à Biblioteca do Pôrto, onde hoje se encontra. Foi lá desvendá-lo o nosso incansável Varnhagen, para larga utilização na monumental Historia do Brasil, que na ocasião redigia. Depois de diferentes atribuições de autoria, fixou-se o grande historiador, a partir de 1854, em Diogo de Campos Moreno, Sargento-Mor do Brasil nos primórdios do século XVII ». JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (op. cit., 1979, livro 10, cap. II, nº 4 « *A Razão do Estado do Brasil* », p. 455) indica: « *A Razão do Estado do Brasil* não é apenas uma estatística verdadeira das oito capitanias, desde a de Porto Seguro até o Rio Grande do Norte, mas uma verdadeira crônica da situação presente do Brasil, na época de D. Diogo de Menezes e Siqueira (1608-1612), com intérpelações e acréscimos posteriores ».

AUTORIA: RODRIGUES (op. cit., 1979) comenta, à p. 456: « Coube a Varnhagen publicar pela primeira vez um largo trecho da introdução geral e mais tarde resumir os dados estatísticos de cada capitania. Na primeira conjetura a princípio que Manuel de Morais seria o autor e depois considera temerária a atribuição, para fixar-se no nome de Diogo de Campos Moreno, o autor da *Jornada do Maranhão*. A atribuição não era justificada e talvez repouse na referência textual 'ao sargento-mor deste Estado', então exercido por Diogo de Campos. Não há dúvida que no começo do texto lê-se: "correndo a costa do sul para o norte no governo do dito Dom Diogo de Menezes somente como parte vista e visitada por quem fez esta *relação* e posta pelo dito governador na razão em hoje a vemos". Ora, sabemos todos que o sargento-mor do Estado era Diogo de Campos, e que este gozava da confiança do governador que sempre o incumbiu de tarefas da maior responsabilidade. Vemos também, nos mapas que acompanham o códice do Instituto Histórico, algumas informações sobre as fortificações francesas que se poderiam ter sido colhidas por Diogo de Campos, que lá esteve ao promover as tréguas de 1614, depois das quais partiu para a Espanha. ¶ Seja ou não obra de Diogo de Campos Moreno, a atribuição foi seguida, sem nenhuma outra justificação, por Cândido Mendes de Almeida, por Ramiz Galvão, por Rodolfo Garcia e mantida como suspeita por Engel Sluiter. Hélio Viana, baseado na biografia de Diogo de Campos Moreno e na comparação dos textos da *Razão* e da *Jornada*, concluiu que ambas foram escritas pelo mesmo autor, o sargento-mor Campos Moreno. Apesar de seus eruditos esforços, suas razões não convencem em definitivo e a suspeita fará prosseguir o processo de atribuição ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Livro que dá razão do estado do Brasil*. Edição comemorativa do V centenário de nascimento de Pedro Álvares Cabral. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro / Ministério da Educação e Cultura, 1968. 85 pp.

(*p. 41*) [*f. 11r – col. 1*]

[3] BAHIA DE TODOS OS SANTOS

, A Igreja ,

C	Ao Bispo de seu ordenado	1100 U
C	Ao Vigairo geral	100 U
C	Ao Dayaõ da Sé	120 U
C	A quatro dignidades a cem mil rš	400 U
C	A seis coneguos a oitenta mil rš	480 U
C	A dous meyos conegos a 40 U rš	080 U
C	A seis capellaẽs a quinze mil rš	090 U
	[*fol. 11r – col. 2*]	
C	A quatro moços do coro a 8 U rš	032 U
C	Ao mestre da capella de seu Ordenado	050 U
C	Ao San Cristaõ de seu Ordenado	030 U
C	Ao Organista ~~ano~~ de seu Ordenado	030 U
C	Ao porteiro da maca de seu Ordenado	20 U
C	Ao padre cura de seu ordenado	30 U
C	Ao coadjutor de seu ordenado	30 U
C	Ao sochantre de seu ordenado	40 U
C	Ao thr pellas Ordinarias	122 U
C	Ao thr da fabrica	200 U
		2874 U –
C	Aos Padres da Companhia de JESUS	1200 U –

(*p. 42*) [*f. 12r – col 1*] **Ministros de guerra** [*da Bahia*]

[...]

C	Ao sargento mór do estado, e seu tambor	208 U 600

[...]

CAPITANIA, DE, PERNAMBVCO,

(*p. 61*) [*f. 20r – col. 1*] ,Companhia do presidio,

[...]
[*col. 2*]

C	Ao tambor desta compª	048 U –

[...]

, No Arecife ,

[...]
C Ao Tambor . . . . 33 U 600 -
[...]

,RIO, GRANDE CAPITANIA, E SVA MAGESTADE,

(*p. 78*) [*f. 27v - col. 1*] **,Gente de guerra,**

[...]
C A hũ tambor . . . . 33 U 600
[...]

498 . Para RAPHAEL BLUTEAU (**Vocabulário portuguêz e latino**, v. VI, 1720, p. 114), "Organista" e "Tangedor dos orgãos" são sinônimos. Chama a atenção o plural que, por sua freqüência, é comentado por JAIME DINIZ (*Velhos organistas do passado*, 1971, p. 38, nota 16): « Já o primeiro Bispo do Brasil pedia, em 12 de julho de 1552, "mandar cá uns órgãos" (PEDRO AZEVEDO - *História da colonização portuguesa no Brasil*. Porto, Lit. Nacional, 1923, v. III, p. 364). Cardim [*Tratados da terra e gente do Brasil*. Rio de Janeiro, J. Leite, 1925, p. 324], fala de uma procissão com "música de vozes, flautas e órgãos". Em 1580, Antônio Valente publicou "Versi spirituali per suonare negli organi vespri, messe e altri uffici divini" (Sangiorgio, Carmelo. *Il posto dell'organo*. Catania, Tip. Frat. Viaggio Campo, s.d., p. 20). O Concílio Tridentino fala de "Organorum melodia in templis...", uma expressões como "in cantibus et organis in templo". Outras expressões, no plural, encontram-se no Cerimonial dos Bispos: "In Matutinis..., possunt pulsari organa..." "organa pulsari etiam inter horas canonicas". Apud Pons, André. **Droit ecclésiastique et musique sacrée**. St. Maurice, 1960. v. III, p. 102, 104, 133. O organeiro francês Pierre Thierry fala dos reparos que ele deve fazer (1644) "aux orgues de l'Eglise St. Paul" ». Ao organista, portanto, cabia executar um único instrumento, cujo nome era dado no plural.

188

[D. FELIPE III]

DOCUMENTO: ALVARÁ REAL DE 24 DE OUTUBRO DE 1616.

TEXTO: Original do Museu Paulista (em 1927), onde se lê no verso da última folha: « fica Registada no Lº 2º dos Registos de | provizões seculares desta Capp.ta de | Pernambuco a f 159 | M.el Mendes dos.co ello ». Vai datado, no começo, de « 24. 8.bro 1616 » e no fim « Escrita em Lisboa à 31. de oc.bro de 1616 ». Pertence ao códice « Livro Segundo do Governo do Brasil », que era de Eduardo Prado e foi comprado pelo Museu Paulista.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Na p. 6 dos AMP (ver referência abaixo), há a informação: « Já delle há um trecho conhecido: o que appareceu no tomo XXVII dos *Annaes da Bibliotheca Nacional*. Entende Capistrano porém que este pedaço impresso – *Registo da folha geral do Estado do Brasil* é inferior ao que vai ser reproduzido no codice do Museu Paulista pelo facto de que foi mal copiado de cópia quando o original é o do Museu com todas as veras de authenticidade que lhe são os sellos officiaes. ¶ E depois a folha de despeza dos *Annaes* é de 10 de Junho de 1617 e a do Museu de 24 de outubro de 1616 ». Esse alvará com data de 10 de junho de 1617 volta a ser publicado na coleção *Documentos Históricos* é (v. XV, 1930, pp. 25-66), com base em uma cópia de 9 de novembro de 1626, trasladada no códice I-19, 7, 2 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, cujo título é « *Registo da Folha Geral deste Estado por um traslado delle, que veiu de Pernambuco sobscripto e assignado por Manuel Mendes de Vasconcellos Escrivão da Fazenda a fiz aqui trasladar para clareza della por não apparecer o original* ». Comparando as 3 versões publicadas desse texto, não encontramos variações significativas nas informações que interessam à musicologia.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Annaes do Museu Paulista*. São Paulo, Diario Official, Tomo terceiro, Segunda parte, 1927, pp. 12-32.

Capitania da Bayadetodos os sanctos

Despesas da Igra

[...]

-(*p. 13*) A quatro dignidades quatrocentos mil rs. a rezão de cem mil rs a cada hua.

[...]

-Á quatro Moços do Coro trinta e dous mil rs a rezão de oito mil rs a cada hum por anno.

-Ao tangedor dos Organos trinta mil rs por anno.

-Ao mestre da Capella[499] cincoenta mil rs por anno.

[...]

-Ao Sochantre da dita See quarenta mil rs por anno.

[...]

Fortede Tapagipe

[...]

-(*p. 17*) E ao Atambordo dito forte trinta e tres mil eseisoentos rs que tem desenordenado poranno.

[...]

Fortedesancto Antonio

[...]
-(*p. 17*) Ahum Atambor trinta etresmil eseiscentos rs. por anno quevemaser pormes dous mil eoitocentos rs.

Presídio da Bahya

[...]
-(*p. 17*) Ao atambormôr^{aoo} quarenta eoito mil rs. poranno arezão de quatromilrs. pormes.
-(*p. 18*) Aquatro Atambores dasditas Companhias cento trintaequatromil Equatrocentos rs. queuemaser acadahum trinta etresmil eseiscentos rs. poranno arezão dedous mil eoitocentos rs. por mes.
[...]

Capitania de Pernambuco

Ordinarias particulares

[...]
-(*p. 25*) E ao Atambor trinta etresmil eseiscentos rs poranno

Forte do Recife

[...]
-(*p. 25*) E ahum Atambor trinta etresmil eseiscentos poranno
[...]

Forte Nouodalagem

[...]
-(*p. 25*) Ao Atambor trinta etres mil eseiscentos rs poranno comoosmais atambores

Capitaniada Parahiba

Fortede Cabedello

[...]
-(*p. 27*) Ao Atambor Vinteeoitomil eoitocentosrs poranno q uemaser pormes adous mil equatrocentosrs.
[...]

Capitania do Rio Grande

Ordenadoedo Capp.^mo mor Emais off.^es damilicia

[...]
-(*p. 29*) Ao Atambor trinta etres mil eseiscentoers poranno.
[...]

499 . RÉGIS DUPRAT (*A música na Bahia Colonial*, 1965, p. 98, nota 29, reimpresso em 1985, p. 14, nota 21) informa: « Em 1611 e 1626, a catedral de Salvador possui ainda um mestre-de-capela, um organista e quatro moços do coro, cujas despesas são levadas em conta. Cf. Braz do Amaral, nota nº 49 às ***Memórias históricas e políticas da Província da Bahia***, de Ignacio Accioli Cerqueira e Silva, Bahia, Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 3 vol., 1925, I, p. 435. Ver igualmente a nota nº 53, p. 477 ». JAIME DINIZ (*Uma notícia sobre a música no Brasil dos séculos XVI e XVII*, 1972, p. 46), acrescenta: « Já o sucessor de Bartholomeu Pires, mestre de capela da Sé da Bahia e senhor de engenho, segundo se depreende de Gabriel Soares, pois tinha "um engenho de açúcar", deve ter sido Francisco Borges da Cunha, "cavaleiro fidalgo da casa real". Permaneceu mestrando, provavelmente, desde 1608 até 1660 ».

500 . DOMINGOS VIEIRA (***Grande dicionário português***, 1873, v. V, p. 671) esclarece: « **Tambor-mór**; o chefe dos tambores do regimento ».

187

ANÔNIMO

DOCUMENTO: RELAÇÃO DA CAPITANIAS DO BRASIL. Escrita em partes, de pouco antes de 1617 até pouco após 1624.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Este manuscrito, publicado na RTIHGB, vol. 62, parte I, pp. 5-25 sem indicação da localização do original, leva a nota de FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN: « A seguinte Relação das Capitanias do Brasil foi escripta no principio do seculo dezesete ». JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro 10, cap. II, nº 8, p. 459) comenta: « A "Relação das Capitanias do Brasil", diz Varnhagen na pequena nota que precede a publicação, "foi escrita no principio do século XVII e encerra-se o seu maior valer em pertencer a uma época de transição sobre a qual as minimas noticias poderão interessar à quem fizer confrontações para acertar com a verdade histórica de algum fato importante". Foi o próprio Varnhagen quem a copiou e ofereceu ao Instituto Histórico. A relação não é datada, mas, começando a descrição setentrional pelo Rio Grande do Norte com pequenas referências ao Maranhão e Amazonas, deve ter sido escrita pouco depois da conquista do Maranhão iniciada em 1613, e concluída em 1616, com a fundação de Belém. ¶ Por outro lado, o fato de só descrever o sul, São Vicente, "que antigamente foi cabeça desta Capitania", faz supor que a relação houvesse sido escrita depois de 1624, pois entre esta data e 1679 deixou São Vicente de ser a capital [(nota 65): « *Pedro Taques, História da Capitania de São Vicente, São Paulo, s/d, 102-115* »]. Ao tratar da capitania de Itamaracá escreve que o "capitão é posto pelo senhorio, e hoje está em litigio entre o Conde de Monsanto e Lopo de Sousa". Ora, a disputa entre D. Alvaro Pires de Castro e Sousa, foi decidida em 1617 [(nota 66): « *Pedro Taques, ob.cit., 92, nota 10 B de Rodolfo Garcia in Varnhagen, Historia Geral do Brasil, II, 171* »]. Todo isso leva-nos a crer que tenha sido escrita aos poucos, em épocas diferentes, a partir de pouco antes de 1617, quando o pleito estava decidido e a notícia do Maranhão era recentíssima, e depois de 1624, quando São Vicente foi destituida de cabeça de capitania. Como as demais relações da época, esta descreve a costa, as povoações, os povoadores, os produtos, as rendas, a organização civil, militar e religiosa, os ordenados dos funcionarios e destaca os engenhos de açúcar ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Revista Trimestral do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.* vol. 62, parte I. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1900. 161 pp.

CAPITANIA DO RIO GRANDE

[...]

[5.] (*p. 7*) [*da relação das atividades que existem na capitania*] Um tambor que tem quatro cruzados [*por mes*].

CAPITANIA DA PARAIBA

[...]

[11.] (*p. 8*) Dois tambores, um no forte, outro na Cidade e sete mil reis por mez cada um.

[...]

CAPITANIA DE PERNAMBUCO

[...]

[11.] (*p. 11*) Quatro tambores, e dois pifanos destas duas companhias tem por mez mil e duzentos reis cada um e seu mantimento.

[...]

[17.] Tem mais um tambor na forma do regimento que tem cada mez mil e duzentos de soldo, e mil quatrocentos e vinte reis de mantimento.

CAPITANIA DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS

[...]

[11.] (*p. 14*) Quatro tambores e dous pifanos, dois embandeirados, um Cirurgião, um barbeiro, vence cada um a dois mil e oito centos rs. por mez.

[...]

[22.] Tem mais de intertinimento por mez oito mil rs. e assim mais um tambor com dois mil e oitocentos rs. por mez.

[...]

[24.] Hum tambor com dois mil e oitocentos rs. por mez.

[...]

[29.] Ha um tambor mor afora os quatro das companhias o qual vence a quatro mil rs. por mez.

[...]

Ministros Ecclesiasticos da cidade da Bahia

[...]

[3.] (*p. 16*) As cinco dignidades a cinco mil rs. cada um. [501]

[...]

[6.] Quatro moços de Choro a seis mil rs. ——————— d.º

[7.] O Mestre da Capella quarenta mil rs.

[8.] O Tangedor dos Orgãos vinte mil rs. [502]

[...]

CAPITANIA DO RIO DE JANEIRO

[...]

[7.] (*p. 23*) Dois tambores a seis cruzados cada um por mez.

[...]

501 . Os nove items do pagamento do cabido são precedidos pela informação (p. 16): « O Cabido da Sé tem de seus ordenados oito centos e dezanove mil rs. a saber ». A soma dos ordenados, segundo os números apresentados, é 544$000 réis. Para a somatória ser 819$000 réis, as "cinco dignidades", entre as quais está incluido o chantre, deveriam receber, juntas, 300$000 réis, ou seja, 60$000 réis cada uma. De qualquer maneira, há erro evidente ao se registrar apenas 50$000 réis para cada dignidade.

502 . Os salários dos músicos da Sé da Bahia provavelmente só voltaram a ser alterados no séc. XVIII. Pelo menos é o que se deduz desta passagem de FRANCISCO CURT LANGE (*A organização musical durante o período colonial brasileiro*, 1966, p. 73), que usa como fonte o códice 96 do *Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa* (ff. 262r-262v): « O tal aumento veio, efectivamente, modificando a resolução de 9 de Abril de 1707 com data de 23 de Agosto de 1727, percebendo o mestre de capela 40$000 réis com 20 de aumento, os quatro moços de coro 12$000 réis com 6 adicionais e o organista passando de 25$000 réis para 37$500 réis com 12$500 de melhora. Esta disposição foi tomada logo pelos outros bispados como de caráter geral, originando alguns protestos pela demora na sua aplicação ». Porém, FRANCISCO A. PEREIRA DA COSTA (*Estudo histórico-retrospectivo sobre as artes em Pernambuco*, 1900, p. 16) cita uma « Provisão regia de 10 de Abril de 1697 », pela qual o mestre de capela, pelo menos na Sé de Olinda, passou a receber 60$000 réis.

186

QUARTEL DE SÃO BENTO

DOCUMENTO: LISTA DE PAGAMENTOS DO QUARTEL DE SÃO BENTO. Bahia, 18 de outubro de 1638.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Incluído por SERAFIM LEITE na edição do livro de VILHASANTI (cf. infra), na parte II, apêndice I, documento II, (pp. 128-164), leva o título de « *Neste quartel de sam Bento em dezoito de outr.o de mil seis.tos trinta e oyto* ». O manuscrito é do Arquivo Histórico Colonial de Lisboa.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: PEDRO CADENA DE VILHASANTI – *Relação Diária do Cêrco da Baía de 1638 por Pedro Cadena de Vilhasanti. Prefácio de Serafim Leite; Notas de Manuel Múrias*. Lisboa, Editorial Ática, 1941. 338 pp. (Colecção dos Clássicos da Expansão Portuguesa no Mundo).

[Anexo 10] **Lista segunda**

[...]
(*p. 148*) O atambor gn.[1] hũa 1
[...]

[Anexo 12] **Segue o termo do mestre de campo Luiz Bardalho Bezerra**

[...]
(*p. 150*) O Atambor mayor 1
[...]

[Anexo 14] **Seguesse o termo de Castella de que foi m.º de campo João Ortiz**

[...]
(*p. 151*) O Atambor mayor hũa 1
[...]

[Anexo 18] **Seguesse o termo de Nappoles de que he mestre de campo Hector de Lacalçe**

[...]
(*p. 152*) O Atambor mayor 1
[...]

[Anexo 20] **Lista 3ª**

[...]
(*p. 155*) A quatro atambores mayores Uoo4
[...]
Ao atambor gn.[1] Uoo2
[...]

SEÇÃO II — REGISTROS OFICIAIS

C. Documentos sobre Atambores, Caixas e Trombetas na Bahia (1549-1703)

189

[ESTADO DO BRASIL.]

DOCUMENTOS: MANDADOS DE PAGAMENTO A "ATAMBORES" E "TROMBETAS". Bahia, 1549-1553.

TEXTOS E NOTA BIBLIOGRÁFICA: As informações sobre « atambores » e « tambetas » estão incluídas no manuscrito « Registo de Provisões Reaes », códice 1-19-7-2 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, publicado nos volumes 13, 14, 37 e 38 dos DH. Há vários registros publicados duas vezes nos **Documentos Históricos**, entre os volumes 13-37, 14-37 e 14-38. Quando isso ocorre, indicamos, entre parênteses, o local onde há duplicata.

PUBLICAÇÕES UTILIZADAS: **Documentos Históricos** 1677-1678; Patentes 1534-1551; Foraes, Doações, Regimentos e Mandados; Vol. XIII da série E XI dos docs. da Bib. Nac. 1929. Rio de Janeiro, Augusto Porto & C, 1929. 500 pp.

Documentos Históricos 1551-1625; Mandados, Provisões, Doações. Vol. XIV da Série E XII dos docs. da Bib. Nac. Rio de Janeiro, Typ. Monroe, 1929. 499 pp.

OBSERVAÇÃO: A disposição dos fragmentos em ordem cronológica é nossa. A numeração dos parágrafos nem sempre corresponde a essa ordem.

[...]

25. — (*v. XXXVII, p. 11*) A dezesete de Junho de mil quinhentos, e quarenta, e nove passou mandado para o dito Thesoureiro pagar 8$675 em resgate, em que monte o dito dinheiro a trinta e seis homens d'armas, dezeseis Espingadeiros, dois besteiros, e o atambor[303] de seu mantimento dos derradeiros quinze dias de Junho de quinhentos e quarenta, e nove á razão de quatrocentos reis por mez, e as trinta e uma pessoas, que no dito Rol vão menos o dinheiro houveram no Almoxarife dos mantimentos cada um um alqueire de farinha da terra por outro mandado, e por este com Certidão do Escrivão da Matricula, que poz verba no Caderno dos mantimentos em seus titulos, que foram pagos pela dita maneira, e pagas postas no Rol pelo Escrivão de seu Cargo manda aos Contadores, que lhos levem em Conta.

28. — A dezesete de Junho de mil, quinhentos, e quarenta, e nove passou mandado o dito Provedor-mor para Christovão de Aguiar Almoxarife do Armazem pagar trinta e um alquei-(*p. 12*)res de farinha da terra a vinte e um homens d'armas, e sete espingardeiros, e dois besteiros, e o atambor de seu mantimento dos derradeiros quinze dias de Junho de seu mantimento á razão de quatrocentos reis por mez, porque dos cento e vinte, e cinco reis, que fallecem houveram pagamento em Gonçalo Ferreira Thesoureiro por outro mandado, e por este com Certidão do Escrivão da Matricula, que poz verba em seus titulos, que houveram o dito pagamento, e pagas postas no Rol pelo Escrivão do Armazem manda aos Contadores, que lhe levem em Conta os ditos trinta e um alqueires de farinha.

[...]

117. — (*v. XXXVII, p. 52 e v. XIII, p. 320*) Ao primeiro de Julho de quinhentos, e quarenta, e nove passou o Governador mandado em ausencia do Provedor Antonio Cardoso de Barros para Gonçalo Ferreira, que pagasse digo Ferreira Thesoureiro, que pagasse Vinte e um mil reis em resgate a trinta e dois homens d'armas, e vinte e um Espingardeiros, e tres besteiros, e ao atambor, que haviam de haver de seu mantimento de todo o mez de Julho de quinhentos, e quarenta e nove á razão de quatrocentos reis por mez.

118. — Ao primeiro de Agosto de quinhentos, e quarenta e nove passou o Governador mandado em ausencia do Provedor-mor para Gonçalo Ferreira Thesoureiro, que pagasse mil, e seiscentos e vinte e cinco trombetas em resgate de todo o mez de Agosto de seu mantimento á razão de quatrocentos reis por mez porque o mais houveram em farinha em Christovão de Aguiar Almoxarife.

[...]

274. — (*v. XXXVII, p. 98 e v. XIII, p. 364*) A vinte e seis de Outubro de quinhentos, e quarenta e nove passou o Governador mandado em ausencia do Provedor-mor para o dito Thesoureiro, que pagasse a Diogo Dias[504] Trombeta[505] dois mil duzentos, e quarenta, e oito reis de castos, que fez para as obras da dita Cidade do Salvador e que por elle com seu Conhecimento lhe sejam Levados em Conta. Resgate.

[...]

278. — (*v. XXXVII, p. 99 e v. XIII, p. 365*) A tres de Novembro de quinhentos, e quarenta e nove passou o Governador mandado em ausencia do Provedor-mor para o dito Thesoureiro, que pagasse a Diogo Gonçalves, e a Simão Rodrigues trombetas duas espadas para cada um sua á razãoo de quatrocentos, e cincoenta reis a espada para lhe serem descontadas de seus Soldos, e que por elle com seu Conhecimento, e Certidão da Matricula lhe sejam Levados em Conta.

[...]

283. — (*v. XXXVII, p. 104 e v. XIII, p. 371*) A vinte de Novembro da dita era passou o Governador mandado em ausencia do Provedor-mor para o dito Thesoureiro, que pagasse a Jeronymo de Torres Atambor, e Antonio Fernandes homem d'armas novecentos reis em duas espadas a quatrocentos, e cincoenta reis cada uma para lhe serem descolados de seus (*p. 105*) ordenados, e que por elle com seus Conhecimentos, e Certidão da Matricula lhe sejam Levados em Conta.

[...]

291. — (*v. XXXVII, p. 104 e v. XIII, pp. 370-371*) A vinte e nove de Novembro de quinhentos, e quarenta e nove passou o Governador mandado em ausencia do Provedor-mor para o dito Thesoureiro, que pagasse a Vasco Gonçalves Espingardeiro seiscentos, e setenta reis, e a Jeronymo de Torres atambor outros seiscentos e setenta reis, e a João Fernandes de Villanova trezentos reis, e Antonio de Freitas trezentos, e vinte reis, a qual somma lhe havia de ser descontada de seus Soldos, e que por elle com seus conhecimentos, e Certidão do Escrivão da Matricula lhe sejam Levados em Conta.

[...]

835. — (*v. XIV, p. 158 e v. XXXVII, pp. 395-396*) A treze de Janeiro de mil quinhentos, e cincoenta passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Jeronymo de Torres atambor novecentos reis em mercadoria, que lhe eram devidos de seu soldo de mez, e meio, que começou ao primeiro de Setembro de mil quinhentos, e cincoenta té quinze de Outubro do dito anno a seiscentos reis por mez; e que por elle, e seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu cargo assignado por ambos, e com Certidão do Escrivão da Matricula, em que declarasse ficar posta verba em seu titulo, que houve o dito pagamento lhe sejam levados em conta.

[...]

417. — (*v. XIII, p. 416*) [*janeiro 1550*] A dezasete do dito mez, e era passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a João Rodrigues da Bexiga trombeta mil, e duzentos reis em mercadoria, que lhe eram devidos de seu soldo do mez de Julho de mil quinhentos, e quarenta, e nove a dita razão de mil, e duzentos reis por mez, e que por elle com seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu cargo assignado por ambos de como recebeu os ditos mil e duzentos reis, e com Certidão do Escrivão da Matricula, em que declare ficar posta verba em seu titulo, que houve o dito pagamento lhe sejam levados em conta.

[...]

299. — (*v. XIII, p. 373*) [*1550*] A vinte e quatro de Janeiro da dita era passou o Governador mandado em ausencia do Provedor-mor para o dito Thesoureiro que pagasse a Jeronymo de Torres seiscentos reis, que lhe eram devidos do mez de Maio de quinhentos, e quarenta, nove a razão dos ditos seiscentos reis por mez de tambor, e que por elle com seu conhecimento, e Certidão da Matricula lhe sejam levados em conta.

[...]

447. — (*v. XXXVII, p. 169*) A cinco de Maio de mil, quinhentos, e cincoenta passou o Governador mandado para o dito Thesoureiro, que pagassa a Jeronymo de Torres atambor mil, e oitocentos reis em mercadoria, que lhe eram devidos dos mezes de Junho, Julho, Agosto de mil quinhentos, e quarenta, e nove á razão de seiscentos reis por mez, e que por elle com seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu cargo assignado por elle e com Certidão do Escrivão da Matricula, em que declarasse ficar posta verba em seu titulo que houve pagamento da dita somma lhe sejam levados em conta.

[...]

647. — (*v. XIV, p. 31*) [*agosto 1550*] A onze do dito mez, e anno passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Jeronymo de Torres atambor seiscentos reis em mercadoria, que lhe eram devidos de seu soldo de quatro de Outubro té vinte e seis de Novembro de mil quinhentos e quarenta, e nove a razão de seiscentos reis por mez, e que por elle com seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu cargo assignado por ambos, e com Certidão do Escrivão da Matricula, em que declarasse ficar posta verba em seu titulo, que houve o dito pagamento lhe sejam levados em conta.

[...]

355. — (*v. XIII, p. 385*) [*agosto 1550*] A dez de Dezembro da dita era passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Jeronymo de Torres atambor, oitocentos reis, que lhe eram devidos de seu mantimento de dois mezes Novembro, e Dezembro da dita era a razão de quatrocentos reis por mez, e que por elle com seu conhecimento, e com Certidão da Matricula de como fica posta verba em seu titulo no caderno dos mantimentos lhe sejam levados em conta.

[...]

417. — (*v. XXXVII, p. 153*) [*janeiro 1551*] A dezesete do dito mez, e era passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesou-(*p. 154*)reiro, que pagasse a João Rodrigues da Bexiga trombeta mil, e duzentos reis em mercadoria, que lhe eram devidos de seu soldo do mez de Julho de mil quinhentos e quarenta, e nove á dita razão de mil, e duzentos reis por mez, e que por elle com seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu Cargo assignado por ambos de como recebeu os ditos mil e duzentos reis, e com Certidão do Escrivão da Matricula, em que declare ficar posta verba em seu titulo, que houve o dito pagamento lhe sejam Levados em Conta.

[...]

983. — (*v. XIV, p. 171*) A dez de Fevereiro de mil quinhentos, e cincoenta, e um passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a João da Bexiga trombeta sete mil, e duzentos reis em dinheiro, que lhe eram devidos de seu soldo de seis mezes, que começaram ao primeiro de Agosto de mil quinhentos, e cincoenta, e um té o derradeiro de Janeiro de mil quinhentos, e cincoenta, e dois a razão de mil, e duzentos reis por mez, e que por elle, e seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu cargo assignado por ambos, e com Certidão do Escrivão da Matricula, em que declare ficar posta verba em seu titulo, que houve o dito pagamento lhe sejam levados em conta.

[...]

450. — (*v. XXXVII, p. 170*) A vinte e um de Fevereiro de mil quinhentos, e cincoenta, e um passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Diogo Dias das Lapas trombeta dois mil, e quatrocentos reis em mercadorias, que (*p. 171*) lhe eram devidos de seu soldo de dois mezes Julho, e Agosto de quinhentos, e quarenta e nove á razão de mil, e duzentos reis por mez, e que por elle com seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu Cargo assignado por ambos, em que declarasse receber a dita somma, e com Certidão do Escrivão da Matricula, que declarasse ficar posta verba em seu titulo, que houve o dito pagamento lhe sejam levados em conta.

[...]

682. — (*v. XIV, p. 45*) A seis do dito mez de Agosto de mil quinhentos, e cincoenta, e um passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro que pagasse ás duas pessoas nelle conteudas dez mil oitocentos, e trinta reis em mercadoria, que lhe eram devidos de seu soldo por esta maneira]; á Jeronymo Machado homem d'armas sete mil, duzentos e cincoenta reis, os seis mil, e cincoenta reis de dez mezes, que começaram ao primeiro de Agosto de quinhentos, e quarenta, e nove té o derradeiro de Julho de mil quinhentos, e cincoenta a quinhentos reis por mez, e os cincoenta reis eram de resto de divida passa-(*p. 46*)da, e os mil, e duzentos reis de tres mezes de seu mantimento, que começaram ao primeiro de Fevereiro de mil quinhentos, e cincoenta Março, e Abril do dito anno a quatrocentos reis por mez, e a Jeronymo de Torres atambor tres mil quinhentos, e oitenta reis de seis mezes, que começaram ao primeiro de Dezembro de mil quinhentos, e quarenta, e nove té o derradeiro de Maio de mil quinhentos, e cincoenta a seiscentos reis por mez, e os vinte reis, que falleceram a dita razão tinha já recebidos, e que por elle com seus conhecimentos feitos pelo Escrivão de seu cargo assignado por ambos, e com Certidão do Escrivão da Matricula de ficar postas verbas em seus titulos lhe sejam levados em conta.

[...]

732. — (*v. XIV, p. 68 e v. XXXVII, pp. 302-304*) A dezasete de Agosto de mil quinhentos, e cincoenta, e um passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse ás cinco pessoas nelle conteudas cento, quarenta e cinco mil novecentos, e cincoenta reis, que lhe eram devidos de seus soldos; a saber a Diogo Dias trombeta vinte e sete mil, e seiscentos reis de vinte e tres mezes que começaram ao primeiro de Setembro de mil quinhentos, e quarenta, e nove té o derradeiro de Julho de mil quinhentos, e cincoenta e um a mil, e duzentos reis por mez; e a outro Diogo Dias trombeta trinta mil reis de vinte, e cinco mezes, que começaram ao primeiro de Julho de mil quinhentos, e quarenta, e nove té o derradeiro de Julho de mil quinhentos, e cincoenta, e um a mil, e duzentos reis por mez, e a João Rodrigues da Bexiga trombeta vinta e oito mil e oitocentos reis de vinte e quatro mezes, que começaram ao primeiro de Agosto de mil quinhentos, e quarenta, e nove té o derradeiro de Julho de mil quinhentos, e cincoenta, e um a mil, e duzentos reis por mez, e a Simão Rodrigues da Bexiga trombeta vinte e nove mil quinhentos, e cincoenta reis de quinze mezes, que começaram ao primeiro de Julho de mil quinhentos, e quarenta e nove té o derradeiro de Julho de mil quinhentos, e cincoenta, e um a mil, e duzentos reis por mez, e

os quatrocentos, e cincoenta reis lhe foram descontados por os ter já recebidos; e a Pedro Gonçalves das Lapas trombeta trinta mil reis de quinze mezes que começaram ao primeiro de Julho de mil qui-(*v. XIV, p. 69*)nhentos, e quarenta, e nove té o derradeiro de Julho de mil quinhentos, e cincoenta, e um a mil, e duzentos reis por mez, e que por elle e seus conhecimentos feitos pelo Escrivão de seu cargo assignados por ambos, e com Certidão do Escrivão da Matricula de ficar postas verbas em seus titulos lhe sejam levados em conta.

[...]

833. — (*v. XIV, p. 116*) A vinte de Outubro de mil quinhentos, e cincoenta, e um passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Pedro Gonçalves das Lapas trombeta dois mil, e quatrocentos reis em mercadoria, que lhe eram devidos de seu soldo de dois mezes Agosto, e Setembro da dita era a razão de mil, e duzentos reis por mez, e que por elle e seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu cargo assignado por ambos, e Certidão do Escrivão da Matricula de ficar posta verba em seu titulo, que houve o dito pagamento lhe sejam levados em conta.

[...]

849. — (*v. XIV, p. 123 e v. XXXVII, p. 359*) A quatro de Novembro de mil quinhentos, e cincoenta, e um passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Jeronymo de Torres atambor dois mil, e duzentos reis em mercadoria, que lhe eram devidos de seu soldo, e mantimento, os mil, e oitocentos reis do dito soldo de tres mezes. Junho, Julho, Agosto de mil quinhentos, e cincoenta a seiscentos reis por mez, e que por elle, e seu Conhecimento lhe sejam Levados em Conta, e com Certidão do Escrivão da Matricula de ficar posta Verba em seu titulo, e os quatrocentos reis de seu mantimento do mez de Outubro do dito anno a quatrocentos reis por mez.

[...]

980. — (*v. XIV, p. 179*) Ao primeiro de Março de mil quinhentos, e cincoenta, e dois passou o Provedor-mor mandado para o Almoxarife Christovão de Aguiar, que pagasse a Jeronymo de Torres Atambor quatro mil reis em dois quintaes de ferro a dois mil (*p. 180*) reis quintal, que lhe eram devidos de seu soldo de seis mezes, e vinte dias, que começaram a quinze de Outubro té cinco de Maio de mil quinhentos, e cincoenta, e um a seiscentos reis por mez, e que por elle, e seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu cargo assignado por ambos, e Certidão do Escrivão da Matricula, em que declare ficar posta verba em seu titulo, que houve o dito pagamento lhe sejam levados em conta.

[...]

996. — (*v. XIV, p. 186 e v. XXXVII, p. 425*) [*março 1552*] A dezeseis do dito mez passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Jeronymo de Torres atambor dois mil, e novecentos reis em mercadoria, que lhe eram devidos de seu soldo de quatro mezes, e vinte dias, que começaram a seis de Maio de mil quinhentos, e cincoenta, e um té o derradeiro de Setembro do dito anno a seiscentos reis por mez, e que por elle, e seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu Cargo assignado por ambos, e Certidão do Escrivão da Matricula de ficar posta Verba em seu titulo lhe sejam Levados em Conta.

[...]

1003. — (*v. XIV, p. 190 e v. XXXVII, p. 429*) A vinte e seis de Março de mil quinhentos, e cincoenta, e dois passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Diogo Dias de Lapas trombeta mil, e duzentos em mercadoria, que lhe eram devidos de seu Soldo do mez de Agosto de mil qinhentos, e cincoenta, e um á razão dos ditos mil e duzentos reis por mez, e que por elle, e seu Conhecimento feito pelo Escrivão de seu Cargo assignado por ambos, em que declarasse receber a dita quantia, e com Certidão do Escrivão da Matricula de ficar posta Verba em seu titulo, que houve o dito pagamento lhe sejam Levados em Conta.

[...]

1087. — (*v. XIV, p. 228 e v. XXXVIII, p. 35*) A sete de Julho de mil quinhentos, e cincoenta, e dois passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Jeronymo de Torres atambor tres mil, e quinhentos reis em mercadoria, que lhe eram devidos de seu soldo de seis mezes, que começaram ao primeiro de Outubro de mil quinhentos, e cincoenta um té o derradeiro de Abril de mil quinhentos, e cincoenta e dois a sete mil reis por anno, e o serviu, e venceu, e que por elle, e seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu cargo, e Certidão do Escrivão da Matricula de ficar posta verba em seu titulo, que houve o dito pagamento lhe sejam levados em conta.

[...]

1147. — (*v. XXXVIII, p. 62*) A trinta de Julho de mil quinhentos, e cincoenta, e dois passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Simão Rodrigues Trombeta setecentos, e cincoenta reis em resgate para duas camisas por servir nas Ferrarias de Sua Alteza, e que por elle com seu Conhecimento somente, em que declarasse receber a dita somma feito por seu Escrivão assignado por ambos lhe sejam Levados em Conta.

[...]

1204. — (*v. XIV, p. 279*) [*21/10/1552*] No dito dia passou mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Jeronymo de Torres atambor seiscentos reis em mercadoria, que lhe eram devidos de todo o mez de Outubro de mil quinhentos, e cincoenta, e um a razão dos ditos seiscentos reis por mez, em que foi sentado, e que por elle, e seu conhecimento, e Certidão do Escrivão da Matricula de ficar posta verba em seu titulo, que houve o dito pagamento lhe sejam levados em conta.

[...]

1228. — (*v. XXXVIII, p. 100*) [*1551*] No dito dia oito de Novembro passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse ás duas pessoas nelle conteudas cinco mil, e quarenta reis em mercadoria, que lhe eram devidos de seu soldo por esta maneira a saber; a Jeronymo de Torres atambor tres mil e quinhentos reis, que venceu em seis mezes do primeiro de Maio de mil quinhentos, e cincoenta, e dois té o derradeiro de Outubro delle a sete mil reis por anno; e a André Fernandes de Souza Calafate mil quinhentos, e quarenta reis, que venceu em um mez, e tres dias, que começaram ao primeiro de Janeiro de mil quinhentos, e cincoenta té tres de Fevereiro delle a mil, e quatrocentos reis por mez e que por elle, e seus conhecimentos, e Certidão do Escrivão da Matricula de ficar postas Verbas em seus titulos lhe sejam Levados em Conta.

[...]

1273. — (*v. XIV, p. 310 e v. XXXVIII, p. 121*) [*04/05/1553*] No dito dia passou o dito Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Jeronymo de Torres atambor mil setecentos e cincoenta reis em mercadoria, que lhe eram devidos de seu ordenado, que começou em tres mezes do primeiro de Novembro de mil quinhentos, e cincoenta, e dois té o derradeiro de Janeiro de mil quinhentos, e cincoenta, e tres, e que por elle, e seu conhecimento, e Certidão do Escrivão da Matricula de ficar posta Verba em seu titulo lhe sejam Levados em Conta.

[...]

1407. — (*v. XIV, p. 367 e v. XXXVIII, p. 180*) A dois de Agosto de mil quinhentos, e cincoenta, e tres passou mandado para o dito Thesoureiro que pagasse a Jeronymo de Torres atambor mil setecentos, e cincoenta reis, os mil e duzentos em dinheiro, e o mais em mercadoria, que lhe eram devidos de seu soldo de tres mezes, que começaram ao primeiro de Fevereiro de mil quinhentos, e cincoenta, e um té o derradeiro de Abril do dito anno a sete mil reis por anno, e que por elle, e seu conhecimento, e Certidão do Escrivão da Matricula de ficar posta verba em seu titulo, lhe sejam levados em conta.

503 . Para "Atambor", DOMINGOS VIEIRA (***Grande dicionário português***, 1873, v. I, p. 633) dá « O mesmo que Tambor, usado na linguagem poética ». PEDRO SINZIG (***Pelo mundo do som***, 1959, p. 31) e TOMÁS BORBA e FERNANDO LOPES GRAÇA (***Dicionário de música***, v. I, 1962, p. 54) usam a grafia "altambor". MÁRIO DE ANDRADE (***Dicionário musical brasileiro***, 1989, p. 30), citando documento português antigo, afirma que "atambor" é « provavelmente o mesmo que tambor em português arcaico ». O termo era corrente em Portugal no séc. XVI, como se vê na carta "*A el-rei D. João*", de FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA (***Obras completas***, 1943, v. II, nº 135, estrofe LXIX, p. 44): « Não assoberbam soldados | aqui, nem soa atambor; | os outros reis seus estados | guardam de armas rodeados, | vós rodeado de amor ». No Brasil, é assinalado apenas entre portugueses e holandeses.

504 . ALBERTO SILVA (*A cidade de Tomé de Sousa*, 1949, p. 33) menciona, entre os "muitos oficiais de muitos ofícios" que chegaram ao Brasil em 29 de março de 1549, na armada de Tomé de Sousa, « trombetas como Diogo Dias, Simão Rodrigues, João de Bexiga etc. recebendo 1$200 mensais de soldo; tambores como Jerônimo de Torres, etc. recebendo 400 rs. mensais de soldo ».

505 . O "trombeta" é, para RAPHAEL BLUTEAU (***Vocabulário português e latino***, v. VIII, 1721, p. 307), o mesmo que "trombeteiro". DOMINGOS VIEIRA (***Grande dicionário português***, 1873, v. V, p. 832) dá "Homem que toca trombeta".

190

[ESTADO DO BRASIL]

DOCUMENTOS: DIVERSOS SOBRE "ATAMBORES" E "CAIXAS". Bahia, 1661-1703.

TEXTOS E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Estas informações, encontradas nos DH, provém de quatro códices diferentes: vol. VII: Códice I-4-1-43 na Biblioteca Nacional; vol. XX: « *Registo de Provisões Reaes* », códice I-19-10-1, vol II da Biblioteca Nacional; vol. XXXII: « Códice existente no Arch. Publ. Mineiro », « *Registo de Provisões Reaes* »; vol. LXXXIV: « *Registo de Cartas Régias* », Livro 3º, códice I-19-17-2 da Biblioteca Nacional.

PUBLICAÇÕES UTILIZADAS: *Documentos Históricos* 1660-1670. Vol. VII da série E V dos docs. da Bib. Nac. Rio de Janeiro, Augusto Porto & C, 1929. 510 pp.

Documentos Históricos 1659-1662; Provisões, Alvarás e Sesmarias. Vol. XX da Série E XVIII dos docs. da Bib. Nac. Rio de Janeiro, Typographia Monroe, 1930. 500 pp.

Documentos Históricos 1651-1693; Provisões, Patentes, Alvarás, Mandados. Vol. XXXII. Rio de Janeiro, Typ. Arch. de Hist. Brasileira, 1936. 508 pp.

Documentos Históricos Registo de Cartas Régias 1697-1705; Pernambuco e outras capitanias do Norte; Cartas e Ordens 1717. Vol. LXXXIV. [Rio de Janeiro], Divisão de Obras Raras e Publicações da Biblioteca Nacional, 1949. 299 pp.

REGISTO DA PROVISÃO DO TAMbor-Mor Antonio Francisco Barradas.

(*v. XX, p. 373*) Francisco Barreto etc. Porquanto está vaga a Praça de Tambor-Mor do Terço do Mestre de Campo João de Araujo por haver fugido Carlos da Luz que servia, e convém provel-a em pessoa que tenha a sufficiencia necessaria tendo eu respeito a concorrer esta na de Antonio Francisco Barradas, e nomeação que nelle fez o seu Mestre de Campo Hei por bem de o prover (Como pela presente faço) na Praça de Tambor-Mor do dito Terço e como tal haverá, e se lhe continuará o soldo na forma que se fazia a seu immediato antecessor Pelo que Ordeno ao Official Maior do dito Terço a que toca lhe dê a posse e Juramento na forma costumada de que se fará as-(*p. 374*)sento nas costas desta; E ao Provedor-Mor da Fazenda Real deste Estado lhe mande assentar a dita Praça livrar o soldo e pagar a razão na forma que se continuava ao dito Carlos da Luz. E aos Tambores daquelle Terço mando o hajam e conheçam por seu tambor-Mor para firmeza do que lhe mandei passar a presente sob meu signal e sello de minhas armas a qual se registará nos Livros a que tocar Bento Pereira de Andrade a fez nesta Cidade do Salvador Bahia de todos os Santos em os vinte e cinco dias do mez de Junho anno de mil e seiscentos e sessenta e um Bernardo Vieira Ravasco o fiz escrever. Francisco Barreto. Registada no segundo Livro dos Registos a que toca desta Secretaria do Estado do Brasil a folhas quarenta e quatro verso Bahia e Junho vinte e sete de seiscentos e sessenta e um. Ravasco. Sente-se a Praça na forma do estylo para o que não está em uso passar-se Provisão mais que o numeramento Bahia dezasete de Julho de seiscentos e sessenta e um Brito. Registou-se em dezasete de Novembro do dito anno.

Gonçalo Pinto de Freitas.

Portaria para o Provedor-mor da Fazenda Real deste Estado mandar á Companhia do Capitão Manuel de Figueiredo Mascarenhas a bandeira e caixas de guerra que lhe faltar.

(*v. VII, p. 119*) Porquanto a Companhia que El-Rei meu Senhor mandou vir de guarnição na nau em que passei a este Estado, de que é Capitão Manuel de Figueiredo Mascarenhas, se embarcou pela pressa com que parti, sem a bandeira e caixas que é estylo dar-se nos armazens, e os Ministros a que toca tinham dado para isso a ordem necessaria. O Provedor-mor da Fazenda Real mande prover a dita Companhia da bandeira e caixas que lhe faltam para servir como as mais desta praça no terço a que está aggregada. E por esta com recibo do mesmo Capitão se levará em conta a despesa que se fizer ao Almoxarife ou Thesoureiro por cuja mão correr nas que der de seu recebimento. Bahia e Setembro primeiro de 1683.

O Conde de Obidos.

Portaria para se darem tres bandeiras e duas caixas de guerra ás Companhias que vão de socorro a Angola.

(*v. VII, p. 165*) O Provedor-mor da Fazenda Real deste Estado mande dar ás tres Companhias que vão de socorro para Angola tres bandeiras, e duas caixas de guerra por conta do dinheiro de que se faz a mais despesa para o mesmo socorro, e por esta se levará em conta ao Thesoureiro Geral nas que der de seu recebimento. Bahia e Maio 4 de 1684.

O Conde de Obidos.

Portaria que se passou para os Capitães trazerem os seus tambores vestidos.

(*v. XXXII, p. 223*) Porquanto os Capitães desta praça costumam trazer os tambores despidos quando entram de guarda, e em todos os mais actos em que marcham as suas companhias vencendo os ditos tambores a sua praça: o Provedor-mor da Fazenda Real os advirta logo na mostra que está passando que os vistam e não marchem sem os levarem vestidos, e calçados o que se entende naquelles actos militares em que os tambores têm exercido com comminação de que além de lhes extranhar qualquer descuido que no cumprimento desta ordem haja (o que não espero) lhes mandarei abater de seus soldos a (*p. 224*) importancia da despeza que farão em vestir os ditos tambores. Esta se registará adonde tocar. Bahia 15 de Julho de 1684. O Marquez.

Registo da carta de Sua Majestade para o Governador Geral dêste Estado, sôbre os tambores e pagens do Têrço dos Paulistas.

(*v. LXXXIV, p. 212*) D. Rodrigo da Costa, amigo. Eu, El-Rei, vos envio muito saudar. Tenho visto vários papéis que aqui me fez José Peixoto de Morais Castro, como Capitão e Procurador do Têrço dos Paulistas de que é Mestre de Campo Manuel Álvares de Morais Navarro, sendo em dêles sôbre se lhe não querer assentar praça mais que um tambor em cada companhia do dito têrço, tirando-se-lhe o outro e o pagem da gineta, e o escudeirado que tem tôdas as mais companhias dos têrços dêste Reino e dêsse Estado a cuja imitação se mandar levantar êste dos Paulistas. Me pareceu ordenar-vos que façais guardar o contrato que se rez com o dito (*p. 213*) mestre de campo e quando nele se não ache que se mandarão dar dois tambores com embandeirado lhe não defirais a êste particular. Lisboa, 4 de julho de 1703. Rei. Conde de Alvor, Presidente. Para o Governador Geral do Estado do Brasil. Matias Miranda de Oliveira a registou em 12 de abril de 1704, e se entregou a própria ao secretário. João Antunes Moreira.

SEÇÃO II — REGISTROS OFICIAIS

D. Documentos sobre a Música em São Paulo (1562-1705)

191

CÂMARA DA VILA DE SÃO PAULO

DOCUMENTOS: ATAS. 1562-1700.

TEXTOS E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Pertencentes ao Arquivo Municipal de São Paulo, as atas foram publicadas em 7 volumes em 1914 e 1915. Precedendo-os, foram publicadas as *Atas da Camara de S.to André da Borda do Campo*; Publicação official do Archivo Municipal de S. Paulo. 1914. S. Paulo, Duprat & C.ª – Rua Direita, 8, 1914. 74 pp., sem conter, no entanto, informações que interessem à musicologia.

PUBLICAÇÕES UTILIZADAS: *Atas da camara da Villa de S. Paulo 1562-1596*. Publicação official do Archivo Municipal de S. Paulo. Vol. I. Seculo XVI. S. Paulo, Duprat & C.ª – Rua Direita, 8, 1914. 508 pp.

Atas da camara da Villa de S. Paulo 1596-1622. Publicação official do Archivo Municipal de S. Paulo. Vol. II. Seculo XVI-XVII. S. Paulo, Duprat & C.ª – Rua Direita, 8, 1915. 500 pp.

Atas da camara da Villa de S. Paulo 1623-1628. Publicação official do Archivo Municipal de S. Paulo. Vol. III. Seculo XVII. S. Paulo, Duprat & C.ª – Rua Direita, 8, 1915. 333 pp.

Atas da camara da Villa de S. Paulo 1629-1639. Publicação official do Archivo Municipal de S. Paulo. Vol. IV. Seculo XVII. S. Paulo, Duprat & C.ª – Rua Direita, 8, 1915. 454 pp.

Atas da camara da Villa de S. Paulo 1640-1652. Publicação official do Archivo Municipal de S. Paulo. Vol. V. Seculo XVII. S. Paulo, Duprat & C.ª – Rua Direita, 8, 1915. 540 pp.

Atas da camara da Villa de S. Paulo 1653-1678. Publicação official do Archivo Municipal de S. Paulo. Vol. VI. Seculo XVII. S. Paulo, Typographia Piratininga, 1915. 479 pp.

Atas da camara da Villa de S. Paulo 1656-1669. Publicação official do Archivo Municipal de S. Paulo. Volume anexo ao Vol. VI. Seculo XVII. S. Paulo, Typographia Piratininga, 1915. 615 pp.

Atas da camara da Villa de S. Paulo 1679-1700. Publicação official do Archivo Municipal de S. Paulo. Vol. VII. Seculo XVII. S. Paulo, Typographia Piratininga, 1915. 550 pp.

Anno de 1583 (vol. I)

[...]

[4.] (*p. 200*) aos dezanove dias do mes de janeiro da era de mil e quinhentos e outenta he tres anos se ajuntarão (*p. 201*) hos snõrs hofisiais da camara pª acordarem algũmas couzas q̃ pª proll e proveito do povo he necessarias <...> e assim mais requereu o procurador do comselho [*Gaspar Nunes*] que suas merces mãdasem que nenhuma pesoa fose as aldeas a reguatarem os indios pʳ causa dos muitos agravos que lhe fazem / e mais requereo ho dito procuador do conselho que todo homem cristão branco que não seja negro de fora que se achar em aldea de negros foros ou cativos bebendo e bailando ao modo do dito jẽtio e suas merses lhes mãdasem e puzesem pregão e pena contra os tais / <...>

[5.] <...> (*p. 202*) jmº masiell [*João Maciel*] escrivão da camara que esto escrivi – balltezar roiz [*Baltazar Rodrigues, vereador*] – salvador de paiva [*Juiz*] – paulo roiz [*Paulo Rodrigues, vereador*] – gaspar nunes.

Anno de 1623 (vol. III)

[...]
[8.] (*p. 55*) Aos vinte e hũ dias do mes de outubro do ano prezente de mil e seis centos e vinte e tres anos nesta villa de são paulo na caza do cõselho onde se custuma fazer vereasão se juntarão ẽ camara os offisiaes della a saber o juis ordinario mel esteves [*Manuel Esteves*] que serve ẽ auzencia de frco jorge e os vereadores bertholameu glz [*Bartolomeu Gonçalves*] gco madra [*Gonçalo Madeira*] e simão borges cergra [*Simão Borges Cerqueira*] e o pdor [*procurador*] do cõselho luis furtado e sendo juntos ẽ camara puzerão ẽ pratiqua as couzas do bem cumũ da terra <...> (*p. 56*) E requereo mais o dito procurador que se fizese acordo sobre o gentio q̃ nesta villa fazem bailes de noite e de dia perqto [*porquanto*] nos ditos bailes aosedia mtos peccados mortaes e ẽsulencias contra o serviço de ds e bem cumũ ẽ cometerẽ fugidas e levantamtos e outras couzas q̃ não declaravão per não ser desentes e vto [*visto*] o dito requerimto acordarão os ditos offisiaes da camara que antes da misa do dia nẽ de noite não ouvesse os ditos bailes so pena do dono do negro ou negra q̃ for achado nos taes bailes pagar cem reis per cada negro ou negra q̃ for achado pera qual efeito serão prezos e da cadea pagara seu senhor e se pasase quartel pera vir a notisia de todos o qual quartel se pasou loguo pera ser fixado <...> (*p. 57*) e de tudo mandarão fazer este termo e asinarão aqui eu callixto da mota escrivão da camara o escrevi – gco madra – Mel esteves – berto glz – Simão borges Cergra – do pdor luis + furtado.
[...]

Anno de 1649 (vol. V)

[...]
[42.] (*p. 372*) Aos dous dias do mes de junho de mil seis sentos e quarenta e nove annos nesta villa de sam paullo na caza da camera della estando juntos nella os ofisiais (*p. 373*) da camera os abaixo asinados ante elles apareseo o p.e vigr.o domingos gomes albernas e por elle foi dito que nam hera serviso de deos nem bem ornato do culto devino que m.el pais de linhares sos exsersitase o ofisio de mestre da capella porquanto não hera util nem capas de servir o dito cargo por nelle ser ser [*sic*] m.to serviso não tendo desipollos nem muzicos pera se selebrarem os offisios divinos como he uzo e costume en todos os mestres da capella assistindo .... com sua fazenda no aumento della e como por tres ou quatro vezes se tivesen todos indispostos com elle dito pe vigr.o com palavras escandallozas diante do santissimo sacramento e do mais povo que prezente estava e em ocaziam que estava revestido na selebrasam do santo sacram.to e alem disto com os .... e comfrades da dita igreja .... a todos em ocaziam de se perderem com elle o sello tambem de que os ditos irmãos percam a sua de serviren aos santos e mais .... sendo de tudo elle dito manoel pais de linhares cauza e como nesta semana santa pasada estando na selebrasam dos sacram.tos do canto na dita igreja elle asentarse em hũ arco da dita igreja por m.tas vezes a fazer escarninhos e rirse dos que estavam ajudando aos ofisios divinos elle nam acudir com os que tinham de obrigasam pello que lhe requeria aos ditos ofisiais da camera os abaixo asinados que o mandasen noteficar que não esersitase o dito cargo

ate se avisar ao s.or prellado pera que provesse no cauzo como lhe paresese justissa e mais ornato e serviso de deos o que visto pellos ditos ofisiais da camera lhe mandaram tomar seu requerim.to e que fose noteficado o dito manoel pais de linhares uzase da dita provisam de mestre de capella ate se avizar o s.or prellado e juntam.te por a (*p. 374*) dita provizam não ser registada en camera como he uzo e custume de que tudo fis este termo em que asinaram com o dito p.e vigr.o domingos machado t.am [*tabelião*] que o escrevi - gregorio joze [*Gregório José de Morais, Juiz*] - o vigro do gomes Albernaz - Anto de sigra [*Antonio de Siqueira, Juiz*] - lionel furtado [*Leonel Furtado, vereador*] - Do teixeira çide [*Domingos Teixeira Cid, vereador*] - Themudo [*João Pereira Themudo, vereador*] - Belchior barreiros [*Procurador do Conselho*].

[...]

Anno de 1657 (anexo ao vol. VI)

[1.] (*p. 39*) o pro dia do mes de janro de mil e seis sentos e sincoenta e sette annos nesta villa de são Paulo nas cazas do conselho della os juizes e vreadores do anno pasado com os vreadores do outro anno antesedente forão ao colego da companhia de jezus aonde estava o cofre dos pilouros e juntos o trouxerão a esta camara onde se abrio e por hum menino foi tirado o piroulo de dentro do dito cofre e abrindosse se achou sairen por Juizes João pais e o cappam anto do canto e vreadores o capitão asenço de quadros e mel pais de linhares e gaspar de godoy moreira e procurador Anto barboza taborda aos quais se mandou logo chamar e vindo os ditos juizes, os do anno pasado lhe derão juramto de que ben e verdadeiramte farião seus cargos e pellos ditos juizes foi logo dado o juramto ao cappam asenso de coadros para que tanben fizese o que devia a seu cargo e o mesmo juramto se deu ao dito an.to Barboza taborda para servir de procurador e por os outros dois vreadores estarem en suas fazendas não forão logo chamados, e mandarão se lhe dese logo avizo de que de tudo mandarão os ditos ofisiais q̃ entrão fazer este termo en que asinarão e eu luis frz crato escrivão da camara que o escrevi - João pais [*Juiz*] - Anto do Canto de misqitta [*Antonio do Canto de Mesquita, Juiz*] - Ascenso D. q.dros - An.to barboza Taborda [*Proc. do conselho*].

[2.] (*p. 40*) Aos dezanove dias do mes de janeiro de mil e sseis ssentos e ssinquoenta e ssette annos nesta villa de ssam paulo ffizeram vreassam os offissiais aBaixo assinados que sservem este prezente anno nesta dita villa <...> e de que fis este termo de vreassan en auzenssia do escrivão da Camara ffranco nabo de m.ça t.am [*Tabelião*] o escrevi - João pais - Anto do Canto de misqitta [*Antonio do Canto de Mesquita, Juiz*] - An:to barboza Taborda [*Antonio Barboza Taborda, Procurador do Conselho*] - Bmeu Nunes do Passo [*Bartolomeu Nunes do Passo, Almotacel*] - estevão frz Porto [*Estevam Fernandes Porto, Almotacel*].

[3.] E Logo na mesma vreassão dito dia mes e ano assina declarado paresseo en Camera o vreador que ssahio no pelouro este prezente anno de sseis sentos e ssincoenta e ssete Manoel pais de linhares e ahi loguo perante mim t.am lhe foi dado o juramento dos ssantos evangelhos ao dito manoel pais not pello juiz ordinario joam pais pera que debaixo delle exzerssite seu carguo bem e ffielmente guardando o ssegredo da justissa e o direito as partes e sserviço de D.s e de ssua mag.de e assim o prometeo ffazer e guardar em que asinou e eu ffranco nabo m.ca tam [*Tabelião*] o escrevi - joão pais - Mel paes de linhares.

[...]

Anno de 1660 (anexo ao vol. VI)

termo de vereansa

[...]

[38.] (*p. 191*) Aos vinte he dois dias do mes de maio de mil he seis sentos he sesenta anos nesta vila de são paulo; na caza da camara dela aonde estavão os ofisiais dela que servẽ este prezente ano os abaixo asinados pera efeyto de tratar do Beñ comum deste povo; he logo por eles foy dito; ao proqurador do conselho; que se tinha algũa couza que requerer o fizese; he pelo dito proqurador. foy requerido aos ditos. ofisiais da camara que mandasem a todos os ofisiais de todos os ofisios maquenicos acodisen con suas dansas. he insinar. a que são obrigados acodireñ as festas delrey. he que de prezente não tinha nada mais que requerer de que fis este termo andre de Barros de miranda escrivão da camara que o escrevi - M.el Alvres de souza [*M. Alves de Souza, Vereador*] - João machado de lima [*Juiz*] - froo miz bonilha [*Francisco Martins Bonilha, Vereador*] - Mel alvers prto [*Manuel Alves Preto, Vereador*] - IOAMVRA.

[...]

Anno de 1664 (anexo ao vol. VI)

[1.] (*p. 347*) Anno do nascimeñto de noso senhor jezu cristo de mil he seis señtos he seseñta he coatro ao primeiro dia do mes de janeiro da dita era nesta vila de são paulo. da capitañia de são viseñte partes do brazil & nesta dita vila nas cazas do coñselho; eñ camera os ofisiais aBaixo asinados mañdarão fazer este auto; eñ como e verdade que viñdo as ditas cazas do coñselho; pera efeito de abrir huñ pelouro; por tereñ acaBado o teñpo; de seu julgado. de doñde mañdarão chamar os omes Boñs do povo que tinhão as chaves do cofre; he fazeñdose deligeñsia por francisquo leme que tinha huma das chaves he por estar auzeñte eñ pernagoa he a molher do dito fransisquo leme mañdou outra chave; que não servia no dito cofre por cuja rezão por se não eñpedir o auto mañdarão os ditos juizes he vereadores se despregase o dito cofre. como se fes. he huñ menino de sete anos baralhañdo os piloiros na forma da lei tirou huñ eñ que sairão por juizes doñ simão de toledo; he joão gago da cuñha he por vereadores Anto da cunha daBreu he amador Bueno: he manoel pais de linhares; prqurador do coñselho pañtalião de souza pereira de que fis este termo eñ que asinarão añdre de Barros de miranda escrivão da camera o escrevy - Loo Castanho Taques [*Lourenço Castanho Taques, Juiz*] - Bertholameu bueno [*Juiz*] - João baruel - Fran.co cezar de miranda [*Francisco Cesar de Miranda, Almotacel*] - Geraldo corea soares - P.o Vaz monis [*Pedro Vaz Muniz, Vereador*].

[...]

[9.] (*p. 351*) Aos desanove dias do mes de janeiro de mil he seis señtos he seseñta he coatro años nesta vila de são paulo na caza he paso do coñselho dela por doñ simão de toledo juiz ordinario foi dado jurameñto dos sañtos avañgelhos ao capitão manoel pais de linhares aos pera servir de vereador este prezeñte ano; por aver saido no pelouro o coal jurameñto lhe deu que deBaixo dele exersese o dito cargo goardañdo eñ tudo o serviso de deũs he de sua magestade segredo de jũstisa direito as partes o que ele

prometeu fazer como ds. lho dese a ẽtẽder de que fis este termo ẽ que asinarão andre de Barros de miranda escrivão da camera o escrevy – Dom Simão de Toledo Piza [*Juiz*] – M.el paes de linhares.
[...]

Anno de 1665 (anexo ao vol. VI)

termo de vereãsa ẽ 8

[...]
[55.] (*p. 442*) Aos oito dias do mes de dezẽbro de mil he seis sẽtos he sesenta he sĩquo; ãnos se juntarão. ẽ vereasão os ofisiais da camera os abeixo asinados; he sẽdo ñela tratarão da memoravel vitoria; que ñoso señhor foi servido dar; a elrei noso señhor dõ afõso que ds. g.de ñas frõteiras de portugal; pelo que asẽtarão; que ẽ fazimẽto de grasas: estive o sor eisposto; ña igreja matris a primeira outava do natal; dõde se cãtaria misa solẽe; cõ pregasão; he q̃ se fizese prosisão; pela vila; dõde saisẽ os ditos ofisiais. ẽ forma he bãdeira real; cõ a mesma soleñidade que se costuma fazer a corpũs criste; a custa do cõselho; do que mãdarão fazer este termo ẽ que asinarão pera q̃ a todo tẽpo cõste da verdade; feito ẽ camera ẽ o dia mes he ano asima decllarado ãdre de barros de mirãda escrivão da camera o escrevi – Antto de siqra de mendoca [*Antonio de Siqueira de Mendonça, Juiz*] – Antonio de Freitas [*Vereador*] (*p. 443*) – Alberto dolivra dorta [*Alberto de Oliveira de Horta, Vereador*] – Dioguo frra [*Diogo Ferreira, Procurador do Conselho*] – Joseph Ortis de Camargo [*Juiz*].
[...]

Anno de 1669 (vol. VI)

termo de juramto dado ao almotasel moel vieira

[...]
[43.] (*p. 176*) Aos tres dias do mes de novembro de mil he seis sentos he sesenta he nove anos nesta vila de são paulo na caza he paso ao conselho dela pelo juis ordinario An.to ribeiro baião foi dado juram.to dos santos evangelhos sobre hun libro deles en que pos sua mão he lhe encaregou o dito juis que debaixo do dito juram.to servise o dito cargo goardando en tudo o serviso (*p. 177*) de deos he de sua mag.de direito as partes de que ele prometeu fazer o que deos lhe dese a entender de que fis este termo Andre de Barros de miranda escrivão da camera o escrevi – An.to Rib.ro Bayão [*Antonio Ribeiro Bayão, Juiz*] – M.el V.ra bairros [*Manuel Vieira de Barros, Almotacel* 509]

Anno de 1681 (vol. VII)

Termo de eleição

[...]

[5.] (*p. 86*) E sendo no dito dia atras escritto e declarado [*20 de janeiro de 1681*] estando juntos os senhores officiais da camera em camera [*sic*] mandarão chamar os homens bons do Povo p.^{a} darem seus votos p.^{a} effeito de se fazer hum vreador porquanto o vreador que sahio neste pelouro Baltezar da costa da veiga estava no sertão e sendo juntos os ditos officiaes o Juiz ordinario o cap.^{am} Diogo Bueno e os breadores Lucas de camargo e em auzencia de Joseph de godoes Diogo Barboza do Rego e o procurador o cap.^{am} Roque furtado simoins de que seja prezente foi preguntado a cada hum per si em prezencia de (*p. 87*) my escrivão em quem davão seus votos p.^{a} servir de vreador de que fis este termo eu Ambrozio Da Penna Jauffret escrivão da camera o escrevi

Manoel Vieira Barros p^{a} vreador ///////////
O cap.^{am} Gaspar cortes ////
Joseph ortiz de camargo /////
Luis Porrate penedo /

[6.] E sendo feitta a eleição como asima consta sahio por vreador em abzencia de Baltezar da costa da veiga M.^{el} Vieira de Barros que por estar auzente em sua fazenda não se lhe deu juram.^{to} e se mandou em busca delle de que mandarão fazer este termo em que asinarão eu Ambrozio Da Penna Jauffret escrivão da camera o escrevi – Bueno [*Diogo Bueno, Juiz*] – do Rego – Camargo – Roq̃ fur.^{do} simois [*Roque Furtado Simões, Procurador do Conselho*].

[...]

Termo de Juramento dado aos vreadores M.^{el} Vieira Barros e Joseph de godoi mo.^{ra}

[...]

[8.] (*p. 90*) Aos vinte e oitto dias do mes de Janeiro de mil e seis centos e oittenta e hũn annos plo Juiz ord.^{ro} o cap.^{am} Diogo Bueno foy dado Juram.^{to} aos vreadores que sahirão este anno por eleição trienal, M.^{el} Vieira Barros [510]

506 . Segundo a *Enciclopédia da música brasileira* (1977, v. I, pp. 419-420), cujo verbete relativo a **Manoel Pais de Linhares** foi escrito por RÉGIS DUPRAT com base, entre outros documentos, nas próprias *Atas da Câmara* (cf. informação no final desta nota), este personagem foi músico e floresceu na Vila de São Paulo entre 1649 e 1657. Diz o verbete: « Mestre-de-capela

da matriz da vila de São Paulo, em 1649 foi acusado pelo vigário da mesma igreja, Domingos Gomes Albernaz, de displicência no desempenho do cargo, por não incentivar a instrução de discípulos, no sentido de formar e dirigir músicos, cantores e instrumentistas nos ofícios religiosos. Era vereador da câmara da vila de São Paulo em 1657, quando assinou, com os pares, o registro da provisão de mestre-de-capela, passada pelo vigário geral da diocese do Rio de Janeiro RJ, para Manoel Vieira de Barros, seu sucessor ». A EMB omite o segundo mandato de LINHARES como vereador em 1664, quando já não exercia mais a função de mestre de capela.

507 . **Manuel Pais de Linhares,** eleito pelo « pilouro » da Companhia de Jesus assina, como vereador, atas dos dias 20/01 a 21/07/1657. A partir de 11/08/1657 (p. 56) não aparece em nenhuma outra reunião, tendo efetivamente exercido a função de vereador de 20/01/1657 a 04/08/1657, presente em 21 seções e ausente em 3.

508 . **Manuel Pais de Linhares,** diferentemente do ano de 1657, exerce todo seu mandato de vereador, novamente outorgado pelo sorteio do « pilouro », iniciando a função em 19/01/1664 e comparecendo a 29 seções, até 28/12/1664, última seção do ano. Como de costume, comparece também à seção de 1º de janeiro de 1665. Das 10 seções em que se ausenta, apenas uma justifica sua falta, em 12 de julho de 1664, como se lê na ata do dia (p. 371): « declaro que se fes vereaça o dia atras coñ o vereador do ano pasado fr.^{co} sezar de miraÑda por falta do verador manoel pais de linhares he por doeñsa do vereador fransisquo cubas de que fiz esta decilarasão sobredito tabalião o es digo escrivão da camera [*André de Barros de Miranda*] o escrevy – ». A última notícia que dá a câmara da villa de São Paulo sobre Manuel Pais de Linhares encontra-se na ata da seção de 02/04/1667, onde aparece como fiador no « termo de rematasão da carne de vaqua este año de 1667 a bastião alves pimentel » (pp. 534-535), assinando o mesmo. Porém, os ***Inventários e Testamentos*** » (vol. IV, 1920, pp. 186-188) mencionam um « Manoel de Linhares morador nesta villa de São Francisco das Chagas » em 24/09/1672.

509 . Segundo a ***Enciclopédia da música brasileira*** (op. cit., vol. I, p. 74), **Manuel Vieira de Barros** foi músico e floresceu em São Paulo entre 1657-1685. Diz o verbete de RÉGIS DUPRAT: « Provisionado como mestre-de-capela da matriz de São Paulo a 6 de abril de 1657, por ordem do vigairo-geral da diocese do Rio de Janeiro RJ, em 1669 é dado como almotacel (fiscal de pesos e medidas) e em 1681 como vereador. Em 1683, cedeu algumas casas na praça da matriz para hospedar a comitiva do bispo do Rio de Janeiro, d. José de Barros Alarcão. Em 1685 doou-as ao bispado, concorrendo para a função e edificação do Recolhimento de Santa Teresa, destinado a moças ». **Manuel Vieira de Barros** já fora testamenteiro de seu pai em 20/04/1660 (***Inventários e Testamentos*** », vol. XVI, pp. 177-202) e em 21/05/1667 já recebia para a execução de música na vila de São Paulo (***Inventários e Testamentos*** », vol. XVII, p. 35). A partir desta data seu nome aparece com freqüência nos *Inventários e Testamentos*. Porém, esta é a única ata que assina antes de 1681, onde aparecerá como vereador. RÉGIS DUPRAT (*Música na Matriz de São Paulo colonial*, 1966, pp. 86-87 e *Música na matriz e Sé de São Paulo colonial*, 1977, p. 15) traz informações detalhadas sobre a vida deste músico, que já era conhecido de RENATO ALMEIDA (***História da música brasileira***, 1942, parte II, cap. VII, p. 294).

510 . **Manuel Vieira de Barros** assina as atas como vereador de 28/01/1681 a 19/01/1682, ocasião em que se fizeram novas eleições. Outra notícia se tem deste paulista, quando participa como testamenteiro no inventário de Custódia Gonçalves, entre 07/12/1679 e 21/01/1682 (***Inventários e Testamentos*** », vol. XI, 1921, pp. 321-332).

192

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO

DOCUMENTO: **PROVISÃO DE MESTRE DE CAPELA DE MANUEL VIEIRA DE BARROS.** Rio de Janeiro, 06 de abril de 1657.

TEXTO: O « *Traslado da provisão de mestre de capella de Manuel Vieira de Barros* » encontra-se no volume 135 do « Registro Geral da Câmara Municipal de S. Paulo » do Arquivo Municipal desta capital, referente ao « Anno de 1657 » e publicado na coleção de mesmo nome em 1917.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Registro Geral da Camara Municipal de S. Paulo 1637-1660*. Vol. II, Seculo XVII. S. Paulo, Typographia Piratininga, 1917. 547 pp. (Publicação official do Archivo Municipal de S. Paulo).

[1.] (*p. 488*) Manuel Vieira de Barros morador na Villa de São Paulo que nelle supplicante concorrem as partes necessarias para servir de mestre da capella e por que na dita villa não .... / pede a vossa mercê seja servido mandar-lhe passar provisão pelo tempo que lhe parecer e receberá mercê / despacho / passe provisão na forma de estylo por tempo de um anno seis de abril de mil e seiscentos e cincoenta e sete / Araujo / provisão / o licenciado Manuel de Araujo provisor e vigario geral no espiritual e temporal nesta cidade do Rio de Janeiro e sua diocese etc. Aos que a presente nossa provisão virem saude e paz para sempre em Jesus Christo nosso Salvador, fazemos a saber que havendo respeito ás partes qualidades e sufficiencia que concorrem na pessoa do supplicante Manuel Vieira havemos por bem de o prover como pela presente nossa provisão o provemos no cargo de mestre da capella da igreja matriz da villa de São Paulo e suas annexas para que nellas possa fazer o compasso e exercitar o dito officio de mestre de capella por tempo de um anno somente se antes disso nós não mandarmos o contrario com o qual cargo haverá os prós e percalços que direitamente lhe pertencerem. E o reverendo parocho o deixará livremente exercer o dito cargo e mandamos sob pena de excommunhão maior que esta nossa provisão se cumpra e guarde etc. dada nesta cidade do Rio de Janeiro sob nosso signal e sello deste juizo aos seis dias do mez de abril João Lopes do Lago escrivão da Camara a fez de mil e seiscentos e cincoenta e sete annos / Manuel de Araujo / sellO / A chancellaria e sello / novecentos e sessenta reis / provisão para servir de (*p. 489*) mestre de capella / pagou seiscentos e quarenta reis / Cumpra-se esta provisão do senhor provisão [*sic*] e vigario geral como nella se contem São Paulo vinte e oito de abril de mil e seiscentos e cincoenta e sete annos pelo vigario estar ausente o coadjutor desta matriz / Manuel da Camara de Bittencourt / Cumpra-se da Camara / Cumpra-se e registe-se como nelle se contem São Paulo vinte e oito de abril de mil e seiscentos e cincoenta e sete annos / Antonio do Canto de Mesquita / Domingo da Rocha / Manuel Paes de Linhares / Custodio Corrêa / Antonio Barbosa Taborda.

193

SÉ APOSTOLICA DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO

DOCUMENTO: **PROVISÃO DE MESTRE DE CAPELA DE MANUEL LOPES DE SIQUEIRA.** Rio de Janeiro, 8 de março de 1683.

TEXTO: O « *Registo da provisão de mestre da capella passada a Manuel Lopes de Siqueira* » encontra-se no volume 136 da « Registro Geral da Câmara Municipal de S. Paulo » (« Anno de 1683 ») do Arquivo Municipal desta Capital, publicado na coleção de mesmo nome em 1917.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Registro Geral da Camara Municipal de S. Paulo 1661-1709.* Vol. III, Seculos XVII e XVIII. S. Paulo, Typographia Piratininga, 1917. 574 pp.

[1.] (*p. 373*) José de Barros de Alarcão por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica bispo desta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e mais capitanias de sua repartição do conselho de Sua Alteza etc. aos que a presente nossa provisão virem saude e paz para sempre em Jesus Christo Nosso Salvador que de todos é verdadeiro remedio e salvação fazemos a saber que a nós enviou a dizer por sua petição Ma digo junta Manuel Lopes de Siqueira[511] que estando actualmente servindo por provisão nossa o mestrado da capella da muito nobre como sempre leal villa de São Paulo e não tendo inda acabado o anno de seu provimento como constou da certidão do reverendo vigario da vara Pedro de Godoy Moreira fôra expulso do sobredito mestrado por Miguel Freire que ao presente está intruzo occupando o dito officio não attendendo ao requerimento que lhe fez o dito Manuel Lopes de Siqueira que lhe deixasse acabar o seu anno obrando nisto mais como por poder absoluto do que pelos meios da justiça o que tudo por nós visto e conforme o direito considerado e attendendo a informação dos senhores do Senado da Camara da sobredita villa e certidões dos muito reverendos padres da Companhia de Jesus religiosos do Carmo e de outras muitas mais pessoas fidedignas havemos por bem e pela presente declaramos ter sido injustamente expulso do mestrado da capella o sobredito Manuel Lopes de Siqueira e assim mandamos com pena de excommunhão maior ex fate incorrendo o vigário da matriz da sobredita villa de São Paulo que sendo-lhe esta apresentada não consinta mais que Miguel Freire exer(*p. 374*)cite a occupação do tal officio em virtude desta metta logo de posse a Manuel Lopes de Siqueira do dito mestrado da capella com o qual haverá todos os emolumentos pertencentes a tal occupação o qual servirá enquanto assim o houvermos por bem e *não* mandarmos o contrário e deixamos todo o direito reservado ao sobredito Miguel Freire a que perante nós possa allegar toda a perda ou injustiça que neste provimento se lhe faz para se lhe mandar satisfazer toda a perda ou danno que deste nosso provimento injustamente lhe resultar dada nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro sob nosso signal e sello aos oito dias do mez de março de mil e seiscentos e oitenta e tres annos eu Gaspar Galete de Andrade o subscrevi José bispo logar do sello a chancellaria gratis provisão para servir de mestre da capella da muito nobre e leal villa de São Paulo como sempre Manuel Lopes de Siqueira enquanto assim o houvermos por bem e não mandarmos o contrario para vossa senhoria ver – Cumpra-se como nella se contem São

Paulo 27 de março 1683 annos Godoy – Registe-se em Camara São Paulo dezesete de abril de seiscentos e oitenta e tres annos Moreira – Camargo – Raposo – Manuel de Lima – Antonio Garcia Carrasco a qual provisão registei eu Jeronymo Pedroso de Oliveira reportando-me ao original em letras mais ou menos que tudo vae na verdade e o corri e concertei em os dezesete dias do mez de abril de mil e seiscentos e oitenta e tres annos e o tornei á parte. – Jeronymo Pedroso de Oliveira.

Concertado com o proprio

Jeronymo Pedroso de Oliveira

511 . **Manuel Lopes de Siqueira**, segundo a *Enciclopédia da música brasileira* (1977, vol. I, p. 725), « nasceu na vila de São Paulo em 23/04/1661 e faleceu em 1715 ». Assim está o verbete, escrito por RÉGIS DUPRAT: « Filho de comerciante do mesmo nome, procurador do conselho da câmara de São Paulo, tinha 19 anos de idade quando recebeu a provisão do mestrado-de-capela da matriz de São Paulo, em substituição a José da Costa Homem, seu provável professor, que deixara o cargo, transferindo-se para a vila de Parnaíba (atual Santana de Parnaíba) SP. Em 1683 polemizou com Miguel Freire, que se apossara do cargo antes do término de seu ano. Apresentando certidões da câmara, do vigário, dos padres jesuítas, carmelitas e outros, requereu ao prelado do Rio de Janeiro RJ – a que estava subordinada a matriz de São Paulo – sua reintegração nas funções de mestre-de-capela. A 8 de março de 1683 foi provisionado no cargo, enquanto a autoridade eclesiástica do Rio de Janeiro não dispusesse em contrário, o que durou 30 anos. Manteve uma escola pública de música e vários de seus discípulos, já sacerdotes, integraram o coro da matriz. De seus alunos destacam-se os mestres-de-capela Antonio Nunes de Siqueira e os padres Manoel Lopes de Siqueira e Ângelo de Siqueira, ambos seus filhos – que o sucederam no cargo – dois dos cinco que teve do casamento com Joana de Castilho. Exerceu ainda cargos de direção nas irmandades de São Miguel e Almas, do Santíssimo Sacramento e da Ordem Terceira do Carmo. RÉGIS DUPRAT (*Música na Matriz do São Paulo colonial*, 1968, pp. 89-93 e *Música na matriz e Sé de São Paulo colonial*, 1977, pp. 13-16), após pesquisa exaustiva, publicou excelentes informações sobre a vida deste mestre de capela.

194

CARTORIO DE ÓRFÃOS DA VILA DE SÃO PAULO

DOCUMENTOS: INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS. 1599-1705.

TEXTOS E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Os manuscritos, que pertencem ao Arquivo do Estado de São Paulo, vêm sendo publicados desde o ano de 1920 e, até 1977 a coleção atingiu 44 volumes, sem ter esgotado toda a documentação. A ordem cronológica nem sempre foi obedecida e estão inéditos papéis dos séculos XVI a XVIII.

TRANSCRIÇÃO: Vários tipos de documentos aparecem nesta publicação: testamentos, inventários, quitações, etc. Para facilitar o estudo e eliminar as complicações da transcrição, copiamos, entre aspas, apenas os trechos que interessam à musicologia, precedidos do nome do falecido, data e cidade da emissão do documento, tudo isso organizado em ordem cronológica, a despeito da ordem em que aparecem nos volumes da publicação.

PUBLICAÇÕES UTILIZADAS: *Inventários e Testamentos.* Papeis que pertenceram ao 1º Cartorio de Orfãos da Capital. S. Paulo, vol. I a XXVII: Typographia Piratininga; vol. XXVIII-XXIX: Edição do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo; vol. XXX-XXXIII: Typ. do Globo; vol. XXXIV: Grafica Beethovegna; vol. XXXV-XXXVII: Companhia Brasileira de Impressão e Propaganda; vol. XXXVIII-XLIV: Publicação Oficial. (Publicação Official do Archivo do Estado de S. Paulo), 1920-1977. Os 44 volumes foram publicados nos seguintes anos: 1920 (v. I-IX), 1921 (v. X-XXVII), 1937 (v. XXVIII-XXIX), 1939 (v. XXX), 1940 (v. XXXI), 1942 (v. XXXII), 1945 (v. XXXIII), 1951 (v. XXXIV), 1952 (v. XXXV), 1953 (v. XXXVI-XXXVII), 1954 (v. XXXVIII-XXXIX), 1955 (v. XL), 1966 (v. XLI), 1973 (v. XLII), 1975 (v. XLIII), 1977 (v. XLIV).

AGUEDA DE ABREU

Testamento (São Paulo, 03/07/1599)

(*vol. I - p. 289*) "uma missa cantada" 512

MARIA ALVARES

Testamento (São Paulo, 15/07/1599)

(*vol. I - p. 195*) "tres officios de um nocturno cada um <...> com suas missas cantadas"

GASPAR FERNANDES

Testamento (São Paulo, 13/04/1600)

(*vol. I - p. 378*) "uma missa cantada de corpo presente" e "neus responsos"

FERNÃO DIAS

Testamento (São Paulo, 13/01/1603)

(*vol. I – p. 411*) "[*missa*] cantada"

Quitação do P. João Alvres (São Paulo, 05/10/1605)

(*vol. I – p. 436*) "uma missa cantada" e "tres missas mais rezadas" por 3$200 réis [513]

MANUEL CHAVES

Testamento (São Paulo, 30/03/1603)

(*vol. I – p. 462*) "outra [*missa*] cantada a Nossa Senhora da Misericordia e outra a Nossa Senhora da Piedade"

Inventário (São Paulo, 04/10/1604)

(*vol. I – p. 478*) "Um pandeiro avaliado em cento e sessenta reis $ 160"

Cousas que se deu à viuva em quinhão (São Paulo, 31/12/1605)

(*vol. I – p. 480*) "Um pandeiro em cento e sessenta réis $ 160"

Contas... [*quitação dos padres João Alvres e Diogo Moreira*] (São Paulo, 08/03/1604)

(*vol. I – p. 489*) "[*2*] missas cantadas e [*1*] officios e [*6*] missas resadas", por 6$000 réis

MÉCIA RDIZ

Testamento (São Paulo, 13/07/1605)

(*vol. XXX – p. 34*) "hua missa cantada cõ officio"

Inventário (São Paulo, entre 01/08/1605 e 04/02/1606)

(*vol. XXX – p. 38*) " / hua viola [514] avaliada em tresentos e vinte rs. 320"

FRANCISCO BARRETO

Testamento (São Paulo, 06/03/1607)

(*vol. II – p. 202*) "missa cantada"

BELCHIOR CARNEIRO

Testamento (São Paulo, 06/03/1607)

(*vol. II - p. 115*) "un officio cantado de nove lições [515] com sua missa cantada"

Quitação do Vigário João Pimentel (São Paulo, 30/12/1609)

(*vol. II - p. 129*) "um officio de nove lições e duas missas resadas", por 1$320 réis

PEDRO ALVARES

Testamento (São Paulo, 03/02/1609)

(*vol. II - p. 362*) "uma missa cantada de ...... offertada"

Legados e dívidas (São Paulo, 07/06/1610)

(*vol. II - p. 409*) "Uma missa cantada [516] de tres lições offertada 2$000"

CUSTÓDIO DE PAIVA

Quitação do frei Constantino da Cruz (São Paulo, 01/02/1611)

(*vol. II - p. 506*) "um officio de nove lições, com sua missa cantada", pelo qual recebeu "a esmola costumada"

ANTONIA GONÇALVES

Testamento (São Paulo, 12/11/1613)

(*vol. III - p. 161*) "nove missas resadas e uma dellas cantada"

PAULA FERNANDES

Inventário (São Paulo, 19/09/1614)

(*vol. III - p. 290*) "Viola" [517] - "Foi avaliada uma guitarra [518] em duas patacas seiscentos e quarenta réis $640"

FRANCISCO RIBEIRO

Inventário (São Paulo, 22/06/1615)

(*vol. IV - p. 28*) "Foi avaliada uma cithara 519 com uma roda de rendas e outra meia em mil e duzentos e oitenta réis 1$280"

JOÃO DO PRADO

Inventário (São Paulo, 23/08/1615)

(*vol. V - p. 80*) "Viola" - "Foi avaliada uma viola com quatro tastos de cordas digo oito tastos de cordas em mil duzentos e oitenta réis 1$280"

Arrematação da viola (São Paulo, 28/08/1615)

(*vol. V - p. 86*) "Foi arrematada a viola com os oito tastos de cordas em Leonel Furtado em mil e trezentos e sessenta réis que nella lançou por não haver quem por ella mais désse a qual quantia logo pagou que o curador recebeu e assignou aqui eu Simão Borges Cerqueira escrivão dos orfãos o escrevi - **Quadros - Domingos Martins**."

ANTONIA DE SOVERAL

Testamento (São Paulo, 26/04/1616)

(*vol. IV - p. 395*) "uma missa cantada"

FRANCISCO GOMES BOTELHO

Testamento (São Paulo, 13/?/1616)

(*vol. IV - p. 350*) "um officio de tres lições com sua missa cantada pelo que se dará o costumado"

ISABEL ANTUNES

Testamento (São Paulo, antes de julho de 1617)

(*vol. V - p. 55*) "uma missa cantada"

ISABEL FERNANDES

Testamento (São Paulo, 11/03/1619)

(*vol. XXX - p. 186*) "hũa missa cantada"

FRANCISCO VELHO

Quitação do p. Manuel Vaz (São Paulo, 08/07/1619)

(*vol. XXV – p. 56*) "duma missa cantada" cobrou "uma pataca"

ANTONIO DA FONSECA

Testamento (São Paulo, 18/08/1619)

(*vol. XXVII – p. 7*) "um officio <...> de tres lições cantado <...> sua missa tambem cantada"

MARTIM RODRIGUES

Testamento (São Paulo, 19/08/1619)

(*vol. II – p. 23*) "uma missa cantada com officio de nove lições"

MARTIM DO PRADO

Quitação do vigário João Pimentel (São Paulo, 01/01/1620)

(*vol. IV – p. 432*) "duas missas cantadas e treze rezadas" por 4$220 réis

ANTONIA DIAS

Testamento (São Paulo, 04/05/1622)

(*vol. IV – p. 374*) "um officio de tres lições que dirá o próprio padre vigário com sua missa cantada"

BALTHAZAR NUNES

Testamento (São Paulo, 29/05/1623)

(*vol. VI – p. 17*) "um officio de tres lições com sua missa cantada"

Inventário (São Paulo, julho de 1623)

(*vol. VI – p. 25*) "Uma viola de seis cordas avaliada em quatro pesos 1$280"

DOMINGAS ANTUNES

Testamento (São Paulo, 16/02/1624)

(*vol. VI – pp. 247-248*) "um officio de nove lições e outro <...> cantados"

PASCHOAL MONTEIRO

Testamento (Santana do Parnaíba, 03/01/1626)

(*vol. XIII – p. 125*) "uma missa cantada com um officio de tres lições"

LOURENÇO FERNANDES SANCHES

Testamento (São Paulo, 26/03/1627)

(*vol. VII – p. 205*) "uma missa cantada"

JERONYMA FERNANDES

Testamento (São Paulo, 05/01/1630)

(*vol. VIII – p. 236*) "uma missa cantada com seu responso"

THOMAZIA DE ALVARENGA

Testamento (São Paulo, 14/04/1631)

(*vol. VIII – p. 249*) "um officio de tres lições <...> com sua missa cantada"

Quitação do Frei Manoel dos Anjos e Frei Domingos da Encarnação (São Paulo, 20/12/1632)

(*vol. VIII – p. 268*) "um officio" por 3$000 réis

ANTONIA DE OLIVEIRA

Testamento (Santana do Parnaíba, 24/01/1632)

(*vol. VIII – p. 310*) "um officio de nove lições com sua missa .... "

Quitação de Gaspar de Brito (Santana do Parnaíba, 25/02/1633)

(*vol. VIII – pp. 332-333*) "um officio de nove lições"

FRANCISCO LEÃO

Inventário (Santana do Parnaiba, 19/02/1632)

(*vol.* ***XIV*** – *p. vi*) "uma cithara" [520] [*no original: "uma sitra"*]

Avaliação da fazenda que se achou (Santana do Parnaiba, 19/02/1632)

(*vol.* ***XIV*** – *p. ix*) "Uma cithara avaliada em pataca e meia $480"

Contas (Santana do Parnaiba, 16/08/1632)

(*vol.* ***XIV*** – *p. xvi*) "Uma cithara que se vendeu e se pagou"

IZABEL MENDES

Testamento (Santana do Parnaiba, 11/01/1633)

(*vol.* ***IX*** – *p. 25*) "um officio de tres lições cantado"

ANTONIO DA SILVA

Testamento (São Paulo, 20/?/1635)

(*vol.* ***X*** – *p. 9*) "uma missa cantada"

LUIZ FURTADO

Testamento (São Paulo, 01/03/1636)

(*vol.* ***X*** – *p. 136*) "uma missa cantada com um officio de tres lições"

Quitação do P. João Alvres (São Paulo, 07/03/1636)

(*vol.* ***X*** – *p. 159*) "un officio de tres lições" por 2$000 réis

MANUEL PRETO, O MOÇO

Testamento (Rio Taquari, ?/?/1637)

(*vol.* ***XI*** – *p. 177*) "um officio de nove lições com sua missa"

Vista do Promotor (São Paulo, ?/02/1640)

(*vol.* ***XI*** – *p. 191*) "O que falta por cumprir neste inventário é o seguinte" <...> "Um officio de nove lições e uma missa cantada"

ANGELA DE CAMPOS E MEDINA

Testamento (Santana do Parnaiba, 11/10/1639)

(*vol. XIII - p. 100*) "uma missa cantada com seu officio de tres lições"

obs.: o testamenteiro é "Manuel da Costa do Pinno" [521]

ANTONIA DE CHAVES

Testamento (Santana do Parnaiba, 20/12/1639)

(*vol. XIV - p. 1v*) "tres officios de defuntos [522] <...> de tres licções <...> com sua missa cantada"

ANASTÁCIO DA COSTA

Testamento (Santana do Parnaiba, 08/10/1640)

(*vol. XIII - p. 221*) "uma missa de corpo presente cantada e não podendo ser seja resada"

ISABEL FERNANDES

Testamento (Santana do Parnaiba, 28/01/1641)

(*vol. XXVIII - p. 153*) "hũa misa cantada de sinquo llisois" e "outra misa cantada de sinquo llisois"

Quitação do P. Alvro Netto Bicudo (Santana do Parnaiba, 04/05/1642)

(*vol. XXVIII - p. 185*) "hũ officio <...> com sua misa cantada", por 6 pesos

obs.: na p. 187 é citado "o mestre da capella Mel. da Costa do Pino" (Santana do Parnaiba, 10/11/1644) [523]

DOMINGOS CORDEIRO

Testamento (São Paulo, 14/08/[*1642 ou antes*])

(*vol. VIII - p. 140*) "um officio de nove lições com uma missa cantada"

AMBROSIO MENDES

Quitação de Alvaro Neto Bicudo (Santana do Parnaiba, 24/06/1643)

(*vol. XIII - p. 505*) "uma missa <...> cantada", "officio" e "missas", pelo qual recebeu mais de 6$000 réis

Quitação de Manoel da Costa do Pino (Santana do Parnaiba, 08/08/1642)

(*vol. XIII - p. 507*) "Digo eu Manuel da Costa do Pino ama mestre da capella desta villa de Santa Anna da Parnaíba que é verdade que estou pago e satisfeito da parte que coube á capella assim de um officio .... lições que cantei por Ambrosio Mendes defunto ...... do acompanhamento que tudo junto se montaram nove patacas e quatro vintens"

obs.: Manuel da Costa do Pino também foi testador de Ambrósio Mendes, em Santana do Parnaiba, em ?/?/1642 (*vol. XIII - p. 482*)

MECIA LOBO DE OLIVEIRA

Testamento (Santana do Parnaiba, 25/02/1644)

(*vol. XXIX - p. 162*) "hũa misa cantada com seu ofisio de tres llisõis"

ANTONIA DIAS

Testamento (Santana do Parnaiba, 11/04/1646)

(*vol. XXXVI - p. 94*) "hua missa Cantada"

ANNA PEDROZA

Testamento (São Paulo, 18/08/1646)

(*vol. XXXIV - p. 46*) "As miSsas de S. Nicolao de Tolentino são sete" - "Am de dizer seis missas rezadas, começadas em segunda feira, e no Domingo se hade dizer a ultima cantada"

ANA DE ALVARENGA

Testamento (São Paulo, 01/04/1648)

(*vol. XXXVI - p. 27*) "hu officio de corpo prezente e <...> hum de nove lições cantada"

IZABEL DE PROENÇA

Testamento (Santana do Parnaiba, 21/04/1648)

(*vol. XXXVII - p. 88*) "hũa misSa cantada"

THOME FERNANDES

Testamento (Santana do Parnaiba, 21/04/1648)

(*vol. XXXVIII - pp. 58-59*) "hu ofiSio de tres llissõeis e hua miSa cantada"

GASPAR DE CUBAS

Testamento (São Paulo, 03/05/1648)

(*vol. XXXVII - p. 52*) "hũ ofisio de tres lisçoins huma missa com seu Responsso ...... cantado"

ANA DA COSTA

Testamento (Santana do Parnaiba, 21/12/1649)

(*vol. XL - p. 36*) "hũ oficio cantado"

SIMÃO DA MOTA REQUEIXO

Inventário (São Paulo, 7/03/1650)

(*vol. XLIV - p. 129*) "hũa arpe Sen cordas en Sua avaliasão de seis mil rz ———————— 6000"

PASCOAL DELGADO

Erdeira nestta fazenda Izabel Delgado orfã / Avaliasão (Santana do Parnaiba, 18/07/1650)

(*vol. XL - p. 144*) " / Foi avaliado tres livros de quãto dorguo [525] e mais quarta pasSios e papeis [526] em quatro mil rs. .... 4.000"

LEONARDO DO COUTO

Inventário (Santana do Parnaiba, 03/08/1650)

(*vol. XLIV - p. 144*) "Foi avalliada hua violla en hua pataca que são trezentos e vinte reis ———————— $320"

Quinhão dos orfãos (Parnaiba, 04/08/1650)

(*vol. XLIV - p. 150*) "hua violla [527] em hua pataqua ———————— $320"

DOMINGOS FERNANDES [528]

Testamento (Santana do Parnaiba, Paragem de Utuguassu, 12/12/1652)

(*vol. XXVII - p. 76*) "uma missa de corpo presente cantada ou resada"

MIGUEL RODRIGUES VELHO

Quitação do vigário Domingos Gomes Albernás (São Paulo, 21/02/1654)

(*vol. XV - p. 350*) "Recebi do capitão Francisco Nunes de Siqueira como testamenteiro do defunto Miguel Rodrigues Velho tres patacas de meu acompanhamento, e cruz, e quatro mil réis de un officio de tres lições de que se pagou a musica de canto de orgão e assin mais a esmola de cincoenta missas que se lhe disseram na conformidade de seu testamento, e por verdade lhe dei esta para seu resguardo por mim feita, e assignada. - São Paulo 21 de fevereiro 1654 annos. - O vigario Domingos Gomes Albernás."

FERNANDO RAPOSO TAVARES

Testamento (Ribeira Grande, Ilha de Santiago do Cabo Verde, 08/11/1658)

(*vol. XVI - p. 130*) "missa cantada de corpo presente"

LOURENÇO DE SIQUEIRA

Quitação de Domingos da Cunha (São Paulo, 21/05/1667)

(*vol. XVII - p. 35*) "Recebi mais do dito testamenteiro dois cruzados de uma missa cantada que disse pelo defunto Lourenço de Siqueira que Deus haja. Em fé do que lhe passei esta, era ut supra. - Domingos da Cunha"

Quitação de Manuel Vieira de Barros (São Paulo, 21/05/1667)

(*vol. XVII - p. 35*) "Recebi de José Ortiz de Camargo dois mil réis de una missa cantada com harpa e baixom a qual mandou cantar pela alma do defunto Lourenço de Siqueira, e por passar na verdade lhe dei esta por mim assignada hoje 21 de maio de 667. - Manuel Vieira Barros."

IGNEZ PEDROSO

Quitação do vigário Pedro Lemme do Prado (São Paulo, 11/12/1670)

(*vol. XX - p. 232*) "de dois mementos que se cantaram duas patacas"

HENRIQUE DA CUNHA LOBO

Quitação de João Machado (São Francisco das Chagas, 27/02/1672)

(*vol. IV – p. 191*) "uma pataca de acompanhamento e um memento [illegible] que cantei no enterro"

CATHARINA DO PRADO

Quitação de Manoel Soeiro Ramires (São Paulo, 28/06/1674)

(*vol. XVIII – p. 407*) "um responso que se cantou", pelo qual recebeu 2 patacas

Quitação de Manoel Soeiro Ramires (São Paulo, 11/09/1674)

(*vol. XVIII – p. 408*) "Recebi dois mil réis da musica"

CATHARINA RIBEIRO

Quitação do vigário Domingos Gomes Albernás (São Paulo, 30/04/1677)

(*vol. XXII – p. 426*) "dez mil réis se pagou a musica de canto de orgão de dois coros": "Recebi do capitão-mor o senhor Antonio Ribeiro de Moraes dez mil réis em dinheiro de um officio de nove lições que se fez em o Collegio desta villa pela alma da defunta Catharina Ribeiro sua mulher dos quaes dez mil réis se pagou a musica de canto e orgão de dois córos, e assim mais duas patacas do enterro, e por verdade passei esta por mim feita e assignada 30 de abril de 77 annos. O Vigario **Domingos Gomes Albernás**."

MATHEUS DE SIQUEIRA

Quitação de Manoel Lopes (São Paulo, 17/06/1680)

(*vol. XIX – p. 470*) "quatro mil réis por lhe cantar um officio que fiz na Matriz desta villa de São Paulo"

MARIANNA DE CAMARGO

Quitação de Antonio Raposo de Siqueira (São Paulo, 28/09/1680)

(*vol. XXII – p. 211*) "Recebi uma pataca do acompanhamento e tres mais do memento e harpa [illegible] de que passei a presente. São Paulo 28 de setembro de 1680. – **Antonio Raposo de Siqueira**."

ANTONIO DE AZEVEDO

Quitação do vigário Domingos Gomes Albernás (São Paulo, 14/04/1681)

(*vol. XXI – p. 159*) "recebi tres patacas do memento do mestre da capela"

DOMINGOS DA SILVA

Quitação do P. Antonio Raposo de Siqueira (São Paulo, 10/12/1681)

(*vol. XXI – p. 256*) "Recebi mais de um officio de dois córos de nove lições com harpa e baixos cinco mil e oitocentos réis. – O Padre Antonio Raposo de Siqueira"

ANNA MARIA RODRIGUES

Quitação de [*Manuel*] Lopes de Siqueira (São Paulo, 20/12/1682)

(*vol. XXIII – p. 432*) "Recebi cinco mil réis de officios, e tres patacas do memento com harpa. – .... **Lopes de Siqueira.**"

ANNA DA SILVA

Quitação do P. Bernardo de Quadros (Santana do Parnaiba, 31/10/1686)

(*vol. XXII – p. 175*) "dois mementos", pelos quais recebeu 2 patacas

ANTONIO RIBEIRO DE MORAES

Quitação de Gaspar Corrêa de Alvarenga (São Paulo, 16/10/1686)

(*vol. XXII – p. 415*) "missa cantada e officio de nove lições", pelos quais recebeu uma pataca e meia

Quitação de Miguel Freire (São Paulo, 19/10/1686)

(*vol. XXII – p. 416*) "um memento de canto de orgão", recebendo 4 patacas

Quitação de Pero Jacome Vieira (São Paulo, 19/10/1686)

(*vol. XXII – p. 416*) "officio de corpo presente de dois córos"

SEBASTIÃO PAES DE BARROS

Inventário (Santana do Parnaíba, 24/12/1688)

(*vol. XXII - p. 230*) "Foi avaliada uma viola em sua avaliação em dois mil reis 2$000"

(*vol. XXII - p. 233*) "uma harpa velha com sua chave [531] em sua avaliação em meia pataca $160"

Arrematação da viola (Santana do Parnaíba, 25/12/1688)

(*vol. XXII - pp. 236-237*) "Foi arrematada uma viola por não haver quem por elle mais désse em Domingos Alvres em dois mil e duzentos e quarenta réis o qual dinheiro se entregou a Thomaz Fernandes como procurador de José Madeira a quem compete o dito dinheiro e assim com seu tio Sebastião Sutil de Oliveira de que fiz este termo em que se assignou com o dito juiz eu André Nunes de Oliveira tabellião que o escrevi. - Manuel Franco de Brito - Domingos Alvres Maciel - Sebastião Sutil."

FERNANDO DE CAMARGO

Quitação de Miguel de Freitas (São Paulo, 05/09/1690)

(*vol. XXIII - p. 116*) "Recebi quatro patacas de um memento em canto de orgão hoje 5 de setembro de 690. - **Miguel de Freitas.**"

JOANNA LOPES

Quitação de Miguel Freire (São Paulo, 25/01/1692)

(*vol. XXIII - p. 105*) "Recebi do senhor José Gonçalves, tres mil novecentos e sessenta de um memento em canto de orgão e de um officio de tres licões tambem em canto de orgão hoje 25 de janeiro de 692 annos. - **Miguel Freire.**"

PEDRO VAZ DE BARROS

Quitação de João Gonçalves da Costa (São Paulo, 28/03/1695)

(*vol. XXIV - p. 22*) "dois cruzados do acompanhamento com um memento" [532]

Quitação de Luis Porratte Penedo (São Paulo, 28/03/1695)

(*vol. XXIV - p. 22*) "dois mil réis de dois mementos com harpa"

CATHARINA DORTA

Quitação de Manuel Alves de Siqueira (São Paulo, 10 ou 11/12/1698)

(*vol. XXIII, 1921, p. 455*) "Recebi doze tostões do memento que cantei. - **Manuel Alves de Siqueira.**"

Quitação de João da Motta Pinto (São Paulo, dezembro de 1698)

(*vol. XXIII - p. 456*) "oito missas e assim mais uma missa cantada que tudo importa dois mil e oitocentos e oitenta réis"

JOSE PERES

Quitação de Manuel Lopes de Siqueira (São Paulo, 30/07/1698)

(*vol. XXIV - p. 123*) "Recebi doze tostões do memento que cantei. - **Manuel Lopes de Siqueira**"

DIOGO BUENO

Quitação de João da Motta Pinto (São Paulo, 12/01/1700)

(*vol. XXIV - p. 369*) "trinta e cinco missas e assim mais uma missa cantada como tambem a esmola do habito que tudo somma em dinheiro quatorze mil e duzentos réis"

Quitação de Antonio Raposo de Siqueira (São Paulo, 12/01/1700)

(*vol. XXIV - p. 370*) "Acompanhamento gratis"

Quitação de João da Motta Pinto (São Paulo, 12/01/1700)

(*vol. XXIV - p. 370*) "missa cantada que se cantou em São Francisco por tres mil réis"

Quitação de Joachim de Godoy Moreira (São Paulo, 12/01/1700)

(*vol. XXIV - p. 370*) "Do acompanhamento, e memento gratis"

AFFONSO DIAS DE MACEDO

Testamento (Vila de Nossa Senhora da Candelária de Utuguassú, 20/03/1700)

(*vol. XXIV - p. 471*) "declaro que tenho umas violas de pinho do reino"

ANTONIO CASTANHO DA SILVA

Quitação de Alvaro Neto (Santana do Parnaiba, 23/04/1700)

(*vol.* ***XXV*** *– p. 161*) "dois mementos que cantei", recebendo 4 patacas

CONSTANTINO COELHO LEITE

Quitação do Frei Ignacio da Luz (Santos, 10/07/1700)

(*vol.* ***XXV*** *– p. 146*) "da missa cantada" recebeu 2 mil réis

ANTONIO MACHADO DO PASSO

Testamento (Nossa Senhora da Candelária de Utu, 14/11/1705) – "Codicillo"

(*vol.* ***XXV****, 1921 – p. 170*) "Declaro que me deve a fazenda de Cornelio Rodrigues Arzão que Deus tem dezesseis mil e oitocentos réis do ensino de dois meninos de minhas musicas a clareza desta divida é Antonio Corrêa de Sá porque entregou Manuel Gomes Arzão antes que me pagassem o por onde constava que me era a dever e assim me deve em consciencia".

(*vol.* ***XXV****, 1921 – p. 192*) "Peço pelo amor de Deus a todos os senhores musicos que têm cantado commigo assim compadres como amigos e parentes que achar que lhe devo alguma cousa da musica peçam a meus testamenteiros senão me perdoem pelo amor de Deus".

512 . A grande maioria das missas que se solicitava nesses *testamentos* era de « missas rezadas ». As « missas cantadas » aparecem como exceções e como unitárias, dentre todas as missas requeridas.

513 . Durante a maior parte do séculos XVI e XVII, os principais valores monetários que circulavam no Brasil eram o tostão ($100 réis), o peso ($320 réis), a pataca ($320 réis) e o cruzado ($400 réis). Em *O Museu de Valores do Banco Central do Brasil* (1988, pp. 136-137) encontramos fotografias de moedas que existiram no Brasil durante os séculos XVI e XVII, acompanhadas do seguinte comentário: « Moedas portuguesas de diferentes reinados circularam em nossa terra. Aqui, em ouro, o cruzado de D. João III; em prata, tostão de D. Manuel I, meio tostão e dois vinténs de D. João IV e, em cobre, dez réis de D. João III. Ampliados, o vintém de D. Manuel I e o ceitil, com as muralhas de Ceuta e "três torres banhadas pelo mar". ¶ Outras moedas européias, trazidas por expedições francesas, holandesas, inglesas, espanholas, também circularam, avaliadas por seu peso em ouro e prata ».

514 . São parcas, nesse período, as informações do Brasil sobre a proveniência e características físicas da viola. No *inventário de João do Prado* (São Paulo, 23 de setembro de 1615, v. V, p. 25), encontra-se « uma viola com (...) oito tastos de cordas ». No *inventário de Baltazar Nunes* (São Paulo, julho de 1623, v. VI, p. 25) há « ũa viola de seis cordas » e no testamento de Affonso Dias de Macedo (Utuguassú), 20 de março de 1700, v. XXIV, p. 471), o mesmo declara que possui « umas violas de pinho do reino ». A falta de notícias sobre a construção de violas no Brasil até 1700 e, mesmo as dificuldades que haviam para isso, fazem supor que esses, como vários outros instrumentos musicais, eram produzidos em Portugal e trazidos ao Brasil por comerciantes. Pela « Pauta daDizima da Alfandega da Villa de Santos pela do Rio de Janeiro anno 1739 » (*Documentos interessantes para a história e costumes de S. Paulo*, v. XLV, 1924, p. 168), ficamos sabendo que nesse ano entraram no Brasil « Violas Comuas aduzia 6$000 | Violas marchetadas cada huma $800 | Violas pequenas aduzia 1$800 », além de (*idem*, p. 194) « Cordas de Viola omasso $500 ». Sobre sua construção, ao menos, há informações vindas de Portugal no séc. XVI. MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 562) cita um documento de 1572, do qual uma cópia datilografada lhe fora ofertada por José Bento Faria Ferraz [Flávia Camargo Toni enviou cópia a Edelton Gloeden que, gentilmente, nos repassou um exemplar] e que está parcialmente transcrito em ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA (*Instrumentos musicais populares portugueses*, 1966, p. 137, nota 29). Trata-se « *Do Regimento dos Violeiros* », Cap. XLI (ff. 157-159) do Livro *dos Regimentos dos Officiaes mecanicos da Mui Nobre e Sempre Leal Cidade de Lisboa*; publicado e prefaciado pelo Dr. Vergilio Correia. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926, pp. 138-139: « 4. – E o official do dito officio que tenda houuer de ter faraa hũa viola de seis ordẽs de costilhas de pao preto ou vermelho laurada de fogo muito bem moldada e laurada, tampão e fundo de duas metades – ss – junta pelo meo muito bem feita e marchetada cõ hũ marchete de oito e outro de quatro muito bem feitos, e pelo pescoço arriba leuara hũ rotolo ou hũa trena cõ huas encaixadoras cõ seus remates e seraa grudada cõ grude de pexe, fundo e tampão, e seraa forrada per dentro cõ forros de pannos | Item faraa hũ laço de talha fundo ou raso muito bem feito: | Item regrara muito bem a dita viola e a alimpara e per esta manr.ª seraa acabada: | Item encordoara a dita viola muito bem segundo pertencer ao tamanho della, e apontara e afinara de maneira que possão nella tanger: | Item faraa hũ taboleiro de xadrez e tauolas acostumado muito bẽ desempenado que seia para passar cõ as casas do taboleiro muito bem assentadas: | Item faraa hũa arpa do tamanho que quiserem bel laurada e bem junta e bem grudada cõ grude de pexe e de bõo compasso das cordas que não vão hũas mais largas que outras: | Item faraa hũa viola de arco tiple ou cõtrabaxa qual quiserem laurada de fogo e do tampão cauado de muito boa grossura toda igoal e da regra que venha conforme ao cavalete que não seia muito alto nem muito baixo: | 12. – Item mandão que os violeiros que tenda teuerem que fação as violas de seis ordẽs de duas costilhas, e seião forradas cõ pinos ou lenços. e os laços dellas de talha seião de folha. e se os quiserem fazer no tampão seião forrados de pergaminho ».

515 . MATHIAS DE SOUSA VILLA-LOBOS (*Arte de cantochão*, 1688, cap. LVII, p. 179) dá o exemplo musical de um "Ponto" precedido pela frase: « As liçoens de defuntos se cantam desta maneira ».

516 . JOAQUIM DE SANTA ROSA DE VITERBO (*Elucidário*, 1865, v. II, p. 92) traz uma curiosa "Nota do auctor" anexa ao verbete "Missa dos diaconos, subdiaconos, e acolitos": « Havendo fallado da missa, não será desacerto dizer alguma cousa da sua esmola, que parece foi subindo gradualmente com os generos de primeira necessidade. Segundo alguns documentos de Viseu, no seculo XII não passava ell, de "um soldo". No seculo XIII, chegou a "dous soldos". No de 1304 era já de "tres soldos", como se vê por um documento da Igreja de S. Tiago de Coimbra. No de 1520 se pagava uma missa "de tres em renge", isto he, com ministros sacros, a canto de orgão, e com a assistencia da Communidade de S. Francisco de Lamego, por "20 réis"; ficando-nos lugar de presumir, que a rezada, e de um só padre seria menos de "10 réis". Consta por um documento da Universidade que no de 1523 se mandou pagar a missa, a "18 réis"; pagando-se antes a "12 réis". No Synodo de Coimbra de 1566 se mandou que a esmola da missa fosse de "30 réis" sendo antes de "20 réis". No de 1590 (Assim se lê na primeira edição) por uma sua provisão para a Misericordia de Coimbra concedeo o senhor Rei D. Manoel, que fosse de "40 réis" a esmola da missa rezada. "Ibidem". Nada disto nos póde causar admiração à vista de um documento de S. Christovão de Coimbra de 1401, pelo qual se commutou a pensão de "sete alqueires de azeite por sete livras", cinco das quaes faziam um real de dez soldos. V. "Decimas", onde se achará a avaliação dos fructos no de 1515, e combinando o tempo que passou com aquelle em que vivemos, será facil o saber quanto excediam os 2, ou 3 soldos dos antigos, aos 120 réis, que algumas Constituições Diocesanas ultimamente prescreveram ».

517 . No v. III (1920) desta coleção, às pp. 275-285, está o inventário de Catharina Dorta [não há testamento], iniciando a 21 de abril de 1626. Não é a mesma Catharina Dorta, cujo *inventário* de 1686 foi publicado no v. XXIII (1921) da mesma coleção. Por um erro, um tanto grosseiro, de AFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY (*Música e pintura seiscentista em São Paulo*, 1935, p. 11), esta "viola", que pertenceu a Paula Fernandes, foi colocada entre os bens de Catharina Dorta, cujo inventário não acusa nenhum instrumento musical. A origem do erro é o fato de três processos terem sido publicados em conjunto nesse volume (pp. 271-360), a saber: Catharina Dorta, Paula Fernandes e Raphael de Oliveira. Ao encontrar essa informação na p. 290, TAUNAY imediatamente a atribuiu ao inventário da primeira pessoa. Freqüentemente citados, os instrumentos dos inventários seiscentistas vão sempre acompanhados do erro de TAUNAY e de outros, por conta dos historiógrafos que se seguiram.

518 . Esta citação demonstra o quão antiga é a confusão que se faz entre esses dois instrumentos, diferentes tanto na estrutura quanto na origem. ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA (*Instrumentos musicais populares portugueses*, 1966, p. 135, nota 1) esclarece a questão: « As palavras portuguesas **Viola** e **Guitarra** criam mal-entendidos que convém esclarecer desde já: **Viola**, em português, designa o instrumento a que em todos os países europeus compete o étimo de **Guitarra** (de caixa com enfranque); **Guitarra**, em português, designa o instrumento que corresponde a uma espécie de cistro (sem enfranque). Mas mesmo em Portugal a palavra Viola corresponde a dois cordofones de mão com enfranque: no Norte, onde subsiste com plena vitalidade o velho instrumento quinhentista, a palavra **Viola** designa um cordofone daquele tipo, com cinco ordens de cordas metálicas duplas; no Sul, onde esse instrumento se extinguiu, ela designa o seu substituto setecentista, de seis cordas singelas de tripa. A este último instrumento, no Norte, para o distinguir da **Viola** de cinco ordens, dá-se o nome de **Violão**. O instrumento que em todos os países europeus se designa pela palavra **Viola** – o "alto" dos cordofones de arco – é designado em português pela palavra **Violetta** (e às vezes por **Viola**, numa terceira acepção do termo) ».

519 . "Cithara", para RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. II, 1712, p. 331) é « Instrumento musico, pouco diverso do alaude; tem córdas de latão, & tócase com huma penna ». Já ANTÔNIO DE MORAIS SILVA (*Dicionário da língua portuguêsa*, 1789, v. I, p. 279) diz « Instrumento musico, de braço mais longo que a viola, com cordas de arame, e trastos de latão huns inteiros, e outros té meia largura do braço ». O termo é extremamente antigo, como se vê em BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, suplemento, parte II, 1728, p. 285), tendo designado vários tipos de instrumentos de cordas. MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 143) diz: « Família de instrumentos de cordas pinçadas com os dedos ou plectros, ou percutidas com vaquetas ou martelos. A caixa de ressonância das cítaras pode ter formatos diversos como um tubo (V. Valiha), retângulo (V. Koto), trapézio (V. Saltério, Santir) ou triângulo (V. Medio canón), com orifício para saída do som (V. Harpa eólia) ou com uma cabaça acoplada para aumentar a reverberação. As cordas, em geral, acompanham todo o comprimento da caixa de ressonância ». TOMÁS BORBA e FERNANDO LOPES GRAÇA (*Dicionário de música*, v. I, 1962, pp. 325-326) acrescentam que « Finalmente, a cítara tende, nos últimos séculos, para uma evolução formal, que vai tornando definitiva em alguns países do Norte e pretende espalhar-se por toda a Europa; é a cítara chamada horizontal, que, quanto ao seu dispositivo, não tem ponto algum de contato já com a primitiva nem com o cistre, que o antecedeu ». O mais provável é essa **cítara** que veio parar em São Paulo fosse do tipo que tinha braço e caixa de ressonância, ancestral da atual **guitarra portuguesa**, e que naquele tempo também era chamada de **guitarra**. Cf. também F. J. FÉTIS (*A música ao alcance de todos*, 1858, p. 30), ISAAC NEWTON (*Dicionário musical*, 1904, pp. 68-69) e PEDRO SINZIG (*Pelo mundo do som*, 1959, p. 161).

520 . Referente à **cítara**, PEDRO SINZIG (*Pelo mundo do som*, 1959, p. 161) transcreve informação de ERNESTO VIEIRA (*Diccionario Musical*. Lisboa, E. Gazeta Musical, 1890): « consistia numa espécie de **guitarra**; denominava-se também **cestro**, **citola**, **citra**, **citula**, **cistro**, **cistre**, (em fr.) **sistre**, **sistro** e **guitarra alemã** ».

521 . Segundo a *Enciclopédia da música brasileira* (1977, vol. II, p. 611), MANUEL DA COSTA DO PINO foi músico e faleceu em Parnaíba no ano de 1653. Diz o verbete (de RÉGIS DUPRAT): « Filho de Belchior da Costa e Isabel Rodrigues, aprendeu música bem cedo e serviu no coro da matriz da vila de São Paulo SP. Em 1610, integrou a comissão da câmara que encarregou Cornélio Arzão de reedificar a matriz. Transferindo-se para Parnaíba, foi mestre-de-capela, organizando um coro que dirigiu até a morte. Juiz ordinário na vila de Parnaíba em 1627, era mordomo das confrarias do Senhor e das Almas em 1642. Homem de grande prestígio na Igreja e nas funções públicas, teve exéquias soleníssimas ».

522 . DOMINGOS VIEIRA (*Grande dicionário português*, 1873, v. IV, p. 556) informa: « Officio de defuntos; preces pelo bem das almas. "Depois de o corpo ser na Egreja, e lhe fazerem todolos officios dos defuntos em pontifical, foi sepultado na mesma capella, onde jazia enterrada a Rainha donna Isabel sua mãi, filha do Infante dom Pedro". Damião de Goes, Chronica de D. Manoel ».

523 . Os *Inventários e Testamentos* fornecem várias informações que interessam ao conhecimento de MANUEL DA COSTA DO PINO: foi « juiz ordinario » no inventário e testamento de Manuel Pinto Saniga (vol. VII – pp. 331-337), « testamenteiro » de Angela de Campos e Medina (Santana do Parnaíba, 11/10/1639 – vol. XIII, p. 100), desde 1639 a 1641 (vol. XIII, pp. 97-114) e também « testador » de Ambrosio Mendes (Parnaiba, 1642 – vol. XIII – pp. 476-540). Em 19/04/1645 foi « procurador de sua irmã já viuva Visencia da Costa », no inventário de Ursola Colaço (v. XXIX, p. 33). E no testamento de Antonio de Souza Couto (Parnaiba, 7/04/1652), vol. XLIV p. 236, há a informação: « Me deve Mel da Costa do pino Sento e tantas pataquas de faz.da q lhe vendi de panno, ».

524 . PAULO FLORÊNCIO DE OLIVEIRA CAMARGO (*História de Santana do Parnaíba*, 1971, cap. IV, nº 1, pp. 96-97) traz as seguintes informações sobre **Santana de Parnaíba**: « O primeiro mestre de capela, Manuel da Costa do Pino, era filho de Belchior Costa e de sua primeira mulher, Isabel Rodrigues, portanto, enteado de Suzana Dias; aprendeu música e serviu no côro de São Paulo e Parnaíba. Os camaristas paulistanos de 1610 encarregaram Cornélio Arzão de reedificar a igreja matriz de São Paulo. Manuel da Costa de Pino, citado, teve que pagar a parte que fôra atribuida a Belchior da Costa, seu pai. Era a coleta

(fiata) para terminar a igreja; os camaristas não cumpriram o prometido. No seqüestro dos bens do referido Arzão, todos pagaram o que coube aos vereadores do tempo do contrato ou quando falecidos a obrigação passou a seus herdeiros posteriores, todos concorreram para saldar o débito ao construtor. ¶ Transferidos para **Parnaíba**, Pino formou o côro local com vários cantores e músicos para a orquestra. Regeu os cânticos até 1653, quando faleceu. Seu entêrro e exéquias foram solenissimas. Fôra Manuel da Costa do Pino, com respeito à Igreja e cargos públicos, o **homem de maior** prestígio de seu tempo **em Parnaíba**, juntamente com André Fernandes, 1º capitão-mor daquela zona importante ». Logo adiante, OLIVEIRA CAMARGO (**op. cit.**, nº 3, pp. 106-107) acrescenta: « Enquanto se construía a nova Igreja (em c. *1640*), **passou a matriz a** funcionar na capela, imediações das antigas escolas reunidas. Pensava André Fernandes em trazer novos sacerdotes para Parnaíba. Não tinha amizade com os jesuítas, nem estavam nessa época em boa paz com os paulistas. Com a publicação do Breve do Papa Urbano VIII que entregava a direção dos índios exclusivamente aos jesuítas, os paulistas ficaram desatinados. **Romperam** em franca hostilidade contra a Companhia de Jesus. **Pensaram** então os parnaibanos nos **beneditinos**. Fizeram-lhes convite, com promessa de doação de terras para o estabelecimento de residência monacal. Nessa época Manoel da Costa do Pino era encarregado de efetuar o pagamento aos vigarios como consta da seguinte quitação, onde além dos legados deixados pela sua espôsa D.ª Ana de Chaves se lê os emolumentos do Vigário Padre Baltasar: "Estou pago e satisfeito do Sr. Manuel da Costa do Pino da porção do tempo que fui vigário desta vila de Santa Ana da Parnaíba e dos legados da defunta mulher, e das missas que lhe tocaram das confrarias do Senhor e das almas em que êle é **mordomo**, e de outras que me mandou dizer por sua devoção de que tudo estou pago e satisfeito de que já me não deve nada até hoje 6 de julho de 1640 e por verdade me assino – o **Pe. Baltazar Gonçalves**" ». O **mesmo** autor (**op. cit.**, nº 4, p. 111) informa que em c. 1644 « Manuel da Costa do Pino continuava na regência do côro paroquial. Tinha por auxiliar Anastácio da Costa: ambos foram bons músicos sacros em Parnaíba, depois em Itu ».

525 . A expressão **livros de canto de órgão** pode indicar tanto tratados de música quanto coleções de obras vocais. Devem ser livros impressos, uma vez que o documento registra, logo em seguida, **cartapácios** (manuscritos encadernados) e **papéis** (que poderiam ter sido papéis de música). E é mais provável que fossem tratados teóricos, mais úteis em Parnaíba daquela época que obras vocais escritas para cantores europeus. Em Portugal, foram publicados apenas quatro tratados até 1650: O ***Tractado de cãto llano...*** (Lisboa, 1533) e o ***Tractado de canto mensurable...*** (Lisboa, 1535), ambos do espanhol MATHEO DE ARANDA, a ***Arte de canto chão...*** (Coimbra, 1618), de PEDRO THALESIO, e a ***Arte de musica de canto de orgão e canto chão...*** (Lisboa, 1626), de ANTONIO FERNANDES.

526 . Esses **cartapácios e papéis**, pelo contexto, parecem mesmo conter música escrita. JOSÉ DE MORAIS ✝ (*História da Companhia de Jesus na Província do Maranhão e Pará*, 1759, livro III, cap. 1, § 17) fala da catedral de « Bethlem do Grão-Pará », na época em que a escreveu: « A innata propensão do genio deste Excellentissimo Prelado de tal sorte adiantou a bella harmonia da sua musica, que não tem inveja á mais miuda e delicada solfa da côrte, donde se extrahirão para esta cathedral os melhores e mais harmoniosos papeis e cantorias ».

527 . Esta « violla » provavelmente ficou com a « orfã Joana », segundo a partilha de valores, na p. 152.

528 . PAULO FLORÊNCIO DE OLIVEIRA CAMARGO (***História de Santana de Parnaíba***, 1971, cap. V, nº 1, p. 120) informa: « Foi em janeiro de 1653 que faleceu Domingos Fernandes, fundador de Itú. Manuel da Costa do Pino e Francisco Sanches de Aguillar eram cunhados do capitão Fernandes. Foram professôres; o primeiro, já nosso velho conhecido, ensinava música e outro gramática. Usavam a **Arte** e a **Cartilha**, livros da época, para o aprendizado musical e alfabético ».

529 . "Memento", segundo RAPHAEL BLUTEAU (***Vocabulário portuguêz e latino***, v. V, 1716, p. 413) é « Termo latino, de que usa a Igreja na Quarta feira de Cinza, para inculcar aos Christãos a memoria da morte; o qual tambem se diz da segunda parte do Canon da Missa, aonde se faz **commemoração** dos vivos, & defuntos. (E não seus **mementos**. Chagas, 2. part. das Cartas Espirit. 323) ». Os ***Inventários e Testamentos*** mencionam dois tipos de mementos cantados: os solísticos, geralmente acompanhados por harpa, e os **mementos de canto de órgão**, peças polifônicas que exigiam mais de um executante.

530 . A harpa era freqüentemente utilizada para acompanhar o canto solístico naquela época. GREGÓRIO DE MATOS ✝ (**Poesias**, ed. de 1968, v. II, p. 328) comenta em verso esta **função**: « Ficou o Mestre solfista | sem chapéu destro, ou sinestro, | e ainda que na arpa é destro, | vós fôstes maior arpista ».

531 . A **chave** é o aparato usado para afinar ou **temperar** o instrumento.

532 . Já em 1692, durante o governo de Antônio Luis Gonçalves da Câmara Coutinho, o Brasil começava a sofrer uma falta crônica de numerário, em circulação, fato que provocou a reforma monetária e a criação da primeira Casa da Moeda em 1694. FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN (***História geral do Brasil***, v. II, 1854, seção XXXVII, pp. 91-92) discorre sôbre os acontecimentos dessa época: « Propoz o governador Antonio Luiz [*em 4 de julho de 1692*] que a Côrte acudisse ao Brazil com dois milhões de moeda provincial, que não podesse correr no Reino; sendo um milhão para a Bahia e villas annexas; 600 para

Pernambuco, e 400 para o Rio de Janeiro. – A moeda devia ser lavrada com 20 por 100 de excesso de valor extrinsico; dos quaes 15 por 100 seriam restituidos aos possuidores da prata com o valor anterior de 100 reis por oitava, e 5 por 100 ficariam para braçagem e senhoriagem. Assim as moedas de cinco oitavas valeriam 100 reis; as de duas e meia 300 reis, e as de uma oitava 120, e as de meia oitava 60 reis. – Propoz tambem que se lavrassem quarenta mil cruzados de moedas miudas; pois que até então as minimas eram de 40 reis; "sendo obrigado quem lhe basta comprar dez reis ou um vintem da mais infima hortaliça a comprar dois vintens, ou dar dous vintens a um pobre mendigo, – alias ficar este sem esmola, que é o que de ordinario succede." O mal da falta de numerario, foi remediado, e em breve deixou de sentir-se; havendo-se elevado dez por cento o valor do marco de ouro e prata, prohibindo-se a circulação da moeda do Reino, e criando-se casas de fundição na Bahia (1694), em Taubaté (1695), e Olinda (1698); sendo esta depois (1702) transferida para o Rio de Janeiro, e mandando-se (1704) correr no Brazil a moeda de cobre d'Angola ». RODOLFO GARCIA, na edição de 1981 do livro de VARNHAGEN (v. II, seção XXVII, pp. 282-283, nota VII) estuda essa passagem e faz imprimir documentação relativa aos episódios da época. ROBERT SOUTHEY (*History of Brazil*, v. III, 1819, cap. XXXI, p. 23) informa os novos valores que foram postos em circulação a partir de 1694: « Three gold pieces were struck, the moeda or moidore of four milreis, the half moidore, and the quarter; six in silver, of two patacas, one pataca, and half a pataca, one, two, and four vintems ». A publicação *O Museu de Valores do Banco Central do Brasil* (1988, p. 140) traz boas reproduções das peças de ouro, com esta informação: « As moedas de ouro de 1.000, 2.000 e 4.000 réis denominavam-se, respectivamente, quartinho, meia moeda e moeda. As peças fabricadas no Brasil, para uso exclusivo da Colônia, traziam, no reverso, a cruz de São Jorge, enquanto aquelas que circulavam também em Portugal apresentavam a Cruz de Cristo ».

SEÇÃO II — REGISTROS OFICIAIS

D. Documentos sobre a Música em Belém do Pará (c. 1658-1694)

195

ANTÔNIO VIEIRA
(1608 – 1697)

DOCUMENTO: VISITA DO P. ANTÔNIO VIEIRA. [Colégio do Pará, entre 1658 e 1661].

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Exemplar único, encontrado no Colégio do Pará em 1760, começando com a seguinte justificativa: « Direcção do que se deve observar nas Missões do Maranhão ordenada pelo Venerável P. Antonio Vieira, Visitador Geral delas, com consulta de todos os Padres Missionários e aprovada por nosso M.R. P. Geral desde o princípio das ditas Missões, a qual se guardou sempre, exceptuando o que se julgou já se não podia observar ». Foi publicada unicamente na *História* de SERAFIM LEITE, v. IV, cap. II – Regulamento das Aldeias ou a "Visita" do P. António Vieira, pp. 105-124.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE – *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro; Lisboa, Livraria Portugália, 1943. v. IV, pp. 105-124.

OBSERVAÇÕES: 1) Toda a "Segunda Parte" desta Visita será transcrita, dada a sua importância indireta com relação ao estudo da prática musical.

2) Todas as indicações entre calchetes são de SERAFIM LEITE.

3. — SEGUNDA PARTE. DO QUE PERTENCE À CURA ESPIRITUAL DAS ALMAS:

14 — (*p. 112*) [*Doutrina de manhã*]. Todos os dias da semana, acabada a oração, se dirá logo uma Missa que a possa logo uma Missa que a possam ouvir os Índios antes de irem às suas lavouras; e para isso se terá a oração a tempo que quando sair o sol esteja ao menos começada a Missa, a qual acabada se ensinarão aos Índios em voz alta as orações ordinárias: a saber Padre Nosso, Avè-Maria, Credo, Mandamentos da Lei de Deus, e da Santa Madre Igreja; e os Sacramentos, acto de contrição, e confissão, geralmente os diálogos do catecismo breve, em que se contêm os mistérios da fé.

15 — [*Escola*]. Acabada esta doutrina irão, podendo ser, todos os Nossos; para a Escola, que estará da nossa Portaria para dentro; aonde os mais hàbeis, se ensinarão a ler e escrever, e havendo muitos se ensinarão também a cantar, e tanger instrumentos para beneficiar os ofícios divinos; e, quando menos, se ensinará a todos a doutrina cristã, e em caso que o não possa fazer o Padre, ou será seu Companheiro, que sempre é o que mais convém, ou fará algum moço dos mais práticos na doutrina, e bem acostumado.[536]

16 — [*Doutrina da tarde*]. À tarde, antes de se pôr o sol, se tangerá a 2.ª doutrina, exortando a todos que venham a ela, e sendo obrigados a vir os meninos e meninas, como é de costume; e nessa doutrina se ensinarão as mesmas orações, que na de pela manhã, mudando sòmente o diálogo do catecismo, que será variadamente um dos outros. E acabada a doutrina sairão os meninos em ordem, dando a volta a tôda a praça da Aldeia, cantando o Credo e Mandamentos; encomendando a espaço as Almas do Purgatório e rezando por cada vez um Padre Nosso e uma Avè-Maria.

Não basta para remédio das Almas e satisfação de nossas obrigações, que se ensine em geral a doutrina nas Aldeias; mas é necessário, que em particular se advirta, se há alguns mais rudes, que a não [*saibam*] ou não a entendam; e que êstes se tomem a rol, para (*p. 113*) que sejam particularmente ensinados. Isto se poderá fazer mais comodamente, quando as Aldeias se desobrigam pela quaresma, pondo à margem das listas, defronte do nome do que há mistér ser ensinado êste sinal † [*uma cruzinha*] para que o mesmo Padre, ou outro que lhe suceda, conheça os que necessitam de ser catequizados.

17 — [*Catequese dominical*]. Aos Domingos, e Dias Santos, se dirá a Missa a hora em que possam estar juntos, e se tomará conta dos que faltarem, para o que aproveitará muito terem lugar certo, na igreja, as casas e suas famílias, sendo primeiro admoestados em particular, e em público, e depois castigados os que forem mais remissos em acudir à Missa; e antes dela, além da doutrina ordinária, se fará uma que contenha comumente dois pontos, e um de Mistérios, ou Evangelho, e outro moral e contra o vício de maior necessidade.

18 — [*Bailes dos Indios*]. Para que os Índios fiquem capazes de assistir aos ofícios divinos, e de fazer conceito da doutrina, como convém, se lhes consentirão os seus bailes nas vésperas dos domingos e dias Santos, até às 10 horas ou onze da noite sòmente, e para que acabem os tais bailes, se tocará o sino, e se recolherão às suas casas[634].

19 — [*Aldeias de visita*]. Nas Aldeias de visita se fará tudo o sobredito nos dias, em que aí residirem os nossos, e quando estiverem ausentes, deixarão nas mesmas Aldeias, como também nas residências, algum Índio ou Índios de mais inteligência e cuidado, que tenham por ofício acudir à Igreja e tanger à doutrina de manhã, e de tarde, e ensiná-la aos meninos, e aos mais, que concorrem a ela, os quais também terão cuidado de baptizar em caso de necessidade, e de ajudar a bem morrer, e de enterrar os mortos.

20 — [*Devoções*]. Tôdas as segundas-feiras, depois da Missa, sairá o Padre, acompanhado da gente que assistir na mesma missa, a rezar na Igreja e cemitério os responsórios na forma do *Catecismo*.

(*p. 114*) Aos sábados na doutrina de pela manhã, e aos dias de Nossa Senhora se acrescentarão nas orações ordinárias a Salvè-Rainha; e nos Sábados de tarde e vésperas da Senhora se rezarão em lugar da doutrina, as suas Ladainhas.

Na Quaresma podendo ser, se farão, tôdas as sextas-feiras, as procissões dos Passos com a Ladainha, prática da Paixão, disciplina; e o mesmo com maior solenidade na Semana Santa, na qual se não exporá o Santíssimo, se não houver a decência necessária com licença do Superior.

21 — [*Confrarias*]. Se puder ser, haverá em cada Aldeia 3 Confrarias para que se nomearão seus oficiais: uma do Santíssimo, que assistirá à administração dêste Sacramento, e da Santa Unção e lhe pertencerão tôdas as festas de Cristo; outra das Almas, que terá também cuidado de enterrar os mortos, e das outras obras de Misericórdia; outra do Orago da Igreja a quem pertencerão as festas da Senhora e dos Santos.

22 — [*Assistência aos enfermos*]. Todos os Padres que têm à sua conta muitas Aldeias, além da em que residem, as visitarão dentro do tempo que lhes fôr assinado conforme a distância; em chegando a elas, a primeira coisa que farão, é saber se há doentes, acudindo logo aos que estiverem em algum perigo, e para que esta diligência seja efectiva não fiarão dos Principais, nem dos outros oficiais da Aldeia, mas os mesmos Padres correrão

por si mesmos as casas, e não sòmente procurarão os doentes, que houver nelas, mas também os que estiverem pelas roças, mandando-os logo, e tratando do seu remédio espiritual, e quando se partirem da Aldeia, não deixarão enfermo algum sem primeiro ficar confessado, ainda que a enfermidade não prometa perigo.

23 — [*Rito na administração dos Sacramentos*]. Da administração dos Sacramentos todos se guardem inteiramente do Ritual Romano reformado, e só em caso de necessidade se deixam algumas cerimónias conforme a rubrica do mesmo Ritual.

24 — [*Baptistérios*]. Em tôdas as Igrejas das nossas doutrinas haja baptistério fechado, e lugar decente dentro do mesmo baptistério, adonde se conservem os Santos Óleos.

25 — (*p. 115*) [*Registo dos baptismos*]. Nos livros dos baptismos se declare o mês, ano, e se escrevam os nomes dos Padrinhos com seus sobrenomes, em caso que os não tenham, se lhes porão os de seus Pais, ou outros sinais que bastem a individuar as pessoas, e o mesmo se guarde nos nomes do Pai e Mãe do inocente; e se o inocente não fôr recem-nascido se escreverão também os anos de que era ou podia ser quando foi baptizado, para que conste das idades de cada um.

Nos baptismos dos adultos, se declarem os nomes que tiveram na Gentilidade, e os que lhes puseram de novo, para que por êles sejam conhecidos, e dêstes adultos, quanto fôr possível, se faça baptismo geral com grande solenidade.

26 — [*Livro dos cristãos antigos*]. Por quanto nas Aldeias que temos a nosso cargo não havia livro por que conste dos antigos Cristãos, se procure reformar êste descuido com tôda a exacção que puder ser, declarando o nome dos baptizados e dos Padrinhos, se houver memória dêles e da pessoa que os baptizou, e se baptizarem *sub condicione*, se faça assento no mesmo livro.

27 — [*Baptismo de adultos*]. Descendo do Sertão alguns Índios Gentios, de que haja provável [temor] de que poderão tornar a suas terras, ainda que digam que querem ser cristãos, se não baptizarão nem os Adultos, nem os inocentes dêles, se não em perigo de morte, pela experiência que há da pouca constância de algumas destas nações.

Não Havendo perigo de tornarem para o Sertão se baptizarão logo todos os inocentes, mas os adultos, se não forem da Língua Geral ou de outra que saibamos, não se baptizarão fora do perigo de morte, senão de vagar, e com muita consideração pela pouca capacidade dos intérpretes, enquanto não há número dos sujeitos que se possam aplicar a diversas línguas.

28 — [*Catecismos de línguas não tupis*]. O Padre que os tiver à sua conta procurará com todo o cuidado fazer um catecismo breve, que contenha os pontos precisamente necessários para a Salvação, e dêste usarão nos casos de necessidade, e por êle os irão ensinando e instruindo, mas em caso que totalmente não haja intérprete, nem outro modo por donde fazer o dito catecismo será meio muito acomo-(*p. 116*)dado o misturar os tais Índios com os da Língua Geral ou de outra sabida para que ao menos os seus meninos aprendam com a comunicação; e no entretanto se lhes mostrarão as Imagens e Cruzes, e os farão assistir aos ofícios divinos, e administração dos Sacramentos e as mais acções dos Cristãos, para que possam em caso de necessidade inculcar-lhes o baptismo por acenos, pois não há meio de receberem a *fé* pelos ouvidos, de modo que ao menos *sub condicione* nenhum morra sem baptismo.

29 — [*Catequistas*]. E para que não suceda, na ausência dos Padres, morrer alguma Criança ou Adulto sem baptismo um dos pontos de doutrina que se faz a todos será ensinar a forma e modo de baptizar, havendo em tôdas as Aldeias alguns índios mais antidos e práticos que tenham êste cuidado; e porque êles não saberão como é necessário preparar os adultos, convenientemente, que a todos os que não forem baptizados tenham os Padres preparados, quanto fôr possível, e com as vontades dispostas para receberem o baptismo.

30 — [*Confissões*]. O Padre que tiver à sua conta alguma povoação, ou povoações de Índios, fará todos os anos lista de todos os que forem capazes de confissão, de modo que nenhum fique sem se confessar, e porque os Índios são muitos, e os Sacerdotes poucos, se lhes estenderá o tempo da confissão anual e se poderão desobrigar desde a Septuagésima até a Oitava do Espírito Santo.

31 — [*Preceito pascal e viático*]. Importa que se ponha toda a diligência para que todos os Índios se façam capazes de receber o Santíssimo Sacramento, ao menos pela obrigação da Páscoa, e êste cuidado deve ser ainda maior para que na hora da morte tenham o viático, em cuja concessão e administração não devemos ser demasiadamente escrupulosos, fiados na benignidade e Misericórdia de Cristo, a quem não ofende a rudeza, senão a malícia.

Parece mais decente e conveniente, e mais conforme ao costume universal da Igreja, que o Senhor, podendo ser, se leve aos enfermos, e não que os ditos o vão receber à Igreja em suas redes, e a êste fim, se houver comodidade, haverá um lugar composto na enfermaria da Aldeia, para que nêle se possa administrar êste Santíssimo Sacramento, fazendo para isto pálio, e tudo o mais necessário com a maior decência possível.

32 — (*p. 117*) [*Binação da Missa*]. Para maior expedição das Missões, e consolação das Freguesias, que temos à nossa conta, será bom, e principalmente nos dias Santos, onde a distância der lugar, usem os Padres do direito e previlégio que têm os Párocos para poderem dizer duas Missas no mesmo dia, e o Cális depois de consumir o Sangue, e enxugado com a boca o melhor que puder ser, o levará o Sacerdote ou na mão junto ao peito, ou no Altar portátil sôbre a Ara, e Corporal coberto com o sanguínio, seguindo tudo mais que faz em dia de Natal.

33 — [*Casamentos dos Índios*]. No livro dos Casamentos, que haverá em tôdas as Aldeias, se observará o mesmo, que nos baptismos, e distinção de nomes, e sobrenomes, declaração do ano, mês e dia, Pároco e testemunhas e quando houvesse de casar, em uma Aldeia, índio, que pertença a outra, o não fará o Padre em cuja Igreja se há de celebrar o casamento sem preceder informação do Padre que fôr Pároco do dito índio, e sem se fazerem as denunciações em ambas as Paróquias. E o que se diz de diferentes Paróquias, se entende muito mais quando os contraentes são de diferentes Capitanias. E por que a experiência tem mostrado as inquietações e desgostos, e outros inconvenientes, que de semelhantes casamentos se costumam seguir, procurarão os Padres, quanto puder ser, evitá-lo sem impedir a liberdade do matrimónio, e quando finalmente se hajam de casar (o que nunca se fará sem aprovação do Superior) declarará o mesmo Padre à contraente que fica obrigada a seguir a seu marido, e ir viver à sua Aldeia tôdas as vezes que êle quiser; e êste direito se declare em tôdas as Aldeias, e se intime aos Principais, para que o tenham entendido, e aceitado.

Nos casamentos dos Índios livres com escravas (em que são ainda maiores inconvenientes) se tenha a mesma vigilância, se guarde a concordata, que sôbre esta matéria se tem feito com o Ordinário, não recebendo, nem consentindo que se receba índio algum das Aldeias sem primeiro ser examinado e desenganado pelo Superior da Colónia, para evitar os dolos, em que debaixo do nome de Matrimónio vêm êstes casamentos a ser uma das espécies de cativar, que nêste Estado se usa.

34 — [*Assistância aos moribundos*]. O maior cuidado de todos os Nossos nas Aldeias deve ser, o da morte dos Índios, pois é a hora em que se colhe o fruto de nossos trabalhos, em que se ganham ou perdem (*p. 118*) as Almas, que viemos buscar, e de que havemos de dar conta; e assim se encomenda e encarrega aos Padres com todo o encarecimento, que nêste ponto empreguem todo o zêlo, com maior aplicação, e vigilância, procurando que nem na Aldeia nem fora dela haja doente de que não tenha notícia, confessando-os logo no princípio da doença, e não lhe faltando com nenhum dos Sacramentos a seu tempo.

Depois de recebida a Santa Unção, ficará defronte do enfêrmo uma mesa coberta com uma toalha, e uma imagem de Cristo Crucificado, ou quando menos uma Cruz, e água benta; e depois, que o enfêrmo estiver nêste estado o visitará o Padre mais vezes, procurando, quanto fôr possivel achar-se presente ao expirar, em que lhe rezará o ofício da agonia, e lhe encomendará a Alma, pois a Igraja assim o encarrega a todos os que têm cuidado das Almas, bem se deixa ver a obrigação que corre aos que em tudo professam maior perfeição.

Em caso que sucedesse morrer sem Sacramentos algum índio na Aldeia aonde estivéssemos (que era vez sucederá se não nos fiarmos na doença e acudirmos com cuidado) serão obrigados o Padre e seu Companheiro a darem conta ao Superior, o qual achando que houve culpa penitenciará êste descuido, e avisará ao Superior de tôda a Missão.

35 — [*Funerais*]. Amortalhado o defunto, se meterá na tumba, e será posto em lugar decente com uma Cruz à cabeceira, e uma luz pelo menos quanto der lugar a pobreza da gente. E por que no modo de amortalhar há nações que usam algumas coisas supersticiosas, estas se lhes proíbam, e ainda alguns excessos com que costumam chorar o defunto, pôsto que sejam mais demonstrações de dor natural que uso gentílico, se procurará quanto fôr possível se acomodem à política cristã.

No enterramento nos acomodaremos com o Cerimonial Romano, quanto a limitação da Aldeia permitir; e nos lugares das sepulturas haverá tal diferença, que só os Principais de tôda a Aldeia se enterrem nas grades para dentro, e no corpo da Igreja todos os fregueses da mesma nação; e no adro os escravos que aí se vierem enterrar.

36 — [*Sufrágios*]. No dia seguinte ao entêrro de algum, ou no mesmo dia, se houver lugar, acabada a Missa, lhe dirá o Padre um (*p. 119*) responso sôbre a sepultura, e será caridade muito grata a Deus se todos os Sacerdotes, que têm cuidado destas tão desamparadas almas disserem uma Missa *in die obitus* por cada um dos que morrerem na sua Freguesia, pois carecem de todo o outro sufrágio; e por êste responso o N. R. Padre alivia a todos os Missionários das Missas que por sua tenção deviam dizer.

Para suprir a falta dos sufrágios procurem os Padres introduzir nas Aldeias, podendo ser, o uso das Bulas de vivos e defuntos, pagando-se a esmola com alguma coisa, que o defunto deixar, ou de outro modo que facilmente pode descobrir a caridade: será bem, que os Padres apliquem as Indulgências que puderem, assim suas, como as Orações que fazem naquela hora publicamente na Igreja; e as que se fizeram até o fim do dia em que morreu o defunto, e as de encomendação das Almas.

38 — [*Correção do deliqüentes*]. Os Padres que têm à sua conta as Cristandades, como aquêles a quem pertence o govêrno espiritual delas, poderão repreender, e mandar castigar por si imediatamente os que delinqüirem *in spiritualibus*, fazendo executar os castigos ordinários como julgar *in Domino* importar à emenda do delinqüente, e o exemplo dos mais; entendendo por castigo ordinário até prisão de 3 dias; mas se o castigo houver de ser grave, ou executado em pessôa de respeito, como de capitão para cima, não o farão os Padres, sem aprovação do Superior.

533 . SERAFIM LEITE (*A música nas escolas jesuíticas do Brasil no século XVI*, 1949, pp. 27-28) noticia: « A legislação interna da Companhia no Brasil, até agora inédita, sôbre a música e o seu ensino, consta sobretudo de três *Regulamentos*, que dão as normas nessa matéria: a *Visita* do P. CRISTÓVÃO DE GOUVEIA para o Estado do Brasil (1568), a *Visita* do P. ANTÔNIO VIEIRA para o Estado do Maranhão e Pará (1658); o *Regulamento* do P. ALEXANDRE DE GUSMÃO, para o Colégio-Internato ou Seminário de Belém da Cachoeira, na Bahia (1694) ». Em seguida, LEITE transcreve as informações significativas de cada um: « 1 – *Regulamento das Aldeias do Brasil* (1586), § 11: "Havendo meninos de escola, ensinem-se por espaço de hora e meia, assim de manhã como à tarde, a ler e escrever; e depois disto, cantar, aos que parecer que têm habilidade para isso" [*Arsi, Bras. 2, f. 146*]. ¶ 2 – *Regulamentos das Aldeias do Maranhão e Pará* (1658), § 15: Nas escolas de ler e escrever das Aldeias, havendo número bastante, ensinem-se também a "cantar e tanger instrumentos" ¶ 3 – *Regulamento do Seminário de Belém* (1694). Cria-se a "Classe de Solfa" (§ 24 do *Regulamento Geral*). Além da classe, os alunos nos domingos, dias santos e feriados, podem à tarde durante a recreação, ocupar-se "aprendendo a tocar os instrumentos" (§ 6 do Regulamento Disciplinar) [*Roma, BEGÈ, Colleg.*, p. 15] ».

534 . Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 153, nota 8): « *Fiquem capazes*... Entende-se. A questão não estava nos bailes, propriamentte ditos, senão nas bebidas que os acompanhavam. Acabando àquelas horas, havia tempo de se dissiparem, com o sono *reparador*, os possíveis efeitos delas, antes dos actos do culto e ensino do domingo de manhã. ».

196

SEMINÁRIO DE BELÉM

DOCUMENTO: **REGULAMENTO DO SEMINÁRIO DE BELÉM.** Belém, 1694.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: **SERAFIM LEITE**, que publicou este regulamento no vol. V, cap. VIII, pp. 180-189 da HCJB, comenta à p. 179: « O Seminário de Belém, com a sua forma peculiar de Internato, destinado a receber alunos de tôdas as partes do Brasil, para serem instruídos no curso de Humanidades e serem educados na piedade cristã sólida e profunda, ficou a princípio sob a direcção directa do P. Alexandre de Gusmão, um pouco dependente da sua própria pessoa. Convinha, porém, que tivesse um Regulamento, que permanecesse fixo, independente das pessoas que poderiam suceder-se. O Provincial Manuel Correia deu em 1692 algumas normas ao P. Reitor Alexandre de Gusmão, e indicou que se organizassem quanto antes os Estatutos (**Bras.** 3(2), 322-323v.). Aquelas primeiras normas foram examinadas, estudadas, revistas e acrescentadas, e, por fim, ordenadas e aprovadas pelo Padre Geral (**Bras.** 3(2), 326-326). ¶ O *Regulamento do Seminário de Belém* consta de 3 partes, com 44 parágrafos ao todo. A primeira contém o fim da instituição, género de estudos, regime económico e financeiro, e normas gerais (29 §§). A segunda diz mais respeito aos mestres (5 §§). A terceira trata do horário, estudos, devoções, recreios, e disciplina escolar (10 §§) ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: **SERAFIM LEITE** – *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro; Lisboa, Livraria Portugália; v. V, 1945, cap. VIII, pp. 180-189.

REGULAMENTO DO SEMINÁRIO DE BELÉM

[...]

12. (*p. 183*) Mestre da música [535] seja um secular [536], e de nenhuma maneira os Nossos ensinem solfa nem toquem instrumentos, nem cantem e muito menos na Igreja e no côro.

[...]

24. (*p. 185*) Haverá duas classes de **Latim**, além da classe da Solfa [537], e em uma se ensinará a **Arte** e na outra a mais **Latinidade** e Retórica, conforme a capacidade dos ouvintes, segundo a ordem das classes da Companhia.

ORDEM QUE SE DEVE GUARDAR NO SEMINÁRIO DE BELÉM

[...]

3. (*p. 187*) Acabado o repouso, irão fazer breve oração ao Senhor ou à Senhora; recolher-se-ão a seus lugares, a estudar as obrigações da classe, até às três horas, e serão castigados os que neste tempo falarem. Às três horas irão à classe; acabada ela poderão falar até à lição da solfa, à qual assistirão todos, e terão suas lições, e serão (*p. 188*) castigados os que faltarem. Acabada ela poderão espairecer até às Avè-Marias, conforme a permissão do Padre Reitor.

[...]

6. Nos Dias Santos e suetos à tarde, depois de estudarem uma hora, terão o mais tempo de recreação, e poderão jogar os jogos costumados e merendar, e procurar de aproveitar o tempo, recordando o atrasado, fazendo suas composições, provando os tonilhos, e aprendendo a tocar os instrumentos, conforme a ordem que tiver dado o Padre Reitor.

[...]

535 . JEAN-JACQUES ROUSSEAU (**Dictionnaire de musique**, 1768, p. 272) informa: « Ainsi l'emploi de **Maître de Musique** n'a guères lieu que dans les églises; aussi ne dit-on point en Italie, **Maître de Musique**, mais **Maître de Chapelle**: dénomination qui commence à passer aussi en France ». Outro francês, F. J. FÉTIS (1858, p. 70), confirma as palavras de ROUSSEAU: « [1] O que dirige a Musica d'uma Igreja, e dá lições aos meninos do Côro. [2] Se diz também d'um musico que ensina principios de solfejo ».

536 . SERAFIM LEITE (*A música nas escolas jesuíticas do Brasil no século XVI*, 1949, p. 28) traz o seguinte comentário: « Por serem poucos os padres e se ocuparem em ministérios sacerdotais, que não poderiam ser exercitados senão por êles, o "mestre de Música será um secular" (§ 12 do *Regulamento Geral*). Esta última disposição legal, de serem de fora os Professores de Música, era de difícil execução, por se ter situado o Seminário em lugar sadio e amplo, fora de aglomerado urbano. Belém ficava longe da Bahia e a alguma distância da Vila da Cachoeira, onde poderiam morar êsses Professores. Nas casas da Companhia não era costume viverem seculares. Circunstância que deve ter concorrido, não obstante o texto da lei orgânica, para se dispensar no decorrer dos anos; e, se não sempre, muitas vêzes, alguém da casa, mais perito na arte, teria sido mestre de música. Deve ter sido o caso do Ir. PEDRO DE MATOS, de Tôrres Vedras, a quem ofereceram outras Ordens Religiosas a admissão com o sacerdócio, preferido êle ficar irmão leigo na Companhia, e, no Seminário de Belém, onde faleceu, em 1725, com a menção de "grande cantor" [*Arsi, Bras.* 3(2), f. 294] ».

537 . MANUEL CARNEIRO em **Sermão** (1688, f. A4v) proferido no "Collegio do Rio de Janeiro" em 1667, dá uma idéia do que deveriam aprender os iniciados nessa arte: « A Tres tempos costumam reduzir os Muzicos toda a consonancia, & harmonia da solfa: ao primeiro chamam tempo perfeito, ao segundo tempo imperfeito, & ao terceiro tempo de permeyo ». Mais adiante (f. C3v), acrescenta: « Na arte da solfa, dizem os Muzicos, que mayor valia tem huma maxima que huma longa; hua breve que hua semibreve; huma minima que huma seminima; huma figura branca que huma figura preta ».

ÍNDICE DE NOMES E TERMOS MUSICAIS